Otto Borchert

O JESUS HISTÓRICO



O

JESUS HISTÓRICO

Otto Borchert

Digitalizado e revisado por micscan



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Tradução de
Adiel Almeida de Oliveira

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antonio Carlos Tacconi, 75 - 04810 São Paulo - SP

Título do original em alemão:
DER GOLDGRUND DES LEBENSBILDES JESU

Baseado na edição inglesa, sob o título THE ORIGINAL JESUS, publicada por THE LUTTERWORTH PRESS, em 1933.

Detentor de direitos autorais © - sendo procurado por EVN.

Revisão de estilo — Robinson Norberto Malkomes
Revisão de provas — Vera Lúcia dos Santos Barba
Foto de capa — Cortesia do Consulado de Israel em São Paulo — SP

Primeira edição em português — 1985
Reimpressão — fevereiro 1990

Publicado no Brasil por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 - 04698 São Paulo - SP

PREFÁCIO DO EDITOR ORIGINAL

Fazer uma tradução concisa e satisfatória de *Der Goldgrund des Lebensbildes Jesu* constitui um problema formidável. O título escolhido, embora não seja totalmente adequado, pode ser considerado sofrivelmente apropriado, pois este livro apresenta a glória de Jesus como *fons et origo* das inumeráveis bênçãos que obtemos em Sua salvação. Ele, que é "o resplendor da glória de Deus," é "o autor e consumador da nossa fé." Este livro também exibe a *originalidade* de Jesus no sentido de Sua "não-invenção." O quadro teria sido totalmente diferente se fosse inventado pelo gênio humano, não importa quão talentosa fosse a mente, ou quão dotada fosse a imaginação.

Der Goldgrund des Lebensbildes Jesu teve uma história notável. Teve que esperar dezesseis anos para encontrar quem o publicasse, tendo sido oferecido e rejeitado pelo menos dez vezes. A explicação reside no fato de que ele estava adiantado em relação à sua época. Com a desilusão causada pela Grande Guerra, e a Paz subseqüente, ele encontrou o seu público, e a sua mensagem atingiu o seu alvo. Muitas edições do original em alemão se esgotaram; ele foi traduzido para o holandês, dinamarquês, sueco e inglês; e agora aparece em português, oferecendo ao homem comum, em linguagem livre de todas as filigranas teológicas, um estudo do quadro do Evangelho — novo, profundo e abrangente — que faz com que Jesus viva diante dos olhos do leitor.

O Dr. Otto Borchert estudou em Leipzig, Halle e Wittenberg. Quando militou no comércio, em seus primeiros anos, encontrou céticos que haviam sido afetados pela crítica bíblica e pelo ceticismo filosófico. A *Vida de Jesus,* de Strauss, causou nele uma influência perturbadora, levando-o a um estudo intenso e independente das narrativas dos Evangelhos. Desde 1901 ele ocupou a posição de pastor e Inspetor de Escolas em Westerhausen, Hanover, Alemanha, e os seus escritos enriqueceram e fortaleceram a mente de milhares de leitores em muitos países. A srta. G. M. Brown Douglas e o Rev. F. J. Rae, M. A., D.D., Diretor de Instrução Religiosa no Centro de Treinamento Religioso de Aberdeen, prestaram uma ajuda valiosa ao tradutor, e o Rev. W. Marwick, de Edinburgh, forneceu as referências para as citações de Carlyle.

R. MERCER WILSON

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Só Jesus Cristo salva! Mas quem é ou era Jesus? Uma invenção de uma mente fértil? Um conjunto de lendas sutilmente combinadas para convencer os leitores incapazes de distinguir entre fatos e imaginação?

O Dr. Otto Borchert responde à tais questões com raro brilhantismo. Faz uma defesa do Jesus histórico, sobre a qual os críticos e duvidosos precisam ponderar. Ao mesmo tempo, oferece aos que crêem uma visão bíblica da personalidade do Salvador, que dificilmente encontrariam com uma leitura superficial dos evangelhos. Quem poderia imaginar que os documentos originais teriam condições de formar um quadro tão detalhado do Jesus de Nazaré?

Além de confirmar a fé e apresentar a autêntica personalidade do Mestre, Edições Vida Nova espera que *O Jesus Histórico* se torne um livro-texto para ser utilizado em aulas sobre a vida e a pessoa de Cristo, em seminários e institutos bíblicos. Há muito tempo a necessidade de um livro como este era sentida.

Mais importante ainda é reconhecermos o papel central da educação na lapidação de vidas. Mesmo que não seja o propósito declarado, a leitura de uma obra como *O Jesus Histórico* educa e transforma.

Depois de ler e meditar nesta visão do Senhor encarnado, você não será mais a mesma pessoa. Borchert nos convida a olharmos por um prisma diferente. Acreditamos que isto fará bem, muito bem, a quem se entregar aos cuidados de tão hábil mestre.

Os Editores.

-

CONTEÚDO

Prefácio do Editor.. 004
Prefácio à edição em português.....005

LIVRO UM
A LOUCURA NO RETRATO DE JESUS: SEU VALOR NA DEFESA CIENTÍFICA DO CRISTIANISMO

Introdução: Desenvolvimento do Tema.....009

PARTE I
PROVA DIRETA DA INJÚRIA NA HISTÓRIA DA VIDA DE JESUS

Capítulo 1. As Características de Pedra de Tropeço no Messias.....014
Capítulo 2. A Loucura do Filho do Homem.....021
Capítulo 3. A Oposição Dentro do Seu Próprio Círculo.....031
Capítulo 4. Jesus em Contradição com as Nossas Idéias.....038

PARTE II
AS CARACTERÍSTICAS DE PEDRA DE TROPEÇO EM JESUS: AS VÁRIAS REAÇÕES

Capítulo 5. Nas Reações da História.....046
Capítulo 6. Nas Reações da Grécia e do Oriente: Jesus de acordo com os Evangelhos Apócrifos.....048
Capítulo 7. Jesus no Território Romano ou o Papado.....053

PARTE III OS RESULTADOS DA OFENSA APARENTE NO RETRATO VIVO

Capítulo 8. ..... A Fidelidade do Relato Feito.....058
Capítulo 9. ..... A Necessidade dos Milagres.....062
Capítulo 10.....O Supra-Mundanismo da Pessoa de Jesus.....066
Conclusão: .....Resultado: Um Apelo à Vontade.....070

LIVRO DOIS
A BELEZA DO RETRATO: A GLÓRIA DE JESUS EXIBIDA NOVAMENTE PARA ESCARNECEDORES E ADMIRADORES

Prefácio à Primeira Edição.....072
Prefácio às Segunda e Terceira Edições.....073
Introdução: Desenvolvimento do Tema.....074

PARTE I - NO ÁTRIO EXTERIOR OS DONS NATURAIS DE JESUS

Capítulo 1. A Habilidade Física de Jesus.....080
Capítulo 2. Os Dons Psíquicos de Jesus.....087
Capítulo 3. Os Dons Intelectuais de Jesus.....094

PARTE II - NO SANTUÁRIO
A PERSONALIDADE RELIGIOSA E MORAL DE JESUS
(A) JESUS E DEUS

Capítulo 4. O Seu Conhecimento de Deus. Sua Alegria e Confiança em Deus.....104
Capítulo 5. A Vida de Oração de Jesus.....108
Capítulo 6. Jesus e as Escrituras.....113
Capítulo 7. Jesus e as Ordenanças Legais (Religiosas) da Sua Raça.....117
Capítulo 8. A Sua Obediência.....120

(B) JESUS E A HUMANIDADE

Capítulo 9. O Candor de Jesus. Amor, o Vínculo da Perfeição.....125
Capítulo 10. Sua Humildade e Paciência.....136
Capítulo 11. Suas Atitudes para com Crianças, Mulheres, o Povo Comum e os Ricos.....141
Capítulo 12. O Fervor do Seu Amor: Sua Diversidade.....149

(C) JESUS E O MUNDO

Capítulo 13. Jesus e o Mundo Natural.....154

TRANSIÇÃO PARA A PARTE III
PORQUE NÃO PODEMOS DEIXAR AQUI A NOSSA CONSIDERAÇÃO ACERCA DE JESUS

PARTE III - NO SANTO DOS SANTOS
O MISTÉRIO DA PERSONALIDADE DE JESUS
JESUS, NOSSO SENHOR
(A) JESUS EM SUA PRÓPRIA OPINIÃO

Prefácio.....167
Capítulo 14. Aquele que não tem Pecado.....168
Capítulo 15. O Filho.....173
Capítulo 16. O Messias Prometido.....176
Capítulo 17. A Autoridade sem Precedentes.....180
Capítulo 18. A Extravagância das Suas Pretensões.....190

TRANSIÇÃO À SEÇÃO B
PORQUE NÃO PODEMOS ESPERAR NENHUMA MANIFESTAÇÃO OBRIGATÓRIA

(B) O CURSO DA HISTÓRIA CORRESPONDENTE À OPINIÃO DE JESUS ACERCA DE SI MESMO

(B1) ATÉ QUE PONTO ESTE CURSO É DA INICIATIVA DE JESUS

Capítulo 19. Os Milagres.....198
Capítulo 20. Aquele que Sonda os Corações e o Profeta.....211

(B2) ATÉ QUE PONTO ESTA É UMA MANIFESTAÇÃO DA OPERAÇÃO DE DEUS EM JESUS

Capítulo 21. Os Dias Anteriores à Páscoa.....218
Capítulo 22. Da Páscoa ao Pentecoste.....222
Conclusão.....226
Apêndice ao Capítulo 2 (Livro I, Parte I). Duas Paixões.....228

LIVRO UM

A "LOUCURA" NO RETRATO DE JESUS: SEU VALOR NA DEFESA CIENTIFICA DO CRISTIANISMO.

INTRODUÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DO TEMA

As páginas que se seguem têm o objetivo de fixar os nossos pensamentos no ponto que marca o zênite do interesse do cristão: a própria história da vida de nosso Salvador. Devemos querer tornar o seu retrato confiável, na forma em que ele é nos oferecido nos Evangelhos. Naturalmente, esta tarefa pode ser empreendida a partir de muitos e diferentes pontos de vista, e a oposição que a isso pode levantar-se dependerá principalmente da maneira como ela for apresentada. Da nossa parte, queremos tentar a sua defesa segundo um aspecto que até agora tem merecido pouca atenção, mas no qual, ao que nos parece, reside um poder particularmente convincente. Desenvolvamos, portanto, a nossa idéia.

O que quis dizer Rousseau com as suas conhecidas palavras a respeito da história da vida de Jesus e sua origem: "O homem que inventou-a deve ser maior e mais extraordinário que o seu herói"? Certamente, o que ele quer dizer, essencialmente, é: o retrato de Jesus que é apresentado se eleva acima dos conceitos e das invenções humanas, é grande demais, puro demais, perfeito demais para ter sido concebido por cérebro humano. "As suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar (Mc 9:3) — estas palavras da narrativa da transfiguração, diz Rousseau, referem-se também ao homem interior de Jesus. Nenhuma mão terrena poderia ter pintado a roupagem de luz, branca como a neve, em que os Evangelhos O apresentam a nós. Sempre haverá muitos que crerão que isto é um fato. Muitas pessoas estão firmemente convencidas da verdade que Lavater escreveu em um pedaço de papel no leito de morte: "Terríveis e inumeráveis são as dúvidas do cristão que crê, mas a incomensurabilidade de Cristo as vence a todas."

A história de Cristo não pode ser medida pela inteligência humana. Este assunto pode ser considerado da seguinte maneira: a depravação da natureza humana não é apenas tão grande que o homem, como é evidente, não faz o bem que percebe; não: a depravação da natureza humana foi tão longe que se apoderou do entendimento humano e afeta a inteligência do homem. Nenhuma pessoa sensível pode negar que isto acontece em casos isolados, mas afirmamos que o mesmo obscurecimento da inteligência moral será discernível, se puder ser obtido um resultado coletivo das elevadas percepções morais que devem ser encontradas nos mais diferentes indivíduos, no mundo todo. Até mesmo o ideal desta forma obtido laborará em erro, e poderá não alcançar o seu ápice, devido ao pecado universal. Pois até no pensamento humano, foi afirmado, há sempre um resíduo em que a depravação faz a sua vontade. (Cf. Rm 12:2: não apenas para que ele possa ser capaz de *fazer* o que é moralmente correto, mas para que ele possa ser capaz de *reconhecê-lo*, o homem requer nada menos que regeneração completa.)[1]

As descobertas da experiência confirmam esta linha de pensamento. Percebemos em diferentes raças e em séculos diferentes, as figuras ideais, a criação de muitas cabeças e mãos ativas, muitas vezes um tecido elaborado por muitas gerações, a tentativa feita de glorificar um homem acima dos seus semelhantes — mas isso não teve sucesso em nenhum caso. Em todos os exemplos as deficiências dele podem ser facilmente percebidas, e as manchas do quadro são claramente visíveis a todas as pessoas que não sejam voluntariamente míopes. Para usarmos apenas uma dessas figuras: para os seus discípulos e para a sua raça, Confúcio é o homem "que nunca pecou, porque era incapaz de pecar." Contudo, como é fácil perceber o pecado no retrato que temos dele — por exemplo, a sua falta de veracidade.[2] O caráter de Jesus, da maneira como os

---

[1] "O homem não consegue ascender além de certa altura em uma aeronave, e isso é ainda mais facilmente demonstrável no vôo do pensamento." Como esta observação é conveniente, particularmente em referência à moralidade!

[2] Um de seus discípulos nos diz: "Se Confúcio não deseja receber um hóspede, ele apresenta a desculpa de não estar sentindo-se bem." Na sua viagem de Tschin a Wei, Confúcio chegou a Pu, que estava em guerra com Wei. Quando os

Evangelhos o apresentam, é o único no mundo em que o olho mais perspicaz não consegue encontrar pecado; e assim, ele apresenta a sua própria evidência de que provém de cima. O pecaminoso cérebro humano não é nenhuma cabeça de Júpiter, da qual esta figura humana sem pecado pudesse emergir.

De cima! Esta figura de Jesus é uma produção estranha, diferente no seu sentido mais pleno. Outra coisa revela a origem do retrato: o fato de a mente humana ser incapaz de acrescentar qualquer coisa a ele. Pouco tempo atrás, com o título de "Uma Nova Palavra de nosso Senhor," um reputado jornal científico chamou a atenção para uma suposta palavra de nosso Senhor que até então não fora notada, que aparece três vezes em latim, na antiga literatura inglesa. É necessário apenas ouvi-la para sentir como ela está longe das palavras de Cristo: "Sê corajoso na batalha, luta com a antiga serpente, e teu será o Reino do Céu."[3] A idéia é cristã, mas não se atém ao padrão das palavras de Cristo. Em 1897 foi descoberto um papiro, que se dizia datar de 140 A.D., e continha várias palavras de Jesus. Duas delas são idênticas a palavras de nosso Senhor já conhecidas, mas nas outras, que são inéditas, o nível mais baixo é plenamente aparente.

Em sua conhecida novela *Ben Hur,* Wallace é suficientemente ousado para fazer o Salvador aparecer duas vezes em cena. O autor é suficientemente astuto para não atribuir nenhuma palavra de sua própria invenção ao Senhor; só registra uma ação do Salvador. O primeiro incidente é quando Ben Hur, tratado como proscrito, é levado a Nazaré como assassino, e Jesus, então jovem, oferece-lhe um copo de água com um profundo olhar de piedade nos olhos. Aqui, não são atingidos os píncaros da história do Evangelho. Ele também foi compassivo para com a adúltera, proscrita e sentenciada à morte por apedrejamento; mas Ele lhe deu algo melhor do que a piedade, a melhor coisa de todas: palavras que deviam tornar-se para ela uma recordação flamejante (Jo 8:11). No segundo incidente Wallace faz Ben Hur acompanhar o Salvador no caminho da Crucificação, e oferecer-se para ajudá-lo. Jesus não dá resposta — todavia, na mesma hora, até mesmo as lágrimas das mulheres levaram-no a falar.

A verdade é que a figura de Jesus, apresentada nos Evangelhos, tem todas as características de um metal que resiste a todas as ligas. Qualquer coisa acrescentada a ela, que se lhe assemelhe, não contribui para o todo, mas mostra-se como substância estranha que não pode misturar-se no crisol.

A linha de pensamento que estamos seguindo, a da incomensurabilidade de Cristo, parece-nos ser útil. Como o moribundo Lavater, nós também temos a consciência de um sopro celestial que se faz sentir ao nosso redor, quando entramos na presença de Cristo; sentimos que este Jesus não é terreno, e que a Sua semelhança não é feita por mãos humanas. Mas isto precisa ser sentido e experimentado; é difícil provar, por outro lado, que a imaginação humana deva ser incapaz de glorificar e exaltar um ente querido em qualquer extensão. Algumas pessoas têm uma fé ilimitada na capacidade do pensamento e da imaginação humana de embelezar e desenvolver; e como enfraqueceremos essa crença? Da mesma forma como o poder da imaginação não pode ser limitado ao se pintar a beleza de algum objeto, assim também, de acordo com as pessoas que raciocinam desta forma, o pensamento humano pode, pelo poder da imaginação, exaltar moralmente um ser que ama, ao ponto de transfigurá-lo. E se ao fazê-lo a mente deva enveredar pelo caminho de negar tudo o que é feio, e varrer tudo o que mau do quadro que pinta, se o amor é que deve guiar o pincel, será criado o retrato mais claro e brilhante. Além disso, dizem, esses discípulos que glorificaram tão amorosamente a seu Senhor de Nazaré, já tinham à mão as cores mais claras e brilhantes para pintarem o seu quadro, nas enunciações idealistas dos profetas. Os pescadores do Lago de Genesaré só precisavam usar a lisonja exagerada feita acerca do Messias esperado, e o retrato brilhante que eles pintaram para nós já estaria quase terminado.

Não pode negar-se que esta "glorificação de Jesus" pelas mãos de Seus discípulos propicia

---

habitantes de Pu ficaram sabendo das suas intenções, recusaram-se a deixá-lo prosseguir viagem. Em seguida Confúcio jurou solenemente que não iria a Wei, e foi colocado em liberdade. No entanto, dirigiu-se a Wei. Quando um de seus discípulos lhe perguntou: "Então, um voto pode ser quebrado?" ele respondeu: "Foi um voto obtido à força; a estes os deuses não ouvem."

[3] Estote fortes in bello et pugnate cum antiquo serpente et accipietis regnum aeternum.

base para constantes suspeitas entre o grande exército de céticos. Não é apenas a suspeita abrigada por David Strauss e seus discípulos, mas é, por fim, a expressa pela multidão inumerável de todos os céticos. Eles estão convencidos de que o Cristo retratado na Bíblia é criação de Seus discípulos, que foram os primeiros a exaltá-lo a tais alturas, e que em seu amor foram os primeiros a torná-lo glorioso. Uma vez, desastrosamente, uma nação acreditou que os Seus discípulos vieram e O roubaram. Mais tarde levantou-se o engano muito mais disseminado de que os Seus discípulos, mediante a sua pregação, — que é tudo o que o Novo Testamento nos apresenta — foram os primeiros a glorificá-lo. Mas se através dos séculos a dúvida edificou a sua fortaleza aqui, é exatamente aqui onde precisamos levar a efeito o nosso ataque. Os Seus seguidores agradecidos são acusados de transfigurar Jesus mediante as palavras deles. Portanto, certamente é importante para a defesa proposta, evidenciar quanto do que se encontra na vida de Jesus é inglório, estranho, sim, e até ofensivo. Um após outro, todos tropeçaram nEle: João Batista, os discípulos, o povo, a comunidade cristã do século II, a emergente Igreja Católica, os expositores da Bíblia, os nossos próprios corações. Pode ser provado, e para a defesa a prova é importante, que logo que os homens se afastaram do retrato apresentado nos Evangelhos e começaram a seguir a sua própria imaginação, nunca mais pintaram a Sua semelhança com as cores usadas pelos evangelistas. Isso porque a figura que nos encara da história do Evangelho não é de alguém que é sempre exaltado e glorificado; pelo contrário, ele ostenta em sua fronte, até o dia de hoje, o sinal de muita coisa ofensiva. Ele tem características que jamais apelarão ao homem natural como grandiosas, características às quais gradualmente nos acostumamos, e que agora são um exemplo para nós só porque, olhando para Jesus, ficamos convencidos do seu valor. E essas características, das quais falamos, não se encontram apenas aqui e ali no quadro, de forma que alguém pode pensar que os evangelistas haviam meramente se esquecido de apagá-las quando idealizaram as características desse homem. Não, elas são os traços básicos do retrato de Jesus. Porém, se isto assim acontece, o seu retrato só pode ser entendido como produto da exatidão histórica mais escrupulosa. Os membros daquela comunidade primitiva não encontravam em si mesmos os sólidos fundamentos e as características divinas do Salvador do mundo; eles no-las transmitiram da maneira como as receberam, mesmo quando ao fazê-lo violentaram os seus próprios sentimentos.[4]

Há duas maneiras de encararmos este assunto. Pode ser, como os céticos crêem, que a figura do Amado tenha sido fielmente adornada com todo esplendor e glória imagináveis, e uma auréola tenha sido preparada para a Sua cabeça, como nos mostram as gravuras dos santos. Em uma carta a Lavater, Goethe usa esta forte expressão para ilustrar esse procedimento: "Arrancar as penas de todos os pássaros e dá-las à única ave do Paraíso." E qual é o resultado? Tal corrente de idealização teria levado de roldão tudo o que é desagradável em Jesus, ou pelo menos teria deixado apenas uns poucos e solitários traços de personalidade a emergir da inundação. Ou pelo contrário, o assunto se apresenta desta forma: Jesus não é apenas o Amado a quem uma comunidade agradecida adorna com uma auréola de luz; Ele é o Senhor o Mestre diante de quem ela se ajoelha e adora. E o que resulta disso? A comunidade posta-se silente, em reverência adoradora diante da vida deste Homem, não ousando acrescentar ou subtrair nada, apegando-se com especial lealdade a tudo o que era estranho e inesperado nela, esperando sempre o cumprimento da promessa: "O que faço não o sabeis agora, mas sabereis depois." Neste caso isso foi um conceito lançado sobre essa comunidade. Não uma imaginação das suas próprias mentes, mas sabedoria de Deus. É um conceito que ostenta o título de "Eu sou lá de cima." (Jo 8:23).

Há grande diferença entre a revelação *ética* (moral) da forma como nos é apresentada na história de Cristo, e a revelação *dogmática* (assuntos de fé). O nosso entendimento pode aprovar a revelação dogmática em sua maior parte. Frases, por exemplo, como a que se refere à imagem de Deus que o homem tem em si, ou da paternidade de Deus, deleitam o nosso entendimento; não temos nada contra essas idéias, e até achamos que devíamos ou podíamos tê-las pensado por nós

[4] É natural que nós, criados no Cristianismo, não fiquemos de imediato agudamente cônscios desta estranheza na figura de Jesus, como ficaram os discípulos e seus contemporâneos. Conhecemos a Sua figura desde a nossa infância, os nossos pensamentos e idéias foram mais ou menos moldados por ela, crescemos acostumados a ela. Já somos "limpos pela palavra" (Jo 15:3).

mesmos (compare Lessing). A revelação ética, pelo contrário, se opõe diretamente ao nosso desejo, isto é, à nossa pecaminosidade. Ela se mantém estranha e sem sabor ao homem natural que há dentro de nós, a vida toda; no entanto, como revelação, ela pode ser provada mais facilmente. Ela tem em si a *ofensa* como marca legitimadora da sua origem "de cima."

De certa forma, pode ser considerada uma tarefa inglória procurar Apenas o que nos é alheio e estranho na história de Jesus.[5] Seria muito mais atraente pesquisar as passagens em que, até mesmo para o olho natural, Jesus é o mais belo dos filhos dos homens! Alguém disse que "Jesus usa o distintivo da Sua categoria debaixo da capa." Nós nos dispomos a fazer uma divisão desigual: dispomo-nos a examinar a capa e deixar o distintivo para os outros. Mas a estrada que nos propomos a palmilhar apresenta uma promessa. A questão é que Jesus não foi transfigurado pela mão do homem, mas que a comunidade do primeiro século ficou chocada diante da história da Sua vida, mesmo quando ela lhe era desagradável. Vemo-lo como Ele foi.

Afinal de contas, não fomos nós que escolhemos o caminho que nos propusemos a seguir; estamos apenas seguindo um pensamento que se encontra na Bíblia. "Escândalo para os judeus, loucura para os gentios" 1 (Co 1:23) e o testemunho de Paulo a respeito de Jesus crucificado. Provavelmente ele não limitou esta idéia apenas ao fato da Crucificação; pois quando o próprio Mestre diz: "Bendito é aquele que não se escandalizar de Mim," é expressa a expectativa de que o mundo se ofenderia com Ele não apenas naquela última noite, mas que de outras formas, também, Ele seria uma ofensa para todo o mundo. E assim, a nossa intenção ao ressaltar aquilo que é pedra de tropeço na história de Jesus é apenas seguir um pensamento já mencionado pelo próprio Jesus.

[5] Portanto, é possível que este estudo acerca daquilo que ofende possa entristecer, perturbar e mesmo alarmar algumas pessoas. Esses leitores verão esses sentimentos removidos quando chegarem ao Capítulo 11 do Livro Um, e particularmente à segunda metade da obra acerca da Glória de Jesus.

PARTE UM

PROVA DIRETA DA INJÚRIA NA HISTÓRIA DA VIDA DE JESUS

CAPITULO 1

AS CARACTERÍSTICAS DE PEDRA DE TROPEÇO NO MESSIAS

"Escândalo para os judeus" *1 Coríntios 1:23*

Quando o Salvador veio viver entre o Seu povo, ele não era inesperado. Pelo contrário, nenhum povo, antes ou depois, alimentou tantas esperanças acerca do advento de qualquer outro homem. Toda uma literatura — a chamada Apocalíptica Judaica — foi formada, com o objetivo de pensar no futuro do mundo, e os dias do Messias eram como as dobradiças da porta, firmados no que o todo se movia. E esta literatura não foi um movimento sem influência, como se permanecesse alheia aos pensamentos e ações do povo; também não foi as reflexões de um círculo pequeno e talvez especialmente piedoso. As erupções constantes de rebelião ocorridas naquela época, tanto quanto os próprios Evangelhos, são uma prova suficiente de como a idéia messiânica estava viva e forte na vida do povo da época de Jesus. Sob a pressão, primeiro da dominação iduméia, e depois da romana, os olhos de todo o Israel estavam dirigidos quase fixamente em direção ao futuro, esperando, como sob um encantamento, o Libertador, o Messias. "És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?" pergunta João Batista (Mt 11:3). Até a mulher de Samaria declara: "Eu sei que há de vir o Messias" (Jo 4:25. Irmão se regozija com irmão: "Achamos o Messias!" (Jo 1:41). Os fariseus estão prontos para discutir a questão: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?" (Mt 22:42), e homens notáveis entre o povo reconhecem ansiosamente: "Quando vier o Cristo, fará, porventura, maiores sinais do que este homem tem feito?" e então confessam ousadamente: "Ele é o Cristo" (Jo 7:31,41). Todo o pensamento da época, pelo menos em Israel, estava focalizado na questão da vinda do Messias. Para os olhos judaicos, a era messiânica não parecia obscura e desconhecida, como o futuro para quem está no limiar de um Ano Novo. Desde o tempo dos profetas, o povo elaborou a sua própria opinião a respeito do Prometido, algumas vezes mais distintamente, algumas vezes menos; e o desfecho disso foi que as suas impressões a respeito dEle eram tão claras como se ele já tivesse vindo. Porém, só depois a verdadeira aparência de Jesus correspondeu às esperanças de Israel, e isso apenas por alguns momentos; e somente uma vez, um pouco mais tarde, ela se aproximou em certa medida das suas expectativas. João 6 descreve o momento em que Jesus corporificou os pensamentos do Seu povo. Como um rei popular, Ele distribui pão • peixe para os milhares que se acampam ao Seu redor. É despertado o excitamento do povo. Imediatamente eles estão ansiosos — não para *fazê-lo* rei, mas para prestar-Lhe homenagens como o rei que agora aparecera e a quem eles não haviam reconhecido em Seu disfarce (Jo 6:15). Da mesma forma, no começo da Semana da Paixão, a solenidade da entrada em Jerusalém despertou novamente os pensamentos da realeza de Jesus (Mt 21:8,9). Porém, olhando através de outros prismas, não encontramos em Israel qualquer desejo de render homenagens a Jesus como o Messias. Visto que toda a nação anelava apaixonadamente pela vinda do Messias, como este fato pode ser explicado de outra forma que não seja o fato de a aparência de Jesus não corresponder às esperanças de Israel? Se assim não fosse, a Sua vinda deveria ter tido o efeito de uma fagulha em um barril de pólvora.

Todavia, Jesus causou uma impressão bem diferente. O Seu povo estava bem consciente de que Ele reivindicara o título messiânico; de fato, por fim essa reivindicação foi feita abertamente (Mt 24:64), e Ele se tornou uma ofensa, provocando a contradição com o povo. Este Homem é o Messias? Para o Seu povo isto parecia uma *contradictio in adjecto*, e eles clamaram furiosamente: "Crucifica-O! Crucifica-O!" Porém, este fato nos é significativo, pois um Messias que é uma ofensa não será um Messias adornado sem discriminação pelo amor dos Seus seguidores.

Tentemos encontrar resumidamente o que, estando em Jesus como Messias, decepcionou o povo. Cremos que Ele não conseguiu de duas maneiras corresponder às expectativas que eles tinham: Ele era grande demais, e humilde demais para adequar-se às idéias de Israel.

Jesus era grande demais para o Seu povo. Pode-se perguntar: É possível uma coisa dessas? Não se deve presumir que quanto maior fosse o Messias esperado, melhor? Quanto mais glorioso fosse Ele, mais benvindo seria no círculo dos que O esperavam? Contudo, que reivindicação de grandeza podia Ele fazer, que seria uma pedra de tropeço para o Seu povo? Em Justino, o Mártir, lemos que Trifon, o Judeu, disse a respeito das esperanças messiânicas de Israel: "Todos sabemos que o Cristo será um homem, nascido de homem." E em concordância com isto, toda a teologia judaica do passado — para não falar da teologia posterior, que se coloca em contraste direto com o Cristianismo — está tão longe de atribuir uma natureza divina ao Messias, que prefere rejeitar mediante interpretação forçada, qualquer coisa que na profecia vétero-testamentária, segundo se pensa, sugira tal coisa. É necessário ler Isaías 9:5 na tradução do Rabi Jonathan: "A nós uma criança nasceu, um filho a nós nasceu; Ele tomou sobre Si próprio a lei, para guardá-la; o Seu nome é chamado, desde a eternidade, Maravilhoso, Deus poderoso que vive até a eternidade. O Messias cuja paz será grande sobre nós em Seus dias." E agora compare o Nazareno com este conceito: "Sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo" (Jo 10:33), que foi a maneira como Israel declarou a sua rejeição do Rabi Galileu. E o evangelista menciona especialmente como razão para a oposição mortal que se levantou contra Ele, o fato de que Ele disse que Deus era Seu Pai, fazendo-Se igual a Deus (Jo 5:18).

Precisamos tentar entender claramente a crença fixa de Israel em um único Deus. "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" - era isso que eles escreviam em seus filactérios (Mt 23:5), bem como em seus corações. E ali estava um homem fazendo-se igual ao seu único Deus! Os rabis haviam dito acerca da Chequiná:[6] Onde dois ou três estiverem reunidos, ela está no meio deles. Mas este Homem disse exatamente a mesma coisa a Seus seguidores a respeito de Si mesmo (Mt 18:20). Através dos profetas, Jeová havia prometido a Seu povo: "Desposar-te-ei comigo em fidelidade" (Os 2:20), e agora este Filho do homem Se coloca no lugar de Deus, como noivo. De um só fôlego ele falou de Si mesmo e de Seu Pai, falando dos filhos dos homens como Sua habitação (Jo 14:23). E enquanto o israelita piedoso falava com reverência dos anjos de Deus, e mencionava o seu Deus usando o nome mais glorioso que conhecia (Yahweh Sabaoth), louvava o Altíssimo como o Deus das incontáveis hostes de anjos, este Jesus, em palavras que aos ouvidos judaicos soavam como a mais arrogante presunção, falou dos anjos como *Seus* anjos, a quem Ele dava ordens como lhe agradava (Mt 13:41; 16:27). Não seriam exatamente os mais piedosos dentre eles que Lhe iriam dizer, como se Ele estivesse louco: "Quem, pois, te fazes ser?" (Jo 8:53).

Já vimos que o povo foi ainda mais longe em julgá-lo. "Este homem blasfema contra Deus," diziam os judeus. Mas havia uma cousa a respeito de Jesus que suscitava o seu julgamento. De uma coisa os judeus estavam convencidos: "Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?" (Mc 2:7). O precursor do Messias podia preparar o caminho para a remissão de pecados (Mc 1:4); o próprio Messias podia fazer intercessão pelo pecador (Is 53:12); mas o fato de Jesus outorgar perdão de pecados como se isso viesse dEle próprio, contradizia frontalmente o que o Seu povo cria que qualquer homem era capaz de fazer, e o povo concluiu sem hesitação: "Este blasfema" (Mt 9:3).

Não houve uma terceira oportunidade, ou mais exatamente, uma terceira razão para Israel pronunciar um julgamento tão severo.[7] Mas eles tinham razões suficientes para ficar ofendidos por causa da grandeza que Jesus reivindicava. Mencionemos algumas dessas razões.

O Nazareno exigia para Si próprio serviço demais, para ser o Messias. Israel esperava que Ele os ensinasse a adorar o Senhor "sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias" (Lc 1:74-75). Guiados por Ele, eles queriam dedicar-se mais plenamente do que nunca ao seu Deus. Mas em vez disto, Jesus em grande parte colocou-se no lugar de Deus, fazendo-se o alvo das suas ansiosas expectativas (Lc 12:35s.), e declarando-se o Senhor a quem os servos deviam ministrar (Lc 12:46).

Mais uma vez, no tempo dos profetas um dos sinais dos falsos profetas sempre fora que eles profetizavam "o que lhes vem do coração" (Ez 13:2). Mas este Jesus estava tão consciente de ter o direito de falar da parte do Pai que testificou acerca do Espírito que Ele haveria de mandar, e que

[6] A presença divina que repousava como nuvem ou luz visível sobre o propiciatório.
[7] Embora seja pronunciado uma terceira vez pela boca do Sumo Sacerdote (Mt 26:65).

deveria recebê-lo e testificar dEle (Jo 16:14).

Além do mais, os judeus ficaram à distância, feridos, quando nosso Senhor Se exaltou acima das augustas figuras do passado. "És tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacó?" perguntou a mulher de Samaria (Jo 4:12). "És maior do que o nosso pai Abraão?" inquiriram os judeus (Jo 8:53). E eles murmuraram contra Ele, quando pareceu que Ele estava Se exaltando acima da mais nobre de todas as personagens — acima de Moisés (Jo 6:32, 41s.). Para aquele povo, tão orgulhoso dos seus antepassados, isso parecia acrescentar injúria a injúria; mas não seria dessa forma que qualquer homem seria glorificado aos olhos de Israel.

E depois, pensar que o Nazareno ousaria tocar no Templo, instituição tão querida de Israel, e declarar que era uma habitação mais santa para a presença de Deus do que aquele edifício sagrado, cujas câmaras interiores eram especialmente santas para Israel, e cujas recâmaras ainda mais interiores sacrossantas demais até para os sacerdotes de Israel entrarem! "Aqui está quem é maior que o templo" (Mt 12:6). Que reivindicação absurda para os ouvidos de um israelita!

"Ainda mais desprezível me farei, e me humilharei aos meus olhos" (2 Sm 6:22). Com estas palavras o Rei Davi certa vez descreveu a uma princesa zombeteira a humildade para com Deus que ele exaltava como Jóia preciosa. Israel esperava ver essa mesma jóia resplandecendo na fronte do Filho de Davi; uma humildade que se prostrava até o pó diante de Deus, enquanto que exibia majestade real diante dos filhos dos homens. Ao invés disto, eles viram em Jesus um Homem que tinha a fronte erguida bem alto diante de Deus no céu: "Eu e o Pai somos um; quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 10:30; 14:9), mas que Se curvava incompreensivelmente diante dos filhos dos homens, escolhendo serviço a eles como seu tema (Mt 20:27s.).

E isto nos leva à segunda razão para declararmos que a declaração de Jesus, fazendo-se Messias, fez dEle uma pedra de tropeço para o Seu povo. Ele não era apenas grande demais para eles; observado segundo outro prisma, Ele era humilde demais. Não havia nada nEle que se coadunava com a concepção popular a Seu respeito.

Jesus era humilde demais para o Seu povo. Eu mencionarei primeiramente a Sua atitude para com as autoridades. Dentre os judeus, os agentes de Deus sempre se haviam acostumado a confrontar as autoridades terrenas com mais força e energia do que esse Homem. Foi o próprio rei, na época de Elias, que enviou capitães de cinqüenta para capturá-lo. Mas o profeta não hesitou em destruí-los a todos (2 Re 1:9). Em um caso semelhante, embora falando do poder que estava à sua disposição, Jesus nunca levantou sequer um dedo para Se opor aos que haviam sido enviados para capturá-lo (Mt 26:52s.).

Os heróis do Senhor em Israel foram ainda mais desrespeitosos quando se tratou de relacionarem-se com as autoridades gentias. Aos olhos dos judeus, elas não eram melhores do que ladrões. Matatias, pai dos Macabeus, não hesitou em abater os judeus que, por ordem do rei, haviam feito uma oferta no altar de Modin, e matou o capitão de Antioquia na mesma ocasião (I Mac 2:25). E este foi o legado que ele deixou para os seus filhos: "E juntareis a vós todos os observadores da lei; e tomai vingança dos agravos feitos ao vosso povo. Pagai às nações o mal que elas vos têm feito" (I Mac 2:67s.). E o que foi que Jesus fez? Falando calmamente a respeito do governante herético que lhes havia sido imposto, a quem os judeus odiavam, e de quem até a pessoa mais piedosa desejava ver-se livre, Ele disse, como se não tivesse a menor idéia dos anseios do Seu povo: "Dai a César o que é de César" (Mt 22:21).

Porém, nenhuma destas considerações chegou ao cerne do assunto em que o Nazareno não conseguiu de forma alguma mediar-Se conforme as expectativas do Seu povo. Isto pode ser resumido na palavra "rei." As palavras "Messias" e "rei", para os judeus, eram sinônimas. Quando Israel esperava um Messias, estava esperando um rei. Na pessoa da criança recém-nascida, Herodes temeu encontrar o rei futuro, herdeiro do trono por direito; os sábios do Oriente trataram o infante como rei; o arauto que correu adiante dEle, insistiu para que Ele subisse ao trono real; os discípulos pediram lugares perto do Seu trono; o povo manifestou a sua prontidão em render-lhe homenagens reais — e Ele esquivou-se às suas reivindicações e ofertas. Quando Saul ascendeu ao trono, não foi com tanta amargura que o povo murmurou: "Como poderá este homem salvar-nos?" (Jo 19:14s.; 1 Sm 10:27).

Será que Israel estava no caminho errado quando esperava um rei? Os seus próprios profetas os haviam guiado por esse caminho. Este era o ponto de vista do Antigo Testamento: Aquele através de quem Deus devia levar o Seu Reino a se cumprir precisava ser acima de tudo um rei, um conquistador, e ao mesmo tempo um amante da paz. O quadro desse advento fora brilhantemente pintado pela mão dos profetas. O governo deveria estar sobre os Seus ombros (Is 9:6); para o crescimento do Seu governo e para a paz não haveria fim, sobre o trono de Davi e sobre o Seu reino, para o estabelecer (Is 9:7). Ele deveria levantar-se e alimentar-Se da força do Senhor, na majestade do nome do Senhor Seu Deus, e ser grande até os confins da terra (Mq 5:4). E até os silenciosos da terra, em tempos de depressão, e no decorrer de toda a profunda humilhação da nação, conservaram a sua esperança firme nas profecias, e ansiaram apaixonadamente pelo seu rei. Para esses também o primeiro ato do Messias esperado seria quebrar o jugo estrangeiro, e tirar o Seu povo da servidão, com milagres semelhantes aos da época de Moisés (Lc 1: 71,74; 2:38; 19:11; Mt 20:21). Mas essa esperança jorrou mais forte e mais tempestuosamente no peito dos fariseus e nos pensamentos das multidões das quais eles eram os líderes. E embora o povo mais silencioso falasse também da regeneração interior e da transformação que teria lugar quando o Messias aparecesse (Lc 1:75, 77, 79), os pensamentos dos outros haviam assumido uma conotação política. Nas enunciações dos profetas, as expectativas mundanas eram como a impureza que seria refinada e retirada, quando o objetivo fosse alcançado. Mas em vez de se começar a retirar a impureza antes do advento do Messias, foi exatamente nessa época que o conteúdo moral e religioso das profecias messiânicas foi enterrado, no que concernia à maioria do povo, debaixo de uma onda de sonhos e aspirações políticos; e o alvo dos seus anseios agora era o rei que libertasse o Seu povo.

E agora, Jesus? Não foi ele como um total desalento, quando o Seu povo voltou-se para Ele com tanta esperança e expectativa? Como o povo podia ver nEle o magnificente Filho de Davi? Onde estava o glorioso Rei de reis? Sem casa e sem posses, o Filho de Deus tomou a forma de um servo. Ele não tinha onde reclinar a cabeça. Mesmo no clímax da sua glória terrena, Ele apareceu diante do Seu povo montado numa cria de jumento, e por fim Ele foi açoitado e desprezado.[8]

Podem dizer que isto é exagero, e que a Sua aparência não foi inteiramente desprovida de brilho como sugeri. Alguém pode indicar os raios de glória que os Seus milagres emprestaram à Sua pessoa. Contudo, podemos chamar isso de glória? Havia neles glória suficiente para um Messias? Havia uma semelhança que identificava os Seus milagres; a grande maioria deles foi realizado em pessoas doentes. Ele evitou o resplendor e tudo o que atraísse os olhares, tudo o que exigisse respeito, em Seus milagres. Eles foram realizados em quartos de enfermos (Mc 1:31; 5:42), diante de pequenos grupos de pessoas, perante poucas testemunhas, comparativamente; e freqüentemente os que foram curados ouviram a recomendação de não falar nada a respeito do milagre (Mc 1:34; 5:43). Até mesmo em Seus milagres Jesus estava preocupado com o indivíduo e com a salvação de almas (Mc 2:5; Jo 5:8); Ele não considerou o efeito deles sobre a multidão. Só um dos seus milagres, a alimentação de cinco mil pessoas, manifestou o Seu interesse pela multidão — e assim mesmo, não era Sua intenção impressioná-la (Jo 6:15) — e este milagre comoveu o povo, e propiciou a Jesus um momento de glória aos olhos de milhares. Não obstante, quanto a outros aspectos, os Seus milagres não foram uma prova, para a grande massa popular, de que Ele era o Messias.[9]

---

[8] Pense, também, como Ele Se escondeu freqüentemente deles (Jo 7:1,7,8,10; 8:59; 11:54; Mt 4:12). Há alguma evidência de esplendor aqui?

[9] Por amor à clareza, chamamos a atenção para os dois homens que se apresentaram com Jesus no Monte da Transfiguração: Elias e Moisés. Ambos haviam feito milagres mais gloriosos do que Ele. Quantos atos miraculosos foram executados pela tisbita! Elias ocasionou uma seca de três anos e meio na terra; foi alimentado por corvos; tornou inexauríveis a botija de óleo e a panela de farinha da viúva; ressuscitou o seu filho; fez descer fogo do céu sobre o seu holocausto; mandou que caísse chuva; correu quilômetros a fio adiante da carruagem do Rei, mais rápido do que os seus cavalos do monarca; mais uma vez, fez descer fogo do céu sobre os capitães e seus cinqüenta homens; dividiu o Jordão com sua capa, e subiu ao céu em uma carruagem de fogo. É um quadro vivo, e o homem que ele retrata quase cega os nossos olhos. Mais gloriosos ainda, e bem maiores, foram os atos de Moisés: as pragas do Egito; a passagem pelo Mar Vermelho; o sustento dos israelitas no deserto. Aqui vemos a mesma palpitante diversidade dos milagres de Elias, mas com um esplendor adicional: todos os milagres são realizados para uma multidão, e diante dos olhos dela. Se pensarmos nesses dois homens, Elias e Moisés, podemos entender que tipo de maravilhas os judeus esperavam do seu Messias -

E assim, os judeus não ficaram satisfeitos, nem mesmo com os milagres de Jesus. O que eles viram os levou apenas a pensar nEle como um profeta. Contudo, primeiramente eles exigiram de Jesus provas definitivas de que Ele era o Messias. "Pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu" (Mt 16:1). As profecias do Antigo Testamento justificavam este pedido (Jl 3:3s.). E Jesus recusou-Se a atender. Por duas vezes Samuel havia recebido um sinal do céu em resposta à sua oração. O pedido de um sinal, feito por Elias, obteve enorme sucesso. "Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape." O povo teria feito qualquer coisa para ele naquele dia (1 Re 18:30). Isaías ofereceu a Acaz um sinal do céu (Isa 7:11). Não obstante, Jesus não apresentou ao Seu povo a mesma prova constituída de um sinal que o extasiasse e convencesse (Mt 4:5s.). Ele limitou os Seus milagres a um círculo silencioso de pessoas doentes. Mas essa não era a espécie de milagre que ajudasse e satisfizesse Israel, que esperava um rei que o libertaria das humilhações da sua situação, naquela época. Assim, mesmo em Seus milagres Jesus foi uma pedra de tropeço para os sentidos físicos dos Seus contemporâneos. [10]

Aos olhos dos judeus, a cooperação de anjos também poderia ter desempenhado um papel importante — e teria conseguido satisfazê-los. Exemplos do Antigo Testamento encorajavam essas expectativas. Tobias tivera como acompanhante um anjo; Daniel, na cova dos leões, e os três homens na fornalha babilônica, tiveram anjos que os protegeram; um exército inteiro de cavaleiros de fogo rodearam Eliseu (2 Re 6:17). Acrescente-se a isto o fato de que na época de Jesus o povo tinha a tendência de ver intervenção angelical em todos os lugares. No Tanque de Betesda, era um anjo que agitava as águas (Jo 5:4); quando se ouviu uma voz do céu sobre Jesus, muitos se apressaram a explicar: "Um anjo lhe falou" (Jo 12:29). Nos tribunais superiores foi considerado algo normal o fato de um espírito ou anjo ter falado com o acusado Paulo, e nenhum protesto foi levantado contra essa conjetura (At 23:9, cf. também 12:15, em que Rode pensou que o anjo de Pedro estava à porta). E como se não fossem suficientes os exemplos do Antigo Testamento e a inclinação dos Seus contemporâneos em crer na intervenção de anjos, o próprio Jesus suscitou a esperança de que seres angelicais desempenhariam um papel proeminente na Sua vida. Se eles eram "Seus anjos," certamente O serviriam; e Ele definidamente permitiu que os Seus primeiros discípulos esperassem isso. "Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (Jo 1:51). Depois disso, a não ser por um colorido reparo no fim do episódio do deserto (Mt 4:11) e no Getsêmane (Lc 22:43 — e este versículo é omitido nos manuscritos mais antigos), a narrativa carece inteiramente de quaisquer aparecimentos ou ministrações angelicais. O círculo em que Ele nasceu — Zacarias, Maria, José e os pastores (Mc 1:11, 26;2:9;Mt 1:20; 2:13,19) - recebeu estas ministrações angelicais, e o mesmo aconteceu com os Seus discípulos depois da Sua morte (At 5:19; 8:26; 10:3; 12:7). E o Senhor dos anjos precisou passar sem eles! Será que o pincel do artista segue a linha das expectativas populares neste caso?

Porém, retornemos a assuntos mais importantes em que Jesus foi humilde demais para o Seu povo. Este queria um rei — e o que era Ele? "Um semeador saiu a semear." Quando se cumprissem os dias, o Messias deveria vir; Ele deveria levar a uma conclusão as coisas que permaneciam no estado em que estavam; Ele deveria iniciar imediatamente o juízo — de Israel, e especialmente dos gentios. E depois do juízo Ele deveria reinar como o poderoso Rei da Paz. E o que fez Jesus? Ao invés de executar qualquer conclusão, Ele criou um novo começo. "O semeador saiu a semear." Mas Israel ofereceu-Lhe as suas homenagens, e esperava que Ele agisse e assumisse a Sua posição real. Estava muito bem que o arauto do rei pregasse e conclamasse o povo a achegar-se Àquele que

---

atos miraculosos em favor de toda a nação, em grande variedade e em grande número. E havia uma semelhança quase monótona nos milagres de Jesus, que foram realizados em favor dos membros desafortunados da comunidade, e estavam intimamente relacionados com a Sua pregação, eram símbolos da Sua obra espiritual - curando o corpo ao mesmo tempo que Ele curava a alma. Orígenes admite abertamente para o Judeu de Celsus que os milagres de Moisés foram maiores.

[10] Outro ponto deve ser especialmente mencionado aqui. Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro. Seria essa a atitude de um conquistador? Seria esse o comportamento de Alguém que estava para roubar à morte a sua presa? Nas mesmas circunstâncias, Elias e Eliseu também demonstraram um estado de agitação, pois estavam tratando com pessoas que lhes eram caras (1 Re 17:20; 2 Re 4:8), mas engoliram as suas lágrimas, como é apropriado aos homens em cujas mãos está a vitória.

havia de vir (Lc 1:76); porém, qual era o sentido de surgir um rei pregador? Parecia aos judeus que Jesus não conseguira desempenhar as Suas funções de direito. E por fim, depois de esperar impacientemente que Ele assumisse o Seu lugar legítimo, mesmo quando a sombra da cruz já se estendia sobre Ele, o Seu povo Lhe perguntou: "Até quando nos deixarás a mente em suspenso?" (Jo 10:24).

*** * ***

Jesus foi ao mesmo tempo grande e humilde demais para o Seu povo, e portanto, como Messias, Ele foi uma pedra de tropeço para Israel. Porém, houve outras maneiras pelas quais Ele ofendeu as suscetibilidades mentais do Seu povo. Mencionemos algumas delas.

João cresceu e fortificou-se no espírito, e permaneceu nos desertos até os dias da sua manifestação a Israel (Lc 1:80). À semelhança de Moisés, este profeta do Senhor saiu da solidão do deserto, e a mesma coisa se esperava do Messias. "Ninguém verá o Filho de Deus antes dos dias do Seu aparecimento," diz o Quarto Livro de Esdras, e no Targum de Jônatas encontramos o mesmo sentimento. O evangelista nos conta que os judeus declararam: "Quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é" (Jo 7:27). E onde cresceu Jesus? Na oficina de um carpinteiro, diante dos olhos de todo o povo. Todos sabiam como Ele fora criado na pobreza, conheciam a Sua mãe e as Suas irmãs. Não é de se admirar que isto fosse uma decepção (Mc 6:3).[11]

Outro ponto: inquestionavelmente é verdade que se esperava que o Messias viesse de Belém — e este Jesus crescera em Nazaré. Essa cidadezinha era considerada moralmente decadente, e tinha má reputação. Podemos estar corretos em considerar as palavras de Natanael como provérbio: "De Nazaré pode sair alguma coisa boa?" (Jo 1:46). Assim sendo, Nazaré, lar de Jesus, era uma pedra de tropeço para os judeus. Mas também era uma ofensa o fato de Jesus simplesmente sair da Galiléia, quanto mais de Nazaré (Jo 7:41). E Esse Galileu tornou-se ainda mais pedra de tropeço quando nos lembrarmos de que os rabinos nunca foram capazes de concordar entre si quanto à hipótese de as dez tribos participarem da reabilitação futura de Israel. E agora, o próprio Messias vinha da Galiléia!

O Seu povo também ficou decepcionado com a atitude que Jesus adotou para com os Samaritanos. Jesus, filho de Sirac, falando do povo insensato que habitava em Siquém, declara: "Dois povos aborrecem a minha alma, e o terceiro, que eu aborreço, não é um povo" (Eclesiástico 50:25). Quando Jesus estava enviando os Seus discípulos em sua primeira missão e lhes recomendou: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de Samaritanos" (Mt 10:5), estava falando de maneira que Seu povo podia entender bem. Porém, mais tarde, este ficou profundamente ofendido pelo fato de Ele conversar com a mulher samaritana junto ao poço, e com o povo da cidade samaritana de Sicar (Jo 4:9, 41), e de Ele permanecer nas suas cidades (Jo 4:40; Lc 9:52). E até mesmo em uma parábola Ele colocou um samaritano acima de um sacerdote e de um levita (Lc 10: 33). Por isso, os israelitas O acusaram, dizendo: "Porventura não temos razão em dizer que és samaritano?"(Jo 8:48).

Contudo, precisamos nos lembrar de uma coisa acima de tudo. E essa é morte que Jesus sofreu. Em todas as suas expectativas, Israel jamais pensara em um Messias sofredor.[12] Os judeus podiam concordar em que o Messias sofresse pelos pecados do Seu povo *antes* da Sua manifestação, que enquanto a esperava vivesse uma vida de humildade entre os pobres e

[11] É utilíssimo ler Eclesiástico 38:25-33 em conexão com este pensamento.

[12] Os israelitas não recuaram nem da ousadia de distorcer as profecias que apresentavam o Messias como o servo do Senhor, para se livrarem do pensamento do sofrimento e da morte do Messias. O Rabi Jonathan traduz Isaías 53:2 de forma que fica assim: "Os retos serão grandes diante dele, sim, como ramos que florescem; e como uma árvore que estende as suas raízes até as torrentes de águas, assim a geração dos justos se multiplicará na terra, que tem necessidade dEle. A Sua aparência não será a aparência de uma pessoa comum, nem o Seu temor o temor de um plebeu, mas um resplendor santo será o Seu brilho, e todos os que O virem O contemplarão." Presume-se que a maioria das frases aludem à miséria de Israel ou mesmo à destruição que o Messias trará sobre os pagãos e os desviados. Eles serão desprezados e rejeitados, como um homem de dores e que sabe o que é padecer (Is 53:3). Ele entregará os poderosos do povo "como ovelha para o matadouro, e como ovelhas mudas perante os seus tosquiadores." Depois disso, podemos nos admirar com o fato de a morte de Jesus ter sido uma ofensa (no texto grego original, um escândalo) para Israel?

necessitados, e que depois tivesse de enfrentar terríveis batalhas para libertar o Seu povo. Nesse sentido, pode-se falar de um Messias sofredor dos judeus. Mas o que se pode dizer de um Messias que no fim é vencido? Um Messias que morreu na cruz? Que idéia incrível! Quando Jesus tentou preparar o Seu povo para esta conclusão, a sua resposta foi: "Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizes tu ser necessário que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem?" (Jo 12:34). E quando Jesus por fim foi dependurado na cruz, a multidão toda se convenceu: "Blasfemou! que necessidade mais temos de testemunhas?" (Mt 26:65).

*** * ***

Vimos como, de muitas e diferentes maneiras, Jesus como Messias foi uma ofensa para Israel. Mas duas observações, particularmente, parecem tornar ainda mais certa a conclusão a que chegamos. A primeira é uma comparação entre Jesus e Seu precursor. João não fez milagres (Jo 10:41), todavia era tido em honra pelo povo (Mt 21:26). Em sua maneira de vestir (Mt 3:4; cf. 2 Re 1:8), seu modo de vida, em seu tipo de pregação (Mc 3:7-12), ele correspondia exatamente ao que se esperava de um profeta. Jesus fez muitos sinais, não sinais terríveis, mas milagres de amor, que devem ter assegurado para Ele uma recordação amorosa em muitos corações, mas cheio de fúria levantou-se o clamor: "Crucifica-o! " Tudo porque o Seu modo de vida não correspondia ao que se esperava de um Messias.

E o segundo ponto. Até apresentar-se diante do Sumo Sacerdote, Jesus *nunca* Se proclamou como Messias. Por que Ele não o fez, se realmente era o Messias? Por que Ele não fez demonstrações públicas da majestade que Lhe pertencia? Jesus julgava ser tão diferente de tudo o que Israel esperava, que não Se apropriou do título de Messias — palavra favorita deles para designar o Profeta citado por Moisés como líder político. Com esta palavra Ele teria levantado um enxame de idéias falsas. Portanto, Ele queria, com Sua vida, dar a ela um novo significado, e então, a hora da morte, tomá-la nos lábios como uma confissão. Mas a respeito dos que O reconheceram como o Messias, mesmo antes de Ele dar o Seu testemunho, Ele disse: "Não foi carne e sangue quem te revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mt 16:17). A conclusão deste capítulo é que, para a carne e o sangue de Israel, Jesus não era o Messias; pelo contrário, uma pessoa escandalosa (1 Co 1:23). Porém, nenhum judeu que desejasse enfeitar o seu Messias de maneira poética, jamais lhe teria dado a forma deste Jesus.

Porém, seria precioso aos olhos dos gentios, aquilo que era uma ofensa para Israel? As cores usadas para retratar o Salvador do mundo são tiradas deste círculo e de seus ideais?

CAPÍTULO 2

A LOUCURA DO FILHO DO HOMEM

"Loucura para os gentios. " *1 Coríntios 1:23*

O objetivo deste capítulo é nos apresentar ao mundo do pensamento gentio na época de Jesus. Foram os conceitos e idéias dos gentios que deram origem ao retrato que temos de Cristo? "Os gregos buscam sabedoria," diz o apóstolo (1 Co 1:22), e ao falar dos gregos ele refere-se ao mundo cultural não judaico daquela época. Paulo achava que o alvo do pensamento gentílico da época era amplamente caracterizado nestas duas palavras: "Busca a sabedoria," e assim a figura ideal concebida por este pensamento deve ter sido a de um "homem de sabedoria." De fato, qualquer pessoa familiarizada com esse período sabe que a idéia do "sábio" desempenhava papel importante na filosofia greco-romana.

É verdade que esta expressão — o homem de sabedoria — não deve ser considerada em sentido muito estreito. Tal homem se preocupava também com a sabedoria *prática.* O sábio era caracterizado não apenas por seu conhecimento, mas por todo o seu comportamento e modo de ser. O seu conhecimento tornava o seu modo de vida magnânimo, nobre e grande — isto é, sábio.

Ora, não pode ser negado que na época de Cristo, Israel compartilhava em grande parte desse padrão de pensamento, tão generalizado no mundo gentílico. Muita coisa que parecia importante, grandiosa, magnânima e sábia para os gentios, era considerada pelos judeus sob a mesma luz.[13] O mundo cultural naquela época tinha muitas afinidades: um grande acervo de experiências em comum ligava judeus, gregos e romanos, a despeito das suas diferenças quanto a outros aspectos. Neste capítulo, portanto, só o que era peculiarmente judeu será colocado de um lado. Mas nos assuntos em que os judeus, como filhos daquela época, tiverem o mesmo conceito que os seus contemporâneos, as suas opiniões deverão ser levadas em consideração; isto é, em relação aos interesses deste exame. Porque devem ter sido eles que, se isso realmente foi feito, construíram o retrato glorificado de Cristo, a partir do material que estava à mão, comum a judeus e gentios.

Por conseguinte, estamos interessados no tipo ideal que a humanidade como um todo — tanto gregos como judeus — criou como símbolo dos seus grandes homens, seus heróis daquela época. Que conceito faziam eles do homem grande e sábio? Aos olhos greco-judaicos — em suma, aos olhos do homem culto daquela época — era Jesus "o homem de sabedoria?" Aqui temos a paleta da qual vieram as cores que pintaram a resplandecente figura do Rabi de Nazaré?

***

Foi uma falta de dignidade, de grandeza, de magnanimidade, uma falta de tudo o que se esperava encontrar em um homem sábio, que fez com que Jesus parecesse um louco para o mundo culto da época. E esta contradição de tudo o que, para o mundo, parecia marcar um homem como grande, é importante para nós em nossa apologética. Pois ninguém pinta um homem como um escândalo para todo o mundo ver, se deseja glorificá-lo; e se ele deve ser exaltado, ele não pode ser retratado como louco. Embora não possamos nem pensar em usar todo o tesouro que encontra-se aqui, esperando por uma defesa, gostaríamos de enfatizar dois pontos. Jesus parecia louco para eles em Sua atitude para com os homens, e em Seu comportamento diante do destino que Lhe coube.

---

[13] Se assim não fosse, não haveria sentido em considerar este círculo de pensamento como lugar do nascimento do retrato de Cristo que nos é apresentado. Pois todas as pessoas que já estudaram o assunto reconheceram que esse retrato nunca foi traçado por mãos pagãs.

Segundo este ponto de vista, portanto, consideremos primeiramente a atitude de Jesus para com os Seus semelhantes.

***

"Ser sempre o primeiro, e esforçar-se mais do que os outros" é o retrato que o velho Homero traça do homem magnânimo. "Uma vida de honra ou uma morte coroada pela fama é a ambição de todos os homens nobres," conta Sófocles, fazendo eco ao mesmo pensamento. E de maneira semelhante, os israelitas que estavam na posição de nobres, a saber, os Saduceus e fariseus, tentavam tornar sentida a sua influência - mesmo em assuntos de menos importância como a sua maneira de saudar os outros na rua, ou como o seu lugar à mesa (Mt 23:6-7). "Ser sempre o primeiro, e esforçar-se mais do que os outros!" E Jesus fez isto? Quando Ele confessou: "Eu não aceito glória que vem dos homens" (Jo 5:41), aos olhos do mundo Ele Se excluiu da plêiade de mentalidade nobre.

Auto-suficiente e acanhado, o homem de mentalidade elevada, da maneira como Aristóteles o via, "segue orgulhosa e calmamente o seu caminho." Estabeleça o contraste entre este quadro e a atitude humilde do Filho do homem. De acordo com Aristóteles, é homem de mentalidade elevada aquele que, "sendo digno de grandes coisas, considera-se semelhantemente digno de grandes coisas." Mas na última noite, Jesus serviu aos Seus discípulos como escravo (Lc 22:27), indo tato longe ao desempenhar esse papel, a ponto de cingir-se com uma toalha e lavar os pés deles (Jo 13:4s.). Essa era atribuição de um serviçal, a obrigação de um escravo.

Aristóteles continua em sua descrição do homem de mentalidade elevada: "Ele desfruta com moderação das honras a ele atribuídas por homens grandes e excepcionais, como sendo merecidas, ou como sendo menores do que as que ele merece." Pois bem: Jesus não recebeu muitas honras desse tipo; talvez o único testemunho da espécie que Ele experimentou foi quando Maria de Betânia ungiu os Seus pés. Como aquele ato agradou o humilde Jesus! (Mt 26:13). "Mas o homem de mentalidade elevada desdenha a honra que lhe é atribuída pela populaça, em ocasiões sem importância, pois ele está acima dela," diz Aristoteles. Simão, o fariseu, raciocinou da mesma forma, quando murmurou: "Se este homem fosse profeta, saberia quem é esta mulher, que espécie de mulher é esta que Lhe tocou, e a afastaria dEle." Mas Jesus sabia que espécie de mulher era ela, e conservou-a a Seu lado, alegre com o amor agradecido de pessoa tão humilde (Lc 7:39s.). Para desgosto dos fariseus, Ele não desdenhou dos gritos de Hosana das crianças no Templo, como sendo uma honra muito pequena para ser digna dEle, mas deu proeminência àquele ato sem importância (Mt 21:15s.). Tamanha humildade escandalizava o mundo, e Ele parecia ao povo um homem sem valor.

Autoridade, fama, reconhecimento da parte do povo, estas características formam o brilho do sol que o homem de sabedoria busca. Mas se não o encontra, ele não se humilha de forma alguma. Orgulhosamente consciente dos seus méritos, ele se congratula, acariciando-se e admirando-se a si próprio. Os estóicos entendiam muito bem essa atitude. Diz-se que Zeno possuía a dignidade completa do homem culto em companhia dos seus superiores, a tal ponto que o Rei Antígones declarou que só uma vez em sua vida ele perdera a calma — em uma conversa com o filósofo. O que dizer a respeito de Jesus? Será que ele fez príncipes perderem a calma? Em certa ocasião ele apresentou-se diante de um rei, e Herodes e seus cortesãos escarneceram do Homem humilde que parecia objeto tão fácil da zombaria deles (Lc 23:2)!

Certo renome pode ser adquirido, também, mediante abjuração e renúncia. Diógenes não é o único cuja vaidade se deixou entrever através dos farrapos com que se vestia. Uma renúncia exagerada sempre atrai atenção. Jesus era "como os outros homens" e a Sua pobreza nunca se tornou fonte de vaidade. "Como outros homens!" Ele nunca Se empenhou em grandes negócios, mas era incansavelmente fiel em coisas pequenas. "As grandes mentes podem ficar indiferentes aos pequenos acontecimentos da vida diária - mas tanto quanto Ele foi capaz, o Maior de todos escolheu a vida diária como Seu lugar de trabalho." A Sua humildade vinha do coração, mas para os Seus contemporâneos isso era sinônimo de falta de dignidade. Ninguém procuraria o "homem de

sabedoria" se coberto dessas vestimentas.

Vamos demorar-nos ainda mais um pouco no assunto da humildade de Jesus, encarando-a, agora, de um outro ângulo. Foi especialmente o relacionamento de Jesus com o povo que, aos olhos dos Seus contemporâneos, revelou nEle uma falta de dignidade.

Odi profanum vulgus et arceo — Odeio a populaça e a conservo longe de mim, cantou Horácio alguns anos antes do nascimento de Jesus, em um de seus odes mais conhecidos. Aristóteles também, confirma este sentimento, quando fala do seu homem ideal: "Ele é franco porque ama o desdém. E por isso, fala a verdade, exceto quando fala ironicamente; isto ele faz quando relaciona com a populaça." As vozes judaicas não ficam caladas a respeito deste mesmo testemunho, pois os fariseus disseram desdenhosamente: "Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita." (Jo 7:49). Judeus e gentios achavam que era uma marca de eficiência lutar para subir; mas Jesus não lutou nessa direção. O Seu coração Se voltou para as pessoas comuns, simples, sem cultura, de tal forma que Ele agradeceu a Deus por tê-lo revelado aos pequeninos (Mt 11:25), e falou como um dos Seus maiores feitos o fato de que o Evangelho é pregado aos pobres (Mt 11:5).

Todavia, aos Seus contemporâneos, parecia que o relacionamento de Jesus com as pessoas que O rodeavam tinha um aspecto ainda pior. Ele não apenas descera de nível, a encontrar-se com o povo humilde e inferior, mas também incluiu em Seu círculo pessoas sem honra, que haviam sido marcadas como pecadoras empedernidas (Lc 15:1; 19:8; 7:37). O antigo poeta Teognis já emitira uma advertência contra conexões assim; e um dos versos favoritos de Sócrates dizia: "Nunca se associe a homens ímpios; viva apenas com os virtuosos. Porque você aprenderá virtude com os virtuosos, mas perderá a sua própria razão com os ímpios" (cf. Tobias 4:18).

Contudo, não é possível levantar os que caíram? Os antigos meneavam a cabeça diante dessa possibilidade. "Se um médico tivesse recebido de um deus o poder de curar as doenças dos sentidos, e curar o vício da humanidade, a sua recompensa certamente deveria ser rica; porém, nunca mediante a cultura, poderás reformar o vilão, fazendo dele um homem reto" (Teognis).

E como aconteceu com Jesus? Não foi uma condescendência graciosa que Ele mostrou para com essas pessoas decaídas, não houve simulação nEle ao descer da Sua alta posição para ajudá-las. Aos olhos dos orientais Ele não poderia ter mostrado mais clara e definidamente o Seu amor e amizade para com eles do que ao compartilhar da mesma mesa com eles, como Ele o fez, e comer do mesmo prato. Ele ensinou aos Seus discípulos: "E em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes" (Mt 10:11). Mas Ele, pessoalmente, o que fez? Ele falou a primeira palavra a um traidor como Zaqueu, e pediu-lhe hospitalidade. Não é de se admirar que os judeus que se mantinham na sua dignidade "murmuraram, dizendo que ele se hospedara com homem pecador" (Lc 19:7; cf. 15:2s.; Mt 9:11; 11:19).

Não podemos encerrar este estudo do relacionamento de Jesus com o povo humilde, sem chamar a atenção para mais dois aspectos deste assunto: como Jesus tratou as crianças, e a Sua atitude para com as mulheres.

Os gregos gostavam muito de crianças. Mas isso era uma caricatura, ligada com a infâmia que Paulo pune no primeiro capítulo da sua epístola aos Romanos. Há também no Antigo Testamento uma história envolvendo crianças. Mas quem quer ouvir um conto tão desagradável? Quarenta e dois meninos que viviam em Betel, que com disposição caracteristicamente infantil, zombaram da cabeça calva de Eliseu, foram estraçalhados por ursos, em resposta à oração do profeta (2 Re 2:23s.). A atitude de Jesus era incompreensível em um homem sábio ou grande. Ele tinha tempo e afeição para as crianças. "Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis," disse Ele, e em seguida tomou-os em Seus braços e os abençoou (Mc 10:14s.).

E o outro ponto: Ele manteve conversa com uma mulher. Que homem culto entre os judeus, ou que sábio entre os gregos havia desperdiçado um dos seus elevados pensamentos com uma mulher? Ela teria que ser mulher de dons mentais excepcionalmente notáveis. Mas no caso de Jesus a mulher provinha das classes mais baixas da sociedade, era do tipo mais comum, e pertencia a uma raça detestada! Que insensatez do Filho do homem! Em Sua humildade Ele desceu a nível tão baixo no relacionamento com todo mundo, onde quer que fosse, que por fim aos olhos da sociedade da

época Ele se excluiu do círculo dos sábios e prudentes.

Porém, este ainda não é o fim da Sua humildade. Há ainda outro assunto que levou-o a entrar em conflito com as idéias do Seu tempo, com relação à grandiosidade e dignidade: o de dar e receber.

Aristóteles diz a respeito do homem de mente nobre: "Ele se inclina a conferir benefícios, mas ficaria envergonhado de recebê-los. Pois o primeiro caso é natural ao homem superior, mas o último ao homem inferior... E ele dá mais livremente do que recebe, fazendo desta forma seu devedor o doador do presente." Aristóteles está longe de ser o único na defesa deste conceito. Abraão exibiu estes delicados sentimentos do homem de mente elevada, quando replicou ao Rei de Sodoma: "Nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: Eu enriqueci a Abraão" (Gn 14:23). Séculos mais tarde Eliseu foi movido pelo mesmo sentimento, quando o capitão do exército do Rei da Síria insistiu repetidamente com ele para aceitar um presente como agradecimento, e ele replicou: "Tão certo como vive o Senhor em cuja presença estou, não o aceitarei." (2 Re 5:16). Diógenes, em sua barrica, era orgulhoso demais para pedir algo ao Rei de Macedônia. Epaminondas de Tebas vivia em circunstâncias miseráveis, mas o seu biógrafo nos conta que ele não quis aceitar nada do Estado, a não ser honra. Paulo, o apóstolo, era zeloso acerca da sua honra. "Eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas, (roupa e alimento das mãos de outrem). . . porque melhor me fora morrer antes que alguém me anule esta glória" (1 Co 9:15). Ele trabalhou dia e noite (1 Ts 2:9; At 18:3; 20:33ss.) para ser capaz de dizer: "Sou livre de todos" (1 Co 9:19). E Jesus? Ele viveu do que Lhe era dado (Jo 12:6), talvez não como mendigo, mas como um que recebe esmolas.

Claro que sei que Paulo certa vez aceitou uma oferta. Foi a igreja de Filipos que teve permissão de fazê-la. Mas como ele manifestou orgulho ao recebê-la! "E sabeis também vós, ó filipenses, que no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo, no tocante a dar e receber, senão unicamente vós outros" (Fp 4:15). A congregação em Filipos devia entender que um favor lhe fora prestado. Mas Jesus tinha muitos benfeitores. Judas "carregava o que era dado" - isto não dá a idéia de que eles faziam discriminação quanto à origem das ofertas. Lucas fala expressamente acerca de "muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens" (Lc 8:3). Em Sua humildade, Jesus aceitava de todas elas, não compartilhando da jactância do Seu apóstolo: "Sou livre de todos."

"Ele dá mais livremente do que recebe, fazendo desta forma seu devedor o doador do presente." Elias agiu de acordo com a máxima de Aristóteles, em relação à viúva de Zarefate. O seu milagre recompensou ricamente aquela mulher pela comida e bebida que ela lhe havia dado, transformando-o rapidamente de devedor em benfeitor (1 Re 17: I4s.). Jesus sempre rejeitou a idéia de demonstrar a Sua superioridade, fazendo uso dos Seus poderes miraculosos, e em toda a Sua vida Ele aceitou humildemente o que Lhe foi dado.

Porém, o que falamos já é suficiente, acerca dAquele que disse acerca de Si mesmo: "Sou manso e humilde de coração" — e por isto não combinou com o retrato ideal que os Seus contemporâneos haviam criado do homem sábio, de mente privilegiada. A Sua insensatez era-lhes aparente ainda em outra forma: em Sua paciência e gentileza.

Os profetas do Senhor haviam vindo ao seu povo com uma mensagem simples. Eles a pregavam, e ao mesmo tempo previam o castigo que se seguiriam se a mensagem fosse rejeitada. Jesus procurou as pessoas com uma paciência que era simplesmente incompreensível tanto para judeus como para gentios; sem orgulho, condescendência ou mau humor. Que diferença entre Geazi e Judas, ambos ladrões! Geazi roubou em uma única ocasião — se aquilo pode ser chamado de roubo, pois ele meramente aceitou um presente sem o conhecimento de seu senhor — e como castigo ele foi ferido de lepra. Judas roubava continuamente — e era um tipo de roubo particularmente feio, da bolsa comum do pequeno grupo de homens — mas Jesus pacientemente conservou-o ao Seu lado (Jo 12:6; 2 Re 5:25ss.).

Os contemporâneos de Jesus ficaram ainda mais aborrecidos quando, em face de insultos, a Sua paciência transformou-se em suavidade. Tanto para judeus como para gentios, havia somente duas maneiras pelas quais um insulto podia ser enfrentado com dignidade; ele podia ser devolvido

ou, se isso fosse impossível, podia ser orgulhosamente ignorado. Em ambos os casos o sentimento de superioridade se conservava, e não havia uma terceira saída. A lei de Moisés tornava compulsório o pagamento exato do mal ou prejuízo infringido (Gn 21:23; Dt 17:21), e os profetas agiram de maneira semelhante (Jr 11:18, 21ss.; 20:2, 6; 28:10,16s.). Sócrates dizia ser uma qualificação viril vencer os amigos fazendo o bem, e os inimigos ferindo-os. Aristóteles declara que "só quem tenha natureza de escravo suporta insultos ou os negligencia em seus companheiros," E Esopo e Platão não contradizem este ponto de vista, quando dizem: "É melhor sofrer prejuízo do que causá-lo." Porque não é errado, mas é um privilégio sagrado devolver insultos. E que fazer se não for possível exercitar esse privilégio? Então os insultos devem ser sabiamente ignorados. Não foram os estóicos os primeiros a descobrirem este tipo de sabedoria, pois, a respeito do mesmo assunto, Aristóteles já havia dito: "O homem de mente elevada desdenha insultos, especialmente os de homens de baixa estirpe." Jesus, todavia, não empregou nenhum destes métodos ao relacionar-Se com os Seus perseguidores. A Sua mão não realizou nenhum milagre de vingança, os Seus lábios não ordenaram nenhum castigo para subjugar os Seus oponentes; e também, Ele não ignorou orgulhosamente os insultos, mas condescendeu em responder até a um servo que Lhe havia ferido (Jo 18:23). Que insensatez do Filho do homem! Nem a este respeito Ele Se enquadrou nas idéias da Sua época, quanto ao significado da verdadeira grandeza.

Podemos aproveitar esta oportunidade para dizer uma palavra acerca do silêncio de Jesus (Mt 26:63; 27:12-14; Lc 23:9). Outros homens também, reconhecidos como grandes e sábios, têm se apresentado diante dos juízes, mas souberam como se conter e fazer com que a sua superioridade fosse sentida até pelos que os acusavam. Pense em Sócrates; durante o discurso que ele fez em sua própria defesa, os seus acusadores finalmente ficaram ali, sentados, como se fossem a parte culpada. Epaminondas, acusado em uma questão de vida e morte, tinha apenas um pedido a fazer: que eles esculpissem em seu túmulo: "Epaminondas foi sentenciado à morte pelos tebanos, porque forçou os lacedemonianos à vitória em Leuktra. . . e porque não desistiu da batalha enquanto não cercou a cidade." Como essas palavras irritaram o povo! Como fez subir o rubor da vergonha às faces dos juízes! Ou então, leia as palavras que os sete irmãos, nos dias dos macabeus, lançaram à face de Antíoco, o tirano, enquanto morriam (2 Mac. 7:14, 17, 19, 31, 34-37). Jesus conservou-Se calado — diante do Sumo Sacerdote, diante de Pilatos, diante de Herodes — sempre houve o mesmo silêncio. Parecia que a Sua mente estava tão confusa que Ele não soube como defender-se; e um homem culpado também fica em silêncio. Verdadeiramente, o homem natural não pode encontrar o caminho da Sua glorificação em Seu silêncio. Se tão somente o orgulho do desdém se tivesse irradiado desse silêncio! Contudo, encontramos aí algum resquício dele? Jesus quebrou o Seu silêncio várias vezes, diante de Pilatos, e dirigindo-se ao servo. E o resultado foi que o mundo manteve a sua opinião: aqui não temos nenhum sábio, nenhum nobre, nenhum homem de tirocínio segundo a carne.

A gentileza de Jesus para com os Seus oponentes foi ultrapassada por outra característica que pareceu ao mundo ainda mais néscia. Foi o Seu amor para os Seus inimigos.[14]

Como já mencionamos, Sócrates assevera que é virtude viril vencer os amigos por fazer o bem, e os inimigos ferindo-os. Em pleno acordo com este preceito, os antigos se apegavam à idéia de vingança, "Não é doce o desdém que zomba do inimigo?" pergunta Atena a Sófocles. O homem que não procurasse vingar-se se tornava desprezível. A vingança fazia parte da justiça. Na época de Jesus, quase se pode dizer que Israel vivia alimentado pela vingança. No livro de Wallace, *Ben Hur,* Simonides diz: "Vingança é o direito dos judeus, é a lei," e Ben Hur replica: "Um camelo, até mesmo um cão, lembra o mal que lhe foi feito." E aqui esse romance captou o espírito da época.

[14] As pessoas falam muitas vezes como se o amor pelo inimigo devesse ser encontrado no Antigo Testamento, citando para confirmar essa idéia Levítico 19:18 (Ex. 23:4,5; Pv 24:17). Mas nestas passagens "próximo" certamente significa somente os outros membros da tribo; e a opinião de Jesus, até mesmo deste amor natural para com os judeus, era baixa, pois Ele declarou que, do ponto de vista moral, ele (o amor) era sem valor (Mt 5:47). Além disso, o Antigo Testamento mostra de maneira suficientemente clara que até esse amor pelo inimigo que pertencesse à mesma raça era assunto duvidoso entre os judeus (cf. Sl 28:3,4, com a expressão "próximo", e nossas observações ulteriores a respeito do assunto). Mas no que concernia ao estrangeiro, a adição tradicional: "Odiarás o teu inimigo" (Mt 5:43, uma ordem, e não apenas uma permissão dada), expressava plenamente o espírito do Antigo Testamento (cf. Dt 15:3;23:20s.).

Tanto entre judeus quanto entre gentios, porém, esta sede de vingança admitia que o inimigo fosse poupado, se estivesse em aflição. "Odiei quando foi nobre odiar," diz Sófocles, e em seguida: "Compadeço-me até do meu inimigo, quando ele está em aflição." Aristóteles dá expressão à opinião generalizada, quando diz: "É indigno de um homem culto tornar-se forte às custas dos fracos." A história sagrada oferece, no Antigo Testamento, exemplos suficientes dessa mentalidade elevada para com o inimigo que estivesse em condições de inferioridade (2 Re 6:22; 2 Cr 28:15; 1 Sm 24:6; 2 Sm 4:11; Pv 25:21; Ex 23:4s.). Porém, em outros casos, pouco se sabia acerca de amor para com o inimigo; a retaliação era o ideal.

Todavia, no curso do tempo, a experiência ensinou que nem sempre era possível retaliar, revidar, e entre os estóicos encontramos muitas vezes uma fria resignação ou renúncia neste aspecto, bem como em outros. "Isso não me atinge." "O único inimigo do homem é aquele que o atinge," reflete Epíteto, "mas se renunciares às propriedades visíveis, nenhum homem poderá injuriar-te, não poderás ter inimigos." Da mesma forma Diógenes já afirmara: "Aquele que necessita de libertação precisa procurar um amigo verdadeiro, ou um inimigo mortal." Plutarco escreveu um ensaio a respeito da arte de fazer uso do inimigo. Por meio desses ardis, o inimigo se tornava inexistente, e a inimizade se tornava coisa sem importância. Mas essa indiferença certamente não era amor.

Também em Israel, o revide nem sempre podia ser usado. Mas o homem religioso havia encontrado outra maneira de provar a sua superioridade sobre o seu inimigo. Onde a sua própria mão era impotente, ele deixava a vingança por conta de Deus (Dt 32:35; Jz 16:28). Depois de tudo, um pedido de vingança podia ser feito a Deus (Rm 12:19; Eclesiástico 28:1). Precisamos pensar tão somente nos Salmos imprecatórios para nos lembrarmos das erupções dos sentimentos mais intensos, que expressavam a sede de vingança que bem conhecemos (Sl 94:1; 28: 4: 58:7ss.; 69:23ss.; 109:6ss.). Mas os livros dos profetas também estão cheios de orações para que Deus vingue o Seu povo (Jr 11:20; 15: 15; 18:23; 20:12, etc). Tome apenas um destes exemplos; como o capítulo 17 de Jeremias: "Sejam envergonhados os que me perseguem, e não seja eu envergonhado; assombrem-se eles, e não me assombre eu; traze sobre eles o dia do mal, e destrói-os com dobrada destruição" (v. 18). E então, contraste esta passagem com João 17 — a cena diante do Sumo Sacerdote. Ou, um contraste ainda mais agudo: compare o grito de vingança emitido pelos santos do Antigo Testamento (cf. 2 Sm 22: 48; Ne 6:14; Eclesiástico 25:10, para não falar do livro de Ester, que está cheio da idéia de vingança) com a oração de Jesus na hora da Sua morte. Que insensatez do Filho do homem! Mesmo aqui, aos olhos do mundo, Ele contradisse o ideal que o coração humano havia estabelecido como de verdadeira grandeza e de superioridade sobre o inimigo.

Jesus Se coloca como insensato em Seu relacionamento com os filhos dos homens. Desejamos encerrar esta parte de nosso estudo com uma palavra acerca da forma pela qual Jesus serviu os homens. Quanto a este aspecto também, no mundo antigo, houve duas maneiras pelas quais o homem de pensamentos elevados podia relacionar-se com seus semelhantes. Ele podia zombar deles e desdenhá-los, evitando-os, distante e auto-suficiente, como se para ele o mundo não existisse; ou podia habitar entre eles, mas como alguém que dominava sobre eles para o bem deles.

Os sete sábios da Grécia, com exceção de Tales, eram todos autoridades do Estado. Uma das frases atribuídas a Sócrates, embora sem provas, diz: "O filósofo (o homem de discernimento) precisa também ser governante." Platão diz: "Se os filósofos não são também os governantes, e se o poder do Estado e a filosofia não caminham de mãos dadas, infindável é o sofrimento do Estado e da humanidade." Através da boca de Telêmaco, Homero canta bisonhamente: "Eu aceitaria alegremente o poder de reinar, se Zeus mo enviasse! Ou você pensa que esta é a pior coisa que pode acontecer? Verdadeiramente, não é nada mau governar."

Os judeus pensavam de maneira idêntica. Os fariseus e os Saduceus, os "homens de discernimento" em Israel, ocupavam o governo como fato natural. Esse era o lugar adequado para homens de cultura. Além disso, o bem estar do povo parecia exigi-lo, pois só assim os cidadãos podiam ser compelidos, pela força se necessário, a fazer o que era bom para eles. Neemias, em sua época, seguiu a mesma linha (Ne 13:7ss.). Matatias e seus amigos compreenderam a sabedoria

dessa atitude (1 Mac. 2:44-48). E agora vinha Jesus, cujos serviços para os outros não tinha perspectivas de lucro: "o Filho do homem veio não para ser servido, mas para servir" (Mt 20:28). Uma vez, por ocasião da purificação do Templo, Ele empregou a força, como Neemias havia feito (Jo 2:15); isto teve seu efeito, estando de acordo com o espírito dos grandes (v. 18). Mas Ele jamais repetiu esse feito: nunca mais empregou a força em Sua maneira de tratar os homens, mas enveredou pela trilha de serviço que não levava a parte alguma — que insensatez do Filho do homem! Como podia Ele esperar, seguindo essa trilha, e durante a duração de uma vida, alcançar grandeza no sentido mundano?

***

No entanto, há uma segunda maneira pela qual Jesus violou o ideal entesourado nos corações de Seus contemporâneos; um segundo ponto em que Ele exibiu uma falta de majestade, de grandeza, de elevação de alma — em suma, uma falta de tudo o que se esperava de um sábio. Para o mundo da época, Jesus parecia um louco, pelo fato de submeter-se ao destino que Lhe coube.

Na época de que estamos falando, a razão via duas maneiras pelas quais o espírito do homem podia alcançar domínio sobre o mundo exterior: mais uma vez, esse mundo exterior podia ser dominado ou ignorado. A princípio, com a impetuosidade da juventude, a filosofia grega tentou o primeiro destes caminhos. Mas quando isso levou ao desengano, os estóicos tomaram emprestada a sabedoria de Diógenes como sua máxima: o desdém para com o mundo exterior devia ajudar a mente a assumir uma posição de dignidade, elevando-a acima de tudo o que inquietava as sensibilidades ou emoções. Epíteto compara a vida a um banquete, e descreve o seu objetivo: "Se não tomas nada do que te é oferecido, mas o encaras com indiferença, serás não apenas um conviva, mas um governante na companhia dos deuses. Desta maneira Diógenes, Heráclito e outros semelhantes a eles, ganharam o epíteto divino que lhes foi atribuído." E a fim de que a sua pregação não contradissesse os seus atos, esse escravo antigo, cujo livro-texto compara-se aos melhores quanto ao seu ensino moral, dentre todos os livros da antiguidade, passou a viver na mais abjeta pobreza, mesmo depois de libertado; as suas únicas propriedades eram um banco, um travesseiro e uma lâmpada.

Entre os judeus também encontramos as mesmas duas formas pelas quais o espírito humano tentou estabelecer a sua superioridade sobre o mundo exterior. Davi e Salomão eram personagens brilhantes, tripudiando sobre nações; o esperado Filho de Davi devia exceder os Seus ancestrais a este respeito. Havia também as figuras selvagens, estranhas, vestidas de pelos de camelo e com um cinto de couro - mesmo antes dos dias do tisbita — cuja majestade consistia em escarnecer de tudo o que fosse terreno. Mas, o que dizer de Jesus? Onde O colocamos? A sua atitude faz lembrar muito a ampla mediocridade que não tinha muito de si mesma, mas que recebia tudo o que lhe era oferecido. Ele aceitou um convite para um casamento (Jo 2); desfrutou de todos os prazeres inocentes (Lc 15:23, 25b — no meio de uma parábola muito séria); Ele irritou os fariseus, tomando lugar à mesa do rico (Lc 5:29; 19:2,5); Ele não rejeitou o presente precioso, quase extravagante, da unção com perfume (Jo 12:5); Ele vestiu alegremente uma capa cara (Jo 19:23); Ele nunca foi uma prova contra pedidos insistentes; contudo, nunca desempenhou o papel de herói, no sentido em que o mundo o entendia. Ele manifestou cansaço, sentou-se (Jo 6:6); se tinha fome, Ele fazia o máximo para satisfazê-la, mesmo quando estava em viagem (Mt 21:18s.); quando teve sede, Ele pediu algo para matar a sua sede. Certa vez Alexandre derramou no solo magnanimamente um elmo cheio de água, quando a sua língua estava apegando-se ao céu da boca. Este Jesus por duas vezes pediu água, em circunstâncias em que o homem nobre, de sentimentos elevados, teria preferido morrer de sede; Ele pediu-a de uma mulher samaritana, e dos Seus carrascos.

Já falamos da posição dominante que os sábios da antiguidade deviam assumir, em desfrutar ou fazer uso do mundo exterior. Mas esperava-se que Ele, também, mostrasse como dominava este mundo, pela maneira como Se recusasse a permitir que o Seu coração fosse profundamente comovido pelas circunstâncias exteriores.

Cinco dias antes do Seu triunfo, Lucius Emilius Paulus, vencedor de Perseu, Rei de Macedônia, perdeu o seu filho mais jovem; e cinco dias depois da vitória, o seu filho mais velho morreu. No discurso ao povo, segundo o costume, aquele homem desolado disse: "Eu orei para que, se o infortúnio devia vir, que os deuses me visitassem a mim, e não ao meu país. A minha oração foi respondida. A minha tristeza teria sido ainda mais profunda se os deuses tivessem ferido a vocês." Isto pode parecer como bombástico ou como auto-promoção, porém verifica-se que era o que se esperava obviamente de qualquer homem que quisesse ser considerado "grande" naquela época. "Quando encontrares alguém lamentando-se," diz Epíteto, "não deixes de consolar a sua tristeza com palavras de razão, mesmo que precises chorar com ele. Mas impeça que o íntimo do seu coração seja atingido." "Ele gemeu no espírito" — é desta forma que o Evangelho (numa tradução literal) expressa a profunda emoção que apoderou-se de Jesus, diante do túmulo de Lázaro, forçando-o a derramar lágrimas (Jo 11:33). E Ele chorou também sobre Jerusalém (Lc 19:41), contrariando o conselho dado por Epíteto aos sábios: "O caminho da liberdade encontra-se em ignorar as coisas que não conseguimos controlar." Horácio diz que o melhor, quiçá o único meio de se alcançar a paz da mente, é não admirar nada e não se agitar por nada. Jesus ficou tão profundamente comovido com a morte de João, que partiu para o deserto, para ali recuperar a paz mental. (Mt 14:13). Em todos estes casos Ele Se demonstrou muito agitado pelo curso dos eventos, para ser considerado grande ou sábio segundo o juízo da Sua época.

Focalizemos agora uma questão muito importante: a da coragem de Jesus. Coragem (valor) é uma das quatro virtudes cardeais expostas por Platão. Quando medido segundo os padrões dos Seus contemporâneos, Jesus pareceu até certo ponto — embora não totalmente — desprovido de coragem. Podemos estudar mais detidamente, em primeiro lugar a Sua coragem na vida, e depois a Sua coragem na morte.

Os homens de maior resistência conhecidos pelos gregos eram os homens de coragem. Odisseus perdeu muita coisa — quase tudo — mas conservou a sua coragem, o seu ânimo. "Mesmo que os deuses me persigam pelos mares mais tenebrosos, eu o suportarei; meu coração se acostumou ao sofrimento." Aristóteles admite que o homem de sentimentos nobres não "se lança ao perigo por coisas pequenas" — ele também é consciente do seu próprio valor — contudo, acrescenta: "Mas por amor às coisas grandes, ele enfrenta perigos galhardamente, considerando a sua vida como nada, como se não valesse a pena viver." Um homem deve ter vergonha de ter medo. Mas quando à confiança em Deus experimentada pelos piedosos se acrescenta o valor humano, são forjados homens para quem o medo é um sentimento desconhecido. Neste sentido Paulo foi um homem destemido. Ele ergueu um monumento à sua coragem no capítulo 11 da sua Segunda Epístola aos Coríntios (vv. 24-27) - não por vaidade, mas em sua defesa própria. Em Jesus, pelo contrário, parecemos nos encontrar com cuidados que de forma alguma combinam com a varonilidade. Ele preferiu permanecer na Galiléia; fugiu para o deserto; chegou a recorrer ao território gentílico, constrangido em todos os casos pela Sua prudência (Mt 4:12; 12:15; Mc 11:19; Lc 21:37; Jo 7:1; 11:54). Chegamos a nos defrontar com a desagradável palavra "secretamente (Jo 7:10) e, o que é igualmente mau, "Jesus Se ocultou deles" (Jo 8:59; 12:36). Mais tarde, o Seu apóstolo protestou quando ia ser julgado secretamente, provavelmente sentindo que tal "sigilo" era aviltante (At 16:37). Para Neemias parecia pecado esconder-se (Ne 6:11,13). Aristóteles declara abertamente que "o sigilo é conhecido apenas dos medrosos." Não obstante, Jesus o praticou voluntariamente. Os Seus contemporâneos podem ter deplorado a falta de majestade e de grandeza nesta maneira de agir. Parecia que Lhe faltava coragem.[15] Foi mais evidente a Sua coragem, quando chegou a hora da Sua morte?

Encontramos no mundo pagão exemplos esplêndidos de coragem em face da morte. As palavras de Sófocles podem servir como lema a este respeito: "Viver e morrer gloriosamente, estes são os deveres do homem nobre."

Pense nos guerreiros — em um Epaminondas, que em grande agonia, deixou o aço ficar na

[15] "A coragem é a mais disseminada de todas as virtudes humanas." Chamberlain, Foundations. Os oponentes primitivos do Cristianismo, um Celso ou um Juliano, apontavam zombeteiramente para Jesus, que tremeu e vacilou em face da morte.

sua chaga, até receber notícias da vitória, quando ele o arrancou, com um grito de triunfo em seus lábios abatidos: "Já vivi o suficiente, pois morro invicto!". Em um Leônidas com os seus trezentos companheiros, que se ungiram e se adornaram quando perceberam que a morte lhes seria penosa; em um Agague, que aproximou-se de Samuel a passos largos, para receber o golpe de misericórdia, com os olhos fulgurantes e estas bravas palavras em seus lábios: "Certamente a amargura da morte já passou" (1 Sm 15:32). Deixando de lado os guerreiros, pensemos nos heróis da fé na antigüidade. Aqui podemos citar Sansão, derrubando as colunas do templo filisteu sobre a sua própria cabeça (Jz 16:29). *Impavidum ferient ruinae:* que as ruínas cubram um homem impávido. E também há os heróis da época dos macabeus. Quantas pessoas morreram alegremente naqueles dias (2 Mac. 6:27; 7:12, 30, 40)! Tanto o mundo judaico como o pagão manifestaram coragem ao morrer. No entanto, havia uma diferença entre eles: uma intensidade ligeiramente maior em um deles. O que Bulwer-Lytton diz em *Os Últimos Dias de Pompéia*, na excelente descrição que faz de um pagão e de um cristão, pode ser citada aqui, com pequenas alterações: "O pagão não recua; mas o judeu grita de alegria." Este último via a perspectiva de coisas melhores (2 Mac. 7:36).

E como foi que Cristo Se defrontou com a morte? No Getsêmane, a luta foi prolongada durante três atos; no entanto, no fim do segundo, e outra vez no término do terceiro, Ele alcançou somente resignação. Será que Sócrates, o estóico moribundo, não se saiu melhor do que isso? Vemos nele o medo da morte que é visível não apenas no Getsêmane, mas em palavras como as citadas por Lucas: "Tenho um batismo com o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize (Mt 26:37s.; Lc 12:50)? O relacionamento de Jesus com os discípulos foi o de um amigo que precisava de amigos: "Ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26:38). Aristóteles expressou a opinião da sua época, quando escreveu: "Para ter a mente elevada o homem não pode ter necessidade de ninguém, ou tê-la dificilmente." Na hora da morte, Sócrates foi tão grande que embora os seus discípulos estivessem precisando dele, ele não precisava deles. Jesus, em Suas últimas horas, sucumbiu completamente; Ele tropeçou sob o peso da cruz; Ele pediu água; e então ouviu-se o grito de angústia do fundo da Sua alma: "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?" Isso assemelha-se à coragem em face da morte? Estaria o discípulo acima do seu Senhor quando, em circunstâncias similares, a face de Estêvão resplandeceu como a face de um anjo (At 6:15)?

A luz desta questão se torna ainda mais desfavorável quando consideramos o que significou essa morte tão elogiada — a redenção do mundo. "É doce morrer pela pátria" - os filhos mais nobres do mundo antigo expressaram estas palavras com atos, num espírito alegre. Para citar apenas um exemplo: quando Leônidas ficou sabendo através do oráculo que "ou cai a cidade, ou o rei morre," continuou com olhos fulgurantes, a fim de oferecer-se como sacrifício. Mas Jesus devia morrer pela humanidade — isso não devia ser ainda mais doce? No entanto, Ele manifestou tamanha debilidade de coração! Até nas reflexões de João, que mais se aproximam desse espírito de alegria (Jo 12:24; 14:27-30; 15:13-16), evidencia-se alguma apreensão e hesitação (Jo 12:27). Devia esse Homem ser considerado sábio, nobre, e de sentimentos elevados por Seus contemporâneos? Não. Ele lhes parecia ser um tolo em Sua submissão ao destino que Lhe sobreviera.

E agora, no fim deste capítulo acerca da insensatez do Filho do homem, consideremos ainda mais um ponto: a conduta de Jesus para com a Sua mãe. Como Ele pisou deliberadamente sobre os laços que unem os filhos aos pais, irmãos com irmãos! Não fora o próprio Deus que formara esses laços humanos naturais? E ali estava Jesus, asseverando que Ele viera para desfazê-los! O severo tisbita, certa vez permitira voluntariamente que Eliseu, o escolhido, voltasse ao lar pelo última vez para abraçar seu pai e sua mãe, ao despedir-se (1 Re 19:20). Mas este Jesus não permitiu nem que um filho voltasse ao lar para sepultar o seu pai (Lc 9:59; Tobias 4:3). A que extremos não iria o povo daquela época, para lançar uma porção de terra sobre o cadáver de um ente querido? A fama de Agostinho, nestas circunstâncias, não é imarcescível? (cf. Tobias 2:3,9). Sob que prisma a revolução desta forma introduzida por Jesus no pensamento religioso e moral da época colocou este Nazareno, aos olhos dos Seus contemporâneos, entre os nobres da época? Em resposta às súplicas de sua mãe, Coriolano voltou atrás quando havia chegado até às próprias muralhas de Roma. Entre

os judeus sempre se considerara as grandes promessas que esperavam por aqueles que honrassem a seus pais (Ex 20:12; Ef 6:2). Em certa ocasião a mãe de Jesus também pensou que iria exercer o seu direito de maternidade sobre Jesus, durante a festa de casamento em Caná. Todavia, em termos claros, o seu Filho recusou-se a reconhecer-lhe qualquer autoridade nesse sentido (Jo 2:4). Um segundo encontro com Sua mãe nos parece ainda mais drástico. Ele estava em Cafarnaum, pregando em uma casa. Ela estava lá fora, — provavelmente depois de uma viagem, vinda de Nazaré — e, desejando falar-Lhe, mandou-Lhe um recado. E o que foi que Jesus fez? Respondeu ao mensageiro: "Quem é minha mãe?" E então, estendendo o braço em direção aos discípulos, disse: "Eis minha mãe!" (Mt 12:46ss.). Talvez mais tarde Ele tenha ido para vê-la. Porém, mesmo que Ele tivesse ido imediatamente, que prelúdio difícil haviam sido estas palavras, de um encontro com a mulher que Lhe havia dado à luz!

Jesus apareceu a inúmeras pessoas depois da Sua ressurreição, sendo a primeira delas uma mulher que estava necessitando de consolo. Mas nada nos é revelado de qualquer aparecimento para Sua mãe, que precisava de consolo mais de que qualquer outra pessoa. Essa conduta porventura teria parecido nobre aos humanos olhos dos Seus contemporâneos?

***

Neste capítulo obrigamo-nos a provar que, pelo menos a alguns respeitos, a aparência que temos de Jesus não foi inventada por um grupo de judeus agradecidos e gentios extasiados, que Lhe atribuíssem entusiasticamente tudo o que eles sabiam ser nobre, grande e sábio, humanamente falando. Creio que ficou claro que o retrato de Jesus não contém nada da sabedoria da Sua época. Todavia, talvez seja possível provar que houve um pequeno círculo de pessoas, uma espécie de seita que se estava formando naqueles dias, que cultivava uma estranha preciosidade: uma espécie de perversão de sentimentos? Que diríamos se Jesus fosse

O fruto maduro de um jardim de emoções humanas assim peculiar? Que diríamos se as qualidades consideradas admiráveis por esse círculo singular Lhe tivessem sido atribuídas, e sob as mãos amorosas e adornadoras desse pequeno grupo de pessoas, Ele tivesse crescido, até tomar a forma que agora temos? Uma figura assim não acabaria sendo obra das mãos dos homens?

Tentemos, no capítulo seguinte, encontrar uma resposta para estas perguntas.

(Veja, no Apêndice, na p. 000, um estudo de "Duas Paixões:" a morte de Sócrates e a morte de Jesus.)

CAPÍTULO 3

A OPOSIÇÃO DENTRO DO SEU PRÓPRIO CÍRCULO

"Olhamo-lo mas nenhuma beleza havia que nos agradasse."

Isaías 53:2

"És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro? "

Mateus 11:3

Certamente há uma forma de remover o significado apologético que atribuímos às coisas que eram ofensivas em Jesus. Isso desapareceria completamente se pudesse ser provado que havia um círculo de pessoas de opiniões as mais peculiares, e ideais os mais estranhos, pelo qual a semelhança de Jesus tivesse sido cunhada. Então poderíamos dizer: este é o pequeno jardim onde a figura retratada de Jesus foi plantada e cuidada pelo amor devoto de um reduzido grupo de pessoas, e onde ela cresceu naturalmente — a planta não era de origem celestial. Porém, uma única crítica tornaria tal idéia insustentável. Só precisaria ser indicado que o próprio círculo de homens que nos apresentou a imagem de Jesus era por si mesmo uma divergência aguda com ela. Esta é a posição que agora nos propomos a estudar: Jesus levantou-se em contradição não apenas ao espírito da Sua época, mas também ao espírito de Seus discípulos. O retrato pintado por eles estava continuamente em discordância com as idéias que esposavam.

Para começar, os discípulos tiveram que se ajustar à origem dEle. O fato de que Ele veio de Nazaré suscitou oposição não apenas entre os fariseus, conhecedores da Lei (Jo 7:52: "Examina, e verás que da Galiléia não se levanta profeta") e entre o povo do qual eles eram líderes (v. 41: "Porventura o Cristo virá da Galiléia?"), mas obrigou os lábios do apóstolo a formularem a pergunta: "De Nazaré pode sair alguma cousa boa?" (Jo 1:46).

Mas os discípulos se opunham ainda mais frontalmente à maneira como Ele fez o Seu primeiro aparecimento em público. Pois os Doze, mais do que para qualquer outra pessoa, esperavam que Ele redimisse a Israel. Eles criam que já haviam vislumbrado reflexos do diadema real por baixo da capa da Sua humildade. Os filhos de Zebedeu falaram francamente: "Permite-nos que na tua glória nos assentemos um à tua direita e outro à tua esquerda" (Mc 10:37); mas os outros discípulos também muitas vezes abrigaram esses pensamentos em seus corações (Mc 9:34). A indignação suscitada pelos Filhos do Trovão não era nada mais do que inveja pelo fato de esses dois estenderem a mão mais cobiçosamente do que os outros. Por que será que Jesus apressou tanto os discípulos a partirem rapidamente na tarde em que alimentou a multidão, não descansando enquanto não Se livrou deles? (Mc 6:45). Não seria porque ele sabia da oposição que eles levantariam ao Seu serviço pelos outros, e porque tinha conhecimento de como o coração deles estava apegado à dominação? E foi naquela mesma tarde que o povo deveria ajuntar-se e desejar torná-lo rei (Jo 6:15). Ele precisou lembrar aos Doze a oração que Ele mesmo lhes ensinara: "Não nos deixes cair em tentação."

Era quase inevitável que essa falsa expectativa do reinado de Jesus fosse a fonte de grande parte da sua oposição ao Mestre. Eles não podiam entender nem o Seu interesse em pequenas coisas, nem a Sua humildade e mansidão. Eles o perscrutavam constantemente com olhos que esperavam vê-lo lançar de si a capa de humilhação a qualquer momento, e aparecer em esplendor régio, e assim eles deviam achar que Ele estava sendo tão somente sobrecarregado e impedido pelas multidões que se comprimiam ao redor dEle, procurando cura.

"Despede-a," recomendaram eles, quando a mulher de Canaã correu atrás dEle (Mt 15:23). "Cala-te!" disseram eles ao cego que estava à beira do caminho (Lc 18:39). Pois lhes parecia que o Messias tinha coisa melhor a fazer do que gastar o Seu tempo com mendigos, cuja importunação é conhecida por todas as pessoas no Oriente. Os seus corações se encheram de antagonismo, quando O viram desperdiçando os Seus pensamentos com uma mulher (Jo 4:28); e quando o povo ousou

perturbá-lo com seus filhos, eles interferiram, expulsando as mães e seus filhinhos, comum sentimento de justa indignação (Mc 10:13).

E depois, havia a Sua humildade. Foi provavelmente não apenas Pedro quem protestou contra o fato de Jesus lavar os seus pés naquela noite final (Jo 13:6). Mas ele, de língua tão ágil, expressou o que todos estavam sentindo. Para todos eles aquele exemplo de serviço da parte dAquele que esperavam fosse um exemplo de realeza (Is 9:6; 11:3,4) era completamente incompreensível.

E também, eles não conseguiam entender a Sua mansidão. "Ele ferirá a terra com a vara da Sua boca, e com o sopro de Seus lábios destruirá o ímpio" - isso era o que eles haviam aprendido a esperar de seu Messias, e foi esta expectativa que os levou a recomendar, de maneira bastante natural: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" (Lc 9:54). Na última noite eles não puderam entender a tristeza dEle quando eles, cheios de confiança, mostraram-Lhe duas espadas (Lc 22:38), e tentaram despertá-lo da Sua indiferença, dizendo: "Senhor, feriremos à espada?" (Lc 22:49).

Foi exatamente nos últimos dias da Sua vida que a resistência deles alcançou o seu ponto mais elevado. De fato, o Senhor deles havia tentado prepará-los para esses dias, mas de que adiantara Ele lhes falar da Sua morte iminente? Pedro chegou mesmo a começar a repreendê-lo (Mc 8:32). E pode ser dito de todos os discípulos que "eles não compreendiam isso" (Mc 9:32). Isso ultrapassava o entendimento deles como algo acerca do que todas as profecias sobre o Messias vindouro riam zombeteiramente.

A imagem que temos dEle naqueles dias foi gravada sob fortes protestos do círculo de discípulos. Jesus tomara providências para que, debaixo dessa intensa oposição, a fé que eles tinham não fosse destruída completamente. Foi por isso que, quando o anúncio da Sua morte iminente pareceu lançar dúvidas quanto às mais gloriosas profecias, Ele apareceu diante dos olhos esgazeados de Seus três discípulos escolhidos de pleno acordo com as representações da lei e dos profetas, como garantia de que as profecias seriam completamente cumpridas (Mc 9:2). Logo de início Ele lhes falara do traidor — sem outro objetivo que não fosse, como Ele mesmo explicou, preservá-los da dúvida acerca da Sua pessoa, que o advento daquela noite incompreensível poderia suscitar (Jo 13:19).

Desta forma, o cuidado tomado por Jesus era bastante necessário. Quando chegou a hora, todos ficaram ofendidos com Ele (Mt 26:31, 56). Mesmo no dia da ressurreição (Lc 24:11), e até mesmo mais tarde, o antagonismo pode ser verificado bem claramente (Jo 20:25). Ele mesmo ajudou-os a vencer esta dificuldade pela intercessão (Lc 22:32); e outra vez, quando Ele lhes apareceu como testemunha viva. Desta forma, foi o próprio Jesus que suscitou nos corações relutantes dos Seus discípulos a imagem do Messias que para eles era uma grande decepção.

*** * ***

Se é necessário apresentar provas da forte oposição exercida pelos Seus próprios discípulos, mediante a qual a imagem de Jesus foi formada, não podemos nos refrear em observar o uso que os apóstolos e evangelistas fizeram das Escrituras. Esses homens, que criam nas Escrituras, precisavam provar o messianismo de seu Senhor, com passagens do Antigo Testamento. A Sua imagem, de fato, era quase um escândalo em comparação com as expectativas vétero-testamentárias. Portanto, era da maior importância que no dia de Páscoa Jesus expusesse as Escrituras a dois de Seus discípulos em Sua longa caminhada com eles na estrada deserta que ia para Emaús (Lc 24:32), dando um novo significado a profecias bastante conhecidas, apontando para aquelas que haviam sido negligenciadas, e acalmando os seus corações ansiosos e decepcionados, pelo uso dessas próprias passagens vétero-testamentárias. Daquela hora em diante os discípulos se apressaram a vindicar no Antigo Testamento a imagem ofensiva de Jesus, provando que Deus planejara que a Sua vida fosse o que fora, e desta forma tentando silenciar o antagonismo dos seus próprios corações naturais, bem como dos corações dos outros. Ao fazê-lo, a torção coercitiva que eles mais de uma vez exerceram sobre as profecias do Antigo Testamento

correspondia exatamente à compulsão que eles próprios haviam sofrido por causa da decepção da imagem de Jesus.

As citações das Escrituras que temos em mente só podem ser entendidas depois de doloroso esquadrinhamento. O fato de tais citações vétero-testamentárias forçadas terem sido descobertas, foi devido apenas ao fato de as características em questão, na imagem de Jesus, serem tão estranhas aos discípulos. A busca de um coração ansioso, anelando por segurança, fê-lo transformar o que era repulsivo em algo aceitável para si mesmo e para os outros. Nada expressa mais claramente o processo que se desenvolveu do que a frase de João: "Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então eles se lembraram de que estas cousas estavam escritas a respeito dele" (Jo 12:16; cf. também 20:9). Quando a Sua vida se tornou patente diante deles em todas as suas minúcias, as palavras do Antigo Testamento que eles haviam procurado e tão alegremente encontrado, e que nunca haviam considerado antes, tornaram-se um conforto adicional para os seus corações.

Vejamos como funcionou a mente dos discípulos, estabelecendo alguns exemplos instrutivos. O *Nazareno* era uma ofensa para o homem natural. A profecia não falava claramente de Belém? Será que há alguma menção da Galiléia? Contudo, Deus não mente; e assim, eles esquadrinharam todo o Antigo Testamento procurando o Nazareno, até que Mateus descobriu a *nezer* (vara) de Isaías (Is 11:1; Mt 2:23).[16] Assim, com considerável perícia, eles justificaram o Galileu. As circunstâncias humildes da infância de Jesus eram dignas do Filho de Deus? A fuga para o Egito? O fato de bebês inocentes terem sido destruídos pela mão de um assassino por causa dEle? Mas através de Oséias Deus havia dito acerca do Seu povo Israel: "Do Egito chamei o meu filho" (Os 11:1). E em Jeremias (31:15), Raquel, como ancestral do povo, chorou pelos filhos de Israel mortos nas montanhas. Ora, isso parecia um indício que podia ser usado para confirmar o destino repreensível que coube a Jesus (Mt 2:15, 18).

Tinha sido uma ofensa o fato de Jesus ter aparecido primeiramente na Galiléia; foi ainda mais estranho o fato de que, quando Ele apareceu, foi rejeitado. Em Isaías (9: 1ss.; Mt 4:12) eles descobriram um testemunho do Seu ministério inicial da Galiléia, e ali também uma explicação da inexplicável incredulidade com que Ele Se defrontou (veja Is 53:1, (6, 9; Jo 12:38-40).

Ninguém havia pensado nEle como médico, ninguém esperava que Ele gastasse tanto do Seu precioso tempo entre os miseráveis, os doentes, os epiléticos. Mas o coração que resistia aos fatos era acalmado por uma palavra forçada das Escrituras, como Isaías 53:4 (Mt 8:17).[17]

Que dizer do fato de que Ele foi entregue tão vergonhosamente às mãos do inimigo por um de Seus próprios discípulos? A morte do traidor foi usada para provar que a sua traição fora ordenada por Deus, e havia sido predita pelos salmistas e os profetas (Sl 69:26; 109:8; At 1: 20; Zc 11:12s.;Mt 27:9).

É absurdo ter opinião contrária, como Strauss e outros o fizeram, asseverando que pelo fato de Isaías ter falado da *nezer* ou Moisés da *nasir*, Jesus precisava sair de Nazaré; que os Seus poderes de cura foram inventados por causa de Isaías 53:5; o Seu corpo não foi molestado na cruz por causa de Êxodo 12:46; que Zacarias 12:10 deu origem à história da lança que abriu o Seu lado, e o Salmo 22:16, ao grito emitido na cruz: "Tenho sede." Isso não pode ter acontecido. Esses incidentes da vida de Jesus nunca foram inventados para enquadrar-se com uma crença comum entre o povo, mas, pelo contrário, com a convicção de que Jesus era de fato o Messias, o Antigo Testamento foi interpretado e explicado até que as características que eram uma ofensa para o coração dos homens foram justificadas com base nas profecias. Os evangelistas não se esquivaram em empregar certas arbitrariedades nessa busca e exposição, a fim de vencer a oposição dos corações ofendidos do povo.[18]

---

[16] Ou então, no nasir de Moisés (Dt 33:16).

[17] Até o primeiro evangelista, erudito nas Escrituras, não pode encontrar enunciação profética mais aplicável. Foi tão difícil descobrir no Antigo Testamento qualquer profecia direta a respeito dos poderes terapêuticos de Jesus! (Is 35:5 apenas apresenta um quadro da reabilitação de Israel no sentido das expectativas do povo.)

[18] A interpolação feita pelo quarto evangelista: "Vendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir a Escritura," seguida do grito "Tenho sede," parece-me ser devida ao mesmo desejo de vencer a oposição. Assim, este grito, por causa do qual Celso escarneceu de Orígenes ("Ele não conseguiu suportar a sede, como homens inferiores a Ele o

* * *

Todavia, há um terceiro ponto que precisa ser estudado, se quisermos entender plenamente a oposição à imagem de Jesus que se levantou entre os Seus discípulos. Durante toda a vida deles a figura de Jesus pareceu-lhes, em certos aspectos, estranha; na verdade, eles jamais se acostumaram com ele.

Claro que não estou pensando aqui da pecaminosidade natural dos Doze. É indubitável que nenhum dos apóstolos estava livre de pecar. Mas isso é diferente. Esses discípulos jamais entenderam os pensamentos todos de seu Mestre, e este fato em particular mostra em que alto grau a aparência desse Homem era anti-natural e estranha para eles, e como ela tinha pouca afinidade com os seus corações: por toda a vida eles entraram em conflito com ela.

Esta idéia não é de forma alguma monstruosa. Todo mundo admite, por exemplo, que em relação à doutrina, Tiago jamais atingiu, tanto quanto somos capazes de perceber, a plena compreensão do dom da salvação, que Paulo tinha. Por que, em relação à compreensão de uma idéia referente a questões morais não podemos pensar que o mesmo atraso ocorreu no entendimento de um apóstolo de Jesus? De fato, é fundamentalmente muito mais fácil que isso tenha acontecido, porque em questões como essas o coração se envolve muito mais. Embora o Espírito de Deus não tivesse constrangido o coração dos Doze, mas os sujeitara a um demorado processo de santificação, ainda assim a razão deles poderia estar envolvida no processo. Mas no segundo caso, tanto quanto no primeiro, não se pode esperar que neste mundo pelo menos a mesma conclusão seja alcançada em todos os casos por todas as pessoas.

Parece-me possível ser provado que, na vida dos apóstolos há inúmeras características das quais precisamos concluir que aqueles homens não haviam entendido ainda o exemplo do seu Mestre. Jesus não empregou nem uma vez os Seus milagres como veículos de punição. Não é estranho que o principal apóstolo, em um dos primeiros de seus milagres (At 5:9; cf. o primeiro milagre de Paulo) tivesse voltado a mergulhar na trilha dos operadores de milagres do Antigo Testamento? (Veja o caso paralelo em II Re 5:25ss.). É verdade que Deus, em Sua misericórdia onisciente sabia como transformar o ato de Pedro em uma bênção. ("Sobreveio grande temor a toda a igreja."). Porém, a não ser que empreguemos considerável sutileza, é difícil dissociar este milagre das palavras de repreensão pronunciadas por Jesus: "Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc 9:55). E também, ele havia advertido os Filhos do Trovão: "Não quero que mandeis descer fogo do céu para consumi-los"; agora, depois da ascensão, Ele permitiu que Pedro se levantasse por si mesmo e agisse como achava melhor. Pense também no apóstolo que respondeu quando foi repreendido, e ameaçou quando devia sofrer (At 23:3ss.; cf. 1 Pe 2:21, 23). A repreensão de Paulo foi tudo, menos mansa - "Parede branqueada!" disse ele ao homem que o havia ferido. As suas ameaças foram violentas: "Deus há de ferir-te." E quando protestaram as pessoas que o rodeavam, ele só pediu desculpas por ter injuriado o sumo sacerdote. Esse mesmo apóstolo, escrevendo a Timóteo, apontou um inimigo pessoal: "Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras".[19]

Mesmo que isso fosse apenas um desejo, ou talvez um pronunciamento profeticamente adequado, não há nada que sirva de paralelo a cena assim na vida de Jesus, embora o possamos encontrar na vida dos profetas e de seus contemporâneos (2 Sm 3:39; Jr 20:2ss.).

Em Apocalipse faz-se ouvir um grito pedindo vingança, de debaixo do altar, das almas dos que foram decapitados: "Até quando, ó Soberano Senhor. . . não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" Como desculpa para esse desabafo diz-se que essas almas estavam preocupadas em sustentar o renome, a santidade e a verdade do Senhor deles. Porém, estariam Jesus e Estêvão preocupados com as mesmas coisas? Contudo, eles oraram: "Pai, perdoa-lhes." "Senhor, não lhes imputes este pecado."

---

suportaram muitas vezes"), e que o próprio João não mencionou com liberdade, justificou-se da mesma forma como Orígenes mais tarde justificou-a para o pagão escarnecedor: "Eis que era necessário que a profecia se cumprisse."

[19] Mais uma vez, exemplos do Antigo Testamento (Sl 79:10; 94:1).

Até uma passagem como 2 Tessalonicenses l:6ss. não atinge o padrão estabelecido por Cristo. Certamente, a justiça de Deus deve ser preservada e louvada, como sagrada e solene. Mas Cristo olhou para o juízo vindouro com um coração cheio de piedade e tristeza, enquanto que Paulo escreve a seu respeito sem poder esconder uma ponta de satisfação pessoal.

Em Romanos 12, qual é a maior vitória reivindicada sobre a ira e a inimizade? Não é a indiferença, combinada com o pensamento consolador de que a vingança pertence ao Senhor, e que Deus recompensará (v. 19)? Mas Jesus rogou ao Pai que Se refreasse de vingar-Se. Como os discípulos entenderam mal a figura dEle![20]

Na Primeira Epístola de Pedro (1 Pedro 2:21) o apóstolo vê diante de seus olhos a figura paciente de Jesus, e ao vê-la, desiste de todas as ameaças e maldições. Não obstante, ele não consegue deixar de sugerir que um homem, suplicando em amor, não deve prever a expectativa da punição dos seus inimigos; de fato, ele diz que Jesus também "entregava-se àquele que julga retamente." Mas este certamente não é o caso. Pelo contrário, Jesus orou a Seu Pai: "Não os condenes!"

A este respeito, só Estêvão permanece nas mesmas alturas solitárias que seu Mestre (At 7:59).

E claro que o círculo dos discípulos não se opunha *conscientemente a*o seu Mestre. Nos dias da Sua carne, pode ser que o fizessem (indo até o ponto de repreendê-lo — Mt 16:22); mas nenhum apóstolo se opôs deliberadamente a Ele depois da Sua ascensão. Não obstante, até mesmo nos dias imediatamente seguintes ao Pentecoste, os discípulos falharam, de vez em quando, em se libertarem dos ideais fomentados pelo Antigo Testamento, nos quais haviam sido criados. Mas esta é uma prova nova e particularmente forte de que o Jesus dos Evangelhos não poderia ter-se originado no poder inventivo dos Doze, mas pelo contrário, apresentou-se no meio deles enquanto os seus ouvidos estavam ainda fechados, e seus olhos cegos para a Sua beleza sobrenatural.

***

Agora, todavia, chegamos a uma inconsistência ainda mais aguda; um dos homens que Lhe era mais íntimo perdeu-se; alguém que pertencia ao Seu círculo mais íntimo feriu-o. Como é que esta figura podia ser inventada, se a imagem de Jesus tivesse sido formada pelos Seus discípulos?

Que decepção deve ter existido no advento de Jesus, a ponto de João Batista, que havia sido iluminado de maneira tão clara a respeito dEle (Jo 1:27-29), e que até mesmo havia recebido confirmação através de uma visão (Jo 1:32-34), não conseguiu aceitá-lo como Ele era, mas começou a duvidar se ouvira direito a voz de Deus (Mt 11:3)!

Nos primeiros dias depois de Jesus aparecer em seguida à sua reclusão na Galiléia, João começou a duvidar dEle (Mt 3:14). Parecia-lhe estranho que aquele Homem se dirigisse a ele para ser batizado. O batismo nas águas, ministrado por João, tinha um caráter definido agudamente: era um batismo de arrependimento (Mt 3:11); o povo vinha e confessava os seus pecados (Mt 3:6), e depois o batismo se tornou com efeito um batismo de arrependimento para a remissão de pecados (Mc 1:4). Mas, por que Jesus estava entre essa multidão de pessoas que esperavam? O que tinha Ele a ver com um batismo de arrependimento ou confissão de pecados? E o Messias devia curvar a cabeça diante do Seu arauto? Mas João Batista silenciou as suas dúvidas naquele dia, decidido a esperar e ver o que aconteceria (Mt 3:15).

E então, vieram os dias em que Jesus, com a Sua mão curadora, começou a estar entre os doentes, infelizes, a multidão de desesperados. Sem dúvida Ele era superior a João a este respeito, pois este não realizou milagres (Jo 10:41). Mas a cura não era um dos deveres do Messias. Deus devia estar certamente com aquele Homem, mas sinais poderosos do poder de Deus para fazer maravilhas não provavam que Ele era o Messias. E João ficou esperando ainda mais.

Nesse ínterim as atividades terapêuticas de Jesus continuaram, e a Sua pregação começou a

[20] No livro judaico de Sohar há uma passagem que corresponde exatamente às palavras de Paulo: "Um homem não deve apressar-se em tomar vingança; é melhor que ele deixe a vingança por conta de Deus" (cf. Dt 32:43; 1 Co 16:22; Gl 1:9 também estão abaixo do nível de Cristo).

assumir um caráter que confundiu João. Ele começara a obra do Reino como se fosse do início, ou, para expressar toda a natureza ofensiva do Seu método, nas palavras da parábola, Jesus saiu como semeador. De fato, João pretendera, ele mesmo, fazer aquilo — como poderoso pregador de arrependimento, espalhar a semente da qual se levantaria um povo preparado (Lc 1:17). Mas Jesus devia vir como Senhor da colheita, para abanar o grão, queimar a palha, e armazenar o trigo (Mt 3:12). Os dias do Messias deviam ser dias de acerto de contas. Antes de tudo, um dia terrível — o dia do juízo. Para alguns deveria haver um batismo de fogo, para os outros um batismo do Espírito Santo (Mt 3:7, 10, 11). Depois disso, um dia glorioso, glorioso como a aurora, o dia do estabelecimento do Reino (Mt 3:2). Através dos séculos Deus falou tão freqüentemente e de tantas maneiras pelos profetas, e o homem que reuniu todas as profecias anteriores não esperava mais palavras dAquele que viria depois dele, mas atos. E agora Ele vinha como semeador! Assim, a oposição de João aos métodos de Jesus cresceu, até que ele ficou inteiramente confuso; e as portas do Reino do Messias se fecharam para ele, pelo menos durante a sua existência terrena.

*** * ***

Este antagonismo aos métodos de Jesus levou Judas a um rompimento muito mais irreparável para com o seu Mestre. Acerca de João Batista, dissemos que Jesus como semeador era uma decepção para ele. Foi Jesus como servo que levou Judas à queda.

João, o evangelista nos apresenta dois indícios do desenvolvimento interior desse homem infeliz. O primeiro data do dia quando muitos dos discípulos de Jesus voltaram atrás, e daí em diante não andaram mais com Ele (Jo 6:66). Foi então que Judas rompeu com o Mestre. Jesus o percebeu claramente, dizendo com muita tristeza: "Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo" (Jo 6:70). Tentemos entender o estado de coisas naquele dia.

Não há a menor dúvida de que todos os discípulos, ao se tornarem seguidores de Cristo, criam que Ele iria cumprir as esperanças nacionais e políticas da nação. Nisto eles eram semelhantes às outras pessoas piedosas da época (Lc 1:71, 74). Tendo em mente esses objetivos, e conhecendo que Ele os havia escolhido para serem Seus companheiros, eles devem ter tido as suas ambições, esperanças, e desejos mundanos. Pensando nos dias vindouros do reino do Messias, eles disputavam entre eles acerca de quem seria o maior dentre eles (Mc 9:34). Os Filhos de Zebedeu já queriam assegurar para si os lugares mais próximos do trono (Mc 10:37). Judas, também, pensando nos dias do futuros, muitas vezes tecera para si próprio, silenciosamente, um tecido esplêndido de esperanças e expectativas radiosas. Ele tinha um talento especial, em direção que era estranha aos homens simples do círculo dos discípulos, e em que geralmente os filhos deste mundo ultrapassam os filhos da luz. E Jesus, reconhecendo esse talento, lhe havia confiado uma atribuição especial. Encorajado por isto, que expectativas felizes devem ter-se formado na mente ambiciosa de Judas! E então chegou o dia que João nos descreve, quando Jesus rejeitou a coroa que Lhe foi oferecida (6:15). Para Judas, o desengano foi fulminante. Os filhos de Zebedeu conseguiram se reconciliar com a frustração das suas esperanças, mas Judas não conseguiu fazê-lo. Ele nunca se recuperou daquele golpe. A decepção que ele experimentou nessa ocasião foi irreparável. Enquanto que muitos de Seus seguidores, profundamente desapontados, abandonaram Jesus depois daquele dia, na alma de Judas o entusiasmo radioso do passado se transformou em uma amargura igualmente apaixonada contra Aquele que havia desiludido as suas mais caras esperanças.

Em sua amargura ele se tornou pequeno e mesquinho. Pelo menos, desde então, ele começou a se enriquecer mediante os furtos cometidos contra a bolsa, vingando-se assim do Senhor a quem servira, e de quem esperara uma recompensa muito maior (Segundo indício de João: 12:6). "Aqui está o ponto em que se torna claro que as mais elevadas esperanças terrenas distam apenas um passo da busca vulgar de dinheiro e possessões."

É verdade que no fato de Judas ter traído Jesus pode ser que a cobiça monetária não tenha sido o fator determinante. Muito mais provavelmente foi um ódio mortal que deu origem àquele ato infamante. O seu comportamento insolente, desavergonhado, por ocasião da Última Ceia, mostra a raiva cega que havia naquele espírito obscurecido. Judas não se importava com o fato de Jesus

poder ver através dele. De fato, ele queria que Ele soubesse que pelo menos ele, Judas, não se havia entregue a queixas, nem O perdoara por ter desiludido as esperanças de todos os discípulos.

***

Dolorosamente, a imagem de Cristo se gravou no coração até mesmo dos que gozavam mais profundamente da Sua confiança. Dois desses discípulos foram destruídos por ela; de acordo com Jesus, um deles, irrevogavelmente (Mt 26:24). Mas quando, por fim, Ele tornou-se visível aos olhos do espírito, nenhum dos outros poderia ter dito: "Eis que Ele é carne da minha carne, e osso dos meus ossos." Pelo contrário, Ele parecia ser, para eles, uma criação de Deus, em que o Altíssimo não fizera uso de nada que pertencesse aos filhos dos homens. Porém — e esta é a conclusão a que chegamos neste capítulo — aqui não temos nenhum jardim peculiar onde a figura maravilhosa de Jesus tivesse atingido o seu crescimento natural sob os cuidados de mãos humanas.

CAPÍTULO 4

JESUS EM CONTRADIÇÃO COM AS NOSSAS IDÉIAS

"E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço ".

Mateus 11:6

Quão fácil é ser desencaminhado por Jesus! "

HEUBNER

Nem o judaísmo nem o paganismo, nem mesmo o pequeno círculo dos Seus discípulos provaram conclusivamente serem o solo em que a figura de Jesus foi alimentada. Pelo contrário, o mundo em que Ele viveu acabou sendo inadequado, de todas as formas, para produzir esta forma divina, mesmo como um produto da imaginação. Nas Suas características mais importantes e determinantes, Jesus foi um estranho para a Sua época. Isso é de se admirar? Não estamos todos nós em conflito com Ele? Que tal se devêssemos estar sempre em contradição com os pensamentos e idéias dos homens, enquanto essas existirem? Esta é a posição que agora precisamos considerar: Jesus ainda está, hoje em dia, em contradição com o pensamento de toda a humanidade; isto porque o homem *natural,* pelo fato de estar manchado pelo pecado, O considera um inimigo.

A oposição da época em que vivemos tem mais significado do que qualquer coisa que observamos até agora. Porque nós, filhos do século XX, estamos acostumados à história de Jesus, e fomos criados segundo a Sua maneira de pensar. O cristianismo se tornou a religião comum, e, tendo sido alterada em muitos aspectos, ela se ajustou a nós, de várias maneiras, como um paletó velho e confortável que agora vestimos sem mesmo pensar. E não obstante, o Fundador do Cristianismo não continua em conflito com as nossas idéias? Como Ele nos é estranho e diferente! Em comparação com a maneira de agir dos homens terrenos, os Seus modos de agir parecem ter sido trazidos de longa distância — do céu.

Jesus em oposição aos pensamentos dos Seus cristãos! Falemos primeiramente da hostilidade *consciente.*

Há nomes ilustres dentre as pessoas que ficaram ofendidas pela insensatez do Filho do homem, agravada pela Sua maneira humilde de enfrentar a inimizade. Em uma carta de Frederico, o Grande, para Voltaire, vemos como o imperador se opunha frontalmente ao Nazareno, ou, como ele cria, aos que O haviam inventado. "Se doze vagabundos fossem capazes de encontrar uma religião que exibisse a maior insensatez, certamente seria fácil livrar o mundo deste absurdo." Goethe, em um dos seus Epigramas Venezianos, demonstra um desgosto fundamental, não menos profundo, pelos métodos de Jesus, por serem opostos aos ideais humanos.[21]

> *Vieles kann ich ertragen. Die meisten beschwerlichen Dinge Duld'ich mit ruhigen Mut, wie es ein Gott mir gebeut. Wenige sind mir jedoch, wie Gift und Schlange zuwider; Viere: Rauch des Tabaks, Wanzen und Knoblauch und Kreuz.*[22]

Menos ferinamente, mas ainda na mesma linha de pensamento, um homem letrado de nossa época disse: "Não suporto a história insípida dos sofrimentos de Cristo."

Nesse ínterim, não apenas indivíduos em particular, mas grupos de pessoas se têm colocado, até hoje, em antagonismo direto e consciente com a elogiada imagem de Jesus. Ele não agrada nem os fortes nem os fracos. Essas duas classes desenvolveram um código moral, e ambas

[21] Goethe admite que naquela época, na Itália, ele ficara embuído de um "ódio realmente 'juliano' pelo cristianismo."

[22] "Posso suportar muito, sofrendo as coisas mais desagradáveis enviadas pelos deuses, com calma coragem. Mas quatro coisas eu odeio como veneno e serpentes: a fumaça do tabaco, piolhos, alho e a Cruz."

romperam inteiramente, com ódio furioso, com o código de Cristo. Consideremos primeiramente o código dos fortes.

O nome mais atraente que lhe foi dado é o código do super-homem, e o seu líder é Friedrich Nietzsche, criador do Anti-Cristo. Em oposição consciente a Cristo, ele tentou uma "reavaliação de valores." Para ele as virtudes cardeais são: poder, esplendor, dignidade, tudo o que for esteticamente belo e forte. É possível colocar-se "além da virtude e do vício" no sentido costumeiro. O que os homens chamam de bem e mal coloca-se como um mar de nuvens abaixo dos pés dos grandes, dos fortes, dos poderosos, dos esplêndidos — um mar que eles, levantando-se nos píncaros das montanhas, deixaram bem abaixo. O ideal de Nietzsche e o "desenvolvimento desses grandes" até "a mais elevada magnificência e poder." Desse ponto de vista o Cristianismo é para ele a "rebelião de escravos na história da moralidade." Os "muitos" venceram os "grandes indivíduos." "O código dos fracos, dos covardes, dos abjetos, dos doentes, isto é, o código de ama-teu-próximo, de humildade e piedade, tornou-se vitorioso." Nietzsche chamou o Cristianismo de "religião da emasculação." "Rogo-vos, por meu amor e esperança, a não lançar o herói para fora da vossa alma." A resignação e a paciência submissa do ensino cristão parece, para ele, doutrina falsa. A moralidade que prescreve piedade, renúncia, justiça, retidão, mansidão, amor fraternal, parece-lhe mutiladora e enervante. O miserável e fraco código cristão de piedade e seus ideais ascéticos, são culpados do fato de "o tipo mais elevado e mais magnificente de homem jamais se evoluiu." Nietzsche alcunha o Cristianismo de "ética do rebanho," "moralidade de escravos," "sistema para governar sem dificuldades e servir com alegria." Aqui, certamente, vemos uma vez mais o antagonismo inerente ao homem natural Àquele que é, em sua maneira de pensar, o insensato Filho do homem, um antagonismo que se torna poderoso devido ao ódio.

Um coro de discípulos fez eco aos pontos de vista de Nietzsche, e ele se tornou algo próximo a um filósofo da moda. E, de maneira totalmente inesperada, uma gota do veneno de Nietzsche pode ser encontrada em mais de uma obra moderna de grande aceitação. Pense em *Sunken Bell,* de Gerhard Hauptmann, obra que foi imensamente popular quando apareceu. Nela, o pastor fala ao Mestre Henrique:

Sei de uma coisa que não sabes mais:
A diferença entre o certo e o errado.

Henrique, todavia, como um super-homem de Nietzsche, tem orgulho da sua ignorância, e replica:

E Adão não o sabia no Paraíso.

Aqui temos novamente o incensado "além do certo e do errado." O homem que tinha tanto orgulho acerca de si mesmo suspira, enquanto no leito de morte:

O sol virá! A noite tem sido tão longa...

Ele refere-se à noite do preconceito, da moralidade dos pequeninos, do Cristianismo resplandecentemente ascético, e ele espera que por fim raie o sol de uma humanidade desimpedida, jovial.[23]

Contudo, além do código dos fortes, temos o código dos fracos, em revolta semelhantemente aberta contra figura que para o cristão é mais sagrada do que qualquer outra. Qual é o ideal daqueles que foram tratados de modo hostil pelo destino, os que não são super-homens e que estão nos degraus mais baixos da escada? Eles não se permitem satisfazer-se com

[23] O famoso livro de Waldemar Bonsel, *Voyage to índia,* também deve ser lembrado a este respeito. Mais de uma vez ele zomba desapiedadamente dos missionários evangélicos, porém, como representante da humanidade liberada, o seu verdadeiro antagonismo é obviamente contra Alguém muito maior, de Quem essas pessoas "de mente simples" são servas.

nada; eles empregam a força quando possível; eles se vingam quando podem. Os homens do rebanho, bem como os super-homens, zombam da paciência, da mansidão, da humildade ensinada pelo Cristianismo. A frase de Jesus, que soa como ouro puro: "Bem-aventurados os que sofrem por causa da justiça" lhes dão motivos para risos. E como é repudiado amargamente o humilde Filho do homem, o paciente Cordeiro de Deus, o silente Jesus que nunca respondeu e nunca ameaçou quando sofria!

Há outra forma de expressar a antítese que há entre o código dos fortes e o dos fracos que, como Herodes e Pilatos, se combinaram contra o Nazareno. Ele é a antítese entre o individualista e o socialista, que se unem em oposição a Cristo. Falando dos individualistas, estamos pensando especialmente nos mais pronunciados dos individualistas modernos, o norueguês Henrik Ibsen, por exemplo, que atraiu muitas mentes modernas para o seu círculo encantado. Em uma das suas primeiras obras, *Emperor and Galilean*, Ibsen expressou a opinião fundamental à qual permaneceu fiel: "A beleza antiga não é mais bela, e a verdade nova não é mais verdade." Depois do reinado da verdade (o cristianismo) e o da beleza (o mundo antigo), precisa vir um terceiro reinado, em que esses dois estejam unidos. Ibsen estava trabalhando em prol desse terceiro reinado. "O que é necessário é o revolucionar do espírito do homem." Ele quer uma liberação dos chamados instintos naturais. "Ficarei satisfeito com a curta duração de minha vida, se ela servir para preparar a têmpera do amanhã." Como será esse "terceiro nível", ele não sabe. Ele tem uma consciência fria e clara de que a sua obra não produzirá nada mais do que dissolução e destruição. Isso é tão assustador quanto pernicioso. Mas o que nos interessa é a profundidade do antagonismo contra Cristo, combinado com uma forma cristã de pensar. As palavras de Rückert ainda são válidas:

Weh', Mann Gottes dir, wenn du vorm Mann der Welt Deine Himmel-sweisheit willst entfalten.
Eh'er sich vor dir für einen Toren hält, Wird er dich für einen Toren halten.[24]

De fato, foi reservado a um de nossos contemporâneos o inglório privilégio de expressar o sentimento mais inaudito e monstruoso de todos a este respeito. O médico chefe de um asilo provincial de loucos ousou apresentar como sua a opinião de que "do ponto de vista de um psicólogo," Jesus era louco.

No entanto, mais importante do que tudo o que já estudamos até aqui, parece-nos o antagonismo a Cristo em círculos em que as pessoas se orgulham de estar dentro da sucessão cristã. Elas se dizem cristãs piedosas, e imitadoras de seu Mestre, contudo formam para si próprias ideais que, se forem discernidos claramente, jamais seriam aprovados por Cristo. E esses ideais não são meramente idéias equivocadas de cristãos, individualmente; não, elas estão bem próximas da propriedade comum do povo cristão. Elas são as reflexões inocentes do coração natural, adâmico, que ainda está em desacordo com Cristo, e, mesmo em território cristão, ainda não experimentou uma regeneração radical. A nossa atitude para com o mundo, que geralmente é considerado como suficientemente cristão, está participando mais do que pensa desse antagonismo a Cristo.

Para citar apenas um ou dois pontos: como é que, por exemplo, os cristãos encaram a honra mundana? Até mesmo um Krummacher canta a este respeito: "A honra é doce se nosso coração nos diz que nossa cabeça merece a coroa." Isto nos faz lembrar Aristóteles, e os nossos sentimentos são bem expressos por Shakespeare, quando diz:

Certamente, ser grande
É não se perturbar sem grandes argumentos;
Mas é grandiosidade discutir por uma palha,
Quando a honra está em jogo.

O mesmo poeta, grande juiz da natureza humana, tem outra passagem que, infelizmente, é

[24] Ai de ti, homem de Deus, se tentares ensinar sabedoria celestial a um homem do mundo. Ao invés de admitir a sua própria insensatez, ele te chamará de insensato.

aplicável a muitos cristãos:

A preocupação com a honra
Reina absoluto no peito de todos os homens.

Ele não tem a intenção de demonstrar que essa preocupação é fraqueza, mas sim o ideal de naturezas sadias e fortes. Como Jesus raciocinou de maneira diferente! [25]

Em íntima conexão com a maneira como o cristão considera a honra mundana, encontra-se a sua maneira de avaliar a humildade. As palavras do Príncipe Bismarck, nos dias emocionantes que se seguiram à sua demissão, suscitaram simpatia geral: "Não posso concordar com uma coisa dessas," declarou ele, e depois: "Falta-me a necessária humildade cristã" (risadas). O sentimento natural, a este respeito é confirmado por um juiz tão severo do cristianismo como Hilty *(Gluck):* "O livro-texto de Epíteto," disse ele, "merece ser mais lido nas escolas, pois o estoicismo é muito atraente para a mente ambiciosa do adolescente, entre as pessoas de mais cultura, enquanto que o Cristianismo pressupõe uma humildade que não pode ser nativa ao estudante." Beyschlag concorda com esta opinião, quando escreve em suas memórias, a respeito de um professor do ginásio de Frankfurt: "O seu ideal era certamente humanístico; mas ele tinha um ideal, que podíamos entender e usar. (O nobre e belo *Kalosagathón.)* Não desejamos exatamente ver a humildade colocada no mesmo pé de igualdade com a pureza de coração, mas estamos procurando um laço mais estreito de união entre a grandeza e a virtude." Lembremos os versos de Schiller a este respeito:

Nur Zwei Tugenden gibt's. O waren sie immer vereinigt,
Immer die Güte auch gross, immer die Grösse auch gut![26]

Será que estamos tentando misturar os sentimentos pagãos, de "ser sempre o primeiro, e esforçar-se mais do que o resto," com a pureza crista de coração, formando um único produto? Todos nós estamos em divergência com Jesus, perturbando-o com coisas pequenas, de somenos importância, e somos como o comentarista bíblico deste século, que não consegue descobrir nenhuma justificativa para a conduta de Jesus no episódio do lava-pés, declarando que não conseguiu encontrar nenhuma edificação em tal prova de humildade.

Quando falamos acerca de humildade, lembramo-nos, também, do humilde grupo de pessoas que Jesus reuniu, e a oposição entre os cristãos não ficou silenciosa a este respeito. Até agora olhamos com suspeita para o Seu relacionamento com as classes desprivilegiadas, para a Sua intimidade com os párias. "O homem, conhece-se pelos seus amigos" é um provérbio que a experiência nos mostrou ser confiável. Consideramos que é nosso dever moral ordenar os nossos relacionamentos, de forma que eles reajam à nossa mente enobrecendo-a e enriquecendo-a. "Desejemos sempre o que é bom, e apeguemo-nos ao que é mais nobre." Schiller também escreve:

Hast du etwas, so teile mir's mit, und ich zahle was recht ist.
Bist du etwas, O dann tauschen die Seelen wir aus.[27]

Quanto a dar e receber, também, o homem de mentalidade nobre, hoje em dia, está apto a ser mais sensível e retrógrado do que Jesus. Em seu livro *Ingo,* Gustav Freytag apresenta uma descrição dos turíngios em Waldlauben, que expressa o ponto de vista moderno. "Todos achavam que o senhor era honrado em dar, mas o servo era honrado em receber a dádiva." Kant declara-o como um princípio: "Não aceite benefícios sem os quais você pode passar." "Pobreza imerecida

[25] Pode ser que o cristão não procure honra nem fama, porém isto não significa que ele não desfrute do reconhecimento que Deus permitir que a sua obra mereça do mundo. Pode ser que ele fique ainda mais satisfeito com esse reconhecimento, por consistir em um alicerce sólido para mais trabalho.
[26] Só há duas virtudes. Oh, que elas sejam sempre combinadas: que a bondade fosse sempre grande, e a grandeza boa!
[27] "Se você possui algo, reparta comigo, e eu lhe pagarei o que for justo. Se você é algo, que as nossas almas tenham uma doce comunhão."

torna o homem orgulhoso," diz Goethe, *Hermann und Dorothea.* E Tellheim, no mesmo espírito de orgulho, diz a Werner: "Não é adequado que eu me torne seu devedor." Mas Raccaut parece ser desprezado por sua mente aberta neste assunto de aceitar presentes:

FRAÜLEIN: Você acha que ele levaria a mal se eu lhe oferecesse algo?
FRANCISCA: A mim ele não parece esse tipo de homem.

A sabedoria humana ainda crê que "Rápido em dar, tardio em pedir, esses são os costumes da nobreza."

Todavia, deixemos o assunto da humildade, e passemos a examinar os sentimentos da nossa época com relação à paciência e mansidão. Primeiramente ouçamos o que Goethe escreveu:

Was bringt in Schulden?
Harren und dulden!
Was macht gewinnen?
Nicht lange besinnen!
Was bringt zu Ehren?
Sich wehren![28]

Estranhamente, há uma curiosa coerência de opinião com respeito ao conceito que o povo faz do homem e sua atitude rebelde a essas duas virtudes. Em *Soll und Haben,* Bernard Ehrental, já no leito de morte, sussurra: "Tentarei provar que o homem perfeito revida com interesse todo golpe que lhe é desferido pelo destino." Em *King Mark,* a piedosa filha do mestre faz eco ao mesmo sentimento: "Se eu fosse homem, eu também teria castigado o beleguim,"[29] Macbeth, personagem de Shakespeare, pergunta:

A sua paciência é tão predominante em sua natureza
Que isto pode passar despercebido? Você é tão crente
A ponto de orar por este bom homem e seu problema,
Ele, cuja mão pesada encurvou você até o túmulo,
E levou as suas mãos à miséria para sempre?

E a resposta vem:

Somos homens, meu senhor.

Em *Hypatia,* descreve-se Filemom no navio dos godos: "Mas o monge era um homem, um rapaz, que não tinha a intenção de morrer sem ser vingado, e sem lutar." E o Chanceler de Ferro, que é considerado, em muitos aspectos corretamente, como o padrão da verdadeira virilidade da nossa época, publicou o seguinte, em um de seus artigos no jornal *Hamburger Nachrichten:* "O príncipe está acostumado desde a mocidade a devolver golpe por golpe; ele tem sempre, por assim dizer, a atitude de um duelista, e pode asseverar que os atos falam mais alto que as palavras." É pequeno assim o progresso que a mansidão e a paciência fizeram em nosso pensamento moderno! As francas palavras de Hebbel são tiradas diretamente da vida hodierna: "O leitor provavelmente está pensando consigo mesmo; "Logo o francês abaterá o hussardo, e já está esperando esta cena acontecer." Estas são as palavras usadas: "Já está esperando esta cena acontecer."[30] Goethe está

[28] O que nos produz tristeza? Sofrimento e resignação!
O que nos ajuda a sair vitoriosos? Não é a decisão paciente!
O que nos causa honra? A manutenção de nossos direitos!

[29] O beleguim havia espancado um velho que estava trabalhando, e fora castiga do pelo Rei Marcos com seu próprio chicote.

[30] Em *Emília Galotti* os nossos sentimentos são afrontados, se pensarmos que o príncipe escapa sem castigo. E o poeta tem que pedir desculpas pela parte que ele desempenha na peça, dizendo: "Esta vida é tudo o que os maus têm." Ele

certo ao dizer: "Agrada-nos e lisonjeia a nossa vaidade ver um herói agindo independentemente, amando e odiando como o seu coração lhe dita, comprometendo-se a realizar uma tarefa, e levando-a a cabo; vencendo todos os empecilhos do caminho, ele alcança o alvo que havia colocado diante de si." Mas paciência e mansidão pareceriam pedras no caminho para esse herói, e não se enquadrariam com o ideal que acariciamos em nossos corações. "Que não fiquem sem punição aqueles que tripudiam sobre os nossos direitos" (Kant).

E agora, chegamos ao amor pelo inimigo. Aqui, não estamos preocupados apenas com o período do alvorecer do Cristianismo. Gustav Freytag, escrevendo a respeito daquele período em *Ingraben,* coloca na boca de Bruno, filho de Bernardo, estas palavras: "O ensino deles acerca do amor nos mostra que os cristãos se firmam nas Escrituras que lhes foram dadas por um Deus. Pois é mais possível mandar um deus fazer algo inumano, do que um homem." Ebers descreve o mesmo período em seu livro *Homo Summ,* em que Estêvão diz: "É quase inumano perdoar um inimigo."[31]

Mas o que desejamos trazer à baila é a atitude moderna, que se torna visível logo que o assunto é levantado. "O consolo do homem é a vingança." Outrora, quando um cavaleiro recebia a sua promoção, era-lhe desferido um golpe, com uma espada, para lembrar-lhe que aquele era o último golpe que ele deveria sofrer sem revidar. Como esta convicção está profundamente arraigada hoje em dia nos corações daqueles que entre nós não são os piores! Ela é usada como um muro de defesa para proteger o hábito ineludivelmente não-cristão do duelo. E mesmo que às vezes perdoemos o nosso inimigo, fazemo-lo por razões assás inadequadas. "Quem desperdiça a sua ira com homens sem valor, é como um corvo caçando um rato" *(King Mark).* Ou, como diz Hebbel: "O homem que não é digno do meu amor, é indigno do meu ódio."

O povo da nossa época também não entende o serviço de Jesus em prol dos outros. É verdade que um dos nossos grandes homens nos deixou estas palavras: "O príncipe é o servo do Estado." Porém, isto acrescenta um toque real ao serviço de Jesus em prol dos outros? Esta frase tão conhecida só significa que o governo do príncipe deve ser para o bem do seu país. Mas o "grande" ainda está muito acima do povo comum, forçando os seus semelhantes a ficarem debaixo de seus pés. Para eles, é suficiente o que é feito para o seu bem.

Talvez tenhamos dito o suficiente acerca da maneira como os homens agem uns para com os outros. Agora consideremos a atitude do herói ou do grande homem para com o mundo que o acossa com a sua amargura e a sua doçura. Quanto a este aspecto, Jesus escapa à oposição de nossos pensamentos?

O domínio sobre a natureza é, para nós, uma característica do retrato ideal do herói. "Mesmo quando estava realmente cansado," escreve Stuhlmann acerca de Emin Pasha, "ele nunca permitia que isso fosse notado." "Jesus, cansado da viagem, assentara-se junto à fonte."

"É privilégio dos grandes ocultar as suas lágrimas." "Jesus chorou."

"Há naturezas que são grandes através do que alcançam, e outras através do que desdenham." (Grimm). Como Jesus esteve longe de qualquer dessas características, quando viveu em nossa terra!

Será que as opiniões do povo da nossa época acerca da coragem do homem na adversidade, diferem das do mundo antigo? À mente pensadora, parece que Jesus não estava mais em oposição aos ideais do homem?[32] Apresentemos uma seleção de citações de nossos pensadores e escritores, como resposta a esta pergunta — citações que facilmente poderiam ser multiplicadas:

---

também o desculpa louvando o ato paternal levado a efeito em favor de Emília: "Que ela não seja digna do que eu faço em seu favor."

[31] Quanto a este assunto, podemos mencionar também *Johannes,* de Sudermann. "JOÃO: E o que ele ensina?" PRIMEIRO GALILEU: Sim, o que ensina ele? um monte de bobagens. . . por exemplo, que devemos amar nossos inimigos." Em *Quo Vadis?,* quando Quilon, o grego, é perdoado pelo seu mais mortal inimigo, pergunta atônito: "Por que ele não me matou?" E embora tivesse discutido os ensinos cristãos com Euricius, a despeito da sua conversa com Ursinus à beira do rio, e a despeito de tudo o que ele havia aprendido com Ostranium, não conseguiu encontrar resposta para a sua pergunta.

[32] Mas a nossa oposição aqui tem outra base além do erro pecaminoso das nossas emoções naturais; ela é até certo ponto justificada, e a curiosa atitude de Jesus precisa ser explicada (cf. Capitulo 11, Parte Três, Morte).

Andreas Hofer enfrentou o seu destino;
A sua aparência era a de um rei;
A sua fronte estava calma, sereno seu passo;
Para ele a morte era uma coisa pequena. (Mosen.)

"Esta é a hora de provar com atos que a dignidade do homem não cede orgulho de posição à majestade dos deuses. . . Podemos decidir com alegria acerca deste assunto, embora essa decisão acarrete o risco da morte" *(Fausto).*

"O que é mais poderoso do que a morte? Aquele que ri quando ela ameaça" (Ruckert).

"Se há algo mais forte do que o destino, deve ser a coragem que o enfrenta sem medo."

"Só Zriny não derramou lágrimas, mas teve um sorriso amável e uma palavra de conforto para cada um. Eu lhes digo, meninos: eu o vi lutando como um leão. Mas depois daquela cena de despedida, sei como um herói age" *(Gaspari).*

E um provérbio sela isto tudo: "Miserável é o homem que anela pela morte; mas ainda mais miserável é aquele que a teme."

No entanto, como o Getsêmane, com os seus temores e tremores, se compara com estes ideais?

Em outra parte deste livro (pp. 359-362)[33] já comparamos o ideal pagão de uma cena de morte com a Paixão de Cristo. Citemos aqui o quadro ideal das últimas horas de um ser humano, da maneira como nos é apresentado por um poeta cristão em seu livro *Mary Stuart:*

"Melville, você está laborando em erro se pensa que a Rainha necessita de nosso apoio em sua hora suprema. Ela é quem nos dá um nobre exemplo de auto-controle."

"Nenhum sinal de pálido temor, nem uma palavra de queixa desonrou a minha Rainha."

Agora ela está descansando por um momento. O último sono a refrigera."[34]

E então, antes da execução:

"Por que chorais e vos lamentais assim? Deveis regozijar-vos comigo. Chegastes a testemunhar o triunfo de vossa Rainha, e não a sua morte."

Pode-se dizer que todas as características de Sócrates foram refletidas aqui, mas que contraste marcante com Cristo! Os ideais dos homens não mudaram; e Jesus ainda continua em oposição às nossas idéias.

No entanto, essa maneira humana de pensar, segundo se supõe, coroou este Homem com o diadema de majestade?

Pelo contrário, nós é que nos acostumamos com Ele; até mesmo depois de quase dois mil anos, as nossas mentes e corações parecem incapazes de entendê-lo em Sua plenitude. "Quem é este homem?". . . "Sou de cima.

[33] Veja também o Apêndice, p 359.

[34] Cf. também uma conversa em *Reminiscences,* de Bismarck, com Frederick William IV em 1848: "O rei precisa ser capaz de dormir, eu lhe disse." Além disso, de uma entrevista de Hindenburg a um jornalista (1916): "O dirigente de um exército pode dormir quando decisões estão para ser tomadas?" "Por que não? Talvez não se durma tão profundamente se tudo não está correndo como devia. Mas se as coisas estão indo bem, é claro que se pode dormir."

PARTE DOIS

AS CARACTERÍSTICAS DE PEDRA DE TROPEÇO EM JESUS: AS VÁRIAS REAÇÕES

CAPITULO 5

NAS REAÇÕES DA HISTÓRIA

"Cristo é o paradoxo que a história jamais conseguirá assimilar. "

S. Kirkegard

Além da prova positiva, há outra maneira pela qual a loucura da imagem de Jesus pode ser expressa: podemos mostrar a reação existente na história contra ela. Em tempo algum a cristandade aceitou calmamente essa imagem; pelo contrário, ela sempre tentou trabalhá-la e remodelá-la, algumas vezes com limites, e algumas vezes tão apaixonadamente que ela ficou irreconhecível. Pode haver uma prova mais convincente da aparente loucura dessa imagem, do que o fato de ter havido tal distorção através dos séculos?

Indubitavelmente, uma coisa foi natural nessa remodelagem: cada geração que se aproxima da figura de Jesus novamente, tem tentado retificar essa imagem no que acha que ela é deficiente. E também, naturalmente, essa remodelagem foi empreendida mais zelosamente quando o primeiro contato com Cristo foi estabelecido. Depois, pela força do hábito, um ajustamento gradual, uma certa reconciliação teve lugar.

No curso da história, houve três grandes povos e civilizações que, ao entrarem em contato com Cristo, tiveram uma influência transformadora na Sua imagem. A primeira foi a cultura da Grécia, com todo o seu esplendor, que manifestou a tendência, cada vez mais, de assumir os fortes coloridos do Oriente. Mais ou menos ao mesmo tempo, bem como posteriormente, o Império Romano, com a sua concupiscência de domínio, precisou haver-se com Ele. E ainda mais tarde, o retrato de Jesus passou para um terceiro povo, pois naquele ínterim uma nova época se iniciara na história do mundo, e o germanismo, com todo o seu poderio, subiu ao palco. Cada vez que o espírito de uma raça diferente entrou na história do evangelho, tentou manipular a figura dAquele que é o Senhor dessa mesma história, algumas vezes ao ponto de ela ficar deformada e irreconhecível.[35]

Todavia, depois de um longo período, chegou a hora quando as pessoas começaram a desejar, conscientemente, confinar-se às palavras da Escritura, como sendo o único padrão, e enxergar a semelhança de Jesus da forma como ela é apresentada nos Evangelhos. E qual foi o resultado? A imagem de Jesus, com a sua insensatez e a sua ofensa, se tornou, no Protestantismo, propriedade segura de todos os cristãos? Aconteceu o inesperado. A reação tão freqüentemente experimentada, teve lugar outra vez, desta vez nas correções, rejeições e exegese negligente dos comentaristas bíblicos.

A insensatez de Jesus ainda era inaceitável.[36]

---

[35] Discutiremos o Romanismo em último lugar, simplesmente porque o seu espírito ainda continua nos dias de hoje no Catolicismo Romano.

[36] Não pretendemos falar ainda mais desta última reação de um Protestantismo nutrido ao colo das Escrituras. Portanto, para tornar o assunto claro, faremos agora mesmo as seguintes observações: Antes de tudo, tomemos algumas das alegações extraordinárias feitas pelos exegetas. Heubner nos assevera que "é muito incorreto supor que a vigília dos discípulos com nosso Senhor tinha o objetivo de consolá-lo e fortalecê-lo; eles deviam vigiar com o fim de observá-lo." Não poucos comentaristas transformam em um espírito mau o anjo que, de acordo com Lucas, apareceu no Getsêmane para fortalecer Jesus. Satanás apareceu a Cristo na forma mais terrível, e lutou com Ele. Godet e Hoffmann só admitirão que Jesus recebeu "fortalecimento no corpo," e acham que o Filho de Deus sentiu-se "fisicamente mal." Muitos têm objetado à idéia de que no grito dado na cruz "Tenho sede," Jesus deve ter poupado qualquer pensamento acerca de qualquer sensação física de dor. Desta forma, transformaram este incidente em uma "sede espiritual pelo cumprimento da Sua obra." Steinmayer aproveita-se de uma opinião popular quando explica que "ate' a experiência mais comum nos ensina que é muito mais fácil amontoar brasas de fogo na cabeça dos adversários do que fazer-lhes um pedido ou receber um benefício deles. . ." Jesus agiu desta última forma, e supõe-se que João relate este fato atônito e admirado.

Outro exemplo ainda dentre o grande número de alterações e rejeições de textos empreendidos pelos exegetas. O

medo que transpareceu no Getsêmane estava tão diametralmente oposto ao ideal de Cristo pintado por Schleiermacher, e parecia-lhe tão contrário às palavras de despedida do Evangelho de João, que ele simplesmente suscitou dúvidas quanto à autenticidade do relato feito. Não foram poucos os seus predecessores que tiveram a mesma determinação. Alguns dos tradutores ou copistas da Bíblia ousadamente omitiram a narrativa do anjo que fortaleceu Jesus, bem como a do Seu suor de sangue. Naquela época, quem poderia dizer que episódios tão estranhos a respeito do Filho de Deus realmente constassem do Novo Testamento?

CAPÍTULO 6

JESUS DE ACORDO COM OS EVANGELHOS APÓCRIFOS OU A REAÇÃO DA GRÉCIA E DO ORIENTE

"O Filho de Deus deve ter sido como o sol, iluminando tudo o que toca, mas em primeiro lugar revelando-se claramente."

Celsus in Orígenes Lib. II.

Não se passou muito tempo, e a tradição começou a fazer acréscimos à figura de Jesus — certamente antes do fim do século I. Depois da morte das testemunhas oculares da vida de Jesus, a restrição por eles imposta foi removida, e foi iniciada uma forte reação contra a imagem apresentada pelos Evangelhos. O cristianismo estava vivendo em uma era de entusiasmo, cheio da consciência do domínio do Espírito Santo. Nesse estado de exaltação, os cristãos começaram a manifestar a ousadia de pensar em transmitir a história, pois, assim eles persuadiram a si mesmos, o Espírito dava novas revelações acerca do passado tanto quanto acerca do presente. Qualquer cristão iluminado pelo Espírito podia enriquecer a história do passado de maneira crível. E então suscitou-se a reação mais forte contra a ofensa do retrato de Cristo que sempre fora experimentado dentro do cristianismo. Uma torrente de idéias originais irrompeu como um dilúvio sobre a figura de Jesus — idéias geradas pela civilização grega, intocadas pelas influências oriental e judaica. Foi somente devido ao poder dominante de Deus que os Quatro Evangelhos, como a arca de Noé, continuaram a carregar a figura de Cristo sem lesões, durante essa inundação violenta.

A literatura retrógrada da qual estamos falando em muitos casos era totalmente desprovida de qualquer gosto literário; mas ela se abalançou definitivamente a suprir algo que parecia estar faltando na figura de Jesus, e que certamente parecia estar ausente do retrato até então apresentado ao mundo daquela época. Pois o mundo antigo com o seu amor à pompa e ao luxo, não encontrava em Jesus o esplendor de um deus. Os Evangelhos Apócrifos criam que estavam prestando um serviço inestimável ao fornecer esse esplendor que faltava.

Houve abundância dessa literatura, grande parte da qual chegou até nós apenas pela menção do título. Mas a impressão que ela causa é indelével; da mesma forma como o ar soprará violentamente para um vácuo, assim também, naqueles dias, a imaginação e a invenção derramou-se de todos os lados para a vida "insensata" de Jesus, tendo em vista um objetivo, a saber: revestir a Sua vida com a magnificência e o esplendor "à semelhança dos deuses" que parecia faltar-Lhe.

Toda a grande literatura de que estamos tratando agora tem algo em comum, mesmo em sua forma exterior: ela se preocupa exclusivamente com a história da infância de nosso Senhor, e com as últimas e trágicas horas da Sua morte. Qual é a explicação para este fato? Ela é óbvia na história da Paixão. Se grande parte da vida de Jesus é uma ofensa para o homem natural, a Sua Paixão o é ainda mais. Aqui, as pedras de tropeço estão empilhadas em grandes montes, e portanto, muitos ajustes precisam ser feitos. Todavia, por que essa literatura apócrifa devia se preocupar tanto com a infância de Jesus? Ninguém pode dizer que essa parte da Sua história tinha qualquer necessidade especial de embelezamento. Nesta parte da Sua vida — e não apenas na história do Natal — é manifestada, mais do que em outras passagens, uma certa glória. Mas essa infância era como um pedaço de terra à disposição do edificador. Aí não havia perigo de se entrar em conflito com o que já se sabia e o que já fora transmitido, e assim a história de Jesus podia ser elaborada, rica nas qualidades de que o coração humano tão tristemente notara a falta na história.

Havia ainda outro campo que estava aberto para o edificador imaginoso: os três dias entre a Crucificação e a ressurreição. E esse terreno também foi usado irrestritamente a fim de que o Filho de Deus fosse ricamente adornado de glória. A descida ao Seol foi transformada em uma procissão triunfal. O espaço de tempo entre o Seu ano duodécimo e o Seu primeiro aparecimento em público,

período da vida de Jesus ao qual a pessoa teria se voltado naturalmente em primeiro lugar, se estivesse tentando dourar e decorar a história, resistiu a todas as adições por causa da nota de João no segundo capítulo do seu Evangelho: "Com este deu Jesus princípio a seus sinais." Nos dias de João Batista também Jesus era obviamente desconhecido, quando apareceu entre o povo, e desta forma era impossível preencher o período imediatamente precedente a este episódio, com o esplendor de um Filho de Deus.

Porém, estudemos agora mais detidamente este retrato que evidencia uma inversão tão radical da imagem de Jesus apresentada nos Evangelhos.

*** * ***

Não foi uma decepção o fato de Jesus ter nascido em um estábulo ou, até como estava escrito, em uma escura caverna; e que quando Ele veio à terra só uns poucos pastores de ovelhas estavam sabendo do fato? Estaria isso realmente de acordo com a dignidade do Filho de Deus? Assim, uma pequena e dourada luz de glória precisava ser derramada sobre aquele humilde estado, até levá-lo à perspectiva correta. Observe, então, o que aconteceu.

"Quando Maria entrou na caverna," dizem os Evangelhos Apócrifos, "todo o lugar começou a brilhar como se o próprio sol estivesse derramando ali o seu esplendor; e a luz divina iluminou a caverna como se fosse a sexta hora do dia, continuando a fazê-lo de noite e de dia, enquanto Maria permaneceu ali." Os mesmos livros dizem de José que, "quando ele olhou para os céus, viu a estrela do Norte estacionária, e as aves do céu tremendo; olhou para a terra, e eis um prato, e trabalhadores ao seu lado; as suas mãos estavam no prato, e eles as levantaram não para suas bocas, pois as suas faces estavam voltadas para cima. E ele viu ovelhas sendo tangidas, e as ovelhas pararam; e o pastor ergueu a mão para bater nelas, mas a sua mão não se levantou. E ele olhou e viu o regato, com cabras no meio dele; as suas bocas estavam sobre a água, mas elas não bebiam, e estavam como atoleimadas." Era a hora do nascimento de Jesus, e por um momento toda atividade da Natureza cessou. Toda a terra deve ter sido movida por um evento tão extraordinário, deve ter dado testemunho de que algo extraordinário estava sucedendo.

Tomemos outro ponto: Não é vergonhoso que Jesus, sendo ainda criança, tenha sido levado a fugir? Que Ele muitas vezes tenha Se escondido durante a Sua vida? Essa fuga não podia ser transformada em uma viagem triunfal? Claro que foi exatamente isso que aconteceu! Nada mais seria adequado para o Filho de Deus. Ouçam! Os pais de Jesus estão fugindo com o Menino. Os assaltantes acabaram de dar sobre um grupo de viajantes, e despojá-los. A Santa Família, sem o saber, se aproxima do esconderijo da quadrilha. "Mas os assaltantes ouviram um grande tumulto como a aproximação de um rei que tivesse deixado a sua cidade com um grande exército de homens e cavalos e soar de trombetas; então ficaram com medo, e abandonando os despojos, fugiram."

Se Cristo era o Senhor da criação, a Natureza não devia ter-se curvado diante dEle? Até os animais selvagens prestaram-Lhe reverência. Durante a fuga para o Egito os pais de Jesus chegam com Ele a uma caverna cheia de dragões. "Então Jesus desceu do colo de Sua mãe e ficou de pé diante dos dragões. Mas eles O adoraram, e depois de fazê-lo, saíram da caverna. . . Da mesma forma leões e panteras O adoraram e acompanharam-no ao deserto." Em outra ocasião, quando Jesus tinha oito anos de idade, vai de Jericó para o Jordão. "E havia uma caverna em que estavam uma leoa e seus filhotes. Jesus sentou-se na caverna, e os leõezinhos ficaram brincando entre os Seus pés, acariciando-o e brincando com Ele. Os leões mais velhos ficaram de longe, com as cabeças curvadas, agitando suas caudas e adorando-o."

Pense em outra pedra de tropeço na história do Evangelho. Poderia Jesus estar jamais faminto ou sedento? Ele, o Criador de todas as coisas? Isso não podia acontecer. Ele sabia como satisfazer-se, mesmo no deserto. "Então o Menino Jesus, sentando-se no colo de Sua mãe, falou com semblante alegre à palmeira: "Árvore, curva os teus ramos (eles são altos demais para se alcançar) e refresca Minha mãe com os teus frutos. . . abre uma veia em tuas raízes, e deixa correr água para o nosso refrigério."

Seria possível que um Deus, descendo do céu, não encontrasse fé na terra?[37] E poderia ser dito de Jesus que Ele não fora capaz de convencer os Seus irmãos ou Seus parentes da Sua majestade? Além do mais, quando Ele cresceu em Nazaré, foi como simples aprendiz de carpinteiro, assistente de Seu pai, a quem Ele obedeceu como qualquer criança obedece aos seus pais? Os escritores apócrifos tinham uma idéia melhor! Que posição diferente Ele ocupou, na realidade! "Quando a Sua família se reunia, Jesus os abençoava, e tomando a precedência, começava a comer e a beber. Pois nenhum deles ousava comer, beber ou assentar-se à mesa enquanto Ele, abençoando-os, não o fizesse. E uma vez, quando Ele estava ausente, eles esperaram até que Ele viesse. E quando Ele não comia, nem José nem Maria nem Seus irmãos comiam. Pois os Seus irmãos, que tinham a Sua vida como luz diante dos seus olhos, observavam o que Ele fazia, e O temiam. E quando Jesus dormia, de dia ou de noite, o fulgor de Deus brilhava ao redor dEle." (Isto é, um feixe de luz, enchendo a todos com reverência e temor.)

Precisaria Jesus de professor? Poderia Ele aprender algo de um homem? Pelo contrário, o mal sobreveio às pessoas que se encarregaram de instruí-lo. "Ai, amigo, ensina-me tu; eu não consigo seguir a mente dEle!" gritou um pobre homem. "Eu me enganei, três vezes maldito sou eu. Achava que tinha um aluno, e descobri que tinha um professor."

Quanto aos Seus milagres, era crível que eles fossem tão monótonos? Era possível que os profetas do Antigo Testamento tivessem ultrapassado Jesus a este respeito? Será que Ele ressuscitou pessoas apenas raramente? Os Evangelhos Apócrifos contam muitos outros casos. Como eles exageram perversamente os Seus milagres de cura! Que conglomerado elaborado de maravilhas eles atribuem a Ele! "Portanto, Jesus fez nascer uma fonte de águas em Matarea (Egito) em que Maria lavou a sua roupa. E do suor que saiu do corpo de Jesus, formou-se um bálsamo naquelas circunvizinhanças." A água em que Jesus lava, nem que seja apenas um guardanapo, cura pessoas que sofrem de doenças perigosas. Um menino que faz uma roupa com as fraldas de Jesus é preservado do calor em um forno quente, quando vestido com ela, e mais tarde, quando foi cruelmente lançado em um poço, permanece flutuando à tona, até ser resgatado. Na viagem ao Egito, José fala a seu Filho, dizendo: "Senhor! estamos desmaiando de calor; se isto Te parece bem, tomemos o caminho à beira-mar." Imediatamente Jesus encurta a jornada de trinta dias para um breve dia. Em outra ocasião os vizinhos se queixam a José: "Eis que o teu Filho está à beira do regato, e fez pardais de barro, profanando o Sábado." Mas Jesus bate palmas e grita para os pardais: "Vão embora!" E todos eles voam, chilreando. Não temos aqui toda a glória de um Deus criativo?

Mas é impossível descrever totalmente todos os milagres esplêndidos desse período. Hoje Jesus transforma uma mula em um homem, amanhã garotos zombeteiros em cabritos; e outra vez, quando uma serpente envenenou um homem com sua picada, Ele a chama de sua cova, fá-la chupar o veneno da ferida, e depois a amaldiçoa até que ela explode. Como centro de atenção de todos os olhos, Ele atravessa o Jordão seguido por uma procissão de leões, "e as águas do Jordão se dividiram, à esquerda e à direita." Ele coloca um peixe seco na água, e eis que ele sai nadando! Ele carrega água em Sua vestimenta, sem derramá-la. Enquanto está trabalhando com Seu pai, as pranchas que José não pode modelar direito são encurtadas ou alongadas como necessário por uma única palavra da Sua boca. Ser-Lhe-ia algo impossível? Quem já realizara feitos mais notáveis?

É da maior importância notar que os escritores entendiam como reprimir completamente aquela paciência que os ofendia, a Sua insensata aceitação silenciosa das coisas, a Sua mansidão questionável. Aqui está um exemplo: "O filho de Anás, o sábio, também ficou ao Seu lado, e com uma vara derramou a água que Jesus havia juntado (ao brincar). Quando Jesus o viu, ficou bravo e disse: . . . "Eis que tu também te secarás e murcharás como uma árvore." E o menino secou completamente. Mas quando todos Lhe imploraram, Ele o curou, deixando, contudo, um de seus membros paralisados como um sinal para eles. Outra vez, quando Jesus está voltando para casa com José, encontra-se com um garoto que, passando correndo, o empurra, e Ele cai. Então Jesus fala iradamente com o menino, dizendo: "Da mesma forma como você me empurrou, será empurrado, derrubado, e não se levantará mais." "E na mesma hora o menino caiu e morreu." Esta idéia de que ninguém afrontou ou injuriou a Cristo sem ser castigado por isso, a idéia de retri-

[37] Uma das perguntas de Celso (cf. mais, posteriormente).

buição pelos pecados cometidos contra a Sua pessoa, percorre todos os evangelhos Apócrifos.[38] Não havia a intenção de transformá-lo em um homem vingativo; eles somente procuravam garantir a Sua glória mediante tais métodos.

Parecia incrível também, que Jesus, o maior de todos os homens, não tivesse procurado os homens célebres e proeminentes deste mundo, e que a única ocasião em que Ele Se defrontou com um príncipe, Ele tenha sido levado perante ele por oficiais da lei. Os escritores dos Evangelhos Apócrifos têm muita coisa a contar-nos dos Seus encontros com príncipes e princesas que sofriam de lepra, de visita a palácios dos reis, e relacionamento com os grandes da terra.

Desta forma, eles conseguiram criar dentro do arcabouço da história da infância do Senhor, nada menos do que um retrato completamente novo do caráter de Jesus, desta vez segundo o coração dos homens. Aqui, não estava faltando nada do que os Seus contemporâneos esperavam encontrar: a glória, o resplendor, e a majestade de um Deus.

***

Como já notamos, estes escritores primitivos tentaram, também, criar uma auréola sobre a passagem mais tenebrosa da história de Jesus. Uma luz gloriosa devia irradiar-se até na noite negra do sofrimento dEle. Observemos algumas dessas tentativas.

"Ele foi levado prisioneiro da maneira mais ignominiosa," escarnece um dos primeiros oponentes eruditos do cristianismo. Ele quer dizer que Jesus foi tratado como se fosse um assassino. Mas os Evangelhos apócrifos sabiam como obliterar essa ignomínia. "Pilatos olhou ao seu assessor,[39] dizendo: 'Que Jesus seja trazido com decoro.` O assessor saiu, e quando O reconheceu, curvou-se diante dEle. e tomando as vestes na mão, espalhou-as no chão diante de Jesus, e disse: "Senhor, pisa por sobre elas, e entre, o príncipe Te espera...' Portanto, quando Jesus entrou, os porta-estandartes levantaram os seus estandartes, e as próprias figuras dos estandartes se curvaram e prestaram-Lhe reverência." Isto é repetido, mesmo quando os judeus apresentam uma queixa, e seis homens fortes escolhidos por eles seguram os estandartes. Que raios de esplendor vemos aqui, através de toda a humilhação!

Mas havia uma coisa que era uma ofensa ainda maior do que a humilhação. Diz-se que Jesus teve medo e Se lamentou. Aqui também a estória apócrifa ansa as pedras de tropeço. "Satanás disse a Hades (o governador do reino da morte): 'Ó Devorador de homens, Ó Insaciável, escuta as minhas palavras. Com a nossa ajuda os judeus crucificaram um dentre eles próprios, chamado Jesus, que chama a Si mesmo de Filho de Deus, embora não seja mais do que um homem. Agora que Ele está morto, prepare-se para que O tragamos para cá em segurança. Pois sei que Ele é um homem, e ouvi-o dizer: "A minha alma está profundamente triste, até a morte." ' Então disse Hades. . . 'Se dizes que ouviste que Ele teme a morte, Ele não está senão zombando e escarnecendo de ti, para que Ele possa agarrá-lo com mão firme.' " Desta maneira as palavras que agora consideramos como apropriadas para um Filho de Deus, são transformadas em um método para lograr Satanás. No Evangelho de Pedro, lemos: "Crucificaram o Senhor no meio, mas Ele ficou calmo, como se não sentisse dor." Desta forma, não é Jesus realmente "como um deus que, do alto, desdenha da humanidade e ri do que esta Lhe faz"? (desafio de Celso).

Porém, a maior ofensa de todas foi que, em Seu sofrimento, Ele aparentemente foi abandonado por Seu Pai. Esta ofensa, também, é ousadamente excluída. "O Senhor gritou com alta voz e disse: 'Minha força, Minha força, por que Me desamparaste? (Alteração de Mateus 27: 46).

***

Até mesmo depois do Seu grito vitorioso de "Está consumado," Jesus não deixou

[38] Até um professor que O castigou foi lançado ao chão. Em outra ocasião, lemos: "os que O acusaram foram imediatamente feridos de cegueira."

[39] Note: não foi o seu servo. Isto mostrava que o prisioneiro era um homem de posição.

totalmente de ser decepcionante. Depois que o Seu sofrimento passou, Ele revelou-Se apenas "secretamente" "a uma mulher e a Seus discípulos," e não em solene majestade aos Seus inimigos. Para suavizar esta ofensa, a procissão tumultuosa e triunfal do Conquistador foi trasladada para o mundo subterrâneo, e dali se irradia a glória sobre o Autor da nossa salvação. "Enquanto Satanás e Hades estavam assim conversando, levantou-se uma poderosa voz como a do trovão, que falou, dizendo: 'Abri bem os portões, ó príncipe; e levantai-vos, ô portais eternos; o Rei da glória vai entrar.' . . . E novamente ouviu-se uma voz, dizendo: 'Abri bem os portões!" Quando Hades ouviu a voz pela segunda vez, fez como se não a tivesse entendido, e respondeu, dizendo: "Quem é este Rei da glória?' Então falaram os anjos do Senhor: 'É o Senhor, forte e poderoso, o Senhor poderoso nas batalhas.' Esta palavra nem bem havia sido dita quando os portões de bronze caíram com estrépito por terra, os ferrolhos de ferro se despedaçaram, e as cadeias caíram dos que estavam fechados. Então o Rei da glória entrou, na figura de um Homem, e todas as trevas do mundo subterrâneo foram iluminadas."

*** * ***

As perguntas que antecederam cada um dos testemunhos dos Evangelhos Apócrifos, e que os motivaram, não se originaram em nossa mente. Formuladas quiçá em outra forma, elas todas foram propostas pelos primeiros oponentes eruditos do cristianismo, entre os quais o pagão Celso, cujas objeções já nos são conhecidas (Orígenes, nascido em 185, escreveu contradizendo as suas opiniões). "Vocês não tiveram sucesso nem em vestir as suas opiniões com o menor vestígio de probabilidade," escarneceu ele dos cristãos. E então ele mostrou que alterações deviam ser feitas na história do Evangelho, para fazer dela uma história impressionante e crível. Ele conta detalhadamente como tudo deveria ter acontecido, se Jesus realmente fosse o Filho de Deus. Mas Celso não foi o único a sentir tão fortemente estas incongruências. Milhares de pessoas antes dele haviam tido idéias quase similares, e dentre eles estavam os escritores dos Evangelhos Apócrifos. Eles nos oferecem tudo o que tinha alguma importância e que Celso julgou ser apropriado para uma história do Filho de Deus.

No entanto, que mudança aconteceu nas opiniões das eras! Pode haver diferença maior a este respeito do que entre essas pessoas e nós? Hoje em dia o exército inumerável de céticos diz: "Jesus foi exaltado para ser um Deus pelo Seu próprio povo. Porque O consideravam como Filho de Deus, Ele foi obviamente adornado por Eles com a glória de um Deus." Mas naqueles dias até as fileiras dos cristãos julgavam de maneira diferente. "Nenhum Deus teria vivido a Sua vida como o Jesus dos Evangelhos. Uma imagem insensata!" Ou, como o Judeu, de Celso, falando em nome dos não-cristãos, o expressa: "Ele foi a espécie de homem cujas palavras e atos mostravam claramente Quem Ele era."

Porém, onde está o pincel cuja mão de um pintor teria empunhado para satisfazer o coração do homem?

CAPITULO 7

JESUS EM TERRITÓRIO ROMANO OU O PAPADO

"O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos,"

Apocalipse 11:15

Pode-se falar, afinal de contas, da imagem de Jesus em território romano? O mundo greco-oriental produziu em seus abundantes Evangelhos apocalípticos um retrato de Jesus segundo o seu próprio coração: cheio de esplendor.

As paredes de Roma nunca abrigaram uma raça de pensadores. Dentro daquele pequeno espaço nunca houve muito tempo devotado à meditação acerca dos assuntos do espírito ou da imaginação. O povo de Roma sempre foi eminentemente prático. Contudo, exatamente por esta razão, ele depressa transformou Cristo em realidade, da forma como a concebiam os romanos, expressando-o de acordo com a vida real, pois somente fazendo essas alterações eles podiam esperar ter sucesso.

Qualquer pessoa que conhece Roma não terá dúvidas quanto à aparência que teria o seu Cristo. Ele mesmo não rejeitara o pensamento de fundar um reino? Pois bem, Roma entendia tudo acerca desse assunto; o conhecimento que ela tinha acerca de mando não podia se ultrapassado. Os romanos sabiam como fazer com que esse negócio servisse aos seus propósitos, muito mais do que o Jesus dos Evangelhos. Ele nunca levara o Seu reino a nada digno de nota — aos olhos dos romanos isso não era de se admirar. Mas a fim de que o reino de Cristo pudesse ser estabelecido, a fim de que He pudesse ser bem governado e expandir-se, não era necessário providenciar-Lhe um sucessor? Se esta pergunta fosse respondida com uma frase afirmativa, depressa poder-se-ia fazer deste suposto sucessor de Cristo — segundo o coração humano — o imperador do mundo.

Não é nosso objetivo aqui explicar detalhadamente o quanto o cristianismo em **seu** desenvolvimento e as forças políticas da época tiveram que colaborar, antes que o desejo de unidade sob o domínio de Roma alcançasse o seu ápice no estabelecimento de um homem colocado no lugar de Cristo. Um longo caminho precisou ser percorrido antes de ser alcançado este alvo. E os primeiros passos, naturalmente, foram dados de fato antes de serem seguidos da doutrina correspondente. Enquanto a Igreja era ainda a congregação dos santos, levantou-se em Roma uma congregação que ocupava uma posição preferencial. Era especialmente a sua situação na capital do mundo que colocava este corpo de santos à testa das congregações cristãs, bem como a segurança em que esta comunidade grande, rica, superficial e influente se desenvolveu, a pureza da sua doutrina, e o fato de que ela era capaz de traçar a trajetória da sua origem até Paulo e Pedro. Em seguida, aconteceu a sua transformação em uma Igreja Estatal, e a sua secularização, transformando-a em um reino, quando uma Igreja nacional foi formada. "Em conseqüência do desenvolvimento extraordinário e da posição de poder que a Igreja Católica alcançou durante o reinado de Filipe, o Arábio, Orígenes já havia concebido a idéia da Igreja Católica como o Reino terreno de Deus, destinada a incluir o Império Romano, e até toda a humanidade, e a unir e tomar o lugar dos outros impérios." "Mas a Igreja imperial tornou-se produto final quando Deocleciano empreendeu a grande reconstrução do Império. Desde essa época não era mais a posse de dons espirituais que tornava um homem cristão, mas a obediência à autoridade da Igreja." "O centro de gravidade da igreja repentinamente foi encontrado na organização; a comunidade dos santos se tornara uma Igreja baseada em bispos, ou sucessores dos apóstolos, os representantes de Cristo ou de Deus." E este quadro de bispos reinando como representantes de Cristo na terra, com seus direitos e deveres de ofício, mostra uma reação levada a efeito no território do império mundial de Roma contra a imagem de Cristo apresentada nos Evangelhos.

Porém, depois deu-se um novo passo adiante no caminho do império mundial. À medida que os bispos foram ganhando a sua posição à testa das congregações, como seus senhores auto-glorificados, a supremacia legal dos bispos romanos cresceu, depois de uma luta longa e árdua, a partir da supremacia de fato da congregação de Roma. Foi o próprio espírito de dominação mundial da própria Roma que se apossou de seus bispos. Primeiramente mediante as suas idéias, e depois pelo trovejar dos éditos, eles deram passos decisivos para colocar o mundo debaixo do seu jugo. Havia muito tempo que as nações estavam acostumadas a receber suas leis de Roma. Ela era ainda a sede das raças antigas e poderosas. E agora, até mesmo a remoção do imperador para Constantinopla beneficiava os bispos romanos. A sucessão de Paulo e de Pedro, que, segundo se cria, haviam ocupado uma posição de liderança entre os apóstolos, agora se tornava matéria de grande importância para o bispo de Roma, como havia sido para o início da congregação naquela cidade. Como resultado deste desenvolvimento, o sucessor de São Pedro, o vice-Deus, o representante de Cristo na terra, devia estar em Roma, e o povo podia ver nele um Cristo segundo o seu próprio coração — desta vez, de fato, uma reação contra a aparência ofensiva do Cristo dos Evangelhos, que não permanecia uma mera invenção da imaginação, mas firmou-se na posição de fator real na vida da Igreja, continuando até os dias atuais.

Depois desta explicação, ainda temos que perguntar por que o Jesus dos Evangelhos pareceu estulto à raça que se desenvolvera no território do Império Romano, e particularmente na própria Roma, e de que forma ela procurou transformar a Sua aparência. Era de autoridade que o povo sentia falta no Nazareno, a autoridade e a força do governante que a cidade dominadora exigia. A direção de dentro para fora era invisível aos olhos desse povo ativo, amante da força; de acordo com o único ponto de vista que eles eram capazes de compreender, o Reino de Deus precisa vir de fora, e atingir o interior. 'Tudo isto te darei, se prostrado me adorares" — este pensamento da narrativa da tentação, ostentando de maneira tão patente uma aparência de verdade, havia sido vitoriosamente plantada ali, no solo do império mundial. O sucessor sucumbiu à tentação que o seu Predecessor havia derrotado de maneira tão triunfante, quando disse: "Retira-te, Satanás." Em Roma havia a convicção de que todas as religiões primeiramente devem ostentar as características fixas de lei e ordem. Enganada por esta idéia, a Igreja Católica se tornou e permanece até agora uma Igreja tirânica.

Contudo, atenhamo-nos mais ao nosso tema. Como foi que, finalmente, este retrato de Jesus entendido no território romano veio à vida na pessoa do papa? "Convém que Ele reine." Em Seu sucessor, Jesus foi retratado como regente. A humildade e o serviço aos outros, que consistiam em ofensa, haviam desaparecido. Ele aparece diante de nós como governante. Até os dias de hoje, esta é a proclamação feita ao papa na sua coroação: "Sabe que és o pai de príncipes e reis, o guia do universo, o representante do Senhor Jesus Cristo na terra." De acordo com a bula emitida por Bonifácio VIII, a obediência à autoridade papal é obrigatória da parte de todas as criaturas que têm a esperança de salvação. O papado levanta-se solitário na plenitude do seu poder; nenhuma organização constitucional limita o vice-Deus romano. Ele tem a mais elevada autoridade sobre a Igreja, bem como sobre o mundo. Só por conveniência ele entrega a espada aos governantes terrenos. Estes agem em seu serviço, e estão sob as suas ordens como servos sob o domínio de seu senhor. Ele os chama de filhos, e os trata como a crianças. Na Igreja Romana, a obediência é um conceito de imensa amplidão. Dominação de um lado, e obediência do outro, é a lei que prevalece em cada degrau da vasta pirâmide da hierarquia episcopal. Os bispos precisam jurar ao papa, sendo muito antiga a fórmula do juramento, provinda de um velho juramento de lealdade, e estão em relação a ele como vassalos. O seu poder dominador se estende, também, até o mundo vindouro, o seu governo é sobre céu e inferno, pois as almas dos que partem estão ainda sob o seu controle. Nos dias em que o papado estava no ápice do seu poder, quando um Gregório VII ou um Inocêncio III usavam a tríplice coroa, realmente parecia, ao olho sem preconceito, que chegara o tempo quando o cântico triunfante do Apocalipse podia fazer-se ouvir: "Os reinos do mundo se tornaram de nosso Senhor e do seu Cristo; e ele reinará."

Uma vez conseguida para o sucessor de Cristo a posição de governante no território romano, a aparência de dominação também precisava ser conservada. Fora com a pobreza no

retrato de Cristo, fora com a humildade que Lhe pertencia! As possessões oferecidas pela tentação, prazer, honra, poder — todas tão atraentes para o homem — encontraram aceitação nestes quartéis. Que pompa foi exibida, que brilho se deveria encontrar na Corte dos cardeais! E no meio desta resplandecente Corte, o homem que havia tomado o lugar de Cristo sabia como fazer-se de suprema importância. "Ele reivindica adoração real, os homens precisam ajoelhar-se diante dele e beijar o seu pé." O cavalo do papa era levado por imperadores, e reis seguravam o estribo do vice-rei de Cristo. De fato, agora o papa já não exige que os homens beijem o seu pé, mas até os dias atuais até monarcas beijam a sua mão, sendo esta a saudação apropriada. "A fim de demonstrar claramente a sua soberania sem par, o sumo sacerdote romano recebe a visita de imperadores e reis, mas nunca os visita; só por meio do seu servo, o cardeal secretário de Estado."N.T. Assim, até nos menores detalhes do cerimonial romano, toma-se cuidado para que a posição do governante se torne claramente elevada.

Naturalmente este sucessor de Cristo não passa sem os hábitos de um regente. Aqui a ofensa do serviço prestado aos outros, tão marcante no Jesus dos Evangelhos, foi inteiramente vencida. O papa devia operar mediante dominação. Cânon de fé foram publicados, e deviam ser aceitos pelos fiéis. Forçado pelo papa, Teodósio cominou a pena de morte para qualquer divergência na crença na Trindade. Este castigo seria levado a efeito ainda hoje, se Roma pudesse encontrar uma arma terrena suficientemente obediente para executar esta lei. A força, que é inevitavelmente empregada pelos governantes terrenos, era também o ideal de Roma. De que maneira completa eles desalojaram o Semeador, que pacientemente saiu para semear a Sua semente, confiando inteiramente na palavra que iria estabelecer o Seu Reino nos corações dos homens, sem compulsão de qualquer sorte! Outros hábitos de potentado terreno foram associados com a força no sucessor de Cristo. A versatilidade foi uma característica do seu regime. Ele podia amarrar e libertar, ele podia ser severo ou amável, conforme a prudência sugerisse. O fim justificava os meios, e os meios mundanos eram empregados da maneira mais inescrupulosa — malandragem, engano, suborno, sim, e coisas piores. Mas esse método teve sucesso: o poder aumentou, o reino cresceu, e "a força lutou com forças."

Na entrada da aldeia samaritana que recusara pousada para o Senhor, os discípulos rogaram-Lhe: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir (como Elias fez)? É claro que eles desejavam fazer isto, mas o seu Senhor os proibiu. O Cristo a quem o Seu sucessor em Roma apresenta, tem aquiescido; ele lança o trovão das suas excomunhões contra os desobedientes; ele anula o voto de lealdade e libera as nações da obediência aos seus príncipes; os que estão debaixo da sua excomunhão se tornam proscritos entre os seus compatriotas, e podem ser mortos onde quer que vão. Ele inflige o castigo do seu interdito a países inteiros, de forma que os sinos das suas igrejas são silenciados, os seus moribundos são deixados sem conforto, e os seus mortos sem consagração. Isso porque esse sucessor rompeu completamente com a mansidão e a paciência do seu Antecessor, e juntou-se às fileiras dos poderosos da terra, cuja arma é a força. Será que ele ainda se lembra de quem ele, segundo se supõe, é descendente espiritual?

Por falar nos hábitos dominadores do sucessor de Cristo, podemos nos lembrar também das Cruzadas. Silvestre II (999) pediu a ajuda da Igreja como um todo em favor da Cidade Santa que fora destruída. Gregório VII (1074) imaginou-se líder de um exército que devia libertar o Oriente Cristão. O objetivo em vista não era apenas o Santo Sepulcro, mas a honra crista, a vitória de Cristo sobre Maomé, o domínio da Europa sobre a Ásia. E o tempo todo o papa era o espírito motivador desses atos de violência. Até hoje em dia as atividades missionárias de Roma são freqüentemente executadas para impressionar as nações, indicando a Igreja que o poder — poder político — está por trás das suas missões. Sim, de fato, a força luta com forças.

Onde é que Jesus pode ser encontrado no território romano? Será que Ele desapareceu inteiramente por trás do Seu representante? Eles tiveram êxito em colocá-lo em uma posição tal que Ele não pode chocar-se com a pessoa que O personifica. Ele foi relegado ao fim do processo de desenvolvimento. Ele está entronizado como Juiz do mundo. Que harmonia adquirida com felicidade entre a cópia e a figura original! Que dignidade majestosa tem o Dia do Juízo! Que aparição gloriosa este Filho do homem apresenta, sentado em Seu trono de esplendor, entre o coro

dos Seus santos anjos! Mas onde, em tudo isto, podemos encontrar o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo? Onde está o Cristo paciente, que ainda percorre os séculos, não com fogo e espada, mas levando apenas a semente da palavra?

Embora ela não tenha sido a última a fazer a sua aparição na história, tratamos esta distorção romana da aparência de Jesus no fim desta seção, porque ela só se tornou plenamente desenvolvida no curso dos séculos, e está ainda ativa em nossos dias.

Durante esse tempo, a reação não perdeu nada da sua atração. Muitos dentre nós, evangélicos, olham invejosamente em direção a Roma, e muitos governos protestantes consideram algo de muito imponente na posição do papa, que não deixa, de fato, de impressionar. Admitamos que, para o olho natural, a força parece significar poder. Até os que têm uma visão mais ampla admitem sentir uma gratificação singular das emoções, em território romano. Precisamos tão somente citar Karl Hase, que fez uma confissão a este respeito: "Para as pessoas sem preconceitos, a conhecida bênção do povo na Quinta-Feira-Santa e no Domingo da Páscoa, tem algo de impressionante, mesmo que seja meramente do ponto de vista estético; e eu não posso negar que, quando nosso Senhor abençoou as crianças ou o povo depois do Sermão da Montanha, aquele fato provavelmente não se comparou em brilho com esta bênção, em seu cenário arquitetônico belíssimo." Verdadeiramente, neste quadro do comissionado de Cristo em Roma, os olhos do mundo podem observar tudo, menos insensatez.[40]

NOTA DO TRADUTOR: Hoje em dia o papa mudou seus métodos, e especialmente este último tem viajado freqüentemente por todo o mundo, visitando as autoridades governamentais, especialmente nos países onde a população é predominantemente católica. E agora ele beija o solo dos países onde vai - gesto que não tem sentido, espiritualmente.

[40] Até mesmo Nietzsche, que conclui o seu livro *Anti-Cristo* com as palavras: "Ao cristianismo, eu chamo de a grande maldição... Chamo-o de borrão indelével de vergonha para a humanidade," até ele não pode deixar de sentir algo semelhante à simpatia pela Igreja Romana. Pois nela ele encontra realizado o ideal do governante absoluto, e o contraste entre senhor e escravo executado de maneira que contenta o seu coração. Mas a aprovação de Nietzsche é um tremendo julgamento contra Roma! E, considerando tudo, como o Protestantismo deve ter conservado fielmente a semelhança de Cristo, pois Nietzsche, zombando dos alemães, diz: "Eles têm o Protestantismo na sua consciência, o cristianismo mais louco, mais incurável e mais irrefutável que existe, Se não podemos nos livrar do cristianismo, a culpa é dos alemães." Graças a Deus, conservamos o nosso tesouro essencialmente sem deformações; ele não foi destruído nem afogado pelas forças do mundo.

PARTE TRÊS

OS RESULTADOS DA OFENSA APARENTE NO RETRATO VIVO

CAPÍTULO 8

A FIDELIDADE DO RELATO FEITO

"Ele realmente viveu; nenhum pincel empunhado por homem algum poderia pintar tal quadro, e ninguém poderia tê-lo inventado. "

Beck

Quando ligamos tudo da melhor maneira que podemos, a que conclusão nos leva a nossa exposição, heterogênea como ela muitas vezes foi? Vimos que há uma característica determinante fundamental no retrato bíblico de Cristo que o coloca em oposição aos ideais da humanidade. Se o nosso estudo até agora nos levou a essa conclusão, agora a nossa intenção é transformar esta conclusão em sentença. Qual é o resultado do fato estabelecido da ofensa no retrato da vida de Jesus?

A primeira e maior conseqüência é esta: a Sua aparência não foi tirada de ideais que influenciaram mentes e corações, mas da história e da realidade; e ela foi conservada com fidelidade tão tenaz que a sua formação não foi influenciada de forma alguma pelos ideais populares. Se fosse permitido que a lenda assumisse o controle, há muito que a ofensa teria sido apagada, pois o espírito de lenda pode ser verificado nos quadros de fantasia. A aparência do Nazareno corresponde de qualquer forma ao espírito do homem? Não importa quem fez o retrato, já vimos que tão logo ele começou a seguir as suas próprias idéias, a aparência se tornou distorcida.

Os próprios evangelistas, de fato, quase seguiram os ditados dos seus corações, e estragaram o retrato. Não foram apenas os ideais, os desejos t as esperanças agitando os seus corações, que os levaram a traçar um esboço falso; eles também foram impelidos, e com especial força, pelo amor, que alegremente desejaria exaltar o Amado diante dos olhos de todo o mundo. Mas este amor, tão rico em suas evidências, nunca usou o pincel livremente, nunca se permitiu fazer alterações, mesmo quando sabia com certeza que a aparência do Amado iria a princípio desagradar todo o mundo — para os judeus um escândalo (pedra de tropeço) e para os gregos loucura. Lucas, em seus livros, nos apresenta duas descrições de cenas de morte, sendo a morte do primeiro mártir uma peça anexa à do Messias. Porém, para os olhos humanos, que ideal diferente a morte de Estêvão apresenta!

Que contraste entre o lamento de Jesus: "Agora a minha alma está perturbada," e a exaltação interior que fez com que a face de Estêvão brilhasse como a de um anjo! Ou compare, quanto a este respeito, Lucas 22:44 com Atos 7:65. Celso zombou deste fato, e provavelmente ele não foi o primeiro a fazê-lo. Mas Orígenes respondeu-lhe, não sem um tom zombeteiro: "Teria sido fácil falsificar este assunto, ou mesmo deixá-lo sem ser mencionado." O caloroso amor dos discípulos teria se oposto a isso. "Pelo contrário, ó Celso, admite a fidelidade deles."

A mesma coisa pode ser demonstrada em muitas outras passagens do relato do Evangelho. Verdadeiramente eles são uma coleção raramente forte e fiel, revelando fatos mesmo quando opostos pela plena força do amor!

Se esposarmos esta opinião, o que é que nos impede de chegarmos confiadamente à conclusão de que, se de maneira tão forte foi negada uma gratificação aos desejos do coração, nessas narrativas, e a aparência dAquele que é digno de louvor foi preservada mesmo quando era uma ofensa, quanto mais — pois teria sido mais fácil — a mesma fidelidade deve ter sido empregada em registrar as Suas palavras? Pois essas palavras foram por assim dizer nascidas para serem gravadas na memória, de forma impressionante e marcante, e não são facilmente esquecidas. E como um todo, elas consistiriam em uma ofensa muito menor do que as características morais da Sua aparência; a sua preservação teria custado aos discípulos uma luta muito menor.

Todavia, a nossa previsão quanto à fidelidade do relato ganha muito a partir da própria ofensa que há nessa aparência, que não é apenas uma peça de evidência continuamente efetiva e adicional da fidelidade do relato, da maneira como foi escrito na época, mas é também a garantia desta fidelidade, obtida antecipadamente. Esta afirmação é baseada em alicerces psicológicos

corriqueiros. O inusitado e o inesperado não causam impressão mais profunda? A idéia que penetra com mais dificuldade não se firma mais? Nós nos lembramos mais facilmente do que é extraordinário; a mente retém por mais tempo qualquer coisa que seja contrária a todas as regras, e berrantemente em contraste com o que esperamos. Se as coisas costumeiras se parecem com a impressão em cera, em nossa memória, o que descrevemos acima parece a estampa gravada em ouro.

O francês Giraud, seguindo a trilha de Livingstone através da África, deteve-se com prazer a coletar dos chefes nativos todas as informações acerca do grande explorador. Todos os que o haviam encontrado ainda estavam transbordando de louvores a ele. "O inglês," disse um deles, "era um homem bom; ele falou muito acerca de Mlungu (Deus) a quem nós, pretos, não conhecemos, e ele disse que tinha apenas uma esposa." Este último fato fora obviamente a coisa que havia causado a maior impressão aos pretos polígamos, e portanto foi lembrado mais do que todas as outras coisas. Quanto mais a aparência de Jesus impressionou os discípulos da mesma forma — por causa do seu contraste com tudo o que eles esperavam!

O efeito causado pelo Nazareno não foi apenas inesperado e jamais sonhado; ele muitas vezes feriu o coração deles, inscrevendo-se na sua mente com dor agonizante, como a inscrição em uma pedra é indelevelmente gravada com o cinzel mais agudo. O doloroso contraste com todas as suas esperanças e expectativas foi inesquecível, e alcançou o seu clímax no Gólgota. Inesquecível também foi o que eles tiveram que abdicar em sua própria natureza, sob a disciplina dessa semelhança, dessa aparência. A dor que eles haviam sofrido em ambos os casos tornou certo o lato de que a experiência jamais seria esquecida.

Ainda a outro respeito, há uma garantia da veracidade do relato dos discípulos no caráter ofensivo que permeava toda a imagem de Jesus. O contraste entre a maneira como Jesus fundou o Reino de Deus e as esperanças a respeito dele alimentadas pelos discípulos, bem como a luta interior na qual esse contraste os envolveu quase desde o início devem ter tido um efeito constantemente moderador sobre eles, preservando-os de todo entusiasmo vago e fanático. Esses discípulos não foram arrebatados, eles não se sentiram transportados para um mundo de milagres; pelo contrário, eles tiveram que se submeter a um desengano após o outro. Contudo, isto implicou em nada menos do que uma restrição constantemente imposta aos seus corações. Com a lucidez de um homem que tivesse sido despertado de uma visão por um rude choque, eles viram o que estava acontecendo. Todo o tempo eles estavam aprendendo em uma escola difícil, e isto forçosamente expulsou qualquer ternura emocional. E depois, quando começaram a pintar a imagem do Mestre, Ele ainda Se assentava diante deles e os ensinava.

Vamos resumir novamente as convicções que nos tem sido impostas de vários lados: Não temos aqui nenhum romance onde o poder da imaginação teve domínio, ou onde a mão foi guiada por desejos pessoais; pelo contrário, temos uma história ditada pela realidade — muitas vezes desagradável — a alunos obedientes, possuídos de um desejo insaciável de aprender.

* * *

Há ainda outro assunto que precisa ser abordado a esta altura. Precisamos advertir contra exageros. Como o observou corretamente um dos nossos teólogos modernos: "Não podemos pensar que Jesus Se sentou para posar para o Seu retrato."

Pense no magnificente descuido que nosso Deus demonstrou com relação à transmissão do relato que temos estado a estudar. Para começar, tome as palavras de Cristo. Talvez não tenhamos nenhuma passagem de qualquer extensão, em sua redação original. Deus renunciou solenemente à preservação dos discursos de Seu Filho na redação original, e sem dúvida o fez na plenitude da Sua sabedoria. Pois aqui também é verdade que "a letra mata," e assim na Sua providência Ele ordenou que as palavras aramaicas fossem esquecidas, e que a tarefa de escrever a Sua história fosse empreendida não na língua original, mas na grega.[41] Deus manifestou a mesma despreocupação

[41] Lembre-se, a este respeito, da mesma negligência magnificente mostrada pelos primeiros homens que escreveram essa história, mesmo no caso de registrar as pa lavras de Cristo. No mesmo livro Lucas apresenta três relatos diferentes

com relação à preservação da história da vida do Seu Filho. Sim, pois não temos nenhuma evidência de documentos, como o exige a forma hodierna de escrever história. Os Evangelhos são escritos de ponto de vista bem diferente de uma coleção de documentos. O objetivo dos evangelistas era ganhar pessoas para Jesus por meio de uma declaração prática que apelasse aos seus corações. Aos olhos da pesquisa histórica, que desvantagem é o fato de que só dois dos evangelistas foram testemunhas oculares! Temos de boa fonte a informação de que um deles reservou-se essencialmente a registrar as palavras de Jesus, enquanto que o outro escreveu na sua velhice, cronologicamente distante dos acontecimentos propriamente ditos. Só uma pequena porcentagem de tudo o que Jesus fez chegou a nós. Os relatos que temos da Sua vida, apresentam as mais flagrantes omissões. Como é que eles, particularmente, conservaram silêncio, exceto por um incidente registrado acerca de Jesus aos doze anos, a respeito de um período de pelo menos trinta anos de uma vida que durou trinta e três? O nosso profundo interesse é pelas partes que são de importância dogmática, e que Paulo designou com clareza tão admirável: "Cristo morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia."

Contudo, embora não haja uma biografia no sentido moderno, temos de fato um estudo detido e amplo do caráter do Nazareno. Dentro destes limites a Sua imagem foi gravada aguda e profundamente na memória e na mente dos Seus seguidores.

Em nossos dias dá-se ênfase ao fato de que só conhecemos o Jesus dos apóstolos, da maneira como Ele nos aparece nas descrições, nos sermões, nos elogios que eles registraram — de fato, somente através da pregação dos apóstolos. Quem pode negar isto? É tão verdade quanto o outro fato de que o Senhor Jesus não resolveu deixar-nos os Seus "Pensamentos e Reminiscências." Portanto, é ainda mais necessário reconhecermos que este Jesus não era um Homem segundo o coração dos apóstolos, e portanto é certo que Ele não foi criado pelos corações deles. É verdade que o Seu retrato passou *pelas* mãos deles, e que O vemos apenas com a aparência que eles O apresentam; mas ao mesmo tempo Ele não foi moldado e transformado *por* mãos deles, nem segundo os desejos dos seus corações.

Têm sido feitas tentativas para separar o Jesus histórico da Sua apresentação bíblica; mas todas essas tentativas estão fadadas ao fracasso.[42] Pois, quem dentre nós tem conhecimento de outro Cristo que não seja o que temos na pregação dos apóstolos? Além disto, esta diferenciação entre o Jesus histórico e o Cristo bíblico é fútil. O retrato bíblico exibe amplas provas de fidelidade, e pode ser comparado, a este respeito, com qualquer outro estudo histórico. Até hoje em dia, este Jesus é estranho demais ao coração humano, para que creiamos que continua apegada a essa imagem qualquer coisa que seja essencialmente característica das testemunhas propriamente ditas.

Porém, aqui outra vez, a nossa declaração se aplica somente à apresentação do Seu caráter como um todo. Não podemos regatear a respeito dos detalhes das recordações dos discípulos a respeito da Sua vida. Esses homens não estavam preocupados com sutilezas históricas. A proclamação que eles fizeram do Evangelho lidava com algo maior, e eles bem sabiam qual era o tema principal, e o que não era essencial. Para eles, o fato principal era que Jesus havia morrido por nossos pecados, havia sido sepultado, e ressuscitara ao terceiro dia. Se Jesus não estava preocupado com o fato de nenhuma de Suas palavras terem sido anotadas, nenhum esboço indispensável da Sua vida ter sido deixado para o Seu povo como lembrança perene, por que deveriam os discípulos procurar o vivo entre os mortos, escavando para encontrar traços da Sua vida terrena? Se hoje em dia ainda procuramos uma aparência histórica por trás da imagem bíblica de Jesus, como podemos esperar vê-la nas circunstâncias? Não obstante, há algo de inquietante e desencorajador para o leigo, nos indícios falsos seguidos por essa busca, nas contradições inevitáveis, que são constantes.

---

das palavras do Senhor ao derrotado Saulo, tentado a esta liberdade pela forma aramaica da passagem (At 9:5; 22:8; 26:14,15; cf. também Jo 18:9 com 17:12). Ou pense no relato das palavras dadas por ocasião da Última Ceia. A Ceia é celebrada de uma só vez (At 2:46; cf. I Co 11:20, 33 - assim o cristianismo é um só corpo, 10:16s.). Pode-se pensar que as palavras de Jesus teriam sido preservadas, literalmente, desde o início. E agora, cf. Mt 26:26ss.; Mc 14:22s; Lc 22:15ss.; I Co 11:23ss. Estes homens certamente não se ativeram à mera letra.

[42] Isto agora é admitido até mesmo por aqueles que anteriormente estavam entusiasmados com a idéia. Assim, Wellhausen diz: "Não podemos retornar ao Jesus histórico, mesmo que o desejemos."

Da mesma forma, não podemos dar crédito aos apologistas, para qualquer penetração em sua prova dos detalhes que eles apresentam. Bem diferentes da arbitrariedade que exibem freqüentemente as suas tentativas de harmonizar e explicar, e diferentes das contradições existentes entre eles mesmos, que se originam dessa arbitrariedade, nenhuma conclusão pode ser alcançada por esse trabalho acerca de detalhes, pois novas objeções continuamente ameaçam, e portanto não pode ser atingida nenhuma satisfação tranqüila. Devemos querer libertar a situação desta inquietante incerteza. Baseando-nos no que estabelecemos acima, aceitamos a figura apresentada pelos Evangelhos *en bloc,* e com boa consciência. "Ele realmente viveu; nenhum pincel empunhado por homem algum poderia pintar tal quadro, e ninguém poderia tê-lo inventado." Esta imagem, em sua totalidade, nos é crível. A impressão geral é genuína. Pois o espírito que transfigura essa imagem não é o de qualquer era ou povo, nem de qualquer cérebro humano, embora possuído dos mais elevados ideais. Ninguém inventou essa imagem. Por causa deste fato e de suas conseqüências, as disputas a respeito dos seus detalhes nos parecem inteiramente vãs, mas também tão sem importância como o grão de areia que os mercadores não se dão ao trabalho de remover, quando está onerando o peso da sua mercadoria, calculado em toneladas — não, não se ele está pesando ouro.[43]

Há uma coisa que invariavelmente repele o homem moderno, impedindo-o de ver a figura bíblica de Jesus: a operação dos Seus milagres. Mil razões podem recomendar a nossa aceitação da figura, como verdadeira e crível, mas quem pode apresentar uma só razão que seja, para que creiamos nos milagres que estão ligados de maneira tão íntima à Sua história? Certamente a lenda foi palpavelmente ativa neste ponto, em particular? Cremos que este não é o caso. Os milagres podem fazer com que seja peculiarmente difícil confiar nesta imagem, mas mesmo assim esperamos ser capazes de apresentar provas especiais a respeito deles, em nossa discussão dessa questão. Façamo-lo no próximo capítulo.

[43] "A imagem mais fiel, como sabemos, não é obtida pela fotografia. Um retrato feito por mão de mestre nos mostra o homem como ele é, prejudicado talvez em certos casos; não obstante, com mais exatidão do que a melhor fotografia" (Ewald). Assim acontece nos quatro Evangelhos: temos quatro retratos do Mestre. Entre os grãos de areia mencionados acima, eu colocaria as deficiências que, de acordo com a vontade de Deus, a narrativa do Evangelho exibe, a despeito da sua vivacidade e veracidade; a possibilidade de mal entendidos em certas passagens, e de repetições enganadoras e exageros inconscientes. Se conservamos os olhos fixos na imagem como um todo, como temos feito aqui, e não gastarmos tempo com minúcias, estaremos nos protegendo contra essas imperfeições. A nossa observação deve ser dirigida repetidamente em direção ao quadro como um todo. Em outras esferas também, a pesquisa judiciosa age tão somente desta maneira (cf. Livro Dois, "A Beleza do Quadro," sob o título "Desenvolvimento do Tema," parte 2).

CAPÍTULO 9
A NECESSIDADE DOS MILAGRES

"Se o mundo se convertesse ao cristianismo sem os milagres, este seria um fato cem vezes maior do que todo o resto."

Dante

Não é nossa intenção estabelecer a esta altura qualquer dos argumentos mais ou menos convincentes que provam a possibilidade dos milagres, que têm sido apresentados desde as mais priscas eras. Sem menosprezar nem um pouco essas tentativas, não estamos inclinados a repeti-las aqui. Mas da posição a que o nosso estudo nos trouxe, não podemos tirar as nossas próprias conclusões quanto à *necessidade* dos milagres? Parece-nos que esta pergunta é mais importante do que a da possibilidade dos milagres, e cremos que se fosse dito que os milagres eram um fator necessário na vida de Jesus, a questão da sua possibilidade seria facilmente resolvida. Se o homem moderno está apenas meio convencido, as palavras de Hamlet ainda contém convicção: "Há mais coisas na terra e no céu, Horácio, do que as que são sonhadas na tua filosofia." Se pudermos apenas demonstrar que os milagres são de fato uma parte razoável da vida de Jesus — até mesmo uma parte essencial — então milhares de pessoas cessarão de duvidar deles. Cremos que, segundo o conhecimento que adquirimos no curso deste estudo, seremos capazes de tirar deduções elucidadoras que provem a necessidade dos milagres.

Houve dois aspectos em que a imagem de Jesus ficou aquém das expectativas do povo. Ele era ao mesmo tempo elevado demais e humilde demais parase enquadrar com as idéias de Israel; esta foi a conclusão a que chegamos com o exame que fizemos, quando medimos Jesus primeiramente segundo o julgamento do Seu próprio povo. Quando alargamos o círculo e tentamos ver o Nazareno através dos olhos dos homens de cultura da época em que Ele viveu, fomos forçados a concluir que Jesus pareceu uma verdadeira contradição em relação aos conceitos dos sábios do Seu tempo; podemos lê-lo nas palavras de Paulo; Ele lhes parecia um louco. E além disso, obtivemos a certeza de que Jesus sofreu a oposição não apenas do espírito da Sua época, mas do espírito dos Seus discípulos. A Sua imagem foi gravada somente mediante contínuo protesto da parte deles. E finalmente, há algo no coração humano que ainda permanece em constante antagonismo a essa imagem de Jesus; isso é o homem natural, devido ao fato de ser manchado pelo pecado. Talvez "o filho primogênito da Igreja entre os poetas" esteja certo em seu juízo quando, observando o retrato ao qual se apega a ofensa de maneira tão tenaz que cada época nova a rejeita novamente, ele escreveu: "Se o mundo tivesse sido convertido ao cristianismo sem os milagres, este seria um fato cem vezes maior do que todo o resto." A nossa intenção é procurar entender minuciosamente a verdade que está nestas palavras.

***

Houve outros homens cuja preocupação era encontrar ouvidos atentos entre as massas. Como foi que eles, procurando fazer com que a sua influência fosse notada, persuadiram o povo a ouvi-los? Um profeta de Israel andou descalço durante vários meses (Is 20:2) para que o povo o notasse. Outro, na presença do seu rei, colocou chifres sobre a sua própria testa, de forma que as suas palavras causassem impressão (I Re 22:11). Pela mesma razão Elias, o tesbita, nunca foi visto sem uma pele crua pendente de seus ombros (II Re 1:8). João Batista escolheu a capa do tesbita para si, e esta roupa, combinada com o seu excêntrico modo de vida (Mt 3:4) ganhou muitos ouvintes. "Eles alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas," declarou Jesus acerca dos fariseus. E também, eles oravam de pé nas esquinas das ruas, e tudo isto para que pudessem ser vistos pelos

homens, e assim exercer influência sobre o povo. Mas como podemos explicar a tremenda impressão que o jovem e natural Homem de Nazaré indubitavelmente causou (Mt 4:5; 8:34; 21:8s; Mc 1:33, 37, 45; 8:2s.; Lc 5:1; 7, 11; 8:40, 45; 12:1; Jo 12:19) sobre uma nação inteira por vários anos? Como foi que Ele fascinou tão grandemente os Seus compatriotas, que só depois de muito tempo e com extremos cuidados os Seus inimigos poderosos ousaram lançar-Lhe as mãos? Havia algo em Sua aparência que prendesse o povo? Sabemos algo acerca de peculiaridades da Sua conduta? Havia algo nEle que ferisse os olhos? Ou será que Ele correspondia às expectativas deles, isto é, parecia-Se Ele com o Messias? E se não existia nada disso, como é que uma pessoa dessas conseguiu causar alguma impressão ou chamar a atenção para Si, se não foi por meio de milagres? Sim, pois a beleza deste Homem não era óbvia para o homem das ruas, mas se desvendou tão somente gradual e vagarosamente diante dos olhos humanos; de forma que até o fato de Ele ter convencido os Doze pode ser entendido com dificuldade, sem a operação dos Seus milagres; e de fato, isso não foi obtido sem eles.

Teria sido diferente no caso de João Batista. Desde o princípio ele conseguira estabelecer uma afinidade espiritual com o povo. Tudo nele correspondeu às expectativas, não apenas o seu aparecimento profético, e a sua maneira excêntrica de viver — essa era a maneira como o povo imaginava Elias, precursor do Messias — mas também a sua pregação. "O dia do Senhor está próximo; o dia do juízo se aproxima, trazendo fogo para alguns e o derramamento do Espírito para outros." Não eram estas palavras, pronunciadas pelo pregador do deserto, exatamente o que pode ser lido nos profetas a respeito dos dias que haveriam de preceder a vinda do Messias? Assim ele não requeria nenhuma credencial: "João não fez milagres" (Jo 10:41);[44] não obstante, todo o país dos judeus afluiu para vê-lo.

Como Jesus foi diferente! Em que Ele ostentava as características esperadas pelo povo? Certamente fora João Batista que, por sua avaliação de Jesus, elevou a figura simples do Nazareno que passava à posição de Cordeiro de Deus aos olhos de João e de André (Jo 1:36). Mas agora era a vez de Simão. Seria ele atraído para este Homem, que não exibia nada da majestade messiânica, se não fosse pelo fato de Ele ler miraculosamente o coração do discípulo: "Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1:42)? A mesma coisa aconteceu com Natanael. A despeito da sua alma honrosa, sem dolo (Jo 1:47) — sim, e talvez por causa dela — ele teria fugido, se não tivesse captado um vislumbre rápido da majestade messiânica escondida debaixo da capa do Nazareno que estava diante dele. "Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira (Jo 1:48). Quem poderia saber que acontecera aquela ocasião secreta à sombra da árvore cujos longos ramos varriam o chão? Quem poderia estar sabendo daquilo, a não ser Deus, a quem Natanael devia estar ali orando pela vinda do Messias? E agora este Homem sabia de tudo!

"Cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido," disse Jesus à queima-roupa quando encontrou-Se com aquela estranha mulher à beira do Poço de Jacó (Jo 4:18). Seria aquilo um conhecimento milagroso? E aquilo não foi dito sem razão, mas para chamar a atenção de uma mulher frívola que estava ao lado daquele Homem simples, à beira do poço, e levá-la a ouvir o que Ele tinha a dizer. "Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos" (Jo 6:2). Te-lo-iam seguido se as circunstâncias fossem diferentes? Se assim não fosse, onde conseguiria Ele a congregação cujos ouvidos Ele precisava para lançar a Sua preciosa semente?

Resumamos brevemente o que conseguimos agora. Os milagres de Jesus eram necessários; um acréscimo indispensável ao Seu advento, que consistiu em tanta ofensa, e que se harmonizou tão pouco com a idéia do Messias e com as mais caras expectativas do Seu povo. Acima de tudo,

[44] Além disso, João é uma testemunha interessante contra os que estão sempre as severando que Jesus viveu numa época em que o povo tinha grande ansiedade por milagres. A época esperava milagres do Messias, dizem eles, e por esta razão, atribuíram-nos ao Nazareno que consideravam como Messias. João não deveria vir no poder de Elias? (Lc 1:17). Contudo, ao lado de Moisés, Elias era o maior operador de milagres dentre os profetas. Não era de se esperar sinais proféticos do seu sucessor? E se assim era, por que esse povo supostamente seguidor de milagres não inventou milagres para ele, se eles não aconteceram realmente?

eles foram necessários tão somente para chamar a atenção do povo. Poucas pessoas O notariam, sem que Ele realizasse milagres; e ninguém se sentiria inclinado a continuar com esse Homem cuja palavra a respeito do Reino do Messias parecia loucura, nem O teriam escolhido confiadamente como Senhor de suas almas.

***

Há uma segunda conexão em que a necessidade dos milagres originou-se da pedra de tropeço que Jesus ofereceu a muitos. Eles não foram apenas necessários para chamar a atenção do povo, porém, mais do que isto, para prendê-la.

Os milagres foram constantemente usados para cobrir algo no Messias que havia ofendido o povo gravemente. "Este homem blasfema!" gritavam os Seus inimigos quando Ele declarava ter poder para perdoar pecados. Mas um milagre encobriu o ato ofensivo. "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados ... Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa" (Mt 9:6). Natanael ficou grandemente decepcionado quando ficou sabendo que o Messias era um Galileu, e até mesmo, havia saído de Nazaré (Jo 1:46). Mas a rápida revelação feita pelo Mestre a respeito do conhecimento do seu segredo, ajudou-o a vencer para sempre essa pedra de tropeço que lhe parecera tão grande. Toda a aparência de Jesus parecia tão vil e apresentava-se em contraste tão contínuo com as esperanças que Israel tinha de um rei! Mas os milagres exibiam pelo menos alguma majestade real; pelo menos ocasionalmente podia ser dito que Ele "manifestou a Sua glória" (Jo 2:11). E assim, quando chegou uma hora em que parecia que toda a Sua glória real tinha desaparecido, os Seus discípulos ainda continuaram crendo nEle. Porém, como poderiam eles tê-lo feito, se não tivessem tido um vislumbre daquela majestade?

Na vida de Jesus os milagres tiveram a mesma importância da transfiguração no começo da Sua Paixão. Através deles Deus veio em socorro da fraqueza humana, de forma que a ofensa manifesta em Seu filho não levasse a humanidade a tropeçar sem esperança de recuperação.

Pense: qual era a situação? João havia proclamado que o Reino Messiânico estava próximo; Jesus mesmo o descrevera como iminente. Que adiantava falar em tal estado de coisas? João Batista não era o único que desejava ver atos. Qual dentre eles teria sido capaz de resistir à dúvida que os assaltou, se os milagres de Jesus não lhes tivessem propiciado pelo menos algum consolo, e mostrado a muitos deles um pequeno vislumbre das glórias do Reino Messiânico? A caminhada sobre as águas, que à primeira vista parece fortemente um milagre de mera ostentação, serviu a este objetivo. Jesus acabara de recusar-Se a ser reconhecido como rei Messiânico (Jo 6:15), abalando desta forma de maneira triste a fé de Seus seguidores (v. 66); e assim, o fato de Ele andar sobre as águas — que é atestado também por Mateus e Marcos — foi nada menos do que um ato de compaixão, trazendo ajuda à fé vacilante dos discípulos. De fato, os milagres foram absolutamente necessários como suplemento, a fim de esta vida, cuja humildade ridicularizava todas as expectativas deles, poder desta forma tornar-se tolerável até certo ponto para os seguidores de Jesus.

Não existe parte da vida de Cristo à qual o que dissemos acima não se aplique mais exatamente do que à Sua morte. Nesse contexto, mais do que nunca, a humildade extraordinária da Sua vida exigiu a glória dos milagres para suplementá-la e para agir como contrapartida.[45] A vida de Jesus havia terminado em fracasso aparente. Ele fora crucificado, morto e sepultado. Sem dúvida Ele não realizara o que os Seus discípulos esperavam. "Nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel." Durante três dias parecia que a Sua obra havia falhado completamente; o pequeno grupo dos Seus discípulos se espalhara, e embora não tivessem cessado

[45] Note que o milagre permanece totalmente em segundo plano, como nas passagens citadas na página 98.
Leia o que Pedro diz a respeito dos primeiros milagres que ele realizou (At 3:12s., 15s.). As epístolas de Paulo também ocasionalmente dão testemunhos especiais de tais milagres (Rm 15:19; II Co 12:12). É difícil ver como aquele grupinho de testemunhas que Ele deixou no mundo teriam sequer sido ouvidos, se o fato de terem realizado milagres não os tivesse impedido de desaparecer sem sequer serem ouvidos.

de amá-lo, todas as esperanças que eles haviam tido a respeito dEle, estavam abaladas. E então Ele revelou-Se a eles como nos dias dos Seus primeiros milagres, mas desta vez com poder maior, fazendo a Sua glória combinar conclusivamente com a decepção da própria Cruz — e os Seus discípulos creram nEle.

Não teria sido suficiente um traslado para outro mundo, uma sobrevivência do Seu espírito? Certamente não! Os Seus discípulos precisavam vê-lo; só desta forma a vergonha e a decepção da Cruz seriam redimidas. Isto também lança luz sobre o motivo porque Deus precisou permitir que se manifestasse o dom de operação de milagres na era apostólica.[46] O mundo precisava reconhecer, através desses milagres, que Aquele em quem cremos está vivo. O Ressuscitado apresentou-Se entre os Seus discípulos.

Baseados no nosso conhecimento da ofensa na vida de Jesus, podemos compreender também porque a proliferação de milagres durante os anos do ministério de Jesus e as primeiras décadas da história da Igreja não continuou em épocas posteriores e em nossos dias. Os milagres em abundância puderam cessar tão logo os efeitos perturbadores da ofensa na Sua imagem haviam desaparecido. Chegou uma época quando o Cristianismo se tornara um poder tão grande que o povo foi forçado a notá-lo. Deus não precisa mais recorrer a milagres para chamar a atenção das pessoas para o Nazareno. A sua figura maravilhosa é apresentada à criança enquanto ela ainda está na escola. Entre o borburinho da cidade grande, não pode passar despercebida facilmente a catedral que uma mão de mestre erigiu. Assim sendo, em nossos dias, há o suficiente para prender a atenção do povo; agora é impossível pensar em Jesus como involuntária e inteiramente ignorado; e portanto, a obra de Deus, no que concerne aos milagres facilmente identificáveis, cessou.

Além disso, a humildade peculiar à imagem de Jesus não requer mais a glória de milagres como compensação. A este respeito os milagres foram apenas um acessório, até o momento em que os olhos dos homens foram abertos para a beleza secreta do Filho de Deus, e o Seu poder se tornou evidente. "Bem-aventurados os que não viram e creram." Além disso, o maior tropeço que Israel via em Jesus se desvaneceu completamente do quadro, no que nos concerne; pois é fácil reconhecermos que o Seu Reino não é deste mundo. Para nós, é pequena a ofensa no quadro que temos dEle, e o que ali se apresenta é mais do que contrabalançado pelo que a nossa consciência imediatamente reconhece como valor autenticado.

*** * ***

Certa vez um astrônomo, trabalhando em seu observatório, descobriu um planeta. Enquanto estudava o sistema solar, fixou-se fortemente na sua mente a convicção de que, em determinado ponto do espaço, outro planeta viria a traçar a sua órbita; a harmonia e equilíbrio do sistema solar requeriam esse corpo celeste. Tiveram os meus leitores, juntamente comigo, a impressão de que o cristão responsável, ao estudar a vida de Cristo, teria a consciência de semelhante lacuna, se a história do Evangelho não falasse nada dos milagres? Não concordamos com Dante que esta vida do Nazareno, com seus efeitos de longo alcance (um poder que move nações) e seus meios limitados (fenômeno ofensivo e que não impressiona), seria incrível sem os milagres? Aqueles dentre os meus leitores que compreendem este fato, entenderão porque colocamos, como conclusão a que chegamos neste capítulo, o fato de que a harmonia na vida de Jesus exige os Seus milagres; se eles não constassem dos Evangelhos, precisaríamos procurá-los a fim de elucidar o problema.

[46] Atos 17:31: "Destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos."

CAPITULO 10

O SUPRA-MUNDANISMO DA PESSOA DE JESUS

"Eu sou lá de cima."

João 8:23

Além dos poderes miraculosos com que a vida de Jesus foi tão ricamente dotada, há uma segunda coisa que torna singularmente difícil uma aceitação da Sua história pela fé. Jesus disse coisas acerca de Si mesmo que O colocam fora do círculo dos mensageiros de Deus, e que, de fato,O separam completamente de qualquer acordo com a raça humana (V.g. "Antes que Abraão existisse, eu sou"). Estas palavras são encontradas especialmente no Quarto Evangelho (Jo 3:13; 8:58; 16:28, 17:5), embora não estejam ausentes nos outros Evangelhos também (Mt 11:27; 28:18,20).

Será que o fato da ofensa da Sua imagem, que já estabelecemos, lança luz sobre esta peculiaridade? A natureza ofensiva que abundou tanto na Sua pessoa, coloca Jesus, quanto a muitos outros aspectos, bem longe de qualquer semelhança com a raça humana. A Sua presença só pode ser descrita como a de um corpo estranho que invadiu a sociedade humana e que a humanidade, quando permanece essencial e meramente ela mesma, sempre tenta rejeitar. Mas as passagens a respeito da Sua origem especial concordam da maneira mais notável com a peculiaridade óbvia da Sua pessoa, derivando dela sustento e apoio.

Talvez se entrarmos mais uma vez na peculiaridade do assunto do Seu advento, poderemos tirar algumas conclusões quanto à forma única e misteriosa da Sua pessoa.

Há várias características na conduta de Jesus que realmente só podem ser explicadas pelo fato de que Ele era *o Filho.* Os atos de um homem rico são bem diferentes daqueles de um homem que trabalha hoje para comer amanhã. Um rei tem mais liberdade do que o homem que precisa lutar pela vida. O filho da casa dá as suas ordens de maneira diferente de um servo. "Aquele que não sabe o que é inveja, porque é o maior" — isto descreve um governante; mas a dignidade peculiar da sua posição coloca um rei acima dos seus semelhantes em mais aspectos do que este. A conduta de Jesus, em muitas ocasiões, nos faz lembrar dessa dignidade de posição. Em Suas palavras: "Não busco a minha própria glória," há a certeza absoluta de Alguém cuja posição não pode ser tirada nem reduzida. As pessoas que ainda precisam abrir caminho podem lutar e brigar por sua posição; aquele que está no topo olha de forma superior, com calma e indiferença, não tomando parte no borburinho. Podemos considerar como fraqueza em um homem a sua aceitação sem queixas, quando suspeitamos que ele é forçado a aceitar; Se quisesse, Esse Homem poderia ter-se esquivado à humilhação a qualquer momento; o fato de Ele não tê-lo feito O torna ainda mais digno do nosso respeito. Corretamente Paulo hesitou em aceitar presentes; este Homem, embora aceitasse presentes "de muitos" sem hesitação, ainda permaneceu como "o Senhor." Exatamente da mesma forma um rei não corre nenhum risco de se diminuir aceitando negligentemente uma dádiva, porém isto não acontece com pessoas de condição inferior. O mesmo pode ser dito a respeito de dar presentes. Todos nós temos medo de, pelo fato de dar algo, virmos a nos comprometer — nos entregarmos; somos exageradamente sensíveis da nossa dignidade, assás ansiosos por parecermos pessoas de importância. Neste campo também há uma batalha pela existência que está sendo travada em todo o mundo. Onde quer que olhemos, encontraremos pessoas lutando por sua posição. Só o Homem a quem estamos aprendendo a conhecer, não tem nada por que lutar, pois file está na posse de tudo, posse esta que não sofre nenhuma oposição. Aqui, de fato, estamos cônscios da conduta dAquele que é o Filho.

Em sua aplicação mais ampla aos discípulos de Cristo, a moralidade cristã contém algo incompreensível para os que estão do lado de fora. Ela tem muita certeza, parecendo demais o

comportamento que esperamos de um homem rico. Ela pode, sem dúvida, ser praticada sem prejuízo tão somente por aqueles que receberam de Deus a condição de filhos. Em primeiro lugar precisamos ser colocados como tais, para que não tenhamos medo do mundo, sem requerer o seu apoio nem o seu encorajamento; enquanto não alcançamos esta posição, o cumprimento do dever cristão é uma coisa anti-natural. O indivíduo precisa em primeiro lugar satisfazer plenamente o seu desejo de viver; até então ele está sob o interdito dos impulsos naturais, que o forçam a viver para si próprio. Mas quando, em comunhão com Deus, ele atinge a mais plena satisfação, experimenta agora e por toda a eternidade a maior segurança da sua personalidade, e a sua posição torna-se suficientemente alta, para que, em seu modo de vida, ele possa imitar a magnanimidade de Cristo. Ele também começa a ter a conduta de alguém que é filho.

Jesus tinha a aparência de Alguém que voluntariamente havia assumido a forma de homem. Muitas vezes percebemos em outros grandes homens um esforço para livrar-se daquilo que é humano, ou pelo menos para reprimi-lo. Aquele que desceu ao nosso meio, vindo do alto, nunca Se envergonhou de ser homem. "O Seu espírito era suficientemente forte para selar os Seus lábios, impedindo-os de dar expressão aos sentimentos de desolação que O assaltavam, e ao pedido para que a Sua sede fosse mitigada; ao invés disso, Ele reconheceu as Suas necessidades." Durante toda a Sua vida, esta rica veia de humanidade fluiu através da Sua natureza. Para perceber isto precisamos tão somente nos lembrar de que Ele chorou diante do túmulo de Lázaro às portas de Jerusalém, a Sua profunda angústia de espírito depois da morte de João Batista e o Seu cansaço à beira do Poço de Jacó. Jesus decidiu ser homem, e nada reprimiu em Si daquilo que chamamos humano.

Contudo, encontramos na imagem de Jesus várias outras características que foram pedra de tropeço para o mundo, e que ainda assim nos levam, hoje em dia, à conclusão de que Ele foi o Santo de Deus. De vez em quando encontramo-lo agindo de maneira que não se recomenda em face dos nossos costumes, porque isso certamente seria danoso à nossa vida interior. Aqui, vemos a Sua pessoa elevando-Se acima de nós em Sua força inigualável: a Sua natureza é livre daquelas cautelas que a necessidade estabelece para nós, homens pecadores. Consideremos apenas duas dessas características.

Achamos, com razão, que não podemos tocar o piche sem sermos contaminados. Somos tão facilmente contaminados pelo contato com publicanos e pecadores, que precisamos ser fortalecidos mediante a nossa associação com Jesus, antes de poder imitá-lo a este respeito, sem correr perigo. Ele Se dedicou a essas pessoas sem restrições, pois era suficientemente livre, forte e puro para permanecer intocado.

Em segundo lugar, é uma fraqueza humana o fato de o homem temer o risco de se preocupar demasiadamente com as minúcias da vida, que de fato ele não ousa fazê-lo sem correr o perigo de tornar-se desqualificado para o principal objetivo da sua vocação. A dignidade real de nosso Senhor jamais foi mais visível do que "quando Ele se mostrou capaz de haver-se com as coisas pequenas da vida, todas elas requerendo incessantemente a Sua atenção, a sua trivialidade, pelo menos aos olhos dos homens, e o excesso da miséria que elas representam. Ele as tratou a todas sem agitação, sem mesquinhez ou recusas." Desta forma, em toda a Sua maneira de pensar e viver, Ele foi "separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus" (Hb 7:26).

"As coisas de Deus, e não as dos homens" (Mt 16:23) são palavras que podem ser aplicadas a outras características da imagem de Jesus. A Sua conduta para com a Sua mãe enquadra-se especialmente nesta categoria. O catolicismo restaurou a Maria a sua autoridade materna, mas na realidade a atitude de Jesus para com ela foi diferente. Ele não podia ser um filho comum para Sua mãe, pois estava em vias de se tornar para a humanidade mais do que qualquer outro homem podia ser. Ela precisava renunciar aos seus direitos maternos sobre este Homem a quem deveria reconhecer e adorar como seu Salvador. E se Jesus exigia de Seus discípulos que O amassem mais do que o pai ou mãe, se Ele recusou a um deles a permissão para enterrar seu pai, em aparente desrespeito ao quinto mandamento, isto só pode ser explicado pelo fato de que ali estava um Homem que, devido às exigências que fazia da humanidade, sem hesitação Se colocava

em pé de igualdade com Deus.[47]

Todo o Seu método de operação e a coragem com que Ele avançava como semeador, podem ser descritos pela frase "coisas de Deus, e não as dos homens." Quem dentre os nossos grandes personagens históricos ousou fazer esse apelo exclusivo ao coração dos homens, trabalhando de dentro para fora? Todos eles não ficaram desanimados com o aparente desengano que o serviço prestado à humanidade lhes causou? Jesus seguiu o Seu caminho sem pressa, em certeza divina. Deus pode esperar, e o Seu Filho também. Deus tem o Seu próprio padrão cronológico; forças que se estendem além da morte estão à Sua disposição. Esta é a única forma de explicar a coragem, incrível de outra forma, manifesta em uma operação que parece ser tão infinita.

A originalidade da Sua pessoa resplandece a partir da peculiaridade dos Seus atos. Observemos este fato em Sua morte. Não faltou a este Homem coragem em outras circunstâncias. Confiando em Sua própria personalidade, Ele enfrentou confiantemente mesmo os poderosos dentre o Seu povo. Ninguém jamais viu faltar ao Nazareno o amor que estava sempre pronto ao sacrifício. Por que, então, quando outros mártires podem suportar tortura e morte com serenidade, Cristo agiu de maneira diferente? Não adianta dizer que o verdadeiro Jesus não tinha o desejo de imitar os estóicos em seu desdém pela dor. "Os homens de fé são sustentados na hora da morte, não pela ostentação, nem por meios artificiais, mas pela verdade, se o Espírito lhes dá o penhor da filiação." Portanto, por que o líder foi ultrapassado a este respeito por Seus seguidores? A resposta encontra-se no mais profundo segredo da Sua personalidade. Se é verdade que o salário do pecado é a morte, então a morte — pelo menos a morte que é nosso quinhão — deve ser tão anti-natural para a humanidade quanto o pecado. Na morte vemos o sopro da ira de Deus, o juízo do Deus Santo que afasta do pecador a Sua face. E assim, o Puro e Imaculado sofreu como tão somente um pecador sofre, porque o pecado da humanidade foi colocado sobre Ele, porque Deus não interveio para proteger Seu Filho. A Sua morte devia transformar-se na expiação pelos pecados do mundo. O fato de Jesus ter tremido e temido pode ser explicado apenas pela peculiaridade exclusiva da Sua pessoa, para quem a angústia e a desolação que o pecador sofre com justiça, eram totalmente estranhas e odiosas. Esse temor simbólico da morte às mãos dos pecadores é um sinal claro de uma personalidade pura e santa, profunda e caracteristicamente arraigada na natureza de Deus. Ele estava acostumado a sentir: "Não estou só; o Pai está comigo," e podia dizer: "Eu e o Pai somos um;" assim, quando na morte Ele Se sentiu desertado por Deus, o Seu tremor foi muito maior do que a do homem que vive sem Deus. Do tremor do Getsêmane e do medo da Cruz, provém o resplendor de uma majestade de pureza moral e da mais profunda comunhão pessoal com Deus, como jamais homem algum possuiu.

Uma coisa mais. Estêvão não foi o único que, na hora da morte, sentiu a presença de Deus de maneira que nunca havia experimentado antes. Outros homens e mártires têm sido sustentados semelhantemente em suas horas de necessidade. Jesus, pelo contrário, provou a plena amargura de ser abandonado por Deus. A Sua morte não foi facilitada; fazia parte da Sua missão beber o cálice até o fim. Esta morte e toda a sua agonia torna-se compreensível tão somente quando compreendemos o significado das palavras: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo."[48] Assim, em muitos pontos, a imagem de Jesus ostenta as dimensões de outro mundo, e Ele sempre Se eleva muito acima de nós. Quanto a outros pontos, as proporções celestiais são tais

---

[47] Compare, também, a maneira como Ele tratou as irmãs que residiam em Betânia. Enquanto elas estão lamentando: "Se tão somente Jesus estivesse aqui! Por que Ele não nos socorreu?" Ele diz aos Seus discípulos: "Estou contente por não ter estado lá." Se Marta e Maria O tivessem ouvido, teriam sido profundamente feridas. Será que Jesus realmente podia ser tão insensível? "Ele pode agir com mais dureza aparente do que qualquer homem comum, sem tornar-Se culpado de pecado grave. Quando nos requerem ajuda, precisamos nos apressar em ministrá-la, para que não cheguemos tarde demais. O Filho Unigênito pode demorar-Se porque para Ele nunca *é* tarde demais. Ele pode fazer com que as pessoas se angustiem, porque Ele sabe que é para o bem delas" (H. Hoffmann).

[48] Nos artigos famosos de Harnack a respeito da "Substância do Cristianismo," a apreciação de Jesus não é seguida retamente até a sua conclusão. Se, como Harnack assevera, o significado de Jesus está meramente na proclamação que Ele fez (preservada através da Sua vida), ainda precisamos de um martírio de convicção de padrão bem diferente. Precisa acontecer uma coisa ou outra. Ou a hesitação de Jesus em face da morte foi um defeito (e segundo a opinião de Harnack, esse não deve ter sido o caso), ou é exatamente esse tremor, como cremos, que aponta para uma majestade peculiar e uma morte única em seu significado.

que nós também podemos atingi-las. Da mesma forma como ostentamos a semelhança do homem terreno, teremos também a semelhança do celestial. Pois tudo isto deve levar à seguinte conclusão: que a vontade de Deus deve ser feita em nós na terra como o é no céu. Não obstante, aqui também não podemos nos livrar da convicção de que este Jesus cresceu em solo diferente daquele em que nós crescemos. Ele é um ramo celestial enxertado na árvore da humanidade. Não é de se admirar que as palavras que Ele pronunciou acerca de Si mesmo freqüentemente parecem proclamar este fato.

CONCLUSÃO

RESULTADO: UM APELO À VONTADE

Dentre os resultados a que a nossa investigação nos levou, o mais importante é aquele exposto no capítulo oito: a prova convincente da fidelidade do relato que nos foi transmitido. Os dois capítulos que se seguiram foram suplementares, falando de dificuldades localizadas que podem ser facilmente solucionadas. A fidelidade do relato - o que ganhamos com a clara demonstração desse fato? Nada menos que uma porta aberta. Há algo que agora nos impeça de lançar a nossa sorte com esse Cristo? Pode alguém interpor uma única suspeita contra esta figura de luz, ou crer que mediante um exame mais detido ela pode se desfazer em uma névoa tremeluzente? A coisa mais importante ainda é segui-lo: Filho do homem, cabe a você entrar por esta porta!

A razão não pode mais permanecer como obstáculo no caminho. Para ela, precisa ficar bem claro que aqui não temos um quadro engendrado pelos desejos do coração humano. Aqui podemos aprender a conhecer o Deus que age em Cristo e através dEle. Aqui há esperança de chegarmos a uma convicção pessoal a respeito de Deus — aqui, e provavelmente em nenhum outro lugar.

Se a razão não pode mais guardar a porta para que não entremos, a única questão que resta é se há algo que ainda não levamos em conta que possa nos impedir; todas as pessoas devem considerar como seu dever o exame sincero e pessoal desta questão.[49]

Só os que sentem necessidade de Deus estarão dispostos a lançar a sua sorte em Cristo, e esta necessidade se apresenta como a antítese da saciedade e plena satisfação. Os homens modernos nem sempre procuram satisfação nos prazeres mais rasteiros e grosseiros da carne — embora este tipo de satisfação ainda ocupe um lugar preponderante na mente dos homens. Mas os prazeres mais finos e mais nobres oferecidos, por exemplo, pela cultura, podem dar a mesma sensação de saciedade. E esse é o inimigo da necessidade. Argumentos como os que temos empregado, de fato não podem criar essa necessidade, mas onde o sentimento já está presente - e em nossos dias Deus está fazendo muito para suscitá-lo guiando e ordenando as nossas vidas — e em casos em que a razão se coloca contra Cristo, aí podemos ajudar, e queremos fazê-lo, dizendo ao homem necessitado: "A razão não pode fechar esta porta contra você; olhe bem para ela: ela ainda está aberta! Portanto, entre!"

Há ainda um conselho que podemos dar ao homem cujo senso de necessidade foi despertado e cujo desejo de satisfação ainda não foi mitigado, pois o coração humano foi feito para Deus e só consegue encontrar satisfação nEle. À essa pessoa diremos: coloque-se sem preconceitos em contato com Cristo. Fique em silêncio, para que a narrativa do Evangelho possa convencer a sua mente. Faça a vontade de Jesus, siga os Seus conselhos. Este é o caminho pelo qual o homem moderno precisa enveredar a fim de "ver" o que os Seus discípulos "viram" há tanto tempo.

Deus ordenou as coisas de tal forma que a obra mais importante da vida precisa ser feita por cada homem em favor de si mesmo, e que a base da crença religiosa precisa ser encontrada por cada pessoa através de experiência pessoal. Portanto, vem e vê; faze por ti mesmo, a este respeito, a experiência decisiva. E então vem a última certeza de que a necessidade é satisfeita: a entrega ao Cristo da Bíblia propicia luz e consolo à alma, consagra a vontade, fortalece a consciência; e desta forma, finalmente, a imagem do próprio Jesus, pela força viva que há nela, nos dá a prova final e mais forte da veracidade e unicidade dela.

Que seja este, portanto, o processo sadio: primeiro cremos em Cristo por causa da Bíblia; o Evangelho pode tornar-se assim crível - e toda a nossa exposição tinha em vista este objetivo — que entremos confiantemente em contato com o Cristo que ele retrata. Mas o resultado será que creremos na Bíblia por causa de Cristo; quando chegarmos perto dEle, seremos conquistados por Sua presença. Pois Ele satisfaz a nossa necessidade mais profunda.

---

[49] "Provas não podem tornar um homem cristão. O máximo que podem fazer é dirigir a sua atenção para Cristo ou conduzi-lo a um ponto onde tenha de decidir se irá crer ou desistir. No final, a principal coisa é manter a mente aberta para o divino testemunho do Verbo."

LIVRO DOIS

A BELEZA DO RETRATO:

A GLÓRIA DE JESUS
EXIBIDA NOVAMENTE PARA
ESCARNECEDORES E ADMIRADORES

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

O Livro Dois propõe-se a tratar de um assunto mais elevado. O Livro Um discute as características de Jesus que não nos agradam e que até hoje em dia ofendem os nossos sentimentos porque são contrárias a carne e sangue. Todavia, esta "ofensa" nele é de grande significado para nós. Até mesmo nos dias presentes ela nos prova, no sentido mais pleno, que Jesus veio "de um país distante" e entrou na raça humana como um ser completamente "estranho." Embora a majestade da Sua imagem vá muito além de todas as dimensões do homem, a "ofensa" que ainda podemos perceber nela mostra que nenhuma mão humana se ocupou em "glorificá-la," e isso garante a autenticidade do fundamento.

Mas o que nos propomos a examinar agora é algo ainda maior. Queremos voltar os nossos olhos da "ofensa" e dirigi-los para a "beleza" da imagem. De fato, a "ofensa" revelou a Sua glória de vez em quando, e é esta glória que nos propomos a encontrar em todas as suas manifestações.

Como o diz corretamente Ihmels: "Não pode ser indicado com suficiente intensidade o fato de que se Jesus realmente é o que a Igreja crê que é, Ele precisa ser capaz de convencer-nos desta realidade pela realidade da Sua própria pessoa." Exatamente esta gloriosa realidade de Jesus com seu poder convincente, desejamos expor neste livro.

De fato, estamos bem cônscios da advertência que se encontra nas palavras de Lutero, pronunciadas nos últimos anos da sua vida: "Uma nova língua e um novo idioma são necessários para falar de Cristo e da recém-revelada humanidade que há nEle." Sim, de fato, uma nova língua! No começo da nova era que esperamos Deus nos está mandando, desejamos mostrar em muitos aspectos diferentes e novos Aquele que é sempre novo para cada nova época, e não obstante é sempre um com o "Ancião de dias, que não muda." (Dn 7:9, 13). É por causa disto que cada nova era não pode viver sem Ele.

Que nada de bom falte nos dias vindouros, mas acima de tudo, que nunca nos falte "Aquele que é indispensável a todas as eras."[50]

[50] Ao fazer uso deste livro, é interessante voltar a ler todas as passagens do Evangelho citadas, onde o contexto não é bem familiar para o leitor. Toda a riqueza desta vida maravilhosa pode ser e só será plenamente apreciada desta forma. O índice de passagens no fim do livro será bem recebido pelo leitor da Bíblia. Creio que este volume pode ser muito útil para ele, também, como livro de referência.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A nova era que estávamos aguardando chegou-nos com um aspecto diferente do que esperávamos. Muita coisa que nos parecia importante agora está em frangalhos ao nosso redor.

Podemos esperar algum benefício provindo de época de tamanho abatimento e depressão? De fato, podemos, se a nossa vida interior atingir novas riquezas. O fundamento firme para uma nova ascensão será lançado nas trevas atuais se a Sua figura Se irradiar novamente para o nosso povo. Haverá um bendito cumprimento das palavras do profeta: "O povo que andava em trevas, viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz." E assim, o nosso povo pode esperar pacientemente, mas também com fé, pois Isaías continuou profetizando: "Alegram-se eles diante de Ti... quebraste o jugo que pesava sobre eles." Contudo, em primeiro lugar precisamos indicar o caminho para esta luz de salvação — e isto é o que espera fazer este volume.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Goethe certa vez disse: "O que é frutífero é verdadeiro." Na história do mundo, o que tem sido mais frutífero do que a imagem de Jesus? Então, como ela deve ser verdadeira!

INTRODUÇÃO

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Descartes expressou concisamente uma sabedoria antiga quando escreveu: "Toda cultura humana consiste somente em observação exata." Existe qualquer ponto para o qual a humanidade deveria dirigir mais continuamente a sua observação exata do que o Homem cuja vinda foi o maior acontecimento da experiência humana? Jesus não nos deu uma doutrina nova, Ele Se nos deu a Si próprio. Ele foi **o** fato mais tremendo da história do mundo, uma realidade maravilhosa. E esta realidade precisa ser *vista* antes de ser crida.

Em nossos dias fala-se muito de Jesus, e Ele próprio, mediante o Seu advento, deseja nos falar. As mais fascinantes perguntas são freqüentemente feitas a respeito dEle, mas a principal pergunta é se realmente O estamos vendo. Estamos prontos a tratá-lo como alguma posse que tivemos por tanto tempo que o hábito cegou os nossos olhos para o Seu resplendor. Por conseguinte, precisamos tentar conservar continuamente nova diante dos nossos olhos a maravilhosa realidade que a Sua Encarnação significa.

Ninguém precisa supor que esta tarefa é realizada facilmente. Os nossos missionários nos falam da dificuldade que têm em penetrar na maneira de pensar de um povo estrangeiro. Quanto maior é nossa dificuldade em relação a Jesus, que quanto às características mais fundamentais, é muito mais estranho do que qualquer nativo da África! Da mesma forma, não conseguiremos convencer-nos de que nunca será possível exaurir o rico conteúdo da realidade que nos é apresentada em Jesus. Cada era descobriu algo novo nEle, e continuará a fazê-lo enquanto uma geração da humanidade seguir a outra. Pois cada geração O vê com seus próprios olhos; e por estarem voltados para alguma coisa a respeito dEle e que para eles têm valor especial, satisfazendo as suas necessidades características, novas descobertas continuarão sendo feitas nesta realidade que é Jesus. Todavia, se isto é assim, é dever de cada era observar o aspecto peculiar de Jesus que está sendo revelado. E para cada era haverá uma nova revelação da Sua glória, que pode ser tão somente um aspecto dela, mas certamente será adequada às necessidades da época. Ao mesmo tempo, cada revelação nova será mais rica que a anterior, conquanto não sejam colocadas de lado as coisas que as gerações anteriores descobriram por si próprias.

Nós, modernos, estamos cansados de especulação e de teorias. Elas nos parecem uma trama que é facilmente torcida, por que está muito embaraçada com o tecido tênue das idéias humanas. Para nós, um grande fato tem muito maior importância do que a mais bela idéia, pois ele nos coloca no solo firme da realidade tangível. E assim, no que estamos para falar a respeito de Jesus, seremos muito cuidadosos para não tratar meramente de idéias vagas e nos preocuparemos em nos apossarmos dEle em Sua realidade — a Sua vida rica e plena — sem perder muito desta riqueza na operação. Este é o alvo que temos em mente; queremos observar a realidade de Jesus da maneira como ela foi gravada indelevelmente na história.

A Sua realidade, sim, mas não na forma de uma história da Sua vida. Tentativas como esta foram feitas muitas vezes durante o último século, mas como um todo, foram um fracasso. A razão final para esta abordagem está não tanto nos registros da vida de Jesus, mas acima de tudo na peculiaridade da Sua vida propriamente dita. Não obstante, a imagem de Jesus se defronta conosco de maneira suficientemente viva para que sejamos capazes de imergirmos nas suas riquezas.

Certamente a glória intrínseca de Jesus tem valor incomensurável para nós neste processo. Aqui vemos a vida mais rica conhecida pela humanidade, apresentada de maneira patente diante de nós. É fato que não precisamos agir por ouvir dizer, mas segundo o que podemos examinar hoje mesmo, por nós mesmos; uma realidade que está diante dos nossos olhos; a figura uniforme e perceptível de uma vida sem igual no mundo ou na história dele. Contudo, não estamos nos esquecendo de que os apóstolos viram neste Homem mais do que apenas glória interior, e foi este "algo mais" que os levantou novamente, depois de terem caído diante da Cruz.

A pessoa que deseja pintar o retrato de Jesus tem apenas uma coleção de cores — a narrativa do Evangelho, que nos chegou através dos séculos. São genuínas essas cores? De

qualquer forma, elas têm a vantagem inegável sobre as outras, de pelo menos garantirem a sua própria autenticidade; sim, pois toda a glória intrínseca de Jesus é a sua própria garantia. A nossa consciência concorda com isso. Este Santo não se originou no cérebro de pecadores. Mas podemos nos aproximar confiadamente do registro da vida de Jesus, com as mesmas exigências que fazemos de outros documentos históricos. Tem havido uma onda de reação com respeito a eles. Das tempestades levantadas pelos céticos no século passado, eles emergiram incólumes, como registros de primeira classe. Aprendemos também a dar o devido valor das variações nos relatos apresentados pelos Evangelhos. Certamente, quanto à verdade, qualquer fato histórico cresce em proporção à existência de relatos independentes a respeito dele. E além disso, a independência dos relatos é definida pelas suas variações. Portanto, é matéria de grande importância para nós o fato de nos quatro Evangelhos ouvirmos realmente a manifestação de Jesus em toda a sorte de inflexões diferentes. Sem serem perturbados, plenamente convencidos da verdade, jamais ansiosos a respeito de cada pequena característica concordar ou não com a outra, os Evangelhos nos contam as boas novas de Jesus, de forma a ganhar almas para o Salvador; e sobretudo, como algo que não pode ser refutado e que nenhuma pessoa sensível sonharia em objetar. Como isto é contrário aos registros falsos! Em relação a estes, alguma espécie de esquema precisa ser elaborado, e as pessoas o repetem para si próprias infinitas vezes, até que decidem como ele deve ser apresentado.

Também estamos firmemente convencidos de que o Quarto Evangelho foi escrito por João, e o consideraremos como o relato de uma testemunha ocular. Em seus pontos fundamentais, a imagem joanina de Cristo é, em nossa opinião, semelhante à traçada pelos Evangelhos sinóticos. Ela se move no mesmo plano religioso. Porém, não nos esquecemos de que João era um homem idoso quando o escreveu, com experiências espirituais provavelmente diferentes, e escrevendo de acordo com as conclusões históricas a que a Igreja Cristã chegara depois de décadas de pensamento. Assim, ele representa o Jesus que andou nesta terra como o Cristo a quem ele agora traz no coração, e a quem deseja colocar no coração dos outros. De fato, ele tem uma visão mais profunda da glória de Jesus do que os outros evangelistas. Porém, consciente da unidade que alcançara com o Cristo ressurreto, ele reproduz os Seus pensamentos com mais liberdade do que eles.

*** * ***

As peculiaridades da narrativa evangélica que acabamos de mencionar, as quais ela tem em comum com todos os relatos realmente vivos e verdadeiros, estabelecem uma restrição à nossa tentativa de expor a glória de Jesus. (A narrativa também, consciente da sua fidelidade, exibe uma certa negligência.) Não devemos nos preocupar muito com detalhes. O que nos propomos a expor tem sido corroborado pelo seu apelo genérico. Precisa haver características na imagem de Jesus que possam ser encontradas repetidamente. De fato, este é o método empregado por todas as pesquisas da filosofia natural para a obtenção de certezas; o aparecimento de um único fato nada prova; ele precisa ser observado repetidamente. Na verdade, devido à óbvia falta de cuidado na transmissão de minúcias e trivialidades e às lacunas que a vontade de Deus permitiu existissem na narrativa — característica que este relato tem em comum com todas as transmissões desse tipo — não é suficiente examinar somente partes isoladas do quadro; ainda mais porque há possibilidades quase ilimitadas de darmos significado falso a detalhes. Por outro lado, uma maioria, ou ainda melhor, um grande número de observações similares nos leva a um julgamento seguro. Uma única varinha pode ser quebrada com facilidade, mas um feixe de varas resiste a todos os esforços para quebrá-las. Portanto, não nos contentemos com uma única palavra ou passagem, mas tomemos feixes inteiros de palavras que se pareçam fundamentalmente umas com as outras. li depois, considerando constantemente o seu efeito geral, podemos ressaltar as minúcias da imagem. Sabemos como se pode conseguir uma observação exata nestes dias, e desejamos agir de acordo com isso. Ao empregar este método nos moveremos cuidadosamente, tendo o cuidado de considerar um resultado como assegurado tão somente quando ele tiver sido repetidamente provado mediante a observação.

* * *

Ao mesmo tempo, enquanto nos guardamos contra a possibilidade de uma observação falsa, estamos decididos a não fechar os nossos olhos para nada que possamos encontrar em nosso estudo. Nenhuma opinião preconceituosa que se arme com os recursos da filosofia que possa estar vigente na época, anunciando com a voz dos fortes da terra o que é possível e o que não é, terá forças para cegar os nossos olhos. Onde iria parar a pesquisa científica moderna se ela trabalhasse limitada por esses preconceitos? Se essas pesquisas agem sobre qualquer coisa que não conseguem entender, e que não se enquadram nas descobertas anteriores, admitem-na como fato, embora no momento seja uma verdade incompreensível. De acordo com esse senso de realidade pela qual a nossa época é notável, permitamos que os fatos falem em nosso estudo da vida de Jesus, lendo o cuidado de apenas entendê-los correta e exatamente. A poeira do preconceito cai com tranqüilidade mortal sobre o pensamento de tantas pessoas com respeito ao nosso assunto! Mediante o seu preconceito, elas deixam de fora qualquer impressão que possam receber de Cristo. Como seria bom se essa poeira fosse varrida!

Presta-se muita atenção, nos tempos modernos, à moldura do retrato de Jesus. O mundo da Sua época tem sido investigado e descrito com exatidão e fidelidade. Depois, o retrato tem sido cortado para adequar-se à moldura porque, afinal de contas, ambos precisam ter a mesma inspiração. O primeiro resultado desta maneira de agir foi que o retrato ficou pequeno demais. Depois, ulteriores investigações doutrinárias foram feitas, e mais uma vez o retrato foi cortado para adequar-se a essa nova moldura, pois ela precisava estar em harmonia com a doutrina espiritual da humanidade. E pela segunda vez, ele ficou pequeno demais — tão pequeno que Frenssen na verdade ousou sugerir que a imagem de Jesus fora desenhada por um pastor que naufragara. Contudo, sigamos o conselho de Descartes de fazer uma "observação exata," deixando por conta de outras pessoas o encontrar a moldura para o retrato. Talvez o Segundo Artigo de Lutero propicie uma moldura mais adequada do que muitas pessoas pensam.

De uma coisa precisamos nos lembrar. De acordo com as leis do pensamento, a observação exata não leva necessariamente a conclusões indiscutíveis. A verdade tem tantas facetas que não pode ser expressa exaustivamente por uma única forma de pensamento. Diferentes métodos de observação podem ser permitidos se forem baseados em experiências indiscutíveis, e quando estiver claro que nos defrontamos com um problema insolúvel de existência. Assumimos a modesta posição de crer que as profundezas ocultas da existência só podem ser alcançadas de muitos lados diferentes. Não precisamos ficar surpresos, portanto, se a realidade da pessoa de Jesus for tão grande que só possa ser descrita a partir de dois pontos de vista aparentemente contraditórios. Mais uma vez, somos forçados a pensar no Segundo Artigo de Lutero.

Finalmente, todo o progresso do conhecimento será retardado enquanto não pudermos nos livrar da idéia de que tal e tal coisa nunca poderiam ter acontecido. Uma abordagem assim preconceituosa em relação a Jesus significa a decisão determinada de não vê-lo como Ele é. Não queremos limitar conscientemente e sem base científica, nem determinar a extensão do que é possível e real. Quando descobrimos algo extraordinário, tudo o que podemos fazer é nos maravilharmos com o achado.

* * *

É aconselhável em nossa observação da glória de Jesus, que comecemos com o que é externo e menos notável. Sigamos o exemplo do alpinista, e façamos uma escalada gradual. Isto tem a vantagem de podermos deixar para trás qualquer pessoa cujo fôlego venha a lhe faltar. Mas esperamos, mesmo que ela não alcance as maiores alturas, que se convencerá de que jamais seguiu uma trilha mais proveitosa e com mais esplêndidas perspectivas. No entanto, muitos sentirão que as suas forças aumentarão à medida que subirem, até avançarem para o mistério da montanha, e virem os céus bem abertos diante deles. Podemos receber poder desse Homem, se tocarmos mesmo que

seja apenas a orla da Sua veste. E aqueles para quem Ele abre o Seu coração se regozijarão até mesmo com a borla ricamente bordada da Sua vestimenta real. Isto me dá coragem para falar confiantemente até mesmo dos fatos pequenos e externos concernentes ao Nazareno.

Apontando para Si mesmo, Jesus certa vez disse: "Aqui está quem é maior que o templo" (Mt 12:6). O lugar sagrado de Israel sempre fora dividido em três partes: o Pátio, o Santuário e o Santo dos Santos. Assim, com respeito a Jesus, falemos primeiramente do pátio da Sua personalidade, e depois entremos no seu santuário, e finalmente adoremos no misterioso santo dos santos.

A fé é sempre um salto através de um abismo. Mas se a pessoa não tem um trampolim construído pelo conhecimento, não pode esperar alcançar o outro lado (John Reinke).

PARTE UM

NO PÁTIO EXTERIOR
OS DONS NATURAIS DE JESUS

CAPITULO 1
A HABILIDADE FÍSICA DE JESUS

"Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. "

Marcos 5:28

Repetidas vezes os homens estiveram em dúvida em relação à aparência externa de Jesus. Mas as respostas a essas interrogações quase sempre procediam de textos do Antigo Testamento que eram erradamente interpretados e diferiam de acordo com a fonte de onde essas informações eram arbitrariamente extraídas. O homem que passasse pelo versículo do Salmo 45: "Tu és o mais famoso dos filhos dos homens," falaria indubitavelmente do aspecto triunfal da Sua aparência; mas aquele que consultasse o capítulo 53 de Isaías, onde lemos o seguinte a respeito do Servo do Senhor: "Ele não tinha aparência nem formosura," retrataria Jesus como um pobretão e de aparência miserável, um Homem de físico fraco.

Uhde tinha a convicção de que tão somente apartando-se da idéia de beleza exterior, comumente aceita, em Jesus, a Sua beleza espiritual raiaria efetivamente para o observador sem se misturar com características exteriores perturbadoras. Mas em seus melhores momentos, o mesmo escritor concebeu uma raça de homens em que a beleza exterior se combinava tanto com a formosura espiritual que a beleza interior parecia brilhar e irradiar-se na aparência externa. Como seria se isto acontecesse com Jesus, sendo revelada a Sua formosura espiritual em Sua aparência física? Pode-se ver que tal teorização não nos leva a parte alguma.

Não obstante, grande parte da narrativa parece indicar que até a aparência externa de Jesus era cheia de majestade. O incidente que teve lugar em Sua cidade nativa *é* particularmente elucidador a respeito deste assunto. Enfurecidos pelas Suas palavras, os nazarenos O expulsaram da cidade, até chegarem perto de um penhasco de onde pretendiam atirá-lo de cabeça para baixo. Até então Jesus Se tinha permitido que O empurrassem e forçassem, mas no momento crítico parecia que Ele de repente crescera em estatura. Desta forma Ele atravessou calmamente a multidão enfurecida, com passadas reais (Lc 4:30). Como foi diferente a experiência do apóstolo Paulo numa ocasião semelhante, pois ele foi apedrejado (At 14:19)! Na verdade, a aparência frágil dele não o fazia parecer-se com Júpiter, em contraste com Barnabé (At 14:12).

Algumas vezes na vida de Jesus ocorreram fatos semelhantes ao de Nazaré. Só precisamos nos lembrar de como Ele teceu um chicote de cordas e, com dignidade inimitável, purificou o pátio do Templo da contaminação (Jo 2:15). E na última noite, os homens que haviam sido enviados para prendê-lo recuaram, atônitos com a majestade das Suas palavras, olhar e aparência (Jo 18:6).

Eu mencionei o Seu olhar, pois me parece que temos algumas informações a respeito dos olhos de Jesus. Ele conhecia bem o poder que residia em Seus olhos. Por que olhou Ele ao Seu redor, para todas as pessoas que estavam na sinagoga da Galiléia, se não para penetrar as consciências endurecidas dos Seus oponentes com um olhar profundo e penetrante? (Lc 6: 10; outro caso: 20:17). Naquele dia os Seus olhos despediram fagulhas de ira, que logo deram lugar a uma profunda tristeza (Mc 3:5). Ou leia o capítulo 10 de Marcos. Com Seu olhar Ele enfatizou para os Seus discípulos o difícil ensinamento a respeito do perigo das riquezas (v. 23), e gravou em seus corações o consolo de se crer em um Deus para Quem nada é impossível (v. 27). Sim, Ele conhecia o poder dos Seus olhos. Quando na corte do Sumo Sacerdote os sentimentos de Pedro estavam se debatendo, Jesus o levou, pelo poder do Seu olhar, à porta redentora de um amargo arrependimento (Lc 22:61). Assim, Ele deve ter tido algo do olhar real de que ouvimos falar em outro personagem histórico (cf. também Jo 8.7, com o resultado no v. 9).

Essas teorias não nos levam a qualquer retrato distinto da aparência externa de Jesus. Mas há um fato a respeito do Seu aspecto físico, do qual temos abundantes provas — e essas provas são

de grande importância contra muita crítica hostil da atualidade[51] — a saber, que Jesus tinha uma excelente saúde física. Esta não tem sido a regra a respeito de todos os grandes fundadores de religiões. Maomé era um homem enfermo. Ele se tornou profeta como resultado de uma enfermidade, e durante toda a vida ele foi doente de corpo e espírito (sofria de epilepsia e histeria). Buda era um homem que, pelo menos depois da sua primeira juventude, a sua força física se enfraqueceu. Na vida de Jesus nunca há qualquer indício de que Ele tenha ficado doente. Sabemos muita coisa acerca da vida do apóstolo Paulo, e encontramos repetidamente sinais de enfermidade (Gl 4:13, 14; I Co 2:3; II Co 10:10; 12:7). E temos notícia, também, de toda sorte de enfermidades físicas mesmo na vida de apóstolos acerca de cujas vidas mal temos notícia (Fp 2:26; I Tm 5:23; II Tm 4:20). Nos Evangelhos lemos que a sogra de Pedro caiu enferma, com febre (Mc 1:30), e sabemos que a malária era comum nas vizinhanças de Jericó; não obstante, nunca encontramos nem menção de qualquer doença na vida de nosso Senhor. A profecia de Isaías a Seu respeito, de que Ele levaria as nossas enfermidades (Is 53:4) só pode ser aplicada a Jesus, ligando-a ao fato de Ele ter curado os enfermos (Mt 8:17).

O fato de nada nos ser dito sobre a ausência de enfermidades em Jesus, não é prova absoluta de que Ele sempre foi livre de qualquer enfermidade física. Se queremos combater ataques recentes contra a Sua saúde, precisamos procurar melhores evidências. Jesus levantava-se cedo, e portanto, não era um Homem que fosse afetado por insônia durante a noite. Logo que o dia rompia ou, como Marcos o expressa, em "alta madrugada" Ele deixava a cidade para encontrar um lugar solitário onde pudesse ter comunhão a sós com Deus. Várias vezes isto era seguido por um cansativo dia de trabalho (Lc 4:42; Mc 1:35). E como O afetava o fato de passar noites sem dormir? O grande e momentoso discurso pronunciado na sinagoga de Cafarnaum (Jo 6:25-59) foi antecedido por uma noite cheia de intensa emoção íntima (6:15). Em Seu julgamento diante de Pilatos, existe algum sinal das conseqüências da noite insone anterior, com sua profunda perturbação mental, que, segundo todas as probabilidades, devia afetar a clareza dos Seus pensamentos? Mas em outras ocasiões também, com que freqüência O vemos vigiando a noite inteira (Mc 6:48; Lc 6:12; Jo 3:2)! Podemos supor até que esse aprendiz de carpinteiro, com Seu conhecimento abrangente das Escrituras, devia passar noites Inteiras estudando, se a passagem de Shakespeare, em Henrique V, pode ser aplicada neste caso:

Que sem dúvida
Cresceu, como a erva do verão, mais depressa de noite
Invisível, mas crescente em sua capacidade.

Há outra observação que podemos fazer e que nos leva a concluir que Jesus era fisicamente robusto. Estamos nos referindo às Suas longas jornadas a pé. Jesus era um andarilho ativo e vigoroso. Pense, por exemplo, em uma das mais longas viagens quando, começando de Tiro, e tomando a grande rota das caravanas de Sidom a Damasco, passando pelo Líbano e Antilíbano, Ele voltou para o Lago da Galiléia vindo do leste, passando por Cesaréia de Filipe (Mc 7:31). Isto foi feito em um país quente, e geralmente Ele mantinha conversas absorventes com os discípulos, enquanto andava. Podemos também considerar o exercício físico de que Jesus era capaz, se tomarmos outra de Suas viagens. Refiro-me à Sua última subida de Jericó para Jerusalém. Esta é uma distância que se percorre a pé em cerca de seis horas, subindo a estrada, nesse percurso, a uma altitude de mais de mil metros. É um itinerário sem sombra, passando por uma região solitária e pedregosa. No início do dia aconteceu a cura do cego em Jericó (Mc 10:46), e a viagem foi feita em companhia da multidão de peregrinos entusiasmados que subiam à festa. Não obstante, naquela mesma noite, sem nenhum sinal de cansaço, Jesus estava presente em um banquete realizado em Sua honra pelo círculo de amigos Seus em Betânia (Jo 12:1-2; cf. 12:12).

E também, freqüentemente O vemos, depois de um exaustivo dia de trabalho, subindo a um monte ao anoitecer (Mc 6:46; Lc 6:12), mostrando também com isto que era um homem do povo, forte e sadio.

[51] Em épocas recentes a saúde de Jesus tem sido colocada em dúvida, especialmente por vários psiquiatras.

Somos levados a esposar a mesma opinião acerca da robustez física de Jesus, se fizermos um retrato imaginário do modo de vida pelo qual Ele precisava viver. De fato, aquele Homem estava em condições piores do que as raposas e as aves (Mt 8:20). Pois estas têm os seus covis, e os seus ninhos, mas, desde o dia em que Ele deixou a casa de Seu pai em Nazaré, não teve casa. Certamente Ele não desprezava o abrigo que lhe fosse oferecido enquanto levava essa vida nômade. Porém, às vezes, acontecia que as pessoas Lhe recusavam o acesso (Lc 9:53), e podemos estar certos de que nem sempre Ele era bem tratado como na casa hospitaleira de Marta (Mt 21:17;Lc 10:38; Jo 12:2). Freqüentemente Ele também não batia em qualquer porta pedindo hospedagem, pois temos testemunhos suficientes de que muitas vezes passou, alegremente, a noite ao ar livre (Lc 21:37; Jo 18:2). Não podemos imaginar que isso era totalmente agradável, mesmo sendo no verão. Por que, por exemplo, na noite em que Ele foi traído os soldados fizeram uma fogueira para se aquecerem? (Mc 14:54). Robusto como era, Jesus suportou até o frio das noites sem muita preocupação, embora não achasse que esse era um modo de vida confortável. E então, Ele aconselhou o frágil e jovem escriba a não tornar-se Seu seguidor, antes de considerar as dificuldades que teria de enfrentar (Mt 8:19s.). Até mesmo do ponto de vista físico, não era qualquer pessoa que podia agir como Jesus.

Temos outras provas dos poderes de resistência física de Jesus. Há o jejum de quarenta dias no deserto, com todas as suas privações e fadiga (Mt 4:1, 2). Há também a Sua capacidade de ficar sem comida quando a Sua vocação o exigiu [Mc 3:20; 6:31; Jo 4:31ss — aqui (v. 6), embora estivesse cansado depois de uma longa caminhada]. E finalmente há a sua capacidade de dormir onde e quando quisesse. Depois da Sua longa parábola-sermão, Ele tomou um barco para atravessar o Lago (Mc 4:35). Outros botes que pertenciam a pessoas que desejavam acompanhá-lo ou haviam-no deixado havia pouco, enchiam a redondeza (v. 36). No entanto, Ele foi capaz de dormir imediatamente, na popa do barco, sobre uma almofada formada pelo banco dos remadores (v. 38). Ele dormiu tão profundamente que a tempestade que se levantou não O acordou, e Ele estava dormindo ainda quando as ondas começaram a dar contra o barco. Esta é a fadiga sadia e o sono profundo da natureza de uma criança que não sabe o que é um estado nervoso abalado. Não obstante, ao mesmo tempo, este Homem podia permanecer acordado quando outros eram vencidos pelo sono (Mc 14:37, 40). E Ele podia lançar de Si o cansaço de maneira total, quando algum ser humano pedia a Sua assistência (Jo 4:6ss.). Pois, em último caso, só Ele poderia dizer estas palavras: "Não tenho tempo para ficar cansado."

Não apenas em tempos recentes, mas em épocas remotas, manifestou-se o interesse em enfatizar a força física e notável saúde de Jesus ligando-as aos seus miraculosos poderes terapêuticos. De fato, muita coisa se conhece acerca do sucesso alcançado por hipnotizadores mas essas tentativas sempre são desacreditadas por um fato: todos os evangelistas concordam em suas narrativas, dizendo que não era necessário que Jesus tocasse ou impusesse as mãos de qualquer maneira sobre os enfermos que curava (Mt 8:13; Mc 7:29; Lc 17:14; Jo 4:50). Contudo, temos motivos para enfatizar que Jesus passava sem preocupação por entre as multidões de enfermos, e, movido de piedade, tocava até leprosos sem temer qualquer contaminação (Mt 8:3). E também podemos lembrar que, prevalecendo-Se da Sua natureza forte, Ele na verdade podia manifestar simpatia por todos os sofredores que acotovelavam-se ao Seu redor (Mt 9:36; 15:32; 20:34; Lc 7:13). Isto é algo que afeta e desgasta os nervos de tal maneira que médicos e enfermeiras atarefados muitas vezes refreiam conscientemente a sua simpatia natural com medo de sucumbirem.

Em todos estes casos Jesus exibe a saúde rude de um homem simples do povo. Percebemos isto quando ele fala quase zombeteiramente a respeito das roupas finas que há na casa dos reis (Mt 11:8), ou quando dispensa para os Seus discípulos (e ao mesmo tempo, sem dúvida, para Si também) o uso de duas túnicas, como era de costume as pessoas das classes superiores usarem quando estavam viajando (Mc 6:9). Sem dúvida encontramos nEle, também, o recuo em face da morte que o homem simples e natural do povo experimenta, pois ele nada sabe de *ennui*, superalimentação, indolência de espírito, ou degenerescência. Este Homem, com apenas cerca de trinta anos de idade, no pleno vigor de uma robusta virilidade, também sentia a morte como anti-

natural (Lc 12:50; Jo 12:27).

Não podemos encerrar estas observações sem ter falado do Jesus sofredor. Na última noite, e na manhã seguinte, a tensão imposta às Suas forças físicas foi algo muito além do comum. Sem considerarmos o sofrimento mental (embora a palavra Getsêmane faça lembrar imediatamente uma profunda angústia) e a hora adicional da participação na Última Ceia e da Sua experiência com os Seus discípulos — que resistência física foi requerida dEle, em face dos três julgamentos que se seguiram um após o outro (Jo 18:24, 28) e dos maus tratos repetidos que Pilatos permitiu lhe fossem aplicados a fim de salvar Jesus (Jo 19:4)! Isto alcançou um auge tão tremendo que Pilatos em pessoa, movido e abalado pelo espetáculo horrendo, gritou: "Eis o Homem!" (Jo 19:5). O açoitamento era uma operação horripilante que muitas vezes acabava em morte. Jesus não sucumbiu a ele, embora a crueldade da zombaria se somasse aos Seus sofrimentos — talvez a única vez na história em que isto ocorreu em tamanha extensão durante um julgamento ordenado, segundo a lei. Depois que Jesus suportou tudo isso, a pesada madeira da cruz foi colocada sobre os Seus ombros ensangüentados (Jo 19:17) para que ele a carregasse por uma estrada que levava, como podemos estar quase certos, do Forte Antonia até ao fundo de um vale, mais acentuado do que é agora, e subia pelo outro lado. Se as forças de Jesus realmente Lhe faltaram e Ele caiu de tão cansado durante o percurso, a quem surpreende? Mas não sabemos isto ao certo. Talvez os soldados que O acompanhavam simplesmente acharam que a procissão estava caminhando muito lentamente (Mc 15:21).

Em conclusão, achamos que em Jesus não havia falta de harmonia entre corpo e espírito. Ele nunca experimentou essa profunda discordância com a qual o velho homem sofre tanto. O Seu corpo era uma ferramenta apta e disposta para o Seu espírito. Mas dificilmente podemos dizer que os nossos artistas sempre tiveram uma visão clara deste Homem são, robusto e fisicamente apto, quando pensamos das muitas gravuras onde Jesus é apresentado como débil e delicado.

* * *

O que podemos falar da aptidão da mente neste corpo? Aqui também há abundante material à nossa disposição para darmos uma resposta certeira e clara.

Sabemos que Maomé passou boa parte da sua vida em instâncias além da de uma consciência clara. Será que Jesus também muitas vezes ficava "fora de Si"? É significativo que João Batista deu a impressão de ser possuído por um poder superior, mas isso, em comparação com o seu contemporâneo Jesus parecia ser uma espécie de homem comum, corriqueiro (Mt 11:18, 19).

Porém, as Suas aparições por ocasião do Seu batismo e no Monte da Transfiguração não indicam claramente que algumas vezes Jesus experimentou um estado de êxtase ou transe? Aqui precisamos antes de tudo dar uma palavra a respeito de visões. As visões da Bíblia não têm nada a ver com alucinações. Estas últimas são sempre ilusões, e freqüentemente são experimentadas por pessoas mórbidas e desequilibradas. As visões bíblicas, pelo contrário, baseavam-se em uma realidade produzida por Deus e de forma alguma eram acompanhadas por transe ou perda da consciência. Em sua vida, Jesus nunca foi um alucinado.

Paulo era certamente um místico. Com gratidão a Deus ele confessa que falou em línguas mais do que todos os Coríntios (I Co 16:18). E na Segunda Epístola aos Coríntios ele descreve alegre e orgulhosamente um transe que experimentou (12:1-4). Sabe-se bem em que elevada estima a Igreja Primitiva tinha este dom. Quando diminuiu o falar em línguas, muitos viram nisso uma prova do crescente mundanismo da Igreja e por isso levantou-se um grande número de pessoas com a opinião de que era necessária a enunciação profética para tentar renová-las. O fato de esse dom jamais ter sido atribuído a Jesus é uma prova da fidelidade dos relatos dos Evangelhos. Ele não tinha a experiência de visões e revelações, nem dos tremores que se apossavam dos profetas do Antigo Testamento quando o Espírito do Senhor vinha sobre eles. E Ele nunca procurou influenciar outras pessoas com a fala confusa de uma mente confusa.

Não obstante, não temos nem ao menos um indício de que Ele também ficava algumas

vezes, ou pelo menos em uma ocasião, "fora de Si"? Era Ele também um santo alucinado? Marcos nos mostra de maneira bem distinta que os Seus parentes certa vez O seguiram para tentar levá-lo para casa, à força, dizendo: "Está fora de si." (Mc 3:21). Mas em que baseavam eles este julgamento? Não no que haviam visto, mas apenas no que lhes havia sido dito. E o que realmente os alarmara fora isto: eles ficaram sabendo que Ele estava negligenciando a hora das Suas refeições (v. 20). Há muitas pessoas para quem as refeições são tão importantes que acham que um homem deve estar louco se, devido à alegria da sua vocação, acontece de ele esquecer-se da hora de comer. No entanto, naquele mesmo dia Jesus foi a única pessoa sóbria e de mente clara, no meio de uma multidão selvagem e conturbada (v. 22).

Mas se Ele não era um alucinado, nunca ficava "fora de Si" na plena acepção das palavras, não era Ele pelo menos um fanático? Podemos fazer um grande número de observações que silenciem toda alegação a respeito de fanatismo em Jesus.

Os meus leitores que conhecem as abundantes descrições encontradiças nos escritos apocalípticos judaicos, sobre a vida senhoril dos crentes bem-aventurados na vida porvir, ou leram os sensíveis discursos de Maomé, em que ele pinta o céu e o inferno com cores brilhantes, ficarão chocados com o grande contraste verificado na calma lucidez e profunda seriedade da mente de Jesus. Por um lado descrições exuberantes, por outro uma restrição sensível, e a ênfase colocada em apenas uma coisa necessária:

"Cingidos estejam os vossos corpos, e acesas as vossas candeias" (Lc 12:35;Mt 25:13).

Nos dias de Jesus, o fanatismo era a moda e o conceito do Messias patriótico ideal havia tornado muitos homens visionários. Depois que alimentara cinco mil pessoas e após a Sua entrada triunfal em Jerusalém, ondas de entusiasmo fanático rodearam Jesus. O povo estava muito pronto a convidá-lo a julgar uma questão concernente a herança, sabendo que a Sua palavra seria aceita (Lc 12:13s.). Jesus nunca permitiu que a clareza da Sua mente fosse afetada, nem por um instante. É pecado contra a verdade dizer que o padrão de pensamento religioso da Sua época teve qualquer efeito desta sorte sobre Ele e Seus discípulos.

Nos Salmos e nos Profetas, os crentes oprimidos freqüentemente eram levados a esperar a ajuda de Jeová, quando Ele viesse ao tempo da salvação. Devido a essas profecias cresceram as esperanças dos crentes de que, com a vinda do Messias, a perseguição e a opressão chegariam ao fim. Desde o começo do Seu ministério, Jesus muitas vezes falou calma e sobriamente a respeito da perseguição que os Seus seguidores haveriam de suportar (Mt 5:10, 44; 10:23; Mc 4:17; 10:30; Lc 11:49; 21:12; Jo 15:20) e predisse a Sua própria morte como coisa certa. Um Reino de Deus com perseguição, e até mesmo um Messias que morreria — era uma idéia inaudita! Como precisava estar longe do fanatismo o Homem que sabia ser o Escolhido de Deus, mas assim mesmo revelava tais perspectivas para Si mesmo e para os Seus seguidores — perspectivas tão completamente estranhas para eles que até os Seus amigos de mais confiança não puderam aceitar tal idéia!

Mesmo no auge do entusiasmo popular, Jesus não foi enganado pela reação intelectual do povo. Na face dos Seus ouvintes Ele era capaz de ler tal falta de susceptibilidade aos mistérios do Reino de Deus, tão diferente do que eles esperavam, que em Sua grande parábola-sermão Ele gritou angustiado: "A eles não é dado conhecer os mistérios do reino dos céus... por isso lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem" (Mt 13:11, 13). Nenhuma das palavras de Jesus mostra-o mais longe do fanatismo do que esta passagem profundamente severa: "Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?" (Lc 18:8). Como Maomé e Buda consideraram o futuro de maneira diferente! Mas Jesus sabia que exigências precisava fazer ao coração humano e como este iria rebelar-se contra elas. Ele sabia em que campos precisava semear, e não tinha ilusões.

Um dos sinais que sempre acompanha o fanatismo religioso é que a pessoa envolvida não tem medo da morte. Houve épocas na Igreja em que os crentes se atropelaram, atirando-se ao martírio. A sensibilidade de Jesus era tão natural que a Sua natureza humana, ao contrário, recuou diante do sofrimento (Lc 12:50); e Pedro tentou-O seriamente quando Lhe mostrou "as coisas dos homens" (Mt 16:23). Nenhum dos Evangelhos nos deixa em dúvida quanto ao fato de Jesus ter achado a morte uma experiência difícil, e não há nada de errado em recuar diante do sofrimento e

da morte. Mesmo no caso de Jesus, a Sua reação seria errada se o levasse a resistir à vontade de Deus. Mas na narrativa da Sua vida não há nenhum sinal da morte fácil do fanático.

Devem fazer-se ainda uma ou duas observações, resumidamente, que nos ajudem a reconhecer em Jesus um bom senso sóbrio, e não qualquer fanatismo. Ele nunca fala zombeteiramente a respeito do dinheiro ou do seu valor, mas exige fidelidade até "no pouco" (Lc 16:10). Ele não age como sonhador, sem nenhum interesse neste mundo, mas emprega a prudência da serpente (Mt 10:16). Ele sabe como lograr Herodes, "a raposa" (Lc 13:32). Ele escapa em direção à região gentílica no momento certo; Ele sobe secretamente à Festa dos Tabernáculos (Jo 7:10); e Ele faz um arranjo particular de antemão a respeito do cenáculo, de forma que possa celebrar a Páscoa com tranqüilidade, na companhia de Seus discípulos (Mc 14:13ss.).

Em contraste com o fanatismo dos comunistas, Ele, o Homem de sentidos sóbrios, está convencido de que, quando tudo for dito e feito, a posse das propriedades privadas será feita no interesse da humanidade - o mercenário é descuidado, mas o homem dará a sua própria vida pelas suas propriedades (Jo 10:12). Ele sugere razoavelmente que o edificador de uma torre ou o capitão de um exército deve primeiramente calcular os custos, de forma de que o trabalho não seja interrompido depois de iniciado (Lc 14:28). A despeito da profecia de Isaías dizendo que o Servo do Senhor será a luz dos gentios, Ele limita sóbria e escrupulosamente a Sua obra a Israel (Mt 15:24). Muitas vezes Ele também deve ter usado o Seu bom senso para decidir a respeito das compras necessárias para satisfazer as necessidades diárias do grupo; se não fosse assim, os mal entendidos a este respeito entre os discípulos teriam tornado a convivência praticamente impossível (Mc 8:14s.). Na casa de Jairo, quando todos O rodeavam espantados, Ele calmamente lhes lembrou que a criança, ainda fraca, precisava ser alimentada (Mc 5:43).

Com que olhos observadores e senso sadio de beleza Ele sempre olhou para o mundo e a natureza! Bernard de Clairvaux podia cavalgar o dia todo por uma das regiões mais belas do mundo—as margens do Lago de Genebra — e de noite uma pergunta feita por um dos seus companheiros mostraria que ele nem percebera que estivera cavalgando à beira de um lago! Um idealista sonhador! Jesus, pelo contrário, notava os pardais no telhado (Mt 5:29) e as flores do campo (Mt 6:28); sim, e o alfaiate remendando (Mt 9:16) e a desobediência das crianças (Lc 7:32). E quando se tratava de assuntos práticos, Ele sabia como fazer as coisas mais simples, construindo rapidamente um púlpito adequado com a popa de um barco, ou com a encosta de um monte, diante da multidão que se acotovelava (Lc 5:3;Mt 5:l).

Desta forma, a acusação de fanatismo contra Jesus cai completamente por terra. Porém, dizem: Ele era pelo menos um Zelote, um melancólico pregador de arrependimento, tornando o caminho injustificavelmente estreito e a porta apertada; e isso, dizem, significa que a mente que elaborou estes pensamentos não é sã. Mas tal ponto de vista não pode ser mantido se examinarmos detidamente este assunto. Pelo contrário, quanto a isto Jesus também demonstrou ter uma mente inteiramente sadia. Tomemos alguns exemplos. Quanto os Seus discípulos retornaram de uma longa viagem, a Sua primeira preocupação a respeito deles foi que "descansassem um pouco" (Mc 6:31). Longe de qualquer super-espiritualidade, Ele insere uma petição de "pão de cada dia" na oração padrão (Lc 11:3). Foi-Lhe natural lembrar que o povo que O havia ouvido o dia inteiro devia estar com fome, e que o alimento espiritual não o ajudaria, quando os seus corpos estavam desfalecendo por falta de comida (Mc 8:2). Da mesma forma natural, Ele nunca se interessava meramente em ensinar, mas sempre prestava ajuda ao mesmo tempo. O seu costume era ensinar e curar (Mt 4:23).

Ele nunca se aliou aos que falam superficialmente a respeito do "valor" do mal. Ele simplesmente falou das necessidades como necessidades e do mal como mal, lutando valentemente contra ambos. O que era desagradável Ele reconhecia como tal, chegando ao ponto de tratar como assunto de oração o fato de a fuga do Seu povo não acontecer no inverno (Mt 24:20). Ele admitiu abertamente a Sua necessidade de comer e beber, de descansar e dormir (Jo 4:6; Mc 4:38). Chegou a sair da estrada que estava seguindo, desviando-se do Seu caminho para colher os primeiros figos (Mc 11:13). Chegou ao ponto de pedir água a uma mulher samaritana, quando estava com sede (Jo 4:7). Ele nunca fez de nenhuma destas coisas um assunto de consciência para os Seus discípulos.

(O fato de eles colherem espigas no sábado: Marcos 2:23). A verdade é que a vida espiritual só se torna verdadeiramente real quando não é afetada por nada. Buda foi o anti-natural personificado. Tudo o que era natural e humano teve lugar em Jesus — certamente este foi o maior sinal de que a Sua mente era sã.

Houve na história poucas pessoas tão seguras de si mesmas como Goethe. Ele conhecia exatamente as flutuações e lutas do seu espírito. No entanto, também conhecia as grandes profundidades da sua alma, que ele não conseguia sondar, e das quais tinha medo. A alma de Jesus vivia inundada de luz. Como Ele tinha domínio perfeito de Si próprio!

Será que encontramos nEle as tempestades de uma alma varrida pela paixão? Alguém O surpreende com os traços desfigurados por emoções várias, ou com os pensamentos descontrolados? Uma tranqüilidade imensa e serena paira sempre sobre Jesus — uma certeza inimitável. Com faces acusadoras os pais se defrontaram com o seu Filho de doze anos de idade. Sem hesitação ou confusão Ele lhes respondeu das profundezas do Seu espírito lúcido (Lc 2:48). Mais tarde, quando crescera e Se tornara homem, o forro da sala em que Ele estava pregando de repente se abriu, e a maça de um enfermo desceu balançando sobre a Sua cabeça. Sem Se perturbar, Ele imediatamente diagnosticou um caso curioso de doença nervosa (Mc 2:4s.). Ele foi despertado do sono por gritos desesperados de alarme, mas logo que abriu os olhos tornou-Se senhor da situação (Mt 8:25s.). Há muitas outras coisas que poderíamos dizer a este respeito, mas o resultado seria sempre o mesmo: sempre veríamos nEle o que os romanos chamavam de MENS SANA IN CORPORE SANO - uma mente sã em um corpo são.

***

Embora tenhamos reconhecido a sanidade da mente de Jesus, ainda não vimos a sua beleza e riqueza inigualáveis. Falemos desta qualidade, que é ainda maior, no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2
OS DONS PSÍQUICOS DE JESUS

Lembrando as palavras de Carlyle, "Agora e sempre a vitória total de um homem sobre o Medo determinará o quanto ele é homem," começamos a nossa descrição dos recursos psíquicos de Jesus dizendo: De fato Ele era um Homem. Com respeito a Jesus, na verdade, temos a convicção de que não Lhe era necessário seguir a sugestão de Carlyle, e em primeiro lugar vencer o medo. O Seu espírito não conhecia o medo. Até mesmo da boca dos Seus inimigos saiu o testemunho voluntário: "Não olhas a aparência dos homens" (Mt 22:16). Este "Rei da verdade" tem também um profundo senso de verdade e realidade, e não faltam ao Seu espírito características de firmeza e combatividade.

Observemos Jesus em algumas das situações que fazem manifestar-se a Sua coragem. Ele estava em um banquete dado por um dos fariseus. Observou como aqueles poderosos representantes de um grupo religioso grande e amplamente difundido — Josefo calcula o seu número em seis mil — estavam vigiando cada um os Seus movimentos com olhos malignos. E Ele aproveitou a oportunidade para fazer a ousada pergunta acerca da santidade do sábado, dando a Sua opinião corajosa a respeito (Lc 14:1-4), embora soubesse que a pena de morte era o castigo para quem quebrasse o sábado (Ex 31:15). Jesus voltou a essa questão tão disputada ainda mais destemerosamente quando, em uma sinagoga judaica, ordenou expressamente ao homem que tinha uma das mãos ressequida que ficasse em pé (Mc 3:3), levantando conscientemente o mesmo assunto. Alguém já desafiou os seus inimigos de maneira mais ousada? No mesmo dia Ele os deixou em dificuldades com a pergunta: "É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal?" (5:4). Podemos entender bem a observação do evangelista: "Eles se encheram de furor" (Lc 6:11). Em outra ocasião os fariseus e Saduceus, homens que, humanamente falando, tinham o destino de Jesus em suas mãos, estavam diante dele, e hipocritamente sugeriram que creriam nEle se lhes mostrasse um sinal do céu. Porém, recusando-Se ríspida e monossilabicamente a atendê-los, Ele destemidamente voltou-lhes as costas (Mc 8:11, 13). E quando finalmente eles O abordaram com a questão da conveniência de pagar tributos a César, Ele os chamou de hipócritas diante de todo o povo, e depois recusou-Se ferinamente a tomar qualquer parte em uma revolução (Mt 22:18, 21), embora soubesse que ao fazê-lo Ele abalara definitivamente as esperanças que o povo colocara nEle, e conhecesse as conseqüências do seu ato para Si próprio. Ele demonstrou coragem quase incrível ao lançar na face do sumo sacerdote e dos anciãos do povo estas palavras: "Publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus" (Mt 21:31).

Em nenhuma ocasião houve algo de tímido em relação aos atos desse Homem. Quando Ele se convencia acerca de alguma coisa, agia daquela forma, naturalmente. Ele de fato nunca considerou que efeitos qualquer dos Seus atos iria ter sobre o povo, ou como ele seria recebido pelos homens. Ele viveu da forma como a sua consciência íntima Lhe ditava, era um assunto entre a Sua consciência e Ele. Nada estava mais longe de Seus pensamentos do que uma consideração astuta ou ansiosa a respeito da opinião dos outros. Quando entrou na casa de Zaqueu, Ele arriscou-Se a perder toda a chance de popularidade devido a essa atitude (Lc 19:5); e foi um ato heróico chamar um coletor de impostos para ser um de Seus apóstolos (Mt 9:9). Só um homem, João Batista, reconheceu plenamente, a princípio, a Sua nobreza, e tomou abertamente o Seu partido. Mas no momento em que ele se enfileirou no lado de Jesus, nosso Senhor começou em Seu coração a separar-Se dele. João estava pensando em julgamento; Jesus em salvação.

Quando Ele foi convidado para uma refeição na casa de um fariseu, sabia muito bem que estava sendo vigiado, mas nem mesmo a consideração devida ao Seu hospedeiro levou-o a tomar parte na lavagem de mãos, que era considerada uma cerimônia de valor antes de uma refeição (Lc 11:38). Ele viveu a vida como achou melhor, embora os homens O chamassem de glutão (Mt 11:19). Ele falou como Seu coração Lhe ditava, pronunciando as palavras mais ferinas, as reprovações mais severas, as acusações mais sérias, até mesmo contra o governante do Seu país (Lc 13:32), sem hesitações ou cautelas. Pode-se dizer que Ele tinha uma natureza extremamente

impulsiva. Como todos os grandes homens, Ele era inteiramente sincero eles têm que sê-lo; pois como seria eficiente, de outra forma, o significado que eles alcançaram?

Certa vez E. M. Arndt disse: "Nenhum tirano pode subjugar o homem que sabe como morrer." Jesus soube como morrer. Ele não conheceu nem um pouco o medo do sofrimento que Buda manifestou. A coragem do Seu espírito foi mantida até o último grito triunfal: "Está consumado!" (Jo 19:30). Muita coisa na vida de homens outros, que parece coragem, debaixo de uma inspeção mais minuciosa se transforma em mera ignorância do perigo. Jesus reconhecia o perigo que corria, e o tinha diante dos olhos, mas isso nunca O enervou.

A descrição que Marcos faz da última viagem de Jesus a Jerusalém é comovente. Os Seus discípulos ficaram inteiramente surpresos quando Ele enveredou pela estrada para a cidade do grande rei. Corajosamente Ele ocupou o Seu lugar à testa do grupo, embora conhecesse o terrível destino que O esperava. Os discípulos O seguiram hesitantes. Os peregrinos que se dirigiam à festa estavam com mais medo ainda. Mas Ele não Se intimidava com o perigo. Ele daria o último passo com coragem indômita (Mc 10:32). A virilidade e o vigor característicos da obra que ocupou toda a Sua vida foi claramente enfatizada e visivelmente reforçada pelo corajoso ataque que Ele desferiu contra as autoridades hostis durante aqueles últimos dias. Pois havia algo de agressivo em Jesus, algo de intenso e apaixonante. Ele nunca se contentava em ser tolerado, ou em meramente não ser perturbado (Mt 12:30). Ele chegou a tentar ganhar para o Seu lado o governador da província que O estava julgando (Jo 18:37). João declara que o objetivo da vida de Cristo era destruir as obras do diabo (I Jo 3:8), e Ele admitiu abertamente que viera para trazer uma espada com esse objetivo (Mt 10:34) — um Homem assim devia ter uma natureza pronta e ansiosa para batalhar. E assim, até mesmo as Suas palavras assumiram a natureza de uma fonte gelada, apresentando a água em sua beleza maravilhosa, variegada, leve. Ele permanecia firme e inflexível como o aço, e pela primeira vez — talvez também pela última — tornou verdadeiras as palavras "temer a Deus e a nada mais no mundo."

Jesus soube como morrer. Ele mostrou claramente a Judas que fora desmascarado, e ao recomendar-lhe que executasse rapidamente o seu plano, queimou as pontes atrás de Si (Jo 13:26s.). Agora Ele era capaz de falar quando outros preferiam conservar silêncio (Jo 18:20s); mas aqui, mais uma vez, Ele conservou-Se corajosamente em paz quando outros tentariam o efeito de palavras suaves (Jo 19:9). No meio da miséria do mundo, do Seu sofrimento e o desmantelamento da Sua obra, Ele demonstrou que interiormente podia prevalecer contra todas essas tribulações, e quando os Seus planos pareciam ter falhado, Ele pode gritar triunfantemente: "Está consumado!" Jesus nunca experimentou o desânimo a respeito do qual ouvimos falar na vida de grandes e ativos profetas como Moisés ou Elias (I Re 19:4), e do qual Jeremias, o escritor profético, cujas mudanças de ânimo bem conhecemos, tinha bastante experiência (Jr 15:10;20:14ss.;etc). Este espírito de desânimo apareceu novamente em João Batista (Mt 11: 2s.), mas jamais o vemos em Jesus. Ele nunca duvidou por um momento do valor da Sua obra.

Esta característica de robusta virilidade e vontade férrea, que pode dizer-se era o alicerce da personalidade de Jesus, é indubitavelmente expressa calmamente nos requisitos que Ele exige dos Seus discípulos. Eles soam como convocações para a batalha ou como o som de espadas. Ele conclama os Seus seguidores para "aborrecer pai e mãe, e até a sua própria vida, e apegar-se a Ele" (Lc 16:26); para arrancar um olho e cortar uma mão se qualquer dos dois puser em perigo o homem todo, a salvação da alma (Mt 5:29s.); a confiadamente proclamar do alto dos telhados as boas novas do novo Rei, e a não ter medo dos homens que matam apenas o corpo (Mt 10:27s.). Ele recomenda os Seus a não hesitarem em declarar a sua lealdade a Ele, embora desta forma faltem ao sepultamento de seu próprio pai (Lc 9:59s.). Ele recomenda os Seus seguidores que sejam intrépidos quando, por amor a Jesus, forem odiados pelos homens, e quando o discipulado levar a dissensões no lar (Mt 10:35). Todas estas são palavras corajosas de um homem destemido, palavras duras, completamente removidas e distantes de qualquer coisa que seja suave ou efeminada. Hoje em dia estão clamando por um cristianismo viril. Bem, aqui está ele! Quando o apóstolo conclamou os Coríntios a "Portai-vos varonilmente, fortalecei-vos" (I Co 16:13), estava imitando a figura de Jesus.

Nosso Senhor não foi um pregador de diferentes estados de ânimo. Ele nunca deu azo a emoções meramente piedosas. "Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica" (Mt 7:24) — este foi o alvo que Ele colocou claramente diante dos Seus seguidores. A Sua "Oração Dominical" é extraordinariamente masculina. De fato, desde a primeira palavra até a última, ela é composta de petições, mas não há lamentações, nada de covarde ou abjeto, como as orações dos profetas de Baal — e não apenas nessas (1 Re 18:26-29). Como este Jesus desferiu em direção ao mundo palavras tais que, consideradas isoladamente, podem ser interpretadas de maneira totalmente errada, e que a respeito das quais ninguém pode meditar sem se interessar por Aquele que as pronunciou (v.g.: Mt 5:39; Jo 18:22s.;Mt 5:34; Mt 26:63s.). Ele não estava falando a crianças (I Co 14:20), mas a homens em Cristo (Ef 4:13).

Se conseguimos ver o fundamento da personalidade de Jesus em sua robusta virilidade e força de vontade com tempera de aço (em todas as grandes figuras da história a vontade predomina), precisamos falar também a esta altura, da ira de Jesus. "Como Ele era belo em Sua ira!" exclama um dos nossos escritores modernos, com entusiasmo, quando descreve a purificação do Templo. "Quem pode imaginar a expulsão dos vendilhões sem pensar nos olhos flamejantes, na voz enérgica e nas faces enrubescidas de Jesus?" Frenssen acrescenta: "A Sua casa estava perdida para Ele. Desse dia em diante Ele ostentou na face uma expressão de ira calorosa, beligerante." E. M. Arndt admite: "Eu gosto da ira e do ódio quando se originam em um sentimento de justiça e de verdade."

O que podemos dizer a respeito da ira de Jesus? Uma coisa é certa: a Sua alma estava cheia de fortes correntes, capazes de profunda animação. Bousset pode estar certo quando diz: "Ela se levanta como um vulcão, das profundezas da alma." Se o vento dos interesses próprios tivesse soprado através de Sua alma, ela poderia ter-se tornado um mar agitado. Mas todas essas correntes eram apenas o forte poder motivador, movendo o estupendo pêndulo do Seu incomensurável amor. Este é o único ponto de vista do qual podemos julgar a ira de Jesus. Não vemos nela nenhuma irritação ou desgosto. Essa ira justa carece dos elementos que tornam a nossa ira pecaminosa. Somos zelosos do que nos concerne; Ele é consumido com o zelo pelo Seu Deus. As nossas paixões se acendem por causa de algum mal que nos é feito. É algum mal cometido contra o Seu Pai que O torna irado. Só o pecado inflama a Sua ira. A hipocrisia e a impenitência podem suscitar nEle uma perfeita tempestade de ira. Mas quando isto acontece, Ele está simplesmente colocando-Se ao lado de Deus, cuja ira, como sabemos, se "acende" (Is 30:27), pois "Ele ama a justiça (Sl 11:7). Arndt de fato pode estar certo quando diz: "Gosto da ira."

Em face de tantos retratos insípidos, fracos e sentimentais acerca de Jesus, que através dos séculos os artistas têm pintado, temos desejado ansiosamente expor toda a força da Sua personalidade. Ele de fato foi um Homem, se alguém pode ser assim chamado. Mas agora precisamos voltar os nossos olhos para uma nova beleza do Seu espírito; as características que são completamente inesperadas depois do que acabamos de estudar.

*** * ***

Esse Jesus férreo era também um Homem de ternura e que carregava no peito um coração de sensibilidade incomum. Quando Ele estava indo para ressuscitar Lázaro dos mortos, chorou ao pensar no morto (Jo 11:35). Ele não conseguiu ver a cidade destinada à destruição sem que as lágrimas lhe saltassem dos olhos (Lc 19:41). Ele foi movido por compaixão intensa quando viu uma viúva seguindo com passos trôpegos o esquife do seu único filho (Lc 7:13); ou quando percebeu que as multidões que O haviam seguido ao deserto estavam sem alimento (Mt 15:32). No meio de duras palavras de denúncia que fulguravam como relâmpago, a tristeza se apoderava dEle ao pensar na mulher que porventura estivesse grávida ou estivesse amamentando naqueles dias (Mt 24:19). Que consideração profunda e compassiva O levou a proibir os Seus discípulos de mudar de lugar de estada, para não melindrar os hospedeiros (Mc 6:10)! (Talvez eles achassem que a casa em que estavam não tinha o que desejavam.) Ou quando Ele agradeceu a Deus por não ter perdido nenhum seguidor, a não ser "o filho da perdição" (Jo 17:12). Com que luz terna e amável os Seus

olhos devem ter brilhado quando crianças que Ele não conhecia vieram tão espontaneamente receber os Seus carinhos (Mc 10:16), ou sem sinal de acanhamento permitiram que Ele as colocasse no meio de um círculo de doze homens estranhos (Mt 18:2)!

Se Jesus tinha pelos outros um sentimento terno, Ele experimentava I mesma emoção com relação à Sua própria pessoa e ao seu destino. As Suas palavras soam como um lamento comovente. "As raposas têm seus covis, e as aves dos céus, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8:20). Nunca O encontramos suprimindo a vida emocional, nunca vemos nEle qualquer traço de indiferença estóica. Ele estava tão certo de que depois de três dias ressuscitaria, mas mesmo assim isso não impediu que o Seu espírito terno e sensível tivesse que lutar dura e longamente contra o medo da morte, que é tão natural e humano (Lc 12:50s.;Jo 12:27).

*** * ***

Já falamos rapidamente da bondade de Jesus, que não era uma virtude adquirida, mas uma de Suas características naturais. Esta bondade era uma característica marcadamente Sua e que coloria toda a Sua vida. Foi em um casamento que Ele Se manifestou pela primeira vez como o grande propiciador de alegria e bênção no tempo da salvação (Jo 2:11). Entre as pessoas doentes e miseráveis, Ele manteve o Seu temperamento alegre, um gozo calmo e tranqüilo. Na maneira como Ele se dedicava, havia algo de atraente para as pessoas, de sorte que certa mulher gritou extasiada: "Bem-aventurada aquela que te concebeu!" (Lc 11:27). Pessoas mal-humoradas não têm poder de atração. Até um Judas foi, durante anos, incapaz de se libertar da influência de Jesus.

A mensagem de Jesus também foi colorida de maneira característica por sua bondade. As boas novas que Ele proclamou eram tão sérias quanto as de João Batista — não estavam ambos preocupados com a soberania de Deus? Porém, como o método de Jesus ao entregar a mensagem é mais amável! Como Ele a descreve gloriosamente — como uma festa de casamento, uma grande ceia, um tesouro escondido, uma pérola de grande preço! (Mt 22:2; Lc 14:16; Mt 13:44, 45). O martírio os esperava a ambos, com esta diferença: um conhecia de antemão o que devia acontecer, enquanto o outro não o sabia. Pelo contrário, este último via de longe o esplendor da coroação, e mediante a mesma indicação, um lugar de honra para si próprio como arauto, perto do tronco. Não obstante, embora ele previsse para si mesmo uma glória que haveria de raiar, a sua pregação era triste. O outro, que desde o início via a Cruz levantada no fim do Seu caminho (Jo 2:19; 3:14), falou como se o Seu coração estivesse cheio de júbilo e em tons tão agradáveis que eram como os de uma ave-mãe reunindo os seus filhotes (Lc 13:34).

No entanto, não havia gracejo na bondade de Jesus — nem mesmo com as crianças. Ele as acariciou, e depois simplesmente as abençoou, antes de deixá-las ir (Mc 10:16). Ele não viu nada de chocarrice nelas. Não é difícil encontrar sagacidade e humor em palavras do Antigo Testamento. Sabemos que Sócrates gracejou até nas suas últimas horas. Muitos cristãos fervorosos não reprimem este dom de humor — um dos dons mais nobres da natureza, porque ele se apresenta na forma de jovialidade muito aliada ao amor — pois eles estão cientes de que nele têm freqüentemente uma fonte de refrigério para si próprios e para os outros neste vale de ais. Diversão e humor não encontraram lugar na vida de Jesus, porque as tensões produzidas pelo pecado do mundo eram muito grandes. Faltava-lhes o sorriso fácil, sem o qual o humor é impossível. Será que Ele alguma vez riu?

*** * ***

O espírito de Jesus era receptivo no mais alto grau. Como Ele era compassivo, como Se interessava profundamente pelos outros! Será que jamais uma alma foi tomada tão intensamente pela compaixão como a dEle? Ele podia ficar tão embebido pelos deveres do momento que o mundo ao redor dEle se desvanecia; comida e bebida eram esquecidos (Mc 3: 20; Jo 4:31). Hipocrisia, dureza de coração e malevolência, podiam fazê-lo "arrancar do íntimo do seu espírito um gemido" (Mc 8:12), diante de todo o povo. O Seu espírito podia abrasar-se com indignação moral (Mt 12:34; 23:12ss.) Ele não tinha nada do sempre calmo Buda, que não tinha desejos nem paixões, nem

mesmo amor. E assim, em Jesus encontramos uma atmosfera refrescante. Havia em seu coração profundezas insondáveis, as riquezas da Sua natureza eram incomensuráveis. Ele podia regozijar-Se (Lc 20:21), e podia entristecer-Se (Mc 15:34) com uma intensidade e um interesse que poucos já experimentaram.

É bom repetir que não havia nada de inquietação em Sua natureza, tão sensível a todas as impressões. Nunca vemos Jesus com pressa ou perturbado. Ele sabia muito bem que "a seara é grande" (Mt 9:37), que "a noite vem" (Jo 9:4), e também, Ele era impelido pela mais profunda piedade (Mt 20:34; 23:13ss.). Estes dois fatores poderiam ter levado a uma grande inquietação, um sentimento de que era necessária uma pressa contínua. Mas quando o vemos, que Ele não esteja calmo e sereno? Jesus viveu em uma época de intranqüilidade, pois as civilizações da época estavam, por assim dizer, maduras demais, e próximas da queda. Ele tinha a percepção mais aguda dos tempos em que vivia e os chamou de "sepulcros caiados" (Mt 23:27). Ele sentia o odor da decomposição e falou de "os abutres se ajuntarem" (Mt 24:28). Não obstante, quem jamais O viu apressado ou agitado? Testou Ele toda sorte de remédios e mesinhas para curar o mundo enfermo? Ele percebia que o mundo precisava ser salvo, mas preservava uma calma verdadeiramente divina. Ele podia sentar-se por horas a fio, com uma Maria aos Seus pés (Lc 10:39), ou mesmo com uma criança no colo, recostada ao Seu peito (Mc 10:16). Pode parecer que estejamos chamando a atenção para algo demasiadamente trivial, quando indicamos que Jesus sempre Se assentava quando falava com as pessoas. Porém, mesmo isto é significativo, pois está de acordo com as Suas maneiras tranqüilas e lúcidas. Ed. von Gebhardt está errado ao retratar o Salvador de pé, durante o Sermão da Montanha. O fato de que Jesus ter-Se assentado devia ter lembrado ao artista que o Mestre de Nazaré nunca devia ter sido pintado em movimentos tão ativos, quando pregava.

*** * ***

Se quisermos representar corretamente as aptidões físicas de Jesus, há uma coisa acima de todas sobre a qual precisamos focalizar a nossa atenção: vemos em Sua alma um choque extraordinário de contrastes. Este Jesus é franco e comunicativo; Ele lamenta as Suas necessidades; não esconde o Seu temor, e expressa vivamente a Sua alegria; não há nada de taciturno ou reservado em Sua natureza. E ao mesmo tempo, Ele é o recluso, o Homem que anda só, vigiando a noite toda na solidão; Ele pode possuir o que há de melhor e guardá-lo em Seu peito, dizendo aos Seus discípulos, no fim: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (Jo 16:12). Este Jesus é tão singularmente lúcido e sereno, tão curiosamente circunspecto e senhor de Si; mas ao mesmo tempo, tão empolgado que parece que a Sua reserva foi rompida, que o Seu equilíbrio interno foi perturbado. Ele é manso, mas ao mesmo tempo tão intenso em Seu fervor; o Seu caráter é heróico, contudo cheio de ternura. Todas as Suas palavras são maravilhosamente profundas, e ao mesmo tempo tão transparentemente claras. O Seu negócio é a conquista do mundo, mas Ele pode falar com uma mulher comum do povo, de maneira tão perscrutadora que chega-se até a pensar que a salvação da alma dela era a Sua única preocupação (Jo 4:27; cf. 5:17). Ele põe constantemente diante de Si a Sua grande tarefa; não obstante, pode dar toda a Sua atenção a pequenas coisas. Subjetividade e objetividade tornam-se uma só coisa nEle; a tranqüila serenidade está lado a lado com a atividade incessante. Ele é tanto otimista como pessimista; o mundo está mergulhado na iniqüidade, mas Ele venceu o mundo. A Sua visão é ampla, mas Ele se contenta com os onze a quem ganhara para Si. Ele está muito acima do julgamento da Sua raça; todavia, limita a Suas atividades à Sua nação (Mt 15:24). Os nacionalistas podem dizer com razão que Ele está do lado deles, mas o internacionalismo, com as maiores perspectivas de sucesso, se baseia nEle. Ele nunca esquece a Sua dignidade, mas está constantemente na companhia de meretrizes (Lc 7:37ss.). Ele é um homem do povo e tão disponível que responde imediatamente ao clamor de um leproso (Lc 17:12ss.), vai ajudar um mendigo (Mt 20:29) e conversa com a mulher leviana junto ao poço (Jo 4:9ss.). E Ele é tão reservado que mantém um frio silêncio quando um rei procura conversar com Ele (Lc 23:9). Ninguém é tão simples como Ele, ou tão profundamente sábio. Ninguém jamais teve um senso tão profundo da realidade; porém isto não O impede de

manifestar entusiasmo sem limites. Como a Sua natureza é viril! No entanto, Ele passa grande parte da Sua vida ao lado de leitos de enfermidade. Sem hesitação O colocamos entre os grandes pensadores da história; não obstante, Ele não Se encontra totalmente imerso em meditação e reflexão, mas é um Homem de ação, capaz de agitar multidões. Ele não chama mulher alguma de Sua, contudo é o primeiro a dar à mulher o seu lugar de direito (Mt 5:32). A Sua ira pode flamejar tão intensamente que Ele usa um açoite; no entanto, Ele suporta silenciosamente os maiores ultrajes contra Si próprio. Avança impetuosamente como um homem, mas a Sua paciência e resignação são as de uma mulher. Ele pode fazer exigências tão severas que os Seus discípulos recuam, contudo desculpa uma mulher a quem todos condenam (Jo 8:10s.). Ele fala ousadamente de um tempo futuro quando Deus não será adorado em Moriá ou em Gerezim (Jo 4:21), mas é tão conservador que preservará até a última letra da lei (Mt 5:18). A Sua natureza é tal que pode agir e trabalhar como Buda jamais o fez, mas Ele pode sofrer e suportar dificuldades também — sim, mais do que ninguém. Ele apresenta as reivindicações mais tremendas (Mt 10:37), contudo nunca Se ressente de insultos. Ele combina a inocência da pomba com a prudência da serpente; Ele Se determina a ganhar o mundo; todavia, pode desdenhá-lo. Ele tem a mais simpática personalidade (a mais pronta a entrar nos sentimentos dos outros) e ao mesmo tempo a mais introvertida (a mais retraída dentro de si mesma). Individualistas tanto quanto socialistas podem contá-lo como um deles. Este Homem descansa em Deus e ao mesmo tempo trabalha para Deus. Ele é melhor do que nós todos, mas não tem orgulho. A Sua vida é imaculada, e Ele assim mesmo Se mistura com os que têm marcas na fronte (Mt 11:19). O pecado, diz Ele, deve ser evitado acima de tudo; no entanto, jamais tem medo de Se misturar com os pecadores. Ele desfruta inocentemente do mundo; todavia, este jamais o cativa. Ele pode sentar-Se em uma festa de casamento e ser conviva de um banquete, mas não Se sente estranho entre os penitentes no deserto (Mt 4:1s.). O Seu amor é manifestado aos pobres e necessitados, porém o homem de elevada posição também encontra o caminho do Seu coração (Mc 10:21). Há algo de majestoso e imponente em Sua pessoa, no entanto os temerosos e as pessoas que facilmente se intimidam são vencidas rapidamente por Ele. De maneira maravilhosa Ele atrai os homens para Si; não obstante, Ele lhes é tão estranho que nem os discípulos podem entendê-lo. Nenhum místico já teve tamanho poder de concentração; mas ao mesmo tempo Ele passa pelo mundo com os olhos abertos, notando até as crianças que brincam na praça (Mt 11:16). O Seu coração resplandece de amor, mas Ele está livre do extravagante entusiasmo da Igreja Primitiva, cujos membros venderam as suas propriedades e bens (At 2:45). Jesus não reprova os Seus amigos de Betânia por gostarem do seu lar. Em Seu espírito vemos atividade e receptividade, modéstia e amor próprio contrastados de maneira maravilhosa. Este Homem está convencido de que o mundo será aperfeiçoado através da Sua presença e obra; todavia, continua manso e humilde de coração (Mt 11:29). "Com a dignidade de quem tem sangue real, contudo simples como qualquer camponês." Esta é uma das peculiaridades do espírito de Jesus: ele pode experimentar toda a gama de sentimentos, emoções e percepções que o homem comum conhece apenas em parte.

*** * ***

É inútil procurar qualquer temperamento individualizado em Jesus. Nunca teremos sucesso em rotular os Seus dons espirituais, como estamos acostumados a fazer com outras pessoas. Lembrando a purificação do templo, muita gente O tem alcunhado de colérico. E com toda a facilidade Ele também poderia ser chamado de fleumático, quando pensamos como dormiu durante a tempestade e calou-Se diante dos Seus juízes. Dizem que Ele era sangüíneo por permitir que a multidão Lhe prestasse jubilosa homenagem; e imediatamente depois, encontramo-lo a chorar (Lc 19: 37ss., 41). Da mesma forma podemos pensar nEle como um melancólico incorrigível, porque a unção praticada por Maria fá-lo pensar em Seu sepultamento (Jo 12:7), ou porque Ele pronuncia as Suas parábolas apenas para que elas não sejam entendidas pelo povo (Mc 4:11s.). Não, essas definições corriqueiras das disposições naturais não são suficientes ao se pensar nEle.

É curioso também como perdemos de vista o fato de que Ele não pertencia a qualquer raça

em particular. Ele é um judeu — a mulher samaritana imediatamente o reconheceu como tal (Jo 4:9) — todavia, fundamentalmente, há tão pouco de judaico nEle que nós, cristãos, muitas vezes consideramos insuportáveis as características judaicas. Na riqueza e vivacidade da Sua linguagem, Ele é um oriental, mas um ocidental na precisão lógica do Seu raciocínio. "A pressa *é* do diabo," diz o árabe, e de coração todo oriental concorda com ele. Muitos viajantes têm voltado da Terra Santa com a impressão de que debaixo de tamanho calor e tão belo céu o sonho e a meditação são de mais valor do que o trabalho e as preocupações. Mas o atarefado europeu com a sua "carreira" — uma causa de surpresa para o indiano com a sua "existência" — pode compreender Jesus, que ensinou até aos capitães de indústria o que significa o trabalho. Com a Sua perspectiva clara, serena e sábia da vida, Ele foi um padrão para os antigos germanos; contudo, a Sua apaixonada luta pela verdade e pela bondade fez dEle um exemplo também para os romanos. A profunda consideração dos germanos e a energia dos romanos encontram nEle a mesma satisfação. Pois todas estas características contrastantes são encontradas unidas nEle.

Elas realmente encontram-se *unidas* nEle. Essas características contraditórias não produzem o efeito de contraste na Sua natureza. Karl von Hase está certo quando diz que "um caráter intensamente pronunciado (que é, podemos nós acrescentar, parcial e limitado) não é o ideal da humanidade, mas uma simetria bela de todas as faculdades." Jesus certamente deve ser colocado entre as fileiras de pessoas vivas e ardentes; no entanto, estas qualidades são inteiramente equilibradas e claras. Logo que qualquer emoção violenta, qualquer perturbação de espírito, qualquer estado de ânimo deva ser verificado em Jesus, as qualidades opostas já estão ali, ocultas mas à mão, prontas para estabelecer o equilíbrio. A sua mente é como um perfeito instrumento musical: logo que uma corda é tocada, as outras vibram com ela. Assim, há uma riqueza de contrastes, todos harmonizando-se e unindo-se em Sua personalidade. Desde os dias de nosso Senhor até os dias de Tosltoi, preconceito após preconceito tiveram origem nEle, mas em Jesus pessoalmente todos os contrastes e contradições se manifestam em perfeita harmonia. E neste Homem, as contradições interiores nunca se revelam com sagacidade cortante.

Será que as características psíquicas de Jesus se alteraram durante a Sua vida? Será que Ele gradualmente Se tornou mais sombrio, mais amargo, ou mudou de qualquer forma? Qualquer pessoa que afirmar uma coisa destas está permitindo que as suas próprias idéias influenciem o seu conceito de Jesus, porque deseja tornar dramática a vida de Cristo. Na realidade, um crescimento silencioso foi a única mudança. Tudo em relação a Ele tinha a marca, não de contradição, de luta, mas de uma retidão amável e de um impulso elevado, natural, que sempre foi o sinal mais inconfundível de um espírito realmente "belo."

Já falamos o suficiente a respeito do espírito de Jesus. Que dizer a respeito dos dons mentais ou intelectuais desse Homem?

CAPITULO 3

OS DONS INTELECTUAIS DE JESUS

Treitschke, o admirável erudito da história mundial, certa vez disse a respeito de Frederico, o Grande: "Finalmente, ele recebeu do destino aquele favor que até o gênio precisa merecer, se deseja deixar a impressão do seu espírito sobre a sua época — a boa fortuna de viver a sua vida até uma idade avançada." Goethe também experimentou esta boa fortuna.[52] A Jesus foi negada esta vantagem; não obstante, Ele deixou as Suas marcas, não apenas em uma época, mas em toda a história.

Conhecemos outro filósofo ou fundador de religiões que tenha sido capaz de criar uma escola tão importante como Jesus e em tempo tão curto? Os Seus discípulos estavam animados por um espírito singular; e Ele ocasionou essa transformação em homens que eram nada mais do que pescadores, ou coisa semelhante.

Maomé teve vinte e dois anos para trabalhar; Buda teve quarenta e cinco anos. Jesus trabalhou pouco mais de três anos, morrendo logo depois de completar trinta anos (Lc 3:23). Não obstante a curta vida desse Homem, Ele difundiu pelos séculos influências tão estupendas, que até humanamente falando, nenhum outro homem pode ser colocado na mesma categoria com Ele. Nenhum outro personagem histórico teve influência que mesmo de longe se comparasse com a dEle.

Para nossa tristeza, é registrado apenas um incidente da adolescência de Jesus: a do Menino com doze anos de idade. E ali não vemos um menino prodígio que com razão suscitasse as nossas suspeitas. No entanto, os mestres do Templo ficaram admirados com a compreensão demonstrada pelas perguntas desse Menino, e com as respostas que Ele deu às perguntas deles (Lc 2:46ss.). Eles sentiram-se estimulados com a conversa com Ele, pois demonstrou uma sabedoria que não era natural em pessoa de tão tenros anos (Lc 2:40). Desta forma, no Menino de doze anos já vemos prenúncios dos dons intelectuais que deveriam ornar o Homem.

Não é fácil ter idéia da riqueza desse intelecto. Comecemos com a extraordinária agudeza e prontidão pelas quais ele era caracterizado. Jesus teve milhares de oportunidades para demonstrar essas qualidades de maneira brilhante, nas disputas infindáveis com os Seus oponentes.

Ele viveu numa época quando as sutilezas da lei eram discutidas de maneira infindável nas escolas de então. Os Seus oponentes tinham certeza de obter sucesso, quando Lhe propunham tais questões. Certamente o indouto filho do carpinteiro ficaria confuso diante de todo o povo. Primeiro, vieram a Ele com a velha disputa a respeito das características dos maiores e dos menores mandamentos (Mt 22:36). Mas com inimitável argúcia Jesus apontou para o mandamento que a própria lei definia como o maior (Dt 6:6-9), e colocou ao lado desse um segundo, que para a mente sã prova obviamente sem dúvida ser, à sua maneira, a fonte de um infinito número de mandamentos e preceitos (Mt 22:39). Como Ele era conhecido por ser amigo de publicanos e pecadores, arrastaram a adúltera até os Seus pés, perguntando: "Como é que tu e o teu amor pelos pecadores podem conciliar-se com a lei de Moisés? Ele mandou que ela seja apedrejada" (Jo 8:5). Será que Jesus ficou confuso? O Seu amor pelos pecadores o levaria a decidir contra Moisés? Eles esperavam que assim fosse, pois então por fim a lei poderia condená-lo. Porém, como um esperto jogador de xadrez, Jesus colocou Moisés contra Moisés. Pois fora também Moisés quem ordenara: "A mão das testemunhas será a primeira contra ele" (Dt 17:7). Com sagacidade e autoridade Jesus voltou contra eles a questão: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra." Então todos se viraram e foram embora, deixando a mulher sozinha com Jesus. Em outra ocasião, lembrando como certa vez Ele havia proibido o divórcio (Mt 5:32), os Seus oponentes se defrontaram com Ele com uma pergunta direta para ver se expressava a Sua opinião contra a lei de Moisés. Mais uma vez, com destreza incomparável, Ele citou a lei contra Moisés, explicando a segunda frase do mandamento como simplesmente um preceito contra a dureza do

[52] Kant tinha sessenta anos de idade quando escreveu as suas obras mais importantes.

coração dos homens (Mc 10:2-9). "É lícito pagar tributo a César?" perguntaram os fariseus. Rápido como um relâmpago, Jesus percebeu as dificuldades da pergunta. Se Ele respondesse "não;" seria chamado de agitador; se respondesse "sim," diriam que eslava menosprezando a soberania de Deus sobre Israel. Mas sem hesitação Ele deu a resposta certa, anulando a armadilha preparada para Ele, e forçando os Seus oponentes a confirmar a Sua resposta (Mt 22:15s.). Quando os Saduceus, que consideravam Moisés como sua única autoridade, tentaram ridicularizar as esperanças de uma ressurreição, Jesus mais uma vez citou Moisés contra eles, provando tão aguda e convincentemente a certeza da ressurreição no Deus de Abraão, Isaque e Jacó, que até alguns dos Seus oponentes exclamaram admirados: "Senhor, disseste bem" (Lc 20:39). Repetidamente tentaram surpreendê-lo desprevenido com novas perguntas, mas sempre em vão.

Por outro lado, como Ele sabia questioná-los! Não havia maneira de escapar às suas perguntas. A resposta precisava ser sim ou não — não havia outra alternativa. Mediante a resposta que davam eles se colocavam do Seu lado, ou precisavam expor a dureza dos seus corações ao se oporem a Ele. "É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? salvar a vida ou tirá-la?" (Mc 3:4). "Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens?" (Mt 21:25). E então houve o fato de Ele expulsar demônios. Ele os expelira com a ajuda de Satanás, como os Seus inimigos asseveravam, ou, se isso era ridículo, como Ele foi capaz de provar, a mão de Deus precisava ser admitida no milagre operado. Uma terceira explicação era impossível (Lc 11:18, 20). De fato, as Suas perguntas confundiam e aniquilavam os Seus inimigos, culminando na palavra magistral a respeito do Messias: "Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" (Mt 22:45).

Havia algo de desconcertantemente simples em Suas respostas. O bom senso precisava admitir a sua veracidade. Afinal de contas, todo mundo precisa admitir que "os sãos não precisam de médico e, sim, os doentes" (Lc 5:31). O filho de alguém não poderia ser deixado em uma cisterna aberta, para morrer, mesmo que fosse no dia de sábado; até um boi deve ser salvo (Lc 14:5). Isto era tão óbvio para os homens de bom senso que os Seus oponentes não ousaram discutir a esse respeito (cf. também Jo 7:23). Como as Suas setas atingiam o alvo! Temos quase pena dos Seus oponentes.

Ao mesmo tempo, nunca era Jesus quem criava essas situações. Elas eram sempre criadas pelos Seus adversários, à Sua revelia, e Ele não tinha tempo para preparar-Se antecipadamente. A situação também se alterava com tal rapidez que Ele precisava mudar constantemente da posição de defesa para o ataque, ou vice-versa. Mas Ele nunca era pego de surpresa pelo inesperado (cf. Mt 9:1ss., com suas mudanças contínuas); Ele nunca pedia tempo para pensar e demonstrava uma certeza completa. Pois Ele sabia que podia controlar a situação a partir do Seu íntimo. Esta sensação de poder - sem considerarmos outras razões - faziam com que Ele desdenhasse de estratagemas ou artifícios.[53] Em Sua sabedoria não havia astúcia; Ele era inteiramente franco e sincero. Poucos homens na história, que desejaram alcançar a grandeza, ousaram tomar esta atitude. Não obstante, com que freqüência Ele "silenciou" os Seus oponentes! Finalmente eles reconheceram que em uma batalha verbal Ele era invencível, e não ousaram mais discutir com Ele (Mt 22:46; Mc 12:34; Lc 20:40). Ele obteve esta vitória também sem ter contado com qualquer instrução ou treinamento especial (Jo 7:15; Mc 6:2). Os fariseus de fato possuíam um grande conhecimento da verdade e uma grande erudição, mas isso era como nada diante da riqueza das capacidades intelectuais de Jesus. Como isso deve ter sido profundo e verdadeiro, é mostrado pela luz que essas capacidades faziam jorrar sobre a cultura dos fariseus. Não obstante, já ouvimos falar que Ele estudou? Ele produzia estes tesouros de pensamento sem esforço, usando as Suas reservas de poder criativo. De fato Ele era um Homem de capacidades excepcionais.

---

[53] A ironia é também inimaginável em relação a Jesus, pois, o fato de Ele estar certo do Seu poder a tornava desnecessária. As pessoas que acham que podem encontrá-la em Suas palavras, estão interpretando-as segundo as suas próprias idéias. Isso faz-nos lembrar da impressão que Max Grube teve do Imperador Guilherme II (Am Hofe der Kunst): "Não creio que o Kaiser tenha qualquer tendência à ironia. Afinal de contas, os grandes do mundo podem dar livre expressão às suas opiniões, e portanto não têm necessidade dela." A este respeito Jesus Se parece muito com os grandes.

* * *

Como orador público Jesus é inimitável. As pessoas eram arrebatadas pelas Suas palavras. Até os soldados enviados pelo sumo sacerdote para prendê-lo ficaram extasiados quando ouviram-no falar, e voltaram sem terem cumprido a sua tarefa, dizendo: "Jamais alguém falou como este homem" (Jo 7:46). Algumas vezes aconteceu que milhares de pessoas se ajuntaram para ouvi-lo, "ao ponto de uns aos outros se atropelarem" (Lc 12:1). Milhares ficaram com Ele no deserto dias a frio, tão fascinados pelas Suas palavras que se esqueceram da fome e da sede (Mc 8:2). Em outra ocasião o povo declarou que a oratória dos escribas, os líderes reconhecidos do povo, não era de se comparar com a dEle (Mt 7:29). Por isso, assentavam-se em compactas multidões ao redor dEle, ou acampavam-se na praia, enquanto Ele Se assentava em um barco (Mc 3:31; 4:1).

Seria inteiramente errado supor que os galileus, entre os quais Jesus passou grande parte da Sua vida ativa, eram um povo de pequena importância. A Galiléia não era um "país" no sentido em que algumas pessoas sentimentais querem nos fazer crer. Era um corredor através do qual todo o comércio importante precisava passar, cheio de mercadores, pequenos comerciantes, oficiais de toda sorte e soldados. Tinha a importante vantagem da cultura grega, sendo um país bilíngüe, em que quase todo mundo era forçado pelas circunstâncias a aprender o grego. Passando por cidades, aldeias e povoados, Jesus praticava a Sua oratória na forma rigorosa do sermão da sinagoga, que se baseava nas Escrituras, e em convertais espontâneas e populares nas ruas, à beira do lago, ou na encosta da montanha; o sucesso era sempre o mesmo, o povo ficava fascinado com o que Ele falava.

Temos ouvido falar de oradores dotados que alcançam popularidade mediante uma mistura feliz de seriedade e humor. Jesus desprezou inteiramente estes métodos. Ele invadia o coração dos Seus ouvintes com muita coisa dura, severa e cortante; no entanto, como eles O ouviam alegremente! (Mc 12:37). Quão eloqüente ele deve ter sido!

A palavra escrita nunca apresenta a mesma imagem da eficiência da palavra falada; ao contrário, apresenta uma imagem bem mais fraca. Porém, mesmo considerando-se os relatos que temos das Suas pregações, podemos sentir que não havia monotonia em Seus discursos (como acontece com Maomé ou Buda); como Ele os moldava ao Seu auditório, como tinha o maravilhoso dom de interessar os mais intelectuais, e ao mesmo tempo fazer-se entender pelo povo humilde. As Suas palavras podiam ter todos os timbres: o calmo tom de persuasão e instrução o timbre suave de consolação e conforto, a atração de um coração terno, chamando todos os homens para Si. E depois, também, as Suas palavras podiam rugir numa inundação, com todo o poder dos profetas vétero-testamentários; a Sua voz era ressonante ao conclamar os homens à ação, ou abrasava-se em ira flamejante. Que mestre de oratória era Jesus! Que variedade de emoções, desde os ataques devastadores contra os Seus oponentes (Mt 23:13ss.) até o compungido lamento sobre Jerusalém: "Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Mt 23:37). Ele podia adaptar o Seu dom para ensinar os Seus discípulos ou para uma peça de oratória pública (Mt 5; 13). Em Seu discurso havia a grandeza simples que ganha o coração do homem comum (Lc 11:27). Não obstante, isto não fez descer o nível do Seu dom ao de mera religião do proletariado, embora a sua simplicidade o tornasse eficiente. Por ser dirigido para as necessidades religiosas mais prementes da humanidade, do povo simples, ele tinha em si algo para todas as pessoas, dando a cada classe e nação o que lhes era devido. O que é verdadeiramente popular é também verdadeiramente humano. "O campo da humanidade é sempre refrescado com o que vem das profundidades" (W. Raabe).

Ainda há dois pontos que precisam ser mencionados. Em seu desempenho inigualável como orador público, nunca vemos qualquer sinal de preparo para os discursos que Jesus ia pronunciar. Desde o primeiro discurso, quando Ele fez a Sua apresentação sensacional em Sua cidade natal, os Seus discursos eram extemporâneos. O mestre da sinagoga Lhe entregava o rolo prescrito da lei e, abrindo-o, Ele imediatamente começava a ler a passagem que era colocada diante dos Seus olhos (Lc 4:17). E da mesma forma como não há indícios de qualquer preparo anterior,

também não sabemos de nenhuma tentativa Sua de criar um clímax, de desenvolver o tema gradualmente ou de inserir o que chamamos de "frases de efeito." Desde o primeiro até o último, os Seus discursos eram produto acabado. Quem pode surpreender-se com o fato de os Seus conterrâneos terem se "maravilhado das palavras de graça que saíam de sua boca"? (Lc 4:22). Para nós, parece que a Sua mente tem um brilho inusitado.

Juntamente com o Seu poder de oratória popular e de didática, precisamos mencionar um terceiro dom, o de conversação individual com as mais diversas pessoas. Que mestre era Jesus neste campo! Em Sua conversa com a mulher junto ao poço não há subterfúgios (Jo 4); nem com Nicodemos, que veio procurá-lo de noite (Jo 3), nem com o jovem rico que o abordou na rua (Mc 10:17). Ele relacionou-Se com as pessoas da maneira como as achou. Ele sabia como tomar o último assunto como ponto de partida, e como um magistral golpe de direção, levar os pensamentos dos Seus ouvintes para o mais importante dentre todos os assuntos (Jo 4:7ss.). Com poucas palavras Ele levava a atenção deles para onde queria, de forma que se esqueciam do mundo ao seu redor, cônscios tão somente do orador. Ele é sempre o doador, seja hóspede do publicano ou de pessoas de alta classe (Lc 5:29; 15:1ss.; 7:36). Ele sempre dirige a conversação. Nicodemos, homem inteligente e rico, ficou inteiramente confuso com a completa alteração do seu ponto de vista, e teve de submeter-se cegamente à Sua direção (Jo 3:3ss.). Calma e habilmente Jesus sabia como levar em conta as peculiaridades do pensamento de Seus ouvintes (Mc 10:19: Por estar falando um homem rico, Ele cita o nono e o décimo mandamentos: Não defraudar; cf. Dt 24:14). * * * Este mestre de palavras era também um poeta — de fato, um dos maiores poetas. Ele sabia como manejar a antiga arte de fazer provérbios, com uma perícia consumada. Somos informados que o Rei Salomão "compôs três mil provérbios... discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano, até o hissopo que brota no muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes" (I Re 4:32, 33). Jesus fez a mesma coisa. Sem mencionar outros assuntos, farei aqui uma lista dos animais que foram usados tão engenhosamente em Suas parábolas: camelo, raposa, lobo, serpente, cão, boi, jumento, ovelha, bezerro, porco, peixe, abutre, galo, galinha, pintinhos, pomba, pardal, mosca e escorpião. As pessoas que estão familiarizadas com as palavras de Jesus se lembrarão de todos estes animais. Ele podia transformar quase qualquer pensamento em um provérbio, e a cada vez ele era completo em si mesmo, como um pequeno camafeu solitário. Esta forma agradável e ainda eficaz, tornava as palavras de Jesus aceitáveis ao Seu auditório; elas eram facilmente lembradas, sendo cada frase uma pequena gema preciosa, que depois brilhava em várias cores, pois em diferentes conexões uma nova luz jorrava constantemente sobre ela; a cada vez as Suas palavras demonstravam ser um tesouro.

A fim de observar a arte constante dessas frases, pense em Mateus 7:2, onde o paralelismo hebraico é visível ("Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também"); ou Lucas 14:11, onde é usado um contraste ("Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado"); ou Mateus 10:40, onde a idéia é expressa mais uma vez de forma paralela ("Quem vos recebe, a mim me recebe; e o que me recebe, recebe aquele que me enviou"). As frases também recebem vida nova com o uso de jogos de palavras — assim acontece em Mateus 10:39, onde a mesma palavra é usada com diferentes sentidos, ou em Mateus 10:32, onde diferentes aspectos de um pensamento são relacionados através da semelhança da expressão. Outras frases são notáveis porque dão a impressão de parcialidade (Mt 7:7), de coisas maravilhosas (Jo 9:39), de exagero (Mt 12:30) ou até de contradição (Jo 5:31; cf. com 8:14), enfatizando propositalmente desta forma só um lado da idéia.

Como verdadeiro filho do Oriente, Jesus constantemente faz o seu discurso na forma de metáfora. Tais metáforas são muitas vezes surpreendentes; de fato, freqüentemente não podem ser compreendidas em uma realidade sóbria, (Um camelo passando pelo fundo de uma agulha, pedras clamando, montanhas removidas — Mt 7:3; 17:20; 19:24; 23:24; Lc 19:40). Ele sempre vai aos maiores extremos para ilustrar vivamente a verdade corriqueira, falando não de luta ou discórdia, mas da espada que mata, do fato de os cabelos de nossa cabeça serem contados, de o Evangelho ser proclamado do alto dos telhados (Mt 10:34, 30, 27). Em todos os Seus discursos tremendamente descritivos e cativantes revelam-se a perícia e a arte de um poeta.

***

Ao falar de Jesus como poeta, imediatamente pensamos em Suas parábolas. Se tão somente uma delas tivesse chegado até nós, por exemplo, a do Filho Pródigo, seria suficiente para que Ele levasse a palma também neste campo. Mas grande número de Suas parábolas nos foram preservadas como um tesouro inestimável.

Algumas vezes lembramos que era um costume favorito dos profetas usar alguma ocorrência da natureza ou da vida diária para ilustrar uma idéia que desejavam transmitir ao povo, mas é difícil apontar qualquer exemplo desse costume. Há a conhecida parábola de Natã, o profeta, a respeito da ovelhinha do homem pobre (II Sm 12:1), e a de Isaías a respeito da vinha de Deus (Is 5:1ss.); mas na verdade, é quase só isto. Que são estes dois exemplos solitários em comparação com a riqueza de ilustrações usadas por Jesus?

Será, então, que Jesus tomou as parábolas emprestadas dos escribas os quais as usavam costumeiramente? Isto não diminuiria a nossa admiração pela perícia que Ele demonstrou no uso delas. Isto porque, comparando BI Suas parábolas com ensaios semelhantes dos rabis, percebemos a Sua suprema maestria. Onde eles somente balbuciaram, Ele falou. É interessante notar que as sinagogas dificilmente usavam a natureza ou as obras da natureza.

Dizem que "a maior coisa que uma alma humana pode fazer neste mundo é ver algo e contar de forma simples o que viu." Jesus possuía estes dois dons em forma superlativa. Antes de tudo Ele era capaz de ver. Ele via o que era típico e significativo nas coisas. Ele tinha a agudeza de visão que vê as coisas claramente e da maneira como são — a marca registrada do verdadeiro artista. Ninguém antes ou depois dEle teve, em maior grau, este senso intuitivo da realidade.

Sendo assim, não podemos ficar surpresos pelo fato de Jesus estar bem avançado em relação à Sua época, no uso que fazia do mais moderno realismo em Suas parábolas, em uma época quando toda a poesia ainda era primitiva. Ele foi capaz de fazer uma descrição sem rebuços de um filho rebelde, esbanjando a sua herança com prostitutas (Lc 15:13); de um supervisor desonesto, preguiçoso demais para trabalhar e respeitável demais para mendigar (Lc 16:3); de um homem conseguindo o que pedira mediante impudência crassa (Lc 11:8). Ele sabia, e descreveu sem embaraço, como no Oriente os trabalhadores desempregados algumas vezes ficavam à toa na praça, ouvindo a um contador de estórias ou dormindo na grama (Mt 20:3); como um juiz injustamente faz ouvidos de mercador para os rogos de uma viúva, porque ela não tem nada com que recompensá-lo (Lc 18: 2ss); como um senhor de escravos, com terrível crueldade, permite que o seu escravo seja feito em pedaços (Mt 25:51). Aqui, de fato, adiantado em muito em relação ao Seu tempo, temos o naturalismo e o realismo tão comuns às obras literárias de nossos dias.

Jesus podia ver. Ele notava os incidentes mais simples da vida nas ruas. Ele era capaz de falar dos remendos novos com que o alfaiate remendava uma roupa velha (Mt 9:16); da rede coberta de algas que os pescadores puxavam para a praia do lago (Mt 13:47); das damas de honra que dormiram á porta da casa da noiva (Mt 25:5); do homem bom que passou tempo demasiado na festa de casamento, e voltou de madrugada (Lc 12:38). Mas enquanto Ele descreve todos estes incidentes do quotidiano, Jesus nunca é enfadonho, nunca comum, como Buda freqüentemente o é. Pelo contrário, Ele mostra que dignidade há nos deveres comuns, e como eles podem tornar-se capazes de nobreza.

Todavia, há também o segundo dom: Ele sabia como descrever o que havia visto. Quem não conhece a parábola do Bom Samaritano? De que consiste ela? Apenas umas poucas pinceladas, e eis diante de nós um cenário familiar, com umas poucas figuras do quotidiano nele. Mas esta é a perícia do verdadeiro artista — a maior simplicidade na arte mais elevada.

Há parábolas que, consideradas isoladamente, são verdadeiras obras primas. Pense na do filho pródigo. Onde podemos encontrar melhor descrição do coração de um pai? Que escritor jamais pintou a generosidade paterna de maneira tão comovente, com tão poucas pinceladas? Não há nenhuma palavra a mais, nem a menos. Nada é "esmaecido com o mórbido matiz pálido do pensamento." Não há nenhuma luta por um ideal estético, nem aqui nem em outras parábolas. A

execução é a mais insípida possível. Não obstante, uma beleza tranqüila permeia a parábola em foco e todas as que emprestam figuras dos incidentes simples da paisagem natural. Em todas elas há um sopro de poesia, da mais delicada e sensível. Não há nada de artificial em relação a elas, nada exagerado, nada exuberante, como os amores orientais. "Nobre simplicidade e serena grandeza," diz Winkelmann, descrevendo a arte clássica, e esta frase bem pode ser aplicada a essas obras primas de Jesus.

Há mais uma coisa de que precisamos nos lembrar a fim de apreciar esta faculdade de Jesus de forma adequada. Descrevendo um dos reis da Inglaterra, que parecia ser uma espécie de portento para a sua época, Shakespeare escreveu:

Nós
Nunca notamos nele alguma sombra,
Nenhuma retração, nenhuma fuga
Dos lugares freqüentados e da popularidade.

E isto pode ser dito a respeito de Jesus. Uma das suas parábolas mais lindas foi contada como pelo impulso do momento, em resposta a uma interrupção feita por um dos escribas (Lc 10:29). Mas Ele nunca meditou muito a respeito das Suas parábolas, para trabalhá-las ou refiná-las; elas são inteiramente espontâneas, sendo feitas fácil e naturalmente da profundeza do Seu coração. Ele não tinha idéia do hábito de juntar as peças de dogmas e fábulas, do trabalho de remendo de Maomé, ou do raciocínio especulativo de Buda.

*** * ***

Se Jesus merece ocupar lugar de destaque entre os poetas, embora nunca o tenha reivindicado, certamente precisamos colocá-lo também entre os grandes pensadores do mundo. Qual foi a razão definitiva para a forma particular que Ele deu a muitas das parábolas? Não foi por ter Ele sido o primeiro a perceber as leis naturais existentes no mundo espiritual? Estas parábolas não são simplesmente adições pitorescas ao Seu pensamento, não são meras ilustrações. Elas têm o objetivo de desvendar a verdadeira razão pela qual as coisas acontecem no Reino de Deus. Jesus foi o primeiro a ler consciência de que a lei que opera no mundo natural é válida no mundo espiritual também; o que não pode ser feito em um é igualmente impossível no outro. Nestas parábolas Ele descreve - e as Suas descrições são supremamente fiéis à natureza (leia, por exemplo, Mateus 13:3ss.) — algo que as leis naturais exigem. Ele expõe leis fundamentais que se repetem no plano mais elevado do Reino de Deus. Estas ocorrências naturais nos ensinam a perceber como, na esfera espiritual, operam as mesmas leis espirituais. Em ambos os mundos a semente é impedida pelas idiossincrasias do solo; mas esta dependência das idiossincrasias do coração mostra claramente que só uma atividade puramente espiritual é possível no reino de Deus (Mt 13:3). É uma lei da natureza que a multiplicação da vida só acontece através da morte do grão de cereal, e isto torna claro para nós que a morte de nosso Senhor era inevitável (Jo 12:24). Jesus foi o primeiro a indicar a grande lei natural da criação e deterioração, tão familiar a nós, que temos idade mais avançada, mediante a qual a morte de uma criatura significa o início de vida para outra. É uma lei natural que as uvas colhidas da parreira devam murchar e morrer; e desta forma podemos entender qual deveria ser o destino de Seus discípulos se separados dEle, a videira verdadeira (Jo 15:6). O crescimento da semente é natural: "primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga" (Mc 4:26ss.). E imediatamente se torna claro que no Reino de Deus não se pode atingir a perfeição de uma só vez;porém, não é exatamente esta a idéia moderna a respeito de desenvolvimento? É uma lei natural que o grão de mostarda cresça e se torne maior do que todas as hortaliças, a despeito do seu início minúsculo; assim, não é preciso provar que a extrema pequenez dos inícios do Reino de Deus não resultem em grandeza limitada quando ele alcançar a plenitude do seu crescimento (Mc 4:31). A este respeito, também, como Jesus foi bem além, em relação ao conhecimento e ao pensamento da Sua época!

Certa vez Goethe disse: "Um dos melhores sinais de originalidade *é* desenvolver idéias aceitas de maneira tão rica que os homens fiquem atônitos ao ver quanta coisa estava escondida dentro deles." Que pensamentos grandes e poderosos a respeito da esperança da imortalidade Jesus desenvolveu a partir da frase comum, já desgastada: "O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó"! (Mt 22:32). Pode ser verdade que o que se requeria era simplesmente uma aplicação mais profunda dos princípios morais inerentes aos mandamentos de Moisés, mas como Jesus entendeu bem este processo progressivo! Vemos um exemplo disto na Sua maneira de manejar o sexto mandamento: "Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela" (Mt 5:28).

Muitas vezes nos tem sido dito que frases isoladas da Oração Dominical eram conhecidas antes de Jesus a ter pronunciado, e que paralelos a quase todas as suas petições podem ser encontrados facilmente em outros contextos. As partes de fato podem ser encontradas em outro contexto, mas só Ele poderia apresentar-nos o todo, unido pelo laço espiritual da oração. Na Sua mão esses pensamentos se tornaram algo tão peculiar, tão potente, tão original!

Ou tomemos outro exemplo, talvez a maior coisa que Ele fez: a enunciação dos dois grandes mandamentos. A ênfase no mandamento divino de amar a Deus como o primeiro de todos os mandamentos, seguia-se naturalmente à posição preferencial a ele dada na Lei de Moisés (Dt 6:6-9). Mas quem guiou a mão de Jesus quando Ele tirou de um lugar remoto, um canto esquecido (Lv 19:18b), um segundo mandamento que não ostentava nenhum sinal de grandeza, e o colocou ao lado daquele que era reconhecidamente o "primeiro," declarando que esse outro era "semelhante a ele"? (Mt 22:39). Certamente ambos os mandamentos estavam na lei por muito tempo, um falando do amor a Deus, e o outro do amor ao nosso próximo. Mas foi Jesus quem os uniu, declarando que eles resumiam toda a lei com as suas centenas de preceitos, e com este pensamento singular Ele imediatamente deu início a um código moral vasto e inteiramente novo, além do qual ninguém pode avançar e que impede para sempre qualquer separação entre os dois preceitos morais: "Ama, e faze o que quiseres."

*** * ***

A mente de Jesus é muito abrangente. Quase todas as ciências podem contá-lo entre os seus notáveis. O psicólogo precisa olhá-lo com respeito, pois nunca houve um homem que conhecia os seus semelhantes como Ele, ninguém jamais estimulou de maneira tão justa a natureza humana, ou podia ler a alma humana com tanta facilidade, sem errar. Tão somente precisamos pensar na magistral descrição do coração humano feita na parábola do semeador e as diferentes espécies de solo (Mt 13:3ss.; 19ss.); ou na percepção acerca da alma humana demonstrada no incidente da oferta da viúva (Mc 12:41). Pela primeira vez, também, os olhos dos homens foram abertos para a natureza da criança. Até então as crianças haviam sido consideradas como objetos - ou algumas vezes, coisa pior (I Co 6:9).

Porém, não apenas os psicólogos, mas também os pedagogos podem aprender de Jesus. Podem aprender dEle como compartilhar instrução mediante o uso de ilustrações (Mt 18:2; 22:19s.); como tomar um objeto acessível e relacioná-lo com outro inacessível (Jo 4:7,10); como, com um pouco de destreza, pode-se despertar a atenção dos ouvintes (Jo 8:6); e como fazer o interrogador responder às suas próprias perguntas (Lc 10:29, 36). Podem aprender como reter do principiante coisas que são demasiadas, novas e estranhas, e como ele pode ser levado a encontrar muita coisa por si mesmo. Refiro-me aqui, particularmente, às reservas que Jesus demonstrou ao testificar acerca de Si mesmo. Na quinta petição da Oração Dominical — pelo menos na forma apresentada por Mateus — Jesus nos mostra um golpe de mestre pedagógico sem paralelo (Mt 6:12, de acordo com os melhores manuscritos). Ele nos ensina a orar: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós *temos perdoado* aos nossos devedores." Ele não deseja nenhuma promessa barata que pode ser esquecida fácil e rapidamente. Os filhos de Deus precisam ser compelidos a acertar as contas com os seus credores antes de procurarem perdão do Rei.

Não apenas o psicólogo e o pedagogo, mas o naturalista também pode aprender de Jesus e

ser-lhe grato. Que olho clínico tinha Ele para as belezas da natureza! Uma sentença como "Considerai como crescem os lírios do campo... nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles" (Mt 6:29) mostra-nos como Ele estava adiantado em relação à Sua época, a este respeito. Não há palavras no mundo inteiro, tão cheias de apreciação pela natureza como estas. Será que Jesus examinou um pedaço de tecido de seda, e a pétala de uma flor, lado a lado sob uma lente, para conhecer a suprema fineza de todas as linhas desta última? O naturalista tem razão para agradecer-Lhe também porque Ele é o único entre todos os fundadores de religiões que não estabeleceu limites ao conhecimento da natureza, confundindo considerações acerca do universo com religião. Jesus, com o Seu espírito liberal, foi o primeiro a permitir livre uso de todas as pesquisas e investigações.

Jesus não tinha nenhum desejo de ser um reformador social; Ele afastava de Si todas as atividades meramente externas como esta (Lc 12:14)[2]. No entanto, Ele introduziu também, na mente dos homens, idéias a este respeito que alteraram a estrutura social, desde os seus alicerces. No mundo antigo não se fazia nenhuma tentativa para cruzar o abismo que havia entre servo e senhor. Jesus levantou este assunto para um nível diferente, com uma única palavra: "Mas o maior dentre vós será vosso servo" (Mt 23:11). Embora Ele tivesse evitado estabelecer quaisquer regras sociais, o Seu único mandamento: "Ama a teu próximo como a ti mesmo" causou tal agitação em toda a estrutura social da época, que até hoje ela não teve descanso.

E também, que compreensão da história tinha Jesus! Enquanto Paulo fazia discriminação bem nítida entre as eras pré-cristã e cristã, Jesus viu de fato as imperfeições das eras anteriores, mas desejava tão somente aperfeiçoar mediante os Seus atos e Sua conduta o que, no Antigo Testamento, já existia e era eficiente. Toda a história era para Ele uma única revelação do amor de Seu Pai.

Um teólogo moderno disse de Jesus: "Ele remiu o mundo da mão dos teólogos." Certamente, pouca coisa nEle pode ser chamada de teológica, porém nunca alguém falou de maneira mais alegre ou profunda de Deus e das coisas divinas. Ele foi o grande teosofista, no verdadeiro sentido da palavra; contudo, Ele jamais se apressou em dizer sê-lo. Deu expressão clássica e eterna a todo o amor misericordioso e à proeminência e grandeza de Deus, em duas palavras simples: "Pai," e "nos céus."

*** * ***

Jesus, o orador, o poeta, o pensador, em todas as esferas foi coroado com lauréis de vitória — certamente a Sua mente era brilhante. E agora considere como Buda, Maomé e todos os outros, até chegarmos a Lutero e os que o seguiram, alcançaram sucesso usando as modas e as tendências da época em que viveram, sendo levados pela torrente do seu tempo, e boiando à tona da maré. Jesus, pelo contrário, precisou contender contra as tendências e correntes da Sua era. Até mesmo os Doze precisaram aprender a ajustar-se à Sua maneira de pensar, pois senão não teriam "parte com Ele" (Jo 8:8). Entre os rabis, considerava-se que a sabedoria suprema era ensinar apenas o que fora aprendido com o passado. Quando e onde Jesus dependeu das idéias dos outros? Pelo contrário, Ele Se colocou contra a velha maneira de pensar, com as palavras: "Eu, porém, vos digo" (Mt 5:21ss.). Wellhausen está correto quando diz: "O fardo da história que embaraça os judeus não O afeta; Ele não Se sufoca no mofo das suas roupas velhas." Sem esforçar-Se Ele tirou das profundezas insondáveis da Sua própria natureza mais do que muitos outros poderiam alegar possuir depois de anos de labuta e aprendizado. Pense nisto: um operário simples, sem muita cultura humana! Que gênio teve Ele, para que *se*jamos levados a colocá-lo como pensador, à testa da humanidade, no que tange à religião e à ética!

No desenvolvimento intelectual de todos os pioneiros religiosos e reformadores morais, percebemos uma interrupção. Eles começam colocando-se bem no centro das teorias e idéias, das quais apontam, mais tarde, I saída para outros. De imediato, vêm-nos à mente Paulo e Lutero. Mas em Jesus não vemos o menor traço de mudanças assim. Desde o primeiro dia Ele escolheu o caminho que iria tomar e as Suas pegadas seguiram em linha bem reta.

Maomé pertence aos árabes, Buda aos indianos, Confúcio aos chineses. Nenhum desses três causou muita impressão a pessoas estranhas ao seu povo. Quanto à aparência externa Jesus era tão judeu que a mulher samaritana O reconheceu imediatamente como tal (Jo 4:9), e durante toda a Sua vida Ele continuou trabalhando entre os judeus. Não obstante, a Sua obra tornou-se capaz de ser completamente identificada com todas as nações e povos; não que uma nação aproveitou-se disto e outra daquilo nEle, mas todas as nações são moldadas por Ele, para adequarem-se às Suas idéias. Tais considerações devem levar-nos a compreender a grandeza do "Homem" Jesus, "o Filho do homem" para a humanidade.

No entanto, tudo isto é apenas o pátio da Sua personalidade. Ainda nem entramos no verdadeiro santuário. Frederico, o Grande, certa vez escreveu, irado contra Voltaire, a quem idolatrara: "Estátuas deviam ser erigidas em sua honra por seus trabalhos, mas a sua conduta merece as galés." Com que freqüência a capacidade e o comportamento de um homem são polos opostos. No filho do carpinteiro de Nazaré há uma unidade tal como certo grande no reino da mente certa vez desejou para si: "grandes pensamentos e um coração puro." Agora, voltemos os nossos olhos dos grandes pensamentos de Jesus, e fixemo-los em algo ainda maior: o Seu coração puro.

PARTE DOIS

NO SANTUÁRIO
A PERSONALIDADE RELIGIOSA
E MORAL DE JESUS

(A) JESUS E DEUS

CAPITULO 4

O SEU CONHECIMENTO DE DEUS.
SUA ALEGRIA E CONFIANÇA EM DEUS.

"Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste."

Mateus 5:48

Nos dias de Jesus a crença não era mercadoria facilmente encontradiça em Israel. Se não fosse assim, a religião não seria colorida com pinceladas tão fortes de nacionalismo. Sempre que sofrimento e tristeza vieram Nobre a nação, a religião caiu em descrédito, e em cada vez que isto aconteceu, os judeus questionaram, irados: "Israel, onde está agora o teu Deus?"; e sempre essas interrogações levaram muitos a renunciar à sua fé. Outros, particularmente o círculo dos fariseus, apegavam-se ainda mais à herança profética do passado, com as suas esperanças de um Messias, mas a sua religião, com sua justiça exclusiva, mostrava claramente as marcas de uma luta surda; a necessidade de preservação os tornava mentalmente duros e estreitos. Além disso, os Saduceus eram severos críticos do passado, forçando os que amavam a verdade a fazer um exame sério das Escrituras. Havia também ceticismo generalizado e petulante, inquirindo com Pilatos, meio piedoso e meio zombeteiro: "O que é verdade?" (Jo 18:38). Mas em Israel naquela época pouco havia da piedade ampla, inata, que possui Deus e se regozija nessa posse.

Todavia, em Sua consciência de Deus, Jesus não foi afetado por estas tendências do Seu tempo. Ele tinha Deus como possessão viva em Sua alma. Conquanto nos movamos apenas no plano do pensamento, a nossa concepção de Deus é de Alguém muito distante. Jesus nunca deduziu laboriosamente a existência de Deus a partir das Suas observações do universo cósmico, nem procurou provas da existência DEle segundo o método de nossos peritos cosmológicos. Ele *experimentou* Deus, e isso era o suficiente. Ele sentia a Sua alma movida por um poder profundo e misterioso. O Seu conhecimento de Deus vinha do Seu relacionamento com Ele. Ao falar dEle, sentia-Se na plena posse da presença de Deus. Ele não experimentava o "todavia" da crença. Não é correto dizer que Ele também precisou chegar a uma heróica decisão de crer, a despeito de todas as contradições. Jesus nunca duvidou a respeito de Deus, pois Ele sempre sentia a Sua proximidade.

Ele permanecia sempre na presença de Deus. A maneira simples pela qual Jesus considerava o Pai celestial, o Seu ser e a Sua vontade, está muito acima de tudo o que há de parecido na história. Ele tinha uma visão misteriosa e penetrante que atingia o próprio coração das coisas. Em nossos dias a natureza se introduziu entre Deus e o homem. Somos levados pelas suas maquinações, dependemos dela de mil formas. E assim, há muitas coisas que tememos, além de Deus. Jesus nunca colocou Deus e a natureza no mesmo plano. Ele não dava atenção ao "reconhecimento incondicional e sem reservas de uma natureza matematicamente construída e mecanicamente operante." Para Ele, a natureza nunca pareceu auto-dependente. Para Ele, a dispensação da natureza era simplesmente a dispensação de Deus. As bênçãos ou os sofrimentos naturais são enviados, não pela natureza, mas por Deus, que está no centro da natureza. Nem um pássaro morre, nem um cabelo de nossa cabeça cai, sem que Ele saiba (Mt 10:29, 30). É Ele quem manda chuva e sol (Mt 5:45). Ele via Deus em toda parte, forte e poderoso em todas as Suas obras. "Meu Pai trabalha até agora" — a Sua visão penetrava tão longe que Ele via, além das coisas terrenas, o Pai. Ele O via, mesmo quando os homens O prenderam, e o Filho do homem foi "entregue" às mãos de pecadores.

À Sua visão penetrante precisamos acrescentar uma semelhante acuidade auditiva. Ele ouvia Deus em toda parte: na natureza, na Sua experiência, em Seu coração (Jo 2:4; 7:8, 10; 11:6s.). Ele nunca precisou investigar e pesquisar para encontrar a vontade de Deus. O seu único cuidado era fazer esta vontade, da qual estava consciente a cada momento, de maneira muito clara.

Isto significa que Jesus tinha meramente uma experiência de Deus mais rica, operando em

Sua alma? Ele é, como algumas pessoas dizem, meramente um gênio religioso semelhante a outro que pode aparecer novamente na história? Se assim pensarmos, não entendemos ainda a grandeza peculiar ao Seu advento. Jesus não foi um dentre muitas pessoas que buscavam a Deus — nem mesmo se O chamarmos de alguém que teve mais sucesso neste afã. Ele não alcançou a Sua experiência de Deus mediante um êxtase místico, com sua moralidade ascética como pré-requisito. Não houve na Sua vida um momento especial em que alguma revelação abriu os Seus olhos para Deus. Ele nunca teve de romper com conceitos anteriores, nem lutar laboriosamente para obter comunhão com Ele. Parecia-Lhe natural que o Seu relacionamento religioso com Deus fosse o de um Filho. E mesmo como Filho, Ele era inconscientemente atraído para o Seu Pai — da mesma forma como a água corre ladeira abaixo, ou a flor se volta para o sol, sem pensar na razão disso. Para Ele, tudo parecia natural. Portanto, só Ele *conhece* o Pai (Mt 11:27). Este conhecimento peculiar de Deus era-Lhe inato, desde o princípio. Ele derivava diretamente da Sua unidade inerente e da Sua comunhão incessante com o Pai. Ele aparece como o revelador de Deus para a humanidade, e pode dizer a nós todos: "Aprendei de Mim" (Mt 11:29). Ele O conhecia (Jo 12:49ss.;Mt 11:27); Ele O tinha visto (Jo 8:38), e Ele estava tão certo disto que podia dizer: "Eu O conheço. Se disser que não o conheço, serei mentiroso" (Jo 8:55). É verdade que este conhecimento peculiar de Deus O coloca em posição diferente dos outros homens; só Ele tem posse de tal conhecimento; os outros o podem receber somente dEle. Há uma profunda razão para Ele diferenciar entre "Meu Pai" e "vosso Pai." A este respeito, não seria adequado dizer: "nosso Pai," pois o Seu relacionamento com Deus é diferente do de outros homens.

"Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar." Que nova revelação do Pai o Filho deu ao mundo? Não é suficiente meramente dizer que Jesus tinha plena consciência da unicidade e da majestade de Deus. É verdade que o céu é Seu trono, e a terra, o escabelo de Seus pés (Mt 5:34s.; 23:22); Deus é o Senhor dos céus e da terra (Mt 11:25); Ele pode destruir tanto o corpo como a alma no inferno razão suficiente para que o mundo todo O tema (Mt 10:28); toda a criação existe para glorificá-lo (Mt 5:16); o objetivo final dela é santificar o Seu nome (Mt 6:9). Sem dúvida estas são as palavras e as opiniões de Jesus, mas será que Israel não conhecia tudo isto antes? A parte nova e original da Sua mensagem — jamais ouvida no mundo, antes da Sua vinda era o conhecimento de Deus como Pai amoroso, as boas novas de que a Sua natureza é amor. Anteriormente, de fato, Deus algumas vezes havia sido concebido como Alguém que exercia controle paternal sobre certos indivíduos piedosos; ocasionalmente, embora mui raramente, Ele é designado nos Salmos como Pai (Sl 68:5; 103:13). Porém, esta característica jamais foi proclamada como sendo a base e a constituição do Seu ser. No judaísmo Deus havia-Se tornado inacessível e distante, o autor de uma lei que se manifestava como a teia de uma aranha para a alma dos homens; mais tarde Ele devia vir como Juiz, pedindo contas estritas dos débitos e dos créditos de cada indivíduo. A bondade de Deus para com os filhos dos homens, portanto, não era nada mais do que a recompensa da justiça humana. Tanto entre judeus como entre gentios, o sentimento religioso dominante trazia a marca do medo (Rm 8:15). Tudo o que o homem natural conhecia da parte de Deus era a Sua lei; conquanto que ele não abjurasse de Deus completamente, o seu relacionamento com Ele era de medo. E então veio Jesus, dando ao mundo uma mensagem nova e incrível; no íntimo do Seu ser Deus é o Pai amoroso, que tem cuidado para com cada indivíduo, que Se preocupa com os menores detalhes da vida de cada um de nós (Mt 6:26ss.; 11; 10:29). O Seu amor perdoador é o de um Pai, dirigido de fato especialmente para os que se afastaram dEle (Lc 15:6, 9, 24). Ele dá a mesma recompensa para todos, "porque Ele é bom" (Mt 20:15).

No entanto, isto não significava que o Seu Pai era indolente. "Você provavelmente pensa nEle como um velho fraco?" perguntou Ibsen. Jesus não via nenhuma fraqueza em Deus; Ele não fazia objeções ao "Deus irado, com sede de sangue, próprio do Antigo Testamento." Ele não podia conceber o Seu Pai sem santidade e austeridade. Mas se no Antigo Testamento o relacionamento religioso do homem com Deus era o de um pacto, por um lado a guarda dos mandamentos, e do outro o pagamento de uma recompensa, agora tudo passava a se basear na misericórdia. O Pai amoroso — nestas palavras encontramos a essência de Deus. E ninguém o conheceu exceto o

Filho.

*** * ***

Se agora passarmos à piedade de Jesus, a encontraremos inteiramente carente de certas características que estamos acostumados a encontrar em outros grandes homens no Reino de Deus. Acima de tudo Ele certamente não possuía a gratidão do pecador redimido. Jesus não sabia o que era ser reconciliado com Deus. Ele não precisava de perdão de pecados, a maior dádiva que o Reino de Deus propicia; Ele não teve que pensar jamais na salvação da Sua própria alma. A unidade da nossa vontade com o Pai, que é o alvo da nossa piedade, estava no começo do caminho dEle, Jesus nunca precisou procurar o amor do Seu Pai, pois Ele o possuiu o tempo todo. Assim, seja o que se fale em contrário, a Sua vida carecia de humildade ou de qualquer sentimento de inferioridade diante de Deus. O sentimento de dependência não era a base da Sua piedade, nem o profundo reconhecimento de Deus como o único Deus vivo e Onipotente. Grande parte do que Jesus disse a este respeito foi dito por amor aos outros. Ele próprio experimentava uma intimidade com Deus que nenhum outro homem experimentou, ou pode experimentar sem blasfemar. Não são um eco da Sua própria vida espiritual as palavras que Ele disse aos Seus discípulos: "Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10:28), ou quando Ele ensina-os a temer a Deus como o Juiz (Mt 12:36). A sua crença em Deus está isenta do sentimento de temor ansioso. Da mesma forma, Ele não conhece o temor de quebrar o segundo mandamento, que era tão comum entre os judeus daquela época (Mt 6:24ss.).[54] Ele não tinha medo de Deus na tempestade violenta (Mt 8:24). É tão somente necessário ler os Salmos para ver que emoções diferentes uma tempestade suscitou nos piedosos participantes do antigo pacto. Quando a mão de Deus estava operando, Jesus Se enchia de serenidade e certeza; Ele temia apenas a mão dos homens.

Porém, onde deveremos encontrar o cerne da Sua piedade? Aqui está um Homem que pela primeira e única vez na história confirma as palavras de Deus: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração." O coração da Sua piedade era o Seu gozo amoroso em Deus. A piedade de todos os outros homens tem um pouco de egoísmo. A piedade de Jesus não desejava nada de Deus; ela se originava na abundância — em amorosa alegria no Deus que Ele tinha no coração como o tesouro que estava acima de todos os outros. Esta parte essencial da piedade de Jesus não necessitava de desenvolvimento; vemo-la no Menino, forte e madura, e ela percorre toda a Sua vida sem sinal de enfraquecimento. O Seu gozo em Deus raia de novo sempre que o Seu espírito está submerso nEle. A Sua alegria *com* Deus está em fazer a Sua obra. O deleite de Jesus era que o Seu pai governasse o mundo — esta era a Sua paixão consumidora. Do ponto de vista dos homens a Sua vida foi de labuta crescente; do ponto de vista de Deus era como o repouso de um navio, flutuando mansa e pacificamente no porto mais seguro. Ele viveu diante de Deus, em comunhão íntima e contínua com Ele, feliz no fato de possuí-lo. A Sua alma era finamente sensível; Ele sempre podia dizer com certeza: "Não estou só" (Jo 8:29; 16:32). Desta alegria em Deus fluía uma serenidade profunda e majestosa, mesmo quando estava realizando as mais desafiadoras obras. Ele viveu um dia de cada vez, colocando o amanhã nas mãos de Deus. Houve alguma vez outro ser em que o gozo em Deus tenha sido a fonte de vida e energia, de tal forma que a atmosfera de regozijo fosse sempre visível?

****

O gozo de Jesus em Deus era delimitado pela Sua confiança nEle. É verdade que Ele nunca prevaleceu-se disto, nunca reivindicou a proteção de Deus negligentemente ou com arrogância frívola. No deserto Ele rejeitou natural e simplesmente essa atitude, como sendo tentação contra Deus (Mt 4:7). E desta forma, até o fim, Ele não hesitou em escapar de Seus inimigos, em refugiar-Se em algum lugar seguro, nem mesmo "secretamente." Nem a certeza de que Ele devia morrer em Jerusalém (Mt 4:12;12:15); e de que a Sua hora ainda não era chegada (Jo 7:10) podia levá-lo a

[54] "Deus." O judeu daquela época evitava mencionar o nome de Deus. Note em Mateus 5:34ss. como muitas expressões foram usadas em lugar de "Deus."

arriscar-Se descuidadamente ou prevalecer-Se da proteção de Deus. Pelo contrário, Ele modestamente usou dos meios de escape que os cuidados humanos naturais aconselhavam. No entanto, ao agir desta forma, Ele estava absolutamente certo da proteção do Seu Pai. "Não estou só; o Pai está comigo" — a consciência deste fato jamais O abandonou. Muitas pessoas têm no fundo do coração o pensamento de uma providência divina e misericordiosa, mas Jesus não tinha apenas o pensamento: Ele realmente estava sempre sereno e tranqüilo. O Saltério era o seu livro de orações, também; no entanto, nunca ouvimos dEle o grito de medo emitido pelos adeptos do antigo pacto em face de seus inimigos. Alguma vez O encontramos tremendo diante da força da tempestade? Ficamos nervosos e tímidos quando a noite espalha sombras escuras ao nosso redor. Para Jesus a noite era uma cara amiga, em cuja escuridão Ele podia sentir a presença de Deus melhor do que durante o dia ruidoso. A despeito de nós mesmos, temos medo quando estamos sozinhos nos grandes espaços da natureza, envolvidos pela sua labuta silenciosa e misteriosa; mas era exatamente essa solidão que Jesus amava. Ele sabia que tudo estava nas mãos de Deus, até mesmo o pardal que morava no telhado (Mt 10:29), e Ele tinha a convicção de que os próprios cabelos das nossas cabeças estavam contados (Mt 10:30). Este conhecimento O tornava absolutamente livre de cuidados. Ele não Se sentia melhor do que um "gentio," se Se preocupasse com comida e roupa, abrigo e proteção (Mt 6:32). A sua coragem indômita, robusta, e a Sua grande serenidade, originavam-se em Sua confiança em Deus. O Seu trabalho jamais era cansativo, com a pressa e agitação próprias, em última análise, do trabalho realizado sem Deus. Pelo contrário, trabalho e descanso seguiam um ao outro, como era ordenado por Deus. Ele descreveu esta sucessão em Sua parábola do semeador, que dormia e se levantava, de dia e de noite, enquanto a semente crescia por si mesma (Mc 4:27). Ele também agia da mesma forma, firme na fé que o próprio Deus cuidaria da colheita. Diferentemente dos profetas do Antigo Testamento (I Re 19:4) ou de João Batista (Mt 11:3), a Sua fé nunca fraquejou. Esta confiança foi freqüentemente testada durante a Sua vida, mas suportou até as maiores provações às quais a Sua fé foi sujeita. Em um mundo de miséria e sofrimento, muitas vezes não conseguimos ver o Pai celestial, mas Jesus jamais perdeu a confiança, nem mesmo no fim, pois clamou: "Pai, em Tuas mãos entrego o Meu espírito" (Lc 23:46). Mesmo quando parecia que Deus O havia abandonado, Jesus não abandonou Deus. "Eli, Eli, Meu Deus, Meu Deus," desta forma Ele Se apegou ao Pai com uma fé tenaz, mesmo na hora mais tenebrosa da Sua vida (Mt 27:46).

***

O que dissemos acima a respeito da confiança de Jesus em Deus é sem dúvida baseado em observações corretas e dignas de crédito; não obstante, isso nos parece apenas um lado da questão. Um Homem que podia dizer aos Seus discípulos de um fôlego: "Credes em Deus, crede também em Mim" (Jo 14:1), ou para Marta: "Se creres, verás a glória de Deus", prometendo desta forma a visão da glória divina como recompensa pela fé nEle mesmo (Jo 11:40; cf. 5:25s.), um Homem que proibiu os Seus discípulos de ficarem ansiosos quando fossem levados diante dos juízes, porque Ele podia prometer-lhes "dar boca e sabedoria", levando-os desta forma a colocar sua confiança nEle (Lc 21:14s.), a confiança de um Homem desses em Deus não é igual à dos outros homens. Não se pode ficar livre da impressão de que o que Ele disse a respeito de confiança em Deus era, em sua maior parte, para o bem dos outros. A Sua confiança em Deus eslava misturada com confiança em Si próprio. É necessário apenas ler a história da tempestade no lago, para nos concientizarmos da firmeza de uma natureza forte, auto-confiante. Nesse caso e em outros semelhantes, não somos capazes de perceber a confiança humilde e quiçá firme que os filhos dos homens possuem, mas pelo contrário, a firme certeza de um Homem que tem lugar ao lado de Deus. Portanto, não ficamos surpresos quando O ouvimos dizer: "Tenho autoridade para entregar a minha vida I também para reavê-la" (Jo 10:18). Só alguém com tamanha autoridade possui a certeza que ela dá, e portanto não é conveniente falar da Sua confiança em Deus como se fosse como a das outras pessoas. Pelo contrário, há uma misteriosa comunhão e unidade entre Jesus e Deus, que muitas vezes nos deixará extasiados e confusos.

CAPITULO 5

A VIDA DE ORAÇÃO DE JESUS

Se para os gentios e judeus a religião fazia parte da sua vida, sendo uma adição suplementar às suas outras atividades, para Jesus ela era a própria vida. Assim como a nossa existência depende do ar, a Sua alma só podia respirar dependendo de Deus. Para Ele, pareceria pecado pensar em Deus só de vez em quando, e viver costumeiramente sem Ele. Quando a Sua vida era mais atarefada, o Seu ouvido escutava a voz do Seu Pai, o Seu olho via o que o Pai Lhe mostrava. Em toda a Sua obra, a Sua união e a Sua unidade com Deus persistia, pois tudo o que Ele fazia era feito no Pai. O espírito de Jesus estava sempre calmo, como o de nenhum outro homem, e portanto sabemos que a Sua vida era inteiramente de devoção e adoração. A figueira à beira da estrada, que enganava os famintos com a sua folhagem luxuriante, para a Sua alma pensativa era uma parábola terrível (Mc 11:12; talvez também o homem surdo e mudo: Mc 7:34).

Lutero, confrontado por uma época que cria que a vida contemplativa devia ser a mais elevada possível, reconheceu a tremenda importância do trabalho, e ensinou que trabalho é adoração. Em nossos dias os louvores ao trabalho são cantados em tom mais alto do que nunca. "O evangelho mais recente neste mundo é: Conhece o teu trabalho e faze-o," disse Carlyle; e em outra passagem ele declarou que "o brilho do trabalho é como um fogo refinador em que o veneno é destruído." O trabalho foi constantemente recomendado por Jesus. "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9:4). Vemos nEle muito pouco de uma vida contemplativa. Ele não dava atenção às palavras do monge: "Os anjos não aparecem aos homens que estão em constante contato com outros homens." O trabalho O impedia de comer (Mc 3:20); cansado do Seu trabalho Ele Se atirou sobre um travesseiro, e dormiu (Mc 4:38). Se alguém já trabalhou arduamente na obra de Deus, foi Ele, pois tudo o que fez foi "a obra do Pai" (Jo 10:37; 5:36). Em toda a Sua vida atarefada no mundo, Ele permaneceu em perfeita unidade com Deus — um espírito de completa equanimidade e paz interior no meio do tumulto exterior.

Mas os negócios do Pai eram um pouco diferentes de *descansar* no Pai. A comunhão com Deus, sempre uma parte da vida de Jesus, se tornava viva e palpitante na oração. A presença de Deus era sempre real para Ele, e a Sua vida era cheia de tranqüila devoção; porém, oração era mais do que isto. Na oração o homem precisa dar-se inteiramente a Deus, pois orar é falar com Deus. É somente mediante a oração que podemos entrar em verdadeira e viva comunhão com Deus. Se é assim, o trabalho nunca conseguiu relevar a oração a um segundo plano na vida de Jesus.

Oração e trabalho eram as máximas de Jesus, mas a oração sempre vinha em primeiro lugar. Veja: Ele está em uma cidade cujo nome não sabemos. O povo quer ouvi-lo, precisa de Sua ajuda, mas em primeiro lugar precisa reservar tempo para oração (Lc 5:16). O Seu coração se consome de piedade (Mt 9:36) e Ele sabe que a Sua obra se aproxima do fim (Jo 9:4); contudo, Ele não pode economizar tempo omitindo a oração. "Pertença a si mesmo antes de pertencer aos outros," disse Bernard de Clairvaux ao seu pupilo, o Papa Eugênio II, e ele tomou este conselho emprestado de Jesus, que não poderia ter suportado a vida sem as Suas horas de solidão.[55]

Nenhuma outra vida humana jamais conservou um equilíbrio tão perfeito entre dar e receber. Foi como uma respiração bem regular, o mais perfeito ajuste entre abnegação e auto-afirmação. Quando o mundo O provou da maneira mais dorida, tentando-o (Mt 4; Jo 6:15) ou procurando impedir a Sua obra (Lc 9:29, 22), quando ele quase foi vencido pela pressão do Seu trabalho com todas as ansiedades que o acompanhavam (Mc 1:35; Lc 5:16), sempre temos a impressão de que a Sua vida devocional se tornava mais intensa. É como se o mundo estivesse tentando cortar os laços entre Ele e Seu Pai, e assim Ele precisava atá-los ainda mais fortemente.

---

[55] Que contraste com Confúcio! Certa vez, quando o mestre estava bastante doente, Tsze-lu pediu que lhe fosse permitido orar por ele. O mestre respondeu: "É permitido fazê-lo?" Tsze-lu respondeu: "Sim, claro, pois nas Eulogias está escrito: "Voltamo-nos em oração para vós, ó espíritos celestiais e terrestres." Ao que o mestre disse: "Já faz tempo que não oro."

*** * ***

A cristandade tem aprendido com Jesus a arte da oração. Portanto, não é de se admirar que todos os detalhes da Sua vida devocional sejam da maior importância para nós.

Antes de tudo, como ela era austera e simples! O mundo daqueles dias estava acostumado com algo muito diferente. Os homens preferiam orar onde se tornassem mais visíveis — como nas esquinas ou no átrio das sinagogas (Mt 6:5). Jesus quase sempre orava em solidão e em lugares silenciosos, ensinando os Seus seguidores a "entrar no seu quarto, e fechar a porta" (Mt 6:6). Primeiro, Ele despedia a multidão, e depois até os Seus discípulos (Mc 6:45s.; 14:32, 35); subia a um monte (Mc 6:46) ou Se afastava para um lugar solitário (Mc 1:35; Lc 5:16). Esperava até que a noite estendesse as suas asas escuras sobre a terra, transformando o mundo em uma câmara silenciosa (Lc 6:12); ou, então, somos informados que Ele orava enquanto os outros estavam ainda dormindo (Mc 1:35; Lc 4:42). Aprendemos dEle que não precisamos de espectadores quando oramos; é-nos suficiente estar a sós com Deus (Mt 6:6).

Em nossos dias há muitas pessoas super-espirituais que, escarnecendo dos livros de oração, consideram que a oração extemporânea é o único método correto. Lutero entendia melhor o método de Jesus, pois era capaz de proferir repetidas vezes e com ardente devoção, orações que sabia de cor, e sempre carregava consigo o Saltério, para usar como livro de orações. Jesus não considerava estar abaixo da Sua dignidade tirar do Saltério a oração que fez na Cruz (Sl 22:2; 31:5).

Muitas vezes Jesus orava em voz alta (Mt 26:39; 27:46; Lc 23:46; Jo 17:1ss.), e somos informados por Lutero, também, que ele demonstrava parcialidade quanto a esta forma de oração. A razão é provavelmente a mesma em ambos os casos — eles ficavam envolvidos com o que estavam fazendo, ou a sua necessidade forçava os seus lábios a pronunciarem as palavras em voz alta. De acordo com as próprias palavras de Jesus, foi só em casos isolados que as Suas orações foram feitas audivelmente, em benefício do povo que O rodeava (Jo 11:42; 17:13).

A respeito de Lutero, sabemos que ele gostava de colocar-se em pé diante da janela quando orava. Será que ele aprendera com Jesus a levantar os olhos para o céu? Repetidamente lemos que Ele levantava os olhos (Jo 11:41; 17:1), que ele olhou para os céus (Mc 6:41; 7:34), e especialmente quando Ele dava graças ao partir o pão, Ele levantava os olhos para o céu (Mt 14:19). Jesus não tinha medo de formas exteriores fixas para usar quando orava. Certamente não foi só no Getsêmane que Ele "prostrou-Se sobre o Seu rosto" diante de Deus (Mt 26:39). E era um inveterado costume Seu pedir a bênção sobre a comida que comia, tanto que os discípulos de Emaús O reconheceram nesse ato (Lc 24:30, 31). No entanto, certamente a forma exterior jamais interferiu no fervor interior.

Para Ele, a forma externa jamais parece importante ao ponto de estabelecer regras para os Seus discípulos. Ele gostava de orar nos montes, mas sabia que os montes não são necessários para adorar a Deus (Jo 4:21). Era-lhe natural levantar os olhos ao céu, mas Ele jamais tornou este ou outros gestos obrigatórios para os Seus discípulos, como os maometanos e judeus o faziam. Em três vezes diferentes Ele Se ajoelhou no Getsêmane na noite da traição, mas Ele jamais recomendou que os Seus discípulos o fizessem, como paradigma para as suas orações. Ele queria evitar todas as aparências na oração, agindo *ex opere operato,* isto é, por meio de um mero ritual. O Seu trabalho diário era sustentado e fortalecido pela oração. Ele orava de madrugada e de tarde Ele Se ajoelhava de novo perante o Seu Pai. Ele punha as mãos à mesa e olhava para cima, para o Todo-poderoso, antes de orar. Mas o Seu método de oração estava muito acima do balbuciar dos judeus e gentios. Freqüentemente as Suas orações mais curtas eram as mais ardentes. Ele não gastava tempo tão somente nas estradas e atalhos deste mundo, mas tinha um relacionamento diário com o grande Rei, em Sua recâmara.

*** * ***

Penetremos ainda mais profundamente no espírito da Sua oração. Há três coisas que devem

ser ditas a este respeito. Primeira, para Jesus, orar era amar. Quantas petições para os outros encontramos em Suas orações, que grande fardo de amor pelos filhos dos homens! Só precisamos ler aquela conhecida como Oração Sacerdotal (Jo 17) para ver como Ele pede pouco para Si próprio, e quantas petições ardentes há ali pelos outros. Muitas vezes elas são bem específicas, concernentes a pessoas em particular — por exemplo, por Pedro (Lc 22:32). Reconhecemos como deve ter sido natural para Jesus orar por Seus amigos, quando pensamos na Sua oração pelos que O haviam insultado e perseguido (Mt 5:44ss.). Para Ele, a oração significava amor — amor em voz alta — mesmo na hora da morte, quando Ele abriu mais uma vez os lábios em favor daqueles que O estavam torturando (Lc 23:34).

Porém, o amor era dirigido acima de tudo para o Pai. Sem dúvida a Sua oração apresenta necessidades, mas ainda mais do que isto, é uma oração de amor. Ele não estava tão preocupado com *uti Deo* (fazer uso de Deus) como com *frui Deo* (desfrutar Deus); Ele queria regozijar-Se no Seu Deus. "Como Te amo, ó Deus!" — esta era a nota dominante da Sua oração. Quanto mais duramente Ele era tratado pelo mundo, mais brilhava o Seu resplendor de amor ao Pai. "Santificado seja o Teu nome; venha o Teu reino" — o Seu mais caro desejo era que a honra de Deus fosse vindicada. Ele podia dar louvor por tudo, até mesmo pela revelação da glória aos pequeninos e aos que mamam (Mt 11:25). Louvor é o transbordar de um coração amante, adorador. De acordo com o ensinamento dos rabis, Hiskia não se tornou Messias porque não conseguiu juntar-se ao cântico de louvor, depois de ter sido libertado de Sanherib. Jesus dirigiu-Se para a morte, "depois de terem cantado um hino."

Pascal imagina Deus falando ao homem: "Não Me buscarias se já não Me tivesses encontrado." Para Jesus, a oração era a resposta necessária à voz de Deus que Ele ouvia por toda parte, porque Ele vivia tanto nEle. A oração movia-se como uma lançadeira, para diante e para trás, entre Ele e o Pai — enunciação e resposta, dando e recebendo, um contínuo amor em voz alta, nos tons mais íntimos que o mundo já ouviu. Deus já tinha sido designado como "Pai" de Israel, e até as palavras "Pai Nosso" já haviam sido ouvidas uma vez em oração (Is 63:16; Sabedoria 14:3). Contudo, ninguém ousara dizer "Pai" no sentido de "meu Pai" — bem particularmente "meu Pai," diferente de qualquer outro. Jesus esteve o tempo todo em uma posição de intimidade com Deus.[56] No lago calmo e escuro da Galiléia, provavelmente pela primeira e única vez a oração se tornou uma expressão de amor em voz alta, plena e sem vacilações, uma transformação da existência em pura subjetividade - Ele no Pai e o Pai nEle.

***

Todavia, para Jesus a oração também significava apropriação. Ele estava firmemente convencido de que a oração podia influenciar as decisões de Deus. (Lc 18:3ss.). Sem qualquer hesitação Ele recomendou aos Seus seguidores que orassem a respeito dos assuntos mais atuais — por exemplo, para que a sua fuga não acontecesse no inverno nem no sábado (Mt 24:20). Será que Aquele que nos deu ouvidos também não estará pronto para ouvir? Para Jesus a oração era um grito audível de socorro, uma busca de consolo da parte do amor que excede a todo entendimento. Todavia, Ele jamais orou pedindo coisas especiais para Si mesmo, exceto talvez no Getsêmane, mas mesmo ali Ele o fez apenas condicionalmente (Mt 26:39**).** De fato, Ele disse certa vez que orações assim também Lhe eram possíveis (Mt 26:53) — relacionando-se com a remessa de doze legiões de anjos para a Sua proteção — mas Ele nunca fez tal pedido. A "apropriação" das Suas orações exercia-se em um plano superior, no que tangia às necessidades íntimas da Sua alma. Ele não pedia dádivas, Ele não ansiava por felicidade; o que Ele desejava era o Doador. Sem o próprio Deus, as Suas dádivas não podiam trazer conforto para a alma de Jesus. Ela só descansava quando atravessava tudo e alcançava Deus. Por conseguinte, na oração Ele Se apropriava continuamente

[56] "Abba" é uma das poucas palavras de fato pronunciadas por Jesus (em aramaico) que chegou até nós. Ela depressa tornou-se uma fórmula freqüentemente usada, que é explicada em Gálatas 4:6 e Romanos 8:15, mas já estava, a esse tempo, sendo usada no sentido de "nosso Pai." NOTA DO TRADUTOR: O sentido exato desta palavra hebraica é o íntimo "papai."

dEle, e Deus operava em Sua alma. Em tais horas Deus Lhe dava o bálsamo do Espírito Santo; desde a infância era nessas horas que Ele "crescia e se fortalecia" interior e misteriosamente (Lc 2:40, 52), estabelecendo contato com Sua força original. Essas eram as horas de fortalecimento para o Filho de Deus, horas de profunda união com o Pai. Aqui está a verdadeira fonte do Seu poder. A Sua oração era uma operação espiritual. Em conversa com o Pai, Ele tinha a certeza de enveredar pelo caminho certo nas horas de dificuldade. Certamente o Seu espírito estava pronto a todos os momentos, mas na oração Ele vencia a fraqueza — embora não fosse fraqueza pecaminosa — da carne. Em Suas horas de tentação, Ele orou mais urgentemente, mais continuamente, de forma que a Sua alma fosse guardada do mal (Mt 27:46). O mais ocupado de todos os homens também foi o maior Homem de oração, e isto não aconteceu por acaso. Cuidados e ansiedade são sentimentos paralisantes, mas a oração dava a esse Homem a liberdade em Sua obra, conseguindo para Ele a renovação da alegria de uma mente em verdadeira união com Deus. E assim, para Jesus a oração significava, o tempo todo, uma bendita "apropriação."

*** * ***

A oração também tinha para Jesus um terceiro significado, um significado tão grande quanto o dos outros dois. Para Ele, ela significava sacrifício; na oração Ele sacrificava a Sua vontade. Sim, na oração Ele Se apresentava pronto para a oblação. Isto pode ser visto claramente em vários lugares. Mencionemos alguns deles.

A primeira menção do Seu sofrimento foi precedida de oração solitária (Lc 9:18). Depois de ter alimentado os cinco mil, duas coisas se tornaram claras para a Sua mente: a Sua falta de sucesso como um todo, e a iminência da Cruz. A noite seguinte, passada em oração, significou nada menos do que uma oferta de Si mesmo, feita pelo Filho de Deus: "Que ela comece, eu suportarei tudo alegremente!" (Jo 6:15). Pense também na Oração Sacerdotal. Uma das suas notas essenciais é: "Pai, chegou a hora, glorifica Teu Filho" (Jo 17:1). Aqui não temos, na verdade, uma petição, mas apenas a confirmação de que Ele está preparado, e Se coloca à disposição do Pai: Pai, aqui estou! Naquela hora — e semelhantemente quando os gregos vieram vé-lo (Jo 12:27), a oração, para Jesus, teve o significado de nada menos que sacrifício. Há outra ocasião que podemos lembrar: a hora que precedeu a traição do Filho do homem. Até aquele momento Jesus sem dúvida tinha conhecimento do sacrifício que lhe era requerido, mas agora ele devia ser consumado. Ele morreu pela primeira vez debaixo das oliveiras do Getsêmane, sem qualquer narcótico. Naquela hora, especialmente, a oração significou para Ele um sacrifício. Porém, será que isto não lança luz sobre outras horas da Sua vida, cujo significado é mais obscuro? Primeiramente, sobre o Seu batismo. Enquanto Ele se ajoelhou na água, tomando o Seu lugar entre os pecadores (Lc 3:21), já não estava Ele mostrando-Se preparado para levar os pecados do mundo, orando o tempo todo? (Jo 1:29).

Será que João não está correto quando nos diz que Jesus sabia, desde o princípio, quem o iria trair? (Jo 6:64, 70). Se assim era, podemos entender porque Jesus passou a noite em oração antes de escolher os apóstolos (Lc 6:12). A hora em que Ele chamou os Doze requeria-lhe um imenso sacrifício: Ele abrigou a serpente em Seu peito.

Como é verdade que para Ele oração significava sacrifício! O fato de sabermos isto torna simplesmente despropositado o contraste que Fichte propõe — as petições de criança, a vontade de homem. Para Jesus a oração era freqüentemente a obra mais difícil — o trabalho de homem. Podemos entender também porque em três ocasiões depois de tais orações, Jesus foi glorificado por Deus: em Seu batismo, na transfiguração, e no dia quando os gregos O visitaram (Lc 3:21; 9:29; Jo 12:28).

*** * ***

Quem não acha que Jesus nos dá um exemplo de oração, e também de renúncias? Não obstante, seria errado descrever a Sua vida devocional como meramente um exemplo. Também neste caso Ele não era como nós, e não podemos seguir as Suas pegadas exatamente. O fato de Ele

nunca ter-Se juntado aos Seus discípulos para orar, precisava levar-nos a parar e considerar. É verdade que Ele intercedeu por eles; como o Dono da casa Ele pôs as mãos em oração antes de todos comerem, e no fim da Páscoa juntou-Se a eles no hino de louvor (Sl 108-118; Mt 26:30); mas não temos notícia de uma só oração em que o "eu" solitário tivesse sido substituído pelo "nós" íntimo. Da mesma forma, não é adequado dizer, como muitos o fazem, que na Oração Dominical Jesus permitiu-nos ter um vislumbre do Santo dos Santos da Sua devoção. Pelo contrário, Ele enfatizou as palavras: "Portanto, *vós* orareis assim" (Mt 6:9). As Suas orações eram diferentes, e não apenas quanto à quinta petição. Até mesmo o começo das Suas orações era diferente. Ele não apenas nunca orou com os Seus discípulos, afastando-Se deles para orar, mas também temos provas de que as Suas orações divergiam radicalmente das deles. Eles precisavam usar a oração do publicano: "Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18:13), mas até na morte Ele não precisou fazer esta oração; até naquela hora Ele podia usar as palavras do fariseu: "Não sou como os outros homens" (Lc 18:11).

Nenhuma oração de confissão se fez ouvir de Seus lábios, nem mesmo qualquer oração de consagração. Ele orava pelos outros, para que pudessem ser consagrados, e que a sua fé não fraquejasse, mas Ele próprio nunca necessitava fazer esses pedidos. E também, o fato de que as petições ocupam grande parte das orações dos homens — na Oração Dominical Jesus reconheceu isto — O diferencia dos outros. Petição é o reconhecimento de necessidades, mas não podemos encontrar tal sentimento no Homem que sabia que "tudo me foi entregue por Meu Pai" (Mt 11:27). Isto dá às Suas orações uma nota diferente; elas são cheias de ação de graças, louvor e adoração. Quando Ele intercede, é pelos outros, e Ele sabe que está em concordância com o Pai (Jo 11:42). Há um ar de poder real nas Suas palavras tranqüilizadoras a Pedro: "Mas eu orei por ti" (Lc 22:32). Isto foi suficiente para Pedro, pois Jesus podia dizer, demonstrando pequena humildade: "Pai, a minha vontade é..." (Jo 17:24). Desta forma, não devemos ficar surpresos com o fato de Ele que, até o fim, intercedeu por tantas pessoas, nunca teve necessidade da intercessão dos outros. Como Ele foi diferente, a este respeito, do apóstolo aos gentios! (Rm 15:30; 2 Co 1:11; Cl 4:3; 1 Ts 5:25). É verdade que, em contraste com Paulo, Ele próprio tinha poder para entregar a Sua vida ou retê-la. Tal Homem não depende da ajuda dos outros, como nós.

CAPITULO 6

JESUS E AS ESCRITURAS

A Bíblia de Jesus era o que hoje chamamos de Antigo Testamento. Esses livros eram de fato a Sua Bíblia, desde os mais tenros anos, até Ele dar o último suspiro. Ele viveu na história do Antigo Testamento. Em Seus ensinamentos referiu-se constantemente a personagens como Caim e Abel, Noé e o dilúvio, a Abraão e Ló, a Davi e Salomão e a Rainha de Sabá, a Elias e Naamã", a Jonas e Zacarias, e muitos outros (Mt 6:29; 12:3s., 40, 42; 23:35; Lc 4:25, 27; 17:26, 29; Jo 8:40). Nas horas de tristeza e medo da morte, as orações do Antigo Testamento irrompiam dos Seus lábios, tanto no Getsêmane como na Cruz (Sl 43:5; Mt 26:38; Sl 6:4; 42:6; Jo 12:27; Sl 22:2; Mt 27:46; Sl 31:5;Lc 23:46). Ele conhecia cada detalhe da Bíblia, e dificilmente iremos longe demais ao imaginar como Ele tinha intimidade com ela. Vemos este fato de maneira mais clara no uso extensivo que Ele fez de passagens e frases da Escritura em Seus ensinamentos. Encontramos alusões espontâneas infindáveis a palavras da Escritura que mostram como Ele sentia-Se à vontade no mundo de pensamento do Antigo Testamento. Ele fala de beber o cálice (Is 51:17; Jo 18: 11; Mt 26:39); de as pedras clamarem (Hc 2:11; Lc 19:40); do arrependimento forçado do malfeitor (Sl 6:8; Mt 7:23); ou de observarmos os corvos (Sl 147:9; Lc 12:24); da destruição do Templo (Jr 22:5; Mt 23:38); ou da saudação que Israel um dia Lhe dirigiria (Sl 118:26; Mt 23:39); de montanhas caindo sobre as pessoas (Os 10:8; Lc 23:30), ou de esmagar serpentes debaixo dos pés (Sl 91:13; Lc 10:19); daqueles que vendo, não vêem (Is 6:9s.; Lc 8:10), ou de Cafarnaum ser exaltada até os céus (Is 14:13ss.; Lc 10:15); de um filho se levantar contra seu pai (Mq 7:6; Lc 12:53), ou de um reino se levantar contra outro (Is 19:2; Lc 21:10). Podemos multiplicar os exemplos quase infinitamente, e todos eles são pensamentos que Jesus tirou do inesgotável tesouro da Bíblia, com a qual Ele estava tão familiarizado.

Esta intimidade com as Escrituras não aconteceu por acaso, nem facilmente. Hoje em dia, para nós, isto é muito mais simples. É verdade que os rolos Lhe estavam disponíveis na sinagoga, mas provavelmente só ali. Ouvimos falar muito do fato de Ele ficar a sós naqueles anos da Sua vida dos quais temos mais notícia, mas nunca ouvimos falar que Ele usou essas horas de solidão para ler. O Seu estudo da Escritura, portanto, deve ter precedido a Sua vida de ação; mas nos anos de semeadura e combate, Ele viveu essencialmente do que havia adquirido, tirando-o do tesouro da Sua memória. Naquela época provavelmente a memória era mais fiel do que hoje em dia, e além disso, as Escrituras eram, sem dúvida, o único livro que Jesus havia lido.

Hodiernamente o povo fala zombeteiramente do aprendizado por memorização, e nas escolas as crianças são cada vez menos encorajadas a fazê-lo. Jesus conhecia grande parte da Bíblia de cor, e estava sempre agradecidamente cônscio desse conhecimento inculcado. Por exemplo, na hora solitária da tentação no deserto, e nos dias ruidosos de luta em Jerusalém, bem como na última hora na Cruz. Era um tesouro colecionado nos dias bons que, quando os tempos mudaram, tornou-se para Ele pão e água, escudo e espada.

Jesus lia a Sua Bíblia de maneira especial, sabendo muito bem que ali mil anos de história se abriam diante dos Seus olhos. Mas Ele não a considerava com os olhos do moderno escritor de história: o Seu interesse era puramente religioso. Para Ele, ela era o celeiro dos atos do Deus vivo e justo. A maneira como Ele a entendia é totalmente expressa em pensamentos do ensinamento divino, na revelação da vontade divina, no estabelecimento do Reino do Céu na terra, na profecia e seu cumprimento. Era uma história que tinha sua origem nos atos de Deus, e a sua continuação também devia ser realizada pelos atos de Deus. A Sua atitude para com a Bíblia era bem diferente da dos judeus da Sua época. Para o judaísmo da Palestina, a Bíblia era uma coleção de ordenanças valiosas, cujo exame era tarefa dos escribas e rabis. Para o judaísmo de Alexandria, era uma coleção de erudição misteriosa, com a qual adequavam as suas opiniões religiosas e filosóficas. Jesus encontrava Deus na Bíblia, e a cada vez que a lia entrava em comunhão viva com Seu Pai.

Para nós, a Bíblia tem sido tão sobrecarregada com questões de crítica literária e outras, que muitas vezes perdemos de vista o seu verdadeiro significado em meio a esses detalhes secundários.

Para o Filho do homem, a Escritura servia como alimento; Ele na verdade vivia de cada palavra dela. Estava sempre procurando um auto-testemunho de Deus, e tinha uma profunda reverência pela Bíblia, porque sabia que devia o Seu conhecimento dos atos e das palavras de Deus, em todas as eras, àquele livro; Ele sabia que a vontade de Deus Lhe era ali revelada; e porque Deus Lhe havia falado inúmeras vezes através dela, Ele tinha uma grande reverência pela Bíblia. Depois da oração, a Bíblia era o elemento da Sua vida religiosa do qual fluía uma torrente de vida, e Ele fazia uso constante dela. Ali nutria a Sua mente e o Seu espírito; ali experimentava o Seu Deus.

Jesus não descobriu o Pai mediante as Suas observações da natureza, mas o encontrou clara e distintamente nas Escrituras. Mesmo enquanto menino, procurou aprender com a história mais a respeito de Seu Pai, pois somos informados de que no Templo Ele tanto ouvia quanto fazia perguntas (Lc 2:46).

Jesus tinha uma chave para a Bíblia que nunca Lhe falhou: a afinidade espiritual da Sua vida religiosa com as Escrituras. Ele tinha uma compreensão imediata do conteúdo religioso de cada passagem. O que a pesquisa científica atinge mediante um longo e estafante caminho, Ele via de imediato (Mc 12:19ss.). Para Ele, não havia pedras de tropeço na Bíblia, porque conhecia o poder de Deus e o usava como meio de interpretação (Mc 12:24). A Sua exposição das Escrituras, embora simples e natural, ao mesmo tempo é incomensuravelmente profunda (Mc 12:26s.). Conhecendo o poder de Deus, Ele a usava como meio de interpretação, e temperava a Sua mensagem para adequar-se à dureza do coração dos homens (Mt 19:8).

Não há dúvida de que Jesus usou tanto a Bíblia quanto qualquer homem pode usar. Já notamos que ela servia-Lhe como espada e escudo contra Satanás (Mt 4:4, 6, 10) e contra os homens. A Sua fé se baseava nas palavras "Está escrito;" elas lançavam luz no Seu caminho. Não foi apenas quanto ao clamor das crianças no Templo que elas Lhe davam a interpretação correta (Mt 21:16; Sl 8:2); a Bíblia era-Lhe útil também em Seus ensinamentos. É verdade que a vida religiosa peculiar que havia misteriosamente surgido e tomado forma em Seu coração, desde a Sua infância, e o Seu contato familiar com o Pai, deram-Lhe uma chave de entendimento para o Livro Santo; todavia, por outro lado, parecia também que as Escrituras davam-Lhe uma compreensão plena de todas essas emoções, removendo-as do nível inconsciente e trazendo-as para a luz do dia.

E acima de tudo, quanto conforto a Sua Bíblia Lhe propiciava! Dificilmente poderemos pintar de maneira suficientemente viva a força e o encorajamento que Jesus usufruiu de Isaías 52:13 a 53:12, não apenas uma vez, mas diariamente, pelo menos durante um considerável período da Sua vida. As Suas palavras eram permeadas de alusões a esses capítulos em particular. Somos corretamente advertidos contra o perigo de usarmos a Bíblia de maneira errada, como uma espécie de oráculo, e Jesus nunca foi culpado de cometer este erro. Não obstante, quando era obviamente certo e adequado, quando o Seu olho penetrante podia perceber a verdade da profecia, então a Bíblia O consolava com a certeza de que Ele precisava sofrer, para que as Escrituras pudessem se cumprir. Algumas vezes as passagens citadas parecem-nos um pouco arbitrárias, e em nenhum caso elas não poderia ter afetado o Seu destino em qualquer proporção (Nm 21:8; Sl 41:9; 118:22; Is 50:6; Jn 1:17; Zc 13:7).[57] No entanto, nestas palavras e no destino dos homens de Deus da antigüidade, Ele via um retrato de Si mesmo, e regozijava-se com essa analogia. Pequenas circunstâncias, que podem parecer de grande importância para um homem em grande necessidade, podem não ser nem notadas pelos outros. Mas Jesus as via claramente; porque Ele havia estudado a Bíblia nos bons tempos, ela Lhe deu conforto quando os maus dias chegaram.

*** * ***

Tudo o que notamos até agora a respeito da atitude de Jesus para com a Bíblia pode ser diretamente aplicado também a nós. Mas é óbvio que há algo mais a ser dito. Nenhum homem jamais colocou-se, nem pode colocar-se no mesmo nível de relacionamento que Jesus. Há duas razões para isto. A primeira é: Jesus reconhecia que Ele era o alvo, o objetivo, e o fim das Escrituras; Ele tinha a convicção de que elas testificavam somente dEle (Lc 24:27, 44; Jo 5:39, 46).

[57] Cf. Lucas 4:19, a interrupção abrupta feita na passagem de Isaías 61:2 - "o dia da vingança do nosso Deus."

Logo no início da Sua carreira, na sinagoga de Nazaré, Ele reconheceu que Ele próprio era o cumprimento do Antigo Testamento (Lc 4:21); e já no fim da Sua vida entrou em Jerusalém como Rei, montando um filhote de jumento, porque sabia que Zacarias falara a este respeito (Zc 9:9). Os homens deviam vê-lo no retrato profético original pintado por Isaías (Mt 11:5; Is 35:5s.); e quando não havia uma profecia direta e objetiva para enquadrar-se com a situação, Ele descobria inúmeros protótipos inconscientes, que encontravam seu cumprimento nEle. Estes eram muitas vezes maravilhosos. Para citar apenas um deles, foi por conselho de Judá que José foi vendido por vinte peças de prata aos mercadores, de forma que eles o pudessem vender novamente com lucro no Egito por trinta moedas de prata (Gn 37:26ss.). E mais uma vez, foi um Judas que vendeu Jesus por trinta peças de prata (Mt 26:15). Ninguém jamais teria a mesma consciência que Jesus tinha ao ler a Bíblia: ela está falando de você! Ele Se via na lei, nos profetas, nos Salmos — na "pedra de esquina," também, do Salmo 118 (v. 22). Como os Seus apóstolos de épocas posteriores, Ele encontrou um testemunho escrito a respeito de Si mesmo na Bíblia, para mostrá-lo aos Seus inimigos e amigos (Lc 20:16-18; 24:27). E não podemos deixar de notar também que Ele percebeu que estava descrita ali a missão que viera realizar, até mesmo nas passagens que falam claramente do próprio Deus e Sua obra redentora (Mt 11:10 = Ml 3:1; Mt 11:14 = Ml 4:5, 6;Mt 21:16 = Sl 8:3).

Mas há outra razão igualmente ponderável pela qual a atitude de Jesus para com as Escrituras era diferente da de qualquer outro homem. Ele Se conduzia como Senhor das Escrituras, sendo que Ele mesmo as moldava, transformava e continuava, levando-as à consumação. Ele tinha fontes independentes de conhecimento religioso, e nisto, que Ele havia obtido por Si próprio, possuía a verdadeira chave do entendimento do Antigo Testamento. Os que O ouviam tinham a impressão de que Ele não falava como os outros homens, mas como "quem tem autoridade" (Mt 7:29; Jo 7:46).

Se precisarmos provar que, em uma época onde a autoridade da Bíblia estava firmemente estabelecida, Ele conscientemente transformou e estendeu o seu significado, precisaremos tão somente ler as palavras significativas "Eu, porém, vos digo" (Mt 5:22, 28, 32, 34, 39, 44), ou a outra frase: "Vim para cumprir a lei e os profetas" (Mt 5:17) - isto é, para aperfeiçoar e desenvolver as Escrituras como o jardineiro cuida da rosa. Ele exerceu a Sua crítica destrutiva de maneira tão livre com respeito ao fato de os profetas fazerem descer fogo do céu (Lc 9:54) quanto com respeito à jactância de Lameque, de uma vingança setenta vezes sete (Gn 4:24; Mt 18:22). Os homens estavam esperando que Elias viesse, e Ele chamou João Batista de Elias, cujo chamado ao arrependimento era impedido apenas pelo povo (Mc 9:13). Ele aplicou o título messiânico de "Pastor" a Si mesmo, mas deu-lhe um significado completamente novo, ao dizer que o pastor dá a sua vida pelas ovelhas (Ez 34:23;Jo 10:11,15,17, 18). É verdade que Ele reverenciou as Escrituras, mas como Alguém diretamente autorizado por Deus, Ele as tratou com liberdade e independência, estendendo e continuando a Sua mensagem.

Ele demonstrou ser Senhor das Escrituras também na liberdade quase ilimitada com que tratou certos elementos da Bíblia, deixando de lado o que não se Lhe adequavam (Êx 30:13; Mt 17:27),[1] e usando o que era afim ao Seu próprio espírito. Aqui temos, de fato, a operação da célula viva com o seu funcionamento misterioso. A célula que germina, a inexplicável fonte da vida, estava dentro dEle - até mesmo na infância a Sua natureza era ininteligível aos que O rodeavam - absorvendo do solo das Escrituras a nutrição necessária para o crescimento, como na natureza a célula em germinação absorve-a do solo em que é plantada, e freqüentemente, é completamente transformada no processo. Encontramos Jesus exercendo perfeita liberdade e segurança, ao usar o material afim ao Seu espírito.[58] É difícil calcular até que ponto as Escrituras formaram esse Homem, ou eram para Ele uma fonte de conhecimento. Mas muitas vezes, temos a impressão de que Ele abordava a Bíblia com um conhecimento plenamente seguro de Si próprio,[59] usando-a

[58] Isaías 35:5, 6, simplesmente omitindo o v. 4, para justificar a cura realizada. Isaías 61:1, 2 para justificar a Sua pregação. E então, a ligação de Daniel 7:13ss (o Filho do homem vindo com as nuvens do céu) com Isaías 53 (o servo sofredor do Senhor) com as suas conseqüências tremendas.

[59] Foi por causa deste conhecimento sem par que Ele foi capaz de abrir veias de ouro que até então haviam estado, e precisavam estar completamente ocultas (Mt 4:4; Mc 12:26s.). Na questão a respeito do sábado, Ele citou Oséias 6:6

como os Seus discípulos fizeram mais tarde, para provar e declarar o que Ele era, de maneira inesperada, diante dos herdeiros da Bíblia (Nm 21:8, 9; Jo 3: 14; Jn 3:5; Mt 12:40; Sl 110;Mt 22:42ss.).

(Mt 12:7) tanto quanto a história do faminto Davi e dos sacerdotes que cumpriram o seu dever oferecendo-lhe os pães da proposição, e a partir das obras de Seu Pai, chegou às Suas próprias obras, com as quais nem o descanso do sábado podia interferir (Jo 5:17). Por que Ele não concluiu da mesma forma que, assim como o Pai descansara no sétimo dia, o Filho também devia descansar? (Gn 2:2). Não fez Ele jorrar a Sua própria luz sobre esta questão?

CAPÍTULO 7

JESUS E AS ORDENANÇAS LEGAIS (RELIGIOSAS) DA SUA RAÇA

É difícil entendermos, seja como for, o importante lugar que o Templo ocupava na consciência de Israel. Ele era a habitação de Deus, o lugar em que Seu povo podia encontrá-lo. Jesus também agradou-Se em dar-lhe o nome exaltado de "casa de Meu Pai" (Jo 2:16), e ainda como um menino de doze anos de idade, Ele foi irresistivelmente atraído por ele. Durante toda a Sua vida, seguiu conscientemente o piedoso costume de tomar parte em festas (Jo 2:13; 5:1; 6:4; 7:2, 10; 10:22; 11:55).[60] Podemos estar certos de que desde quando tinha doze anos de idade, Ele jamais perdeu uma Páscoa, com os seus cordeiros sacrificiais no Templo; e no auge da Sua atividade chegou a usar um açoite em defesa da santidade dessa casa(Jo 2:14ss.;Mc 11:15).[61]

Não há dúvidas de que para Israel o sábado ocupava um segundo lugar depois do Templo, entre as ordenanças religiosas. Jesus visitava regularmente as sinagogas, no sábado (Lc 4:16), e chegou a recomendar aos Seus discípulos que orassem para que a sua fuga não acontecesse no inverno ou no sábado (Mt 24:20).

Não foi apenas quanto a estas minúcias que Jesus demonstrou respeito pelas ordenanças existentes. Depois de curar os leprosos, Ele lhes recomendou expressamente que cumprissem as longas e dispendiosas cerimônias requeridas pela lei (Lc 5:14; 17:14; Lv 14:2, 10, 21); Ele pagou o imposto do Templo devido, em relação a Si mesmo (Mt 17:27); achou normal os Seus discípulos continuarem os seus sacrifícios (Mt 5:23); reconheceu que os escribas e fariseus se assentavam na cadeira de Moisés (Mt 23:2); e, até mesmo em Seus últimos dias, recomendou o cumprimento mais exato dos Dez Mandamentos, conquanto que assuntos maiores não fossem esquecidos, nesse ínterim (Mt 23:23; Lv 27:30). Ele declarou definitivamente e com convicção que não viera para destruir a lei (Mt 5:17), e que cabia-Lhe cumprir toda a justiça (Mt 3:15).

Já enfatizamos o fato de que Jesus não tinha medo de um certo ritual. Ele comia o cordeiro pascal com tal regularidade, que os Seus discípulos meramente Lhe perguntaram: "Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a páscoa?" (Mc 14:12). Ele visitava a sinagoga tão regularmente no sábado, que os Seus adversários sabiam que iriam encontrá-lo lá. Dava graças tão regularmente à mesa, que os Seus discípulos o reconheceram por esse ato (Lc 24:35). Estava tão acostumado a levantar os olhos para o céu, quando orava, que o fazia até quando estava dentro de casa (Jo 17:1). Se este Homem, que era tão forte, não desprezava formas fixas com as bênçãos secretas que elas trazem, como os fracos podem falar delas tão zombeteiramente?

*** * ***

Mas há um outro aspecto, inteiramente diferente, da atitude de Jesus para com as ordenanças religiosas da Sua raça. Logo cedo vemo-lo visualizando uma época quando não haveria mais Templo, mas os verdadeiros adoradores adorariam o Pai em espírito e em verdade (Jo 4:21, 23). Não haveria Templo no futuro! Mas uma sugestão dessas tornava impossível que tal geração cumprisse toda a lei! Quanto à guarda do sábado, ela nunca impediu ou restringiu Jesus de fazer o bem, sempre que era possível (Lc 14:3, 5). No meio de uma geração que discutia até se devia oferecer consolo a outrem no sábado, para Ele era inadmissível que a ordem a respeito do Dia do Senhor impedisse alguém de fazer o bem (Mc 3:4; Lc 13:16). Nenhum dos milagres de cura que Ele realizou no sábado fora jamais solicitado, e os pacientes em nenhum caso estavam fatalmente enfermos. Em cada vez Ele facilmente poderia ter dito ao enfermo para voltar no dia seguinte. Não obstante, em Jerusalém, no sábado, Jesus abertamente chegou ao ponto de procurar os doentes (Jo 5:2s.). Nota-se como Ele persistiu, em opor-se agudamente aos regulamentos existentes a este res-

[60] E também, a festa de Purim, a festa dos Tabernáculos e a festa da Consagração do Templo.
[61] Até as pessoas que ousassem atalhar pelo meio do Templo, carregando um utensílio (Mc 11:16).

peito. Ele desejava deixar bem claro para os homens, perenemente: "Quero misericórdia, e não sacrifício." (Mt 12:7).

Em outros lugares, também, verificamos a mesma indiferença absoluta para com todos os preceitos legais que não servem para enobrecer a vida interior. Jejum (Mc 2:18ss.), lavagem de mãos (Mc 7:1-23; Lc 11:38), pagamento de imposto do Templo (Mt 17:24ss.), a fuga de tudo o que fosse considerado impuro, como a visita a casas de gentios (Mt 8:7; Mc 7:24; At 11:3), o contato físico com leprosos (Mc 1:41; Lv 13:45s.), ou aqueles com um fluxo sangüíneo (Mc 5:25, 27; Lv 15:9, 25), ou cadáveres (sem a lavagem imediatamente posterior) (Mc 5:41; Lc 7:15; Lv 22:4; Nm 5:2; 19:11-13; Ag 2:13) — todas estas coisas e muitas outras nada significavam para a essência da Sua piedade. Da mesma forma, no contato contaminador com publicanos e pecadores, Ele parecia menos severo na observância da lei do que outras pessoas (Lc 7:39). Desta forma, em uma época quando a lei amarrava com os laços mais apertados as pessoas mais piedosas, os atos de Jesus eram marcados por uma dourada liberdade — uma liberdade tão grande que poucos anos depois da Sua morte os Seus seguidores estavam convidando os gentios às multidões para entrar no Reino dEle, embora eles não tivessem lei.

*** * ***

Não é suficiente meramente demonstrar que a atitude de Jesus para com as ordenanças legais do Seu povo era dupla; precisamos também mostrar como essa aparente contradição encontrava unidade nEle. Todo o Seu contato com Deus era espiritual e pessoal, e assim era-Lhe impossível dar qualquer peso a formas e meios exteriores — até mesmo à instituição do próprio Templo. No que concernia às questões éticas, toda a ênfase, de acordo com Ele, devia ser dada à intenção ou propósito que movia à ação. O *amor* era o requisito fundamental da lei. Sem ele, tudo o que era mera forma exterior e ritual dissolvia-se, acabando em nada. A oposição e a resistência de Jesus eram suscitadas pelo fato de não haver nada por trás das regras a cerimônias — por exemplo, no costume de jejuar, herdado pelos fariseus havia muitas gerações, embora o coração não fosse tocado pela agonia do arrependimento;[62] ou quando esses assuntos externos e desprezíveis colocavam em segundo plano o que era importante e grande (como a justiça e a misericórdia), ou eram até colocados no lugar destas virtudes importantes, como sendo de igual valor (Mt 5:23, a oferta de sacrifícios em vez de reconciliação com o próximo). A sua ira era suscitada também quando esses assuntos externos eram colocados como um fardo e restrição sobre o espírito (por exemplo, a observância do sábado), deprimindo-o em vez de elevá-lo (o fiel precisava passar o sábado com fome, Mc 2:23ss.) e também restringindo-o (cura no sábado).[63] Em cada um destes casos Jesus, com ira santa, abalou rudemente todas as ordenanças legais e religiosas. Em Seu julgamento, elas eram como uma camada fina de gelo ao redor dos corações quentes.[64]

Precisamos subir mais alto ainda se quisermos expressar claramente a atitude de Jesus para com a lei. Em todos os Seus pensamentos, palavras e atos, Ele sabia e tinha a certeza de que era um com Deus. Ele podia fazer o que desejava, pois a cada momento e com certeza infalível estaria cumprindo a intenção final e o propósito do Legislador.[65]

Mas esta liberdade enorme, e para aquele época, inaudita[66] com relação às ordenanças legais de Israel, permitia a Jesus assumir ao mesmo tempo a posição mas conservadora. Se a forma delas estivesse cheia do espírito, por que procuraria Ele destruí-las, embora fossem de pequena importância? O fato de tal procedimento ofender a outras pessoas era suficiente para impedi-lo de

---

[62] E também, o medo de contaminação causado pela ingestão de vários alimentos, se o coração não aprendesse a conservar-se livre da contaminação.

[63] Pode ser dito até que Jesus via no templo uma restrição imposta à verdadeira reverência a Deus. Ele reconhecia como essa adoração só poderia ser libertada de todas as limitações estreitas pela destruição do Templo (Jo 4:21, 23)

[64] Lucas 14:1. Degustar uma refeição sabática, e ser capaz de presenciar o sofrimento sem sentir compaixão (v. 2).

[65] Mateus 5:17. "Cumprir" = aperfeiçoar, completar, levar a cabo.

[66] Para as obras apocalípticas judaicas, o Templo devia tornar-se mais uma vez um santuário mundial, e a lei de Moisés uma lei universal. "Se," diz Filo, "a lei goza de tanto renome hoje em dia, quando Israel passa por dias maus, que importância terá ela quando a sorte de Israel melhorar?"

fazer tal coisa (Mt 17:27). Mediante a profundidade que Ele desse a tal coisa, Ele poderia tornar grande o que era pequeno. Portanto, em toda a Sua vida, como um verdadeiro filho da Sua raça, Ele calmamente observou os seus costumes e ordenanças. Quanto aos Seus discípulos, por que tentaria desarraigá-los do solo em que haviam sido nutridos? Jesus não transformou as condições exteriores; era-Lhe suficiente atingir até o cerne das coisas, tais como eram. Se o cerne fosse sadio, então a expressão da sua piedade — como na ação de graças, quer por sacrifício, quer por alguma outra forma — era indiferente. Portanto, não precisamos nos admirar pelo fato de passar despercebido, em Mateus 5:23, a continuação do serviço sacrificial dos discípulos. Mas os aspectos interno e externo, como na prática do jejum (Lc 5:34s. Da mesma forma Lv 16: 29s.), precisam equilibrar-se um ao outro. Desse modo, sendo a forma genuína, não meramente externa, mas também interna, a tradição pode permanecer. Em Jesus não havia nada de revolucionário, nada de violento, e portanto imaturo. Os revolucionários são como pessoas que removem a casca protetora exterior de um fruto, cedo demais — o fruto murcha e morre. Jesus permitiu pacientemente que o fruto amadurecesse, sabendo que com o tempo ele próprio romperia a sua casca exterior.

Esta é a questão: Ele *sabia.* Ele sabia que chegaria o tempo quando os Seus filhos ficariam livres do imposto do Templo (Mt 17:26), e então, como o Templo poderia permanecer? Ele sabia que chegaria a hora quando Gerezim e Moriá não seriam mais necessários para os verdadeiros adoradores de Deus (Jo 4:21). Ele sabia, de fato, que a longo prazo, o vinho novo precisa ser colocado em odres novos (Lc 5:37s.). Ele não apenas sabia disto, mas também começou a trabalhar, preparando-Se para tal. Enfatizando constantemente o que era grande na lei, como sendo a matéria principal, Ele fez com que a parte de somenos importância parecesse insignificante (Mt 23:23). Uma sentença como: "Não há nada fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas, o que sai do homem é o que o contamina" (Mc 7:15), é um exemplo claro de um afastamento completo da velha lei (Lv 5:2, 3).

Mas esta era uma coisa tremenda! Aqui, não havia idéia da continuação de um desenvolvimento: Jesus, pelo contrário, parecia ser o fim e o alvo da lei. O pensamento natural deve ter levado os piedosos em Israel a uma obediência à lei cada vez mais fiel e interior. A maneira de ser de Jesus os libertou da lei — e era um método que não podia ser encontrado pelo homem natural. De onde tirara Ele o poder para fazer isto? O ideal que estava vivo na Sua alma estava muito além de toda a lei revelada (Mt 5:20); e assim, Ele sentia que a Sua tarefa era edificar uma nova lei, com o Seu poderoso "Eu, porém, vos digo" (Mt 5:22s.). Pois Ele é o Filho da casa, conhecedor da vontade de Seu Pai, e portanto livre em Suas ações, com toda realeza, Senhor sobre regulamentos sagrados e invioláveis - Senhor até do sábado (Mc 2:28) e do Templo (Jo 8:35).

E assim, também a este respeito, Jesus não pode ser considerado apenas como um exemplo para nós.

CAPITULO 8

A SUA OBEDIÊNCIA

A obediência de Jesus teve origem na riqueza. Na religião, até aquela época, os homens haviam sido tratados como crianças cuja obediência é obtida mediante uma vara ou uma maçã; medo de castigo e esperança de recompensa sendo os fatores quase igualmente potentes para assegurar obediência aos deuses ou a Deus. Quando os homens estavam relacionando-se com a divindade, havia sempre segundas intenções nos atos dos homens; a pessoa precisava cuidar dos seus próprios interesses. Não podemos nos esquivar de reconhecer que Jesus também baseou quase todas as exigências morais que fez a Seus discípulos na idéia de recompensa e castigo no juízo de Deus. Porém, este ponto de vista era completamente alheio às Suas ações. A Sua obediência não precisava de andaimes, sem os quais os edifícios laboriosamente erigidos dos outros não conseguem permanecer de pé. Ele não era como alguém que precise conservar um olho no futuro. Jesus era um Filho que gozava diariamente a plenitude do amor do Pai, e a partir desta riqueza, que tornava o seu possuidor independente por toda a eternidade, fluía a rendição infantil ao Pai como algo fácil, auto-evidente e feito sem esforço. A obediência de Jesus baseava-se exclusiva e inamovivelmente neste amor a Deus. Ele o apresentou como razão para a Sua última e difícil tarefa "para que o mundo saiba que eu amo o Pai" (Jo 14:31). O amor estava em tudo o que Ele fazia; todas as Suas ações eram motivadas por um desejo de agradar a Deus.

Da mesma forma como a obediência de Jesus fluía do amor — do prazer em Deus que para Ele era um *objectum amabile* (objeto de amor) — ela também era marcada por uma constante alegria, e como o Seu amor era perene, a Sua obediência também era permanente. Esta alegria na obediência encontra a sua mais plena expressão na passagem em que Ele descreve o cumprimento da vontade de Deus como sua "comida" (Jo 4:32, 34). Não havia nEle nem um pouco da discórdia entre Deus e a vontade humana, tão evidente em todos nós. O amor transformava o dever em impulso — "Ó Deus, agrada-me fazer a Tua vontade." Este Homem não sabia o que era mera resignação à vontade de Deus, obtida depois de muita luta. Para Ele, o fato de a vontade de Deus ser feita era uma necessidade interior, um refrigério de espírito. Sim, até mesmo no Getsêmane, pois naquela hora nem passou pela Sua mente a idéia de que a vontade de Deus pudesse não ser cumprida. De fato, Ele lutou com a morte, mas nem por um momento com o Seu Deus. Quando na cruz lamentou o fato de ter sido abandonado, até mesmo ali, como vemos nas palavras *"Meu* Deus," Ele não Se manifestou como incrédulo impaciente, mas como crente, curvando-Se em obediência ao Seu Deus. É verdade que teve que aprender a obediência, mas aprendeu-a com a firmeza de alguém que permanece sempre no amor do Pai. Muitas vezes Jesus falou de uma força que O compelia - "É necessário" (Mt 16:21; 17:12; 26:54; Lc 9:44; 12:50; 22:37). Mas o que Ele era compelido a fazer, também queria fazer. Em momento algum da Sua vida, a desobediência se transformou em obediência, mas, considerada como um todo, a Sua vida inteira foi nada mais do que uma confirmação maravilhosa e ininterrupta da vontade do Pai. Quando um dos discípulos procurou impedir essa obediência, Jesus o repreendeu, chamando-o de Satanás, embora Pedro tivesse acabado de confessar que Ele era o Messias (Mc 8:33; Jo 18:11). Todos os outros homens têm interesses humanos, mas Ele havia consagrado a Sua vida a Deus (Mc 8:33). Ele desejava cumprir, sem qualquer soporífero (Mc 15:23), até mesmo o Seu último ato de obediência em Sua vida (Jo 19:30). Como alguém expressou-o muito bem, recentemente: " 'Seja feita a Tua vontade' já andou em forma humana na terra, e o povo o chamava de Jesus."

Há uma terceira observação a ser feita em relação ao fato de que a obediência de Jesus estava alicerçada no amor a Deus. Onde o amor está em operação — por exemplo, no relacionamento entre pais e filhos — ele não se preocupa tanto com um único ato, mas a pessoa se entrega totalmente à outra, e é recebida totalmente por ela. Desta forma, até mesmo a sua presença pode propiciar felicidade. Jesus rendeu todo o Seu ser em obediência a Deus, não retendo nada. Esta era a Sua idéia de amor; não obstante, este amor era completamente livre ao se expressar. A lei é para servos, e não para filhos, cujo amor lhes dá um título de nobreza; mas ao mesmo tempo,

enlaça-os. Pois, o que é mais sensível do que o amor? Este Jesus tinha uma certeza maravilhosa a respeito da vontade de Deus. Em Sua lealdade a Ele não havia nada de incerto ou vacilante. Ele olhava para o Pai, e o Pai Lhe "mostrava" a Sua obra. Jesus sabia, a cada momento, o que devia fazer. Este é o entendimento que o amor propicia — à sua maneira ele consiste em um instrumento muito mais fino do que a nossa consciência, que muitas vezes reage erradamente ao medo.

*** * ***

Falando da obediência de Jesus, precisamos examinar também mais detidamente o desempenho verdadeiro da obra que Ele realizou. Toda a alegria com que ela foi realizada não pode esconder de nós as dificuldades que a cercaram. Um discípulo apostólico inscreveu estas palavras lapidares: "Aperfeiçoado pelo sofrimento" (Hb 2:10), em todo o caminho que Ele trilhou. Logo no começo do Seu aparecimento em público, Ele precisou passar pela dolorosa experiência de Abraão: "Sai da tua terra, e da tua parentela." Até o fim a separação do Seu lar e dos Seus queridos pesou grandemente sobre Ele. Para o mundo Ele era um peregrino, sem ter na terra lugar que pudesse chamar de Seu (Lc 9:58), e teve a experiência de não ter lugar nas casas dos homens (Lc 9:53). Ele passou fome e sede, e teve que abrir mão de todas as pequenas amenidades exteriores da vida. O fato de isto não Lhe ser indiferente, verifica-se claramente mediante as Suas palavras sobre as raposas e as aves, que estavam em melhores condições do que Ele. E então, havia também o pesado fardo, colocado como uma grilheta sobre o Seu espírito: ingratidão, desdém, insultos, perseguição. No fim da Sua vida, o sofrimento, tanto físico quanto mental, chegara ao seu zênite, manifestando pela primeira vez a perfeição através dos sofrimentos. Na *República*, de Platão, encontramos as importantes sentenças: "Enquanto o homem justo for considerado como tal, caber-lhe-ão dádivas e honras, porque ele é considerado digno delas. Portanto, não podemos dizer se ele é justo por amor à justiça ou pelo amor às dádivas. Para que a sua justiça possa ser provada, ele precisa ser privado de tudo o mais, e colocado em circunstâncias que lhe sejam contrárias." Quase parece que o destino que Jesus haveria de suportar no fim, foi-Lhe preparado sob medida. A Cruz era o máximo de vergonha e sofrimento que um homem podia ser chamado a suportar,[67] um castigo reservado para escravos, ou como advertência a salteadores e ladrões de estrada; e isto Ele teve que suportar depois de açoitamento cruel e outros vexames. Não obstante, naquelas horas, a tortura física não foi o pior; o espírito de Jesus estava suportando coisas piores — a falta de fé dos Seus próprios discípulos, o reconhecimento de que um deles estava perdido (Jo 17:12), a brutalidade dos judeus em sua ira cega, a dureza dos soldados romanos, e, o que era pior para Ele, que nunca vivera separado de Deus, a completa separação, fato em que Ele provou a recompensa do pecador. "O açoitamento é precioso," diz a teologia rabínica. "Regozijai-vos, justos, em vossos sofrimentos presentes," é a mensagem do livro apocalíptico de Baruque. A idéia de expiação é evidente nestas passagens — Deus pune o Seu povo neste mundo, de forma a poupá-lo no mundo futuro. Um dos nossos mais conhecidos missionários disse: "Anseio verdadeiramente tornar-me mais humilde e mais puro," e esse sentimento leva à resignação quando o castigo vem, porque ele é necessário. O pensamento judaico, bem como o cristão, cada um à sua maneira, liga o sofrimento com os seus próprios interesses, sabendo que o sofrimento deve colaborar para o bem. Jesus não precisava sofrer, pessoalmente. "Ele já era purificado e intimamente unido a Deus," Para Ele, o ato simples e doloroso de obediência era realizado "para que o mundo saiba que eu amo o Pai."

A Sua clara premonição fazia com que as coisas se tornassem ainda mais difíceis para Jesus. "Que a morte venha rapidamente. É terrível pensar nela antecipadamente," diz Goethe em uma das suas tragédias. Durante muito tempo Jesus previu a Sua morte, e pensou muitas vezes nela; o que era ainda pior, Ele previu todo o seu horror, pois Ele devia ter conhecimento do processo de Crucificação, às mãos dos gentios. Ele também conhecia as palavras da Escritura: "O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus" (Dt 21:23). Verdadeiramente, a Sua alma sofreu mais do que o grão de trigo que cai na terra e morre!

---

[67] O fato de as mãos e os pés serem furados nos lugares mais sensíveis, o estiramento doloroso dos membros feridos, adicionados à constrição da circulação e à sede... A morte demorou muito a chegar!

*** * ***

Certa vez Lutero disse: "Jesus teve que esforçar-Se muito para conservar Satanás em xeque." O próprio Jesus admite muitas vezes como Lhe era difícil o dever de obediência (Mt 26:37s.;Lc 12:50;Jo 12:27). De que maneira foi Ele tentado? Quais foram as tentações de que Ele fala? (Lc 22:28).

Antes de tudo, Ele deve ter precisado vencer a fraqueza da carne. A Sua confissão no Getsêmane foi tirada da Sua própria experiência — "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41). Ele admitira anteriormente: "Como o Meu espírito está angustiado," e então, quando chegou o terrível momento, o Seu coração estava duplamente contraído. De fato, era terrível: uma jovem vida humana, no pleno vigor dos anos, devia cair vítima de homicídio, e homicídio às mãos dos homens por quem Ele vivera. Homens piedosos como Davi (II Sm 24:14) e Jesus Filho de Sirac (Sabedoria 2:22), haviam orado ferventemente para que não caíssem nas mãos dos homens, mas Jesus fora chamado para sofrer esta sina da maneira mais terrível e, como podemos verificar mediante a renovada ênfase que Ele dava a isso, Ele o sentia profundamente (Mc 9:31; 10:33; 14:41), Aqui Ele teve que vencer a fraqueza da carne — embora não fosse uma fraqueza pecaminosa — a vontade natural precisava ser subjugada pela Sua vontade superior.

Outra severa tentação foi a irracionalidade — de acordo com o ponto de vista humano - do caminho pelo qual o Pai O guiou. Nutrido pelo espírito nacionalista da época, Jesus não podia descartar-Se, como mero sonho, da imagem messiânica concebida pelo Seu povo. Aquela falsa idéia do Messias era, por assim dizer, presente no ar que Ele respirava, de forma que ela Lhe vinha sem ser desejada ou buscada. E que tarefa esse ideal colocava sobre os Seus ombros? Ele precisou aprender a colocar de lado o que era "humano," porque o Seu Pai exigia dEle o que era "divino" (Mt 16:23). No entanto, para os homens, esta idéia parecia absurda, e para os sentidos humanos de Jesus, ela parecia também, à primeira vista, irracional.

Deixe-me citar apenas alguns exemplos. Primeiro, havia a atitude de Jesus diante da vida, e especialmente a maneira pela qual Ele estabeleceu o Reino. Pensamos imediatamente no Seu aparecimento circunstancialmente sem importância para os homens. Elias em Sarepta, não usou os seus poderes miraculosos em seu próprio benefício? (I Re 17:13). Segundo a história da tentação no deserto, ficamos sabendo que Jesus tinha consciência da tentação.

Além disso, havia a ausência de toda sorte de coerção que pudesse ser praticada pela glória dos Seus atos ou por atos miraculosos de auto-preservação. A este respeito, também, Elias colocava-se como um tentador no caminho (II Re 1:10). E mais uma vez, segundo a experiência no deserto, percebemos como Jesus precisava defender-Se contra aquela tentação. Foi sábio recusar todos os meios exteriores e poderosos de fazer a Sua obra avançar, como os que Lhe foram oferecidos se Ele fizesse uso do messianismo político? Era essa a vontade de Deus? Esta foi a forma em que se apresentou a terceira tentação (Mt 4:9).

Estes eram métodos irracionais, de acordo com o raciocínio humano; mas eram os que Deus esperava que Ele usasse. Precisamos acrescentar a isto que o segredo do Reino de Deus conservou-se oculto aos sábios; e também, o infindável tributo requerido da Sua paciência, o fato de que não Lhe foi permitido revelar-Se claramente; o fato de o povo estar em dúvida a Seu respeito; e, na verdade, o longo caminho do servo sofredor de Deus, quando a expectativa era a de um rei.

Há ainda um terceiro ponto que devemos considerar, se queremos descrever plenamente o que fez com que a obediência se tornasse difícil para Jesus. Em certa ocasião os Seus lábios deixaram escapar este grito: "Ó geração incrédula! até quando vos sofrereis?" (Mc 9:19). Incompetência e indolência, ingratidão, zombaria, menosprezo, a forma mais baixa de maus tratos às mãos dos homens — estas coisas provaram a Sua paciência ao máximo, até as últimas horas da Sua vida. Em certa ocasião um homem, considerado como um dos maiores profetas, não pode suportar o escárnio de rapazolas. Mas este Homem, com a alma abrasada, foi conclamado a amar essas pessoas, suficientemente adultas para terem mais juízo, até o fim. Ele não conseguiu fazê-lo sem lutas. Tal coisa aconteceria com facilidade só a um homem que tivesse a sua percepção embotada.

*** * ***

Portanto, estas foram as provas que a obediência de Jesus precisou enfrentar. Mas o seu poder de resistência jamais foi quebrantado. Essa resistência de fato era tão grande que, logo que a vontade de Deus se tornava clara, Jesus Se imergia nela, tornando-a inteiramente vontade Sua, por difícil que fosse.[68] Aqui estão alguns exemplos. A revelação da paciência de Deus para com os pecadores, tornou o caminho de Jesus cada vez mais limitado. Ele aquiesceu a essa paciência, e chegou mesmo a praticá-la da mesma forma como Seu Pai o fazia. Ele chegou a regozijar-Se pelo fato de os mistérios do Reino de Deus não terem sido revelados aos sábios (Lc 10:21); e os métodos para o estabelecimento do Reino, tão estranhos ao entendimento humano, foram proclamados por Jesus ao mundo como grandes mistérios — estando entre eles aquele que Ele mesmo mais experimentou em Seu corpo: "Mas o maior dentre vós será vosso servo" (Mt 23:11). Esta mistura da vontade de Deus com a Sua foi tão longe que não podemos falar de mera aceitação, ou mansa submissão ou resignação. Pelo contrário, em cada caso vemos a execução ativa de uma resolução tomada em conjunto com o Pai, na fraqueza da carne. Até o Seu modo de vida, com as suas condições de pobreza, baseava-se na Sua livre escolha (Mt 4:ss.). Este fato, nós o verificamos acima de tudo no fim da Sua vida. Ele quis morrer. Foi para isso que Ele foi a Jerusalém (Mt 10:32); recomendou a Judas que fizesse o que tinha a fazer (Jo 13:27); foi para o jardim, tão conhecido pelo traidor (Jo 18:2); apresentou-se abertamente para encontrar-Se com aqueles que haviam vindo para prendê-lo (Jo 18:4); e proibiu os Seus discípulos de tentar um resgate (Jo 18:11). Verdadeiramente, isto não foi manifestação de uma simples submissão debaixo da poderosa mão de Deus, mas uma cooperação ativa e consciente com o Pai, uma indução do sofrimento. Aqui o sofrimento — na consciência da sua necessidade superior — torna-se um ato voluntário. A passividade é transformada em atividade.

Quando isto teve lugar, a obediência de Jesus concluiu a sua tarefa, e Ele morreu com o grito triunfante nos lábios: "Está consumado!" (Jo 19:30).

[68] Como Jeremias, por exemplo, realizou pouco a este respeito!

PARTE DOIS

NO SANTUÁRIO
A PERSONALIDADE RELIGIOSA
E MORAL DE JESUS

(B) JESUS E A HUMANIDADE

CAPITULO 9

O CANDOR DE JESUS

AMOR, O VÍNCULO DA PERFEIÇÃO

Se seguirmos Jesus pelas ruas em que Ele andou entre os homens, ficaremos logo de início chocados com a veracidade e o candor que Ele exibiu. Ele era sempre Ele mesmo, sem pose ou presunção. Ele não gostava de palavras de duplo sentido: tudo nEle era simples e natural. É verdade que havia uma dignidade majestosa em Sua sinceridade e candor; esse Homem ousava afastar para bem longe dEle todos os meios desonrosos para alcançar um fim. Ele não conhecia o que chamamos de oportunismo. Mesmo que por um momento parecesse que um caminho tortuoso iria ajudá-lo, Ele sempre enveredava pelo caminho que seguia reto diante dEle.

Como homem veraz e intenso, Jesus não Se envergonhava das Suas necessidades. "Quanto me angustio até que isto se realize!" (Lc 12:50). "Ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26:38); "Tenho sede" (Jo 19:28); com estas e outras palavras semelhantes Ele reconhecia abertamente o Seu sofrimento, para amigos tanto quanto para inimigos. Estes não eram os métodos usados pela sabedoria daquela época. Não eram apenas os antigos estóicos que procuravam dar a aparência de superioridade em face dos golpes do destino, declarando: "Estas coisas não me afetam." Sem misericórdia, Jesus destruiu todas as pretensões semelhantes a esta — e não apenas quando Ele estava sendo ferido pelo destino. Não teria sido mais sábio calar do que admitir coisas como "mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe... nem o Filho" (Mc 13:32); "Mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo" (Mt 20:23)? Quem O poderia ter culpado, se Ele o tivesse feito? Não teria sido melhor se Ele não tivesse sido capaz de dizer a respeito de Si mesmo: "Eu sou a verdade" (Jo 14:6)? Mas Jesus era incapaz de desonestidade; o Seu espírito era tão límpido quanto um regato da montanha.

Alguém que sabe o que está falando, nos contou que embora os povos pagãos possam ter muitas virtudes, o amor à verdade é raramente uma delas. Este Jesus, que levou os discípulos a abandonarem completamente o costume de jurarem (Mt 5:34), ordenando-lhes que o seu sim fosse sim, e o seu não, não, nunca exigiu deles algo que Ele mesmo não praticasse diariamente.

Uma nuvem negra de formas mentirosas de polidez sempre obscurece a nossa veracidade. Estamos acostumados a ser circunspectos, afirmamos que "certas coisas não se dizem." Jesus era cândido de maneira desapiedada; algumas vezes Ele parecia ser quase irracional, como por exemplo, no Reino dos Céus (Mt 21:31); ou quando disse ao respeitável Nicodemos que precisava iniciar uma vida nova e mais elevada, que até então ele falhara em viver (Jo 3:4). O mundo curva-se diante do poder e do dinheiro; todavia, vendo a viúva ofertando as suas moedinhas, e os fariseus ricos e avarentos ao lado dela, Jesus ousadamente elogiou a primeira (Mc 12:43). Em dois radiosos dias da Sua vida Ele descobriu em uma aldeia da Samaria que os Samaritanos creram em Suas palavras por si só, sem requerer milagres (Jo 4:41s.); e em outra ocasião foi um samaritano que retornou para agradecer-Lhe, enquanto nove judeus deixaram de fazê-lo (Lc 17:16). Depois disto, todos os gritos a respeito do "povo louco de Siquém" não conseguiram impedi-lo de demonstrar a coragem da verdade, e em uma parábola (Lc 10:33), de colocar um samaritano acima de um levita e um sacerdote judeu, porque ele tinha opinião mais elevada a respeito do primeiro. Ele sabia que "a salvação vem dos judeus" e que os Samaritanos adoravam o que não conheciam (Jo 4:22), mas disse francamente à mulher samaritana que chegaria a hora em que o Pai não seria adorado, nem em Jerusalém, nem no monte Gerisim (Jo 4:21). Sim, Ele era sincero em tudo, falando em voz alta de coisas que o mundo concorda em encobrir com o silêncio.

Sem dúvida Ele tinha um desejo intenso de ganhar muitas pessoas para Si mesmo; no entanto, era honesto demais para fazer com que o discipulado parecesse fácil. "O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" — esta foi a advertência que Ele fez a um homem rico que desejava tornar-se Seu seguidor (Mt 8:20). Para Ele, parecia falsidade se Ele tentasse tornar leves as dificuldades que esperavam aqueles que se tornavam Seus discípulos.

Nem mesmo em Suas parábolas Jesus afastou-Se um milímetro da verdade e da realidade. Ele considerou o mundo como era, nunca pintando os homens como anjos. Ele sabia como os trabalhadores que são contratados em primeiro lugar ficam cheios de inveja quando vêem os outros que começaram a trabalhar mais tarde receberem o mesmo salário (Mt 20:11); e conhecia a importunação impudente que muitas vezes se manifesta quando a amizade professa falha (Lc 11:8). E por conhecer estas coisas, Ele as pintou como são, sem alteração.

Os leitores atentos do Evangelho algumas vezes têm pensado se Jesus foi sempre justo na Sua maneira de tratar os fariseus: seriam eles de fato tão maus, que Ele precisasse depreciá-los sempre? Sim, era somente o Seu senso de verdade que O levava a assumir esta atitude funesta para com eles. A posição dos publicanos era suficientemente clara, mas os fariseus pareciam ser servos de Deus, mas Ele sabia como todo o serviço deles era feito tendo em vista os seus próprios interesses (Mt 23:6, 7). Eles pareciam ser zelosos, mas Ele percebia que eles se satisfaziam em fazer o mínimo possível. Foi então que Jesus, com o Seu amor, a Sua paixão pela verdade, inflamou-Se em denunciar o fingimento deles. Era melhor esconder dos homens o que era privado e santo, do que assistir àquele "show" hipócrita, encobrindo ossos de cadáveres (Mt 23:27).

Até os Seus inimigos, por fim, reconheceram a Sua veracidade (Mt 22:16); e o Seu discípulo amado, lembrando toda a glória que havia testemunhado, confessa que ela era cheia de verdade (Jo 1:14). É certo que esta confissão tem um significado ainda mais elevado, mas não erramos em usá-la neste ponto como testemunho da inalterável veracidade e sinceridade de Jesus.

*** * ***

A glória de Jesus era ainda maior na qualidade que João coloca antes da verdade, na passagem que acabamos de citar. Ele era cheio de misericórdia (Jo 1:14). Em Jesus o Sol de amor se erguia nos céus e lançava os seus raios sobre o mundo todo. Procuremos captar alguns deles com os nossos olhos espirituais.

Jesus foi o primeiro Homem a estabelecer a conexão entre amor a Deus e amor ao próximo; dois mandamentos, mas o segundo é tão grande quanto o primeiro (Mt 22:38ss.). Dia a dia, e hora a hora Ele praticou o que pregava. Embora estivesse entre os homens, Ele tinha um constante contato com Deus; para Ele, os homens eram criaturas de Seu Pai, e o Pai os havia dado a Ele. Se todos os Seus atos para com eles eram de serviço, esse serviço aos homens, para Ele era serviço a Deus — isto é, uma forma, se não exatamente a forma, pela qual Ele podia servir ao Deus invisível. Naqueles dias o amor aos homens recebeu "status" de nobreza que desde então jamais perdeu.

Pela primeira vez no mundo verificou-se uma reavaliação nunca vista de todos os valores; e nunca poderemos voltar atrás — pelo menos por qualquer extensão de tempo — para as coisas como eram antes de então. Daquela época em diante, a verdadeira grandeza não reside mais em governar, mas em servir. "Quem quiser ser o primeiro entre vós, será o servo de todos". (Mc 10:44). Pois "o Filho do homem... não veio para ser servido, mas para servir" (Mt 20:28). O mundo ainda conserva posições, graduações, e Jesus as reivindica para Si próprio (Mt 23:8, 10). Mas a reivindicação se torna válida mediante o serviço prestado. Até aquele tempo o serviço era algo vergonhoso, era um destino melancólico colocado como um jugo sobre os ombros das pessoas de humilde condição; o trabalho era para os escravos. Mas desde então ele se tornou um privilégio da mais invejável espécie. Não o tipo de serviço que o mundo usa aqui e ali como meio para governar os outros, mas o serviço simples que encontra felicidade em ser insignificante e útil. Considerando o que Jesus disse, podemos verificar que Ele estava plenamente consciente do contraste que Ele estabeleceu com os ideais que eram válidos até então (Mt 20:25s.; Jo 13:34). A este respeito, judeus e gregos eram semelhantes; prosperidade, honra, reputação, sucesso e poder, ocupavam um lugar de destaque entre as coisas pelas quais o judeu lutava. Para o grego o ideal era a liberdade do homem livre, que encontra no domínio sobre os outros a realização do seu ego. Até mesmo os estóicos planejavam para si um maravilhoso composto de renúncia e auto-promoção. Jesus realizou uma reavaliação jamais vista; intelecto, beleza e força, riqueza, poder e reputação passaram a não ser mais as coisas dignas de serem procuradas, mas humildade e servidão exercidas voluntariamente. O

mundo ouviu isto atônito e maravilhado, desde então. Mas a sabedoria e a justificação desta revelação pode ser sentida e provada. E por fim, até o mais nobre dentre os reis se curvou diante desta regra, confessando-se servo dos seus súditos.

*** * ***

O sol nascente do amor, que vemos em Jesus, tinha um brilho ardente — pode-se mesmo chamá-lo de calor consumidor. Todas as outras pessoas estão preocupadas, pelo menos em parte, consigo mesmas, desejando ser e fazer algo no mundo, para ter sucesso na vida. Mas para esse Jesus, o serviço era o único propósito da existência. Ele veio apenas por amor aos outros (Mt 20:28). Foi por isso que era fácil todos ficarem gostando dEle. As necessidades, tanto físicas como espirituais O moviam com compaixão — de fato, Ele considerava a ambas da mesma forma (Mt 9:36s; 14:14). Ele sempre ficava comovido ao ver lágrimas (Lc 7:13; 8:52; Jo 11:33; 20:15); o Seu espírito compassivo sentia o apelo de todos os filhos dos homens. A miséria da humanidade se apoderava dEle; Ele permitia que os Seus sentimentos se tornassem intensos, e em Suas ações, o Seu coração se abrasava. Até mesmo Confúcio, o altamente louvado, concorda com Tobias (4:15) em apresentar como sua opinião cuidadosamente ponderada, as palavras seguintes: "Não faças a ninguém o que não queres que lhe façam," aconselhando desta forma uma justiça que dá a cada pessoa o que lhe cabe, sem auto-sacrifício. Enquanto isto, o princípio mais importante que sublinhava os atos de Jesus era o que Ele pregava sem hesitação: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mt 7:12), embora Ele bem soubesse que os desejos dos homens voltam-se ilimitadamente para eles próprios.

Embora Ele fosse um estranho no mundo, isolado, incompreendido, preferindo estar a sós com o Seu Deus, o Seu amor era tão forte que transformou-o em um Homem que ansiava por ter contato com os outros, sempre preparado para estabelecer um elo de ligação com todos os homens. Para Ele, o amor nunca era uma emoção sentimental; os Seus atos nunca eram motivados pelo desejo de ter a agradável consciência de que Ele estava tendo uma vida de sacrifício próprio. Essa característica fraca, efeminada, estava bem distante do Seu caráter. O Seu amor era vontade inflexível, ação e serviço. Havia nEle um amor tremendamente *ativo*, que muitas vezes ameaçava consumi-lo com o seu brilho ardente. Ele não dava nenhuma consideração a Si próprio, ao amar. A noite se tornou dia quando Nicodemos O visitou (Jo 3:2); o cansaço foi esquecido em Sua conversa com a simples mulher samaritana (Jo 4:6); e da mesma forma, a necessidade de alimento e bebida (Jo 4:31; Mc 3:20).

Essa maneira de viver para os outros sempre será incompreensível para os sentidos humanos e naturais; portanto, podemos entender logo como Jesus foi certa vez declarado como louco por esta mesma razão (Mc 3:21). Mas Ele encontrara a Sua segurança em Deus e, ancorado ali, sem hesitação Ele transferiu o centro de gravidade de Si mesmo para os outros. Este amor sem reservas, esta integridade maravilhosa de amor, que ameaçava consumir o seu possuidor, nunca fora visto antes no mundo; e Jesus podia dizer aos Seus seguidores sem exagerar: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34), e, como podemos acrescentar, imitando-o, somente os filhos dos homens que entraram com Jesus na grande herança do Irmão primogênito, realmente podem amar.

*** * ***

Porém, há outro sentido em que o exemplo do Seu amor deu aos seguidores de Jesus um mandamento inteiramente novo. Através dEle, o amor perdeu as suas limitações locais. "O homem é um lobo para os desconhecidos," dizia o provérbio romano, e o ponto de vista judaico não ia muito longe, pois a idéia dos judeus a respeito de quem era o seu próximo parava antes das fronteiras do seu próprio país. Se o amor aos compatriotas era exigido pela lei, em compensação manifestava-se um profundo ódio pelos estrangeiros. Jesus respondeu à pergunta do doutor da lei: "Quem é o meu próximo?", dizendo: Não gaste o seu tempo imaginando quão perto pode estar o

próximo de alguém, mas ganhe para você o nome de próximo, da parte de todos os que procurarem a sua ajuda; e esta simples resposta (Lc 10:36) nos dá uma visão clara da incomensurabilidade do Seu amor. Jesus faz para todos o que estamos dispostos a fazer apenas por aqueles que pertencem ao nosso círculo imediato de relações; Ele está pronto a ser o próximo de todo mundo.

A exegese rabínica de Zacarias 9:10 mostrava que o Messias era severo para com as outras nações, temo para com Israel. Não estava decidido se Ele iria destruir as outras nações, ou colocá-las debaixo do Seu governo. Só uma vez ou outra surgia a idéia de que nos dias do Messias as nações poderiam se tornar para o judaísmo. Porém, como o amor de Jesus voou alto, acima dessas opiniões, quando disse: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las" (Jo 10:16). Nesse dia em que foram pronunciadas estas palavras, o amor perdeu as suas restrições nacionais.

Além disso, este ilimitado amor de Jesus estava totalmente livre de imprecisões indefinidas ou frases bombásticas, como "Saudações ao mundo todo!" mas descia direta e continuamente ao nível dos indivíduos. É por isso que, embora as palavras de outras pessoas tenham sido registradas, ouvimos falar mais das palavras de Jesus. As pepitas do Seu pensamento ocorrem nas Suas conversas com as pessoas individualmente. Ele tinha tempo para todo mundo; Ele nunca parecia estar com pressa; Ele parava ao lado de mendigos que O chamavam (Lc 18:40); Ele não Se enfadou com a fastidiosa conversação por sinais com o homem que era surdo e mudo (Mc 7:33). Não obstante, ao mesmo tempo, o Seu amor se estendia ao mundo todo. Naqueles dias, o ouvido e o coração paternal de Deus se colocaram à disposição de todas as pessoas, para sempre.

Em seu famoso hino de amor, que não é nada menos do que um retrato falado da pessoa de Jesus, Paulo diz: "O amor tudo crê, tudo espera" (I Co 13:7). Mas onde Paulo encontra em Jesus esta fé esperançosa de amor? Jesus tinha pelos homens uma elevada opinião e grande respeito, porque Ele cria no futuro deles. A nobreza dos homens não está no que ele é, mas naquilo em que ele pode tornar-se. Jesus foi o primeiro a nos ensinar que "a alma de todo pobre miserável, todo patife e todo tolo devia ter o mesmo valor metafísico que a de um Michelangelo ou um Beethoven." Assim Ele cria e esperava todas as coisas. Foi assim que Ele pôde amar como amou, e mesmo assim não morrer com o coração partido.

Se passarmos aos milagres de Jesus, entraremos em território sobre o qual só o Seu amor tinha domínio. Por que realizou Ele os Seus milagres? Claro que há várias respostas corretas a esta pergunta. Sem dúvida Ele procurava chamar a atenção do povo e persuadi-lo a ouvi-10. E quando Ele conseguira a atenção do povo, freqüentemente preocupava-Se em que o assunto de cura não tomasse o tempo necessário para o ensino, e os Seus milagres eram relegados a segundo plano (Mt 9:28).[69] João também certamente está correto em dar-lhes o nome de "sinais," (Jo 2:11, 20:30), isto é, atos que deviam ser símbolos de acontecimentos na vida mental e espiritual. Não obstante, é indubitável que, acima de tudo, era o amor de Jesus que encontrava o seu triunfante apogeu nos milagres, experimentando neles satisfação, descanso e conforto. Orígenes observa corretamente que os milagres de Jesus eram muito superiores aos dos operadores de milagres pagãos, porque não eram mera mágica, mas sempre serviam a um objetivo moral. Em suma, eles serviam ao Seu amor, e ao fazê-lo, ligavam-se de maneira peculiar com a essência da Sua personalidade. Os evangelistas descrevem o Seu trabalho diário, dizendo que Ele curava e ensinava (Mt 4:23; 9:35;Lc 5:15, 17). Há uma profunda conexão entre a miséria da doença e a miséria do pecado; as necessidades físicas e espirituais não podem ser separadas neste mundo, e Jesus sempre teve compaixão em relação a ambas. O significado da Sua missão era que Ele tomou ambas sobre Si. É nas duas profissões de mestre e médico que o amor se aproxima mais das pessoas que têm pequeno valor aos olhos do mundo. E enquanto Ele curava e ensinava, a Sua glória se tornou visível a todos, uma glória que era cheia tanto de misericórdia como de verdade.[70]

Um historiador moderno nos afirmou que o poder é sempre uma coisa má. Se houve na história um homem que teve a inclinação para desempenhar um papel importante, foi este Jesus. O

---

[69] Primeiramente o cego recobrou a visão dentro da casa, e depois foi proibido de falar a respeito do assunto.

[70] Na carta a seu pai, Livingstone disse: "Deus tinha só um Filho, que se tornou missionário e médico. Eu sou uma fraca, uma pobre imitação dEle, ou estou tentando sê-lo."

Seu poder era tão grande que nele havia uma irresistível tentação para esquecer que o significado da vida é serviço, Que espécie de predecessores teve Ele? Moisés, Elias, Jeremias, e todos os outros usaram o seu poder para alcançar os seus próprios objetivos, de vez em quando — vingarem-se e aumentarem a sua própria importância, que dizer dos que vieram depois dEle? Até Pedro e Paulo, irritados e impacientes, caíram novamente nos velhos caminhos (At 5:9; 13:11). Mas todo o poder de Jesus, sempre e sem exceção, foi colocado a serviço do amor divino, e até na última noite Ele não permitiu que um homem fosse ferido por Sua causa (Lc 22:51).

É verdade que a maioria dos milagres de Jesus foram os de cura, mas a razão para isto foi que era quase sempre em favor dos doentes que a Sua ajuda era requerida. Quando este não era o caso, Ele inesperadamente exibia o Seu poder sobrenatural em outras direções — alimentando o povo no deserto, na tempestade do lago, no casamento em Caná, na casa de luto. Contudo, era sempre o desejo de servir que o Seu amor O movia; os Seus milagres nunca eram realizados como mera manifestação de poder.

Já dissemos que os Seus milagres eram governados pelo amor, e há um ponto em que o seu calor radioso é particularmente evidente. Estamos falando do Seu contato físico com pessoas doentes. Naqueles tempos, um Surdo-mudo era mais um objeto de horror do que de piedade. Aristóteles, que tinha uma compreensão mais profunda da natureza do que muitas pessoas, ainda assim podia dizer: "Os surdo-mudos são incapazes de receber cultura humana." As pessoas que vieram rogar a Jesus em favor de um Surdo-mudo podiam ter sido muitas vezes os seus atormentadores, e por isso Jesus "tirou-o da multidão" (Mc 7:33). O pobre homem não devia ser perturbado e amedrontado por faces que conhecia; devia ver apenas os olhos compassivos de Jesus, e sentir o Seu toque amável. Isto o fazia lembrar da sua aflição, enquanto que "erguendo os olhos ao céu" o lembrava que dali vinha o socorro (v. 34).

Os hebreus consideravam o leproso como pessoa castigada (por Deus) e, se ele fosse curado, requeriam-se holocaustos, ou ofertas pelo pecado. Ele era expulso da sociedade, para que as outras pessoas não se tornassem impuras. (N.T.: Eles achavam que a lepra era contagiosa.) Havia também o temor justificado de infecção, bem como o sentimento natural de repulsa. Quando Jesus os tocou, com a amabilidade do Seu coração, e sem medo, eles devem ter sentido um quente raio de luz a tocá-los.

Podemos entender o que esse toque amoroso deve ter significado para o cego que não podia ver os olhos ternos de Jesus; para o Surdo-mudo, em cujo ouvido a Sua voz amável não podia penetrar. E podemos reconhecer, também, como os corações dos pais devem ter sido tocados, quando Jesus afetuosamente tomou as mãos frias de sua filha morta (Mc 5:41); pois Ele viveu em uma época em que o contato com um cadáver fazia até uma coisa sagrada tornar-se impura. E assim, também desta maneira, o amor de Jesus celebrou o seu triunfo mediante os Seus milagres.

*** * ***

Dos milagres passamos à profecia, e mais uma vez verificamos que o amor era o único poder que movia Jesus a profetizar. Não fora isto que acontecera em épocas anteriores. Freqüentemente os profetas do antigo pacto prediziam com olhos flamejantes o castigo iminente dos seus adversários, animados, por irritação pessoal ou pelo propósito de sustentarem laboriosamente a sua própria reputação. Jesus profetizou a queda da cidade que matava os profetas, mas com lágrimas (Lc 19:41); e para muitas pessoas que viviam dentro dos seus muros, as Suas palavras foram uma advertência útil. Se pensarmos nos discípulos, veremos como cada palavra de profecia que Jesus lhes pronunciou estava permeada de amor fiel. Por que Ele lhes falou tantas vezes a respeito do Seu sofrimento iminente? Certamente para que quando acontecessem aqueles fatos incríveis, eles não ficassem irreparavelmente decepcionados com Ele. Pelo contrário, eles deviam encontrar apoio, então, no que Ele havia predito; Ele sabia que aquilo haveria de acontecer; agora eles deviam encontrar por si mesmos o significado daqueles acontecimentos (Jo 13:19). Foi pela mesma razão que Ele falou repetidas vezes da queda do Templo: o Seu amor tomou providências para que eles escapassem em tempo (Mc 13:14ss.). Ou, quando Ele falou-lhes a

respeito da Sua Segunda Vinda, o Seu amor estava tentando consolá-los e recomendar-lhes que vigiassem (Mc 13:28ss., 33, 36). Todas as Suas profecias podem ser chamadas de atos das mais detalhadas e minuciosas providências para cuidar das almas dos homens. Pedro não foi salvo de cair, por causa da predição de Jesus (Mt 26:31); mas posteriormente só um olhar de Jesus foi suficiente para ajudar aquele discípulo a voltar atrás em seus passos (Lc 22:61). É verdade que os onze discípulos desertaram e fugiram, mas eles sabiam de antemão que lhes seria permitido encontrar o caminho de volta para Ele (Mt 26:31). Assim sendo, cada uma das profecias de Jesus foi uma manifestação do Seu amor.

*** * ***

É necessário que reconheçamos como, em outros aspectos também, tudo o que Jesus disse foi governado e medido pelo amor. Ao lidar com a multidão e com pessoas individualmente, como o Seu amor procurava a palavra exatamente certa! A forma dos Seus discursos era muito variada, dependendo se eram dirigidos aos discípulos, ao povo, ou aos fariseus — ora didáticos, ora graciosos, ora como uma tempestade. E quase incrível que o mesmo homem esteja falando com a mulher samaritana (Jo 4), com Simão, o fariseu (Lc 7:36ss.), com Pilatos, o governador (Jo 18 e 19). Ele tinha o cuidado para nunca falar demais, nem de menos. Em cada situação individual, o Seu amor abria caminho, de acordo com a atmosfera e a linha de pensamento. A Sua linguagem era adaptada não a Si mesmo e ao Seu conhecimento, mas sempre à pessoa com quem estava falando, e Ele tomava providências de acordo com a capacidade de entender da pessoa (Jo 3:12). No princípio Ele Se restringia cuidadosamente, não contando aos discípulos tudo o que mais tarde eles deveriam saber — por exemplo, a confissão de que Ele era o Messias, e a necessidade do Seu sofrimento - e até na noite anterior à Sua morte, o Seu amor silenciou a respeito de muitas coisas, porque os Seus seguidores não estavam capacitados para suportá-las (Jo 16:12). Por outro lado, desde os dias de Cesaréia de Filipe, Ele nunca Se cansara de repetir muitas coisas que não eram entendidas, como o anúncio dos Seus sofrimentos — tanto quanto fosse necessário para os Seus discípulos as compreenderem — inculcando-as neles mediante frases exatas e repetitivas (Mt 16:21; 17:22; 20:18), de forma que quando chegou a hora, as sementes que Ele havia semeado na memória deles deu fruto. E também, o fato de que a idéia de recompensa está evidente tantas vezes, e que Ele contínua e claramente descreveu a recompensa que eles receberiam, é apenas uma concessão do Seu amor para os fracos. Para Si mesmo, o pensamento de recompensa jamais teve a menor parte em qualquer momento da Sua vida, mas para os Seus seguidores ela era importante como alívio, especialmente quando Ele estava exigindo algo difícil deles.

O amor que governava todos os Seus sentimentos sem dúvida foi o motivo de ser excluída de Suas palavras toda a gama de ironia, zombaria e sátira. O velho Elias, no Monte Carmelo, zombou dos profetas de Baal (I Re 18:27) e há tons satíricos em Isaías (Is 44:12-19, 58:5).[71] Kirkegaard diz ser sua opinião que a sátira é justificada como arma apenas quando há indignação moral, mas que em tal caso ela é necessária. Todavia, a sátira é sempre descaridosa, apresentando muitas vezes características de irritação e amargura pessoal; assim, Jesus nunca usou dela quando falava.

Contudo, há um hábito peculiar e muito característico nas Suas palavras, que precisamos examinar agora. O amor parece rir em voz alta neste Seu costume. Referimo-nos às Suas radiantes parábolas. De fato, foi o amor que levou-o a falar de maneira tão simples e franca, na linguagem do povo — algumas vezes Ele gostava de falar em contrastes, algumas vezes assumindo um ponto de vista tão parcial a respeito de um assunto, que o povo podia declarar que aquilo era exagero ilimitado; algumas vezes expressando-Se de maneira tão fantástica que o povo ria do que Ele dizia. Não Lhe importava se eles riam ou zombavam, conquanto fossem eles despertados do seu sono! Mas as parábolas eram o melhor que o Seu amor podia criar em termos de figura de linguagem. De fato, elas são obras primas do amor. O difícil assunto do Reino do Céu se vestia das roupagens dos

[71] A descrição satírica dos que jejuavam. Mesmo quando essa passagem foi colocada diante de Jesus, Ele omitiu o travo satírico (Mt 6:16).

incidentes de rua e da vida diária, e desta forma, colocado em uma forma que até uma criança podia entender. Aqui está outro assunto que, se declarado abertamente, teria feito com que o povo se afastasse de Jesus imediatamente, desiludido (Mc 4:34); contudo, sem diluí-lo, Ele ocultou o seu significado de tal forma que até a multidão recebeu a revelação calmamente. Aqui, é emprestada uma intrigante metáfora a um pensamento sério, de forma que o povo é provocado a pensar no significado mais profundo que está por trás dele, e pedir explicações. Aqui há mistérios que têm a tendência de permanecer quase inteiramente ocultos, até dos discípulos, por enquanto, boa parte dos quais só seriam explicados plenamente num futuro distante, quando o sucesso tivesse destruído o seu ideal anterior do Reino de Deus, e esses mistérios estivessem gravados na memória deles de forma que os tornassem inesquecíveis. Sim, a razão por que o Reino de Deus tem que vir de certa maneira é finalmente revelada — porque há leis da vida e da natureza, cuja força compelidora pode ser observada diariamente em outras regiões. Dizem que Jesus gostava muito de falar em parábolas. Não estou certo se esta é uma expressão feliz. De qualquer forma, Ele nunca perseguiu um ideal estético, mesmo o mais belo deles; Ele apenas Se preocupava com o seu efeito prático. Mas é verdade que existe nesta forma de discurso uma grande condescendência. Ele via pessoalmente o mundo espiritual com muita clareza, mas descia até o nível dos homens, e falava-lhes, não da maneira como Ele pensava, mas da maneira como eles pensavam, pintando muitas vezes os Seus quadros com cores magnificentes, de forma que elas atraíssem as pessoas. Dessa forma, as parábolas se colocam em primeiro lugar como monumentos ao Seu amor.

A grande maioria do povo pode ser ensinado por ilustrações. Foi por isso que o amor de Jesus foi ainda além da ilustração mediante parábolas. Ele pede que Lhe seja mostrada a moeda do tributo (Mt 22:19); Ele coloca uma criança no meio dos discípulos (Mt 18:2); Ele aponta para os lírios do campo e as aves do céu (Mt 6:26, 28); para a rede do pescador no lago (Mt 13:47); para o semeador em seu campo (Mt 13:3), usando-os a todos como ilustrações instrutivas. Esta forma de ilustração expandiu-se em atos simbólicos. Os discípulos deviam aprender que o maior entre eles devia ser o servo de todos, e Jesus toma uma toalha e uma bacia, e lava os pés deles (Jo 13:14); eles precisam ficar sabendo que Ele deve morrer, e toma o pão que simboliza o Seu corpo, e o quebra diante dos olhos deles; Ele deve morrer por eles, e assim entrega-lhes o pão quebrado, para que o comam (Mt 26:26); eles precisam saber onde Ele estará, que está indo para o Pai no céu, e por isso, desaparece nos céus, diante dos seus olhos (At 1:9). Todas as palavras a respeito da Sua morte permaneceram incompreensíveis, mas aqui também o amor, com a sua arte inventiva, encontrou os meios pelos quais a Sua morte foi entendida para todo o sempre — por você!

Onde quer que olhemos, vemos o mesmo quadro: um amor que condescendeu para com os que não conseguiam entender.

*** * ***

"Como tens sido terno para mim," canta Tersteegen em um dos seus mais belos hinos. Seríamos culpados de omissão, se não seguíssemos a idéia sugerida aqui — a ternura do amor de Jesus. Para que o possamos compreender, entremos primeiramente na sala do banquete de Simão, o fariseu, juntamente com uma mulher amedrontada que se esgueira pela porta adentro. Ela cai aos pés de Jesus, chora sobre eles, molhando-os com suas lágrimas, enxuga-os de novo com seus cabelos, e então os unge com o perfume que trouxera consigo. Todas as pessoas que estão na sala acham que Ele tem o direito de tratar essa mulher com todo o desdém; palavras pejorativas a respeito dela são ouvidas por toda parte. Mas Jesus a trata com a maior consideração. Ele não fala a ela, seja para instruir, seja para louvar, pois isto a confundiria e emocionaria ainda mais. Ele fala a respeito dela, e desta forma ela aprende a entender a si própria. Ela está tão enlevada com a sua tristeza e a sua alegria, que talvez não entenda o que Ele está contando aos outros a respeito dos dois devedores. Com que gentileza ele faz Simão lembrar que ele também é devedor diante de Deus, embora seja dez vezes melhor do que essa mulher! Como ela levanta a cabeça quando Ele, ao perguntar "Vês esta mulher?" de repente faz dela o foco de todos os olhares! Ele não lhe diz, dura e severamente: O grande amor dela me mostra que ela é pecadora, mas "Perdoados lhe são os seus

muitos pecados" (Lc 7:36-48).

Junto ao Poço de Jacó, Jesus Se encontrou com certa mulher de caráter não muito superior, cujo tenebroso passado manifestou-se claramente diante dos Seus olhos (Jo 4:18). Deveria Ele confundi-la com este fato? Não era Seu costume apossar-se da alma humana pela violência. Primeiro, Ele tentou outro método.

E também, houve a volta do discípulo que O havia negado. Não se disse nenhuma palavra do que havia acontecido. Tudo o que Ele fez para fazer Pedro lembrar-se de que O havia negado, foi perguntar-lhe três vezes "Tu me amas?" (Jo 21:17ss.), e ainda mais claramente, fazê-lo lembrar do que acontecera anteriormente: "Amas-me mais do que estes outros" (Jo 21:15; Mt 26:33).[72]

Foi tão somente repetindo as próprias palavras do que duvidara, que Jesus repreendeu a Tomé (Jo 20:27). O ancião que permanecera trinta e oito anos doente à beira do Tanque de Betesda foi lembrado do seu pecado anterior só depois de ter sido curado, e quando estava a sós com Jesus (Jo 5:14). Até o traidor foi poupado, e a sua identidade só foi revelada ao discípulo amado (Jo 13:26). Em todas as ocasiões verificamos a mesma ternura em Seu amor.

Quando Ele visitava enfermos, a mesma coisa acontecia. Sabemos como os profetas defrontaram-se rudemente com os reis, quando eles estavam doentes (II Re 20:1; 1:6); a severidade do pregador não parava na porta do quarto do enfermo. Jesus também entendia a conexão entre pecado e castigo, como por exemplo no homem possesso por demônios, mas o que Ele sempre expressou foi compaixão, simpatia e amor ilimitado.

Devia irradiar-se um fulgor da Sua pessoa, um resplendor de grande amabilidade e bondade. Ele pegou uma criança e colocou no meio de vários homens agitados. Como Ele deve ter sido amoroso! Se assim não fosse, a criança teria chorado o tempo todo! (Mt 18:2). Vemo-lo ainda mais claramente em outro incidente. As crianças acabavam de ser repreendidas pelos discípulos, a qual eles não conheciam, mas imediatamente depois, elas estavam sentadas no colo de Jesus, recostando-se nEle, embora Ele também lhes fosse estranho (Mc 10:13, 16). Ouvimos também a ternura da Sua voz, quando Ele chama os discípulos de "filhos" (Mc 10:24; Jo 13:33), ou aqueles que vinham correndo para Ele com suas petições, de "Meu filho," "Minha filha" (Mt 9:2, 22). Ele devia pronunciar os nomes daqueles que Lhe eram mais queridos de maneira diferente, de qualquer outra pessoa, pois na manhã da Ressurreição as escamas caíram dos olhos da Madalena, quando ela ouviu a voz dEle chamá-la de Maria (Jo 20:16). Ele sabia que fizera raiar o sol da alegria para os Seus seguidores, e por isso não hesitou em dizer que os Seus dias eram dias do noivo (Mt 9:15). Nos dias do Salmista, chorar com os que choram era considerado uma virtude (Sl 35:13); porém, seis dias antes da Sua morte, Jesus tomou parte em uma reunião alegre com os três membros da família de Betânia, regozijando-Se com eles — uma arte difícil para a raça que, como diz Kant, era capaz de regozijar-se no infortúnio do seu melhor amigo.

Ele sabia qual era o desejo de todos os homens: o estrangeiro desejava abrigo, o prisioneiro e o doente, visitas (Mt 25:35s.), os publicanos e pecadores que um homem honrado se sentasse à mesa com eles (Mt 9:10). Uma radiante afeição acompanhava todos os Seus passos. Judas O traiu com um beijo; Ele repreendeu Simão, dizendo: "Não me deste ósculo" (Lc 7:45); o antigo costume de saudar com um beijo mais tarde se tornou um costume cristão (I Co 16:20; I Pe 5:14; Rm 16:16); e de todos estes fatos podemos depreender que esta forma de saudação era um hábito de Jesus, e que Ele dava valor a um abraço.[73] O apóstolo estava copiando o exemplo de seu Senhor quando escreveu: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal" (Rm 12:10).

Porém, ainda não dissemos tudo o que se deve dizer a respeito da ternura do amor de Jesus. Os que foram testemunhas oculares da Sua vida receberam a impressão de que Ele não apagaria o tição que fumega (Mt 12:20). Com que palavras amáveis e encorajadoras Ele reconhecia e louvava os tíbios inícios de fé (Mt 8:10; 15:28; 16:17ss.), como provas de amor (Mc 14:6ss.; Lc 22:28s.), a menor tendência para a bondade (Lc 7:41; 15:29, 31; em ambas as vezes, em uma descrição dos fariseus). Como Ele desculpou suave e condescendentemente os discípulos, quando eles colheram

[72] Zinzendorff calculou que, de acordo com os cânons da Igreja, compostos mais tarde para os penitentes, Pedro precisaria ficar ajoelhado diante da porta da igreja pelo menos durante quinze anos.

[73] Cf., também, o encontro entre o pai e o filho pródigo (Lc 15:20)

espigas de trigo (Mt 12:1s.), os discípulos de João que jejuavam (Lc 5:39), João Batista que duvidava (Mt 11:7s.), e até o injusto Pilatos (Jo 19:11). Foi devido à ternura do Seu amor que Ele enviou os discípulos dois a dois (Mc 6:7; 14:13; Lc 10:1; Mt 21:1), e os proibiu de ferir os sentimentos dos seus hospedeiros, mudando de casa em casa, procurando talvez mais conforto (Lc 10:7).

Foi a ternura que O levou a recomendar-lhes que descansassem quando eles voltaram da sua primeira viagem (Mc 6:31). Muitas vezes encontra-se grande sensibilidade nas pessoas humildes. Os grandes da terra, com as suas cabeças cheias de idéias, planos e projetos, levam as coisas mais facilmente. Os que examinam de perto verão que este Homem, que levava no coração o destino do mundo, e cujos olhos podiam ver tão longe, assim mesmo conseguia sentir uma maravilhosa ternura por todos os que entravam em contato com Ele.

*** * ***

Havia também algo de heróico no amor de Jesus. Levado pelas asas de águia, esta característica O pôs a uma altura jamais alcançada por homem algum: Ele amou os Seus inimigos. A sugestão de que o homem devia amar os seus inimigos já se fizera ouvir antes; mas qualquer pessoa que requeresse tal coisa sempre a encarara do Seu ponto de vista, tentando defender-se contra os insultos desdenhando deles, ou tentando torná-los suportáveis mediante toda sorte de ditados e máximas mundanas — de que, em certo sentido, o inimigo era o seu maior amigo; ou que se deve j conquistá-lo amontoando brasas de fogo sobre a sua cabeça. Era fácil I perdoar o inimigo quando ele estava no chão, aos seus pés; era também fácil para o homem piedoso que se conservava em paz e deixava o assunto nas mãos de Deus (Sl 37:7-10), talvez com um clamor secreto pedindo vingança. Mas em todos os casos, havia um medo de que, ao perdoar o inimigo, a pessoa estivesse se entregando, bem como ao desejo de ocupar o seu lugar no mundo — na verdade, um assunto bem difícil para pessoa envolvida em assuntos mundanos. Jesus mudou completamente o centro de gravidade deste assunto. Ao defrontar-Se com o Seu inimigo, ele não perguntou mais: Como Me livrarei de qualquer dano? mas: "Como o livrarei de qualquer dano? e a resposta era dupla: mediante um perdão completo e oração intercessória a Deus. Esta não era meramente a perfeição heróica da pessoa de Jesus, mas uma compaixão verdadeira pelo inimigo. Jesus estava muito acima do desejo de vingança, e demandou a mesma atitude dos Seus seguidores (Mt 5:44). Embora Ele amasse a justiça, Ele esforçou-Se para encontrar alguma desculpa para os Seus inimigos, conquanto que isso não ofendesse a verdade. "Pai ... eles não sabem o que fazem" (Lc 23:34). Desde os dias da mudança de destino na Galiléia, quase todo o amor que Ele manifestou, como o veremos se o examinarmos de perto, foi amor pelos Seus inimigos — a compaixão mais extremada por eles. "Amor?" gritou o mulato infeliz na casa de Legree *(A Cabana do Pai Tomás);* "devemos amar aos nossos inimigos? Carne e sangue não conseguem fazer tal coisa." Isto certamente é verdade, mas esta foi a obra prima da glória peculiar do Seu amor.

*** * ***

O sofrimento secará e desabrochará, e muitas flores delicadas nascidas do amor foram cruelmente esmagadas debaixo dos pés. Mas foi através do sofrimento que toda a força do amor de Jesus foi revelado, a princípio. O discípulo que reclinava-se no Seu peito exclamou, atônito: "Tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (Jo 13:1). Sim, até o fim! A Sua mente não estava preocupada com os Seus problemas pessoais, excluindo tudo o mais, como se pode supor; eles não O levavam a permanecer frio em relação aos outros, mas tinham o efeito de um vento oriental soprando sobre um incêndio — o Seu amor flamejava como nunca, tornando-se um servo da glória do Seu amor. Havia um jardim em que Jesus entrava com Seus discípulos, sempre que possível. Ao subir o Monte das Oliveiras, onde ficava esse jardim, Ele esquecia o Seu destino, que deveria realizar-se ali, e pensava apenas nos Seus discípulos — "Todos vós vos escandalizareis de mim naquela noite" (Mc 14:27). Então Ele falou particularmente com Pedro, para que depois da

sua terrível queda aquele discípulo pudesse se levantar de novo mais facilmente. À sombra das oliveiras do jardim, as Suas necessidades chegaram ao máximo. Mas outra vez Ele não esqueceu os Onze, e por três vezes voltou para adverti-los e lembrá-los, enquanto eles dormiam pesadamente, que naquela noite terrível eles deviam conservar a mente clara, mediante a oração (Mc 14:38). Quando Jesus foi levado prisioneiro, Pedro feriu um dos servos, mas tão logo Ele viu o ferimento, curou-o, embora fosse Ele quem os soldados estivessem procurando tão implacavelmente (Lc 22:51). Depois, Ele Se entregou, mas por fim estendeu as Suas mãos protetoras sobre os Onze (Jo 18:8). Quando ficou entre dois soldados na corte do sumo sacerdote, escarnecido, zombado, coberto com uma mortalha, certamente estava pensando em si mesmo. Não: os Seus olhos esquadrinharam todo o salão, até encontrar o canto onde brilhava uma fogueira, e Ele ajudou a Pedro com um simples olhar (Lc 22:61). Ele não repreendeu o rude labrego que o feriu na face diante da assembléia reunida, mas procurou levá-lo a reconhecer a sua falta (Jo 18:23). Ele gentilmente fez o governador romano, que estava jactando-se do seu poder, reconhecer que havia Alguém lá em cima que era ainda mais poderoso, mas ao mesmo tempo procurou tirar parte da responsabilidade de sobre os ombros dele (Jo 19:11). Quando viu as mulheres chorando, não pensou no Seu próprio destino, mas apiedou-se delas (Lc 23:28). E quando o crucificaram, e Ele experimentou a horrível tortura dos membros atravessados por pregos, dilacerados, a circulação impedida, e a agonia da sede, foi como se Ele estivesse ali dependurado por puro amor; primeiro Ele orou pelos Seus torturadores (Lc 23:34), e depois tomou providências em relação à Sua mãe (Jo 19:26), e por fim consolou abundantemente um pobre ladrão, com uma dádiva como a que os reis outorgam (misericórdia: Lc 23:43).

Se pudermos entender tudo isto, poderemos compreender o jubiloso grito de João: "Ele amou até ao fim!" E isso, não enquanto estava sendo ternamente tratado, recebendo demonstrações mil de amor, como outras pessoas experimentam nas suas últimas horas, mas enquanto estava sendo tratado de maneira vergonhosa, até mesmo por Seus seguidores. A despeito de tudo, Ele amou até ao fim!

*** * ***

Naqueles dias, o amor de Jesus realizou as coisas maiores que tinha para cumprir. "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a Sua vida pelos Seus amigos." Não foi a primeira vez que um homem deu voluntariamente a sua vida. Mas em tais casos, a vida era dada por alguém ou algo amado e apreciado — era o ato heróico de uma mãe devotada ao seu filho, ou de um homem que dava a vida pelo seu país. E geralmente o risco era assumido, na esperança de que ainda haveria um escape do perigo que ameaçava aquela vida. Mas Jesus deu a Sua vida por um mundo hostil que O havia tratado cruelmente, e ao qual não devia nenhuma gratidão; por um mundo estranho, para o qual Ele fora um estranho, tanto quanto este era para Ele; por uma humanidade que deve tê-lo desgostado por causa da sua insignificância e vulgaridade, sua abjeção e maldade. E também, não havia a menor possibilidade de que, ao arriscar a Sua vida, Ele pudesse salvá-la. Pelo contrário, Ele sabia exatamente como Lhe seria amargo e difícil suportar o madeiro vergonhoso. Não obstante, Ele Se entregou! Foi então que o Seu amor recebeu a sua consagração máxima.

Sabemos que Jesus designou o serviço aos outros como propósito do Seu advento. Quando O fazia, Ele acrescentava ao mesmo tempo: "E dar a Minha vida como resgate por muitos" (Mt 20:28). Ele sabia que, ao dar a Sua vida, estava consumando o serviço que devia prestar ao mundo. Ele pagou o preço que o mundo não podia pagar. Aquele dia no Gólgota, o mandamento do antigo pacto: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" foi libertado da sua segunda e última restrição. Jesus já havia privado o "próximo" da conotação estreita que tinha,dando-lhe um significado muito mais amplo; mas agora as palavras decorativas "como a ti mesmo" foram expandidas até a eternidade, tornando-se as flamejantes palavras "mais do que a ti mesmo." Até um justificável amor próprio pode ser levado a submeter-se ao dever de se auto-negar. Desta forma, tornou-se claro como Jesus estava correto quando declarara, anteriormente: "Um mandamento vos dou" — um mandamento que o mundo nunca conhecera antes.

Isto abriu um campo incomensurável diante de nossos olhos, e tudo nele irradia a luz solar do mais fervente amor. Mais tarde, Paulo disse que "o amor é o vínculo da perfeição" (Cl 3:14), e podemos entender agora onde ele aprendeu isso — ele o havia visto no Nazareno.

Porém, ainda não dissemos tudo a respeito do amor desse Homem. Há ainda três outros lugares desse campo em que ainda precisamos colher.

CAPITULO 10

SUA HUMILDADE E PACIÊNCIA

Não há dúvidas quanto ao fato de que a humildade de Jesus não era a companheira do Seu amor, embora seja sob esta luz que ela resplandeça com maior glória. Lembre como, em inúmeras ocasiões, a veracidade e a intensidade de Jesus propiciaram terreno fértil para o desenvolvimento da Sua humildade. Este Jesus nunca tentou parecer mais forte do que realmente era; Ele lamentava francamente as Suas necessidades (Mt 26:38; 27:46); falava das Suas tentações (Mt 4:3ss.); demonstrava gratidão por socorro que Lhe era prestado (Lc 22:28); e admitia abertamente as Suas exigências físicas e espirituais (Mt 11:29; Jo 8:50). Da mesma forma, Ele não desejava saber ou fazer nada além do que Seu Pai Lhe havia confiado, e falava sem restrições das barreiras que Lhe haviam sido estabelecidas por Deus, mesmo quando os outros alegremente Lhe teriam dado crédito por coisas maiores (Mt 3:14). Nunca houve nEle qualquer sinal de jactância ou ostentação. De fato, Jesus não precisava ser tão humilde, se não fosse tão veraz.

No entanto, a Sua humildade estava arraigada em algo ainda mais profundo do que isto. Ele era um Homem que não Se preocupava nem um pouco com o Seu próprio valor. Quando Ele disse: "Sou manso e humilde de coração, não busco a minha própria glória" (Mt 11:29; Jo 8:50), não estava pronunciando palavras vãs. Até em Seu batismo Ele, o cabeça do Reino, não quis ser tratado de maneira diferente dos Seus compatriotas; mas agindo assim, logo no início de Sua carreira quis compartilhar da sina dos pecadores (Mt 3:14s.). Mais tarde, Ele humildemente recebeu o que Lhe era dado (Lc 8:3; Jo 12:6), nunca considerando, como o fez Paulo (I Co 9:15), que efeito tal atitude teria sobre a Sua posição. Em Sua humildade, não Se importava se Ele seria reconhecido como o Messias ou não, se tão somente o povo encontrasse salvação no Seu messianismo. Foi por esta razão que durante anos Ele evitou qualquer revelação aberta a respeito de Si próprio, até quando isso fosse uma bênção (Mt 16:13, 20).

Na oração Kaddish, tão reverenciada na sinagoga, e que provavelmente já estava em uso nos tempos de Jesus, a petição para que o nome de Deus seja santificado precede a da vinda do Reino de Deus. E provavelmente Jesus ligou de propósito a Oração Dominical desta forma com essa antiga e sagrada oração da Sua raça, e não Se esquivou de incorporar alguns ecos da mesma, conhecida e popular como era ela, na que nos deu como padrão. Da mesma forma, as primeiras palavras que Ele usou depois da ressurreição eram exatamente a forma costumeira de saudação (Jo 20:29; Jz 6:23; 19:20, etc).

A designação de Seus discípulos como "apóstolos" também não foi de forma, não vemos nenhum traço de qualquer esforço para ser original, mas 13:16), e o uso também tornara comum a palavra "mensageiro". Desta forma, não vemos nenhum traço de qualquer esforço para ser original, mas em tudo há a atitude de um homem realmente humilde. Maomé sempre tomava cuidado com a sua aparência, levando consigo um espelho, pente, tesouras, óleo e creme para os olhos, por onde quer que fosse. A vaidade de Buda se esgueira através dos farrapos da sua capa de mendigo. Este Jesus se movia humildemente, na aparência natural de um cidadão comum, entrando e saindo entre o povo, e vivendo em íntimo contato com ele. Ele não sabia o que era a complacente privacidade a que se entregavam os orgulhosos — *Odi profanum vulgus et arceo* (Odeio o povo comum e o mantenho longe de mim).

Em muitos casos o grande poeta inglês está correto ao dizer: "Humildade é a escada da ambição jovem." Mas Jesus, em Sua humildade, realmente nunca pensou em Si mesmo. Se o tivesse feito, como teria agido diferentemente! Pense no que Ele poderia ter conseguido tão somente pelos Seus feitos. Porém, só porque não desejava alcançar nada para Si próprio, nunca tentou deslumbrar o povo com os Seus feitos (Mt 4:6), mas os realizou em silêncio, de forma que ninguém ouvisse o seu barulho e fosse atraído para Ele por esse motivo (Mt 12:15). Ele nunca ensinou os Seus discípulos a admirá-lo, honrá-lo ou festejá-lo. Ele não tinha desejo de que isso acontecesse, e eles não ousavam fazer tal coisa. Nas horas de calmo auto-exame, Ele certamente nunca pensou em Si, mas só na grandeza da Sua responsabilidade. Seria impossível pensar em Jesus segurando um

espelho para Se admirar como Frederico, o Grande que, cônscio da aproximação da sua morte, desejou "deixar o mundo carregado com os seus favores." Depois do momento em que a Sua consciência do "ego" chegou ao seu clímax, (Mt 16:17-19), Jesus refugiou-Se na reclusão (v. 20), pois não queria parecer grande, nem mesmo diante dos Seus próprios discípulos. Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário sofrer" (v. 21). Ele conhecia a Judas muito bem (Jo 6:70), e poderia ter-Se livrado dele, evitando assim a terrível ignomínia de ser traído por um dos Seus seguidores. Mas nem neste caso nem em qualquer outro Ele estava preocupado com a Sua desonra.

Sócrates tratou os seus juízes com desdém, molestando-os zombeteiramente. Mesmo quando foi forçado a se render, o sábio não escondeu a sua superioridade; contudo, Jesus, até mesmo durante o Seu julgamento, não pensou em Si. E precisamos lembrar que Ele agiu como o fez, embora as Suas capacidades naturais pudessem propiciar-Lhe honra, poder e reputação (Jo 6:15). Ele podia dizer com verdade: "Sou manso e humilde de coração."

A humildade de Jesus é verificada em Sua mais radiosa aparência, quando ela se dedica abertamente ao serviço de Deus. A palavra alemã que significa humildade *(Demut)* significa "senso de serviço", e a mesma palavra na língua materna de Jesus, em latim e em grego, significa "pensar baixo." A mente condescende. O amor de Jesus era humilde, ou seja, dirigido para baixo, desejando rebaixar-se e servir (Mc 10:42ss.). É um erro pensar que ao servir, Jesus estava apenas ajudando. Ele Se comparou a um escravo, e ao fazê-lo, desejava mostrar-nos que o Seu serviço era algo humilde. Servir é o oposto de governar, é ajuda prestada em humildade e fraqueza. A humildade de Jesus era a vontade de prestar serviço humilde. É verdade que com isto ela ganhou forças, pois não é a mera resignação, ou a aceitação silenciosa, mas a humildade da ação, que de fato realiza algo. Freqüentemente, até mesmo em nossos dias, o interesse próprio, a ambição e o espírito comercial têm dado aos membros da raça de Jesus uma tenacidade de propósitos que não demonstra nenhuma ternura ou sensibilidade. Para com Jesus o serviço que se curvava tão humildemente, e que nunca podia ferir a ninguém, fluía do Seu amor. A sua humildade era um senso heróico, um poder; Ele desejava curvar-Se, usar todos os Seus poderes no sacrifício e no serviço humilde.

É verdade que esta humildade se manifesta contra um pano de fundo de ouro resplandecente, tornando-se desta forma ainda mais gloriosa aos nossos olhos. Este Jesus não pensava em Si mesmo de forma mesquinha, pois sabia que era o Senhor e Mestre (Jo 13:13), a única árvore verde no meio de toda a madeira seca, pronta para o julgamento (Lc 23:31). Em relação àqueles que Ele amava (Lc 10:42), e até mesmo em relação a Pilatos (Jo 18:37), Ele assumiu uma posição central, e a Sua opinião a respeito de Si mesmo seria merecedora de culpa em qualquer outro homem (Mt 12:6; 23:10).

Não obstante, esta personalidade singular, reinando solitária muito acima da humanidade, rebaixava-se ao servir humildemente, sem perturbar-se ou cansar-se. Se desejarmos ver a glória total de Sua humildade devemos olhar para o que realmente significa condescender tão humildemente (Lc 22:27;Jo 13:14).

*** * ***

Vimos que a humildade de Jesus era uma emanação e um aliado de Seu amor. O mesmo pode ser dito com referência à Sua paciência. Não estamos falando da Sua paciência diante de Deus, pois isto já foi visto no capítulo sobre a Sua obediência. Aqui queremos tratar da Sua paciência diante dos homens. É na Sua paciência sem limites que o amor de Jesus pelos homens é visto em toda a sua magnitude.

Como o Homem de paciência, Jesus não coagia os homens por meios violentos. Havia exemplos suficientes disso, mesmo na história sagrada, pois os grandes profetas da Sua raça poderiam ter sugerido a Ele o uso de coação. O Antigo Testamento fala de muitos milagres de punição — e o faz não sem satisfação. Mais tarde, os apóstolos, também, tomaram para si o crédito de tais milagres (I Co 5:5; I Tm 1:20), e nos Atos dos Apóstolos eles são conscientemente retratados como feitos poderosos (5:5, 9; 13:10s.). De fato, podemos sempre pensar em razões suficientes para

recomendar-se a violência, ou mesmo a coação através de milagres de punição. Ao privar Elimas da visão, Paulo deve ter pensado na "bênção da cegueira" que ele mesmo havia experimentado (At 9:9, 17ss.), e ao entregar Alexandre, o latoeiro, a Satanás, ele deve ter-se consolado ao pensar que o sucesso de ganhar a alma do homem desta forma superaria todas as outras considerações (I Tm 1:20; I Tm 4:14). E Jesus? Em palavras como "até quando estarei convosco?" (Mt 17:17), vemos claramente o tremor da Sua alma, quando Ele pensava na obra de Deus e ansiava pelo seu progresso, para que fosse mais rápido. Toda a tristeza causada pela deserção do povo, todo o temor de um amor terno para aqueles que Ele havia escolhido, pode ser sentido nas palavras: "Porventura quereis também vós outros retirar-vos?" (Jo 6:67). Deve ter ocorrido ao Seu amor que Ele poderia fazer uso do temor para coagir e constranger o povo, intimidando-os um pouquinho para o seu próprio bem; no entanto, Ele resistiu qualquer tentação que tivesse em vista esse objetivo. Os Seus milagres de fato eram como grandes sinos, chamando os homens para Ele, mas não como o sino de que fala o poeta, coagindo os espíritos dos homens pelo medo e o terror. O método de Jesus pode ser comparado com o da consciência. Ele conclama os homens: "Pensem na sua salvação, na sua obrigação para comigo. A atitude que vocês tomarem para comigo pode torná-los culpados de grande pecado, ou ocasionar a sua desgraça eterna." Mas Ele o diz apenas uma vez, e depois desiste, da mesma forma como a consciência, que não emprega constrangimento nem força. Embora Ele Se entristecesse em fazê-lo, deixou o moço rico ir-se sem tentar detê-lo (Mc 10:21s.); da mesma forma, Ele não insistiu com os galileus (Mc 5:17). Ele suportou as dúvidas dos Seus irmãos (Jo 7:5), sem tentar removê-las; embora eles pudessem estar muito perto de crer no Messias, pois em seguida à Páscoa nós os encontramos como membros da comunidade cristã (At 1:14). Ele não removeu à força o elemento impuro do grupo de discípulos (Mt 13:30). Nunca ouvimos falar que Ele, impacientemente, tentou convencer o povo; em assuntos de somenos importância, bem como nos importantes, Ele sabia como esperar o desenvolvimento natural das coisas (Jo 16:12). O direito do povo, de escolher o seu próprio destino, é uma frase que tem sido usada no mundo hodierno, como se fosse algo completamente novo. O Nazareno, há muito tempo, já sabia que até o indivíduo tem o direito de escolher, pois Ele tinha o maior respeito pela liberdade do homem. Foi por isso que, depois da ressurreição, Ele Se mostrou apenas para os Seus discípulos, e não para o mundo, pois Ele não queria conquistar o mundo pela violência. Podemos dizer sem hesitação que, onde começa a coação, o exemplo de Jesus não está sendo seguido.

Jesus deu toda ênfase que se pode imaginar na liberdade do homem. A Sua paciência não é pequena, mas tem muita tenacidade, até mesmo agressividade, e nesta agressão ela é incansável. Há poder nas palavras do escritor inglês: "Trabalhe e não desespere," mas não pode ser dito que elas traduzem plenamente o axioma de Jesus. Não, este soava como algo muito mais esperançoso, alegre e poderoso: trabalhe e espere, trabalhe e vença! E Ele trabalhou com incansável paciência.

Jesus nunca desistiu completamente de alguém. Ele fez amigos entre publicanos e pecadores, prostitutas e adúlteros. Será que outro homem conservou tão bem a paciência com os seus adversários? Como Ele lhes perguntou calmamente: "Por que cogitais o mal nos vossos corações?" e com que amabilidade provou que estavam errados (Mt 9:4, 6)! Ou como lhes mostrou suavemente que Ele tinha poder sobre o pecado! "Quem, dentre vós, procederia diferentemente? (Lc 15:4,8). Agi da mesma forma." Ou pense na Sua paciência em instruir Simão, o fariseu (Lc 7:40ss.); ou a gentileza agradável com que Ele mostrou aos fariseus como eles se pareciam com o irmão mais velho: "Saindo, porém, o pai procurava conciliá-lo" (Lc 15:28). Desde Elias até João Batista e Paulo, todos eram zelotes, mas este Homem nunca sentiu-Se provocado ou ofendido, a Sua paciência nunca se esgotou.

"O homem que tem epilepsia não é forte, embora sejam necessários seis homens para segurá-lo. O homem forte é aquele que pode carregar o fardo mais pesado sem cambalear debaixo dele." Este é o ensinamento de Carlyle. Em Jesus vemos este quadro de um homem forte, que não menos exato em Sua atitude para com Seus discípulos. Repetidamente Ele sentiu-Se impedido, como contra uma parede de granito, pela vagarosidade deles em compreender, e o envolvimento deles em esperanças próprias de mentes não espirituais (Mc 8:17, 21;9:19), e isto causou-Lhe muitos suspiros (Lc 22:38). Bem no fim, a disposição de Pedro (Lc 22:31-34, 61) ou a confissão

quase audaciosa da incredulidade de Tomé, propiciaram-Lhe novos problemas (Jo 20:25), mas ao ensiná-los Jesus nunca, nem por um momento, perdeu a paciência.

Ainda em outro sentido, a Sua paciência era a de um forte. "Eu os limparei, para que produzam mais fruto" (Lc 22:32). Ele estava pronto não apenas para esperar, mas para vencer esperando.

Não há dúvida de que esta paciência de Jesus passou pelos mais severos testes. Penso, por exemplo, no dia quando muitos se afastaram dEle (Jo 6:66). Como Ele deve ter desprezado os homens naquele dia! Foi desta maneira que eles mostraram a sua gratidão a Deus por lhes ter oferecido o Seu Salvador! Pense também na grande desilusão que o Getsêmane Lhe propiciou no fim de uma vida vivida com os Seus discípulos (Mt 26:40). Havia uma grande brecha entre Ele e aqueles homens. Ele precisava sofrer devido a tanta insignificância, mesquinhez, abjeção e egoísmo, mesmo no melhor dos discípulos; e Ele via além de todos os véus, como nenhum homem era capaz de ver. Uma experiência semelhante levou um dos grandes governantes Hohenzollern a dizer a Sulzer: "Você não conhece esta raça depravada!" No entanto, o rei, como membro da mesma raça, tinha razões para julgá-la com mais consideração. Até o fim Jesus olhou a humanidade com os olhos do Criador — "E eis que era muito bom" (Gn 1:31). Deus criou o homem à Sua imagem, e assim todos os homens eram preciosos, cada um deles mais valioso do que o mundo inteiro (Mt 16:26). Jesus sabia que, escondido sob as escórias de cada dia, existe algo no homem que é destinado à eternidade. E com a paciência de um amor esquadrinhador, Ele procurava o cerne mais interior do coração humano. Jesus não foi poupado da solidão, uma das maldições da grandiosidade; Mas Ele nunca experimentou a segunda maldição: uma sensação de desprezo. Ele nunca considerou que os filhos dos homens estavam posicionados muito abaixo dos Seus pés. Ele foi salvo deste sentimento pelo brilho ardente do Seu amor, e Sua inextinguível paciência.

Ele teve outros fardos e provações a suportar, além dos que descrevemos acima. Jesus experimentou às mãos dos homens um tratamento que poderia ter transformado o Seu amor paciente em ódio aceso. Ele foi acusado de ser louco e possesso (Jo 7:20; 10:20); a Sua vida era constantemente ameaçada (Mt 12:14) — são exemplos das menores desfeitas que Ele sofreu. Mas o fato de alguém em quem Ele confiava tê-lo traído com um beijo, de um escravo bater-Lhe na face, de os principais homens do Seu povo terem dado livre curso ao seu ódio, na forma dos ultrajes mais abjetos, de Ele Se tornar alvo dos gracejos obscenos de toda a coorte dos soldados romanos, e de por fim Ele ser pendurado em um madeiro de ignomínia, entre dois assassinos — todas estas coisas poderiam tê-lo feito sair da fortaleza até então inexpugnável do Seu paciente amor. Mas nada foi capaz disso. Mesmo quando Ele falou com Judas, na hora da decisão, não foi com um tom de aspereza ou irritação na voz. Os que estavam assentados à mesa com Ele podem ter pensado que Jesus estava enviando aquele discípulo a fazer algo relacionado com a festa (Jo 13:28ss.). Depois, Ele suportou o beijo dele sem sacudi-lo de Si como uma víbora venenosa (Mt 26:49). No Getsêmane, Ele disse calmamente aos Seus perseguidores que estivera diariamente no Templo no meio deles (Mt 26:55). Ele procurou, com uma pergunta, despertar a consciência do soldado que O feriu (Jo 18:23), e com a Sua palavra, procurou aprofundar a agitação da consciência de Pilatos (Jo 18:36; 19:11). E quando por fim Ele teve que reconhecer que nenhuma outra bênção poderia ser propiciada por Suas palavras, ficou em silêncio (Mt 27:14; Jo 19:9); e então, morrendo na Cruz, Ele mais uma vez orou em voz alta pelos Seus devedores, muitos dos quais estavam zombando dEle, aos Seus pés (Lc 23:34). Naquelas horas Ele foi o longânimo Cordeiro de Deus, de quem Isaías falara (Is 53).

Não se questiona o fato de Ele ter sido forçado a passar por tudo isto. Ele poderia ter pedido ao Pai para mandar doze legiões de anjos contra os Seus torturadores (Mt 26:53). Uma atitude destas era, ainda menos, questão de disposição inerente. Ele sentia aquilo tudo aguda e pungentemente (Lc 7:44).[74] Mas desde o começo havia em Seu coração uma riqueza de amor que resistia a todos esses ataques. O melhor que podemos fazer é *aprender* paciência no curso das nossas vidas, mas Ele a possuía desde o princípio. O que foi grande em relação a Ele é que Ele a preservou sob os mais ferozes assaltos aos quais ela foi sujeita.

[74] O fato de os sinais comuns de respeito não Lhe terem sido oferecidos.

Toda a revelação de Deus é, a longo prazo, uma revelação da Sua paciência. Quanto a este aspecto Ele também permanece muito superior a nós, como uma mãe em relação ao seu filho, ou um professor em relação ao seu aluno. Com o Seu amor perfeito, soberano, que não dependia de ninguém, e nunca podia ser envergonhado, Jesus colocou-Se lado a lado com a notável e incrível paciência de Deus. O que o mundo viu, portanto, foi o amor de Deus que se fez visível na forma de um Homem.

No entanto, não ousamos dizer que Jesus era inteiramente calmo. A Sua ira se abrasava contra a obstinação e a falsidade.

CAPITULO 11

SUAS ATITUDES PARA COM CRIANÇAS, MULHERES, O POVO COMUM E OS RICOS

"Amigo de pecadores."

Mateus 11:19

Ao examinar as características do amor de Jesus, vejamos agora como ele reagia a determinadas classes e grupos humanos.

Em primeiro lugar, Ele condescendia para com as crianças. O que significava uma criança para o mundo daquela época? Ninguém tinha tempo para as crianças; elas cresciam sob o cuidado e a supervisão de escravos. Se elas perturbassem os grandes, então — chicote nelas! Seria considerado perda de tempo amá-las ou dar-lhes qualquer atenção. Os discípulos de Jesus seguiram o costume do mundo, quando as afastaram dEle (Mc 10:13).

Na antigüidade eles tinham apenas uma forma distorcida de amar as crianças, fazendo de meninos um uso vergonhoso (I Co 6:9). E, além de se divertirem com a sua gaiatice, nada mais era de interesse nas crianças. Que elas ficassem por conta dos escravos! Pouco mais tarde, mais atenção começou a ser dada à criança e à sua vida. Estátuas de crianças começaram a se tornar temas favoritos da arte. Qual a razão? Elas eram consideradas esquisitas, travessas, alegres e, talvez, também briguentas e ladras, mas eram particularmente a sua saúde robusta e a sua força que as tornavam atraentes. Desta forma, os olhos pousavam com certo prazer complacente nas crianças, mas nada mais do que isto. Repetia-se a velha história: afugente as crianças para o quintal.

E então Jesus veio, e com Ele, uma forma nova e inusitada de tratar as crianças. Ele sabia como elas eram relegadas a segundo plano, e ao mesmo tempo via que a natureza infantil tinha necessidade especial de amor. O Seu olho percebeu claramente como elas necessitavam de ajuda (Mt 9:37). Jesus estabeleceu uma regra maravilhosa: dar especial consideração ao homem a quem o mundo tratava mal. Claro que as crianças são um fardo, mas o problema era que o mundo só sentia o fardo que elas são, e as tratava como tal, o que levou o amor de Jesus a ter piedade delas. Ele foi, podemos dizer, a primeira pessoa a amar as crianças — não as dEle, mas crianças estranhas. Que amor brilhava em Seus olhos, enquanto Ele as via brincar! (Mt 11:16). Sabemos definidamente de duas ocasiões diferentes quando Ele beijou crianças que nem conhecia (Mc 9:36; 10:16), e tão pequeninas, que algumas delas ainda estavam nos braços de suas mães. No dia em que entrou como rei em Jerusalém, por entre os risos de mofa dos Seus inimigos, Ele não fez nenhuma tentativa de fazer pararem as crianças que O acompanhavam, de gritar repetidamente a palavra que haviam ouvido, como freqüentemente as crianças fazem: "Bendito o Rei!" (Mt 21:15). Sim, pois Ele nunca desprezou os pequeninos; o Seu amor sempre desceu até eles, em toda a simplicidade.

Em vez de cegar a pessoa, o amor torna os seus olhos ainda mais penetrantes, quando ela olha para um ente querido. Por ser Jesus a primeira pessoa a olhar para as crianças com amor, os Seus olhos penetrantes descobriram novas coisas a respeito delas. Podemos dizer que-Ele descobriu a alma da criança. Ele sabia que esses pequeninos podem envergonhar-nos por nossa maneira de agir (Mt 18:3). Os grandes muitas vezes são como um solo que se tornou endurecido por ser constantemente pisado, mas na criança há lugar para pensamentos grandes e puros. Fritz Reuter aprendeu de Jesus, quando escreveu: "Ensinar crianças é diferente de fazer sermões. De vez em quando os velhos podem ser ajudados... mas a alma de uma criança... você não precisa de uma vara, mas apenas do talo de uma tulipa, para chamá-la."

E há também a despretensiosidade da criança (Mt 18:4). As crianças têm em si um tesouro de amor, paz, felicidade — pode-se também dizer, de poesia — mas com simplicidade infantil, nem se dão conta disto. Elas sentem apenas a sua fraqueza, e sua necessidade de ajuda; elas nunca de-

sejam ser ou significar nada. E existe também o alegre vigor da confiança que ri para nós com olhos luminosos. Elas têm sede de amor, mas são corajosas em sua sede. Não é sem razão que falamos de pessoas que "confiam como crianças." Um forte amor pessoal pode influenciar e elevar uma criança, levantando-a acima do ambiente em que estava. A criança não pondera nem reflete, ela não vê as dificuldades do caminho. Há uma franqueza sem hesitação, e também uma simplicidade total em sua atitude para com Deus. Ela tem o que Deus deseja ver também nos adultos: completa confiança. "Tu és o pequeno tolo de Deus," diz Lutero a respeito da criança; "tu não tens medo nem cuidado, mas tens confiança em ti mesmo; ages com inocência." Foi com o Nazareno que o mundo aprendeu que a criança é algo inviolável, sagrado, protegido do amor divino, e muito próximo da natureza divina (Mt 18:10). Sabemos que na criança há uma grandeza que os homens devem invejar (Mt 18:3).

Jesus percebia tanta coisa nas crianças que os outros não viam! Há muitas crianças desobedientes, temperamentais, de mau gênio, selvagens, e há um pouco de cada um destes defeitos em toda criança. O apóstolo Paulo notou freqüentemente a sua imaturidade e imperfeição (I Co 3:1; 13:11), e várias vezes recomendou aos seus ouvintes que não fossem como crianças (Ef 4:14; I Co 14:20). A riqueza do amor de Jesus levou-o a ver além das imperfeições delas, e o fato de serem indefesas O fez sentir-Se duplamente responsável por esses pequenos seres desprezados.

*** * ***

O amor de Jesus era como a água, procurando sempre os níveis mais baixos; e assim, da mesma forma como se dirigia às crianças, dirigia-se também às mulheres. No mundo antigo a mulher não tinha nenhum valor. A religião greco-romana não considerava haver objetivo comum na vida de homens e mulheres; o cristianismo, durante muito tempo, foi considerado como religião inferior, por causa de sua atitude para com as mulheres. No judaísmo elas não eram desprezadas, mas também não eram consideradas iguais aos homens. Era até proibido a uma mulher oferecer um sacrifício (colocar a mão sobre a cabeça do animal sacrificial, etc, Lv 1:4; 3:2; Mishna Menachoth 9:8). A única importância que ela tinha era como dona de casa e esposa. Qualquer rabi considerava como ato inferior à sua dignidade conversar com uma mulher (Jo 4:27). Depois de muita licenciosidade, Buda se afastou das mulheres, desgostado, e no budismo elas são consideradas como impedimento à vida espiritual. Maomé era sensualista, mas desprezava inteiramente as mulheres, e no Islã as mulheres ocupam uma posição subalterna. Jesus nunca chamou uma mulher de Sua; não obstante, ele apreciava as mulheres cordialmente. Ele foi a primeira pessoa em todo o mundo a reconhecer que a mulher tem personalidade espiritual, e colocou-a em pé de igualdade com o homem, diante de Deus. Foi a uma mulher que Ele admitiu francamente pela primeira vez que era o Messias (Jo 4:26), e foi a uma mulher também que Ele pela primeira vez revelou o objetivo da Sua vida — ter adoradores que adorassem em espírito e em verdade (Jo 4:21, 23). Que relacionamento íntimo tinha Ele com Marta e Maria! (Lc 10:38ss.; Jo 11:5; 12:2ss.), e com as mulheres a quem foi permitido servi-10 (Lc 8:2s; 24:10). As mulheres eram maioria no círculo de discípulos que permaneceram aos pés da Cruz (Jo 19:25); e foi uma mulher a primeira testemunha da ressurreição (Jo 20:14). De acordo com a lei romana e a judaica daqueles dias, as mulheres não eram aceitas como testemunhas. Até Paulo deixa de mencioná-las entre as testemunhas da ressurreição, porque o testemunho delas não tinha valor (I Co 15:5ss.). Na conversa com os discípulos de Emaús, vemos claramente que eles nem se importaram em crer no testemunho das mulheres (Lc 24:11, 22). Para o mundo daquela época, era um fato desafiador permitir que uma mulher fosse a primeira a ver o Senhor Ressurreto. Desta forma, foi Jesus que em primeiro lugar conduziu a mulher a uma posição de honra, e Frenssen está certo quando diz: "Mulheres de todo mundo, sêde gratas a Ele!"

Porém, o que O levou a agir desta maneira? Certamente, acima de tudo, foi pela razão que já citamos: a Sua misericórdia fluía como uma torrente impetuosa, procurando os níveis mais baixos de vida.

* * *

Se era este o caso, então desde os primeiros dias o Seu amor se estendeu sobre outro grande e profundo vale no contexto da humanidade: os pobres. E embora essas pessoas não fossem exatamente pobres no sentido moderno da palavra,[75] elas eram as mais humildes, as de mais baixa condição, a parte supérflua e sem valor da população, os plebeus desprezados pelas pessoas de posição e fortuna. A rica torrente do Seu amor jorrou com plena força sobre essa região inferior.

Não se pode negar que ao mesmo tempo havia outra coisa que atraía Jesus tão fortemente para essas pessoas de baixa condição. Não podemos pensar que Ele tinha qualquer prazer estético especial em Sua associação com eles, ou que pode-se dizer que Ele Se deleitava com os filhos da natureza. Hansjakob pode estar certo quando diz: "Todo homem é uma criação original da mão de Deus. Quanto mais ele é civilizado e refinado, mais se esmaece a semelhança original." E podemos concordar com L. von Stolberg, que diz: "Precisamos procurar o homem entre o povo; Diógenes poderia ter dispensado a sua lanterna, se tivesse procurado em lugares outros que não fossem as ruas de Atenas." Embora tais coisas sejam verdadeiras, Jesus nem por um momento afastou-Se das classes menos favorecidas, porque as achava mais interessantes do que as classes elevadas. O que O atraía a elas — sem considerar o Seu amor — era o fato de que ali Ele encontrou o solo mais receptivo; e isto pelas razões mais variadas.

Nesta classe de gente, com seu âmbito de pensamento pequeno, peculiar, suas crônicas e emoções, Ele encontrou antes de tudo franqueza e simplicidade. Aquelas pessoas não tinham pensamentos profundos, mas tinham a compreensão direta das crianças. Julgavam com o coração. Se encontravam em Jesus o que o seu coração requeria, não se importavam se não conseguiam colocar exatamente na forma correta a verdade assim descoberta e experimentada. Eles viviam uma vida cheia de amor e de confiança. E, visto que o objetivo principal da vida não é realmente a capacidade de raciocinar, mas o reconhecimento e aceitação do Filho, essas pessoas, em sua simplicidade, atingiram o alvo mais exatamente do que as outras. Jesus deliberadamente escolheu as Suas testemunhas dentre esse círculo de pessoas; porque elas, com sua natureza simples,lenta, de poucas luzes, são sempre guardas e conservadoras fiéis, embora jamais venham a ser mentalmente capazes de desenvolver o que receberam.

Outra vantagem que essas pessoas de humilde condição possuíam, era o seu primitivismo. Elas não tinham idéias preconcebidas ou preocupações, e portanto os seus corações não estavam revestidos de uma armadura de falsidade. Pense, por exemplo, no homem que havia nascido cego. O seu senso natural de veracidade era exasperante, quando colocado em contradição com o dogmatismo arrogante dos fariseus (Jo 9:24-33). E logo depois, como o mesmo homem afirmou naturalmente a sua disposição de crer! (Jo 9:36). Esse povo simples tem muito em comum com as crianças, particularmente a sua lealdade e repúdio à hipocrisia e calculismo. As suas emoções são infantis, primitivas e sem fingimento.

Mas o que provavelmente pesou mais em motivar a atitude de Jesus, foi o fato de que essas pessoas não eram consideradas apenas pecadoras pelos piedosos eclesiásticos da época — pessoas que não conheciam a lei (Jo 7:49) — mas se sentiam como tal. Na linguagem religiosa da época, os "pobres" se sentiam cativos, espiritualmente cegos e feridos (Lc 4:18). É verdade que a maior parte deles não fora abençoada com os bens deste mundo; mas o ponto principal era e é que eles se sentiam pobres diante de Deus (Mt 5:3). É fato que a vida moral e religiosa pode ser despertada mais facilmente quando o homem não é sufocado pelos bens e prazeres materiais. Jesus não pensava que os "pobres" não eram piedosos. Eram pessoas sem importância que precisavam e procuravam ajuda; elas não confiavam no seu próprio tirocínio; eram "pequeninos" (Mt 11:25) que precisavam de um guardião, e estavam ansiosos para dar boas-vindas ao homem que estava preparado para ajudá-las. Quem pode admirar-se do fato de Jesus tê-las escolhido, com sua disposição e receptividade? Dia a dia Ele verificou que os seus corações eram o solo em que a Sua

[75] Essa pobreza nunca pareceu a Jesus algo que requeresse a Sua ajuda. A doença e a morte eram as coisas que Lhe pareciam clamar por Sua ajuda, e mais de uma vez Ele interveio com um milagre. Mas Ele jamais aliviou a pobreza. Aos seus olhos,as posses materiais eram perigosas demais para a alma, para que Ele o fizesse.

semente germinava melhor. E além disto, na obra acabada de João Batista, havia provas oculares de que o Reino de Deus encontraria acolhida em primeiro lugar entre os humildes, as pessoas de baixa condição (Lc 7:29s.). Assim sendo, Jesus a este respeito tornou-Se também uma cópia do Pai: como Deus "que conforta os abatidos" (II Co 7:6).

Podemos ver claramente como Jesus foi forçado pelas circunstancias a voltar-Se para essas pessoas, quando observamos as Suas atitudes para com os ricos. Repetidamente em nossos dias os homens tentam atribuir propensões "proletárias" a Jesus, uma verdadeira aversão aos ricos. Algumas pessoas têm tentado subentender que um sentimento de vingança contra os ricos se vislumbra em Sua piedade pelos pobres, e que esta foi a razão pela qual Ele se afastou daqueles, embora eles tivessem tanto direito ao Seu amor quanto estes. Em contradição a esta sugestão, pode ser provado definitivamente que o amor de Jesus encontra-se em tais alturas que ricos e pobres, cultos e ignorantes, podiam misturar-se, como montes e vales, quando vistos de um avião.

Jesus nunca Se afastou dos ricos, dos que eram ricos quer em posses, quer em cultura. Quando eles o convidavam para jantar, Ele ia sem hesitação (Lc 7:36; 14:1). Ele não regateou esforços para levar Nicodemos ao conhecimento da verdade (Jo 3), tanto quanto os empregou para com a mulher de Samaria (Jo 4). Ele ajudou Jairo, chefe da sinagoga (Mc 5:22), e o Centurião (Mt 8:5), tão alegremente quanto ao leproso vestido de farrapos. Ele deixou a multidão prosseguir sem a sua presença, para poder parar e jantar com o rico Zaqueu (Lc 19:2). Não há nem sinal de negligência ou irritação para com pessoas de posição elevada. Somos informados de apenas um homem fora do círculo de discípulos, a quem Jesus amava — isto é, em quem Ele tinha prazer especial — e esse era um homem rico (Mc 10:21). O lar das duas irmãs que Ele gostava de visitar era obviamente próspero. É evidente, em vista das visitas de consolação que Ele lhes fez, que aquela família tinha relações com componentes da casta sacerdotal (Jo 11:19). Os dois homens que fizeram os preparativos para o Seu sepultamento na noite da Crucificação, eram amigos ricos (Jo 19:38s.) E com um deles, Ele devia ter um relacionamento de bastante intimidade, a ponto de ele ceder o seu túmulo novo para aquele malfeitor e crucificado (Mt 27:60). Não conseguimos encontrar nenhum sinal de irritação contra pessoas de posses e de cultura; e mais tarde, os Seus seguidores notaram com particular alegria o fato de um homem rico juntar-se ao seu grupo (At 17:34).

Contudo, é verdade que os nomes de todos esses homens ricos são mencionados: Nicodemos, José de Arimatéia, Zaqueu - e isto nos mostra onde deve ser encontrado o cancro da raiz. Só se mencionam nomes quando há poucos a serem mencionados (cf. também Atos 17:34). Jesus achou duro o solo rico; de fato, geralmente foi um solo que não produziu nada, I Ele apenas ganhou ricos, individual e pessoalmente. Há certa maldição que acompanha a riqueza, a honra, a elevada reputação, tudo o que produz celebridade, até mesmo a sabedoria e a cultura. Tais cousas tornam os homens satisfeitos, e eles não desejam nada mais. Elas os levam também a crer que são agradáveis a Deus e aos homens, e desta forma barram o caminho para uma mudança de coração (Lc 16:15). Como deve ser fácil um homem se agradar de si mesmo, quando subiu na vida por seu próprio esforço, e como ele se inclina a crer que Deus compartilha do seu prazer! A oração: "Deus, tem misericórdia de mim, um pecador," desaparece dos seus lábios sem ser pressentida (Lc 18:13).[76]

A riqueza também tem esta peculiaridade: a de ocupar a mente do homem; e, pelo menos quando ela se faz senhora, torna impossível qualquer divisão de serviço, exatamente como no velho relacionamento com os escravos (Lc 16:13). E assim, entre as pessoas tidas pelo mundo em alta estima, Jesus encontrou pela primeira vez forte oposição; orgulho, desprezo, auto-promoção e vaidade barraram a Sua entrada. Deixando de lado Cesaréia de Filipe (Mc 8:27), e jamais entrando em Tiberíades, capital da Sua própria província, Jesus simplesmente evitou essa oposição. Já naqueles dias aplicava-se o velho cântico folclórico sábio: "Oben sind d' Leute so reich, d'Herzen sind gar net weich."[77] O homem rico sempre tem medo de que as outras pessoas tenham interesse no seu bolso. Ele também teme o seu próprio coração, teme que este o distraia; por isso, não lhe dá

[76] E ao invés dessa oração, surge o v. 11.

[77] "As pessoas de elevada condição são tão ricas, os seus corações não são moles."

liberdade. Na verdade, as barreiras que esse homem levanta contra Deus são terrivelmente fortes.

É indubitável que Jesus não desistiu inteiramente dos ricos, mas Ele via mais claramente do que qualquer outra pessoa as barreiras que eles levantavam, e atacou-as com incrível severidade. Ele não pregou contra eles tão freqüentemente ou tão extensivamente como os profetas, mas certamente foi mais severo e mais contundente em Sua condenação. "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus" (Mt 19:24). O que podia ser mais severo do que isto? Porém, na contundência do tom devemos ver apenas a ansiedade do **Seu** amor. Só um grito que atingisse até a medula poderia ter sucesso contra este tremendo perigo — perigo que Jesus considerava como evidente entre o Seu próprio povo: um dos Doze não havia fracassado devido a ele? Era o temor nascido do Seu amor que arrancara dEle esse grito, e que fizera aflorar aos Seus lábios a parábola do mordomo injusto, juntamente com a sua admoestação (Lc 16:9); e do rico e Lázaro, com a sua advertência (Lc 16:29). Até mesmo o fato de que Ele viveu em pobreza -- a ponto de não ter onde reclinar a cabeça — talvez não fosse nada mais do que um ato de amor por aqueles dentre o Seu povo que eram servos de Mamom.

Resumindo, Jesus não desistiu dos ricos, mas considerava-os como endurecidos, como solo improdutivo. Pelo contrário, as classes sociais que o mundo considerava baixas, eram para Ele solo mais produtivo. Desta forma, tudo indicava que Ele Se voltaria para pessoas que não eram importantes.

Todavia, não foi somente este estado de coisas que levou Jesus, querendo ou não, a voltar-se para as pessoas de somenos importância. Não O estaremos entendendo bem se não percebermos como o Seu coração era atraído para elas. Era uma característica constante o afã de propiciar conforto para as pessoas sem recursos.

E naquela época os "pequeninos," como Ele freqüentemente os chamava com ternura calorosa, de fato eram pessoas de somenos importância. Os fariseus olhavam com ar de superioridade o *"profanum vulgus,"* o "Amhaarez," o "povo da terra." O homem comum, sem instrução, não sabia ler nem escrever, o portanto não conseguiria ter nenhum interesse sério em cumprir a lei. E no círculo dos fariseus, corria o axioma de que "esta plebe que nada sabe da lei, é maldita" (Jo 7:49). Até mesmo o gentil Hillel diz: "Nenhum Amhaarez é piedoso."[78] Assim, eles eram pobres — embora a quantidade das suas posses não o tornassem piedosos; os publicanos que se haviam tornado ricos contavam-se entre eles — eles eram os plebeus, desprezados pelos escribas e fariseus, a má companhia evitada pelos estritos observadores da lei, as classes mais baixas de acordo com a lei, os impuros de acordo com o julgamento eclesiástico. Desta forma, era o espírito do paganismo que permeava todo o judaísmo. Dentre os pagãos, até um nobre como Epíteto diz: "O filósofo que conversa com um homem sem cultura é como um sóbrio que conversa com um bêbado."

Tão escarnecidos e desdenhados, esses pequeninos em Israel eram também oprimidos e sobrecarregados. Os preceitos da lei eram constantemente martelados compulsoriamente sobre a sua consciência,— tantos deles, de fato, que o homem comum não os conhecia a todos. E assim, os "pequeninos" se tornavam "cansados e sobrecarregados" (Mt 11:28). Jesus os via como banidos, desprezados, oprimidos e imediatamente o Seu amor se inflamava. Os profetas haviam andado nos lugares altos da terra; nos grandes acontecimentos da história eles haviam sido conselheiros dos reis, e estavam bem distantes das massas. Jesus desceu até as pessoas simples. Ele não procurou estabelecer contato com os "importantes" de Goethe ou as "almas de elevado nascimento" de Paul Heyse, com nobres ou com naturezas "complicadas." Ele veio antes de tudo para os que não eram considerados, os mais humildes dentre os homens. Levantai os olhos, vós que sois humildes! Ele sabia que no mundo, crescem muito poucas flores para essas pessoas. Os Seus olhos viam claramente que elas eram como ovelhas sem pastor (Mt 11:36), ou como uma "cana quebrada" ou uma "torcida que fumega" (Mt 12:20), e Ele sentia-Se como a mãe que, em certo sentido, ama ainda mais a criança delicada que tem grande necessidade do amor maternal. Quando Ele os via, tinha grande compaixão deles (Mt 9:36); Ele os amou exatamente porque necessitavam mais do Seu amor.

---

[78] Sirac (Eclesiástico 38:25ss.) expõe este assunto de maneira clara.

A mesma coisa acontece aqui com as crianças. Os Seus olhos, aguçados pelo amor, descobriram nesses "pequeninos" tanta coisa que era digna de amor, percebendo que eles eram capazes de sacrifícios incomparavelmente grandes, como a viúva com a sua moedinha (Mc 12:42). Acima de tudo, Ele descobriu o seu espírito natural, franco, honesto, reto e terno como o de uma criança.

O paganismo, quer antigo, quer moderno, não pode utilizar-se das pessoas humildes. Elas são simplesmente "população supérflua." "Podes aviltar-te tanto que o pobre não te ofenda?" pergunta um escritor romano. Buda não queria atrair a todas as pessoas, mas devotou-se a homens de elevado nascimento, que tinham bastante tempo de lazer: "Este ensinamento é para homens de entendimento, e não para néscios." Ele desprezava os escravos e as pessoas de classe baixa. É verdade que os que desejam descrever com amabilidade e calor a vida entre pessoas assim humildes precisam antes ver os pés do Nazareno. Jesus foi o primeiro a descobrir isto; e o Seu ardente amor por essas pessoas humildes fez com que se tornasse ríspido para com os seus opressores, enquanto estendia a mão para protegê-las.

Em certa ocasião, quando se tornou bastante evidente o sucesso da Sua obra entre essas classes menos favorecidas, Jesus irrompeu em um júbilo transbordante diante desse estado de coisas (Lc 10:21). Ele não conseguia achar que era uma infelicidade o fato de as pessoas de nobre nascimento e as sábias não terem se aproximado dEle, mas sim os "pequeninos" desprezados e oprimidos, que eram "muitos." Pelo contrário, essa experiência fez aflorar aos Seus lábios a gratidão do amor satisfeito. Jesus sabia como, no fim, *todos* os homens O encontrariam. Não havia intuição ou sabedoria humana que pudesse mostrar-Lhe este fato. Julgada por este padrão, grande parte da humanidade estaria sempre excluída da salvação. Mas o bem espiritual maior não busca aceitação e reconhecimento da parte do entendimento, mas da vontade. E então, ele pode tornar-se propriedade comum, e a aristocracia da mente pode ser descartada para sempre. O valor do homem não está mais no seu entendimento, mas na direção da sua vontade. A vida lança a sua semente em uma profundidade de pura humanidade, em que não têm valor as diferenças de posição, posses e cultura. E Jesus regozijou-Se porque aprouvera a Deus edificar o Seu Reino sobre esse amplo alicerce da vontade. O aumento do conhecimento, o enriquecimento do intelecto, a posse de inteligência, não eram mais o que importava, mas sim o domínio sobre a vontade para uma nova vida, e isso pode ser alcançado por qualquer pessoa.

Desde Platão até Nietzsche, todos os sábios segundo a sabedoria do mundo foram aristocratas. Não obstante, há muito tempo, Jesus já Se regozijou pelo fato de o próprio Deus ter feito soar o dobre de finados sobre a aristocracia do espírito, no dia em que revelou o Reino aos "pequeninos." Onde estes podem entrar, os grande também podem; estes precisam apenas humilhar-se (Mt 18:3). Na oração de gratidão de Jesus, a ênfase não está no tom que, admitamos, é amargo, das palavras "ocultastes estas cousas aos sábios e entendidos," mas no grito jubiloso da revelação "aos pequeninos." Daquele dia em diante coube aos sábios exercerem a sua vontade para se acrescentarem ao número dos que receberam essa revelação.

Se hoje em dia temos em nosso Novo Testamento grego a linguagem viva de pessoas, e não o grego ático puro, esse fato é um monumento eterno à verdade de que o cristianismo encontrou a colhida em primeiro lugar nas camadas mais baixas da sociedade. De fato, não é de se admirar que mais tarde, em uma época em que o cristianismo se havia tornado aristocrático, muitos pseudo-cristãos ficassem com vergonha das peculiaridades supostamente vulgares da linguagem popular em que o Novo Testamento foi escrito. No entanto, qualquer cristianismo que permaneça fiel à sua natureza intrínseca, sempre aceitará as palavras do apóstolo como algo que deva ser recebido como fato natural: "Em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde" (Rm 12:16).

O próprio Jesus aqui Se levanta como a imagem do Alto e Exaltado, que não valoriza o homem de acordo com a extensão do seu entendimento, mas habita com aquele que tem espírito humilde e contrito (Is 57:15). Em ambos os casos há compaixão condescendente e misericórdia — características naturais em Jesus.

*** * ***

Da mesma forma, não foi a natureza que O fez amigo dos pecadores. De fato, nenhum homem, por natureza, estava tão distante dessas pessoas; no entanto, em Sua compaixão, Ele criou um relacionamento íntimo com elas. De fato, era um relacionamento íntimo: não se podia imaginar relacionamento mais íntimo naqueles dias. Jesus compartilhou um sofá com tais pessoas, e comeu do mesmo prato; desfrutou da companhia deles à mesa — o que, na opinião da época, era a relação mais íntima que se podia ter (Mt 9:10; Lc 15:2; 19:5, 7). E foi exatamente isto que suscitou protestos (Mc 2:16). Os circunstantes teriam podido entender se Ele tivesse proclamado a misericórdia de Deus por aquelas pessoas, ou lhes dissesse: "O seu pecado é grande, mas Deus perdoará e esquecerá pecados que são vermelhos como o escarlate; vocês podem se aproximar dEle humildemente, embora sejam contados como porteiros da Sua casa." Mas tal misericórdia seria supérflua, Jesus não apenas evitou afastar-Se dessas pessoas; na verdade, Ele as chamou para Si, admitindo-as no Seu círculo mais íntimo (Mt 9:9), e tratando-as como Seus semelhantes.

E que espécie de pessoas eram essas? As Escrituras as chamam de publicanos e pecadores (Lc 15:1). Os publicanos, que eram considerados meio pagãos (Mt 5:46s.; 18:17), e classificados sem hesitação com as prostitutas (Mt 21:32); os publicanos, que eram legalmente incapazes de prestarem testemunho, e que eram semi-excluídos da sociedade teocrática. Os pecadores, ou seja, os que cometiam pecados abertamente grosseiros e que, em ligação íntima com os gentios, haviam se contaminado com as formas gentílicas de pecado, e que eram considerados imundos por todo mundo, de forma que o contato com eles significava contaminação. As adúlteras (Jo 4:17s.; 8:3) e as meretrizes também (Lc 7:37). Toda a população da região (grega) de Decápolis (dez cidades) dentro de cujos limites Jesus passou grande parte do Seu tempo (v.g.: Mc 4:35) era marcada, em grande parte, pela presença de pessoas assim e que eram profundamente desprezadas por todos os que observavam a lei. E Jesus desfrutou da mais constante e íntima companhia delas, compartilhando da sua mesa. Esta espécie de relacionamento, aos olhos dos Seus contemporâneos, deve tê-lo contaminado gravemente. No dia em que Ele entrou na casa do chefe dos publicanos, estava cometendo um ato ousado.

Será que Jesus precisava ir tão longe? Ele próprio nos revelou as razões para fazê-lo. Na verdade, elas são essencialmente duas. Primeira: Ele estava cheio de compaixão por essas pessoas. Ele era como um médico que não tem nenhum prazer em ver figuras emaciadas e miseráveis, a tossir, que se aglomeram em seu consultório, mas que sabe que está ali para servi-las. Jesus sabia que fora enviado para aquelas pessoas necessitadas. Ele e elas se pertenciam, pois elas estavam necessitadas, e Ele podia ajudá-las. Porém, ainda mais forte do que o sentimento de piedade em Seu coração, existia a alegria, tão freqüentemente quando aquelas pessoas O procuravam. A experiência diária é que gostamos mais da coisa que perdemos, e nos regozijamos mais quando encontramos algo que estivera perdido por muito tempo. Ao contar-nos tão somente um desses incidentes, o próprio Jesus procurou esclarecer para nós a alegria especial que Ele e Seu Pai experimentam com o arrependimento dos pecadores (Lc 15:5s., 9). Foi sempre com uma explosão de pura alegria que o Seu coração se voltou para os publicanos e pecadores; em ocasiões como essas um pode significar mais do que noventa e nove (Lc 15:7).

A maneira extremamente tema como Jesus tratou essas pessoas fluía dessa alegria grandiosa e cordial em relação aos perdidos que foram achados. Estes estavam acostumados apenas com repreensões, exigências e castigos; até o profeta do Senhor os havia repreendido (Lc 3:13), e os fariseus não faziam outra coisa. Que castigo severo! Até o contato com eles era considerado contaminador. Jesus nunca os repreendeu — da mesma forma como o pai não repreendeu o filho pródigo (Lc 15:20) — embora tivesse repreendido outras pessoas (Mt 23:13s.), Ele, assim mesmo, deu-lhes a entender como considerava sérios os pecados deles, falando-lhes a respeito do filho pródigo. Mas Ele nunca Se deteve no pecado individual de cada homem — "Não lhes imputes este pecado." Logo que eles se aproximavam dEle, Ele ajudava os que estavam aos Seus pés. "Deus está esperando por vocês; vocês são valiosos para Ele." E então lhes dava coragem, restaurando o seu respeito próprio, e reabilitando-os ao recebê-los em Sua companhia. Só para citar um caso em particular, pense como Ele despertou novamente as esperanças do publicano, fazendo-o lembrar

que ele também era filho de Abraão (Lc 19:9), e como Ele louvou generosamente a mulher na casa de Simão (Lc 7:44).

A experiência comum é que as pessoas cuja boa fortuna preservou de cair em pecados sérios, têm a tendência de serem orgulhosas e arrogantes por causa disso, agradecendo a Deus porque não são como os outros homens, e desviando-se horrorizadas dos que caíram. Como o rabi da antigüidade, hoje em dia também as pessoas pensam que devem à sua honra pessoal o não se terem contaminado, não se misturando com pessoas de má reputação. E também é verdade que os que conhecem a humanidade — ou melhor, que conhecem o homem profundamente como Jesus conheceu — tornam-se severos e duros em palavras e em julgamentos. Mas o amor de Jesus era tão profundo que esses perdidos jamais o questionaram, embora sentissem o Seu olhar agudo e penetrante, e reconhecessem como Ele era diferente deles.

E Ele conseguiu dar-Se a essas pessoas, sem contudo temer jamais por Sua pureza.

CAPÍTULO 12

O FERVOR DO SEU AMOR: SUA DIVERSIDADE

Não havia nada de efeminado ou de sentimental na natureza de Jesus; Ele era forte, austero e casto — em Seu amor como em tudo o mais. A Sua severidade era absoluta, e jamais foi suavizada pela Sua compaixão (embora seja verdade que a Sua misericórdia fosse também absoluta, e nunca tivesse interferido com a Sua severidade). Em Seu julgamento, até mesmo o olhar concupiscente e o toque lascivo eram considerados como adultério (Mt 5:28). Ele não tinha idéia do que era "a bênção do pecado;" tal idéia Lhe teria parecido frívola. A coisa mais branda que Ele disse a este respeito foi: "Não sabem o que fazem" (Lc 23:34). Nenhum profeta ou fundador de religião jamais teve uma compreensão do pecado mais exata e profunda como Ele. Para todos os que se aproximaram dEle, Ele agiu como um espelho polido. Lisonja é uma palavra que nem pode ser mencionada em relação a Ele. De maneira maravilhosa Ele podia, como o Seu Pai, amar a misericórdia e a compaixão, e ao mesmo tempo a justiça e o juízo. Ele nunca fez pouco caso do pecado. O Seu radiante amor sempre foi visto em contraposição a um escuro pano de fundo de uma ira inteiramente séria e consciente. Ele julgou os pecadores tanto com misericórdia como com juízo, pois em misericórdia Ele condenou o pecado completamente.

Verificamos o fervor do Seu amor em Seus milagres. Ele não sabia o que era "cura em massa", nem o que significavam as erupções de emoção religiosas; Ele tratava cada caso separadamente. Para Ele, a preocupação final era com a alma - tanto que João chama todos os milagres de "sinais" (Jo 2:11; 4:54; 20:30) — indicações de como Jesus desejava curar a alma. Para Ele, a alma da misericórdia realmente era a misericórdia do fundo da alma. E assim, geralmente vemo-lo curando o corpo, e ao mesmo tempo abençoando a alma (Jo 5:14; 9:35s), o que só por si é de valor eterno.

O fervor do Seu amor é verificado também em Suas parábolas. Ele sabia que essas estórias não eram suficientes para abrir o entendimento de uma pessoa; Ele desejava apenas despertar a curiosidade, de forma que a curiosidade receptiva pudesse abrir o entendimento. Esta forma de discurso condenava os que eram obstinadamente fechados, pois ouviam as parábolas com os ouvidos, mas não conseguiam entender (Mc 4:10).

Além de ser cheio de amor, Ele tinha ascendência sobre os que O procuravam; esta é a razão para a curiosa severidade para com Nicodemos, em sua primeira resposta (Jo 3:3). A Sua veemência e intensidade levou-o até a empunhar uma chibata. Ele não achava que era necessário manifestar delicadeza para ter ascendência sobre alguém. Quando uma insinuação gentil não teve efeito sobre a mulher samaritana (Jo 6:16), a Sua misericórdia fê-lo chegar rudemente ao cerne da questão (4:18). Quando o Seu amor falhou em relação aos que eram os cabeças do povo e, na dureza dos seus corações não regenerados tentaram tirá-lo do caminho, Ele rasgou sem misericórdia a máscara da hipocrisia deles com palavras terríveis, para poder salvar o povo, se possível das maquinações deles (Mt 23:3, 5, 13, 15, 24, 27s.).

O Seu amor foi tão fervoroso que O levou a ser franco para com todas as pessoas. Quase no fim da Sua vida Ele fez ver ao servo que o ferira a injustiça da bofetada (Jo 18:23), e ao traidor a vergonha do seu beijo (Lc 22:48); e a despeito da Sua piedade, nunca desculpou os pecados dos perdidos, nem guardou silêncio a respeito deles (Mt 9:2; Lc 7:47s.; Jo 8:11). Quando ouviu falar do derramamento do sangue dos galileus, foi com formidável aspereza que Ele disse: "Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13:3). (Palavras ásperas semelhantes: Mt 18:6; 26:24). Jesus era um Homem de atos gentis, mas nunca de palavras gentis. Era o amor que tornava as Suas palavras agudas como aço afiado, e ásperas como o som de uma trombeta de

guerra (cf. também Mt 8:22; Lc 14:26; Mc 10:25). Muitas de Suas palavras eram afiadas como facas, mas nunca eram inteiramente amargas, pois a Sua misericórdia para com os pecadores era tão grande quanto a Sua inflexibilidade para com o pecado.

Procuremos descobrir o fervor do Seu amor na maneira como Ele tratava os Seus discípulos. Ele nunca permitiu que eles continuassem a seguir I frouxamente o seu caminho; para preservá-los da tentação, muitas vezes Ele podia forçá-los e até afligi-los por exemplo, na tarde após a alimentação de cinco mil pessoas (Mc 6:45). Ele não os permitia descansarem sobre as conquistas de segunda classe, como por exemplo, a sujeição de demônios em Seu nome (Lc 10:17), mas dirigia as suas mentes para regiões mais altas, a fim de verem o que era realmente grande: "E, sim, (alegrai-vos) porque os vossos nomes estão arrolados nos céus" (v. 20). Quando Marta Lhe estava prestando um serviço amoroso, Ele não Se sentiu impedido de dizer-lhe que havia algo ainda mais necessário (Lc 10:41), e colocou radicalmente um fim às vãs especulações quanto ao número dos que seriam salvos (Lc 13:23s). Quando falou aos Seus discípulos a respeito da Sua Segunda Vinda, não pintou o futuro em cores vagas e encantadoras, mas falou severa e destemidamente do Seu juízo, e da necessidade de eles estarem preparados (Lc 21:24ss.). Para guardá-los da tentação, Ele os despertou rudemente, embora estivessem cansados e exaustos de tristeza (Mt 26:40), e repreendeu os discípulos de Emaús por sua falta de fé (Lc 24:25), bem como Tomé, a despeito da plena confissão deste (Jo 20:29; cf. v. 28). Também nos são dados indícios de como Ele olhou intensamente para os discípulos em momentos como esse (Mt 19:26; Mc 8:33). Um deles ficou comovido até às lágrimas por causa do Seu olhar (Lc 20:61).

Foi Pedro que, depois de Judas, também experimentou mais plenamente a seriedade do amor de Jesus. Pelo fato de desejar fazer daquele discípulo um líder, Jesus estava muito interessado pela sua alma, falando-lhe áspera, clara e francamente, quando necessário, chegando a usar frases como "Arreda, Satanás!" (Mc 8:33); ou "Não tens parte comigo"(Jo 13:8). Ele não manifestou gratuitamente a Sua misericórdia a esse discípulo. Porque ele havia negado três vezes ao seu Senhor, por três vezes Jesus lhe perguntou: "Amas-me?" embora a pergunta incomodasse Pedro (Jo 21:17); e a sua declaração jactanciosa: "Ainda que todos se escandalizem, eu jamais!" (Mc 14:29) foi usada contra ele na pergunta: "Amas-me mais do que estes outros?" (v. 15). Os ombros da sua alma precisavam ser fortalecidos: 'Terás que suportar mais do que os outros; segue-me tu" (Paráfra-se a João 21:18). Pedro foi o único entre os discípulos que sabia com certeza que iria sofrer o martírio.

Shakespeare, homem que tinha grande conhecimento do coração humano, disse certa vez o seguinte a respeito das fraquezas e deficiências dos homens: "Nunca o olho de um amigo verá tal coisa." Bem, os olhos amorosos de Jesus viam falhas. Ele nunca apoiou os Seus discípulos de forma que permanecessem estáticos; pelo contrário, o Seu amor era do tipo que lava os pés, isto é, corrigia enquanto abençoava aqueles a quem amava.

*** * ***

Há mais um ponto que precisamos citar antes de completarmos este grande assunto do amor de Jesus. Já notamos mais de uma vez que não podemos considerá-lo inteiramente como padrão para o nosso amor. O nosso objetivo agora é prosseguir adiante neste assunto.

Não somos ainda capazes de amar como Jesus amou. Em primeiro lugar, o nosso amor pode não ser desprovido de preconceitos e de respeitos humanos, como o dEle. Não temos a coragem de descer com Ele, para viver entre os párias, sem medo de sermos contaminados. Os convertidos muitas vezes experimentam um sentimento de medo de serem arrastados novamente para o pecado por exemplos malignos, e este medo é justificado. Uma atmosfera impura é-nos sempre perigosa, e facilmente se toma danosa. Ao oferecer-Se pelos pecadores, Jesus foi sempre tão forte, que agiu como purificador: Ele nunca foi contaminado pelos homens; pelo contrário, Ele os transformou.

Quanto a outro aspecto, também, não conseguimos amar como Jesus amou. Não temos a coragem de estabelecer para o nosso amor as barreiras que Ele estabelece para o dEle. Em quase todas as narrativas das Suas relações com a Sua mãe, há uma nota de severidade. Até mesmo o

Menino de doze anos de idade enfrentou a ansiedade e o sofrimento natural do coração materno, enfatizando a Sua Paternidade (Lc 2:48s.). Em Caná Ele recusou-Se em permitir que Sua mãe servisse de mediadora para os Seus assuntos (Jo 2:4). Em Cafarnaum, enquanto ela esperava à porta, Ele declarou que a amizade dos filhos de Deus era de mais valor do que qualquer relacionamento consangüíneo (Mc 3:33s.); e quando certa mulher louvou a Sua mãe, chamando-a de bendita, Ele a interrompeu, apontando para os benditos ouvintes e praticantes da palavra de Deus (Lc 11:27s.). Se tentarmos colocar a palavra "progenitores" no segundo capítulo de Lucas, ou a palavra "mãe" na Sua boca em João 19:26, logo veremos que não dá certo, porque em ambas as passagens a palavra "Pai" vem logo depois, em sentido muito diferente.

Porém, não foi apenas a Sua mãe, com seus filhos e filhas, que foi levada a sentir as Suas restrições; todos os Seus discípulos, até João, tiveram a mesma experiência. Não se pode dizer que Ele confiava em algum deles (Jo 2:25). A nenhum deles Ele abriu completamente o coração. As palavras "Ninguém conhece o Filho" eram verdadeiras. Certa ocasião Goethe disse: "O homem que não consegue rir de si mesmo não é da melhor espécie de homem," mas esta auto-zombaria, mesmo no Seu círculo mais íntimo, é inimaginável em Jesus. Pelo contrário, os Seus discípulos nunca ousaram assumir a menor liberdade com respeito à Sua posição como Senhor. De fato, havia um grande abismo entre eles. Mas de uma vez ouvimos que eles tiveram medo de interrogá-lo (Mc 9:32; 10:32; Jo 4:27, 33); e muitas vezes, depois de muita hesitação, só os discípulos mais íntimos foram enviados, para fazer-Lhe alguma pergunta (Mc 13:3; cf. 13:1; Jo 13: 23s.). Ele chamava todos os Seus amigos pelo nome: Simão Pedro, Lázaro, Madalena, Marta e Maria; de fato, Madalena reconheceu-O pela maneira como Ele pronunciou o seu nome. Mas até mesmo o discípulo que se reclinava sobre o Seu peito O chamava de Senhor (Jo 13:25); e a única coisa que Jesus disse a respeito dessa forma tão cerimoniosa de tratamento, foi: "Dizeis bem" (Jo 13:13). Contudo, se queremos saber se este hábito de chamá-lo de Senhor era realmente importante para Ele, precisamos pensar apenas na maneira como explicou o Salmo em que Davi chamou o Messias de seu Senhor (Lc 20:41ss.; cf. também Mt 23:10).

É curioso que quanto mais perto uma pessoa estivesse dEle, menos íntimo era o seu comportamento para com Ele. A mulher cananéia e a mulher samaritana não careciam de familiaridade e audácia (Mt 15:22ss.; Jo 4:7ss.); mas as mulheres que eram suas seguidoras caíam aos Seus pés (Mt 28:9). Não foi porque durante toda a Sua vida ninguém O entendeu plenamente que percebemos uma solidão em Jesus, que Ele não procurou evitar; há algo mais do que isso. Esse Homem queria que assim acontecesse, porque o Seu coração, o Seu amor e a Sua vida pertencem a todos; nenhum filho do homem individualmente, seja amigo, seja esposa, seja mãe, jamais deve ser capaz de jactar-se de tê-lo possuído com exclusividade. Ele pertence à humanidade, e portanto não Se entrega a nenhum indivíduo como possessão exclusiva, de forma alguma.

*** * ***

Portanto, quanto a estes dois aspectos, não ousamos amar como Jesus amou. Há ainda algo mais a ser acrescentado: não *podemos* amar como Ele amou. E este "não podemos" é verdadeiro, tanto em relação às razões para amarmos, quanto em relação à extensão desse amor.

Qual é a razão fundamental que nos leva à humildade e abnegação? Certamente é a consciência de que estaríamos perdidos e condenados se a misericórdia não tivesse nos salvado. Agora sentimos como foi que Lutero escreveu quando disse: "Meu coração está alegre e cheio demais para eu ter inimizade contra qualquer homem." Perdoamos porque fomos perdoados, não julgamos porque recebemos misericórdia por ocasião do julgamento, somos compassivos porque nos foi ministrada compaixão. Mesmo assim, nem sempre é fácil esquecermos a nós mesmos, e Jesus achou necessário contar-nos a parábola do mordomo injusto. Mas quando realmente praticamos abnegação, é porque com amor agradecido lembramos que nós mesmos fomos perdoados. Com Jesus aconteceu exatamente o contrário. Ele não suportou os outros pacientemente, porque os outros tiveram que suportá-lo; Ele não era humilde porque tinha qualquer razão para pensar depreciativamente a Seu próprio respeito; O que o movia era o desejo de servir.

Ele precisava amar, da mesma forma como o sol precisa brilhar; ele não pode agir de maneira diferente. Ao amar, Ele é Ele próprio; pois, à semelhança de Seu Pai, Ele é amor. Ele nunca precisou amar à força; Ele o fazia sem sentir — era-Lhe natural. A história da Sua igreja está cheia de pessoas cujos corações transbordaram de amor como um rio. Eles mostraram ao mundo o que Jesus pode fazer através dos corações que foram transformados por Ele. Só Ele deu-Se da maneira como era.

Não somos capazes de amar como Ele amou, e isto também é verdade em relação à extensão do nosso amor. Jesus era puramente amor. Em seu *Heimgartners Tagebuch,* Rosegger escreveu, em sua velhice: "Que o homem que tem seu *ego* o guarde. Ele pode viver para os outros de vez em quando, mas não deve permitir que os outros vivam em sua vida." É verdade que Jesus não permitiu que os outros vivessem em Sua vida, mas a despeito disso Ele sempre viveu pelos outros. Ele estava livre da "angústia" que Hebbel experimentou, de "precisar amar a mim mesmo." NEle encontramos algo inteiramente novo, que o mundo jamais viu segunda vez: um Homem sem um *ego.* Não somos assim, e nunca o seremos, embora o tentemos. Fitando os olhos nessa maravilha, os Seus discípulos sentiram que nEle o amor de Deus nos apareceu.

PARTE DOIS

NO SANTO DOS SANTOS
A PERSONALIDADE RELIGIOSA
E MORAL DE JESUS

(C) JESUS E O MUNDO

.

CAPÍTULO 13
JESUS E O MUNDO NATURAL

Na verdade, temos aqui um campo bastante amplo para as nossas observações. O mundo ao nosso redor é tão vasto, os seus fenômenos tão abundantes! Que atitude adotou Jesus em relação a tudo isto? Queremos limitar a nossa atenção aqui a duas questões. Se o mundo é uma coleção de coisas boas, como Jesus o usou? E se, por outro lado, ele nos parece um monte de problemas ou deveres, como Ele influenciou esse mundo?

O mundo tem algo a oferecer. Ele não é apenas cheio de cor e som, mas tem atrações para todos os nossos sentidos. Ele tem tantos benefícios para distribuir, que pode levar os nossos corações a crerem que ele é a soma e a substância de tudo o que é bom. Como Jesus usou esses benefícios?

Antes de tudo, pode ser dito sem sombra de dúvida que Ele os usou natural e livremente. A capa sobre a qual os soldados lançaram sortes era em certo sentido um artigo de luxo (Jo 19:23). E o ungüento que Jesus não impediu que Maria usasse para ungir os Seus pés seis dias antes da Sua morte era certamente um luxo. Mentes ansiosas, presenciando tal "desperdício," pensaram nos pobres para quem o dinheiro correspondente poderia ter sido mais útil (Mt 26:8). Mas estes casos não são meramente acontecimentos isolados. A mesma simplicidade e ausência de preconceito com respeito aos prazeres oferecidos pelo mundo, correm como um fio escarlate através de toda a Sua vida. Ele freqüentemente tomou parte em festas e banquetes, e até em uma festa de casamento (Lc 7:36ss.; 10:38ss.; 14:1; Jo 12:2) — e quantas delícias essas cerimônias oferecem, especialmente no Oriente! — tanto, que lábios blasfemos chegaram a chamá-lo de glutão e beberrão (Mt 11:19). Depois de ter chamado um de Seus discípulos, Ele permitiu que a ocasião fosse celebrada com uma festa (Mt 9:10), e ele participou de um jantar realizado em Sua honra, como sinal de gratidão (Jo 12:2). Foi em uma ceia que Ele passou as últimas horas com os Seus discípulos, sem ser perturbado; e quando, naquela ocasião, falou novamente em dar a Sua vida, usou o símbolo de beber o vinho novo no Reino de Deus, de maneira bem natural (Mt 26:29). Todavia, Ele foi além, pois comparou sem hesitar as alegrias do Reino presente (Mt 22:2) e os esplendores do futuro Reino de Deus (Mt 25:1) com os prazeres de uma festa; e Ele próprio com um noivo (Mt 9:15). A Sua mãe sabia que podia recorrer a Ele confiadamente com a notícia de que os convivas da festa de casamento não tinham mais vinho (Jo 2:3); e Ele mesmo disse que o vinho velho é melhor do que o novo, e que quando uma pessoa o prova, prefere-o a todas as outras qualidades (Lc 5:39). Quando em Suas parábolas Jesus descreveu uma cena de regozijo, falou do bezerro cevado, música e dança (Lc 15:23, 25). Ele nunca considerou o Seu corpo como coisa de somenos importância, mas aceitou as coisas boas do mundo de maneira natural. Ele admitiu estar faminto e sedento. Quando Se encontrou com a mulher samaritana, por exemplo, Ele poderia facilmente ter esperado um pouco de tempo até que os discípulos voltassem com uma vasilha para beber água (Jo 4:8). Até na cruz Ele admitiu a Sua sede, sendo que a Sua última bebida foi um vinho fino e azedo, como o que os soldados e operários bebiam (Jo 19:29).[79] Ele nunca Se envergonhou de estar cansado, e usou a almofada do barco como travesseiro, sem reservas (Mc 4:38); Ele não Se opôs aos Seus discípulos, quando eles colocaram suas roupas sobre o jumento, para torná-lo mais confortável para Ele (Mt 21:7). Ele sabia como era bom quando alguém lavava os Seus pés — pense como Ele próprio lavou os pés dos discípulos (Jo 13:4s.) — e por duas vezes aceitou alegremente a honra incomum de alguém ungir os Seus pés (Lc 7:38; Jo 12:3); assim também, Ele não impediu Marta de expressar o seu amor mediante todas as formas de serviço (Lc 10:40).

Maomé achava que era uma virtude desprezar e detestar o vinho, mas Jesus ligou da maneira mais natural até o Seu rito memorial com a degustação de vinho (Mc 14:23); e não hesitou

[79] Ele apenas recusou a bebida quando provou o que lhe havia sido acrescentado, com espírito caridoso, ou quiçá inamistoso (Mt 27:34; Mc 15:23).

em dar cerca de quinhentos litros de vinho como presente de casamento para um jovem casal em Caná (Jo 2:6). Ele estava tão longe do asceticismo, que no deserto Ele procurou livrar o povo da fome (Mc 8:2ss.); e defendeu os Seus discípulos quando eles quebraram a lei do sábado porque estavam com fome (Mc 12:7). O jejum como lei ou hábito ou como algo inspirado do exterior, não tinha significado para Ele (Mc 2:19). Isto é ainda mais significativo porque, ao fazer tal julgamento, Jesus se colocou em oposição não apenas aos costumes dos Seus antecessores, mas à opinião da maioria do povo (Mc 2:18; Mt 11:19).

O mundo ao nosso redor oferece tantos prazeres e gozos! Jesus usou-os livremente. Como os Seus olhos se deleitavam nas belezas da natureza! Podemos dizer sem exagerar que Ele viveu na natureza. As descrições feitas por modernos viajantes muitas vezes falam dos panoramas magnificentes, e da surpreendente beleza da Terra Santa. É fato que Jesus tinha mais experiência do que a maioria dos homens a respeito da beleza dos lagos e montanhas, e Ele via tudo da maneira mais deleitosa, enquanto viajava a pé pelo país, debaixo do resplendor de um sol oriental. Alguém que visitou a Palestina escreveu: "O sol! Alguém que nasceu nas terras do norte simplesmente não sabe o que é o sol. Quando penso no sol do oriente, sinto a maior saudade a me invadir." E que quadros caleidoscópicos se desenrolavam debaixo daquele glorioso sol! Os cruzados notaram que na estrada de Jerusalém para Jericó um homem podia observar mais variedade de climas e de panorama em algumas horas, do que podia ser encontrado em outra região em mil quilômetros. Tome, por exemplo, o belo panorama de Cesaréia de Filipe — um verdadeiro jardim de Deus, onde água e árvores são encontradas em abundância, e regatos alpinos e prados onde as verônicas formam um tapete de flores azuis. Ou desça até o lago de Tiberíades, do lado oriental. A estrada passa por uma vegetação alta, luxuriante, cheia de flores da campina; ali há papoulas de um vermelho vivo, e íris de um azul aveludado, anêmonas e primaveras, grandes pimpinelas e cravos silvestres, tulipas e verônicas. E de repente, aparece o cenário do lago resplandecente, visto do planalto a setecentos metros de altura. Que cores, que brilho, à luz do sol, enquanto que ao norte, o monte Hermom, com seu capelo de neve, levanta-se como sentinela silenciosa.

Que dom de observação tinha Jesus! Ele podia falar dos lírios e dos pardais, das montanhas e outeiros, das urzes e das videiras, do relâmpago, das tempestades, da luz do sol, das árvores frutíferas e estéreis, da alvorada e do ocaso. O homem que lê a sua Bíblia está familiarizado com as descrições exatas da natureza nos Salmos, por exemplo. Mas é importante que Jesus não ficou extasiado admirando a glória dos efeitos de uma tempestade sobre o mar ou o deserto, as montanhas ou as florestas (Sl 29); nem exclamou como Sirac, quando ficou admirando o sol, a lua, a tempestade e as nuvens e o violento mar: "E quem se saciará de contemplar a sua glória?" (Eclesiástico 42:26). Jesus ajoelhou-se ao lado das flores campestres e viu nelas, como nos ensinou a ver, uma beleza diante da qual Salomão e toda a sua glória são obscurecidos (Mt 6:29). Os objetos da Sua admiração eram as coisas pequenas: os pássaros, e mesmo os pardais (6:26). Como Ele olhava tudo isso com alegria, e como o Seu coração se alimentava em pastos verdejantes, enquanto isso! Os campos de trigo maduro não O levavam a pensar na foice, que logo executaria o seu sacrifício ali, mas no fato muito mais alegre de que a terra e o sol fariam amadurecer a semente que o semeador havia confiado ao seu cuidado, e levá-la a tornar-se o grão dourado (Mc 4:26-29). O pequeno pardal que caía morto do telhado não Lhe dizia que todas as coisas precisam morrer, mas que o Pai, lá do alto, cuida até das coisas menores (Mt 10:29ss.). Quando os corvos grasnavam no inverno, não Lhe falavam de fome e necessidade, mas do Deus beneficente que alimenta até os corvos (Lc 12:24). E desta forma, a alma de Jesus sentia o refrigério do mundo formoso que se estendia debaixo do sol oriental, bebendo alegremente, e não tristemente, de tudo o que os Seus olhos viam.

*** * ***

Sim; de fato, o mundo tem algo a oferecer, e Jesus desfrutou dos seus benefícios de maneira simples e natural. Qual foi a razão dessa participação inocente? Ele sabia que a terra pertence ao Senhor, e testifica a respeito da bondade paternal de Deus. Para Ele, já havia raiado o dia acerca do

qual certa vez Kepler falou com saudade, e que pensava que vira no espírito: "quando os homens reconhecerem Deus na natureza tanto quanto nas Escrituras, e se regozijarem nessa manifestação dupla." Todos os benefícios da terra eram para Ele dons de Deus. Ele estava certo de que estes deviam ser desfrutados e usados com espírito infantil, com olhos erguidos para o Pai, em gratidão e louvor. Se uma criança tentar livrar-se do prazer que os seus sentidos lhe propiciam, se tentar desvincular o espírito divino nela do mundo menos divino dos sentidos, estará cometendo um erro. Porque ao fazê-lo, ela se esquece que as nossas sensibilidades e sentimentos naturais nos foram dados pelo Pai; e Ele Se entristece quando os reconhecemos como algo alheio a Ele. Jesus teve muito prazer neste mundo, considerando-o como jardim de Deus, cheio de benefícios puros e preciosos, e delícias que podem ser desfrutadas livre e castamente pelos limpos de coração. Ele nunca achou que o mundo era "mau" no sentido de ser "endurecido." Ele Se entristecia com a sua "impiedade." O fato de ele ser um mundo "imperfeito" não o aborrecia. Em certo sentido, Ele estava sempre pronto a falar do "melhor" de todos os mundos; porque o mundo era inteiramente do Seu Pai, e no relacionamento dos dois Ele permanecia em contato com o Seu Deus, do qual o mundo recebera a sua substância. Foi Ele quem ensinou isto ao Seu apóstolo, pois Paulo, como judeu, não sabia — como de fato nenhum filósofo pagão sabia - que "tudo que Deus criou e' bom, e, recebido com ações de graça, nada é recusável" (I Tm 4:4).

*** * ***

Há outras reflexões que precisamos acrescentar, se queremos entender plenamente a inocência com que Jesus usou o mundo. A maneira como nos relacionamos com ele é como criaturas cujas asas muitas vezes foram chamuscadas em suas chamas. O problema não é das chamas, porém do fato de termos voado em direção a elas. E assim, no homem piedoso, cria-se um sentimento de ansiedade, que permanece sempre que ele entra em contato com o mundo — uma ansiedade justificada por mil experiências. Jesus nunca teve dessas experiências ao usar o mundo; Ele nunca sentiu-Se como devedor para com o mundo; e portanto, o Seu deleite nunca diminuiu por um só momento. Ele encarava o mundo face a face, e nunca teve que baixar os olhos envergonhado, diante dele. Como Ele foi diferente de Buda! O budismo nasceu na noite em que o filho do príncipe, perdendo a fé, abandonou a sua esposa e seu filho, afastando-se desgostoso dos prazeres da existência, e da existência propriamente dita. Quem pode ficar admirado pelo fato de durante toda a sua vida a sua disposição era a de alguém que havia se queimado no fogo? Ele ficara cansado do mundo. Mas Jesus jamais sentiu esta emoção. Ele nunca falou fatigadamente acerca do sofrimento de todo mundo; Ele falou, sim, acerca do pecado de todo mundo.

Nos escritos apocalípticos mais maduros, o clímax do homem piedoso é alcançado quando, não tendo mais necessidade de consolo, ele pode ser grato pelo sofrimento. "Como o castigo é precioso!" "Regozijai-vos, ó retos, em vossos sofrimentos presentes!" (cf. Baruc). Os homens haviam chegado a ter medo da prosperidade. "Ai de vós, pecadores... quando vossos amigos disserem: Eles morreram em glória, e nenhum julgamento foi feito contra eles, durante a sua vida" (Enoque). A escola de Ismael ensinava que "Aquele que passar quarenta dias sem castigo já recebeu o seu benefício; a sua recompensa está perdida." O homem piedoso tinha medo de demasiada felicidade. Ele esperava primeiro conseguir, mediante o sofrimento, remover a montanha do seu pecado. Jesus não tinha a consciência ansiosa de muitas pessoas piedosas da Sua época, a sensação de que os pecados anteriores precisavam ser pagos, e foi por isso que Ele pôde usar o mundo, obra do Seu Pai, tão inocente e alegremente.

*** * ***

Está claro que Jesus não teria este sentimento de inocência, se não tivesse consciência do Seu senhorio sobre o mundo. O mundo O servia; Ele nunca serviu o mundo. Ele podia usar os seus benefícios sem ser contaminado por eles. Ele encarava o mundo franca e abertamente, mas os seus dons nunca eram uma tentação para ele. Ele estava tão livre de qualquer desejo de auto-promoção

que podia usar naturalmente as coisas que contaminariam até o melhor dos homens que as usasse. O mundo não tinha nenhum poder sobre Ele, quer por medo, quer por sedução. Para Ele, não havia um abismo intransponível entre desfrutar do mundo e viver com Deus. Para Ele tudo era puro, porque Ele tinha um coração absolutamente puro. Ele Se deleitava no mundo, mas em comparação com Seu Pai, ele não Lhe significava nada. Esta foi a contínua contradição da Sua natureza: Ele estava intimamente ligado ao mundo, e não obstante, gozava ao mesmo tempo de completa independência dele. Só alguém que estivesse certo de ser senhor do mundo poderia ter agido desta forma.

* * *

Da mesma forma, Ele estava também certo de que os Seus discípulos não tinham domínio sobre o mundo. Foi por isso que nunca desejou ser inteiramente o exemplo deles a este respeito. Nunca podemos compartilhar da Sua imunidade, pois estamos limitados pela sorte comum: o mundo com seus benefícios é sempre um perigo para nós. Por saber disto, Jesus deu aos Seus ouvintes ensinamentos bem diferentes da atitude que Ele adotou pessoalmente. Muitas vezes Ele falou severa e veementemente a respeito das possessões deste mundo, pois preferia que os Seus seguidores entrassem no Reino de Deus tendo apenas um braço, ou um olho (Mt 18:8s.), do que ficar totalmente do lado de fora. E assim, Ele de fato recomendou aos Seus esta atitude sábia de auto-mutilação ao usarem do mundo. Para Si próprio esta auto-mutilação não era necessária, e nem Ele jamais a praticou.

* * *

Será que Ele fez isto apenas quanto a um aspecto? Não *é* verdade que Ele jamais teve uma mulher como Sua? Não podemos duvidar nem por um momento que Jesus via grandes benefícios no casamento. Em algumas de Suas parábolas Ele retratou a alegria do casamento como a maior de todas, chegando a comparar-Se com o Noivo. Ele mesmo tomou parte em um casamento, e experimentou o maior prazer com os ramos de oliveira (filhos) que são o resultado de tal união. Além disso, Ele invocou a lei da criação (Deus os fez macho e fêmea) contra Moisés, revelando o pleno significado intrínseco e a seriedade dessa lei (Mt 19:4ss.). Aqueles dentre nós que O conhecem, reconhecem que Jesus nunca foi partidário das pessoas que proíbem o casamento (I Tm 4:3); da mesma forma, jamais podemos crer que seja possível que Ele tenha dado o conselho oferecido pelo Seu apóstolo - de que é melhor não se casar (I Co 7:27,38,40). Todavia, ainda mais, martela em nossas mentes a pergunta: por que Jesus não teve uma esposa, se cria que não há estado melhor nem mais elevado do que o do casamento?

Desde os primeiros dias uma resposta bem satisfatória tem sido supostamente encontrada em Suas palavras a respeito dos que "a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus" (Mt 19:12). Tanto João Batista quanto Paulo permaneceram solteiros por amor ao Reino dos Céus, renunciando aos seus direitos naturais (I Co 9:5); e quanto mais cabível era este estado para o Homem que não pertencia, em qualquer sentido especial, nem à Sua mãe, mas à humanidade. Há muitas pessoas para as quais esta é uma resposta satisfatória, mas para mim parece que, embora ela possa ser correta, não contém a resposta completa. Quando Jesus surgiu como o Messias, já era muito mais velho do que o rapaz hebreu geralmente era quando se casava (com cerca de dezoito anos); mas Ele já estava vivendo de acordo com as leis do Reino de Deus cumprido, quando não haverá casamento, nem se darão em casamento (Mt 22:30). Ele já era "o Filho do homem que está no céu" (Jo 3:13); portanto, o casamento de fato Lhe era impossível. O fato de Ele ser peculiar o impedia.

* * *

No entanto, já falamos o suficiente a este respeito, mas ainda precisamos descrever a

atitude de Jesus em relação ao mundo, considerando-a de um outro prisma. O mundo não apenas nos oferece os seus dons e benefícios, mas também nos faz reivindicações e exigências, insistindo em que desempenhemos alguns deveres, da nossa parte. Que atitude Jesus adotou com relação a isto?

Parece-me que isso pode ser descrito de maneira mais exata pela palavra "reserva."

Não era com desprezo que Ele considerava o mundo com seus regulamentos e deveres. Os Seus discípulos podiam presumir que Ele Se interessava pelo Templo com seus formidáveis pilares de mármore branco, e os grandes terraços dos seus pátios exteriores (Mt 24:1). Ele demonstrou o que pensava dele, quando disse que a pessoa que deseja construir uma torre considera primeiramente se realmente conseguirá terminá-la, visto que a despesa será grande (Lc 14:28). Ele notou tudo: a roupagem macia da casa dos reis (Mt 11:8), a imagem de César nas moedas (Mt 22:19), a preparação dos príncipes para a guerra (Lc 14:31). Em Suas parábolas Ele considerou a cultura mundana de maneira amigável, o trabalho do semeador e os contratempos que podem atrapalhar o seu resultado, o serviço de colheita e a vinha, valorizando esse trabalho agrícola como símbolo do Reino de Deus. Tudo o que podia ser considerado normal por uma pessoa que, quando criança havia lido na Bíblia como Deus mandou que o homem enchesse a terra e a subjugasse (Gn 1:28). O mundo não pode existir sem trabalho, e Jesus sabia, tanto quanto Seu Pai, que precisamos de todas estas coisas. Ele nunca exaltou a pobreza como exemplo a ser seguido. Os cinco irmãos foram aconselhados a escutar os profetas, e não a lançar a sua riqueza fora (Lc 16:29). Foi só em casos especiais que Jesus chamou um homem, tirando-o de suas ocupações habituais (Mt 9:9; Lc 5:10s.). De fato, com a Sua lei a respeito do amor, Ele deu aos homens o maior incentivo para trabalhar; Ele sabia que as possessões terrestres podem ser usadas para promover os propósitos de Deus (Lc 16:9ss.). Para Ele, não parecia coisa má ganhar o mundo, e de fato havia algo de atraente nessa idéia (Mt 4:8). Ele não cria ser um apátrida, e nunca desprezou a formação de um estado; lamentou-Se e manifestou esperanças por Sua nação, confinando conscientemente o Seu trabalho às suas fronteiras. Submeteu-Se obedientemente às autoridades constituídas (Mt 17:24s.; 26:63s.), não suscitando jamais revolta, nem mesmo contra os romanos (Mt 22:21); e mesmo quando eles se demonstraram hostis para com Ele, ainda admitiu que o seu poder lhes fora dado por Deus (Jo 19:11). Ed. von Hartmann está errado, ao julgar que Ele foi "um fanático apressado, um zelote de espécie superior, que, a despeito da Sua amabilidade natural para com os homens, odeia e despreza o mundo e tudo o que a ele pertence, considerando todo o interesse que se tem nele como prejudicial para os verdadeiros interesses do homem." Não, Jesus nunca odiou o mundo com seus regulamentos e deveres, nem o desprezou, nem por um momento.

*** * ***

Contudo, não pode ser negado que em Sua atitude para com os deveres e responsabilidades de que estamos falando houve certo desrespeito, e este fato, não o podemos perder de vista. Porém, perdemo-lo de vista se nos contentarmos meramente em dizer que Ele não considerou tais deveres como Seus. É verdade que, para si mesmo, Jesus conhecia apenas um dever para com o mundo — um dever religioso. O Seu objetivo era uma renovação religiosa e moral, um renascimento interior do mundo. Ele nunca trabalhou em prol de qualquer melhoria exterior, e pode-se afirmar que esta restrição da Sua parte teve um resultado benéfico, não apenas em Seu evangelho, mas também no mundo. Se Ele tivesse ligado a Sua mensagem com as coisas como eram, no mundo daquela época, ela teria pouca coisa a nos dizer, hoje em dia, porque as condições mudaram muito desde então. Porém, constituiu benefício ponderável para o mundo, também, o fato de Jesus ter, com uma inclinação religiosa firme e consciente, Se eximido de interferir diretamente em questões controversas de governo ou de política econômica, e isto pela mesma razão por que Ele não estabeleceu preceitos e opiniões a respeito de filosofia natural, e não exigiu a sua aceitação. No mundo antigo, bem como para os povos não-cristãos hodiernamente, a filosofia natural era delimitada pela opinião religiosa. Ele deixou a humanidade livre para formar os seus governos, bem como para sondar por si própria os segredos da realidade.

No entanto, a frase "uma sábia restrição" não descreve totalmente a atitude de Jesus a este respeito. De fato, Ele demonstra certo escárnio para com os deveres exigidos pelo mundo. Todas essas coisas eram para Ele assuntos de importância secundária.

Qual é a razão para isto? Antes de tudo, foi para Ele um fato inalterável que a alma humana tem mais valor do que o mundo todo. Se o homem não é feito para o sábado, muito menos é ele feito para a cultura. Pelo contrário, a cultura e a civilização são feitas para o homem e o homem é feito para Deus. A cultura como fim em si mesma — ciência, arte, ou qualquer outra das atividades mundanas por amor a si própria — era para Jesus ainda mais absurda do que o sábado como um fim em si mesmo. Todas estas coisas devem servir à humanidade, propiciando-lhe dons divinos; se não for assim, elas se tornam ídolos. Para Jesus pareceria absurdo dizer que a cultura é o objetivo do homem. A personalidade humana é uma coisa muito maior do que a mais brilhante civilização. A característica essencial de qualquer homem não deve ser encontrada em seu relacionamento com o mundo; o seu objetivo é ter comunhão com Deus. Não devemos ter nenhum débito para com o mundo — isto é, devemos servir os outros no mundo e através dele. Porém, o ponto principal não é como influenciamos o mundo ao fazer assim, mas a reação do nosso trabalho sobre nós mesmos e os outros. Todo o nosso afã deve servir para edificar a soberania de Deus em nós mesmos e nos outros, uma nova ordem de coisas muito além de toda a civilização, toda cultura, um reino de misericórdia e verdade. Com um alvo desses diante de nós, tudo o mais deve empalidecer.

O menosprezo de Jesus pelo trabalho nos negócios do mundo, no entanto, não se originou somente do alto valor que Ele deu à alma humana e ao Seu dever para com ela, mas foi causado pelo fato de que Ele via *o* que esses esforços em favor do mundo já haviam realizado. Ele havia aprendido na história da Sua nação como caem rapidamente os governos do mundo edificados pelo homem. Ele sabia como o conhecimento da realidade tem pequeno valor em comparação com o conhecimento da verdade, que é essencial para a alma do homem. E, acima de tudo, Ele tinha conhecimento do Dia do Senhor, quando a glória do homem e toda a sua civilização serão como fumaça, e darão lugar a algo inteiramente novo. Esta é a diferença entre a atitude de Jesus e a nossa: a maneira como compreendemos a vida é totalmente governada por este mundo, mesmo que não neguemos a existência de outro. O nosso domínio é o físico; o metafísico "não tem interesse para nós." A compreensão que Jesus demonstrou da vida era inteiramente governada pelo outro mundo, mesmo quando Ele não negou as reivindicações do mundo presente; havia nEle uma união do físico e do metafísico, pois um estampa no outro a marca da eternidade. Sim, esta é a grande diferença entre Jesus e nós, mas isto é também o que constitui a Sua grandeza. Todo o Seu ensino é sobrenatural; tudo o que a Sua vida representa ostenta a marca da eternidade e é irradiado por Deus. Jesus não podia deixar de advertir aos Seus seguidores que não permitissem que os seus olhos fossem desviados pelo mundo. Ele tinha uma fina percepção do fato de que um estado avançado de civilização significa um estado avançado de escravidão, por causa do engano das riquezas e dos cuidados que ela coloca em seu caminho. E no fim, ela não é nada mais do que um tição incendiado.

*** * ***

Será que Jesus foi injusto para com o mundo? Ou será que Ele estava correto em Sua estimativa do trabalho realizado nele? Será que este mundo realmente é pequeno demais, não apenas para Ele, mas também para os Seus seguidores? O que têm realizado até agora os grandes estados e governos — até o mais poderoso deles? As civilizações do Oriente antigo, ou da América Central, enterradas sob a areia dos séculos, testificam claramente acerca de como as civilizações feitas pelo homem significam pouco na grande economia da criação. Até agora, a civilização não matou, destruiu e jogou fora cada nação que ocupou um lugar na história? E a longo prazo, não é uma experiência realizada repetidamente, embora vagarosa e dolorosamente, que toda a cultura, erudição e arte não podem satisfazer os anseios mais profundos e as maiores necessidades da humanidade? Portanto, foi com sabedoria incomum que Jesus advertiu a alma, recomendando que ela seja somente uma usuária agradecida do mundo em todas as suas formas, trabalhando por ele

somente no sentido em que tal trabalho é um dever. Bismarck reflete este ensinamento do Senhor, quando escreve — penso que para sua esposa: "Dentro de trinta anos, ou talvez antes, pouco nos importará como vão as coisas na Prússia e na Áustria, se tão somente a misericórdia de Deus e os méritos de Cristo habitarem em nossa alma." E o filósofo Eucken está certo quando diz que Jesus, mediante o Seu trabalho e sofrimento, transformou "tudo o que eu desfrutava dos prazeres deste mundo em desperdício, e todo o lazer e conforto deste mundo, por enobrecido e enriquecido que sejam em uma insipidez insuportável. Ele depreciou o valor do mundo e de todas as suas posses, forçando os homens a olhar além dele, e implantando neles um anelo inefável por um mundo novo." Desde os dias de Jesus, "a verdadeira virilidade" deve ser encontrada em viver no mundo, mas interiormente *acima* dele, buscando com a alma o país que está além.

TRANSIÇÃO PARA A PARTE TRÊS

PORQUE NÃO PODEMOS DEIXAR AQUI A NOSSA CONSIDERAÇÃO ACERCA DE JESUS

PORQUE NÃO PODEMOS DEIXAR AQUI
A NOSSA CONSIDERAÇÃO ACERCA DE JESUS

Até aqui temos verificado algo imensamente grande. Vimos um Homem que é único na história do mundo, um super-homem, a obra-prima do longo processo da criação, o protótipo do ideal mais elevado da humanidade. Há nEle uma cultura moral majestosa que está além do ponto até onde pode ir o espírito humano (Goethe). Pode ser que já estejamos familiarizados, de alguma forma, com o que vimos em Jesus. Mesmo entre os pagãos encontramos alguns sentimentos e palavras espantosamente preciosos. Os Bataks de Sumatra, cujo padrão moral é extremamente baixo, têm, por exemplo, alguns provérbios muito bons.[80] Diz-se que Lao-tze, em seus ensinamentos, antecipa-se aos conceitos éticos fundamentais de Jesus. Que abundância de belas palavras e de elevada sabedoria é encontrada na filosofia da Grécia e de Roma! E, mais excelente de que todas elas, são as melhores partes do Antigo Testamento. Contudo, até mesmo estas palavras só podem ser encontradas como agulhas em palheiro — e como é raro encontrar atos que correspondam a essas palavras![81] Emitir tais sentimentos de maneira genérica, e incorporá-los mediante ação, mesmo que tal ato seja realizado apenas em pensamento, são duas coisas muito diferentes. Jesus reuniu num feixe esses raios individuais de conhecimento que aparecem aqui e ali como através de uma lente, e transformou-os em realidade, agindo de acordo com eles de maneira como nunca havia sido feito antes, nem o foi depois. Assim, Ele Se tornou a luz do mundo, e o sol das almas. Os mosaicos multi-coloridos talvez já existissem, mas estavam perdidos e dispersos; mas Ele fez deles um quadro que é novo — absolutamente novo.

A vida pessoal desta forma apresentada diante dos nossos olhos é, na verdade, a maior maravilha da história. A pessoa de Jesus não pode ser analisada do ponto de vista da humanidade, que é escrava do poder do pecado e do tormento de uma consciência má. NEle vemos uma nova criação maravilhosa — um ato criador característico de Deus. Não cremos nisto: vemos isto. Em Jesus, a vontade de Deus é cumprida na humanidade. De fato, pode ser dito que "Jesus é a vontade de Deus da maneira como se manifesta disfarçadamente, em uma vida humana." Quanto a este assunto, nenhuma instrução tem valor, mas somente uma vida vivida como um exemplo.

Sem dúvida o que dissemos a respeito do dom de Deus, aparente, visível em Jesus, poderia ser aumentado, e com razão. A natureza de Jesus pode ser compreendida como amor divino. Sendo assim, a semelhança de Deus se encontra nEle. Em Jesus raiou para o mundo ferido pelo pecado uma revelação de Deus nova, direta, sobrenatural; quem O vê, vê ao Pai. Deus "repetiu-Se" em Jesus, e é "sentido" somente nEle. Deus age como este Jesus agiu. Vamos ainda mais longe: aqui *está* Deus. Certa vez, Goethe admitiu voluntariamente: "Se me perguntassem se há na minha natureza a tendência de prestar-Lhe reverência e adoração, eu responderia: de fato há. Eu me curvo diante dEle como a revelação divina do mais elevado princípio de moralidade." Cristo é nosso exemplo, e desde os seus primórdios o cristianismo percebeu isto. Se o cristianismo dos nossos dias precisasse se contentar com este dom de Deus, para o qual os homens podem olhar, no qual podem se apoiar, muito motivo de disputa dentro de suas fronteiras seria varrido para fora com um golpe só.

No entanto, as nossas considerações acerca de Jesus podem não parar aqui. Por que? Por causa de nós mesmos, por causa de Jesus, por causa da história.

*** * ***

---

[80] A haste de arroz que está vazia permanece ereta; a cheia se curva. Não sofrerás por algo se o deres àquele que pode. Nenhum homem pode remover o sol nascente. Se um homem se perde, há uma razão para isto; se ele naufraga há uma causa. Os bens roubados desaparecem.

[81] Lao-tze admite honestamente que todo mundo sabe que a força é vencida pela fraqueza, e a dureza pela suavidade. Mas muitos poucos conseguem agir de acordo com as suas convicções.

Na confissão do japonês Utschimura, *Como Me Tornei Cristão*, encontramos esta sentença: "Temos ensinamentos éticos suficientes; qualquer doutor em filosofia pode produzir algum, se for pago para tanto." Sabemos muito bem que no dom que chamamos de Jesus, temos de qualquer forma uma vantagem sobre os japoneses. Se o cristianismo não fosse nada mais do que filosofia moral, ainda assim seria uma filosofia moral do tipo mais estimulante, experimentada por um Homem cheio de amor. Mas o que Utschimura enfatiza com razão é isto: Cristo, como ideal, não é suficiente, não apela aos nossos sentimentos com o pleno poder da persuasão, mas é, de fato, de pequeno valor. O que necessitamos é que Ele nos diga: Eu sou o caminho para o ideal. Um velho ditado diz que a velhice precisa de conforto, a mocidade de ideais. Mas aqui, a velhice tem a maturidade da experiência. Seria triste o Cristo que pudesse ser usado apenas por aqueles aos quais ainda adere a concha da imaturidade. O homem que considera este Jesus meramente como ideal, será forçado a esposar um otimismo injustificado, confiando demais no seu próprio procedimento, ou confiará demais na brandura das exigências divinas, ou não agüentará. Sim, porque Jesus como exemplo e ideal está muito além do que o ser humano pode atingir. Não temos nenhum desejo de enfraquecer a força motriz que existe em Sua pessoa; mas a verdade exige esta confissão. Se Jesus é apenas um exemplo, então Ele existe, em última análise, para que possamos reconhecer o nosso pecado. Mas isto não é "evangelho." A pergunta já feita em Atos 15:10, pode ser sugerida para aqueles que fazem estas declarações, modernamente. Deus apareceu mais uma vez como o Deus do Sinai; ali, dez mandamentos em tábuas de pedra; aqui, uma lei personificada em Jesus, cujos efeitos sobre nós devem ser trepidantes, mas de maneira bem diferente da antiga lei, porque ela é muito mais profunda, forte e perfeita. *Exempla trahunt* — sim, de fato, mas neste caso o exemplo age como julgamento. Tornou-se moda "orientar-se" por Jesus. O homem que faz isto conscientemente se humilhará até o pó, e se tornará miserável ao fazê-lo. A sua consciência o atormentará cada vez mais. Nenhum mestre de moral já foi mais severo em seus ensinos do que Jesus. Mas as Suas exigências bem podem fazer com que a pobre carne e sangue cheguem ao desespero. Podemos entender o clamor e Agostinho: "Dá o que comandas, e comanda o que queres. Assim não comandarás em vão."

Outro ponto: é verdade que neste Homem, cheio de amor divino, vemos o Deus Santo que também é amor. Porém, será que nós, separados pelo pecado, estamos unidos a Ele meramente por esta visão da Sua pessoa? Que podemos dizer a respeito do fardo do nosso passado? Desde o princípio, a consciência sempre teve um pressentimento de que uma expiação era necessária. Jesus não providenciou isto?

Algo na natureza humana procura ansiosamente um outro Cristo. Procuramos um Homem que não apenas nos leve a fazer esforços atribulados, mas que nos propicie paz na alma. Rosegger certa vez escreveu: "Com ansiedade procuro outras estrelas, um reino que não seja deste mundo. Depressa nos cansaremos deste mundo." Ora, nós tememos que um Cristo que, como Homem, refletiu a natureza de Deus de forma até então insuperável, é demasiadamente deste mundo para apaziguar os nossos anseios. O mundo depressa se cansará dEle. Necessitamos de consolo — para o passado com a suas falhas, e para o futuro com as exigências que ele nos faz — e só Deus pode nos consolar desta forma. É obrigatório que Deus tenha estado em Cristo. Não apenas que nEle Deus estabeleceu uma nova lei ou manifestou-Se de maneira perfeita, mas que nEle Ele Se tornou o "Libertador" (Salvador). Em última análise, é neste sentido que desejamos os atos de Deus para nós mesmos. Não somos heróis — o que Deus fez por nós? Não nos deixe pensar que tudo o que Ele fez foi dar-nos uma vida humana como padrão de Si próprio e da Sua natureza. Exigimos mais do que isso. Precisamos que Ele mediante uma vida humana, nos tenha trazido libertação do juízo e da escravidão. O Deus divino e o Deus que ajuda — ambos estão profundamente arraigados em Sua natureza. O homem que conhece a si mesmo nunca desejará dispensar o segundo destes. O que anelamos por alcançar, e necessitamos, não é nos tornarmos homens cujo coração Cristo ganhou para Deus; pelo contrário, como Bengel o expressa, o nosso objetivo e mais profundo anelo é sermos cristãos cujos corações o próprio Deus ganhou, através de Cristo — isto é, através da obra salvadora do Seu amor. Um Cristo que não é nada mais do que uma lei personificada — por belo que Ele seja — é um Cristo morto. Portanto, se Ele nunca tivesse vivido, e tivéssemos apenas esta

imagem dEle pintada nos Evangelhos, serviria ao objetivo em vista. Mas precisamos de um Cristo que seja vivo, de forma que Ele possa ainda ajudar-nos em nossas fraquezas; e assim, por causa das necessidades da nossa alma, olhemos novamente para Jesus, para ver se Ele não é algo mais do que meramente o nosso exemplo animador e ao mesmo tempo desanimador.

*** * ***

Todavia, o próprio Jesus não deixará o homem sincero contentar-se em olhar para Ele apenas como exemplo. Esta imagem dEle foge à nossa compreensão, enquanto a considerarmos meramente como tal. Como vimos nos capítulos anteriores deste livro, a atitude de Jesus para com Deus e para com as Escrituras, a Sua forma de orar, a Sua piedade, sim, e a forma como Ele amou os homens, não devem ser consideradas inteiramente como exemplos. Este quadro é grande de mais para caber na moldura que se encontra por toda parte com a especificação de "homem." Aqui não temos terra plana, mas picos elevados e cumes de montanhas cujos topos chegam aos céus. Hoje em dia tem sido comum tentar nivelar a Sua personalidade. Mas podemos estar distorcendo-a gravemente, e julgando a sua realidade, se não pudermos ver que nela há cumes que se elevam a grandes alturas, tendo o céu no seu ápice. Segue-se que o homem que vê tão pouco fica constantemente aquém da realidade na imagem que traça de Jesus, e não pode perceber as Suas maiores belezas. A personalidade de Jesus zomba de qualquer comparação, protestando assim contra qualquer esforço para limitá-la ao padrão estreito de um exemplo. Ele não pode ser medido pelos nossos padrões comuns. Penso que foi Napoleão I, homem que tinha grande conhecimento da natureza humana, que falou a respeito dEle: "Eu conheço os homens; Ele não era um simples homem."

O que experimentamos na imagem de Jesus — como ela é incomparável para nós — é indicado diretamente pelos Seus próprios lábios. Ele não pensava em Se comparar a nós. É verdade que muitas vezes convidou os homens a segui-lo, e os Seus discípulos repetiram esse convite; mas quase sempre tais apelos relacionavam-se com aspectos definidos e específicos do ato de seguir, e certamente Jesus nunca quis dizer que os Seus discípulos estavam qualificados para andar lado a lado com seu Mestre. Tal intenção devia estar bem longe da mente dAquele que podia dizer: "Vós sois cá de baixo; eu sou lá de cima" (Jo 8:23); e que constantemente e de várias maneiras separou-Se tão escrupulosamente dos Seus seguidores.

É claro que para Jesus o significado da Sua missão não reside no Seu exemplo. De acordo com as Suas próprias palavras, Ele deseja nos dar descanso (Mt 11:28). Ele nos traz um evangelho — boas notícias: para prisioneiros, a notícia de que estão livres (Lc 4:18). Ele sabe que é impossível nos libertarmos por nós mesmos; pois em um caso semelhante Ele disse: "Isto é impossível aos homens" (Mt 19:26). Ele não era um pregador de sermões morais, vazios e infrutíferos. O Seu desejo é que a experiência fundamental que o homem tem com Ele não seja o fato de ele receber ou testificar qualquer revelação, ensinamento ou ação que precise imitar, mas que ele descubra em Jesus a verdade, e que seja levado à paz e à experiência de Deus. Através dEle — o próprio Jesus o revela, por meio da Sua morte propiciatória — ele é admitido na família de Deus, e recebe o poder de ser filho de Deus, de acordo com o paradigma do próprio Jesus, pelo derramamento do Espírito. Assim, o benefício religioso reside na pessoa de Jesus, e Ele conscientemente ocupa o Seu lugar ao lado de Deus. Ele requer fé, e o cumprimento da Sua vontade pressupõe esta relação peculiar com a Sua pessoa (Mt 7:21, não sem 7:23; Jo 13:35, não sem 13:34;Mt 16:24, não sem 10:32-39). Todavia, não podemos crer que o Homem que, como padrão divino, ultrapassa em muito, obviamente, todos os outros homens em Sua vida interior, deva ao mesmo tempo ter errado tão completamente em Sua avaliação de Si mesmo, e em Seu julgamento da Sua obra, como algumas pessoas querem nos fazer crer, hoje em dia.

*** * ***

Ele é muito mais do que nosso exemplo; e a Sua Igreja O trouxe através da história como

algo muito maior. Não há indícios de que os Seus primeiros discípulos sentiram-se vencidos pela "vida íntima de Jesus." De fato, durante anos eles haviam estado sob a influência daquela vida, mas quando ela chegou ao fim, a fé deles fracassou. O que isto prova? Certamente que a glória da "vida interior de Jesus" não teve o poder de sustentá-los. A fé deles foi em primeiro lugar aperfeiçoada pela segurança que eles receberam do Sepulcro vazio, e pelo dom Pentecostal do Espírito Santo, Em outras palavras, não pela influência da personalidade de Jesus, por maravilhosa que seja, mas pela Sua divina majestade. Quando mais uma vez eles tomaram posse dEle — e então como "Mestre e Senhor" na plena acepção destas palavras — a sua fé foi estabelecida. Desta forma, embora Ele próprio tivesse dito a eles "Eu vos dei o exemplo" (Jo 13:15), os apóstolos nunca pensaram em carregar o Seu exemplo inspiradora e entusiasticamente através do país. Mas quando tomaram posse dEle segunda vez, carregaram-no — a beleza da Sua pessoa, juntamente com o resplendor ligado a Ele — a todo o povo. A este respeito, não deve ser estabelecida nenhuma diferença entre Paulo e os outros. Cada um dos Evangelhos testifica do Cristo que morreu por nós e ressuscitou, procurando levar avante a mensagem da Sua majestade. Se fosse de maneira diferente, não seria tão difícil extrair o chamado Jesus histórico dos Evangelhos. Mas desta forma torna-se claro que até a Igreja Primitiva nada sabia de uma fé em Jesus que pudesse ser descrita como "seguir a Jesus de Nazaré"; ela conhecia apenas "um relacionamento de oração com o Cristo exaltado (At 9:14, 21; 22:16; Rm 10:12; I Co 1:2; Ap 5:13;-At 7:59; II Co 12:8; Ap 22:17, 20).

O Cristianismo desde então aderiu a este ponto de vista, e se este alguma vez se perdeu, através dos séculos, uma reflexão cuidadosa o fez recuperar-se.

Por nossa parte, temos agora a intenção de avançar ainda mais em nossas considerações a respeito de Jesus, e buscar, de acordo com o cristianismo de todas as eras, reconhecer em Jesus o "Senhor" a quem devemos orar. Ao fazê-lo, entramos no Santo dos Santos, que tem estado em trevas desde o princípio, e ficamos preparados para encontrar problemas que não podemos resolver plenamente.

PARTE TRÊS

NO SANTO DOS SANTOS

O MISTÉRIO DA PERSONALIDADE DE JESUS

JESUS, NOSSO SENHOR

(A) JESUS EM SUA PRÓPRIA OPINIÃO

PREFÁCIO

"Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo."

Mateus 23:10

De acordo com a opinião de Thomas Carlyle, "A natureza não exige de homem algum que ele proclame os seus atos e feitos; de fato, a natureza o proíbe que assim faça. Não há homem algum no mundo que não sinta ou não tenha sentido que se diminui quando fala das suas vantagens e de sua superioridade. Lá dentro, o seu coração lhe diz: 'Deixe que os seus inimigos ou seus amigos falem!' No que tange a Jesus, estas palavras do grande escritor inglês precisam ser contraditadas veementemente. A natureza ordenou que Ele falasse de si mesmo. Aprendemos em nosso estudo a respeito dEle, "olhando" constantemente para Ele, que este Jesus é incomparável. Mas isto significa nada menos que a humanidade, como um todo, e se deixada por sua própria conta, carece da chave para o entendimento da natureza de Jesus. Só se Ele Se revelar a nós, conseguiremos alcançar esse entendimento. Ele deverá permanecer como enigma completo para nós, enquanto não Se desvendar.

Contudo, se Ele o fizer, a nossa única tarefa é ver e perceber. Nunca podemos estabelecer a realidade por nós mesmos, mas só podemos apercebermo-nos da sua autenticidade, e depois aceitá-la sem objeções. Estamos fazendo violência à realidade, se nos recusamos a aceitar algo que não tem analogia, e permitir que as nossas mentes limitadas se refugiem na esfera dos lugares comuns. O nosso dever é aprender a encarar a realidade. Em nossas considerações a respeito da pessoa de Jesus, isso significa ver com olhos abertos e aceitar sem escrúpulos a maravilha extasiante da Sua vida (Capítulo 1).

Por conseguinte, através da riqueza intrínseca e da glória da posição que nos revela a opinião de Jesus a respeito de Si próprio, podemos tentar descobrir fatos visíveis a respeito desse Homem que concordam com o que aprendemos do julgamento que Ele fez de Si mesmo, e eles por seu turno o confirmam. É mais do que provável que essa majestade intrínseca incomum se reflita no mundo exterior. Se nos defrontarmos com esses fatos, devemos nos refrear resolutamente para não fazer qualquer tentativa de estabelecer por nós mesmos o que entendemos por realidade, mas pelo contrário, aceitá-la, mesmo que ela não tenha paralelo em nossa experiência.[82] Aqui, mais uma vez, a nossa única tarefa é procurar ver de maneira correta e completa. Devemos aplicar a nós mesmos os velhos versos de Djelaleddin-Rumi (Sufismus):

Was Sonne ist, kann nur die Sonne lehren. Wer sie will fassen,
muss zu ihr sich kehren.[83]

[82] "Não podemos limitar as fronteiras da realidade pelas fronteiras da nossa compreensão."

[83] O que o sol é, só o sol pode nos ensinar.
Aquele que deseja aprender precisa voltar-se para ele.

CAPÍTULO 14

AQUELE QUE NÃO TEM PECADO

Jesus não viveu nem trabalhou na obscuridade (Jo 18:20). Pelo contrário, a Sua vida decorreu diante dos olhos do público, e na íntima companhia dos Doze. O Seu relacionamento com eles era próximo e íntimo, como a vida familiar, pois Ele sabia que só desta forma eles podiam receber a plena impressão da Sua perfeição, e na Sua humildade permitiu-lhes perscrutar as Suas horas mais escuras e profundas. (Mt 26:38). É ditado universal que nenhum homem é herói para o seu escudeiro;[84] no entanto, as pessoas que tiveram maior intimidade com Jesus foram as que O louvaram mais sonoramente. Quando mais tarde eles estabeleceram o preceito de que "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos" (I Jo 1:8), eles deliberadamente excluíram o seu Mestre, embora O conhecessem tão bem, ou quiçá exatamente por este motivo. O Novo Testamento testifica que poucas décadas depois da Sua morte o Cristo sem pecado foi pregado ao povo, mas a essa época os Seus ministros consideravam já como coisa natural o fato de a comunidade cristã crer nAquele que não tem pecado (II Co 5:21;I Pe 2:22; I Jo 3:5).

A crença da Igreja Cristã Primitiva concorda com o que descobrimos nos Evangelhos. Nem mesmo o olho moralmente agudo dos nossos dias não pode encontrar deficiências ou fraquezas no Jesus dos Evangelhos, e não é possível fazer com que soe como provável a sugestão de que os primeiros anos da vida de Jesus continham qualquer indício de tais defeitos; porque, onde estão as marcas e cicatrizes que certamente permaneceriam? Onde podemos encontrar um único sinal que seja de uma recordação penosa, ou de qualquer falta de certeza ou de alegria que se manifeste? Na verdade, é de grande importância o fato de que a despeito do conhecimento exato da Sua vida, é-nos impossível encontrar qualquer sinal de pecado. É muito fácil mostrar o lado escuro da vida de Maomé, mesmo que contássemos apenas com a sua tocante confissão de pecado, quando estava para morrer: "Temeroso, suplicante, procurando abrigo, fraco e necessitado de misericórdia, eu confesso o meu pecado diante de Ti, apresentando a minha súplica como o pobre suplica ao rico." Ele fora falso, licencioso, cruel e tirânico. Conhecemos as manchas da vida de Buda, também.[85] Embora saibamos comparativamente menos das vidas dos discípulos, temos noção de defeitos suficientes na vida deles.[86]

A vida de Jesus, pelo contrário, torna-se mais esplêndida quanto mais de perto a investigamos, e podemos entender o instinto do homem possesso de demônios — aquele pobre servo do pecado — que o levou a gritar: "Bem sei quem és: o Santo de Deus" (Lc 4:34). Que atmosfera Ele deve ter criado ao Seu redor!

Em face deste fato, escritores de nossa época têm tido insucesso em suas tentativas de

---

[84] Em sua novela *Pastor Ritzgerodts Reich,* Nathaniel Jünger faz o velho pastor falar a respeito de um senador de Hamburgo como segue: "Ele falava com o maior respeito e gratidão a respeito do seu superior... e confessava que ia ouvi-lo pregar sempre que podia. A minha pergunta se ele tinha qualquer contato pessoal com ele, ele respondeu com um decisivo Não, e deu suas razões. 'Veja, como pregador, aquele homem é um dos meus ideais, e eu não posso encontrar a menor fraqueza nele... Quero preservar o meu ideal. Se eu viesse a conhecê-lo pessoalmente, mais cedo ou mais tarde certamente eu deveria descobrir algum defeito nele, e então a sua reputação de pregador, para mim, sofreria na mesma medida. Quero guardar-me contra isso.' " Ninguém jamais precisou da precaução semelhante a respeito de Jesus.

[85] Um missionário me falou acerca de numerosas confissões de Confúcio a respeito das suas falhas, o que deve ser bastante doloroso para os chineses. Aqui estão duas delas. "Então disse o mestre: 'O fato de eu não ter podido ser capaz de praticar a virtude corretamente, de não ter sido capaz de expressar ou perseguir corretamente o que aprendi, de não ter sido capaz de mudar o que estava errado -esta é a minha tristeza.' Então disse o mestre: 'Em conhecimento eu sou talvez igual aos outros homens, mas não tenho sido capaz de transformar a essência do que é nobre em atos.' " (Gespräche VII 3 e 32).

[86] Em Pedro, Atos 5:9; Gl 2:11s., para não mencionar a sua vida pregressa. Em Paulo, At 13:11; 15:36ss.; 23:3; II Tm 4:14.

retratá-lo como pessoa devastada por tempestades íntimas. "Repetidamente Ele domou as forças formidáveis que se debatiam em Seu coração, e transformou-as em resultados positivos." "Ele lutou com todas as forças contra o pecado — um Homem atribulado, lutador, anelante." "A Sua natureza não estava inteiramente livre do mal." Esses escritores falam de tempestades na alma de Jesus e de cicatrizes em Sua face, mas mesmo assim acrescentam, como a desculpar-se: "Elas O desfiguram, mas não O arruínam," o que não nos ajuda a superar o fato de que não conseguimos ver tais cicatrizes.

Ou será que conseguimos vê-las? Será que a natureza dEle "não estava inteiramente livre do mal"? O sofrimento moral, dizem eles, e a incerteza acerca de Si mesmo, podem ser vistos no apodo de "Satanás" que Ele lançou contra Pedro (Mt 16:23). Mas que diremos se isso foi apenas indignação? Nas palavras: "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste? (Mt 26:46), algumas pessoas pensam que conseguem enxergar o colapso visível da obra da Sua vida. Mas que diremos se a Sua confiança em Deus estava celebrando abertamente o seu maior triunfo naquela hora? "Está consumado! Pai, nas tuas mãos entrego o Meu espírito." Tem sido sugerido que a Sua ira era pecaminosa, mas não seria ela a amostra mais reveladora do Seu ardente amor, tanto quanto Ele estava preocupado com os negócios do Seu Pai (Jo 2:17), como quando voltou-Se irado contra a dureza do coração dos homens (Mt 23)?

Ele próprio não recusou abertamente o epíteto de "bom"? (Mc 10:18). Não é isto suficiente? Certamente já está na hora de parar de arrastar esta palavra para o campo de batalha contra a impecabilidade de Jesus! É uma frase solitária em meio a uma abundância de fatos indiscutíveis, e ela pode ser interpretada de muitas maneiras. Talvez Ele declinou esse epíteto porque o Seu crescimento moral não estava completo, e Ele ainda estava aprendendo a obediência. Ele não é "bom" como Deus, que não pode ser tentado (Tg 1:13). A Sua bondade era "atacada" todos os dias. Ou talvez Ele só queria fazer aquele jovem parar de tagarelar a respeito de "bondade," e de usar levianamente a palavra *(taba)* que se aplicava somente a Deus, da mesma forma como "vossa majestade" se aplica apenas a soberanos. Esta palavra não devia ser pronunciada a não ser em oração, e o jovem rico recebeu ao mesmo tempo uma lição quanto à natureza dos títulos vazios, tão comum no círculo em que vivia (Mt 23:7ss.). Mas. neste caso as palavras de Jesus não tinham nada a ver com a consciência moral que Ele tinha de Si mesmo.

Não obstante, há uma passagem que de fato coloca em questão a pecaminosidade de Jesus de maneira muito mais séria. Ele mesmo fala de tentações em que os Seus discípulos haviam ficado ao Seu lado (Lc 22:28). Esta sentença não pode ser privada de sua verdadeira seriedade. O fato de que Ele suportou tentações mostra que a questão do pecado precisa de fato ser levada em consideração. Como disse Lutero: "Jesus teve que lutar para conservar Satanás à distância." Mas se Ele realmente tinha algo a ver com a tentação, por isso não incorre Ele em pelo menos um mínimo de pecaminosidade? Pode haver tentação sem pelo menos um ato pecaminoso da mente? Nenhuma decisão de valor moral de seguir a vontade de Deus é feita sem uma clara consciência da sedução dos caminhos alternativos que poderiam ser trilhados. Porém, a própria contemplação de tais caminhos opostos a Deus, e o reconhecimento da sua atração, não constituem um embaçamento da mente? Certamente que não, se a perspectiva desses caminhos com suas seduções não suscita nenhuma hesitação, nenhum desejo da alma, nenhuma frivolidade agradável, com o pensamento de rendição. Cortando imediatamente o fluxo do pensamento, nosso Senhor preservou a pureza da Sua alma. O pensamento tentador nunca se tornou dEle, pessoalmente.

"Tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4:15). A segunda frase não seria possível se não houvesse certas reservas a serem apresentadas em relação à precedente. Uma coisa é certa: o homem é tentado quando é atraído e seduzido pela sua própria concupiscência (Tg 1:14). Mas nos Evangelhos encontramos um Jesus que jamais foi tentado por sua própria mente.

A tentação atacou-o apenas do exterior. Havia o Seu próprio povo, uma nação que, com a sua crescente dureza de coração, podia té-lo levado à amargura, impaciência, depressão e desespero. Havia também os Seus discípulos (Mt 16:8), os Seus irmãos (Jo 7:3ss.; Mc 3:21), e a Sua mãe (Jo 2:3), cuja falta de compreensão e mesquinhez podiam tê-lo feito reagir com desgosto e

desprezo do Seu próprio povo. Mais uma vez: será que as condições em que Ele se viu não poderiam despertar o desejo de usar mais o Seu poder para dirigir o negócio do Reino de Deus para uma vitória completa e notável? (Lc 12:49; cf. Mt 4:5, 8; e as tentações em outras passagens). A tentação pode ter vindo até de Seu Pai, que o induzira a trilhar caminhos tão humildes, e por fim tão dolorosos. Estes casos todos foram instâncias em que Jesus precisou aprender a obediência (Hb 5:8); isto é, a preservar a Sua obediência. Porém, jamais pensamentos tentadores se levantaram em Seu coração; e pelo fato de Ele repelir esses pensamentos alheios, que vinham do exterior, com a velocidade do raio — pense nas palavras ásperas proferidas em duas ocasiões: "Arreda, Satanás" (Mt 4:10; 16:23) — ele jamais foram capazes de enodoar o Seu coração; foram como um sopro no espelho, que se desvanece imediatamente.

Assim, até as tentações de Jesus são uma prova do plano peculiarmente elevado em que Ele viveu. Elas aconteceram em nível bem diferente das nossas. O Seu coração era puro, e portanto não podia ser invadido pela tentação à impureza. Da mesma forma, Ele não foi tentado a buscar vantagem própria, pois a Sua natureza era feita de amor. Todavia, a uma coisa Ele precisou resistir: que aqueles a quem Ele amava não caíssem tanto em Sua estima a ponto de deixar de amá-las. E Ele precisava guardar-Se contra o uso da força como arma, embora parecesse que esse expediente transbordasse de bênção.

*** * ***

O registro que tiramos dos Evangelhos é resplandecente, mas não é suficiente para estabelecer a impecabilidade de Jesus. Tudo o que observamos até aqui enquadra-se mais ou menos no julgamento destas palavras: "O homem vê o exterior" (I Sm 16:7). Até aqui fizemos pouco mais do que estabelecer a perfeição externa da vida de Jesus. Mas há um abismo profundo entre essa perfeição externa e a impecabilidade, e era desta última que a Igreja Primitiva estava convencida. Quais eram as suas razões?

A razão está na opinião que Jesus tinha de Si próprio, e nas palavras a respeito de Si próprio, que resultaram dela. Jesus sabia que era livre do pecado. Para que possamos apreciar este fato plenamente — para o qual esperamos apresentar ainda provas ulteriores — e tudo o que ele abrange, consideremos dois outros fatos.

Jesus tinha a consciência mais tenra. Uma das formas pelas quais Ele afetou profundamente toda a história, foi ter Ele estabelecido como fato que é a intenção que está por trás de qualquer ato que o torna pecaminoso. Para os Seus olhos penetrantes, o mundo dos homens parecia mergulhado no pecado (Lc 19:10), debaixo da sua interdição (Mt 7:11; 12: 34; Lc 13:2s; Jo 8:7) - sim, até às dores da morte (Lc 9:60). O homem precisa começar uma nova vida, nascendo de novo (Jo 3:3); somente através de completo rejuvenescimento é-lhe possível tornar-se filho de Deus (Mt 4:17). Nada é mais necessário do que um pedido diário de perdão (Mt 6:11s.); pois aos olhos do Juiz lá de cima, que deve ser grandemente temido (Mt 10:28; 12:36), o homem é incomensuravelmente culpado (Mt 18:24), e aumenta a sua culpa diariamente.

Jesus sabia que todas as pessoas que estavam ao Seu redor eram pecadoras. Mas o segundo fato que desejamos trazer à baila é que aos Seus olhos a pior de todas as faltas era esconder ou negar o pecado. A única coisa que pode restaurar o homem ao favor de Deus e' a oração penitente com a sua franca confissão: "Deus, sê propício a mim, pecador" (Lc 18:13). Uma das principais características da mente de Jesus era a maneira como Ele detestava a hipocrisia, a auto-satisfação e a auto-adulação.[87] Foi isto que ocasionou a Sua contínua ira contra os fariseus.

Não obstante, este Homem que via o mundo mergulhado no pecado e para quem a coroa do pecado era o ato de negá-lo, aparece diante de Deus e diz, exatamente como o fariseu que Ele havia condenado (Lc 18:14, 11): "Graças te dou, Senhor, porque não sou como os demais homens". Ele cria que era livre do pecado.

Esta convicção é evidente desde o início. O Menino de doze anos de idade sabia que jamais

[87] Cf. especialmente Mateus 23, e também Lucas 16:15: o homem que, exibindo a sua justiça, é estimado pelos homens, é uma abominação diante de Deus.

decepcionara o amor de Seu Pai. Jesus revelou-Se abertamente a João, para a surpresa e embaraço deste, como alguém que não conhecia pecado. E quando João Batista, em seguida, tentou impedir o batismo que se destinava a pecadores, por considerar que não era adequado para Jesus, e que Ele, por Sua parte, deveria dispensar o batismo, Jesus confirmou que o impulso de João estava correto (Mt 3:14s.) Ele não tinha necessidade de arrepender-se, e nunca ouvimos de Seus lábios qualquer confissão de pecado. Ele nunca sentiu ser inadequado para a Sua tarefa (Êx 3:11; Jr 1:6), ou que o lento progresso do Reino de Deus devia-se a Ele. Ele não conhecia a necessidade do perdão de Deus. O mundo todo devia viver por misericórdia, mas Ele não a requeria. Ele nunca louvou a Deus pela compaixão a Ele manifestada (como Paulo, por exemplo). Antes de iniciar a Sua obra no mundo Ele já havia invadido o reino de Satanás, e o havia subjugado (Mt 12:29; Mt 4:1ss.). Contudo, não é apenas comparativamente que Ele Se coloca acima de nós; não, o resto da humanidade se coloca em agudo contraste com Ele; e quando por fim Ele foi entregue nas suas mãos, foi-Lhe uma experiência dolorosa o fato de ter caído "nas mãos de pecadores." Pois Ele, o puro, jamais tivera qualquer coisa a ver com tais mãos. Não era Ele o lenho verde, em contraste com todo o lenho seco? (Lc 23:31).

Mas essa consciência de Si mesmo vai mais longe, culminando em duas grandes declarações. Jesus posiciona-se em contraposição ao mundo como Redentor e como Juiz. Como Ele poderia ter-se apresentado assim para nós, se houvesse o menor peso na Sua consciência? Ele podia ter a certeza de que era o Libertador, e que viera para buscar no mundo os homens perdidos, somente porque Ele próprio não tinha necessidade de um redentor (Mt 11:28ss.). E como tal, Ele Se considerava tão imune da contaminação, que de maneira maravilhosa não temeu nem a pessoa mais degenerada, e admitiu um publicano no círculo dos Seus mais íntimos amigos. Ninguém podia mudar nada nEle, mas Ele confiava que poderia transformar todos os homens. "Quem está tão seguro, que nada consegue seduzi-lo?" pergunta um dos heróis de Shakespeare, esperando um decisivo Não como resposta. Bem, Jesus esteve sempre consciente da Sua segurança, e desta forma ousou colocar-Se como Juiz de toda a humanidade (Mt 13:41; 25; Lc 21:36). Ao mesmo tempo que advertiu severamente a Seus discípulos para não julgarem, porque o seu julgamento voltaria contra as suas próprias cabeças (Mt 7:1s.), Ele praticou o que proibiu sem hesitação, sempre que a ocasião o exigiu.

E no fim, esta consciência do valor próprio suportou sem desmaiar a prova terrível do desamparo e da morte. Quando a sombra da Cruz caiu sobre Si, e Ele entregou a Sua vida, a Sua consciência não O reprovou, e de Seus lábios saíram as palavras: "Está consumado. Acabei a obra." E então, orou pelos outros, mas não houve nenhuma oração por Sua salvação (Jo 17:4, 9, 11s.). Em Israel, desde tempos imemoriais, o homem que fosse pendurado no madeiro era amaldiçoado por Deus (Dt 21:23). Uma tamanha maldição não deveria dar a Jesus muitos motivos para um auto-exame? Porém, Ele não apenas morreu com a certeza de que naquele mesmo dia estaria no Paraíso (Lc 23:43), e que estava indo para o Pai (Jo 17:11), mas nas horas em que a consciência fez o seu acerto de contas, Ele pôde apresentar a Sua pureza como o poder que iria redimir os pecadores das suas necessidades mais secretas (Mt 26:28). Em tais horas outras pessoas não encontram resgate nem para as suas próprias almas. A sua alma requeria tão pouco, estava tão livre de toda culpa, que Ele podia oferecê-la como resgate por outros (Mt 20:28).

É verdade que é apenas no Evangelho de João que Jesus fala diretamente a respeito da Sua impecabilidade. Porém, vemos este tema ocorrer também nos Evangelhos sinóticos, pois eles nos apresentam palavras suficientes que sem dúvida pressupõem esta consciência de Jesus a respeito de Si próprio.

*** * ***

Em nossa observação de Jesus, defrontamo-nos com um fato da Sua vida interior que é único na história: A Sua consciência jamais o separou de Deus. Há muitas pessoas que não têm consciência do pecado em suas vidas, mas a razão deste fenômeno nos é bem conhecida: o seu senso de percepção está embotado. Por outro lado, a história nos revela muitas pessoas que tiveram

uma consciência particularmente sensível. Mas em tais casos, elas clamaram como Lutero: *"Mea culpa, mea maxima culpa!" Elas* sentem dez vezes mais o peso em suas consciências. O que vemos em Jesus só foi visto uma vez no mundo, e é um grande enigma: um Homem que foi o primeiro a ensinar aos outros o que o pecado realmente significa, um homem com uma consciência particularmente sensível, que detestava toda justiça própria, e que não obstante estava livre de qualquer sentimento de culpa. Quem pode explicá-lo? Precisamos curvar-nos diante das evidências, maravilhando-nos como diante de um milagre de Deus.

Nós nos determinamos a ver a glória de Jesus, e aqui temos uma das suas maiores manifestações. Lichtenberg diz: "Quando o trovão e o relâmpago ressoam ao meu redor, os pensamentos nascem em meu peito." Ao nascerem dentro de nós os pensamentos, a imaginação tece continuamente dentro de nós a sua teia multi-colorida;e é esta atividade da nossa imaginação que nos mostra como estamos longe da pureza de Deus. Jesus tinha um grande poder de imaginação; Ele sabia o que era meditar profundamente, pois passava noites inteiras em contemplação. Porém, mesmo quando os Seus pensamentos nasciam dentro dEle e a imaginação corria solta, jamais sentiu-Se alienado de Deus. "As crianças vêem e ouvem tanto, e imitam tantas coisas más. Não sei porque, mas as crianças nunca imitam o que é bom. Este e' um fato extraordinário, mas assim é." Há apenas um outro fato extraordinário: Jesus agiu de maneira diferente. Somos dotados de uma tendência a pecar, mas Ele não. Fazemos da força das circunstâncias a nossa desculpa. No meio dos pecadores, o Seu desenvolvimento realizou-se firmemente. Será que isto não indica que Ele teve uma origem diferente da nossa?[88] Não indica que Ele foi gerado por Deus? É como a diferença entre o floco de neve puro, que cai do céu, e a lama que temos de atravessar na rua.

O pecado não Lhe era inerente; não obstante, perfeição não Lhe foi dada como presente, e colocada em Seu berço. Há um progresso moral que não vai do mal para o bem, mas que se eleva de perfeição para perfeição. Não é menos difícil este processo do que aquele, mas é mais glorioso, e é o que Deus originalmente teve em mente.

Outra coisa que devemos notar a respeito de Jesus é que Ele nunca trabalhou para o bem da Sua própria alma. Nunca O encontramos, como os ascetas, empenhado meramente em auto-aperfeiçoamento, sem beneficiar a outrem. Ele não era um herói que desse ao mundo o espetáculo edificante de um homem que venceu a si próprio. Todo o tempo, Ele permaneceu como simples servo de Deus e da humanidade, que assim foram beneficiados pelo fato de Ele cumprir a vontade divina.

Ele nunca falou da Sua consciência. Isso pode ser devido a várias causas; mas uma razão certamente era que Ele nunca sentiu o aguilhão da consciência, que se torna agudo em face da oposição.

Alguém disse que Jesus deve ter sido grato a Deus pelas suas aptidões éticas tanto quanto naturais. Mas Ele nunca o fez. Mesmo na oração sacerdotal, não há agradecimento a Deus por ter preservado e guardado a Sua alma da tentação. Quem era este Homem, capaz de dispensar tal gratidão, que podia simplesmente considerar tais coisas como naturais, que podia dizer, como o Deus de Horebe: "EU SOU O QUE SOU"? (Êx 3:14).

Precisamos ouvir o que Ele mesmo tem a nos dizer a respeito deste fato, pois ninguém mais pode revelá-lo.

---

[88] Jó sabia disso quando disse: "Quem da imundícia poderá tirar cousa pura?" (14:4).

CAPITULO 15

O FILHO

"O Filho de Deus" era um dos títulos honoríficos dados pelos contemporâneos de Jesus ao Messias (Mt 26:63). A princípio, Israel, como nação, fora designada como filho de Deus (Êx 4:22); e mais tarde este nome foi dado aos reis da estirpe de Davi, como representantes do povo diante de Deus (II Sm 7:14; Sl 89:27s.). Era natural que o Messias, como o ideal de um rei israelita, ostentasse o título de "filho de Deus" (Sl 2:7,12).

Nos Evangelhos sinóticos Jesus nunca Se designa desta forma. É compreensível que Ele evitasse usar este título, que indicava um messias político. Se os homens deviam reconhecê-lo como tal, não O compreenderiam de forma alguma. Quando Ele chamou a Si próprio de Filho, era algo incomensuravelmente maior que Ele desejava revelar ao mundo.

Orgulhosa e ousadamente, cheio de confiança, Ele diz: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho." Pai e Filho são semelhantemente um mistério. Nenhum homem consegue perscrutar esta íntima unidade e comunhão, a não ser que isso lhe seja revelado (Mt 11:27). Para Deus, Jesus é simplesmente "Filho," e para Ele, Deus é simplesmente "Pai." Isto quer dizer: só Jesus e Deus participam desta relação. Ambos diferem em seu ser, de toda a humanidade. Mas na semelhança do Seu ser, há sobejas razões para Se entenderem mutuamente. Eles não têm mistério um para o outro; pelo contrário, conhecem-Se um ao outro plenamente. Aqui temos uma consciência sobrenatural e divina, e só se ela existir, Jesus é um ser misterioso que pode ser conhecido apenas por Deus. Esta é uma reivindicação clara de divindade, da parte de Jesus. Pode a passagem do *Lun-Yu* ser colocada no mesmo nível destas grandiosas palavras? "Então disse o mestre (Confúcio): 'Ai, ninguém me conhece!' Então disse Tze-Kung: 'O que significa isto, que ninguém conhece o mestre?' Então respondeu o mestre: 'Eu não murmuro contra o céu nem me queixo do homem. Busco e interrogo aqui embaixo, e me esforço para chegar ao céu. Só o céu me conhece.' " Aqui há apenas uma semelhança aparente. Confúcio sente que em sua busca e interrogação ninguém o entende — mas ninguém compreende Jesus no mistério do Seu ser.

A concepção dos fariseus era correta quando disseram a respeito dEle: "Tu dás testemunho de ti mesmo" (Jo 8:13). Esse hábito é sempre encarado com suspeita (Jo 5:31), e em um tribunal, tal testemunho não é considerado de muita importância. Mas Jesus foi forçado a testificar desta forma, porque no mundo inteiro ninguém, a não ser Ele mesmo, tinha qualquer compreensão da origem ou do objetivo do Seu advento (Jo 8:14).

O testemunho próprio do qual estamos falando não se apresenta sozinho em grandiosidade solitária. Quando Jesus compara o pecado de falar contra Ele com o de falar contra o Espírito Santo (Mt 12:32), este fato novamente O coloca no nível da divindade. E quando na passagem que fala que ninguém sabe a hora em que o mundo será julgado, Ele edifica uma espécie de pirâmide: nenhum homem — nem os anjos — nem o Filho — só o Pai (Mt 24:36); mais uma vez Ele Se coloca bem perto de Deus. Ele Se une a Deus mediante um íntimo "nós" — nós dois, o Pai e Eu (Jo 14:23). Ele nunca chama Deus de Seu Senhor, da mesma forma como nunca Se dá o título de profeta. Ele Se coloca tão perto de Deus como o príncipe se coloca do rei que está no trono, ao qual está ligado por laços de sangue (Mt 17:25). Foi apenas por amor dos que não O reconheciam pelo que Ele era, que Ele agiu como se fosse ainda um súdito. Por esta razão, àquele que foi dado ser o Seu precursor, foi dado ser o maior da velha aliança, dentre todos os que são nascidos de mulher (Mt 11:11). Ele não recusou como inadequado o título de "meu Senhor e meu Deus" com que Tomé se dirigiu a Ele, repreendendo o discípulo tão somente porque não reconhecera esta verdade antes (Jo 20:28). E quando Ele disse que o Pai é maior do que Ele (Jo 14:28), o fato de que Ele considerou necessário dizer tal coisa trai uma consciência tremenda de quem Ele era. É verdade que é apenas no Evangelho de João que se usa a palavra "unigênito" (Jo 3:16; cf. Mc 12:6), mas ninguém pode negar que nos Evangelhos sinóticos também havia esta consciência. "Meu Pai" estava nos lábios do Menino de doze anos de idade, mas como este relacionamento com Deus, ao

que se supunha, justificava a aparente negação do relacionamento com os pais terrenos (Lc 2:48), ele devia ser algo bastante peculiar; pois a consciência de pertencer aos filhos escolhidos de Jeová jamais teria sugerido, para os judeus, tal antítese.

Foi esta relação única com Deus, arraigada nas profundezas da natureza de Jesus, que deu origem à consciência plena e potente de ser o Filho que Ele descreve na parábola do filho pródigo e na oração sacerdotal. "Pai, tudo o que é Meu é Teu, e o que é Teu é Meu"(Lc 15:31; Jo 17:10). Aqui, toda divisão de propriedade tem fim. É por isso que Jesus usa a profecia em que Deus diz: "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim" (Ml 3:1) como se as palavras tivessem saído dos Seus próprios lábios (Mt 11:10). Da mesma forma Ele chama a Si próprio, no lugar de Jeová (Is 40:11; Sl 23:1), o Pastor (Jo 10:2),e o Noivo (Mc 2:19; Os 2:19)—e não o amigo do noivo — e chama a congregação de Jeová (Dt 23:2, 3, 4; Nm 16:3), simplesmente de Sua congregação (Mt 16:18), embora em todo o Antigo Testamento ela jamais tivesse sido chamada de congregação de Moisés.[89] Ele chega a fazer uso, para pintar o dia da Sua Segunda Vinda, das mesmas cores usadas para pintar o Dia do Senhor (Mc 13). Ele recusa-Se a mostrar o Pai, pois Ele próprio é a manifestação — isto é, a expressão do Pai (Jo 14:9). Desta forma, a Sua honra é a honra de Deus (Jo 11:4), ambas mencionadas de um só fôlego, da mesma forma como a Sua desonra significa imediatamente que o Pai também é desonrado (Jo 5:23; 15:23). O que vemos por toda parte é uma interligação, um entretecimento, formando um todo coerente: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10:30). Limites entre Ele e Deus não existem.

Na Septuaginta, Jeová sempre foi traduzido como Senhor. Logo no começo, a comunidade cristã dividiu os dois antigos títulos de Deus - "Pai" e "Senhor" — entre Deus e Jesus. Isto significava muito mais do que se eles ocasionalmente chamassem Jesus de "Deus." Porém, até mesmo este grandioso pensamento foi tirado de uma sugestão feita pelo próprio Jesus (Mt 23:8-10), e de palavras que saíram de Seus próprios lábios (Mc 11:3; Jo 13:14).

Se esta era a situação real, um é Pai, e um só é Senhor, Mestre, Líder, isto não apenas coloca estas duas pessoas em um relacionamento peculiarmente íntimo uma com a outra, mas também as distancia igualmente do mundo dos homens. Jesus nunca pôde falar de "nosso Deus" ou "nosso Pai," mas apenas de "Meu Deus" e "vosso Deus," e "meu Pai celestial" (Mt 7:21, etc.) e "vosso Pai celestial" (Mt 5:16, etc). Ele e o Pai podiam ser mencionados de um só fôlego, mas nunca Ele e a humanidade, quer em relação ao Pai, quer em relação ao mundo. Ele é o Filho do Rei, e todos os outros são súditos (Mt 17:25). Ele é o filho e herdeiro do dono da vinha (a vinha é a teocracia: Is 5:1ss.), e todos os outros são servos (Lc 20:9, 13). Ele faz diferença entre os homens — há bons e maus (Mt 5:45), amigos e inimigos (Mt 5:44), benditos e condenados (Mt 25:34,41), mas Ele próprio Se coloca em contraste agudo com todos eles, sentindo-Se estranho e peregrino entre eles (Mc 9:19). Só quando trata de assuntos bem materiais Ele usa o pronome "nós." Sempre que fala de Si próprio, o grande contraste se torna visível, como também a linguagem solenemente elevada.

*** * ***

Quando se originou em Jesus esta consciência de ser o Filho? Isso não teve princípio. Não podemos confundir a concepção que os discípulos tinham dEle a princípio, com a consciência que Ele tinha de Si próprio. Os discípulos podem ter visto nEle, de início, um Homem ungido com o Espírito de Deus, mas a auto-percepção de Jesus jamais se moveu nos limites de tais pensamentos. O Menino de doze anos usou as mesmas palavras — "Meu Pai" — que o Cristo moribundo. As palavras que Ele usou em sua visita terrena ao Templo, são apenas os primeiros vislumbres que temos de uma maravilhosa condição da alma. Mas é um erro supor que este foi o momento em que nasceu a Sua consciência de ser o Filho. Logo que o Menino percebeu quem era, reconheceu-Se como o Filho.

Sabemos que Buda algumas vezes foi assaltado por dúvidas a respeito de si próprio; enquanto isso, Maomé chegou até a nutrir pensamentos de suicídio, algumas vezes. João Batista chegou a desconfiar do verdadeiro significado da mensagem que pregara. No entanto, não foi

[89] Ou chamai o Reino de Deus de Seu Reino (Mt 13:31; Lc 22:30).

apenas em horas ocasionais de entusiasmo que Jesus teve consciência de ser o Filho. Esta certeza não Lhe ocorreu nos momentos supremos da Sua vida, para desaparecer novamente quando desceu aos níveis mais baixos. Mesmo no fim, ela não foi abalada, mas manifestou-se uma vez mais com brilho incomum (Lc 23:43, 46). Ela não tinha fim, da mesma forma como não tivera começo.

Se consideramos como foram exatas e medidas todas as palavras desse Homem (Mt 5:34, 37; 12:36), como Ele próprio estabeleceu limites às Suas ações (Mt 20:23) e ao Seu conhecimento (Mt 24:36) — embora ninguém O pudesse acusar de estar errado — reconhecemos que certeza completa havia na Sua constante consciência de filiação. Na hora de maior necessidade, Ele podia substanciar esta certeza com um juramento (Mt 26:63s.).

Esta percepção remontava a um passado remoto — ao princípio de toda existência, sim, e ainda mais além. Jesus sabia que fora objeto do amor divino desde a eternidade; Ele trouxera a Sua filiação do céu (Jo 6:38, 46, 62; 8:23, 42). Nas profundezas da Sua consciência, habitava a presciência de uma origem e de uma existência divina primitiva (Mt 11:27 também indica isto). Assim sendo, Ele nunca pensou que quando terminasse a Sua vida aqui na terra, ela seria seguida por uma recompensa (nem nos Evangelhos sinóticos).[90] Para Ele, parecia natural que Ele voltasse para o lugar de onde havia vindo (Jo 14:12, 28; 16:10).

*** * ***

A consciência que Jesus tinha de ser o Filho não tem paralelo humano. Alguns homens tiveram a percepção suprema de serem profetas de Deus. Mas o próprio Maomé, para não mencionar os profetas de Israel, confessou abertamente aos seus seguidores, três meses antes da sua morte: "Sou um homem como vocês." Em um monarca, podemos encontrar a convicção orgulhosa de que ele é rei pela graça de Deus. No paganismo algumas vezes esta convicção toma a forma da crença, da parte de um rei, de ser filho de um deus, por adoção ou descendência, e ele chega a ser considerado pelos outros como filho dos deuses. Mas naquele caso o deus é degradado, descendo da sua perfeição para se igualar aos homens. No caso de Jesus, não há tal exclusão das barreiras entre Deus e a Sua criatura; além disso, Ele não considerou Deus apenas como o "Todo-poderoso," mas o que é muito mais, como "Bom" (Mc 10:18) e "Perfeito" (Mt 5:48). E esse Jesus, que em outros aspectos foi tão humilde, que por vezes foi tão cândido e sincero, através de todas as vicissitudes da Sua vida, teve uma certeza sem hesitações de que pertencia a esse Deus bom e perfeito, tão intimamente como só um filho pode pertencer a seu pai. Esta consciência, de fato, é algo superior e sobrenatural. Não podemos perscrutá-la, pois é impossível ao homem fazê-lo. Mas que glória provém desse Homem para quem esse sentimento era continuamente possível — possível a despeito da clareza da Sua visão e da sobriedade e humildade do Seu espírito; possível embora Ele jamais tenha feito dela o alicerce para pretensões egoísticas! De fato, esta não é uma prova desprezível da autenticidade desta consciência; ela nunca teve origem no brejo pantanoso e fervilhante do interesse próprio.[91]

---

[90] Como Paulo fez (Fp 2:9) tendo em vista a edificação.

[91] Como os imperadores romanos e outros governantes pagãos se apressavam em usar egoisticamente a alegação de serem filhos dos deuses! De fato, esta era a coluna mais forte dos seus tronos.

CAPÍTULO 16

O MESSIAS PROMETIDO

"Cada um de nós aqui, vá o mundo como for, quer seja ele vitorioso ou não, não tem uma vida toda sua para viver?... Para a salvação do mundo eu confiaria no seu Artífice, e me preocuparia um pouco com a minha própria salvação, coisa que sou mais competente para fazer." Jesus agiu em direta oposição a este conselho, dado por alguém que não é ninguém menos do que Carlyle. Exatamente porque Ele — e só Ele — não precisava preocupar-se com a Sua salvação, sabia que estava destinado a ser o Salvador do mundo, o Rei Messiânico prometido. Esta consciência da Sua vocação foi um fator em suas diferentes formas: "Por essa razão fui enviado," "Para isso nasci," "Para isso vim ao mundo."

O Rei Messiânico havia sido prometido, e desta forma o mundo tomou conhecimento dEle. Mas a concepção que os homens faziam dEle era a de pessoas nascidas em uma mina, e que ouvem falar do sol. Essa raça, vivendo debaixo da terra, imaginaria o sol como algo semelhante às suas pequenas lâmpadas, ou como a luz de todas elas que conseguissem reunir. Eles se reuniriam contentes ao redor desse monte de lâmpadas de mineiros, gritando jubilosos: "É com isto que o sol se parece!" No entanto, o sol no céu parece-se com qualquer coisa, menos com este sonho irreal a seu respeito, concebido bem abaixo da superfície da terra. Foi desta forma que o povo dos tempos de Jesus sonhava com o Messias, enquanto que Jesus era o verdadeiro sol.

O mundo judaico daquela época havia formado um quadro bem definido do Messias. Jesus tomou a concepção deles como alguém toma um molde vazio para enchê-lo com novo conteúdo. Era muito importante que uma nação toda estava anelando pelo Messias; de outra forma, o povo não teria capacidade para entender, de forma alguma, o que significava o advento de Jesus. Todavia, pela presciência de Deus, este anseio pelo Messias preparou, na mente dos homens, a idéia necessária à qual os novos conceitos podiam ser ligados. Podemos explicá-lo da seguinte forma: a esperança de um Messias que Israel acariciava, fez da nação um solo bem preparado, pronto para receber a semente. Mas a semente semeada nele não se conformou com as expectativas, e por fim, não cresceu a partir daquele terreno.

O que cresceu daquele solo foi despedaçado por Jesus em mil pedaços, como um vaso mal-formado é quebrado pelo oleiro. Antes de tudo, havia a idéia de um Messias nacional. Os contemporâneos de Jesus — e indubitavelmente os Seus discípulos também — esperavam que esse Messias os libertaria dos romanos, estabeleceria a linhagem de Davi, instaurando um Reino tendo Jerusalém como capital, reuniria de novo os remanescentes dispersos de Israel, e ocasionaria uma vida infindável de alegria na Terra Santa. Não se pode negar que tais esperanças eram nutridas pelos livros dos profetas, e desta forma Jesus destruiu parcialmente o quadro profético do Messias, quando recusou-Se a ser um revolucionário, empunhando o estandarte na vanguarda do Seu povo (Jo 6:15).

Mas havia outra concepção corrente a respeito do Messias, e esta também não havia sido formada sem a ajuda dos profetas. Esta era a figura de um Messias sobrenatural, que encontrava lugar entre as concepções de uma volta universal dos mortos, do julgamento e transformação do mundo, e de uma vida eterna. Mas este quadro de um Messias sobrenatural, através do qual Deus daria fim à história, também foi totalmente destruído por Jesus — e mais uma vez, com ele, parte da obra dos profetas. O Filho a ninguém julga (Jo 3:17; 8:15; 12:47), embora o Seu precursor esperasse isso dEle (Mt 3:10-12). Pelo contrário, foi para pecadores que Ele foi enviado (Mt 9:13), e em vez de dar fim a todas as coisas, Jesus inaugurou um novo início. "O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra" (Mc 4:26ss.).

Outros, como Maomé e Buda, foram os frutos maduros de eras anteriores, e de desenvolvimento religioso. Jesus também pode tê-lo sido até certo ponto; mas muito mais do que isto, Ele é o princípio insuspeito de um desenvolvimento completamente novo.

* * *

Já lembramos os nossos leitores que, ao demolir o quadro de um Messias nacional e sobrenatural, Jesus destruiu parte do trabalho dos profetas; mas este é apenas um lado da Sua atitude para com esses grandes personagens da história. Por outro lado, Ele encontrou em suas profecias material com que podia edificar. Porém, como Ele o usou livremente, selecionando e escolhendo o que fora predito! O que parecera acessório, sem importância e aparentemente fortuito, revestiu-se de características fundamentais, e ocupou lugar de importância. A este respeito Ele também agiu como alguém que tinha autoridade, e jamais Se refugiou meramente no esquema corriqueiro dos acontecimentos. Nele encontramos o mistério da célula germinadora. De maneira que não conseguimos compreender, ela é capaz de atrair, enquanto cresce, as mais diversas substâncias. Mas a célula precisa estar ali, pois sem ela ditas substâncias não tomam a sua forma específica. Isto é exatamente o que acontece com Jesus. A maior parte do que vemos em Sua pessoa — e de fato tudo, se empregarmos alguma perícia — pode ser encontrado posteriormente nos livros dos profetas. Contudo, quem poderia ter esboçado esta imagem messiânica a partir das Escrituras, se não fosse Ele? Para tanto, o mistério da célula germinadora era requerido, que misteriosamente atrai para si, em crescimento vivo, as mais diversas substâncias.

Elas eram de fato diversas! Duas combinações foram decisivas para a formação da coisa nova que aqui apareceu. Jesus transformou o governante em um mestre, e fundiu a forma do Rei Messiânico no molde do servo sofredor de Deus (Is 53). Que conexão tem um mestre com o conceito de um rei? Só isto: que Ele próprio era o centro e o assunto do Seu ensino. Mas há, porventura, qualquer ponto de contato entre um rei e um servo — entre aquele cujo trono está no céu e aquele que não tem onde reclinar a cabeça? Um rei que morre em um madeiro? Esse era um absurdo do qual os homens se afastariam horrorizados, se o tivessem visto antes do seu cumprimento (Mc 8:30; 9:9). Assim sendo, este maravilhoso conceito do Messias, a célula germinadora, cresceu sob a proteção de duas camadas protetoras.

Jesus falou através de parábolas cujo objetivo era o Reino de Deus. Mas toda a Sua pregação a respeito do Reino era, em última análise, um testemunho velado. Essas parábolas do Reino de Deus declaram o que Jesus trouxe ao mundo em Sua pessoa. *Ele é* o Reino de Deus; e portanto, o Reino é como o filho de um rei que dá uma festa de casamento, como um semeador, como o filho do dono de uma vinha que exige a sua herança (Mt 22:2; 13:31; 21:37). Desta forma Ele falou do Seu messianismo; velando as Suas palavras, e por trás do véu cresceu a célula germinadora; a concepção de um Messias espiritual.

Havia outra camada protetora para a célula: a designação "Filho do homem." Era a maneira como Jesus Se designava a Si próprio. O Filho do homem significa alguém que pertence à humanidade, que é o homem. Naturalmente a expressão não significa filho de homem como qualquer outro, mas pelo contrário, alguém que seja peculiar entre toda a humanidade. Israel ouvira falar de um Filho do homem peculiar, que Daniel havia predito (Dn 7:13). Esta expressão de fato não se tornou título messiânico no judaísmo; não obstante, era um símbolo que podia ocasionalmente ser usado para representar o Messias. Será que Jesus desejava ser esse Filho do homem? A interrogação surgiu pelo fato de Ele Se designar como tal, e ao mesmo tempo Jesus não a desautorizou. Mas esta também era uma camada protetora útil.

E então chegou um dia quando os véus que até então haviam sido cuidadosamente conservados, foram tirados. João Batista havia falado claramente a respeito do Messias (Mt 3:11s.; Jo 1:26s.); Jesus raramente o fez; todavia, os homens puderam observar e perceber quem era Ele. Ele não quis revelá-lo a eles diretamente; preferiu levá-los a encontrar essa revelação por si próprios. Ele, por exemplo, proibiu terminantemente os Seus discípulos, que haviam descoberto o Seu messianismo, que o contassem a outras pessoas (Mc 8:30). O véu ainda era necessário. Mas aproximava-se o dia quando ele seria rasgado. E então, o grande absurdo alcançou o seu clímax na Cruz, e foi autenticado na manhã do Domingo da Ressurreição. Naqueles dias Jesus entrou publicamente em Jerusalém como o Messias, e admitiu o Seu messianismo diante do sumo-sacerdote; sim, pois o mundo todo devia conhecer que aquele Homem que estava sobre a Cruz era

o Rei sofredor.

*** * ***

O que se tornou visível naquele dia, depois de um crescimento longo, quieto e bem guardado, foi aparentemente uma das maiores loucuras da história do mundo — um Messias que, em Suas características determinantes, não era Messias de forma alguma. Permitam-me apresentar as razões para isto.

O Messias prometido fazia parte da conclusão e do fim da história; ali Ele era colocado bem no meio dela.

O Reino Messiânico devia irromper, vir à existência como um todo completo: uma catástrofe cataclísmica, sobrenatural. E eis que, de modo misterioso, ele já estava ali, germinando e desenvolvendo-se a partir de pequenos começos (Lc 17:21 ;Mc 4:26ss.;Mt 13:31).

Esperavam-se do Rei messiânico o esplendor e a glória que cabiam a um monarca. Ele devia aceitar as homenagens dos Seus súditos. Com uma reavaliação de valores até então inusitada, este Homem transformou a ênfase de coisas externas para coisas internas, determinando que somente a Sua vida interior deveria torná-lo o mais belo dentre os filhos dos homens. Para os Seus súditos Ele se tornou servo — a ponto de morrer voluntariamente por eles (Mt 20:28). E enquanto João Batista, e com ele toda a sua nação, criam que a questão do pecado iria já estar resolvida antes do estabelecimento do Reino Messiânico, este Homem deu ao banimento do pecado um lugar proeminente no Seu programa. Ele Se revestiu de paciência a tal ponto que nesse processo o Rei Se tornou Salvador.

O Messias devia fundar um reino permanente, um reino deste mundo. Para Israel ele deveria significar paz, alegria, liberdade. Por fim Jacó deve ria tornar-se a posição de poder há muito tempo desejada.[92] Jesus pensava principalmente em Deus, e não no homem. Para este haveria a negação de si próprio e a carga da cruz (pense nisso: no reino do Messias!), mas santificado seja o *Teu* nome, seja feita a *Tua* vontade. Ele tencionava colocar o mundo aos pés do Pai — uma obra a ser realizada em honra a Deus, um ato realizado em amor pelo Filho, para o Pai. Os inimigos contra os quais Jesus devia sair não eram os romanos, mas o pecado e Satanás com seus exércitos. O Seu reino não devia ser deste mundo, e nada tinha a ver com política. As esperanças messiânicas do reino ideal de Davi foram varridas, e um reino puramente religioso foi estabelecido no lugar do popular e nacionalista. Ele deveria levar todos os corações à justiça e ao serviço de Deus, depois de derramar sobre eles o dom mais excelso da paz de Deus. Pensava-se que isto era apenas uma introdução para o Seu verdadeiro Messianismo, e que seguir-se-ia a glória divina, um lugar ao lado direito de Deus, o aparecimento de exércitos angelicais na terra, e o Julgamento ou Juízo Final. Pelo contrário, porém, Ele considerou o seu Messianismo como o estabelecimento da justiça na terra. A Sua soberania não funcionou mediante sinais exteriores, mas realizou a sua obra oculta no coração dos homens (Lc 17:20). Ela estava em ação antes que o fim veio. Ali estava um Salvador que estabeleceu na terra um reino de pureza.

O Rei Messiânico, uma figura esperada havia muito, que devia pertencer ao fim dos tempos, estava acima de todas as esperanças de Israel, e particularmente do partido mais beligerante e chauvinista dos judeus daquela época. Aquele Homem arrebentou os laços do judaísmo, e o que Ele trouxe consigo devia ser a salvação de todas as nações e povos.

O rei que eles esperavam deveria estabelecer o seu próprio reino. Ele de veria vir com grande poder sem receber qualquer ajuda dos homens, caindo no regaço deles como uma fortuna inesperada. Para a vinda do Seu Reino, esse Homem requereu a cooperação dos homens, e recusou-Se a fazer uso da força. A palavra deveria ser suficiente, um crescimento moral deveria acontecer. Ele previa claramente como, em tais circunstâncias, trigo e joio cresceriam lado a lado (Mt 13:26); Ele tinha a incrível idéia de um Reino Messiânico em que os Seus seguidores sofreriam perseguições. E em vez do Reino vir para a humanidade como uma fortuna, da noite para o dia, precisaria ser conquistado mediante os maiores sacrifícios (Mt 13:44-46).

---

[92] "O Reino dos Santos" (Dn 7:18, 22). Jesus falou somente acerca do Reino de Deus.

*** * ***

Maomé deu aos seus árabes campanhas predatórias, dinheiro e despojos; Buda deu aos seus indianos sonhos e visões — cada um deu a seus seguidores o que a sua alma desejava. Este Homem deu aos Seus um Messias que era uma pedra de tropeço e um Reino de Deus que era para eles como um soco no rosto. Através dEle o ideal messiânico foi transformado de tal maneira que o sumo sacerdote declarou que a sua realização seria blasfêmia (Mt 26:65); até João Batista teve dúvidas a respeito dele (Mt 11:3); e os Seus discípulos de mais confiança não o conseguiram compreender durante a vida de Jesus. Nem bem eles se acostumavam com um aspecto dele, e já aparecia outra pedra de tropeço (Mc 8:31s.), tanto que no fim este processo tornou-se quase insuportável (Mt 26:31). Os judeus criam que o Messias faria deles o povo mais invejável da terra, enquanto que um dos discípulos mais fiéis de Jesus confessou francamente que, se fosse excluída a esperança da ressurreição, os Seus seguidores seriam os homens mais dignos de piedade em todo o mundo (I Co 15:19). É ainda mais importante o fato de que o próprio Jesus estava sóbria e claramente consciente de que o Reino que Ele trouxera era um mistério para o entendimento dos homens (Mt 13:11), e que a aceitação dEle como o Messias contradizia carne e sangue. Ele sabia que, como o Messias, estava enveredando por um caminho que homem algum podia entender, a não ser pela operação de Deus dentro dele. Quando Simão Pedro confessou pela primeira vez que Jesus era o Messias, o próprio Senhor percebeu que tal conhecimento devia ter vindo por meio de nada menos do que revelação (Mt 16:17; [11:25;Jo 6:44]).

Mas se este foi o caso, o que significava esse Homem, que ousava estabelecer um sistema messiânico que não esperava merecer aceitação de carne e sangue? Só de uma forma ele podia ser apreciado em todo o seu valor: se toda confissão desse messianismo, por ridícula que parecesse ao mundo, fosse motivada pela operação de Deus, e ainda mais claramente, o fato do seu estabelecimento deve significar uma operação divina, pois ostenta a marca indiscutível de loucura divina (I Co 1:25).

A consciência de que Ele era descendente da linhagem de Davi não ocupou um lugar proeminente na mente de Jesus. A Sua consciência intrínseca de ser o Messias se originava das riquezas inexauríveis de alguém que era o Filho. Só aí havia espaço para tal ousadia divina — para este laço irracional entre fraqueza e força (I Co 1:25).

CAPITULO 17
A SUA AUTORIDADE SEM PRECEDENTES

Jesus sabia que, como Rei da salvação, Ele era chamado para grandes coisas. De fato, aquilo que Ele Se sentia autorizado a fazer era tão sem precedentes que pode ser explicado somente pela consciência que Ele tinha de ser o Messias, e ao mesmo tempo pela convicção de que Ele era o Filho.

Para começar, é bom que digamos que Jesus sabia que era justificado ao falar de Si próprio, tornando-Se o assunto da Sua pregação, e desta forma chamando a atenção para Si próprio. Não há na Bíblia outro homem que fale tanto de Si como Jesus *(v.g.:Mt* 16:13-28); todos os outros indicavam o caminho para Deus de maneira bem diferente. Mas este Homem reconhecia a Sua própria importância. O fato de Ele falar a respeito de Si próprio tão freqüentemente na terceira pessoa ("o Filho do homem," "o Filho") mostra isto. "Quem dizem os homens que eu sou?" — desta maneira Ele fez de Si mesmo objeto de investigação. Ele aproveitou-Se de duas parábolas do Antigo Testamento (Sl 80:9ss.; Is 5:1ss.;Pv 9:2ss.), mas apenas de maneira que pudesse adaptá-las a Si próprio (Mt 21:33, 37; 22:2ss.). O Seu Sermão do Reino também termina com Ele próprio (Mt 5:11). De fato, Ele é o Reino (Mt 12:28; Mc 10:4). Foi para Ele próprio que Ele desejava reunir os filhos de Jerusalém (Mt 23:37); e se o povo ouvisse à Sua voz (Jo 18:37), as Suas palavras (Mt 7:24), Ele estava contente. Em Seu discurso Ele excluía Deus de uma forma à qual as pessoas piedosas não estavam acostumadas. No entanto, Este, que era o mais piedoso de todos os homens, podia fazê-lo.

E também, a fonte de onde as Suas palavras fluíam, não era o trono de Deus. "Assim diz o Senhor" era o prefácio dos profetas para a sua mensagem. Este Homem ousava falar por Sua própria autoridade: "Eu, porém, vos digo." Ele também sabia que por fim o Espírito seria ligado à autoridade que Lhe era peculiar.

Já foi dito que, embora este fato tenha sido descoberto apenas depois, todas as frases introdutórias de Mateus 5 podem ser encontradas no Talmude. "Ouvistes", "foi dito" (referindo-se aos ensinos orais), "eu, porém, vos digo." Porém, o que isto tem a ver com o método de Jesus? Jamais entrou na Sua cabeça colocar-Se no mesmo pé de igualdade com os rabis que discutiam a respeito dos argumentos do Talmude. De um lado colocavam-se os da antiga dispensação (Mt 5:21), Moisés e os que se assentam na cadeira de Moisés (Mt 23:2), e do outro lado está Jesus, solitário. Se queremos entender toda a importância de Suas palavras "Eu, porém, vos digo," precisamos colocá-las ao lado da fórmula profética "Assim diz o Senhor." Para os profetas significava algo grande e imponente ser-lhes permitido falar aos outros em nome de Deus. O profeta sentia orgulho pelo fato de que a sua palavra era a palavra de Deus (Dt 18:18; Jr 1:9). Mas este Jesus não tomava nada emprestado da autoridade de Seu Pai; devia ser suficiente para os homens o fato de Ele dizer: "Eu vos digo.”

O uso que Jesus fez da palavra "Amém" é significativo (em nossa Bíblia traduzida como "verdadeiramente" ou "em verdade"). O Amém deve ser encontrado no Antigo Testamento, mas no fim de uma sentença. Era a fórmula usada para se repetir um juramento (Dt 27:15ss.; Ne 5:13), ou a solene confirmação da liturgia (Sl 41:14; 106:48; I Cr 16:36). Contudo, de maneira bem diferente de toda a literatura judaica, Jesus colocou o Amém solenemente no começo da sentença, nos Evangelhos sinóticos freqüentemente apenas uma vez (Mt 5:18), mas em João, com a mesma freqüência, Ele a repete (Jo 1:51). Qual é o significado disto? Em Isaías por duas vezes Deus é chamado de "Deus do Amém" (65:16). Em Apocalipse Jesus é chamado de "o Amém" (3:14). Em Lucas Ele próprio modifica a palavra para "Na verdade vos digo" (4:25), e em João encontramos a Sua consciência fundamental acerca de Si próprio: "Eu sou a verdade" (14:6). Com o Seu "Amém", Jesus remove as Suas palavras da esfera do debate ou da dúvida. Ele nos faz lembrar que Ele é verdade. A verdade é intrínseca nEle, como o é em Seu Pai. Nem mesmo nas mais solenes afirmações, nenhum de Seus apóstolos ousou imitá-lo nesta maneira de usar a palavra "Amém."

Desta forma, vemos que Ele pode falar como de moto próprio; Ele não é apenas um agente, mas a fonte independente da palavra divina. Ele se lança a criar a Escritura. Ele sabe que fala as palavras de Deus (Jo 3:34), e por este motivo, pode confiadamente colocar as Suas próprias palavras ao lado das palavras de Deus, sem traçar nenhum limite entre elas. Se Deus chama céus e terra como testemunhas das Suas palavras (Is 1:2), Jesus, da mesma forma, reivindica tudo o que tem ouvidos para ouvir (Mt 11:15; 13:9, 43). E quando o profeta diz da palavra de Deus que, diferentemente de todas as coisas terrenas, ela permanece para sempre (Is 40:6, 8), Jesus, falando da Sua palavra, confiadamente emprega o mesmo contraste de céu e terra — estes podem passar, mas a Sua palavra permanecerá (Lc 21:33).

Mas a autoridade de Jesus vai ainda além. Não foi suficiente que Ele falasse da Sua própria autoridade — anteriormente, uma característica de todos os falsos profetas (Jr 23:31, [16]; Ez 13:2). Ele devia também continuar e aperfeiçoar a lei de Deus. Ele fala de "cumprir" (Mt 5:17), e o diz no sentido do jardineiro que aperfeiçoa e "cumpre" a rosa. Não é suficiente descrever a atitude de Jesus a este respeito como se Ele meramente Se voltasse contra a tradição dos escribas e contra as suas adições à lei de Moisés. Não; Ele impugnou o próprio Moisés, e assim, aparentemente, Aquele que havia enviado Moisés, como compreendidos no judaísmo do primeiro século. A guarda do sábado não era a lei fundamental do antigo pacto? O Rabi Eliezer põe nos lábios de Elia estas palavras para Deus: "Senhor do mundo, os Teus filhos têm duas virtudes: eles observam o sábado e a circuncisão. Eles são dignos de que tenhas compaixão deles." Para Moisés, o sábado era o sinal eterno do pacto entre Deus e Seu povo (Êx 31:16s.). Os profetas também podiam tornar-se zelosos quanto a este assunto (Is 56:2). E qual foi a atitude de Jesus para com esta coroa do judaísmo? Ele é tão arbitrário, tão seguro de Si mesmo (Jo 5:10s.;cf. Ne 13:17ss.), pois é Senhor até do sábado, ensinando como essa ordenança deve ser observada (Mc 2:28).

Ou então, veja a questão do divórcio. Aqui Jesus diz claramente (Mt 19:7, 9; v. 31) que a lei de Moisés, levando em consideração a dureza do coração dos homens, havia permanecido imperfeita.

É também na lei de Moisés que a máxima impiedosa de "olho por olho e dente por dente" se encontra (Êx 21:24s.), e sobre esta Jesus tripudia como um vencedor. Não se encontram nos livros de Moisés todas as leis a respeito dos alimentos? (Lv 11:4ss.); pois Jesus privou-as do seu valor para sempre, quando disse: "Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar" (Mc 7:15). Na lei de Moisés também devem ser encontradas instruções a respeito do contato com leprosos, com as pessoas que têm hemorragias, e assim por diante (Lv 13-15) — preceitos que jamais conseguiram restringir o amor de Jesus (Mc 5:25ss.). É fato que no Antigo Testamento, os inimigos da nação — isto é, todos os estrangeiros — eram caça sem restrição (Lv 19:18 — só dos de sua tribo — Dt 7:1s.; 15:3; 25:17-19), e que o Livro dos Salmos contém muitos clamores pedindo vingança (Sl 28:4; 69:23-26). Era algo completamente novo o fato de Jesus mandar que os homens amassem os seus inimigos, mesmo os que estavam fora da comunidade de Israel (Lc 10:33). Era fato inusitado a ordem que Ele deu para os homens amarem mais a seu próximo do que a si mesmos (Jo 13:34; 15:12,13). Por toda parte Ele colocou vinho novo em odres completamente novos (Mt 9:17); por toda parte vemos as novas regras de um novo pacto (Mt 26:28).

Naturalmente Jesus sabia que, ao opor-se desta forma a Moisés, Ele não Se estava opondo a Seu Pai. Pelo contrário, Ele percebia que estava agindo de acordo com os pensamentos mais profundos e. secretos de Deus os quais Moisés fora incapaz de entender. Mas a verdade sem precedentes a respeito da autoridade de Jesus é que Ele emitiu estes pensamentos de Deus como se fossem Seus. Onde há qualquer menção de Deus nas passagens citadas acima? Como Moisés falou de maneira diferente (Êx 20:1)! Jesus é o soberano, as Suas proclamações permanecem por si próprias. Ele sabia que podia aparecer diante dos homens como o legislador divino, tomando o lugar de Seu Pai. Este é o caso nos Evangelhos sinóticos, com as palavras "Eu, porém, vos digo", e exatamente a mesma coisa em João, onde Jesus fala a respeito dos Seus "mandamentos," (Jo 13:34; 14:15, 21; 15:10). E sabendo disto, o povo ficava tomado do sentimento de que ali estava Alguém falando com autoridade (Mt 7:29).

* * *

Todavia, continuemos o nosso estudo a respeito da autoridade de Jesus em outra direção, onde ele não é menos notável. Refiro-me ao perdão de pecados. Aqui, a Sua glória resplandece em dois aspectos diferentes: antes de tudo, na surpreendente posição que Ele atribui ao perdão de pecados nos planos governamentais de Deus.

O que esperava o homem a este respeito? Exatamente o que João Batista havia predito: se ele produzisse frutos dignos de arrependimento, o perdão de Deus poderia seguir-se (Lc 3:7s.). De outra forma, Deus e o Seu Messias destruiriam o ímpio com o sopro de Seus lábios (Is 11:4). A boa vontade de Deus sempre fora colocada no fim, como recompensa que precisava ser merecida. Aí também se encontrava uma *jus talionis* (pena de Talião, direito de retaliação). O alvo era alcançado mediante julgamento severo; assim como é a semente, assim será a colheita; assim como os atos, assim a recompensa. Como um todo, somos homens "endurecidos," e não conseguimos pensar em Deus como diferente de nós. Todas as outras religiões começam do pressuposto de que o homem precisa ser puro antes de se aproximar de Deus. O mundo não crê na justiça nem no poder da misericórdia. O perdão dos pecados contradiz o ensino a respeito da consciência. E agora vem Jesus, fazendo do próprio perdão um dos alicerces do Reino de Deus, fazendo dele, de fato, o princípio determinante pelo qual Deus governa. A impotência do homem é compreendida com clareza divina; com divina decisão, as meias medidas são abandonadas. Coisas incríveis são oferecidas dentre as riquezas divinas: a boa vontade de Deus é colocada no princípio, sendo o pecador levantado misericordiosamente para ser um filho de Deus. Desta maneira o perdão é exaltado como princípio, tornando-se uma alavanca que eleva o homem do pecado e do erro. Isto não é feito em um espírito de indulgência, como se o pecado fosse assunto de somenos importância. Jesus nunca considerou o perdão como algo a ser aceito como coisa natural, mas sempre como algo maravilhoso. É com a intenção de combater o pecado, com o objetivo de vencê-lo, que o perdão é considerado um princípio. Jesus foi o primeiro a reconhecer o poder do perdão. De fato, os profetas haviam falado dele como ato singular de Deus, que deveria ter lugar na Era Messiânica, mas com Jesus ele se tornou algo fundamental e permanente, e de fato, a verdadeira *sabedoria* de todo o processo. Isto se apresenta em contradição com todas as idéias humanas, por estar além da sua compreensão — é divinamente grandioso. Os fariseus achavam que este princípio era uma pedra de tropeço, objetando a Paulo também, porque ele reconhecera e entendera que esta era a natureza de Deus. A Igreja Católica Romana se tornou uma grande contradição em relação à maneira de Deus agir a este respeito. Desde a época de Paulo até Lutero, ninguém compreendeu plenamente o método de Deus — este método que vai tão além de todo o pensamento humano, que nunca poderia ter sido inventado por qualquer coração humano "endurecido."

De onde recebera Jesus a autoridade para proclamar um Deus tão misericordioso? Era algo tão incrível, especialmente para as consciências tenras. Ele conhecia o Pai. Nenhuma outra pessoa poderia ter o direito de contar ao mundo a parábola do filho pródigo ou do fariseu e do publicano; só Ele poderia fazê-lo porque conhecia a mente de Deus. Não somente isto, mas ainda mais, Ele sabia que, no serviço do Pai, Ele deveria lançar os alicerces do perdão de pecados de maneira misteriosa, mediante o Seu sangue, para que o rigoroso julgamento dos pecadores pudesse ser evitado. Assim, de Seus lábios estas histórias são críveis, embora fossem recebidas com suspeita, se proviessem de qualquer outra pessoa. Pois, consideradas de um ponto de vista humano, elas falam de algo que não pode existir. Mas este próprio fato — que tal idéia seja contrária à lógica da consciência, e desta forma esteja além dos conceitos humanos — dá-nos a certeza de que elas são divinas.

* * *

Jesus não Se sentia apenas com o direito de proclamar o mais amplamente possível o incrível perdão de Deus, mas foi ainda além; mesmo perdoou pecados. E aqui, mais uma vez, Ele o fez inteiramente em Seu próprio nome, sem mencionar o nome de Deus.

Pense no homem paralítico, estendido em seu leito, diante de Jesus. Nosso Senhor não usou meramente aquela pessoa para proclamar o princípio geral de perdão. Se Ele tivesse usado uma

expressão como a que Natã usou diante de Davi: "O Senhor te perdoou o teu pecado" (II Sm 12:13) ninguém teria interposto nenhuma objeção. Mas Jesus perdoou pecados com Sua própria autoridade, sem em momento algum mencionar Deus. Qualquer pessoa que entenda o que significa perdão de pecados, e ao mesmo tempo classifica Jesus como homem comum, sem dúvida se escandalizará com este fato. Seguindo a linha deste raciocínio, os fariseus exclamaram com justificado espanto: "Este blasfema" (Mt 9:3). De fato, Jesus reivindicou direitos que pertenciam somente a Deus, e que o judaísmo jamais ousara atribuir nem mesmo ao Messias, pois na Era Messiânica o perdão deveria permanecer como prerrogativa de Deus (Is 43:25; Jr 31:34; Ez 36:25). Quando Ele percebeu como os fariseus estavam alarmados, não emendou as Suas palavras; não tentou mostrar aos escribas o erro em que laboravam, quando perguntaram, de maneira perfeitamente racional: "Quem pode perdoar pecados senão só Deus?" (Lc 5:21). Ele só lhes deu a prova de que Ele era inteiramente um com Deus, tanto que tinha autoridade para realizar até esta Sua obra na terra. De acordo com as Suas próprias palavras, fora para demonstrar esta verdade que Ele curara o paralítico (Mc 2:10).

A maneira como Jesus tratou a mulher que era pecadora encontra-se exatamente no mesmo nível da consciência que Ele tinha de Si mesmo. Ah mais uma vez, como pode ser verificado pelas palavras e pelo comportamento do povo, este objetou contra o fato de Ele perdoar pecados em Seu próprio nome. Isto porque Ele permitiu que os homens expressassem gratidão a Ele pelo dom recebido. A parábola explicatória do agiota, também, apenas ilustra a medida de agradecimento que Lhe é devida. Mas o inverso inegável deste fato é que a dádiva, também, parece vir de Jesus.

Em Suas últimas horas na terra, Jesus deu a um dos ladrões a certeza de misericórdia (Lc 23:43). Misericórdia é uma prerrogativa divina, e quando vemos Jesus, desta forma, exercendo-a, reconhecemos novamente a liberdade real de Alguém que é o Filho. "Tudo o que este (o Pai) fizer, o Filho também semelhantemente o faz" (Jo 5:19).

E por fim, Ele ousou até legar à Sua Igreja esta autoridade de perdoar pecados (Mt 18:18; [16:19]; Jo 20:23).

*** * ***

Todavia Maomé e Buda, como pessoas, podem ser deixados de fora das religiões que fundaram. Pouco antes de sua morte, Buda disse a Ananda, seus discípulo favorito: "A doutrina e as leis que ensinei e proclamei, ó Ananda, elas serio o seu senhor quando eu o deixar." E quando o mestre partiu, os seus seguidores prosseguiram sem ele, pois não há ninguém indispensável. Só Jesus pode colocar-Se ao lado do Deus indispensável. Ele não tem semelhança alguma com o profeta, que se retira para trás da sua obra, mas Ele leva a Sua obra até a eternidade. A Sua missão foi transmitir de uma pessoa para outra, e por isso deixou o mundo descuidadamente sem ter escrito uma só palavra. Que cuidado Maomé teve com a sua obra escrita! Mas Jesus sabia que quando fosse exaltado até o céu, ainda estaria desempenhando a Sua obra — Ele mesmo, só que por novos métodos, e com âmbito mais amplo. Ele estaria presente em pessoa, eternamente (Mt 18:20; Jo 14:23), e o poder e glória de Deus seriam Seus (Mc 12:36; 14:62). Por fim Ele deveria voltar para satisfazer o desejo de Seu povo (Lc 17:22, 24), como o noivo satisfaz os anseios da noiva no dia do casamento (Mt 22:2; 25:1). Assim, a Igreja deveria estar irremediavelmente ligada à pessoa de Jesus, tanto quanto ao próprio Deus. Jesus podia colocar os dois lado a lado, ousadamente: "Credes em Deus, crede também em mim." Sim, pois Ele estava à direita do Deus eterno.

Jesus nos revela ainda mais porque pode dizer que é indispensável para a Sua Igreja. Os que estão cansados e sobrecarregados, os perturbados e inquietos, devem ser aliviados devido à Sua força pessoal (Mt 11:28). Ele pode "transformar o patife em um homem digno." Ele não tenta fazer isto por meio das advertências dos profetas. De que ajuda poderiam elas ser? Quando Ele Se compara a um médico, não pretende confinar as Suas atividades médicas à prescrição de alguma dieta moral. De qualquer forma, uma receita dessas seria de pequeno valor; além disso, poder-se-ia compor um manual com ela, e então Ele próprio poderia ser dispensado. Mediante grande riqueza de ações, Ele proclama que derrotou o valente. Desta forma propicia poder, e distribui as Suas

riquezas. É assim que Ele transforma o patife em um homem digno. Ele conhece a arte de enxertar uma árvore sadia (Mt 12:33), e de fazer de um homem uma nova criação (Lc 19:5ss.). A novidade é esta: Ele leva homens ao Pai, e Ele mesmo os ajuda a ter uma justiça mais elevada que a dos fariseus.

Pense em todas as parábolas Joaninas que dizem como Jesus é indispensável. Ele é o caminho (Jo 14:6; Mt 11:27), e portanto precisamos segui-lo. Ele é o caminho porque, assim como Ele é o portador da verdade, é também o mediador da vida (Jo 14:6); Ele é a porta (10:9), e isto também é indispensável. Ele é o verdadeiro pão do céu (6:51), e assim a mais desesperada fome deve encontrar satisfação nEle (Mt 5:6; 11:28).

Ele é a luz que brilha nas trevas (Jo 8:12), e desta forma todos precisam dEle. Ele é a videira (15:1), e todo ramo que não permanece nEle está perdido. Ele coloca todas as outras pessoas na posição de crianças. Através de uma forte vida pessoal — a Sua vida — elas precisam permitir-se serem levadas acima do que são por si mesmas. Sem Ele, elas nada podem fazer (Jo 15:5).

Ele torna o Espírito Santo, que era conhecido desde o Antigo Testamento, totalmente dependente dEle próprio (Jo 14:26; 15:26). Quando os discípulos, mais tarde, falaram do "Espírito de Cristo" ou do "Espírito do Senhor," estavam agindo de acordo com Suas instruções, e da mesma forma como Ele dá o Espírito aos Seus, Ele é o mediador das suas orações (Mt 18:19s.) Por toda parte Ele atribui um significado terapêutico e mediador à Sua pessoa. Ele ajuda os Seus seguidores ao ponto de vista religioso correto, e à sua herança religiosa, e ao fazê-lo — bem diferentemente de outros fundadores de religiões — Ele tornou-Se Salvador dos Seus. De fato, Ele próprio é a nossa herança religiosa, pois nEle encontramos descanso (Mt 11:29). Este pode ser o clímax do Seu caráter indispensável para a humanidade.

A este respeito, é adequado pensar também na instituição da Ceia do Senhor. É claro que naquela hora o pão e o vinho deviam simbolizar a Sua morte. Mas outro fato também devia ser esclarecido: que a verdadeira ênfase se encontra na oferta como corpo e sangue, e na participação dela como tal. Ela devia significar uma bênção para o Seu povo. Naquela época tanto judeus quanto gentios estavam convencidos de que o homem entrava em união com a divindade por meio de sacrifício.[93] Ora, o sacrifício de Jesus era a Sua vida entregue até a morte; e pão e vinho representavam esta vida. Ele podia considerar a salvação enviada de Deus para o homem como algo combinado em Sua pessoa; perdão e o dom do Espírito. Assim, na Ceia, Ele oferece uma união com a Sua própria pessoa; no Sacramento o Seu Espírito, a Sua personalidade celestial, entra no cristão. Jesus faz morada em nós (Jo 14:23), e com isso O torna indispensável para nós!

Algumas vezes é sugerido que a chamada pregação do Reino faz Jesus parecer menos essencial. Mas esse conceito não faz justiça aos fatos. O próprio Jesus é o Reino. Orígenes falou de uma "auto-basílica" (auto-reino). O reino veio com o advento de Jesus (Mt 11:11s.); onde Ele está, ali está ele também (Lc 17:21). É só Ele quem edifica o Reino, e Ele próprio quem, por fim, o leva ao pleno cumprimento. Ele traz sempre em Si mesmo a força e o poder do Reino. Não pode haver dúvida de que a Sua obra, do princípio ao fim, tinha este objetivo em vista: que a pregação do Reino fosse conseqüentemente substituída para sempre pela pregação de Si próprio como Salvador. É fato histórico que, imediatamente depois da morte de Jesus, os Seus mensageiros reconheceram que haviam sido chamados por Ele para serem testemunhas do significado da Sua salvação, e não meramente porta-vozes da Sua pregação galiléia. Ele próprio era indispensável, e logo no começo da Sua carreira, revelara isto aos Seus seguidores, mediante a Sua pregação a respeito do Reino.

Os meus leitores devem ter notado que outro fato muito importante se fez patente: Jesus percebia que em funções bem específicas, Ele podia colocar-Se no lugar de Deus. Ele disse a respeito de Si mesmo o que as Escrituras diziam a respeito de Deus. Ele devia ser bem íntimo de Seu povo, como Deus era (Sl 139; Mt 18:20; 28:20). Sempre, até o fim do mundo, ou do século, como o Deus eterno (Mt 28:20). Exatamente da mesma forma que Deus, Ele devia aliviar "toda" alma faminta (Jr 31:25; Mt 11:28; Sl 23:3). Ele tomou nas mãos a profecia de Deus a respeito de

[93] Este parece um pressuposto evidente por si próprio em I Coríntios 10:14-21.

pisar serpentes (Sl 91:13; Lc 10:19). Como Deus, também, Ele observou o pacto da Sua paz com Seu povo (Is 54:10; Jo 14:27). Ele chegou a predizer que as almas dos homens encontrariam descanso nEle, como encontravam no Pai (Jr 6:17; Mt 11:29). A autoridade de Jesus era tão ampla e extensiva, que Ele podia considerar-Se igualmente indispensável, como o Pai.

*** * ***

Fora Isaías quem ouvira Deus dizer: "A quem enviarei?" (6:8). Desde o princípio fora um dos direitos soberanos do Deus de Israel enviar os Seus mensageiros. Houve uma longa linhagem de profetas, e Jesus reconheceu que Ele também era enviado de Deus. Não obstante, também quanto a este aspecto Ele Se colocou como íntimo de Deus, assumindo o direito soberano do Pai, e dizendo: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20:21). Ele não sente inclinação para considerar a Sua missão como menos digna do que a de Seu Pai. Ele havia inspirado e dado ao Seu povo uma longa sucessão de profetas, sábios e escribas, e Jesus pôde atribuir a Si próprio exatamente o mesmo poder: "Eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas" (Mt 23:34.[94] Ele pode levantar os Seus discípulos para serem o que os embaixadores de Deus outrora haviam sido para a humanidade: o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5:13s.).

O pensamento de Jesus, quando enviou os Seus mensageiros, é exatamente o mesmo que o do Deus de Israel nas mesmas circunstâncias, quando disse a Seu profeta "Te consagrei" (Jr 1:5). Jesus fala freqüentemente de escolher e selecionar os Doze (Jo 6:70; [Lc 6:13]; Jo 13:18; 15:16). Deus falou ao profeta, dizendo: "A todos a quem eu te enviar, irás" (Jr 1:7); exatamente da mesma forma Jesus diz aos Seus mensageiros: "Não tomeis rumo... mas procurai..." (Mt 10:5, 6). Então Deus disse: "Eis que ponho na tua boca as minhas palavras" (Jr 1:9), e aqui Jesus age precisamente da mesma forma: "O que vos digo às escuras, dizei-o à plena luz, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho ordenado" (Mt 10:27; 28:20). E então Deus consolou e sustentou Jeremias, quando disse: "Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar" (Jr 1:8), e no mesmo sentido Jesus fala: "Não se *turbe* o vosso coração" (Jo 14:1; [16:33]); "Eis que estou convosco todos os dias"(Mt 28:20).[95]

Jesus sentiu liberdade de enviar os Seus mensageiros exatamente da mesma forma como Deus os enviara; e logo no início da Sua carreira Ele começou a preparar-Se para isto. Foi por ter em mente o projeto missionário, que Ele reuniu os Doze, transformando-os imediatamente em uma espécie de família (Mc 3:14) e, a despeito de muitas dificuldades, dando muita atenção à instrução deles. Ele sempre teve diante dos olhos o fato de que no futuro eles seriam os Seus mensageiros.

Se Jesus podia enviar Seus mensageiros como Deus o fizera, também, como Ele, Ele podia enviá-los a quem quisesse. No início Ele os enviou a Israel (Mt 10:5s.); depois, começou a dizer cada vez mais claramente que Israel não devia ser mais o objetivo dos mensageiros, pois iria ser rejeitado (Mt 8:12; 11:20ss.; 12:39ss.; 21:41; 22:7; 23:34ss.; 24:2; Lc 13:28). Assim, a despeito do seu patriotismo, os discípulos deveriam fugir quando viesse o julgamento sobre Jerusalém (Mc 13:14), porque o seu dever como discípulos transcendia os limites de Israel. A idéia de que Jerusalém iria ser rejeitada era inusitada. Os rabis ensinavam que Deus dissera: "Porei para vós uma grande mesa no mundo porvir, e os gentios o verão e estourarão de inveja." E Jesus inverteu completamente esta declaração (Lc 13:28). Os profetas também haviam proclamado muitas vezes a missão mundial de Israel como luz dos gentios. E agora Jesus os depunha dessa missão, e ao mesmo tempo enviava os Seus mensageiros para os gentios.

O próprio Jesus não procurou estender a Sua atividade além do Seu povo (Mt 10:6; 15:24; 19:28); mas Ele não esquivou-Se dos gentios que O procuraram (Mt 8:13; 15:28). De fato, onde a porta estava aberta, como em Samaria (Jo 4:35, 40), Ele estava imediatamente pronto a trabalhar

---

[94] Em Mateus 5 :12; 7:22, Ele dá a Seus discípulos o título de profetas.

[95] Será que João 1:42 vai ainda mais longe? "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci," disse Deus a Jeremias (1:5). "Tu és Simão, filho de Jonas," diz Jesus a Pedro (conhecimento direto, cf. 5:48), "Eis que hoje te ponho por cidade fortificada, por coluna de ferro, e por muros de bronze" (Jr. 1:18). "Serás chamado Cefas, que significa pedra," diz Jesus a Pedro.

em país estrangeiro. Ele nos explicou porque Se restringiu, na parábola do grão de trigo que cai no chão e morre (Jo 12:24).[96] Porém, desde o princípio Ele tivera os gentios em mente (Mt 10:18; Jo 10:16; 12:23, 32).[97] Ele falou constantemente do fato de eles terem sido chamados (Mt 8:11; Lc 14:23; 20:16). Os confins da terra eram os únicos limites estabelecidos para o Seu evangelho (Mt 24:14; 26:13; Mc 13:10); e Ele levou os Seus discípulos a esperarem um campo de atividade maior do que o Seu (Jo 4:38; 14:12). A conclusão natural de todas estas idéias era que Ele por fim enviaria os Seus discípulos diretamente aos gentios (Mt28:19;Mc 16:15s.;Lc24:47s.;Jo 20:21;At 1:8).

Jesus fez esta coisa tremenda: Ele não apenas estendeu o Reino de Deus aos gentios, a despeito da oposição judaica, mas também deu-lhes posição de honra, em lugar dos judeus. É um fato histórico que foi Ele quem fez isto, e não um de Seus discípulos, mais tarde. Os dois atos comunais — batismo e Ceia do Senhor — cujo uso comum é prova de que eles foram fundados por Jesus, revela que Ele tinha em vista uma comunidade íntima dos discípulos, fora da sinagoga, a esta idéia é fortalecida pelo fato de que embora o Mestre tenha ficado distante dos gentios depois da Sua ressurreição, os discípulos rápida e unanimemente começaram a sua missão aos pagãos. Finalmente, é evidente que não foi compaixão que levou Paulo aos gentios, mas apenas obediência às ordens de Jesus que, em agudo paradoxo, bloqueou o caminho que ele pretendia seguir. Pode ser que Jesus faça coisas irracionais como esta; e pode ser que as faça por Si próprio.

Há mais uma coisa que precisamos mencionar, se queremos perceber a grandiosidade da autoridade que estamos estudando. Jesus não Se contentou em meramente enviar os Seus missionários, mas Ele mesmo permanece em segundo plano, dominando os mensageiros e permanecendo como Mestre de todos eles. É Ele que deve receber um Reino "em um país distante" (Lc 19:12); Ele é o Pastor a quem pertencem "as outras ovelhas" (Jo 10:12); sim, por fim é Ele quem providencia para que elas sejam trazidas ao aprisco (5:16). E podemos acrescentar ainda algo grandioso: Ele, que envia, envia-Se a Si mesmo. Ele está indissoluvelmente ligado ao Seu evangelho (Mt 26:13).[98] Os Seus mensageiros O levam como testemunha deles (Mt 10:18, 22; 28:18).[99] E aqui está a principal razão porque Jesus enviou os Seus mensageiros *depois* da Sua ressurreição: só então Ele era o Cristo "acabado," a Sua obra e a Sua pessoa estavam completas. Agora Ele podia enviar os Seus mensageiros, e enviar-Se com eles. Agora Ele podia saber, e sabia, que o mundo era o Seu campo (Jo 12:32).[100]

*** * ***

O sucesso que Ele alcançou durante o Seu período de atividade, que foi bem curto, foi terrivelmente pequeno. Ele conseguiu algumas centenas de seguidores, a Seus próprios olhos um pequeno rebanho (Lc 12:32). Ao tempo da sua morte, Buda e Maomé tinham um número muito maior de seguidores. O Seu objetivo — a conquista de corações — era tão vasto, que com tal alvo em vista a conversão em massa era impossível. Como Maomé tornou as coisas fáceis para os seus seguidores — uma repetição da fórmula: "Não há Deus senão Alá, e Maomé é Seu profeta", era tudo o que se requeria. Ou Buda, com a sua frase fácil: "Eu me refugio em Buda, sua doutrina e a congregação." Jesus não usou de coação ou força de qualquer espécie; Ele não estabeleceu regras ou ordens para o futuro.[101] Não havia nada senão a Sua palavra e o Seu amor. No entanto, Ele

---

[96] Ele precisa em primeiro lugar ficar livre das limitações da Sua vida terrena, e depois começará a reunir os filhos de Deus de entre os gentios.

[97] A narrativa da tentação mostra claramente que Ele tinha em vista todo o mundo. Só a maneira pela qual os homens deveriam ser ganhos mereceu correção nessa passagem (Mt 4:8ss.).

[98] Maria jamais pode ser esquecida, porque está ligada a Ele.

[99] "Fazei discípulos de todas as nações!"

[100] Nenhum outro fundador de religião ousou lançar os seus pensamentos tão longe. Maomé adequou os seus ensinamentos aos árabes, Buda aos indianos. Até o mais iluminado dos profetas de Israel esperava somente que todas as nações um dia se tornassem judias. Só este Homem sabia que estava destinado a ser possessão de todos os povos e nações.

[101] Ele nem fez preparativos quanto à forma como os gentios deveriam ser recebi dos no Seu Reino (At 10:15; Jo

nunca duvidou de que a Sua causa seria vitoriosa. Quando parecia que tudo estava perdido, Ele clamou: "Está consumado!" Ele estava absolutamente convencido de que o Reino viria com Ele, e Ele haveria de subjugar todas as forças contrárias. Ele, o rejeitado, não obstante era a pedra de esquina (Mc 12:10). Ele, o Crucificado, havia conquistado o mundo (Jo 16:33). Agora Ele podia sentar-Se à direita de Deus; pois depois de ter dado a Sua vida como resgate pelo pecado, Ele podia certamente "reinar." Ele era sempre capaz de viver sem cuidados no presente, exatamente porque tinha tanta certeza do futuro. Ele viverá e vencerá — não apenas a Sua causa, mas Ele próprio, pois Ele já venceu (Mt 12:29; Lc 10:18). Quanto a isto, também, Ele pode a qualquer tempo sentar-Se à destra de Deus, a quem pertence a vitória (Mc 14:62).

*** * ***

Jesus sabia que possuía autoridade que por fim Lhe asseguraria a vitória, e revelaria a Sua pessoa ao mundo; o julgamento do mundo fora colocado em Suas mãos, e com ele o cumprimento de todas as coisas (Mt 7:22s.; 16:27; 19:28; 25:21, 31s.; Lc 20:18; Jo 5:28). Mas o juízo não deveria realizar-se no início do Seu messianismo, como se esperava, mas no fim (Mt 3:10, 12).

Jesus deve julgar o mundo, e para este juízo Ele toma emprestadas as cores do juízo de Jeová, que fora profetizado. Ele toma os terríveis sinais celestiais do grande dia do Senhor (Is 13:10; 34:4; Jl 2:10; Sf 1:15; Ag 2:6; Ml 4:1), e os aplica ao Seu dia (Lc 21:26). E se Ele é aquele "que vinha com as nuvens do céu, um como o Filho do homem.," como Daniel retratou (7:13; Mt 24:30), Ele toma emprestadas também muitas características do Ancião de dias, com cabelo branco como a neve, sentado no trono do juízo e cercado por hostes de anjos (Dn 7:9s.). Os anjos de Deus se tornam Seus (Mt 24:31; 25:31ss.); e, com a justiça de Deus, retribui a cada homem segundo as suas obras (Mt 16:27; Sl 62:13;Pv 24:12). Assim, Ele ousa tornar o Seu julgamento igual ao julgamento de Deus.

Aqui estamos tratando de algo que dificilmente podemos entender. Foi por isto que Jesus falou disso apenas em figuras, como as que a profecia do Antigo Testamento Lhe oferecia. Sabemos de outras predições de Jesus que os discípulos não entenderam como Ele esperava. Foram as predições a respeito da Sua morte, da Sua ressurreição e da Sua Segunda Vinda. No dogma messiânico do judaísmo não se mencionava nada a respeito destes fatos. Jesus repetiu freqüentemente estas três predições complicadas, parcialmente na forma de uma fórmula, de modo que elas ficassem pelo menos gravadas na memória dos Seus seguidores. Não obstante, como era fácil surgirem mal-entendidos! Duas das predições foram vivificadas na memória dos discípulos por fatos que aconteceram, e estes possivelmente influenciaram a narração deles, mais tarde.[102] Porém a profecia acerca da Segunda Vinda não recebeu esta confirmação, e quando ela foi apresentada de forma distorcida ou mal entendida, não foi restaurada nem corrigida. A narração dela foi preservada mais corretamente nas parábolas que falam da Segunda Vinda. Nelas se enfatiza principalmente o fato de que ela seria adiada por um período inesperadamente longo, embora os homens esperassem que ela devesse acontecer prontamente.[103]

Para o próprio Jesus, estas idéias populares a respeito do julgamento do mundo devem ter sido um símbolo bastante desprezível da realidade indescritível e celestial. Em Sua pregação Ele evitou qualquer vôo da fantasia ao descrever como ela deveria acontecer, como haveria de se cumprir, reduzindo cada descrição ao ponto em que Ele apareceria. Isto porque os olhos dos Seus discípulos deviam estar fixos exclusivamente nEle.[104] O dever principal deles era perceber em

---

16;12s.).

[102] Desta forma o original, inexato em Marcos 8:31; 10:34 — "depois de três dias" - foi mudado por Mateus, depois dos eventos da Páscoa, para "no terceiro dia" (16:21; 17:23; 20:19), e por Lucas (9:22; 18:33).

[103] (Mt 24:48; 25:5, 19; Lc 12:38.)De acordo com o cálculo do Talmude, deveria haver apenas três noites de vigília. Acrescentemos a isto as muitas exortações para esperar e vigiar (Mt 24:42,43; 25:13; Lc 12:36s., 39), e a expectativa dEle de que as esperanças dos Seus discípulos de poder e participação temporários se passassem na ausência de seu Senhor (Lc 12:45)

[104] O fato de este ter sido freqüentemente o caso nos primeiros dias do cristianismo é demonstrado pela palavra hieroglífica aramaica "Maranatha" (Vem, nosso Senhor) (I Co 16:22; Ap 22:20). Esta é também uma rocha de defesa

tempo que Ele estava perto (Mt 24:32s.). Isto aconteceu para que eles estivessem constantemente vigiando, pois o dia e a hora não lhes foram revelados (Lc 12:36; — o eco; I Co 1:7; Fp 3:20; Hb 9:28); eles deviam estar preparados para recebê-lo a qualquer momento (Mt 24:42, 44; 25:13). Ele fez de Si próprio a figura central daquele dia, como Senhor que exigiria que os Seus servos Lhe prestassem contas (Mt 24:46), como o Rei que determinaria a recompensa dos Seus súditos, como o noivo para cujos seguidores o tempo de regozijo começava (Mt 25:1, 34).

Jesus assumiu ainda mais a responsabilidade de foco de atenções. Ele deveria ser o padrão no julgamento do mundo; os homens deveriam ser medidos por Ele; Ele próprio iria louvá-los — em última análise, por sua atitude para com Ele. Nisto, e não em sua atitude para com a lei, está o fator determinante dos atos dos homens, que levará à recompensa (Mt 16:27). Tudo dependerá de a pessoa ter crido nEle ou não (Mt 8:10ss.), se fez sacrifícios por amor dEle (Mt 19:28), se O confessou (Mt 10:32) e O serviu ao servir aos Seus membros, isto é, aos Seus discípulos (Mt 10:42; 18:5; 25:45). O fator determinante é a atitude dos homens para com Ele, e é de acordo com isto que eles serio julgados.

E, o que é maravilhoso de se mencionar, a sentença também se relacionará com Ele. O que será decidido é se nos será permitido permanecer com Ele ou separados dEle. Onde Ele está, estarão também os Seus servos (Jo 12:26). "Vinde, benditos de meu Pai" (Mt 25:34). Ele diz a alguns; "Apartai-vos de mim, malditos" (Mt 7:23; 25:41), diz Ele a outros. O juízo é realizado nEle; comunhão ou separação em relação a Ele — e ambos os estados, eternamente.

*** * ***

O que Jesus fala a respeito da Sua posição como juiz é crível; Ele já está agindo como critério determinador. Ele começou a julgar enquanto ainda estava na terra — ao contrário do que permitiu que os Seus discípulos fizessem (Mt 7:1; Jo 9:2s.) — promulgando sentenças e também perdoando (Mt 9:2; [Jo 9:2s.]; Jo 5:14) -o homem Paralítico, o principal dos publicanos, a mulher que era grande pecadora, e finalmente, já moribundo, o ladrão na cruz (Mt 9; Lc 19; 7:48; 23:43). Ele também pronunciou julgamento, condenando as três cidades margeando o Lago da Galiléia e Jerusalém (Mt 11:21ss; Lc 10:12ss. - Mt 22:7; 24:2). Essas condenações não devem ser degradadas, sendo consideradas apenas ameaças. Com poder eficaz, Ele condenou estas quatro cidades exatamente da mesma forma como amaldiçoou a figueira (Mc 11:20). De fato, Ele era um juiz que levava os Seus juízos até o âmago, condenando com lágrimas (Lc 19:41). Não obstante, os Seus juízos permaneciam. Foi condenação também quando Ele imprecou a dureza de coração daqueles que não entendiam as Suas parábolas, assemelhando-os à porta trancada (Mt 13:13), embora para aqueles que esquadrinhavam com simplicidade elas fossem um dom de misericórdia, e para a fé que as tornava parte da experiência deles, elas eram claras e distintas.[105] Foi também condenação quando Ele silenciou em relação à falta de senso de verdade nos homens (Mc 11:33; Mt 26:62). Não há nenhum tom irritado de amargura em Mateus 23, mas pelo contrário, a severidade comovente do juiz. Ele aplicou conscientemente a lei do castigo divino e reto; aqueles que não quiserem entender a verdade chegarão a um ponto em que não poderão entendê-la (Is 6:9s.). Com profunda seriedade Ele aplicou a lei divina: o pecado deve ser castigado pelo pecado — isto é, o pecador se aprofundará cada vez mais no pecado. Enquanto os profetas advertiram e ameaçaram até o fim, Jesus indicou o traidor sobre o qual já pronunciara o julgamento final (Mt 26: 24), dizendo: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (Jo 13:27).

No livro dos Salmos lemos constantemente que Deus é juiz. Jesus sabia que esta prerrogativa característica de Deus também era sua.

*** * ***

---

contra os que não crêem que a esperança da Segunda Vinda era uma das crenças centrais da primeira congregação de discípulos

[105] A interpretação foi acrescentada à experiência. "Àquele que tem ser-lhe-á dado" (Mt 13:12).

Em nossos dias muita coisa tem sido dita a respeito da madura fé messiânica expressa pelo judaísmo nos tempos de Jesus. Embora seja este o caso, ele deve ser considerado como direção divina. Desta forma os pensamentos dos homens estavam voltados para Jesus mesmo antes do Seu advento. Mas não há outra possibilidade de que um zelote se insinuasse na cena preparada, reivindicando falsamente para si o que os homens estavam esperando? E não há outra possibilidade de posteriormente a memória de um homem realmente grande ser adornada, por causa da gratidão, com qualidades extraídas das expectativas do povo?

As expectativas messiânicas podem ser assemelhadas ao objeto ou vestimenta, nos contos de fada, ou no folclore, que não servem para ninguém, até que aparece a pessoa que tem o direito de usá-los. Houve homens que experimentaram indevidamente a túnica real, movidos por sua própria autoridade. Mas não distinguiram qual era a veste real, e qual era meramente a capa exterior, vestindo-se com o que deveria tão somente ser despido. Eles estavam cheios de defeitos humanos que foram bem depressa revelados como tal: vaidade, auto-promoção, desejo de vingança e de poder. Qual é a prova clara de que Jesus era o Escolhido? Certamente a naturalidade com que Ele encontrou a vestimenta real, jogando de lado as cobertas e véus que estavam por cima e ao lado dela. O que era humano caiu por si, e o que finalmente apareceu diante dos nossos olhos era a pureza de Deus.

Já mencionamos a observação de um historiador: "O poder é sempre mau." Esta é uma regra aceita neste mundo. O poder que ostenta a marca registrada deste mundo, é e deverá ser mau, pois não pode livrar-se das suas características. Em Jesus somos defrontados com uma espécie de poder que é sempre bom, e que purificou a fé messiânica da época da mancha do mal. Porém, torna-se incontestavelmente claro que aqui vemos Alguém que não apenas Se estabeleceu por Seu próprio poder, à direita de Deus, introduzindo-Se no esquema messiânico, mas Alguém que realmente permanece à destra de Deus. Pois Ele é bom como Deus é bom — mesmo em Seu poder Ele é bondade.

CAPÍTULO 18
A EXTRAVAGÂNCIA DAS SUAS PRETENSÕES

Se a consciência que Jesus tinha de Si próprio abrangia tudo o que temos estado a discutir nos últimos quatro capítulos, não se pode dizer por isso que a maneira como Ele Se avaliava era elevada demais. Esta auto-avaliação é expressa em várias e sempre surpreendentes maneiras.

O fato de que foi permitida a João a honra de ser Seu arauto, "o mensageiro diante da Sua face," fez dele "o maior entre os nascidos de mulher" (Mt 11:11). Por tê-lo traído, seria melhor que Judas nunca tivesse nascido (Mt 26:24). Tudo feito para os Seus seguidores, quer bom, quer mau, era magnificado pelo fato de que ao mesmo tempo era feito para Ele. Se tivesse sido feito apenas para os Seus discípulos, não teria muito significado; mas agora, até um copo de água fria não devia ser esquecido (Mc 9:41); e quando uma cidade recusou-se a receber os Seus discípulos, o seu comportamento acarretou contra ela um destino pior do que o de Sodoma (Mt 10:15). Aquele que O recebia, recebia a Deus (Mc 9:37);seria melhor que o homem que O ofendesse morresse de morte horrível (Mc 9:42). A tentação de negá-lo devia ser mantida à distância mediante oração (Mt 26:41). Não era necessário que Ele desse aos Seus mensageiros um preparo especial para o seu trabalho; o contato livre e constante que Ele tinha com um homem o preparava para tal missão. A maneira como Ele Se considerava era tal que Ele estava certo de que Abraão se alegrara em ver o Seu dia (Jo 8:56); muitos profetas e justos haviam anelado por Ele, mas os olhos e ouvidos de Seus discípulos eram benditos, porque O viam e ouviam (Mt 13:16). A Sua presença era causa de regozijo, e de uma nova perspectiva de vida, como a experimentada no dia do casamento (Mt 9:14). Não vê-10 era castigo (Mt 23:39), mas o homem que O reconhece deve ser considerado bendito (Mt 16:17). Aquele que é desprezado por causa dEle pode confiadamente tomar lugar entre os profetas que foram perseguidos por causa de Jeová (Mt 5:11s.). A salvação entra na casa em que Ele entra (Lc 19:9), e a cidade que testemunha os Seus atos é por isto exaltada até os céus (Lc 10:15). Ele é maior do que qualquer dos personagens do Antigo Testamento (Mt 12:41; 22:45), e mais exaltado do que qualquer das suas mais importantes ordenanças (Mt 12:6, 8). Mas Ele não pode encontrar, dentre os homens, um sucessor, como o fizeram os grandes homens do passado, Moisés e Elias; só o Espírito de Deus pode ser o Seu representante (Jo 14:16).

*** * ***

A maneira como Jesus avaliava a Si mesmo levava-o a fazer declarações que ninguém mais poderia fazer. Ele exigia fé. Ao dizer isto, não queremos dizer que Ele requeria fé nas Suas palavras — qualquer profeta o requereu. E também, não estamos pensando no fato de que Ele exigiu fé em Seus poderes miraculosos (Mt 9:2, 28; 15:28; Mc 5:34, 36; 9:23; 10:52). Isso também seria seguir a linha traçada pelos profetas (Is 7:11). Pode-se dizer com relação a estas duas características que os profetas de Israel, bem como os fundadores de religiões através do mundo todo, exigiram que se cresse neles. Sabemos que até a expressão "Creia em mim" freqüentemente se encontra na boca dos fundadores de religiões. Mas a reivindicação de Jesus ia além disso; não era suficiente os homens crerem em Suas palavras e em Suas obras; Ele não era um mensageiro que mergulharia na obscuridade, uma vez que a Sua obra estivesse terminada. Ele tinha valor intrínseco. De fato, Ele é mais precioso, afinal de contas, do que as Suas palavras ou Seus atos. Em certo sentido, isto é verdade em relação a qualquer ser humano, que é sempre mais valioso do que o que realiza ou cria. Mas neste caso acontece de outra maneira:este mensageiro de Deus, diferentemente de todos os outros profetas e fundadores de religiões, tem em Sua própria pessoa um valor mais *para nós* do que as Suas palavras e atos. Assim, Jesus exigiu fé em Si mesmo, e que os homens se unissem à Sua pessoa. Há muitos incidentes que provam que as Suas reivindicações chegaram a esse ponto. Só uma vez somos informados de que Jesus considerou um homem com tremenda alegria, por causa da sua fé. Onde foi isto e por quê? Um Centurião gentio em Cafarnaum havia não apenas

manifestado a sua fé na capacidade miraculosa de Jesus, mas também em Sua pessoa miraculosa — embora essa fé estivesse misturada com superstição pagã, como em um filho dos deuses, com espíritos à Sua disposição, que por conseguinte não podia ser convidado a ir à sua casa. Jesus louvou aquele homem de maneira enfática. Mas ao fazê-lo, Ele nos mostrou que deseja fé na Sua pessoa (Mt 8:9ss.).[106]

Ou então, pensemos em Pedro. O que seria que devia transformá-lo em uma rocha? Não seria qualquer fé nas palavras ou nos atos de Jesus, mas fé na Sua pessoa. A Igreja não deveria ser alicerçada tão somente nessa fé? (Mt 16:16ss.). Além do mais, qual era a fé que Jesus pediu que não desfalecesse em Pedro? (Lc 22:32). O que transformou Pedro em um covarde?

E qual foi a fé que ele recuperou, e ao fazê-lo foi recebido de volta como apóstolo? Finalmente, qual é a fé que Jesus procurará novamente na terra, não esperando encontrá-la em qualquer medida, quando voltar? (Lc 18:8). Em todos estes casos a resposta é: fé na Sua pessoa, e desta forma uma espécie de fé que nenhum fundador de religião jamais requereu para si próprio. O destino de um homem no dia do juízo dependerá desta fé (Mt 10:32); e o homem que já a conseguiu é considerado bendito (Mt 11:6). Nenhum outro homem foi tão interessado no que se diz a respeito dele, e ninguém jamais recomendou aos outros como Ele fez, que Lhe confessassem os seus pecados. Ele forçou Pedro a fazer a sua confissão (Mt 16:15). De fato, pode-se dizer que todo o objetivo da instrução que Ele deu a Seus discípulos era levá-los a crer nEle. Se este não fosse o caso, Ele não estaria tão ansioso em protegê-los contra o perigo de serem enganados com respeito ao que Lhe iria acontecer (Mc 8:31; 9:30ss.; 10:32ss.). Será que a morte tentou desmentir a verdade das Suas palavras? Outros homens, algumas vezes, viram as suas palavras serem confirmadas pela morte. A morte podia confundir os Seus discípulos somente em relação às Suas reivindicações sobrenaturais e eternas; só o significado peculiar da Sua pessoa, e a atitude deles com respeito a ela, podiam ser prejudicados por ela; nada mais. E pelo fato de isto ser uma coisa fatal, Jesus gastou tanto tempo e cuidados ensinando como eles deveriam acostumar-se com a Sua morte. O objetivo, o alvo disso era suscitar fé nEle como o Senhor, isto é, nEle que é o Filho, e portanto o Messias de todo o mundo.

*** * ***

Esta fé que Ele requisitava, tem todas as marcas da fé requerida por Deus. Antes de tudo Jesus desejava uma aceitação em fé. Os homens devem render-se tão completamente quanto a ninhada de uma galinha depende da sua mãe (Mt 23:37), permitindo que Ele suavize todos os seus mais profundos anseios e a sua intranqüilidade (Mt 11:28; Jo 7:37). Ao permitir que Ele os servisse sem protestos, eles deviam estabelecer comunhão com Ele, e ter parte nEle (Mc 10:45; Jo 13:4ss.). Escutá-lo era aquela boa parte que um homem pode escolher para si (Lc 10:42). A fé é sempre receptiva, e Jesus requeria que fosse recebido pelos Seus seguidores como os filhos recebem presentes de seus pais (Mt 18:3). Somos informados de que uma alma é fortalecida entrando nova e constantemente em contato com Deus. Bem, Jesus demandava o mesmo procedimento em relação a Si próprio; os Seus seguidores deviam estar em constante contato com Ele para poderem produzir fruto (Jo 15:4). O batismo em Seu nome, que foi um costume praticado imediatamente depois da Sua ressurreição (At 2:38), e desta forma necessariamente estabelecido por Ele, dá a entender que a fé nEle como Salvador devia produzir perdão. Assim, a fé em Jesus ostenta a marca de aceitação em fé.

Mas ao mesmo tempo ela tem a marca de confiança em fé. Se um homem crê na palavra dEle, deve fazê-lo sem depender de sinais e maravilhas, em face de todas as probabilidades, e mesmo em meio ao mais agudo desapontamento. Jesus era capaz de repreender os homens por terem medo da tempestade na Sua presença (Mt 8:25ss.), e particularmente Ele os repreendeu porque a visão que eles tinham dEle não era suficientemente clara para que percebessem que nenhum temor de necessidades devia perturbá-los quando Ele estivesse por perto (Mc 8:17ss.).

[106] Quando Ele encontrou de novo o cego que havia sido expulso da sinagoga pelos fariseus, considerou um dever levá-lo a crer na Sua pessoa (Jo 9:35ss.).

"Credes em Deus, crede também em mim" — certamente ninguém jamais pudera colocar-se mais distintamente em pé de igualdade com Deus (Jo 14:1).

Finalmente, a fé que Jesus exigia ostentava também a marca de devoção em fé. A Sua Igreja devia ser tão ligada a Ele quanto uma esposa a seu marido (Mt 22:2). Só Deus exige, como Jesus o fez, o que há de mais precioso no homem: o seu coração. O jugo é símbolo de direção e restrição. Sirac o usa como símbolo de sabedoria divina (51:26; Jr 2:20; 5:5, de Deus). Jesus falou francamente do Seu jugo, exigindo que os homens o levassem (Mt 11:29). Eles deviam colocar-se sob Ele, como o único líder e mestre religioso da humanidade (Mt 23:8ss.). Não era suficiente guardar os Seus mandamentos; o fator determinante era que os homens deviam apegar-se a Ele. Jesus demanda discipulado, e isso significa que os homens O seguem como seu líder (Mt 10:38; 16:24; Jo 8:12; 12:26); embora não seja, indubitavelmente, em qualquer sentido literal ou local, pois tal coisa não seria possível. O que significa esse símbolo? Claro que não é meramente uma imitação do Seu modo de vida. A idéia é muito mais a de um Senhor que exerce o Seu poder sobre o Seu povo, e a quem este deve sujeitar-se (Jo 10:4).[107] Ele exigiu tudo de Seus discípulos: renúncia voluntária do que lhes era mais caro, por amor a Ele (Mt 10:39; 13:44), a capacidade para suportar vergonha e desconforto (Mt 5:11; Lc 14:27), uma confissão intemerata da Sua pessoa (Mt 10:32; 12:30). Por causa dEle os homens deviam preparar-se para qualquer sacrifício. Ele aplicava sem hesitar a Si próprio as mesmas máximas morais que eram peculiares a Deus. Ele de fato ligou os homens à Sua pessoa como jamais alguém o havia feito.

Há ainda mais um aspecto acerca do qual a fé em Jesus é colocada em pé de igualdade com a fé em Deus. É o próprio Deus quem suscita fé em Jesus — "nos pequeninos" (Mt 11:25), nada menos do que em Pedro (Mt 16:17).

*** * ***

Há outro fato que mostra claramente que Jesus reivindicou esta fé em Sua pessoa, que é exigida também por Deus. Jesus nunca encarregou os Seus discípulos de disseminar os Seus ensinos, mas pelo contrário, de disseminar a fé nEle próprio. Até Tiago percebe isto, e em sua epístola requer fé no Senhor da glória. Os Onze compreenderam que eram Suas testemunhas, que deviam levar a nação a confessá-lo — isto é, deviam levá-la ao discipulado. Tanto o batismo como a Ceia do Senhor, praticados constantemente desde o Pentecoste, deviam ligar os Seus seguidores a Ele de maneira ainda mais íntima. Até a degustação do pão de cada dia devia refrescar as suas memórias, tão ansioso estava Ele de despertar e preservar a fé em Sua pessoa entre o Seu povo.

Em cerca ocasião, Lutero disse: "Fé e Deus andam juntos," e quem pode negar isto? Mas se é assim, então está claro qual é o lugar de Jesus: em oposição ao homem, e do lado de Deus. Não é verdade que Ele deseja ser para nós apenas o caminho que leva ao Pai celestial. Não; semelhantemente a Deus, Ele é o alvo. Pois este é o ponto em que a fé por fim repousa.

*** * ***

Fica ainda mais claro que tudo depende da nossa atitude para com Jesus, quando Ele reclama amor dos Seus seguidores. Ele louvou Maria de Betânia simplesmente por causa da sua demonstração de amor para com Ele, embora parecesse que a pobre iria sofrer por causa do seu ato (Mt 26:11ss.). Ele também sentiu o amor agradecido no comportamento da mulher que era pecadora, e apresentou-o como exemplo (Lc 7:44ss.). Qualquer pessoa que deseje ocupar um cargo na Sua Igreja precisa amá-lo; e é este amor que pode levar um homem a voltar e encontrar misericórdia, quando cair (Jo 21:15ss.). Arrependimento significa volta a Ele, permitindo que o amor por Ele recupere a supremacia. Profetas e fundadores de religiões têm se contentado com o fato de os homens terem crido em suas palavras. Este Homem exige que os homens O amem.

---

[107] Assim, o "batismo em nome de Jesus" significa que a pessoa batizada pertence a Jesus, e se torna Sua propriedade. No futuro Jesus deverá ter domínio sobre ela. A fórmula helenística corrente, "em o nome de", significava a propriedade de uma pessoa, ou o estabelecimento de um relacionamento de posse.

Esta exigência logo adquire proporções extravagantes. Sim, pois Jesus exige de Seus seguidores um amor como só Deus pode reivindicar: eles devem amá-lo com o coração, alma e mente (Mt 22:37). De cada um de Seus discípulos Jesus reivindica o que Deus exigira dos filhos dos homens no antigo pacto: que não fossem distraídos por pai, mãe, irmão ou filho, quando empenhados nos negócios de Deus (Dt 33:9). Ele precisa ser-lhes mais querido do que qualquer outra pessoa, embora a sua devoção possa levar à divisão na família (Mt 10:37s.). Ele, que considerava o cuidado do pai e da mãe como dever compulsório ordenado pela lei (Mc 7:10ss.), requer que, se for preciso uma decisão, o homem deverá odiar pai e mãe por amor dEle (Lc 14:26). Sim, Ele requer que odiemos a nossa própria vida; quando o amor a nós mesmos e o amor a Ele entram em conflito, precisamos dar-Lhe a vantagem de maneira tão definida a ponto de parecer que odiamos a nós mesmos. Mas a pessoa pode suportar isso somente pelo amor do bem mais excelente, ou seja, por amor a Deus, e aqui mais uma vez Jesus Se apresenta ao lado de Seu Pai.

Há uma íntima conexão entre amor a Deus e amor ao nosso próximo. No que concernia a Israel, nunca havia sido considerado falso amar o próximo meramente por causa da imagem de Deus vista nele. Mas aqui, mais uma vez, Cristo de maneira bem distinta Se coloca no lugar de Deus. O cristão deve ver em seu irmão na fé uma propriedade de Cristo — sim, o próprio Cristo, e portanto, deve amar a seu próximo. Este pensamento encontra constante expressão nas epístolas apostólicas, mas remonta ao próprio Jesus. Ele espera de nós um amor por Ele tão forte que nos leve a amar o Seu povo. O exercício de misericórdia deve adquirir o seu valor a partir do fato de que é exercitado por amor a Ele.[108] Assim, o amor aprovado por Ele, que demonstramos pelos outros, flui de nosso amor a Ele, exatamente como no antigo pacto fluía do nosso amor a Deus. Isto é possível tão somente se tivermos aqui alguém que não esconda Deus, mas O revele. Só porque Ele próprio representa o Pai (Jo 14:9) Ele pode reivindicar o que nenhum outro homem poderia — o amor que pertence a Deus, completo e integral.

*** * ***

Falando da extravagância de Suas reivindicações, há outra coisa que precisamos lembrar. Mesmo durante o tempo de separação, os discípulos deviam viver lembrando dEle constantemente, sentindo sua responsabilidade para com Ele. As suas mentes deviam estar dominadas pela expectação constante da Sua Segunda Vinda. Estar preparados era tudo (Mt 24:36-42, 50s.; 25:13), e a sua preparação dependia da sua lealdade em cumprir os deveres que Ele lhes estabelecera (Mt 24:45ss.). "Guardai os Meus Mandamentos." "Como servos que esperam pelo seu Senhor" "Com temor e tremor" (Lc 12:35ss.). Que reivindicação era esta!

*** * ***

Lutero traduziu desta forma o primeiro mandamento: "Devemos temer, amar e confiar em Deus acima de todas as coisas." Os judeus, que gravavam sempre em suas filactérias as palavras "Ouve, ó Israel," davam muita ênfase na palavra "único" neste mandamento. Jesus não deseja apenas nos levar à direta experiência de sermos filhos de Deus (como muitas vezes queremos crer hoje em dia), mas também requer um lugar para Si próprio em nossa piedade. Como é verdade que "o cristianismo original não é teologia nem cristologia (doutrina de Deus e de Cristo), mas teolatria e cristolatria (adoração de Deus e de Cristo)!" (Deissmann.) Jesus não pediu que os homens orassem a Ele,[109] mas despertou neles o desejo de fazê-lo. Ele não Se surpreende pelo fato de a Sua obra levar os homens a demonstrarem divina honra por Ele; este foi o Seu desejo, o Seu objetivo. Ele teve o propósito de manifestar por Sua Pessoa o amor a Deus, fé em Deus e o temor de Deus. Desta maneira Ele dirigiu a oração para Si, pois é através da oração que a fé respira.

Dessa forma, um israelita profundamente piedoso, cujo entendimento era agudo e cujas

---

[108] Pois isto significa "que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos" (Mt 25:40;cf. 10:42; 18:5).

[109] Ele não podia fazê-lo. Os discípulos que haviam fechado os seus ouvidos quando Ele falou da Sua morte iminente, não podiam assimilar diretrizes quanto às suas relações com o Senhor Ressurreto.

decisões eram deliberadas, colocou-Se clara e insofismavelmente no mesmo nível de Deus. Não podemos deixar de declarar os fatos que estão diante dos nossos olhos: aqui reconhecemos uma grandeza estupenda e firme, que não é afetada por dúvida ou hesitação, refletida para nós na extravagância das suas reivindicações.

TRANSIÇÃO PARA A SEÇÃO B

PORQUE NÃO PODEMOS ESPERAR

NENHUMA MANIFESTAÇÃO OBRIGATÓRIA

PORQUE NÃO PODEMOS ESPERAR NENHUMA MANIFESTAÇÃO OBRIGATÓRIA

Baseados em Suas próprias palavras a respeito de Si mesmo, fomos capa zes de obter vários vislumbres conclusivos da vida íntima de Jesus. É importante notar que o que vimos não ostenta a transitoriedade e a incerteza das concepções e idéias elaboradas pelo homem. Pelo contrário, observamos fatos baseados em uma auto-revelação que é absolutamente convincente, e da mesma forma, sem paralelos quanto ao seu significado.

Relembremos algumas delas: a existência, lado a lado, de um discernimento moral agudo com uma consciência inabalável da Sua própria perfeição, mesmo em pensamento; a combinação da maior humildade com a mais profunda piedade, com a convicção de uma unidade peculiar, de fato, uma igualdade com Deus; a emissão calma, porém segura e consciente, de reivindicações divinas, juntamente com uma forma de pensamento clara, sóbria e sobretudo pia; finalmente, a formação de uma esperança messiânica que, embora seja aparentemente irracional para as concepções humanas, provou-se no curso de séculos como divinamente audaciosa e eficiente. No material palpável e incontrovertido que está diante de nós, defrontamo-nos com valores que estão muito além dos padrões humnos, confirmando desta forma a sua divindade. Não temos estado a penetrar em nenhum espírito humano. Os fatos que temos perante nós, e que são facilmente verificáveis, nos forçam repetidamente à conclusão de que não estamos lidando com um simples espécime do gênero "homem," mas que Ele deve ser colocado lado a lado com Deus.

Se no coração dessa personalidade há tanta riqueza, ela deve dar origem ao pressuposto e à expectativa de que em Sua vida externa também as Suas qualidades intrínsecas devem refletir-se de alguma forma. Para não parecer imperfeita, a exaltada vida interior de Jesus precisa demonstrar-se em Sua vida exterior. Não cremos que um completo "incógnito" possa ser levado em consideração, pois Deus não induz ao erro propositalmente homens que já por si são tão inclinados a ele. Não obstante, precisamos prefaciar esta parte de nosso estudo com uma observação. Pode ser que não possamos contar com qualquer manifestação meridianamente clara da posição de Sua pessoa. Deus reluta sempre em usar de violência. A nossa liberdade é uma coisa insignificante, que só pode ser preservada na penumbra. Se Deus fosse revelar clara e insofismavelmente o Filho ao mundo por métodos externos, a liberdade, desenvolvimento e fé da humanidade seriam feitos em pedaços. Isto seria o fim de "continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo" (Ap 22:11). O homem seria forçosamente vencido pela luz solar do entendimento claro. Assim, não podemos esperar encontrar naquele que era o Filho, qualquer incógnita absoluta e enganosa, nem alguma revelação da Sua posição.

PARTE TRÊS

NO SANTO DOS SANTOS

O CURSO DA HISTÓRIA CORRESPONDENTE À OPINIÃO DE JESUS ACERCA DE SI MESMO

(B1) ATÉ QUE PONTO ESTE CURSO É DA INICIATIVA DE JESUS

CAPÍTULO 19

OS MILAGRES

É o toque resplandecente de amor que dá aos milagres de Jesus a glória peculiar que todos eles têm. O profeta do Antigo Testamento usava os seus poderes miraculosos para o seu próprio bem, sem hesitação, e sempre que necessário. "Primeiro faze para mim um bolo pequeno... depois farás para ti mesma e para teu filho," disse Elias naturalmente à viúva de Sarepta (I Re 17:13). Jesus, pelo contrário, nunca usou os Seus poderes milagrosos para obter mais facilmente algo para si, no nível natural. Este foi o sacrifício que Ele ofereceu em primeiro lugar no deserto (Mt 4:2s.). Os Seus inimigos falaram muito exatamente quando descreveram a Sua maneira de agir, dizendo: "Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se" (Mt

Da mesma forma, Jesus jamais empregou os Seus poderes miraculosos para levar a efeito a Sua própria vontade. Não poderia ter Ele vencido a oposição usando-os para suscitar medo e apreensão? Porém, Ele nunca o fez. É contra este pano de fundo de poder ilimitado que a Sua paciência brilha ainda mais. Ele nunca usou de coação, e muito menos punição, que certamente foi o método usado pelos profetas. Toda a obra deles foi de fato reforçada por milagres de punição. Mas Jesus nem mesmo usou de auto-preservação — uma desculpa universal — razão para os Seus milagres (Jo 7:10; 8:59; 12:37;cf. II Re l:9ss.).

Os Seus grandes poderes foram empregados apenas a serviço do amor. O fato de freqüentemente ter Ele proibido o povo de falar dos benefícios recebidos de Suas mãos, mostra claramente que Ele nada buscava para Si próprio. O Seu amor é visível de maneira mais distinta onde é obviamente impedido pela maior miséria: na casa de enfermos, com o homem que sofria de uma doença havia trinta e oito anos(Jo 5:6), ou na sinagoga, com a mulher que havia carregado a sua cruz durante dezoito anos (Lc 13:16). O fio do Seu amor era tecido forte e firmemente — o servo do sumo sacerdote descobriu na noite da traição que nem então ele falhara (Lc 22:51)! Assim, a glória peculiar que resplandecia nos milagres de Jesus é bem diferente da dos antigos homens de Deus: é um reflexo óbvio da glória do Pai, que é Amor. Mas o próprio Jesus disse: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10:30); e aqui temos o verdadeiro curso da história que corresponde à maneira como Ele Se considerava.[110]

*** * ***

Não obstante, embora os Seus atos miraculosos fossem todos realizados a serviço do amor, não é suficiente descrever o objetivo desta atividade como sendo meramente a remoção de problemas físicos e privações do Seu povo. Se este fosse o verdadeiro objetivo, os milagres certamente teriam sido muito mais numerosos. Qual era a intenção deles? Era a mesma dos milagres dos profetas da antigüidade? Os milagres deles pretendiam mostrar a glória do Deus de Israel (Êx 7:3, 5; 16:7; II Re 5:15, 17);mas para os próprios profetas eles eram uma prova de que Deus os havia enviado (Êx 4:1, 5, 8).[111] Sem dúvida, Jesus também tinha este objetivo em vista. Foi por meio do Seu conhecimento miraculoso que Ele Se fez revelado a Pedro (Jo 1:42) e a Natanael (v.47). Ele realizou um milagre no corpo do Paralítico como prova de que a Sua palavra podia libertá-lo do pecado (Mt 9:6). De fato, estava claro para Ele que, como disse: "As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse... testemunham a meu respeito, de que o Pai me enviou" (Jo 5:36). E com esta certeza Ele declarou que os homens deviam crer por causa dos Seus milagres (Mt 11:4ss.; Jo 10:38; 14:11),[112] lamentando em voz alta a incredulidade em face de tais obras

---

[110] Se fosse a imaginação que, agitada pelas histórias dos profetas, tivesse atribuído os milagres a Jesus, como o quadro teria sido diferente! Mas agora, há uma grande simplicidade neles; eles são exclusivamente — e se quiser, monotonamente - um serviço de amor.

[111] Mais tarde entre os apóstolos, da mesma forma (At 14:3; Hb 2:4).

[112] Assim o faz o evangelista em João 20:31.

maravilhosas (Mt 11:21s.)[113]. Fatos como os descritos em João 1:49; 2:11; 3:2; 7:31; 9:32ss.; Mt 12:23; 14:33, estão de acordo com o que Jesus desejava: milagres que conduziram à fé.

Jesus estava convencido de que os Seus milagres apresentavam uma garantia ampla e poderosa da Sua missão — tão ampla que qualquer outro sinal pareceria supérfluo para os que sabiam como interpretar sinais (Mt 16:3s). Tão convincentes eram eles que, se o poder de discernimento estivesse suficientemente desenvolvido, os homens seriam capazes de perceber que o Reino do Messias já estava entre eles (Mt 11:4ss.; cf. Jo 1:51). Ele estava convencido de que os Seus atos poderosos eram tão grandes que diante da sua influência até as mais arrogantes cidades gentílicas, até Sodoma e Gomorra, teriam sido levadas ao arrependimento (Mt 11:20ss.). Ele concordava inteiramente com a opinião do povo de que nada semelhante havia jamais sido visto em Israel, e que os Seus atos ultrapassavam todos os outros (Mt 9:33; Jo 9:32; 15:24). De acordo com as Suas próprias palavras, eles eram um testemunho maior da Sua missão do que o testemunho de João Batista (Jo 5:36). Fé nas Suas obras muitas vezes pareceu a Jesus ser a linha para a qual Ele podia retirar-se, como para território seguro (Jo 10:37s.; 14:11). Qualquer oposição em face de tais realizações, na maneira de Jesus pensar, só podia ser causada por dureza de coração e pelo desejo de descrer (Jo 5:40 (36); cf. Mt 23:37).

Tem se tornado comum tentar diminuir o peso deste testemunho dos milagres, dizendo: "Para o povo daquela época estava correto, mas nós não podemos vê-los pessoalmente." Não podemos ver que não estamos levando a história em consideração, nem aquele grande Mestre, quando falamos desta forma? Notemos, também, quanto a este assunto, como Jesus mesmo, sem hesitar, considerou que seria normal João Batista curvar-se manifestando fé, diante da notícia dos Seus milagres, embora pessoalmente não tivesse visto nenhum deles (Mt 11:4). E também no caso de Tomé, os fatos foram semelhantes (Jo 20:29).

*** * ***

Mas há outras palavras de Jesus com respeito à maneira como Ele avaliava os milagres como forma de suscitar fé, que parecem expressar claramente uma verdadeira depreciação da operação de milagres. Ele olhava com suspeita a fé baseada apenas em milagres (Jo 2:23s.), mas também repreendeu abertamente a fé que vivia somente baseada neles (Jo 4:48; 20:29), e os Seus atos se harmonizavam inteiramente com as Suas palavras. Ele Se recusou a realizar milagres em resposta aos pedidos dos Seus inimigos (Mt 12:38; 16:1; Lc 23:8; Mc 15:30), e nunca tentou, como os profetas, vencer a oposição crescente aumentando o número deles (Jo 6:30). Tal comportamento, ao que parece, para Ele seria superficial, e não produziria convicção intrínseca. Além disto, Ele sabia muito bem que não há nada a que o homem se apegue mais firmemente do que a sua crença. Aquele que não crê não pode ser forçado a fazê-lo mediante sinais (Lc 16:31).

Assim, Jesus tinha algo grande pelo que podia criar fé. Ele era capaz de dar aos homens certeza a respeito de Si mesmo. Aqueles que O conheciam não podiam abandoná-lo, pois haviam provado dEle as palavras de vida, e a Sua posição como Filho se lhes havia tornado em seu contato com Ele (Jo 6:68). Sendo este o caso, o plano dos milagres na vida de fé é bem claro — o efeito que eles tinham era apenas o começo de um processo que mais tarde deveria continuar independentemente. Para Jesus, os milagres jamais foram as colunas permanentes em que se apoiava o edifício, e que deviam ser consideradas indispensáveis para o seu estabelecimento.

E assim, o lugar dos milagres na vida de Jesus mostra-nos novamente a glória peculiar que era apropriada a esse Homem. Os profetas do Antigo Testamento usavam milagres continuamente como meio de autenticação, pois a sua própria imperfeição não tornava a sua mensagem impressionante. Para Jesus, ao contrário, os milagres eram apenas necessários como método primário de chamar a atenção da multidão. O homem que realmente O vê[114], vê o Pai, e daquele

[113] O evangelista também: João 12:37ss.

[114] Certamente não era suficiente vê-lo apenas em parte. É por isso que os milagres ainda são necessários a fim de nos conservar próximos desse Homem que tantas vezes é uma "ofensa."

momento em diante ele está vencido, e não precisa de outros milagres.[115] Porém, vemos aqui outra vez o curso da história seguindo as palavras pronunciadas por Jesus a respeito de Si próprio. "Cristo é tão grande que, em comparação, os milagres individualmente parecem pequenos." No entanto, em última análise, os milagres não são desprezados, mas tão somente Cristo Jesus é exaltado.

*** * ***

Se o que já dissemos descreve plenamente os fatos ocorridos, deve-se esperar que os milagres de Jesus teriam fim no momento em que Ele reuniu uma multidão suficientemente grande, cujos membros Ele pudesse então guiar calmamente a uma certeza suficiente da Sua pessoa e da Sua obra — da mesma forma como os andaimes podem ser removidos depois que o edifício está terminado. Mas os milagres de Jesus continuaram até o dia em que Ele foi feito prisioneiro (Lc 22:51). Em que outro lugar procuraremos o seu significado? Eles foram inseparáveis do próprio Jesus; eram de fato, uma das partes principais da Sua missão, uma porção da Sua auto-apresentação, sem a qual ela teria sido incompleta. Por meio deles a glória que estava dentro dEle expressou-se exteriormente. Não se pode impedir a luz de brilhar, e da mesma forma a Sua glória precisava tornar-se luminosa, e o fez mediante os milagres. Estes eram algo que não podia ser impedido de irromper, e se eles fossem impedidos à força, necessariamente os homens teriam sido levados por caminhos ínvios.

A diferença que existe aqui é radical. Jesus não fora apenas enviado de Deus, como outros homens haviam sido. Ao invés disso, apareceu-Lhe a misericórdia auxiliadora e consagradora de Deus. Ele não exclamava apenas calorosamente: "Que Deus o ajude!" "Que Deus o console!" que muitas vezes é o melhor que podemos fazer. Ele era tão íntimo de Deus que era capaz de prestar pessoalmente essa ajuda e consolo. Jesus nunca se contentou com meras palavras, pois o tempo de auxílio e socorro realmente havia chegado com a Sua vinda. Os Seus milagres eram como um sermão de atos, a pregação de que Ele viera para remediar a todos os males. Para Ele, eles faziam parte da vinda do Reino de Deus. Exatamente porque Ele devia estabelecer esse Reino, teria de empreender um ataque contra a miséria em todas as suas formas. Onde está o Reino de Deus, toda a miséria termina, e onde quer que Ele leve salvação, é chamado à existência um começo do Reino de Deus. Ele não proclamou meramente o Reino — Ele o trouxe. Todo o Reino dos Céus é em primeiro lugar uma grande dádiva de um Deus rico, para abençoar toda a humanidade. Por trazerem claramente a inscrição "Ele dá fim a toda a nossa miséria," os atos de Jesus provam que Ele é o Messias prometido por Deus para o mundo, com este objetivo (Mt 11:3ss.; 12:28; Jo 5:36; 10:25; 15:24). Mas daí, todos os Seus atos miraculosos por fim tornaram-se nada mais do que uma apresentação de Si próprio.

Se nos apegamos ao fato de que a salvação, criada pela operação do Messias, deve ser encontrada nos milagres, que neles Jesus está bem no meio da Sua obra messiânica, há dois pontos de vista diferentes a partir dos quais precisamos observar os fatos. Antes de tudo, e principalmente, os milagres aparecem como primícias e ao mesmo tempo como penhor ou garantia da era messiânica de salvação. Neles temos exemplos individuais do que acontecerá a todos nós se formos obedientes a Jesus — banindo completamente a miséria, Ele estabelecerá em plenitude o domínio misericordioso de Deus. Mas até então, os Seus milagres significam pelo menos o início da "restauração" (Is 35:5ss.). Neles, Jesus Se apresenta a nós como o poderoso "Senhor," trazendo o Reino. Mas ao fazê-lo, Ele tem em vista o homem todo, corpo e alma, e os Seus planos compreendem uma cura permanente e uma renovação interior profunda.

Se os Seus milagres são antes de tudo e principalmente primícias do dia messiânico da salvação que está raiando, eles falam ao mesmo tempo, com uma língua eloqüente e parcialmente profética, do que Ele realizará no futuro. E isto deve ser ainda maior do que já é aparentemente. Estamos acostumados com Jesus falando em parábolas, mas vamos nos familiarizar com a idéia de que os Seus milagres também, pelo menos em parte, e talvez inteiramente, eram atos parabólicos

[115] Todavia, o próprio Jesus exclui o milagre de Jonas desta prerrogativa. Na confusão causada pela ofensa da Sexta-Feira Santa, a fraqueza humana não tinha necessidade dele (Mt 16:4-26).

— atos que tinham o objetivo de mostrar, de maneira inesquecível, que muitas vezes podia ser compreendida apenas depois, algo maior que iria acontecer no nível da alma. Há duas razões pelas quais não precisamos supor que nisto Jesus não estava esperando demais do Seu público. Primeira, os orientais estavam acostumados com esta constante interligação entre as coisas espirituais e físicas. Se pensarmos na linguagem dos profetas, veremos imediatamente como eles freqüentemente forçavam o povo a traduzir até os seus atos em termos de linguagem espiritual (I Re 22:11; Is 20:2ss.). Em segundo lugar, Jesus mesmo fez muito para ajudar a transferir os Seus milagres para a região da vida espiritual (Mt 8:22; 13:13; Lc 14:21; 15:24; Jo 9:5, 39). Desta forma Ele podia olhar confiadamente para eles como parábolas,[116] proclamando para o povo as coisas grandes que tinha reservadas para ele. Ao mesmo tempo os Seus milagres tinham esta vantagem sobre as parábolas faladas: é que sendo atos poderosos, traziam em si próprios a prova de que Aquele que os realizara podia realmente executar o que predissera e prometera.

Assim, os Seus milagres eram representações simbólicas das grandes obras que Ele viera para realizar. Os coxos andam; o que significa isto? Ele dá ao coração dos homens poder para obedecer à Sua ordem: "Vai, e não peques mais" (Jo 5:14). A visão é restaurada aos cegos, e isto significa que Ele é capaz de iluminar o mundo (Jo 9:39). O surdo ouve, e Ele dá aos homens um ouvido sensível à voz do Pai. Os leprosos são purificados, e desta forma Ele efetivamente está proclamando: "Os teus pecados te são perdoados" (Mt 9:2; Lc 7:48).

O próprio Jesus requereu que os homens entendessem o "sinal" em Seus milagres, e por conseguinte, O seguissem (Jo 6:26). No milagre da alimentação da multidão, o Pai coloca o Seu "selo" sobre o fato de que ali está Alguém que é capaz de dar aos homens alimento para a alma (Jo 6:27). O vinho faz o coração dos homens se regozijar; Jesus é o noivo em cuja presença não há jejum (Mc 2:19). Ele pode dizer ao coração dos homens: "Eu vos aliviarei" (Mt 11:28). O que foi o milagre do vinho em Caná senão a solene proclamação de que ali, por fim, o Messias havia aparecido como dom da alegria, e que a era da alegria estava raiando?

O cantor dos Salmos não havia falado de um "mar de gente"? Ele colocara juntos estes dois pensamentos: "Que aplacas o rugir dos mares, o ruído das suas ondas, e o tumulto das gentes" (Sl 65:7). É demais supor que, quando Jesus repreendeu o mar (Mc 4:39), estava querendo dizer enfaticamente aos Seus discípulos: "Não temais a sua violência," conselho que eles lembrariam mais tarde, e poderiam entender melhor? Será que o fato de Ele ter andado sobre as águas, e a inesperada ajuda que prestou aos Seus discípulos, quando em perigo no barco (Mt 14:25), não tinha o objetivo de levá-los a entender e crer quando Ele lhes disse: "Não se turbe o vosso coração" (Jo 14:1), "Eis que estou convosco todos os dias"? (Mt 28:20).

Jesus nunca pronunciou qualquer maldição contra algum homem. Contudo, por que amaldiçoou ele a figueira, que não podia ser responsável por sua condição? (Mt 21:19). Não seria aquilo uma garantia de que esse Jesus *podia* amaldiçoar? (Mt 7:23; 25:41) — "Aprendei a parábola da figueira!"

Finalmente, os mortos foram ressuscitados. Como este fato proclama a Sua força vivificadora! Ele deseja dar a um mundo morto o poder da vida (Jo 5:25). Todavia, com certeza estes milagres realizados em pessoas mortas predizem algo mais — aqui está Aquele que foi chamado para realizar a obra messiânica: a futura ressurreição dos mortos (Jo 5:28s.).

Todos estes milagres foram realizados, quase sempre em indivíduos; mas são sinais dos dons espirituais que Jesus tinha reservados para toda a humanidade. Ele próprio enfatizou a aplicação universal do que fez quando, de pé, ao lado do túmulo de Lázaro, disse: "E todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente" (Jo 11:26). E todos os Seus milagres são, a longo prazo, pronunciamentos a respeito de Si próprio. Eles devem explicá-lo, expô-lo na riqueza da Sua pessoa. O Filho traz o que os homens pedem do Pai: perdão de pecados e libertação do mal (Mt 6:12s.). "Pois o Pai ama ao Filho e lhe mostra tudo o que faz" (Jo 5:20).

*** * ***

[116] É por isso que João sempre os chama de sinais (cf. Is 20:3).

Havia uma área particular em que Jesus obviamente gostava mais de realizar os Seus milagres, pois nela o advento do Seu domínio messiânico se tornava mais aparente do que em qualquer outra região (Mt 12:28s.; Lc 10:18s.). Estamos nos referindo ao Seu conflito com o reino de Satanás, revelado como era na depravação física e mental da humanidade. Não há dúvida de que naqueles dias o mundo estava destituído completamente das forças da salvação e da vida, e portanto entregue ao pecado e aos poderes das trevas. Mas só em Israel o povo havia sido despertado para reconhecer o seu estado. O mundo estava gradualmente afundando cada vez mais. Primeiramente o pecado fora servo do homem, e depois o homem se tornara servo do pecado (Jo 8:34), tornando-se mental e espiritualmente possesso. Finalmente esse estado afetou também o corpo, e o pecado tornou-se responsável por grande sofrimento físico e miséria infindável. Aqui, portanto, estavam fenômenos em que o pecado e a doença se apresentaram em sua relação mais íntima. As pessoas que, tendo sido curadas, entregaram-se novamente ao pecado, pagaram o preço de seus atos imediatamente, na forma de enfermidade (Mt 12:43ss.). Estes misteriosos sintomas de uma vida dupla só podem ser plenamente compreendidos quando vemos como essas pessoas infelizes estavam realmente sob a influência de uma força sobrenatural, que odiava o Santo de Israel, tanto quanto temia o seu poder. Essas pessoas miseráveis se sentiam atraídas a Jesus, o Salvador, na mesma proporção que temiam o Seu poder de condenação (Mc 1:24). Foi neste campo em que o pecado e a miséria apareciam em mais íntima união do que em qualquer outra parte, que Jesus gostava mais de exercitar o Seu poder terapêutico.

Foi aí também, inegavelmente, que ele causou a maior impressão (Mt 9:33).[117] Os Seus oponentes precisavam admitir que ali estava operando um poder sobrenatural. Eles o faziam de má vontade, pois não ousavam colocar os Seus atos no mesmo nível das suas tentativas de realizar exorcismo. O que eles faziam podia ser feito pelo homem, mas os atos dEle indicavam um poder sobrenatural. De maneira completamente irracional, eles então declararam que aquele poder era satânico (Mt 12:24s.). Todavia, Jesus estava convencido de que eram exatamente esses milagres que proclamavam mais claramente a vinda do Reino de Deus (v. 28); pois ali Ele obviamente lutava contra o diabo e suas obras mais temidas. Se estas fossem destruídas, isso seria prova de que ali estava alguém mais forte do que o forte, que primeiramente amarrara a Satanás, e depois despojara a sua casa (Mt 12:29). Mas onde o domínio do poder do diabo era abalado, ali começava o governo de Deus. É verdade que ali os atos terrenos de Jesus penetravam no mundo dos espíritos que é ameaçado por Ele, mas aqui, mais do que em qualquer outro ponto, a glória real do Seu poder se deixa entrever.[118]

---

[117] Sem qualquer exortação prolongada nem imposição de mãos, como os sofredores estavam acostumados a presenciar da parte dos seus exorcistas (Mt 12:23). Para os Seus discípulos também eles pareciam os mais poderosos dos Seus milagres. Assim, Marcos (1:39), bem como seu fiador (At 10:38) falam exclusivamente deles.

[118] Não se pode negar que há algo de estranho para nós em tudo isto. No cristianismo de hoje em dia - pelo menos na maior parte - não há nada parecido com as pessoas daquela época que eram possessas de demônios. A razão é clara: os defeitos morais dão aos maus espíritos uma espécie de direito legal sobre os homens; mas no cristianismo temos perdão, e por conseguinte este direito é prescrito. Nestas circunstâncias os relatórios que nos são trazidos por missionários são muito significativos. De acordo com eles, os bataks de Sumatra, por exemplo, consideram muito diferentes os epiléticos dos possessos de espíritos malignos; e os cristãos batak estão firmemente convencidos de que o poder demoníaco é verdadeiro e atuante. "É certo que no mundo pagão, que ainda não foi tocado pelo Evangelho, há poderes das trevas malignos operando, dos quais o mundo cristão não tem muito conhecimento, hoje em dia, e os pagãos estão expostos a influências do reino das trevas das quais, via de regra, parece que estamos imunes." "Nós, missionários, precisamos tentar fazer justiça a este fenômeno, ainda mais porque temos em nossa congregação cristãos dedicados que outrora estiveram sob essas influências, e podem atestar, por experiência própria, que isso é real," "Os cristãos batak que anteriormente eram médiuns, ocasionalmente voltam, contra a sua vontade, a esse estado de possessão maligna. Quando eles "se tornam humanos outra vez," como dizem eles, ficam muito tristes em relação ao acontecido, e insistem em dizer que os seus atos foram governados por uma força que eles não podiam entender..." "Pode ser que a opinião desses cristãos nativos modernos concorde com a dos membros da Igreja Primitiva. Ambos os grupos sentiram em sua própria pele o poder da religião pagã; ambos viram por trás dos seus poderes espirituais, forças satânicas em operação... às quais foi dado o poder da falsidade, corrupção e de desviar os homens. O testemunho das pessoas que vieram do paganismo e sabem, por experiência própria, como são poderosas essas forças, merece ser ouvido." Esses cristãos que vieram do paganismo entendem que Jesus veio para destruir as obras do diabo, porque o experimentaram (I Jo 3:8). Para eles Satanás é um senhor, armado com poder, de cujo despotismo eles foram libertados por Jesus. Agora os

*** * ***

Tudo isto mostra como os milagres de Jesus foram fundamentalmente diferentes daqueles dos profetas. Para o profeta, a operação de milagres era um dom de Deus, uma forte prova de que ele fora enviado por Deus, mas era inteiramente suplementar em relação à sua obra, sendo meramente uma garantia da sua mensagem. Para Jesus, pelo contrário, os milagres eram parte integrante da Sua obra messiânica, algo inseparável dEle como o Messias. Em todo o curso da história da revelação, Jesus é a única pessoa em que o milagre e o Homem são um. Os milagres eram uma espécie de adição ocasional e acessória da personalidade do profeta. Em Jesus eram o desenvolvimento e a manifestação da Sua personalidade. A fonte de amor e poder divinos que havia dentro dEle precisava encontrar escape. Porém, nisto há mais do que simplesmente uma diferença de grau entre Ele e os profetas. Este fato é verificado na razão e no objetivo dos Seus milagres, uma vez revelados por Jesus quando Ele disse que eles eram realizados "a fim de que o Filho de Deus seja por eles glorificado" (Jo 11:4). Que profeta ao menos ousou pensar em tal coisa? Poderia qualquer dos seguidores dos profetas ter jamais dito a respeito de seu mestre: "Manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele"? (Jo 2:11). Jesus não apenas requereu que os homens, mediante as Suas obras, chegassem à conclusão de que Ele fora enviado por Deus, mas indo além, que Ele estava no Pai e o Pai nEle (Jo 10:38; 14:11). Que profeta — mais uma vez — já reivindicou tal coisa para si?

Podemos expor o assunto desta maneira: este Homem é um dom de Deus para a humanidade. Os milagres foram parcialmente uma forma de distribuir este dom, e parcialmente serviram como interpretação, apondo a ele o selo da autenticidade. Assim, pela primeira e única vez na história da religião, os milagres assumem o caráter de um dom de salvação para a humanidade.

Todavia, se isto é assim, não pode haver nada de fortuito em relação a eles; em cada caso ostentam o aspecto do Reino de Deus que está raiando. Eles não podem ser chamados adequadamente apenas de sinais do céu (Mt 16:1). Eles não podem ser forçados a caber em nenhum molde. Os Seus milagres são Ele mesmo — não são *miracula* isolados, mas uma fonte permanente de bênção que provém do trono de Deus. Nem uma só vez eles constituíram uma glorificação do Homem, mas sempre uma proclamação do Evangelho em atos. Dificilmente é possível imaginar uma prova mais forte de credibilidade da narrativa que temos em nossas mãos. Este Homem e Seus milagres provêm igualmente de um padrão. Aqui está um fato: a glória externa é tão unida com a interna, que torna visível esta última. Aquilo que havia dentro dEle se torna visível (Jo 2:11; 9:5; 11:4, 40). Porém, torna-se-nos ainda mais claro o fato de que temos aqui o curso da história que corresponde à maneira como Jesus avalia a Si próprio. Sem isto, mesmo com a certeza que Ele tem, podemos ficar confusos; mas com esta convicção, juntamente com a dEle, as duas juntas podem propiciar um alicerce firme para a fé cristã (Jo 20:30).

*** * ***

---

demônios perderam o seu poder. Os feiticeiros batak declararam abertamente que desde que a "palavra de Deus" havia chegado àquelas circunvizinhanças, a sua mágica começara a falhar, e não apenas contra os cristãos. (Pense na queixa semelhante dos *pontífices* e *haruspices* durante a perseguição de Diocleciano, que na presença dos cristãos nenhuma *auspicia* podia ser realizada.) Embora a doença de *mpepo* (resultado da possessão demoníaca) seja fenômeno comum entre os pagãos shambala, por razão desconhecida para eles, ela morreu completamente entre os nativos que se converteram a Cristo. (Casos de possessão demoníaca não são confundidas com outras formas de enfermidade, da mesma forma como na Bíblia, onde uma linha definida é traçada entre o homem que era surdo e mudo em Marcos 7:32 e o mudo que tinha um demônio em Lucas 11:14; e entre o cego em Marcos 8:22 e o homem possesso de demônios que era cego em Mateus 12:22). Jesus liberta os pagãos das forças satânicas, libertando-os de um jugo de ferro que é mais doloroso e opressivo que podemos imaginar. É esta atuação que faz com que Ele lhes apareça em tal grandeza e glória (Warneck: *Die Lebenskräfte des Evangeliums).* Harnack, em um ensaio a respeito da luta contra os demônios, diz: "Há fatos neste campo que não podem ser descartados nem explicados" *(Die Mission in den Ersten Drei Jahrhunderten).*

Em conexão com o que foi dito acima (da página 313 em diante) precisamos enfatizar outro ponto: referimo-nos ao alto grau em que os milagres de Jesus eram peculiares a Si próprio. Sim, pois cremos que se estudarmos os milagres individualmente, e a maneira como Jesus os realizou, seremos forçados a chegar à conclusão de que Ele lhes outorgou uma importância que era desconhecida na história da revelação.

Devemos notar primeiramente a certeza imediata, real, que Jesus manifestou em cada caso. Ele sabia imediatamente o que devia fazer. Diante da observação dos discípulos: "O lugar é deserto, e vai adiantada a hora", Ele respondeu sem hesitar: "Não precisam retirar-se, dai-lhes vós mesmos de comer" (Mt 14:15s.).[119] Ele nem bem recebera a mensagem das irmãs, já dizia com convicção: "Esta enfermidade não é para morte, e sim, para a glória de Deus" (Jo 11:3s.). Mesmo depois de enfatizar o fato de que Ele fora enviado apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel, precisou apenas perceber a grande fé da cananéia, e imediatamente estava pronto a ajudá-la (Mt 15:28). Os Seus discípulos Lhe perguntaram que pecado havia cometido o cego, e nem bem eles haviam feito a pergunta, já Ele sabia o que fazer (Jo 9:3). O pai do menino endemoninhado nem bem acabara de se queixar, a respeito da incapacidade dos discípulos em ajudá-lo, e Jesus já dizia: "Trazei-mo." (Mc 9:19). E à viúva de Naim, que Ele vira chorando, disse de repente: "Não chores" (Lc 7:13) — palavras significativas, porque eram proféticas. Em nenhum caso podemos ver qualquer sinal de dependência em Suas decisões. Por quanto tempo os profetas costumavam esperar uma palavra de Jeová! Jesus nunca precisou esperar em silêncio e solidão por um sinal de Seu Pai, antes de executar os Seus milagres. Será meramente tentar distorcer as Suas palavras na festa do casamento, para descobrir algo desta sorte: "Ainda não é chegada a minha hora" (Jo 2:4), pois ali Ele estava falando da Sua hora, e não da hora de Deus. É fato que os Seus milagres todos tinham o mesmo tom: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?" (Jo 21:22). É o livre arbítrio integral de Alguém que é o Filho.

Outra consideração mais concorda com esta conclusão. Jesus não rogou de Deus cada um dos Seus milagres, mediante oração. Muitas vezes encontramos os profetas suplicando a Deus antes de realizar os seus milagres (I Re 17:20ss.; II Re 4:33ss.). Tiago estabelece Elias como exemplo, em caso semelhante (Tg 5:16s.). Também ouvimos falar dos apóstolos, de como eles se empenharam fervorosamente em oração antes de realizar os seus milagres, e é interessante quanto a este ponto de vista comparar, por exemplo, Atos 9:40 com Marcos 5:41. Jesus simplesmente realizou os Seus milagres sem orar pedindo poder para executá-los, e é inteiramente falso descrever o Seu comportamento como o de "um homem de oração, clamando a Deus." Da mesma forma Marta não Lhe fez justiça, a despeito das suas elevadas palavras de fé (Jo 11:22).

A maneira como conscientemente Ele evitou orar antes dos Seus milagres torna-se particularmente clara em dois casos. Desde o dia em que, no deserto, Jesus rejeitara de uma vez por todas qualquer auto-glorificação, ao recusar-Se a criar pão para satisfazer as Suas necessidades pessoais, Ele seguiu o costume humano de dar graças pela comida. Mas quando, segundo o Seu hábito, Ele estava dando graças pelo pão em oração, não acrescentava qualquer petição em relação ao milagre que estava para realizar (Mc 6:41; Jo 6:11). O outro incidente foi quando Ele enfatizou a necessidade de oração, especialmente em casos difíceis, como quando os Seus discípulos foram incapazes de curar o menino endemoninhado (Mc 9:28s.). Quando os Seus discípulos ficaram atônitos com o fato de a figueira ter-se secado, Ele mais uma vez fez do incidente uma ocasião para ministrar-lhes ensinamentos, dizendo-lhes que para eles a oração era a fonte de poder para realizar tais atos (Mc 11:22ss.). Mas em nenhum destes casos Ele deu aos Seus discípulos um exemplo pessoal, orando.

Contudo, há um incidente que parece contradizer o que estamos declarando. Diz-se que Jesus fez uma oração a Deus antes de curar o homem surdo e mudo — "Erguendo os olhos aos céus, suspirou" (Mc.7:34) —ambos os gestos mostram que Ele orou. Seria realmente este o caso? Este "suspiro" de Jesus pode ser explicado de várias maneiras. Talvez fosse um suspiro de

[119] João 6:5ss. mostra a mesma decisão imediata.

desânimo, como em Marcos 8:12.[120] Será forçado supor que o Homem que tomou a figueira estéril como símbolo de Jerusalém (e de Israel) tivesse seguido a mesma linha de pensamento aqui, e que o homem surdo-mudo simbolizasse o povo cujo "coração se tornou endurecido"? (At 28:27).[121] Ou esse "suspiro" podia ter a mesma natureza das lágrimas derramadas junto ao túmulo de Lázaro. Olhando para o homem afligido, pode ser que Jesus tenha sido tomado de piedade pela miséria do mundo. De qualquer forma, não podemos presumir com certeza que o "suspiro" significasse oração pedindo poder, antes da realização do milagre. Além disso, dificilmente parecerá provável que, se Ele realmente precisava obter o milagre mediante oração, tivesse agido tão superficialmente a respeito dela, como aqui. O fato de que Ele olhou para o céu não significa nada mais de que Ele estava plenamente consciente da Sua comunhão com o Pai, e manifestava-a claramente diante dos homens. Isto se fazia duplamente necessário no caso do surdo-mudo, pois era a única forma de levá-lo a entender.

Há ainda outro incidente que se diz ter estabelecido definitivamente o fato de que Jesus precisava obter os Seus milagres de Deus mediante a oração. Diante do túmulo de Lázaro, Ele mesmo disse abertamente: "Pai, graças te dou porque me ouviste," e depois, usando uma frase genérica, "Aliás, eu sabia que sempre me ouves" (Jo 11:41, 42). Desta forma, o Filho pede e o Pai ouve — este é claramente o procedimento nos milagres de Jesus. Parece-nos que esta conclusão é apressada. Alguns dias antes, Jesus havia declarado a Sua intenção de ir "despertar Lázaro" (vv. 11, 14), e logo que recebe a mensagem das irmãs, sem hesitar decide-Se a fazê-lo (v. 4). Mas se eu anuncio num dia que tenho a intenção de agir de certa maneira, alguns dias depois não oro ou rogo a Deus àquele respeito, mesmo que eu saiba que a minha oração será respondida. O significado dessa oração deve ser procurado em outras paragens. De qualquer forma, é uma oração de ação de graças, e não uma petição. Jesus reconhecia agradecidamente como a situação estava — Ele no Pai e o Pai nEle, tudo o que é do Pai é também dEle. De acordo com as Suas próprias palavras, Ele coloca o assunto desta maneira "por causa da multidão presente" (v. 42; cf. 12:30). Se assim não fosse, não ficaria claro para esta — já não o haviam acusado de receber ajuda de Satanás? (Mt 9:34; 12:24). Portanto, esta declaração do assunto foi muito importante. De fato, em certa ocasião Jesus falou disso como uma das Suas mais prementes preocupações (Jo 17:7). Sim, pois a percepção cristã por fim deveria encontrar o seu objetivo, o seu alvo, na certeza de que Ele fora enviado por Deus (Jo 17:3). Portanto, Ele estava muito interessado em que as Suas obras, corretamente interpretadas, ajudassem a turba a chegar a esse alvo (Jo 11:42); e em Sua conversa audível com o Seu Pai ao lado da tumba de Lázaro, Ele supriu a interpretação daquele ato, que para Ele era tão importante.

*** * ***

Continuemos estas observações que nos mostram como Jesus era independente em Seus milagres. O profeta do velho pacto realizava os seus milagres em nome de Deus. "Assim diz o Senhor," era a fórmula solene com que ele geralmente os anunciava (I Re 13:21; 17:14; II Re 1:16; 4:43; cf. Is 7:11). Mais tarde os Seus discípulos clamavam a Jesus ao invés de Deus, ao operar milagres (At 3:6). O próprio Jesus nunca tomou o nome de Deus em Seus lábios quando estava realizando milagres. Não era Ele mais profundamente religioso do que eles todos? Por que será que Ele não deu a Deus a glória e a honra, se era Ele quem Lhe dava o poder de operar milagres? Não desperdiçou Ele uma oportunidade adequada para apontar à mulher cananéia o Deus de Israel? Isso poderia ter influenciado toda a vida dela. Por que Ele não pronunciou nenhuma palavra a respeito de Deus para essa mulher gentia, deixando-a com sua fé no "Filho de Davi"? (Mt 15:22).

O fato de Ele jamais ter mencionado o nome de Deus em Seus milagres se torna ainda mais significativo quando notamos que Jesus Se colocou em primeiro plano nessas ocasiões. Mais tarde, os discípulos tentaram ansiosamente impedir que os olhos dos homens se fixassem neles como verdadeiros operadores de milagres, repreendendo o povo: "Por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?" (At 3:2). Cipriano Vignes,

---

[120] O fato de esses dois milagres serem narrados de maneira tão interligada também é significativo. Não é provável que esta expressão tenha sido usada com o mesmo sentido em ambos os lugares?

[121] Lucas 10:21 mostra-nos o oposto deste "suspiro." Ali Ele Se "regozijou em espírito" porque encontrou "ouvidos."

camponês de Cevennes, clamou da mesma forma para as pessoas que, admiradas, fixavam os olhos nele por causa dos seus feitos: "Eu não sou nada, sou menos do que nada, uma criatura pobre e fraca. Vão a meu Deus; Ele é um Deus vivo; ali encontrarão tudo o que necessitam." Mas este Homem, que indubitavelmente não carecia de piedade e humildade, constantemente e sem hesitar, ao realizar milagres, dava ênfase a Si próprio — "Quero!" (Mt 8:3); "Eu te ordeno" (Lc 5:24; 7:14; Mc 9:25); "Que queres que eu te faça?" (Mc 10:51); "O Filho do homem tem sobre a terra autoridade" (Lc 5:24). Foi Ele quem "repreendeu" o mar (Mt 8:26), 'a mesma forma como Deus uma vez havia "repreendido" o Mar Vermelho (Sl 106:9; Naum 1:4). Assim, Ele não fez nada para voltar os olhos dos homens para Deus, mas tudo para fixá-los em Si próprio.

Observemos por um momento a maneira simples mas majestosa pela qual Ele realizou os milagres. Que celeuma os profetas antigos costumavam causar! Só precisamos ler a história de Elias e a viúva de Sarepta (I Re 17:21ss.), ou de Eliseu e a sunamita (II Re 4:33s.). Que trabalho deu despertar o menino! Ou pense em todo o trabalho que Elias teve para fazer chover! (I Re 18:42ss.). Orações, imprecações e toda sorte de cerimônia seguiram-se umas às outras em rápida sucessão. Com Jesus não encontramos nada, a não ser uma simples palavra de ordem, falada com plena certeza (Mt 8:3; Mc 1:25; 3:5; Lc 7:14; 8:54; 17:14; 18:42). Acontece exatamente como Ele diz, o que Ele ordena é realizado. Tal método dá a impressão de que o poder que Ele usa é dEle mesmo. Este Homem podia colocar em movimento forças que nos são desconhecidas, e que estavam à Sua disposição como estão à disposição de Deus. Aqui não há um poder plenipotenciário, mas alguém com poder independente.

Esta impressão é fortalecida quando notamos como Jesus ficou inteiramente contente quando os pedidos foram feitos a Ele, a fé foi manifesta a Ele, e a gratidão, também, foi-Lhe oferecida. Só em alguns poucos casos isolados encontramos alguma tentativa de levar a pessoa agraciada e agradecida a dar graças a Deus (Mc 5:19). Mas na verdade Ele requereu fé em Si próprio (Mt 9:28), ou procurou fortalecer essa fé (Jo 4:50). De fato, Ele elogiou calorosamente o Centurião por sua fé, quando foi o primeiro a reconhecer — certamente de forma militar — que Jesus tinha uma espécie de poder ilimitado de comando sobre espíritos e forças celestiais. Da mesma forma, Ele não achou que fosse necessária qualquer modificação nessas declarações, como de que o Filho do homem não teria esse poder se Lhe não tivesse sido dado do alto (cf. Jo 19:11). Tais considerações nos levam necessariamente à compreensão de que os milagres de Jesus eram atos independentes, de moto próprio. É verdade que mais uma vez precisamos notar que era apenas pelo fato de esse Homem ser inteiramente um com Deus, que Deus jamais foi oculto por Seus atos.[122]

Há outra circunstância que precisamos notar, se queremos apreciar plenamente a independência de Jesus em Seus milagres. O poder em questão era tão Seu que Ele era capaz de transmiti-lo a outrem. Ele deu aos Seus discípulos a convicção de que o poder que eles passaram a ter para realizar milagres provinha dEle (At 3:6; 9:34; Mc 16:20).[123] Ele disse clara e repetidamente que lhes havia dado poder sobre os espíritos maus (Mc 6:7) e contra a enfermidade (Mt 10:8). Devido ao fato de Satanás, expulso do céu, ter sido atirado a Seus pés, Jesus sabia que era capaz de dar aos Seus discípulos autoridade sobre demônios (Lc 10:18s.) e conscientemente revestiu das palavras usadas (v.19) no Salmo 91, a respeito do poder dado aos servos de Deus (Sl 91:13), a autoridade que Ele deu aos discípulos sobre tudo o que era prejudicial. Todavia, Ele nunca lhes recomendou que clamassem a Deus para operar milagres. Era-lhes suficiente confiar na Sua ordem, e agir em ligação com Ele (Lc 10:17). A Sua independência era tal que Ele podia ser uma fonte de poder para outros (Jo 14:12s.), mesmo depois que os deixou. Então, como deve ter sido extensa a glória de Seu poder!

*** * ***

Em conclusão, podemos entender como qualquer homem, que procurou ajuda e a

[122] Cf. João 10:28s., onde vemos o uso da mesma expressão: a *Sua* e a mão de Seu Pai, e a razão para tal no v. 30.
[123] Esta convicção é visível mesmo antes da ressurreição (Lucas 9:54; 10:17).

encontrou, deva encher-se de devoção por esse operador de milagres, e expressar fé no Seu poder ilimitado. Porém, seria o dever do ouvinte corrigir tal exuberância e indicar Alguém mais elevado para o suplicante. Jesus não fez isto.; pelo contrário, tomou intencionalmente o lugar de honra. Esse, que foi o mais sincero dentre os homens, de fato agiu de maneira que seria longe de honesta, se Ele não tivesse que clamar a Deus pedindo poder para realizar os Seus milagres. Somente somos capazes de descrever a Sua operação de milagres dizendo que Ele não recebia milagres, mas os realizava. Da mesma forma como Ele não fora apenas o instrumento para propiciar pão ("Dá-nos sempre desse pão," Jo 6:34), mas declarou que Ele mesmo e tudo o que há nEle e sai dEle preserva a vida ("Eu sou o pão da vida"), assim também Ele não é apenas o instrumento para propiciar a ajuda de Deus, mas Ele próprio é o socorro de Deus encarnado, dando de Si mesmo.

Aqui, mais uma vez, encontramos apenas o que esperávamos: o curso da história corresponde exatamente à avaliação que Jesus faz de Si mesmo. "Tudo me foi entregue por meu Pai" (Mt 11:27); "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28:18); "O Filho do homem tem poder sobre a terra para curar e perdoar pecados" (Mt 9:6); "O que é meu é teu, e o que é teu é meu" (Jo 17:10; 16:15); "Eu e o Pai somos um" (Jo 10:30); estas palavras e outras semelhantes a elas (Jo 1:51; 3:35; 17:2) manifestam a mais poderosa consciência de quem Ele era, e se refletem nos acontecimentos que tiveram lugar. Aqui torna-se aparente um poder peculiar, unido a Deus, e esta auto-glorificação de Jesus não é removida por expressões como "as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço" (Jo 5:36), pois Ele usa a mesma expressão para designar também as Suas palavras (Jo 17:8-14, 24). Nos dois casos esta frase somente significa que ambas haviam sido resultado da mais íntima comunhão com Deus.[124] O Pai que está nEle fala através das palavras dEle (Jo 3:34; 12:49), e o Pai que está nEle realiza as Suas obras através dEle (Jo 14:10). Portanto, a longo prazo, elas são as palavras e os atos de Deus nEle e através dEle. Nada é dito ou feito por Si próprio (Jo 5:19; 12:49) — não obstante, outra vez todas as coisas são dEle (v. 16, 17: "Eu vos digo," "quero que..."). Ele e o Pai são um de um modo maravilhoso. Ele próprio falou desta unidade[125] e tanto falou como agiu de conformidade com ela. Não obstante, esta conexão jamais interferiu na independência das Suas palavras e obras. Pelo contrário, a despeito de estarem ligadas desta forma ao Pai, o Seu comportamento sempre mostrou a característica peculiar e livre de Alguém que era o Filho (Jo 5:19, 30; [1:14]; Hb 3:6).

*** * ***

Os nossos argumentos podem sofrer justa oposição devido a duas razões diferentes. Primeira, os milagres de cura nem sempre eram realizados da maneira simples como os descrevemos, meramente por meio de uma palavra poderosa e eficiente. E segunda, o que Ele era capaz de fazer freqüentemente parecia depender em alta escala da fé dos homens. O nosso objetivo será mostrar como esta limitação aparentemente óbvia do poder de Jesus, de fato é meramente aparente.

Com referência à maneira como Jesus realizava os Seus milagres, admitimos que rejeitamos desde o início tais representações como tentativas de mostrar que algumas vezes os milagres foram realizados laboriosa e dolorosamente. Marcos 8:24s. e 9:25s. são citados nesta linha. Porém, aqui não encontramos luta nem um esforço tremendo; somente um processo, um desenvolvimento ou evolução. Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que Jesus muitas vezes impôs as mãos sobre as pessoas a quem ia curar (tantas vezes que na verdade o povo começou a rogar-Lhe para lhe impôr as mãos (Mc 6:5; Lc 4:40; Mc 5:23; 7:32; 8:32; [Mt 9:18]) e Ele foi ainda além, tocando de todas as maneiras as pessoas que O procuravam para serem curadas. Alguém fez

[124] Em suas discussões com os fariseus, Ele deu especial ênfase a isto, de forma que os Seus oponentes podiam concluir das Suas obras que o Pai estava nEle e Ele no Pai (Jo 10:38; 14:11). Eles podiam fazê-lo apenas se as obras Lhe tivessem sido dadas pelo Pai; *cf.* também com a expressão "concedeu" (Jo 5:26, no mesmo discurso). É claro que este "concedeu" é apenas a palavra popular que designa a existência do Filho como alicerçada na existência do Pai.

[125] Também nas frases "pelo Espírito de Deus" (Mt 12:28), "com o dedo de Deus" (Lc 11:20). As expressões usadas em relação a Ele: "o Espírito permanecia nEle" (Jo 1:33), "o poder do Senhor estava com Ele" (Lc 5:17), denotam a mesma coisa.

tentativas para concluir, a partir deste fato, que algum poder terapêutico peculiar emanava do Seu corpo — como muitas vezes se ouve falar de outras pessoas.[126] Uma frase solitária nos Evangelhos (Lc 6:19)[127] que fala da virtude que saiu do Seu corpo, e que por isso toda a multidão procurava tocá-lo, é responsabilizada por esta opinião. É bom notar que é Lucas, o Médico, que emprega a frase mais forte que tende a expressar esta idéia, a ele obviamente estava procurando explicar o incidente dessa maneira. Não obstante, outra circunstância é ainda mais significativa: na cura efetuada na mulher que tinha uma hemorragia e que tocara a Sua roupa, os três evangelistas são unânimes em atribuir a cura não ao Seu toque, mas à fé da mulher.[128] Portanto, dificilmente é pertinente tirar conclusões extensivas desta frase solitária. Mas há outros fatos que provam-nos que realmente seria errado fazê-lo. Se o toque de Jesus tivesse sido de valor decisivo nas curas que Ele efetuou, Ele precisaria usá-lo em todos os casos. Contudo, além de Ele constantemente realizar milagres de cura à distância, em pessoas que, segundo se presume, nunca sentiram o toque da Sua mão curadora (Mt 8:13; Mc 7:29; Lc 17:12; Jo 4:50), devemos notar que, ao expulsar espíritos maus, Ele jamais fez uso da imposição de mãos, nem de qualquer coisa semelhante.

Em adição a isto, qualquer força terapêutica maravilhosa que emanasse da Sua pessoa não explicaria todos os outros milagres que não eram de cura.

Se o fato de Jesus tocar os enfermos não teve importância em ocasionar o sucesso dos Seus milagres, o que ele significa? Em muitos casos isto não teve significado nenhum, mas foi apenas o gesto natural de um operador de milagres. Quando Uhde pintou Jesus como o Consolador, retratou-O naturalmente impondo as mãos sobre alguém. Se assim não fosse, pareceria pouco natural, e Jesus jamais foi artificial. Ele chamou Lázaro da boca da sepultura; Ele tocou o esquife do jovem; Ele tocou com a mão a menina que jazia no seu catre (semelhantemente, Marcos 9:27). Todos estes gestos foram completamente naturais. Ele não conseguiu tocar as pessoas possessas de demônios, que agiram como criaturas selvagens, mas tomou as criancinhas em Seus braços (Mc 10:16). A Sua mão não conseguiu alcançar o homem enfermo no largo círculo que o povo formou ao Seu redor, de forma que Ele o alcançou com a Sua palavra (Lc 6:10); mas era natural que Ele impusesse as mãos nas costas encurvadas da mulher que tinha uma enfermidade (um espírito de enfermidade), e a endireitasse com o Seu toque (Lc 13:13). Ele tomou pela mão a sogra de Pedro, que estivera confinada ao leito, e ajudou-a a levantar-se (Mc 1:31); Ele tocou a orelha ensangüentada de Malco (Lc 22:51) - pois qualquer outro procedimento não pareceria formal e artificial, sem harmonia com a natureza viva e espontânea de Jesus?

No entanto, é verdade que muitas vezes o Seu toque significou algo. Ele deu expressão ao Seu amor caloroso. Jesus nunca considerou o homem como uma parte da multidão apenas; e assim, mesmo quando a multidão se aglomerava ao Seu redor, Ele impunha com amor as mãos sobre cada pessoa que curava (Lc 4:40). Para Ele, pareceria rude não permitir que as pessoas que estavam perto dEle sentissem o aperto da Sua mão (Lc 13:13). Ele devia saber como alegrava o coração do leproso, escorraçado por todos, sentir Jesus a tocá-lo, como se ele já estivesse purificado (Mt 8:3). O cego ao lado do caminho era um mendigo. Ele não devia parecer muito atraente, com os seus olhos supurados, cheios de poeira da estrada. Muitas pessoas davam uma volta para evitar o velho sujo que se assentava ali, curvado e miserável, e foi exatamente por isto que Jesus o chamou tão amavelmente, e colocou as mãos sobre ele (Mc 10:46ss.). Verifica-se facilmente que foi exatamente com essas pessoas que não contavam com o uso de todas as suas faculdades, para quem, por conseguinte, a Sua personalidade não podia causar uma impressão plena — os surdos e os cegos — que Jesus usou em maior medida do Seu toque (Mt 9:29; 20: 34; Mc 7:32ss.; 8:23; Jo 9:6ss.). Obviamente Ele queria compensá-los pelo seu infortúnio em não ver os Seus olhos amáveis ou ouvir a Sua voz amiga. Naqueles dias uma pessoa surda-muda era um fardo, jogada para qualquer canto. Como tal pessoa, conseqüentemente, devia desconfiar dos outros! Na estrada também, sob o sol escaldante, haviam empurrado o surdo-mudo para Jesus, sem que ele soubesse o

---

[126] "O vigor do seu organismo, que O capacitava a transferir pelo toque as forças vitais que estavam nEle."

[127] *Cf.* Marcos 5:30, e particularmente o paralelo em Lucas 8:46, onde o próprio Jesus declara que havia saído virtude (poder) dEle.

[128] Em Mateus parece que a palavra de Jesus apenas deu à mulher que cria a cura que ela buscava.

que se esperava dele. Que impressão ele deve ter tido quando, pela primeira vez na sua vida, ele sentiu uma mão gentil e experiente tocando a sua, e viu olhos compassivos voltados para ele! Não pode haver dúvida de que, se o toque de Jesus tinha um objetivo, era apenas fazer com que as pessoas necessitadas de amor sentissem o seu calor.

*** * ***

E agora, finalmente, o poder de Jesus não dependia da fé dos homens?[129] Não é verdade que a confissão de fé nEle era um fator poderoso e muitas vezes determinante em Seus milagres? Isto pode ser observado em muitos casos. A fé realiza milagres. Se um homem doente só tem confiança suficiente em um médico, dificilmente há limites para o sucesso que pode ser conseguido em seu caso. Muitas declarações dos Evangelhos não nos dão motivos para supor que nos milagres de cura de Jesus a mesma influência forte estivesse operando? Quando as pessoas criam nEle, atos poderosos eram realizados. E quando não criam, como por exemplo, em Nazaré, o Seu poder de nada adiantava (Mc 6:5). Examinemos mais detidamente este fato.

Se as curas efetuadas por Jesus não eram nada mais do que a conseqüência involuntária da Sua operação espiritual, como podemos explicar o fato de que a maioria dos milagres foi realizada no começo do Seu ministério, exatamente na época quando a Sua eficácia espiritual ainda não se havia tornado aparente? Ou como podemos explicar o outro fato, de que o próprio Jesus Se queixou de que nas cidades em que se haviam realizado os Seus maiores milagres, os efeitos espirituais não se haviam feito sentir? (Mt 11:20ss.). Portanto, tal ligação entre cura com êxito e eficácia espiritual não podia estar em operação.

Todavia, há um fato ainda mais importante a ser colocado contra a asseveração de que o sucesso dos milagres de cura dependia da fé do paciente. Muitas curas foram realizadas sem a operação de qualquer fé da parte da pessoa doente. A mulher que sofria de uma enfermidade não rogou que Ele a ajudasse. Jesus, cheio de compaixão, chamou-a a Si por Sua própria iniciativa (Lc 13:12). O coxo no Poço de Betesda não sabia quem era Jesus — nem mesmo depois de ser curado (Jo 5:13). E se supusermos que Jesus desejava despertar fé com a Sua pergunta (Jo 5:6), a resposta foi tão titubeante (v. 7) que dificilmente pode-se chamá-la de fé despertada. Será que Malco manifestou alguma fé? (Lc 22:51). Ou o homem ao lado do caminho, que nascera cego? (Jo 9:1). Ou qualquer dos possessos de demônios? Até nos incidentes quando a fé desempenhou um papel de destaque - o Centurião de Cafarnaum (Mt 8:5ss.) e a mulher Siro-fenícia (Mt 15:22) — foram os que receberam a cura que demonstraram fé? "E naquela mesma hora o servo foi curado" (Mt 8:13). Isso aconteceu sem qualquer comunicação entre o operador de milagres e o enfermo.

Permanece a dúvida: que outro significado tinha para Jesus a fé daqueles que procuravam cura? Pois é bem certo que isso era importante para Ele. Só é necessário ler Marcos 9:20ss., onde Jesus mostra tão cuidadosamente ao pai do menino endemoninhado o caminho da fé. Talvez possa ser dito que o mérito do beneficiado dependia da sua fé.[130] Não que Jesus jamais tenha feito exceção a esta regra. Ele não podia segui-la nos dias em que os Seus milagres foram realizados a fim de suscitar fé. Porém, mesmo mais tarde, a Sua compaixão muitas vezes O levou a ajudar mesmo quando não fora expressa nenhuma fé. No entanto, naqueles últimos dias, a fé determinou via de regra o mérito do beneficiado. O milagre era a recompensa do crente (Mt 8:10, 13; 9:28s.; 15:28; Mc 5:36). Até então Jesus nunca reduzira os Seus milagres à categoria de uma forma de suscitar fé, mas pelo contrário, negou-Se a descrer.[131]

A este respeito também Ele foi a verdadeira imagem de Seu Pai. "Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa" (Tg 1:6s.; Mt 21:22).

Em conclusão, devemos dizer que não podemos encontrar nenhuma limitação ou restrição

---

[129] Precisamos nos lembrar de que isto também se refere apenas aos milagres de cura.

[130] Em Marcos 9:23 Jesus Se ressente sensivelmente das palavras do homem "Se po des."

[131] E segundo este ponto de vista que devemos entender Marcos 6:5s.. "Ele não pôde" significa que o fato de eles não serem dignos tornou-o impossível para Ele (cf. Mt 13:58).

ao poder que está evidente nos milagres de Jesus.

Pelo contrário, mesmo depois de minucioso estudo, reconhecemos que o curso da história segue a maneira como Ele avalia a Si próprio. Aqui, de fato, revela-se uma glória como a que o Pai dá tão somente ao Filho unigênito, em quem Ele pode derramar a Sua própria glória, sem mistura (Jo 1:14).

Contudo, há ainda outro ponto em que podemos observar essa glória.

CAPÍTULO 20

AQUELE QUE SONDA OS CORAÇÕES

E O PROFETA

O Menino de doze anos de idade sentou-Se no Templo, fazendo perguntas (Lc 2:46). Uma característica de crianças bem dotadas é que elas fazem muitas perguntas; mas no caso de Jesus essas perguntas são ao mesmo tempo uma prova conclusiva de que Ele não sabia tudo.

Porventura o batismo no Jordão (Mt 3:16) transformou essa ignorância em conhecimento? Mas Jesus continuou a fazer perguntas. "Quantos pães tendes?" perguntou Ele no deserto (Mc 8:5). "Há quanto tempo isto lhe sucede?" perguntou Ele ao pai do menino doente, no sopé do Monte da Transfiguração (Mc 9:21). "Onde o puseste?" perguntou Ele às irmãs de Betânia (Jo 11:34).[132] De fato, é indubitável que muitas das interrogações de Jesus eram simplesmente uma forma de iniciar uma conversa. Ao cego que chamara para Si, Ele perguntou: "Que queres que te faça?" (Lc 18:41); aos discípulos de Emaús: "De que ides tratando à medida que caminhais?" (Lc 24:17); aos que haviam vindo para prendê-lo: "A quem buscais?" (Jo 18:4); e à Madalena: "Por que choras?" (Jo 20:15). Em Marcos 9:33 se demonstra claramente que Ele não queria descobrir nada com Suas perguntas, nesses casos; neste versículo Ele não recebeu resposta alguma dos discípulos embaraçados, e então mostrou-lhes imediatamente que sabia o que eles haviam estado a conversar, e que deviam envergonhar-se daquilo. Pode-se ser tentado a supor que, como neste caso, todas as perguntas de Jesus eram simplesmente uma forma de dar à conversa um tom definido. No entanto, tal suposição estaria violentando os fatos. Até as pessoas que estavam mais próximas dEle presumiam que Ele não sabia tudo. As irmãs de Betânia mandaram-Lhe notícias acerca da doença do seu irmão (Jo 11:3). Assim, a impressão que tinham até as pessoas que conheciam mais intimamente a Ele e a Sua natureza, pode ser de que Ele não era onisciente.[133] E Jesus nunca considerou essa atitude como depreciativa em relação a Si. Pelo contrário, em casos em que a pessoa pode pedir informações aos outros, Ele inquiria sinceramente — isto é, com o desejo de ser informado.

Porém, há outro pensamento que corre clara e paralelamente ao que acabamos de considerar; e ele termina com a declaração: "Senhor, tu sabes todas as coisas" (Jo 21:17), e com a convicção dos discípulos: "Agora vemos que sabes todas as cousas, e que não precisas de que alguém te pergunte" (Jo 16:30).[134] Ou então: "E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana" (Jo 2:25). O que havia despertado esta convicção no coração dos discípulos?

Jesus, ao ver Filipe trazendo-lhe o hesitante Natanael, precisou apenas olhar uma vez para aquele homem, e imediatamente o julgou como "verdadeiro israelita, em quem não há dolo" (Jo 1:47); um inquiridor honesto, pronto para aceitar o ensinamento de alguém que conhecesse mais do que ele. Foi na véspera desse dia que André havia levado a Jesus o seu irmão Simão; e naquela ocasião também, um olhar havia sido suficiente, e Jesus dissera abruptamente a Pedro: 'Tu és Simão... tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1:42). Esse era o homem facilmente levado por qualquer opinião, aos nossos olhos o discípulo que tinha a natureza mais inconsistente, cujas possibilidades de desenvolvimento eram incalculáveis, e que um dia haveria de ser levado para lá e para cá pelas emoções mais contraditórias. Não obstante, em Seu primeiro encontro com Pedro, Jesus reconheceu a natureza pétrea do homem que, mais tarde, seria um dos grandes pilares da Igreja (Mt 16:18; At 2:14). Só alguém que conhecia os corações dos homens como ninguém, poderia prever esse desenvolvimento.

Cruzou o caminho de Jesus um jovem que Ele jamais vira antes. Uma conversa rápida, um

---

[132] Outras perguntas: Marcos 8:23, 27; 9:16.

[133] A figueira O havia enganado, coberta como estava com folhagem temporã.

[134] Isto é: Não precisas que os homens Te interroguem. Sabes as perguntas que eles querem que sejam respondidas.

olhar profundo dentro dos olhos daquele rapaz, e Jesus já havia lido o suficiente da sua alma para sentir mais do que afeição comum por ele (Mc 10:21). O fariseu pensava que Jesus nada sabia da mulher que era pecadora notória na cidade (Lc 7:39); mas Jesus mostrou-lhe imediatamente que conhecia aquela mulher muito melhor do que o fariseu — não era apenas uma grande pecadora que se ajoelhara diante dEle, mas alguém que havia, arrependida, abandonado os seus pecados, e encontrado a misericórdia de Deus (v. 47).

Como Jesus proibiu peremptoriamente os Seus discípulos de fazer qualquer tentativa de ligar o pecado com a enfermidade no homem que havia nascido cego! (Jo 9:3). No entanto, Ele próprio reconheceu com um olhar confiante que no homem paralítico a necessidade interior era realmente maior do que o sofrimento físico (Mt 9:2). Sim, pois aquele paralítico tinha consciência ("Tem bom ânimo") de que havia ocasionado aquela enfermidade a si próprio — possivelmente através de licenciosidade sexual.

O paralítico junto ao Poço de Betesda talvez não havia percebido que estava sofrendo fisicamente pelo mesmo tipo de pecado. Mas Jesus o revelou com advertência: "Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda cousa pior" (Jo 5:14).

Ele sabia a respeito do que os seus discípulos haviam estado a discutir pelo caminho, embora eles tivessem vergonha de contar-Lhe (Mc 9:33). Ele sabia também, imediatamente, o que estava no coração dos Seus adversários (Mc 2:8; Mt 12:25), da mesma forma como reconhecera imediatamente (isto é, "desde o princípio," João 6:64) a mudança ocorrida no coração de Judas, e o início dos seus primeiros pensamentos traidores.[135] No primeiro encontro, aparentemente inofensivo, com o partido dos fariseus, Ele viu logo de início todo o desenvolvimento da sua hostilidade (Jo 2:19). Ele podia, de fato, ler o caráter como os outros homens liam livros. Aqueles que ficaram famosos por entenderem a natureza humana, são capazes de julgar a natureza do homem pelos seus atos; mas Jesus podia fazer mais: Ele via os pensamentos dos homens, que os levavam a suas ações.

Foi por causa destas experiências que o discípulo que Lhe era mais íntimo pôde dizer: "Ele mesmo sabia o que era a natureza humana" (Jo 2:25). Mas é exatamente neste Evangelho que encontramos em dois lugares este testemunho adicional a respeito de Jesus: "Sabes todas as cousas" (Jo 16:30; 21.17). Qual o motivo que o levara a esta confissão maior?

Não era apenas o estado do coração dos homens que Jesus entendia. Ele percebia também a origem de incidentes e eventos puramente externos. Antes que Pedro abrisse a boca para dizer-Lhe, Jesus já sabia que o discípulo recebera a cobrança do imposto do Templo, e antecipou a pergunta dele com uma Sua (Mt 17:25). Ele tinha ciência do que Tomé havia exigido truculentamente, e envergonhou-o, repetindo as suas próprias palavras (Jo 20:27). Ele sabia que a enfermidade de Lázaro fora fatal, e que estava na hora de subir a Betânia (Jo 11:6, 11, 14). Ele até sabia onde, no lago, os peixes se encontravam em abundância, e mandou Pedro pescar exatamente ali (Jo 21:6; Lc 5:4; cf. Mt 17:27). No meio da multidão certa mulher tocou a Sua roupa com dedo trêmulo. Não estava Ele sendo tocado de todos os lados por uma dúzia de pessoas ao mesmo tempo? No entanto, Ele sabia que algo de especial havia acontecido, e não descansou enquanto não encontrou a mulher (Mc 5:30s.). Mas isso não é tudo. O Seu maravilhoso conhecimento não se limitava ao presente, mas se estendia para o passado. A vida de homens que Lhe eram completamente estranhos se desenrolava diante dos Seus olhos. Ele vira Natanael onde nenhum outro homem poderia tê-lo visto: no esconderijo formado pela espessa folhagem da figueira (Jo 1:48s.). Ele provavelmente sabia que naquele momento Natanael estava orando ardentemente em segredo, pedindo a vinda do Messias; e esta maravilhosa descoberta do seu segredo imediatamente forçou os lábios de Natanael a confessarem que Jesus era o Messias. Foi a Sua maravilhosa revelação da vida pregressa da mulher samaritana — "Cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido" — que a fez entender de imediato que o Homem que estava diante dela era, de fato, o que dizia ser: o Messias (Jo 4:29; cf. vv. 18, 26). Sem dúvida foram estas experiências e outras semelhantes que levaram os discípulos à convicção: "Sabes todas as cousas." Porém, como isto concorda com a cer-

[135] Isto não deve ter sido fácil, pois até na Última Ceia os discípulos ainda estavam perguntando: "Sou eu?" (Mt 26:22), e quando Judas saiu da mesa, eles não tinham idéia de que ele era o traidor.

teza das irmãs de Betânia, de que precisavam mandar-Lhe notícias da doença de seu irmão, e com o fato de que Ele fazia perguntas aos Seus discípulos?

*** * ***

Não é difícil perceber que o Seu conhecimento miraculoso, do qual temos estudado alguns exemplos, movia-se dentro de uma órbita prescrita. Ele servia aos propósitos da Sua vocação. Os olhos penetrantes de Jesus perscrutavam a natureza da pessoa que estivesse diante dEle, a fim de encontrar a palavra certa, a maneira correta pela qual ela seria ganha ou fazer com que se tornasse inócua. E quando, ao fazê-lo, Ele exibia um conhecimento miraculoso de assuntos puramente materiais, foi sempre a serviço desses objetivos morais: com Natanael (Jo 1:50); com a mulher samaritana (Jo 4:39), com os pescadores no Lago de Genesaré (Lc 5:10). Todos estes incidentes mostram-no lutando para ligar para sempre o povo a Si próprio. E no caso de Judas, logo de início reconhecido e desmascarado como um diabo (Jo 6:70), vemos o ardente desejo de preservar a fé dos onze para não ser abalada, mais tarde. Não é como se Ele visse o coração de todos os homens desnudados diante dEle, ou como se todas as circunstâncias externas Lhe fossem reveladas. Não; era apenas quando os Seus olhos se fixavam em algum objetivo especial, quando Ele queria ler um coração humano (Jo 1:42; "Jesus olhou para ele") que tanto corações como objetivos se expunham e se abriam para Ele. E então, de fato, se Ele o quisesse, via também o passado e o futuro de uma pessoa. Desta forma, as declarações constantes dos Evangelhos não justificam o fato de falarmos da Sua onisciência, mais do que da Sua onipotência. Tanto o Seu conhecimento quanto o Seu trabalho encontravam limites na Sua vocação; mas dentro desses limites Ele de fato possuía conhecimento onisciente divino, tanto quanto onipotência divina. Nesse campo, todas as coisas Lhe foram dadas por Seu Pai (Mt 11:27), e isso explica porque os Seus seguidores, que O conheciam tão intimamente, podiam confiantemente fazer estas duas afirmações a respeito dEle: que Ele lhes pedia informações como os outros homens o faziam, e que, todavia, Ele sabia todas as coisas, e não necessitava que ninguém lhe testificasse do homem (Jo 2:25; 16:30; 21:17).

Assim sendo, também quanto a este aspecto Ele está longe de qualquer comparação com os homens. É verdade que os profetas também haviam experimentado momentos isolados e raros de visão clara. Mas em Jesus era um atributo permanente ver mais do que os homens vêem. Se queremos encontrar algo semelhante, precisamos pensar nAquele a quem o salmista orou: "Sondas a mente e o coração, ó justo Deus" (Sl 7:9), que diz acerca de Si mesmo nos profetas: "Eu, o Senhor, esquadrinho o coração" (Jr 17:10), e que, portanto, o apóstolo designa como aquele que sonda os corações (At 15:8). "De longe penetras os meus pensamentos... e conheces todos os meus caminhos" (Sl 139:2, 3 — "conheces todos os meus caminhos," Jo 4:17) — só aqui podemos encontrar algum paralelo com a maneira que Jesus tratou os homens a este respeito.

Contudo, mais uma vez não encontramos aqui nem mais nem menos do que o curso da história que corresponde à maneira que Jesus Se avalia. Ele colocou-Se ao lado de Jeová (Sl 23) como o Bom Pastor (Jo 10:11). O Seu povo, há muito, sabia que o Senhor conhecia a quem havia escolhido (Nm 16:5; II Tm 2:19). Mas também era da Sua vontade que eles soubessem que o Grande Pastor das ovelhas (Hb 13:20) conhece os Seus (Jo 10:14) — as suas capacidades, a sua força, as suas necessidades. É pelo fato de conhecê-las, Ele é capaz de adverti-las e admoestá-las no tempo devido, e de orar por elas (Lc 22:32). A Sua posição como pastor, desta forma, baseia-se no Seu conhecimento maravilhoso; sem ele Jesus estaria exagerando em Suas pretensões ao dizer: "Eu sou o bom pastor." Da maneira como é, até mesmo este aspecto da Sua incomparável auto-avaliação é confirmado pelo curso da história.

Não foi a Sua onisciência divina que pela primeira vez despertou a fé dos discípulos na Sua origem divina.[136] Contudo, a fé que já se fazia sentir pode ter encontrado nela, justa e alegremente, uma base nova e forte para se expressar.

*** * ***

[136] Não mais do que a fé da mulher samaritana nEle como o Messias (Jo 4:19). (Pelo contrário, o v. 26.)

Intimamente ligada ao Seu conhecimento miraculoso encontramos a Sua profecia — semelhante, mas de natureza diferente. Já notamos em outra parte deste livro como a profecia de Jesus era a serva do Seu amor. Aqui, será nosso objetivo descobrir ainda mais glória em Suas predições.

Há um ponto em que a profecia de Jesus é diferente da dos profetas, logo de início. O assunto dela sempre foi exclusivamente o próprio Jesus (Mt 21:37 23:31.; 26:2, 12; Mc 8:31)[137] o relacionamento dos homens com Ele (Mt 16:18; 26:21; Mc 14:30; Jo 6:70), e o cumprimento do destino deles nEle (Mt 8:11; 10:17ss.; 24:2;Mc 12:9; Lc 19:27, 41ss.; 23:28ss.; 24:49; Jo 16:2ss.; 21:18, 22 [13:36]). Ele falou apenas do que fará, como tratará os Seus. Quando foi que qualquer profeta ousou tornar-se o assunto — e, de fato, o único assunto — da sua profecia? Mas Jesus reconhecia a Sua grandeza, e sabia que depois da Sua morte a história encontraria nEle o seu mais significativo sentido. Assim, é evidente por si mesmo o fato de que quando Ele falou das grandes crises da história, precisava falar de Si mesmo. Sim, pois em última análise a história gira ao Seu redor. Ele deve ser pregado até aos confins da terra, e o destino de todas as nações se cumprirá nEle (Lc 20:18).

Ele próprio não é apenas o assunto da Sua profecia, mas também o objetivo dela deve ser encontrado nEle. Por meio dela, a Sua pessoa deve ser estabelecida. Ele contou aos Seus discípulos o que iria acontecer, antes de os eventos terem lugar, de forma que depois eles creriam nEle (Jo 14:29). Para assegurar a Sua posição de Messias, Ele produziu a prova das profecias (Jo 13:19). A este respeito também, qualquer comparação com os profetas está fora de questão. Que proclamação profética já teve como objetivo a exaltação da pessoa do próprio profeta? Ele desejava tornar claro que Jeová é Deus. Acontecimentos inesperados não deveriam abalar esta fé, mas sim estabelecê-la. Jeová estabelecera a Sua posição predizendo o futuro através dos Seus profetas. Jesus tomou o lugar de Deus. Através da Sua profecia[138] a fé nEle devia ser firmada.

Particularmente em Isaías verificamos que a profecia é usada como uma garantia de Deus. Os que reivindicam divindade são chamados para competir com Jeová, tendo como base a prova mediante a profecia. "Anuncia-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses" (Is 41:23s.). Mas os ídolos não conseguem fazê-lo. "Não há outro Deus senão eu" (Is 45:21). Só Jeová pode "fazer-nos ouvir as predições antigas... para que o saibais e me creiais e entendais que sou eu mesmo" (Is 43:9s.; cf. também 42:9; 44:7s.; 46:9s.; 48:5). O leitor que sabe quanto Jesus viveu neste livro de Isaías, sentir-se-á duplamente certo de que Ele deu ênfase à certeza da Sua pessoa por meio da profecia, da mesma forma como Deus o fez em Isaías, e que as Suas palavras "para que quando acontecer, creiais que eu sou" (Jo 13:19) são nada mais do que um eco de Isaías 43:10. Ele, à semelhança de Seu Pai, deu a Seu povo certeza de quem era mediante a profecia: "Eu sou o Senhor e não há outro" (Is 45:18).

Para que a profecia tenha realmente o poder de provar a autenticidade do profeta, duas coisas são necessárias. Primeira: ela precisa ser verdadeira predição[139], e não meramente a ameaça de algo que pode ser evitado mediante o arrependimento, ou advertência de perigo possível. Jerusalém será destruída absolutamente (Lc 19:41; 21:6; 23:28); Judas sem dúvida será o traidor (Jo 6:70; Mt 26:21, 24); Pedro inevitavelmente negará a Jesus (Jo 13:38; [Lc 22:32]). O fato de que somos incapazes de conciliar a nossa idéia de liberdade humana com essas predições insofismáveis e seguras não é importante. A presciência de Deus e a nossa liberdade sempre se colocam nesse estado de contradição. Todavia, apenas quando a profecia é certa e segura, ela pode propiciar provas de divindade.

O outro ponto é que o seu cumprimento precisa seguir a profecia de maneira suficientemente

---

[137] A escatologia cristã (doutrina das últimas coisas) é essencialmente cristologia (declaração da pessoa e da obra de Cristo). As últimas coisas, isto é, o próprio Cristo, o Senhor que volta, julga, e cumpre (Mt 25:1ss.; 31ss.; Lc 21:27).

[138] Da mesma forma como para os profetas a profecia era obra de Deus, assim também acontece na obra de Jesus, manifestando-se como tal até em sua forma. Ele nunca usou a fórmula "Assim diz o Senhor."

[139] E assim, este poder de predição é atribuído ao Espírito Santo como uma obra importante.

rápida, para que a sua precisão permita demonstração.[140] O fato de Pedro ter negado Jesus três vezes antes de o galo cantar (Jo 18:27; [13:38], a traição levada a efeito por Judas, a morte de Cristo — de fato por Crucificação — (Mt 26:2; Jo 3:14; 8:28; 12:32) — e durante a Páscoa - (Mt 26:2, 12, 18; Jo 12:1, 7), a Sua ressurreição e ascensão, a vinda do Espírito Santo, que deveria acontecer em Jerusalém (Lc 24:49), o destino dos discípulos (Jo 16:2; 21:18, 21), a aceitação dos gentios, de fato no lugar de Israel (Mt 8:11s.), a destruição do Templo — todas estas coisas, que em grande parte se demonstraram rapidamente, serviram como prova da Sua afirmação: "Eu sou Aquele."

*** * ***

O poder da prova na profecia depende naturalmente de um alto grau de inesperado no que é predito, e da imprevisibilidade da profecia. Não há nada nos ensinamentos messiânicos judaicos em relação à morte e ressurreição do Messias. "Tu és o Rei de Israel" — tais palavras mostram que os sonhos até do mais reto dos Seus seguidores enveredaram por um caminho bem diferente. E agora, em aguda contradição, Ele faz o anúncio da Sua traição e morte. Outro ponto: se Ele devia morrer, não podia ser como João Batista, na escuridão da masmorra, pela mão de um assassino? Não se podia esperar confiantemente que Ele caísse vítima de uma turba de amotinados, como Estêvão o foi mais tarde? (At 7:57). Quantas vezes Ele foi ameaçado justamente por uma multidão assim (Lc 4:29; Jo 8:59; 10:31)! Para os que blasfemassem, a lei de Moisés não cominava o apedrejamento? (Lv 24:16; [At 6:11]). Desde os primeiros dias do Seu ministério (Jo 3:14; 8:28; 12:32; Mt 16:24, [21]; 20:18s.; 26:2), Ele colocou o inesperado em contraposição com o esperado, com plena certeza. A Sua morte deveria ser em Jerusalém, depois de um processo judiciário formal, e de longos períodos de sofrimento; Ele deveria ser entregue às mãos dos gentios e eles O crucificariam. Outro ponto: podia esperar-se que a fim de evitar qualquer motim entre o povo, os sumo-sacerdotes levassem a sua intenção a efeito "não durante a festa" (Mt 26:5). Mas em direta contradição com estas palavras, Jesus ousadamente predisse que seria crucificado durante a festa (v. 2; Jo 12:1,7)[141]

Ele havia dito aos Seus discípulos (talvez em conexão com Oséias 6:2?) que Deus "ressuscitaria o Messias no terceiro dia." Pode ser que esta frase não tenha sido clara, pois senão eles não teriam ficado tão confusos diante do túmulo vazio. Eles provavelmente pensaram que Deus iria libertar o Seu Filho ungido da morte, como certa vez libertara Ezequias (Is 38:5ss.), e que começariam de novo os seus sonhos de reinar, e de se assentarem em tronos ao Seu lado (Mt 20:21). Em uma contradição incrível com tudo isto, Ele predisse que estabeleceria o Seu trono vindo do céu (Jo 7:34; 8:21; 13:33, 36; "ausentando-se do país" Mc 13: 34; Mt 21:33; 25:14s.; 24:48), e que o destino dos Seus seguidores seria ser "lixo do mundo, escória de todos" (I Co 4:13).

A destruição do Templo e de Jerusalém, a completa rejeição do povo de Deus, que deveria ser substituído pelos gentios, até mesmo incidentes isolados como a fuga de todos os Seus discípulos na noite em que Ele foi traído (Mt 26:31), o fato de um discípulo que sempre fora afoito em confessá-lo, agora chegar a negá-lo, a traição de um dos que se assentara à mesa com Ele — todos estes fatos trazem a marca de eventos inesperados, impensáveis; e quando eles verdadeiramente vieram a acontecer, o poder da prova mediante a profecia aumentou grandemente.

*** * ***

O que estas profecias com sucesso nos provam em relação a Jesus? Ele *sabia.* Ele sabia tudo o que Lhe concernia e tudo o que concernia aos Seus seguidores e ao mundo, conquanto se relacionasse com Ele. Mas se Ele sabia o que haveria de acontecer e não ofereceu resistência aos fatos, então deve ter sido da Sua vontade que as coisas sucedessem como sucederam. Grande parte do que aconteceu a Jesus, e muitos eventos da história também, são mudos. Os fatos não falam. Em primeiro lugar, eles precisam ser interpretados pelos homens. Através da Sua profecia, Jesus deu

---

[140] Tal controle é mencionado em Isaías 41:22: "Relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para elas, e saibamos se foram cumpridas".

[141] E qual a razão? I Coríntios 5:5, cf. João 19:36, com a passagem do Antigo Testamento.

significado a muitos incidentes: todos eles eram inevitáveis. A destruição do Templo, a queda de Jerusalém, a entrada dos gentios no Reino de Deus - tudo isto fala alto e em bom som da ira intencional de Deus, bem como do Seu amor. Todavia, acima de tudo, a profecia deu à morte de Jesus um aspecto vibrante, ressonante. Ali não houve derrota ou frustração; não; "tenho autoridade para a entregar (a minha vida) e também para reavê-la" (Jo 10:18). Desta forma, através da profecia, a morte de Jesus é exaltada, tornando-se algo sobre o que o homem não deve apenas lamentar-se e tremer, mas que acima de tudo ele deve compreender.

Ele conhecia o Seu destino, mas não ofereceu resistência; e portanto, devia desejar que aquilo acontecesse. Mas isso vai ainda mais adiante; Ele fez muito para que tudo aquilo acontecesse. O profeta Jeremias quebrou o vaso de oleiro (Jr 19:1, 2, 10) como proclamação simbólica do que Jeová havia colocado em sua boca para declarar: "Deste modo quebrarei eu este povo e esta cidade" (v. 11). Jesus amaldiçoou a figueira, e ela secou até às raízes (Mc 11:14, 20). Ao levantar-Se ali, proclamando em palavras claras e emocionantes o destino da cidade assassina, Ele não era apenas um profeta: Ele tinha o poder de causar pessoalmente a destruição daquela cidade — da mesma forma como havia destruído a figueira estéril em uma só noite. Assim, temos uma curva ascendente: Ele o sabia, Ele o queria, Ele o realizou. A prova mediante profecia, para Jesus, incluía tudo isto: Ele é o poderoso Senhor da história; juntamente com Seu Pai Ele é o criador da história (Mt 26:64; cf. também Jo 21:22).

Todavia, desta forma outra vez vemos que a maneira como Jesus Se considera corresponde ao curso da história.[142]

[142] No que vimos acima, estabelecemos como a profecia de Jesus tinha em vista a ênfase e confirmação da Sua pessoa. Anteriormente já havíamos notado neste livro o fato de que a Sua profecia se exercia no serviço do Seu amor. Estas duas declarações não se contradizem mutuamente, pois não havia nada de auto-promoção na demonstração que Ele fazia de Si mesmo, como também ela estava ausente da manifestação de Deus através das palavras de Isaías. Em ambos os casos aqueles que agiram desta forma não o estavam fazendo por amor a eles mesmos. A demonstração era necessária para aqueles diante de cujos olhos ela estava tendo lugar, para que eles não se ofendessem (Jo 16:1, 4), mas deviam apegar-se confiantemente a Ele, de quem estar separado significa morte. Aquilo que podia ser causa de dúvida de repente é transformado pela profecia em uma razão de fé (Jo 13:19; 14:29, Ele o disse).

PARTE TRÊS
NO SANTO DOS SANTOS

O CURSO DA HISTÓRIA CORRESPONDENTE À OPINIÃO DE JESUS ACERCA DE SI MESMO

(B2) ATÉ QUE PONTO ESTA É UMA MANIFESTAÇÃO DA OPERAÇÃO DE DEUS EM JESUS

CAPITULO 21

OS DIAS ANTERIORES À PÁSCOA

Jesus não força ninguém a crer, porém da mesma forma não induz ninguém propositalmente ao erro. O Seu curso corre entre estes dois extremos. O coração divino da Sua natureza não se manifestou tão clara e distintamente que a incredulidade se tornasse impossível. Pelo contrário, tanto da Sua glória se deixou ver que os homens não tinham necessidade de se sentirem ofendidos por causa dEle. Acabamos de observar esses dois pontos em Seus milagres de onipotência e onisciência.

Mas tudo em que Jesus Se interessava, também era objeto de interesse de Seu Pai. Ele também se move entre aqueles dois extremos, jamais forçando os homens a crer ou a descrer. Deus não enfeitou a história de Seu Filho com tal resplendor e brilho que qualquer contradição estivesse fora de propósito; não obstante, Ele fez com que tanta glória resplandecesse que a contradição não é uma necessidade.

No que vem a seguir, procuraremos explicar mais completamente o que temos em mente. Estamos interessados aqui na operação do Pai. Houve fatos, circunstâncias e situações na vida de Jesus que em sua maior parte estavam claramente além da influência dEle. Deus os fizera acontecer a fim de fazer o curso exterior da história corresponder pelo menos em alguns pontos com as circunstâncias interiores. Este é um processo para o qual João cunhou a expressão "Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo" (Jo 6:27).

Uma das coisas para as quais queremos chamar a atenção é o nome de Jesus. A sua interpretação mais provável sempre será *ajuda, libertação — Jeová é socorro, libertação* (Mt 1:21). Mas dentre todos os nomes de Israel, não poderíamos encontrar nenhum mais adequado.[143] De acordo com a Bíblia, foi através da operação direta de Deus que este nome foi dado ao Salvador do mundo (Mt 1:21; Lc 1:31; 2:21).

Todavia, a interposição de Deus ao curso da história é muito mais significativo em outro aspecto: quanto ao tipo de dádiva que Ele deu ao mundo: um Homem podia ser o Salvador, porque Ele próprio não tinha nenhuma necessidade de redenção. O pecado sempre foi uma das coisas que a raça humana tem passado de geração em geração inexoravelmente como um legado maldito. Será que Jesus iria quebrar essa cadeia de pecado herdado? É evidente que esse Homem precisaria vir diretamente da mão de Deus, da mesma forma como o primeiro homem, Adão, a quem Deus achara "muito bom" (Gn 1:31; Rm 5:14). Assim, Jesus foi gerado, não através da cooperação de Deus, mas por Sua exclusiva operação (Mt 1:18; Lc 1:35). Ele é o dom através do qual a misericórdia de Deus nos é outorgada; por conseguinte, o Seu advento não podia depender da "vontade do homem" (Jo 1:13). Se mais tarde reconheceu-se que Ele havia trazido a Sua filiação do céu consigo (Jo 6:38; 8:42; 16:28; 17:8ss.; cf. Mt 22:43), e que Ele, como o único Homem sem pecado, colocava-se em agudo contraste com um mundo que era pecaminoso em todos os seus membros, estes fatos tornam o Seu nascimento miraculoso nada mais do que o curso da história que corresponde à consciência que Ele tinha a respeito de Si próprio. Maria estava noiva de José, de forma que o milagre de Deus não precisasse transpirar (Mt 1:18-20).

Sobretudo, é indubitável que certas expectativas bem definidas a respeito do Messias precisavam ser despertadas por profecia. Para que a humanidade não fosse enganada, Deus, o poderoso Deus da história, precisava cumprir essas profecias. Foi por isso que Ele ordenou os acontecimentos de tal forma que Jesus realmente proveio da linhagem de Davi, como as profecias haviam predito. Nem mesmo os Seus inimigos questionaram este fato (Mt 9:27; 12:23; 15:22; 20:30; 21:9; expresso como indubitável em Rm 1:3). Por estar prometida a um esposo da casa de Davi, de acordo com as leis do Seu povo, o Filho que Maria iria ter pertencia à linhagem de Davi (Lc 3:23). Mas do lado materno Ele também provavelmente descendia da casa real.

---

[143] Mais de uma vez a Septuaginta traduz a palavra hebraica *jeschua* como "Salvador" *(Soter)* (Sl 62:2, 7; Is 12:2).

Foi por atuação divina que Jesus também nasceu na antiga cidade davídica de Belém, cumprindo novamente desta forma a profecia (Mq 5:2). Foi por uma dispensação maravilhosa de Deus que ao tempo do nascimento da Criança Maria estivesse em Belém — até mesmo o imperador romano Augusto precisou cooperar nisto (Lc 2:1), pois seria muito mais provável que Ele nascesse em Nazaré (Lc 2:6), cidade em que cresceu (Mt 2:23;Lc 2:51).

Outro ponto em que o poder soberano de Deus se torna claramente visível é o fato de que antes do advento de Jesus Ele providenciou o precursor requerido pela profecia (Ml 3:1, 23s.). Os dois seguiram caminhos diferentes e independentes. Quando João começou a pregar, não sabia nada a respeito de Jesus.[144] Mas para que Jesus Se manifestasse a Israel, João criou as condições preliminares necessárias ao Seu advento, mediante o seu batismo em água — como ele mesmo disse a seus discípulos (Jo 1:31). Mesmo depois de terem se encontrado, os seus caminhos continuaram totalmente separados. Mas as suas naturezas também eram tão diferentes que o precursor parou bem na porta do Reino de Deus (Mt 11:11).[145] Mais uma vez, João Batista ficou tão enlevado com Aquele que havia de vir, tão certo de que estava destinado a ser Seu arauto, que confiantemente se designava a si mesmo como "a voz do que clama no deserto" (Jo 1:23). E a sua voz não soava por acaso, como as que haviam sido ouvidas mais de uma vez em uma época agitada pela expectativa do Messias; pois aquele homem era carne da Sua carne, ele era em todos os aspectos descendente da revelação, embora amarrado por limitações vétero-testamentárias, tendo todas as marcas de um genuíno profeta. O fato de Jesus ter desta forma encontrado o Seu Elias (Mt 17:10ss.;Ml 4:5) é uma das características históricas mais maravilhosas, em que o dedo do Deus que molda a história se torna claramente visível. Aqui, mais uma vez, temos o curso da história em correspondência com a consciência que Jesus tinha de Si mesmo — desta vez como o Messias.

*** * ***

De outra maneira mais Deus Se interpôs no curso da história. Por Sua maravilhosa providência, foi forjado um elo entre o antigo e o novo, quanto ao exemplo e cumprimento — muitas vezes com o objetivo de que o novo fosse interpretado pelo velho. Os sumos sacerdotes não queriam que a morte de Jesus interferisse com a Festa da Páscoa — Não durante a festa" (Mt 26:5), foram as suas palavras expressas. No entanto, Deus fez com que essa morte tivesse lugar exatamente durante a Páscoa, durante as vinte e quatro horas em que o cordeiro pascal era sacrificado, de forma que o novo pudesse ser interpretado pelo velho (Êx 12:21-24, 40-42; I Co 5:7). Quando o cordeiro pascal foi sacrificado pela primeira vez, o ato de redenção de Deus teve lugar em Israel, e desta forma este se tornou o povo de Deus; pois este sacrifício do cordeiro pascal era o ato fundamental na consecução desse pacto. Agora, novamente, nos dias da Páscoa, Deus representava outra vez a mesma cena, tornando-se o sacrifício o ato fundamental para se estabelecer o novo pacto (Mt 26:28). Esse Dia da Páscoa deveria colocar um novo cântico de louvor nos lábios do Israel renovado: "Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou" (Êx 15:21).

Permitam-me mencionar outro incidente em que, pela presciência de Deus, o velho foi ligado ao novo de maneira maravilhosa. Os membros dos dois ladrões foram quebrados por golpes de barras de ferro, mas Aquele que estava dependurado entre eles ficou incólume (Jo 19:32s.). Pois Ele era o cordeiro pascal — nenhum osso seu deveria ser quebrado (Êx 12:46; Nm 9:12). Desta forma Deus manifestou a Sua grandeza em coisas pequenas, deixando que a mente alerta adivinhasse por trás dos acontecimentos o Seu poder soberano, sim, e descobrisse o significado de cada evento. Os soldados lançaram sortes sobre a capa de Jesus (Jo 19:24), e furaram o Seu lado

---

[144] "Eu não O conhecia."

[145] Embora pareça haver alguma semelhança entre a pregação dos dois (Mt 3:2; 4:17), o significado intrínseco é bem diferente. Um gritava ameaçadoramente: "Mudem o seu estilo de vida, para que o Reino que se aproxima não seja para vocês como fogo consumidor" (Mt 3:7, 10-12), enquanto que o outro proclamava boas novas: "O Senhor em Sua misericórdia envia-lhes o Reino; mostrem-se dignos dele, e voltem para o seu Deus." Ou ainda mais pessoalmente: "Vinde a Mim, e eu vos aliviarei."

com uma lança (v. 34), pois essas duas coisas haviam sido mencionadas pelos piedosos arautos do antigo pacto (Sl 22:19; Zc 12:10). Alguém que se assentava à mesa com Ele O traiu; o Seu lugar foi com os malfeitores; a região gentílica viu os seus mais gloriosos milagres — em cada caso há uma presciência maravilhosa e a soberania de Deus, de forma que o novo — como era planejado por Deus — pudesse pressentir nas profecias sagradas da antigüidade o seu protótipo (Jo 13:21; cf. Sl 14:10; Jo 19:18, cf. Is 53:12; Mt 4:13, cf. Is 8:23, 9:1). Mas se Jesus reconhecia que era o alvo e objetivo da operação de Deus, mesmo a soberania de Deus, moldando tudo, nada mais era do que o curso da história correspondendo à consciência que Jesus tinha de Si mesmo.

*** * ***

Quando Paulo estava esperando os seus dois companheiros em Corinto, tendo a intenção de voltar para casa com eles — pois a sua missão divina era apenas na Macedônia (At 16:9) — o grande sucesso da sua pregação, juntamente com a divisão ocorrida na sinagoga (At 18:8) o convenceram de que havia um campo extenso para o seu trabalho em Corinto; mas ele não tinha confirmação divina das suas convicções. Só quando uma experiência externa confirmou a sua convicção interior, ele se sentiu seguro a esse respeito, e como resultado, permaneceu por dezoito meses naquela cidade (vv. 9, 11). A consciência que Jesus tinha de ser o Filho permaneceu inabalável nas horas mais difíceis da Sua vida. Não há dúvidas de que a Sua certeza interior não dependia, como no caso de Paulo, de uma prova exterior. No entanto, em três das horas mais importantes da Sua vida — por ocasião do batismo e duas vezes antes da Sua Paixão (Mt 3:16s.; 17:5; Jo 12:28) - vemos que o Pai ministrou a Sua confirmação fortalecedora a esse Filho que Se havia submetido à Sua vontade. "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3:17; 17:5). Na terceira ocasião o próprio Jesus declarou que a voz de Deus não Se fizera ouvir por amor dEle, mas daqueles que estavam ao Seu redor (Jo 12:30). É questionável se Ele com isto queria dizer que a voz não fora absolutamente dirigida a Ele. Em Sua capacidade de pastor de almas, Ele desejava fazer com que os Seus ouvintes pensassem e reconhecessem a sua condição. Talvez se possa dizer que a voz não se dirigia a Ele no mesmo grau em que se dirigia à multidão. Sim, pois é certo que Deus tinha em vista principalmente essas outras pessoas em outras ocasiões: durante o batismo, quando desejou dar a João a certeza (Jo 1:33); no monte da Transfiguração, para dar aos três discípulos escolhidos uma garantia da Segunda Vinda (Mc 8:38; ligado a 9:2; II Pe 1:16); e pouco antes da Paixão, para dar aos que estavam preparados para recebê-la, a prova de que a mão de Deus estava operando até mesmo nos sofrimentos de Cristo (Jo 12:28).[146] Entretanto, também na vida de Jesus as experiências "internas" e "externas" confirmavam-se mutuamente, e nas horas de decisão a consciência que Ele tinha de ser o Filho não ficou sem resposta concreta da parte do Pai (cf. também Lc 22:43) — mostrando novamente como o curso da história seguiu a consciência que Ele tinha de Si mesmo.

*** * ***

Podemos mencionar mais dois incidentes da vida de Jesus em que a intervenção de Deus deve ser verificada claramente — sem dúvida a fim de que os eventos mais importantes do mundo do espírito não fiquem sem contrapartida no mundo material. O primeiro desses é o maravilhoso fenômeno verificado nos céus durante os dias do nascimento de Jesus. Os mais recentes cálculos astronômicos com respeito ao segundo capítulo de Mateus mostram que no ano em questão houve uma junção extremamente rara entre o planeta Saturno e o planeta real Júpiter. (NT: Saturno era o planeta dos judeus.) Desafia a nossa imaginação o esplendor desta junção de planetas, que deve ter formado a Estrela do Redentor real (Mt 2:2). E então, aconteceu o incrível: esta junção, que via de regra acontece apenas uma vez no curso de muitos séculos, aconteceu três outras vezes naquele ano.[147]

---

[146] A voz de Deus foi interpretada de diferentes maneiras, de acordo com a receptividade das pessoas que a ouviram.
[147] A primeira (v. 2) de 30 para 31 de março, a última (v. 9) em 5 de dezembro.

Uma intervenção semelhante de Deus no curso da natureza teve lugar na hora em que a vida terrena do Salvador chegou ao fim, quando a terra tremeu e o sol se escureceu (Mt 27:45, 51). Assim, os maiores acontecimentos do mundo do espírito encontraram contrapartida na natureza, confirmando e complementando.

Temos ciência das dúvidas que algumas vezes são lançadas sobre esses fatos. O testemunho que a eles é dado não é abundante nem inteiramente conclusivo. Mas eles se recomendam a si mesmo por causa da sua pureza, simplicidade e naturalidade, e para nós parecem ser um postulado. Precisaríamos procurá-los em algum lugar, se não os tivéssemos aqui.[148] Parece-nos inconcebível que Deus permitisse que esses grandes acontecimentos do mundo espiritual não deixassem vestígios no mundo material. Deus não é um idealista parcial; as coisas externas, tanto quanto as internas, pertencem a Ele.

[148] A este respeito, pense na história maravilhosa do nascimento de Jesus, contada por Lucas. Ludwig Richter, em *Notes from His Diary* fala de um sermão ouvido em Leipzig a respeito da história do nascimento de Jesus, e adota a nossa linha de pensamento, quando diz: "Os maravilhosos fenômenos daquela noite foram o cenário da maior maravilha de todas: o Menino recém-nascido, o Cristo, e por isto não parecem miraculosas, mas apenas naturais.

CAPITULO 22

DA PÁSCOA AO PENTECOSTE

Os pontos realmente altos da história da vida de Jesus são vistos depois da Sexta Feira da Paixão. Nos dias seguintes à Sua morte é verificado que o curso da história segue mais perfeitamente a maneira como Ele se avaliava. No terceiro dia o Sepulcro foi encontrado vazio. Esse foi o fato óbvio aceito pela Igreja primitiva. O seu cadáver havia desaparecido, e jamais foi visto outra vez. No lugar dele, o Senhor ressurreto apareceu a várias pessoas, e aquelas que O viram não manifestaram a menor dúvida quanto à realidade da experiência que tiveram. Para começar, não era esse o caso. Os discípulos estavam todos admirados e surpresos com o que acontecera durante a Páscoa, pegos despreparados pelos acontecimentos súbitos e inesperados. Alguns dos Seus seguidores teimosamente se lhes opuseram (Jo 20:25), recusando-se a crer que tais coisas eram possíveis (Lc 24:37). Mas a sua incredulidade finalmente foi vencida por fatos e palavras irrefutáveis, e foi substituída por uma certeza triunfante. Naqueles dias Aquele que ressuscitou dos mortos operou as transformações mais surpreendentes. Os irmãos de Jesus, agora completamente convencidos, livraram-se da sua incredulidade (At 1:14; Jo 7:5), Tiago depressa se tornou uma coluna da Igreja (Gl 2:9; At 12:17); e os onze apóstolos, cujos corações até então haviam estado muitas vezes desanimados e duvidosos, manifestaram a ousadia de remover a sede da congregação da Galiléia para Jerusalém, a despeito do fato de que agora estavam privados do seu líder. Mas o que eles haviam experimentado era algo quase incrível. Eles se esforçaram para nos descrever em palavras o que realmente era indescritível e incrível. Algumas vezes a Figura parece espectral, algumas vezes inteiramente material. Sem dúvida fora uma visão que eles haviam tido; no entanto, não era uma sombra, mas algo tangível e vivo, e havia conversado com eles! Eles podiam jurar que era um homem de carne e sangue, se o Seu súbito desaparecimento mais uma vez não lhes induzisse a pensar de maneira diferente. Paulo também viu a figura de Jesus de maneira distinta e positiva como os outros objetos ao redor dele (I Co 9:1; 15:8). A certeza de que podiam tê-lo tocado(Lc 24:39; Jo 20:27; 1 Jo 1:1) provava aos discípulos que realmente era Ele. Mas era isso que fazia com que o Seu aparecimento constituísse um acontecimento ímpar. Não somos capazes de exagerar a profunda impressão que a ressurreição de Jesus causou. Desde o princípio ela se tornou o verdadeiro credo da Igreja, e neste credo reside o poder da Sua Igreja. Qual foi a principal mensagem que essas pessoas proclamaram ao mundo? Não foi a ressurreição dAquele que havia sido crucificado e sepultado? (I Co 15:3.) Ela aparece de maneira quase monótona em todos os discursos de Atos. A Sua Igreja achava que esta era a sua maior glória: "demonstrado Filho de Deus,... pela ressurreição dos mortos" (Rm 1:4). Foi por ocasião da Páscoa que eles sentiram mais profundamente que "Deus, o Pai, o confirmou (a Jesus) com o seu selo" (Jo 6:27). Aqui, por fim, o curso da história seguiu perfeita e plenamente a maneira como Jesus avaliava a Si mesmo.

*** * ***

Procuremos apreciar de maneira mais minuciosa o fato da Páscoa. Se a ressurreição não tivesse acontecido, quem teria a última palavra: Jesus ou Seus inimigos? O mundo teria achado que estes últimos estavam certos. Mas isto faria com que se tornassem impossíveis as operações ulteriores do Cristo que ainda estava vivo. Se a convicção dominante havia sido de que Jesus fora crucificado justamente, como poderia Ele continuar trabalhando? Assim, a ressurreição nada mais é do que a vindicação divina da Sua honra — Deus fazendo uma declaração de paternidade diante de todo o mundo (At 5:30). Os fatos históricos confirmam a auto-avaliação dAquele que sempre soubera ser o Imaculado, o Filho amado e unigênito (Lc 20:13).

A Sua ressurreição provou algo mais. Ela tornou clara a posição de Jesus como Senhor do mundo. É Ele o Messias ou não? Isto quer dizer: é Jesus Aquele em quem o pacto de Deus com o mundo finalmente é cumprido? A Sua ressurreição deu a resposta irrefutável para esta que é a mais

importante de todas as perguntas. Agora sabemos que a posição que Jesus reivindicou para Si em relação a Deus e ao mundo é legítima. Todas as coisas tremendas que Ele reivindicou, tanto em relação à redenção de pecados e ao julgamento deles, encontram ampla justificação em Sua ressurreição.[149] Quanto a este aspecto a Páscoa também mostra o curso da história em correspondência com a maneira como Jesus se auto-avaliava.

Precisamos ser muito práticos em nossa maneira de considerar Jesus. Ele nunca se satisfez meramente em introduzir novos ideais no mundo. O que Ele queria fazer era criar novas realidades. Os Seus milagres de cura não trouxeram aos homens belas promessas e consolo gracioso, mas a grande realidade da ajuda mais eficaz: a cura. E assim também aconteceu na Sua ressurreição: a vitória sobre a morte é oferecida àqueles que "pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2:15). É como uma pedra de granito, sobre a qual a pessoa mais medrosa pode sentir-se segura.

Em seu grande discurso na Colina de Marte, Paulo considerou a ressurreição de Jesus como o maior incentivo à fé propiciado por Deus (At 17:31). De fato, ela é o "sinal" que Deus deu a um mundo incrédulo (Jo 2:18s.), a base de conhecimento e convicção oferecida a todas as pessoas. Todavia, podemos ir além e dizer que foi através da ressurreição que Deus fez jorrar abundante luz sobre a vida de Jesus e muitas de Suas palavras. Antes da ressurreição Jesus não estava completo. Só nela Ele é plenamente revelado (Jo 17:5). Os discípulos sabiam muito bem que a proclamação que estavam fazendo ia muito além do que o seu Mestre lhes havia revelado enquanto ainda estava na terra (Jo 16:12). Mas achavam que o testemunho maior que estavam dando se justificava porque haviam experimentado o fato tremendo e energizante de contato com o Senhor ressurreto. Eles não O haviam visto apenas como uma figura luminosa, mas O haviam ouvido falar com eles. Estamos nós errados em crer que esse contato entre o Senhor ressurreto e os Seus discípulos foi a fonte do conhecimento deles, que agora era novo e maior, e em supor que foi então que eles receberam pela primeira vez instruções com respeito às Suas intenções finais?[150] De qualquer forma, a Páscoa lhes deu, pela primeira vez, a chave para a maneira como Ele Se auto-avaliava, e tornou claras muitas coisas, fazendo-os lembrarem de novo de muita coisa que Ele lhes havia dito.[151] Agora eles O viam como O deviam ter visto antes, se os Seus olhos não tivessem estado vendados.[152]

Para Jesus pessoalmente não havia nada de espantoso na ressurreição. Ele nunca a considerou como algo peculiar, pois ela Lhe pareceu sempre a conclusão evidente da Sua vida. E, será que podemos imaginar qualquer outra conclusão? "Não era possível fosse Ele retido por ela" (At 2:24). É por isto que estamos tão certos da ressurreição de Jesus: porque ela é tão aceitável. Ela não é nada mais do que o curso da história correspondente não apenas à auto-avaliação, mas também à natureza intrínseca de Jesus.

*** * ***

A Sua ascensão está intimamente relacionada com a Sua ressurreição. Onde está agora o Senhor ressurreto? A única resposta possível é que Ele está em Deus, unicamente em Deus. Ele foi recebido acima no céu (Mc 16:19; Lc 9:51; At 1:9; Jo 6:62; 20:17; I Pe 3:22; Ef 4:10; Hb 4:14).

A natureza interior mais elevada que havia nEle, precisava se expressar exteriormente. Se a ascensão não tivesse tido lugar, pareceria que para nós a história estava imperfeita. Mas agora a maneira como Ele avalia a Si mesmo recebeu o selo divino: "Toda autoridade me é dada"; "Eis que estou convosco todos os dias." Com a Sua ascensão Ele assumiu a Sua posição de governante, e desta forma foi capacitado a resgatar as Suas promessas. A esperança da Sua Segunda Vinda também encontrou a sua garantia neste fato (At 1:11). Assim, a ascensão também faz parte do grande Amém com que o Pai confirmou as declarações de Seu filho a respeito de Si próprio.

---

[149] Com respeito ao juízo, cf. Atos 17:31; o perdão de pecados, v. 31. 2.

[150] V.g., a ordem para batizar, ou para Paulo, a sua missão aos gentios.

[151] Cf. o testemunho direto em João 2:22; 12:16.

[152] No seu Evangelho, João O descreve com esses novos olhos, enquanto que os Evangelhos sinóticos muitas vezes O vêem com os velhos olhos.

*** * ***

Contudo, precisamos ainda considerar outro acontecimento de importância crucial: o fato do Pentecoste. Não podemos minimizar de forma alguma o que aconteceu naquela ocasião. O recebimento do Espírito Santo não denota simplesmente a estrutura de uma forma de pensar como a que Jesus tinha, uma harmonia com a Sua forma de ser. Não é suficiente dizer que aquelas pessoas pensavam, agiam e falavam no espírito de Jesus. A vinda do Espírito Santo foi algo bem definido, um evento a respeito do qual a pessoa estava tão consciente que sabia claramente se havia recebido ou não (At 8:15ss.; 10:44ss.; 15:8; 19:2-6). Uma pessoa podia perguntar aos vizinhos: "Recebestes, porventura, o Espírito Santo?" (At 19:2). Era uma experiência de que as pessoas podiam tomar parte em conjunto (v. 6). Para os discípulos o Espírito era algo tão real que eles faziam distinção entre o tempo anterior e o posterior à Sua vinda (Jo 7:39). Não era um novo entusiasmo, mas algo muito maior: uma nova espiritualização. Um novo conhecimento da salvação, uma alegria de crer, um poder de amor era concedido a eles, de maneira como jamais haviam experimentado até então, e que nenhum homem podia comunicar a si mesmo. De fato podemos influenciar a nós mesmos (visto que a nossa motivação pode nos agitar, mas não forçar-nos à ação, podemos escolher a que motivações vamos seguir), mas não podemos espiritualizar a nós mesmos. Novos impulsos espirituais devem-nos ser dados, e então eles tomam conta de nós com sua vitalidade. A Igreja Primitiva estava sobejamente convencida de que havia recebido esse dom do Deus santo e misericordioso. Além disso, podemos verificar por nós mesmos que foi isso mesmo que aconteceu. Aqueles discípulos, que antes eram incertos, trôpegos, agora ensinavam com a maior convicção. A promessa: "Naquele dia nada me perguntareis" obviamente se cumpriu para eles (Jo 16:23). Se a Páscoa lhes havia dado nova coragem, o Pentecoste engendrou neles uma santa discrição, um espírito calmo e sereno. E a essa experiência espiritual da comunidade dos discípulos, acrescentaram-se ainda os dons diversos do Espírito, que se tornaram o ornamento resplandecente da Igreja Primitiva (At 19:6; I Co 12:8ss.).

Assim, na consciência da Igreja, o Pentecoste ocupou, diretamente ao lado da Páscoa, o lugar da segunda grande experiência. Nele, pela segunda vez desde a Sexta Feira da Paixão, o curso da história se ajustou perfeitamente com a auto-avaliação de Jesus: o dom do Espírito Santo seguindo-se rapidamente à era messiânica. Mais uma vez, diante de todo o mundo, Deus havia posto o Seu selo sobre Jesus.

Porém, aqui as nossas observações tomam um novo rumo: este ato de Deus se torna um ato de Jesus. A mesma coisa pode ser vista na ressurreição e na ascensão. O Filho não foi apenas ressuscitado dentre os mortos pelo poder do Pai; Ele pessoalmente tinha poder para tomar a sua vida novamente (Jo 10:18). E o Filho não foi apenas levado ao céu, mas subira voluntariamente ao Pai (Jo 6:62; 20:17). Uma prova da maravilhosa unidade entre Pai e Filho é o fato de que podemos considerar os fatos sob ambos os prismas. Mas no Pentecoste o segundo aspecto se torna dominante: o derramamento do Espírito Santo foi o dom do Filho (Jo 14:26; 15: 26; 20:22).[153] O aparecimento do Senhor ressurreto, e agora acima de tudo o dom do Espírito Santo exatamente como havia sido prometido, eram atos de um soberano, exaltado à direita de Deus (At 2:33; 5:31s.; o Espírito Santo como "testemunha do Glorificado). Sim, pois Ele prometera o Espírito Santo. Não é possível que Ele houvesse somente falado do futuro derramamento do Espírito em Mateus 10:20. Como, naquele caso, os discípulos poderiam imediatamente reconhecer no Pentecoste o dom que o Mestre prometera (At 2:33). Certamente João estava certo quando faz com que o tom dominante de Mateus 10:19s. — o sermão de "consolo" — soe através de todas as palavras de despedida. Os Seus seguidores sentiam que a Páscoa e o Pentecoste de fato haviam feito dEle o seu Senhor (At 2:36). Certamente, eles haviam experimentado o Seu poder celestial, dominante, como pedra de remate da Sua vida na terra.

---

[153] Em Atos 1:5, 8 (cf. Lc 12:12) também se considera como coisa natural o fato de ter sido Ele quem deu o Espírito Santo. Assim, temos "o Espírito de Cristo" (Rm 8:9); "Deus enviou o Espírito de Seu Filho" (Gl 4:6); "o Espírito de Jesus Cristo" (Fp 1:19).

Depois das experiências da Páscoa e do Pentecoste, os Seus discípulos passaram a adorá-lo como Senhor exaltado. De fato, eles viram no derramamento do Espírito a volta dEle (Jo 14:18, 21, 23, 28). O Espírito Santo é o Espírito de Cristo (Rm 8:9). Tudo o que opera em nós por meio dEle pode também ser chamado de Espírito Santo. A revivificação de nossas almas não é ocasionada por Deus através de Cristo, mas por Cristo diretamente, por meio do Seu poder divino. Em sua experiência do Espírito, a Sua Igreja passou a andar em sujeição permanente ao Cristo ressurreto. Naqueles dias o círculo se tornou maravilhosamente completo aos olhos dos discípulos. Aquele acerca de cuja origem divina eles haviam conjecturado tantas vezes durante a Sua vida terrena, agora fora confirmado solenemente a este respeito pela Páscoa e pelo Pentecoste. Mais uma vez era verdade que "Deus, o Pai, o confirmou com o Seu selo."[154]

[154] A destruição de Jerusalém também faz parte deste ato de selar por parte do Pai. Os judeus receberam a resposta divina à sua rejeição do Filho, e às suas palavras sacrílegas na Sexta Feira da Paixão (Mt 27:25). Eles próprios agora eram rejeitados, e viam derramar-se o sangue de seus filhos. E as palavras de Jesus a respeito da Sua vinda com nuvens do céu se cumpriram mais claramente aqui do que até então.
No entanto, tudo aconteceu da maneira mais maravilhosa. Sim, pois essa raça deserdada ainda é preservada, para que a despeito de si mesma ela fosse testemunha, através dos séculos, do poder dominador do Glorificado, ao mesmo tempo que esperava o raiar do novo dia que Ele lhes mostrara de longe (Mt 23:39; cf. Rm 11:26).
E assim, o Israel atual e seu destino fazem com que as palavras do Evangelho ecoem mais uma vez aos nossos ouvidos: "Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo."

CONCLUSÃO

A capacidade de enxergar claramente é o ato fundamental do aprendizado; só ela engendra o conhecimento; e isto e' com que nos temos ocupado. Temos estado preocupados em nos colocarmos debaixo do dever de "aquilo que vimos com os nossos olhos," permitindo que isso exerça o seu efeito sobre nós. Temos sido guiados pela convicção de que "ver" é suficiente, mesmo que não "compreendamos" logo de início — sim, mesmo que jamais compreendamos plenamente. Quão freqüentemente a mesma coisa nos acontece também no mundo natural!

Este procedimento se justifica por si mesmo. A fiel observação que temos praticado tão cuidadosamente, nos propiciou uma imagem de Jesus que traz em si própria o frescor da individualidade mais marcante e definida, acompanhada por uma plenitude inexaurível das características pessoais mais elevadas.

É verdade que o Apocalipse Judaico também oferece um retrato do caráter do Messias, adornando-o com qualidades incomumente elevadas. "Ele tem uma medida do poder de Deus" (Salmos de Salomão) sem dúvida significa que todos os atributos de Deus foram investidos nEle;Ele é uma miniatura de Deus. Ele O chama de inocente quanto ao pecado, cheio de retidão, sabedoria, poder: "As Suas palavras são mais puras do que o ouro mais fino; elas são como as palavras dos santos no meio de nações consagradas," ou seja, como as palavras de anjos no meio de nações de anjos. A fonte do Seu poder é o temor do Senhor: "Ele é forte no temor do Senhor." Porém, o que significam todas estas frases genéricas, se comparadas com as características individuais que temos estado a observar? Nós encontramos uma imagem completa, agudamente definida, uniforme, viva e com a marca da realidade na sua fronte. Quanto mais nos aproximamos deste Jesus, mais Ele nos mostrou novos aspectos e maiores profundezas da Sua natureza. Os poderosos personagens que podem fazer isto não são heróis de romance, mas estão arraigados firmemente no solo da realidade. Os missionários aos pagãos estão constantemente experimentando de novo como é rica esta personalidade de Jesus, como ela atende às necessidades de todas as pessoas, e faz justiça a todas elas! Tal confirmação é prova de autenticidade. O que vemos e possuímos aqui na verdade é o retrato do Filho do homem que pertence à humanidade. Diz-se que a grandeza de Jesus de Nazaré desvaneceu-se no decorrer dos séculos. Pelo contrário, temos visto que a Sua imagem não "está dependurada na história." Os documentos nos mostram uma personalidade clara, viva, bem definida, mas também incrivelmente rica. Temos a mesma impressão quando, ao olhar para um bom retrato de alguém que nunca vimos, percebemos que o artista conseguiu captar os traços exatos.

*** * ***

Esta grande experiência que tivemos, este fato notável que foi trazido diante de nossos olhos, agora procura operar em nossos pensamentos. Procuramos conceitos, títulos, doutrinas, que sejam suficientemente elevados para esse Homem. O credo e o dogma da Igreja em verdade realizam a determinação das fronteiras, dizendo de fato: até aqui, e não além, podem ir os pronunciamentos a respeito de Jesus. Assim, a Igreja e sua obra em verdade nos oferecem apenas negativas. Tudo o que ela coligiu e declarou a respeito de Jesus no curso da história pode, em última análise, ser expresso na forma negativa, v.g.: Não mero homem; não apenas Deus; não apenas a aparência de um corpo; não apenas uma natureza. Ao dizer isto, não temos nenhum desejo de depreciar a obra dogmática da Igreja. Dentro daquele corpo o pensamento humano realizou coisas maiores do que a maioria das pessoas é capaz de imaginar. E em épocas de conflito, essas fronteiras restritivas tiveram grande importância. No entanto, elas ainda permanecem como restrições; essas formas dogmáticas não nos deixam nem ver a terra rica que está dentro das linhas fronteiriças. E

"ver", isso é tão importante. "Se você conhece a Jesus intimamente, que importa se o seu conhecimento de outras coisas é limitado? Mas se Jesus lhe é desconhecido, de que vale o resto do seu conhecimento?" *(Bugennhagens Wahlspruch).*

*** * ***

Mas esta imagem de Jesus não nos é apresentada para aguçarmos com ela as nossas faculdades mentais. Ela é e continuará sendo grande demais para o pensamento. Estamos preocupados em que a possamos receber com a nossa vontade. Pois ela não tem o objetivo apenas de nos dar certeza histórica; o fator determinante verdadeiro é: que experiência religiosa obtemos dela? O problema de Jesus não deve ser resolvido por meio da ciência mas, como no caso de quase todas as interrogações religiosas, pela prática. A certeza religiosa só pode ser obtida ao custo da experiência religiosa. Teremos a certeza de Cristo somente se O possuirmos como poder espiritual ativo.

No Evangelho de João somos informados de que Jesus disse, certa vez: "Àquele que me ama, eu me manifestarei" (14:21). Como devemos amar a Jesus? Lutero responde: "Deus precisa dar o primeiro passo, precisa lançar a primeira pedra; Ele precisa irradiar o amor de Jesus para os nossos corações, e permitir que o sintamos." Isto é verdade. Mas precisamos também estar dispostos para que o desejo religioso e a necessidade moral sejam despertados em nós. Deus nos atrai através de Jesus; precisamos deixar-nos ser atraídos. E sobretudo, com inexorável força de vontade, precisamos transformar em ação cada migalha de conhecimento de Jesus que conseguirmos.

O dom moral (exemplo) em Jesus não nos é tão importante quanto o dom religioso em sua perpetuidade. Cabe a nós experimentá-lo como o Único que nos leva ao Pai, que dá perdão de pecados, que tem poder sobre os maus espíritos, e venceu a morte. Faça uso de Jesus no sentido em que Ele Se entrega — como Salvador, como luz, como poder novo, vital. Assim, ao experimentá-lo, o seu conhecimento de Jesus continuará a aperfeiçoar-se.

*** * ***

Portanto, esta é a conclusão: este Homem me "determina." Todos os atos divinos de revelação têm o condão de se confirmar por si próprios, e o Filho mais do que qualquer um deles. "Eu sou a verdade" — estamos certos disto com toda a força da certeza com que nos vencemos a nós mesmos. E estamos certos de algo mais: de que aqui temos revelada a face do Pai. Na natureza, com suas catástrofes e na vida humana com suas convulsões, não vemos nada mais do que a semelhança de uma esfinge. Onde está o teu Deus? Como é Ele? É em vão que procuramos uma solução para este quebra-cabeça. Mas em Cristo possuímos Deus "de dentro" (Lutero). Não podemos cometer erros a respeito de Deus, depois que conhecemos Jesus.

*** * ***

Tennyson, diante de um canteiro de rosas em um jardim, respondeu a um amigo incrédulo que lhe perguntara o que Jesus realmente significava para ele: "O que o sol significa para as rosas."

"Deus pode ter outras Palavras para outros mundos,
Mas para este mundo a Palavra de Deus é Cristo."

"Quão poderoso é o Seu amor! Separar-me dele por causa de uma ninharia é de fato merecer a ira eterna de Deus" (Dante).

APÊNDICE

DUAS PAIXÕES

(Veja o Capítulo 2, Livro I, Parte I)

A paixão de um sábio, ou de "um pagão, em outras palavras, conceitos humanos: "Quem morre assim, morre bem."

1. Sócrates foi condenado, e em poucos minutos deverá ser levado para a prisão. Então ele se dirige aos seus discípulos, dizendo: "(Então, fiquem mais um pouco), pois podemos conversar enquanto há tempo." (APOL. 39 E.)

2. Soc.: E você acabou de chegar?
Cr.: Não, eu cheguei já há algum tempo.
Soc.: Então por que você se sentou e ficou calado, em vez de me acordar imediatamente?
Cr.: Eu não gostaria, Sócrates, de estar em tamanha perturbação e inquietação como você está — de fato, não gostaria. Tenho estado a observar admirado o seu sono tranqüilo; e por esta razão eu não o acordei, porque desejava minorar a sua dor. Eu sempre pensei que você era uma pessoa alegre; mas nunca vi nada como a disposição calma e tranqüila com que você está enfrentando esta calamidade." (Crit. 43 A.B.)

"Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século." (I Co 2:6).

1. Jesus sabe que foi traído e que Judas está trazendo a multidão e os servos do Sumo Sacerdote e dos fariseus. "E, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se." (Mt 26:37)

"Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra." (Lc 22:41)

2.É meia-noite, a última noite de Jesus na terra. Ao lado dos discípulos adormecidos no Getsêmane, está aquele Mestre, que não pode e não quer dormir. "E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra." "E voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai para que não entreis em tentação." (Lc 22:44;Mt 26:40,41)

3. Sócrates medita: "A morte é uma das duas (coisas): significa extinção, de forma que o falecido não sente mais nada; ou pelo contrário, como os nossos sábios nos dizem, a morte é como uma partida e uma transladação deste lugar para algum outro." (Apol. 40 C.)

PERSPECTIVAS: "Estar com Orfeu e com Museus, com Hesíodo e com Homero." (Apol. 41 A.)

RESOLUÇÃO: "Eu, de minha parte, morrerei alegremente doze vezes se isto for verdade." (Apol. 41 A.)

4. Sócrates: "Como um poeta trágico diria, a voz do DESTINO já chama. Logo deverei beber o veneno; e acho que é melhor eu ir ao banheiro antes, para que as mulheres não tenham o trabalho de lavar o meu corpo depois de morto." (Phaed. 114 E)

Depois destas palavras ele saiu da sala para lavar-se, e Criton o seguiu, mas ele nos ordenou que esperássemos... Quando ele voltou para nós o sol estava quase se pondo (era a hora da morte), pois ele demorara muito lá dentro. E ele se sentou ao nosso lado, já banhado. (116 A.B.)
Curioso — contudo, ele saiu como um noivo que deixa a sua recâmara, e como um herói que vai correr o seu curso. (Compare com as mesmas informações a respeito de Édipo e os espartanos de Leônidas.)

5. Desde então Criton fala com Sócrates — faltava só uma hora para a sua morte: "Como queres que ordenemos o teu sepultamento? "Da maneira como quiserem, mas vocês devem me pegar, e cuidar para que eu não fuja de vocês." Ao dizer essas palavras, um sorriso silenciosos passou pelo seu semblante. (Phaed. 115)

3. Jesus sabe: "Desde agora vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu" (Mt 26:64).

PERSPECTIVAS: "Vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu." (Jo 14:28)

RESOLUÇÃO: "Meu Pai: Se possível, passa de mim este cálice." (Mt 26:39)

"Quanto me angustio!" (Lc 12:50)

4. "Levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima, e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido." (Jo 13:4, 5).

Este também é um procedimento curioso. Será, porém, esta humildade, agradável ao mundo?

5. Apenas seis dias antes da Páscoa Jesus foi a Betânia. Um indício delicado e não intencional do Seu sepultamento é apresentado quando Maria unge os seus pés, e isto imediatamente encontra um forte eco em um espírito que se detém no pensamento acerca do túmulo, e não o considera fácil. “Pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez para memória sua.” (MT 26.12s.)

6. E então o servo da prisão estendeu o copo a Sócrates, que o recebeu alegremente, sem tremer, e sem sofrer nenhuma modificação no seu semblante. Pelo contrário, ele olhou firmemente para o homem, como estava acostumado a fazer, dizendo: "Diga, bom Echecrates, pode alguém fazer uma libação (aos deuses) com este copo?" Ao que o servo da prisão observou que havia apenas a quantidade suficiente de vinho no copo, e Sócrates se contentou com a oração para que os deuses pudessem "prosperar a minha jornada deste mundo para o outro." Depois destas palavras, ele encostou o copo aos lábios e bebeu rapidamente, sem dificuldades. (Phaed 117 B.C.)

6. Mas Jesus orou dizendo: "Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice," (Mt 26:39)

Não obstante, neste caso foi o Pai; no outro, o servo da prisão que ofereceu o cálice.

7. Ora, quando todos os seus amigos começaram a chorar, ele lhes falou, dizendo: "O que estão fazendo vocês, gente estranha? Eu não mandei expressamente que as mulheres saíssem, para que elas não dessem lugar a tal insensatez? Pois eu aprendi que um homem deve morrer em silêncio reverente." (Phaed. 117 D.)

7. *Stabat mater dolorosa juxta cruzem lacrimosa*, juntamente com três outras mulheres (cf. também Lc 23:27, "numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam").

8. "Bom Criton, devemos um galo a Asclepius. Pague essa dívida, não o esqueça!" Depois de dizer isso ele ficou quieto. Pouco depois ele fez um movimento. Então o servo jogou para trás a roupa (com a qual cobrira a Sócrates quando os seus membros começaram a se enrijecer), e os seus olhos ficaram bem abertos. (Phaed. 118)

Ninguem dúvida que Platão, com o coração abrasado, fez de seu mestre um ideal.

8. "Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: "Eli, Eli, lemá sabactâni, que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?... E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito." (Mt 27:46, 50).

Há aqui algum sinal de semelhança com um ideal, com o objetivo de apelar ao mundo?

Nota: É verdade que o fato de Jesus ter sido crucificado pelo Seu próprio povo não é prova de que Ele não fosse produto do desenvolvimento daquele povo. Sócrates também, um grego puro, foi rejeitado por sua própria nação. No entanto, mais tarde ela o compreendeu, dando-lhe grande valor, e aceitando-o plenamente. Até hoje em dia, Jesus ainda é um estranho para a maior parte dos Seus compatriotas, e também para a grande massa da humanidade. Em tempo algum Ele foi inteiramente aceito. No entanto, pode alguém ainda dizer que Ele é um produto natural desta própria humanidade?